3 1761 07149703 6

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/chronicadelreidm0407gi

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXII)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. IV

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—

1910

DP
ECA
C-E
1909a
v.4-7

Mar 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

CAPITULO VI

Em que se tratam algumas cousas do regno de Narsinga, e poder do Rei, e ordem de sua casa.

Este regno de Narsinga he muito grande, e muito povoado, e mui abastado darroz e legumes, carnes, pescados, fruitas, e caças de monte, e ribeira, e muito viçoso de hortas, e outros arvoredos, e de fontes, rios, e ribeiras: ha nelle minas douro, e diamantes. As cidades, e lugares que tem de longo do mar saõ povoados de mouros, e os do sertam de gentios. Tem muitas, e mui diversas idolatrias, crem muito em feitiços, e agouros: crem principalmente em hum só Deos, que confessam ser Senhor de todalas cousas, e depois nos diabos, e

crem que lhes podem fazer mal, e por isso lhes fazem muita honra, e casas a que chamam pagodes, de que a muitos per todo o regno, e mui sumptuosos, e de grandes rendas, em que estaõ bramanas, e em outros molheres. A hi outros homens, que tem por sanctos, a que chamam Baneanes. Estes trazem ao pescoço huma pedra tamanha, como hum ovo, com hum buraco, porque metem tres linhas, e dizem que aquelle he o seu Deos: sam mui acatados por reverencia destas pedras, a que chamão tambarane. Nam comem carne, nem pescado: casaõ huma só vez na vida. Quando morrem suas molheres se enterraõ vivas apar delles, e as dos gentios leigos se queimaõ, o que fazem de suas proprias vontades, assi humas, como as outras: tem jejum em certo tempo do anno: fazem seu Domingo á sesta feira: tem dias certos, e solemnes em que fazem grãdes festas: crem que a outra vida depois desta, e que os bons tem gloria, e os maos pena, mas não para sempre. A gente deste regno he baça, e della preta, e bem disposta, tratãõ-se bem em seu comer, e vestir: acostumão muito andar damores, e sobrisso se fazem muitos desafios: os que se desafião pedem campo a el Rei, e se sam homens de preço o vai ver, o que fazem a pé em estacada: tem padrinhos, e juizes que julgaõ o desafio, os quaes sam antre elles tão acostumados, que o Rei que sabe que he hum homem bom cavalleiro lhe manda poer no braço direito huma cadea douro em sinal de valentia, pelo que fica obrigado a defendella por armas a quem quer que lha quiser tomar, á qual chamaõ Vueert, que na lingoa dos Alemães, quer dizer merecimento. Estes desafios acostumão tambem os officiaes mecanicos, sobre quem sabe milhor seu officio, e assi outras pessoas sobre qualquer boa manha das que os homens tem. A mór cidade deste re-

gno, e principal, se chama Bisnegar, que terá huma boa legoa de cercoito de muro mui forte, he bem arruada, tem muitas praças, e muito boas casas de pedra, e cal, e outras palhaças, e muito grandes, e mui fermosos pagodes: A nella tanta gente, que não cabe pelas ruas; a muitos mercadores Christãos, gentios, mouros, e judeus de diversas nações, porque de todalas partes do mundo podem alli vir seguramente comprar, e vender: Achasse nesta cidade todo o genero de mercadorias, com que os mercadores podem entrar no regno sem pagarem direitos, se levão cavalos de Ormuz, Persia, e Arabia, os quaes el Rei compra todos, e os que não levam cavalos pagam os direitos acostumados, nos lugares per onde passam. Esta liberdade da el Rei de Narsinga aos mercadores, porque lhe levem muitos destes cavalos, e nam ao regno de Dacão, e a outros senhores com quem muitas vezes tem guerra, o que he causa de entrarem cadanno naquella cidade, tres, quatro mil cavalos. Na qual el Rei tem huns muito grandes, e mui sumptuosos paços, assi de casas, como patios, jardins, e tanques, em que a muito pescado. He gentio, e servesse com mui grande estado, vive mais polidamente em seu comer, e vestir que os Reis do Malabar: continuadamente tem guarda de muitos soldados, e muitos porteiros, e falamlhe com difficuldade, assi os grandes senhores, como a outra gente. Estes Reis não casam mas tem mais de trezentas mancebas, todas filhas de grandes senhores do regno, que estam no paço aos meses, e o outro tempo em casa dos pais. Quando o Rei de Narsinga morre, queimamlhe o corpo, em huma grande fogueira de sandalos, daquila, e doutros paos cheirosos, e queimãose com elle todas estas molheres, e quantos privados tem, e todos os officiaes de sua casa, o que fazem com tan-

to amor, que pelejam sobre quem primeiro chegara a fogueira, em que lançam muita moeda douro, crendo que tudo aquilo vai com elles ao outro mundo, e que tem la disso necessidade. Fazem estes Reis guardar mui inteiramente justiça aos estrangeiros, principalmente aos mercadores, trazem mui grande corte de muitos fidalgos, e senhores, que tem delles grandes ordenados, e governo de provincias, e outros que sam senhores heredetarios, que tem por sobrenome Raos, que entrelles he como dom: Se estes fazem algum erro que nam mereça morte, mandaos el Rei açoutar secretamente no paço estando elle presente, e se sam seus parentes, elle mesmo o faz por sua mão. Tem estes Reis de Narsinga por costume fazerem thesouro cada hum per si, sem tocarem no que fez seu antecessor, o que tem por grande gloria, e deste modo o tem mui grande, douro, e prata, allem das perlas, aljofar, e pedraria, que he tanta que se mede per medidas como trigo, e isto de hum certo peso para baixo. Tem el Rei diamantes que pesão duzentos, e trezentos mangelins, dos quaes mangelins faz hum, dous quilates dos nossos e poem em aver esta pedraria grossa muita diligencia, punindo com grandes penas os que vendem, ou compraõ pedras de certo preço pera cima. Tem muitas vezes guerra com os Reis seus vezinhos, pelo que continuadamente pagão soldo a grande multidam de gente, assi de pe, como de cavallo. Em seu regno ninguem tem cavalos se não de sua mão, nem os pode comprar ninguem senão elle, de que tem passante de vinte mil da sua cevadeira, o que tudo mantem a sua custa, e de sua mão os entregão a seus capitães que os repartem pelos soldados de suas capitanias, a que chamão lascarins, os quaes lascarins sam recebidos em soldo com grande exame, porque os despem em huma casa pe-

rante quatro scrivães, os quaes screvem quantos sinais tem no corpo, e a cor, e o nome do lugar, e provincia de que sam, e do pai, e mãi, e lei que crem. O que feito os assentão em soldo de tres, quatro, ate quinze pardaos douro por mes, com ficarem obrigados a nam poderem sair do regno, sem licença del Rei, affora seu soldo, aos que sam de calidade pera isso, lhe dam hum cavalo, e hum moço pera o servir, e huma escrava pera lhe fazer de comer, e pola ração do cavalo manda cada dia a cozinha del Rei, onde se faz de comer pera todos os cavalos e Elephantes de sua cevadeira. Affora os xx mil cavalos da cevadeira del Rei, tem espalhados pelo regno mais de oitenta mil, pera que da mantimento aquelles a que os manda entregar. Os piães sam sem conto, porque facilmente se ajuntam em hum exercito mais de novecentos mil. Acostumam estes Reis de trazer em seus arraiaes, ate quatro mil molheres solteiras a que pagam soldo primeiro que a nenhuma outra gente, e dizem que com ellas fazem mais guerra que com seis tantos homens, porque por sua causa pelejam com mais esforço. Dixera muitas cousas do grande poder, e estado destes Reis, se o nam tiveram feito os Portugueses que screverão particularmente os negocios da India. Sabendo o Rei que regnava a este tempo as grandes façanhas que os nossos tinhão feitas na conquista da India, desejou de ter paz, e amizade com el Rei dom Emanuel, sobre o que mandou um embaixador ao Vicerei, que o esteve esperando em Cananor, como fica dito, pera lhe alli dar sua embaixada.

CAPITULO VII

Do recebimento que o Vicerei dom Francisco dalmeida fez ao embaixador del Rei de Narsinga, e da licença que ouve del Rei de Cananor pera fazer fortaleza, e de como em Coulam matarão o feitor Antonio de sa, e os Portugueses que com elle estavão e do que se sobrisso fez.

PORQUE em Cananor, como fica dito, não tinhamos ainda fortaleza, nem casa que fosse de calidade pera o Vicerei nella receber o embaixador del Rei de Narsinga, foi assentado que o fezesse na nao: Pera o que mandou todolos capitães, cada hum em seu batel que o fossem receber a praia, donde o trouxeram a nao, tendo o Vicerei mandado alcatifar a tolda, e cobrir de panos douro, e seda, pera nella fallar com o embaixador, o qual em entrando na nao, o Vicerei o veo receber a bordo, a som de bombardas, trombetas, e atabales, com todolos capitães, e fidalgos que com elle estavam, e pela mão o levou ate hum estrado onde se assentarão cada hum em sua cadeira despaldas, do qual depois de lhe perguntar pela saude, e disposiçam del Rei de Narsinga, e discurso de seu caminho, recebeo as cartas de credito, que trazia: Dizendo ao Vicerei que el Rei de Narsinga seu senhor sabendo de sua vinda, e das victorias que lhe Deos em sua viagem dera, e de quantas os capitães del Rei de Portugal seu irmão na India ouverão, desejara de ter amizade com hum tam poderoso Rei, pera, se necessario fosse, o ajudar com as naos de todolos portos de mar que tinha na costa da India, e com quanta gente quisesse, e para mor

confirmaçaõ de sua amizade, lhe consentiria que nos mesmos portos mandasse fazer fortalezas, para o que daria toda ajuda necessaria e pera que esta amizade fosse mais certa e segura, lhe offerecia huma sua irmã moça, e de bom parecer, para casar com o Principe seu filho, com o qual lhe daria tamanho dote de terras, e dinheiro de qne fosse bem contente. O que acabado de dizer deu ao Vicerei huma carta del Rei de Narsinga pera el Rei dom Emanuel em que lhe screvia o contheudo na embaixada, e pera o Principe lhe entregou dous colares de pedraria, e alguns aneis com pedras de muito valor, e panos douro, e seda. O que feito se tornou pera terra donde o Vicerei o depois despachou fazendolhe presente dalgumas peças douro, e prata lavrada, das que levava de Portugal. Ao outro dia desembarcou o Vicerei, e se vio com el Rei de Cananor, em hum palmar debaixo de huma tenda a borda dagoa, e logo nestas primeiras vistas lhe pedio licença para fazer huma fortaleza na cidade de Cananor, o que lhe el Rei concedeo de boa vontade, a qual o Vicerei logo satisfez com peças que lhe mandou, a o que el Rei tambem respondeo com outras que deu ao Vicerei, e a dom Lourenço, e a todolos capitães da frota. E ao outro dia pela manhãa xxiij. dias Doutubro do mesmo anno de M. D. v. mandou proceder na obra da fortaleza, sobelos alicerces que o feitor Gonçalo gil barbosa tinha começado, sobcor de casa de feitoria, no que todolos Portugueses trabalhavam por quartos, com muita diligencia, e com a grande ajuda que pera isso deu el Rei de Cananor, dentro de cinco dias foi posto o muro, e torres em altura em que se podia assentar artelharia, e defender os que dentro estavão. O que feito o Vicerei se partio pera Cochim, e na fortaleza, a que pos nome Sanctangelo, deixou por

capitão Lourenço de brito copeiro mor del Rei, que ia provido da de Coulão, que quis antes esta por estar ja começada, e por alcaide mor Guadelajara castelhano, e feitor Lopo cabreira, com guarda de cento, e cincoenta soldados Portugueses. Antes que o Vicerei partisse de Cananor, soube como os mouros de Coulão matarão o feitor Antonio de sa, com doze Portugueses que com elle estavaõ, e isto por caso dos lemes, e velas das naos que lhes Ioaõ homem tomara pelo que os saltearaõ na casa onde moravão, da qual por se não poderem defender se acolherão a irmida de nossa Senhora, aqual per os mouros os não poderem entrar, poseram fogo de que ardeo toda, e os que dentro estavão. Ao que Pero Raphael, que se então alli achou nam pode acodir, por toda a cidade estar alevantada contra os nossos, com tudo antes que partisse do porto queimou cinco naos das que ahi estavam, e se veo pera Cochim, onde o Vicerei chegou ao derradeiro Doutubro, e delle soube por extenso, como este negocio passara. Pelo que no mesmo dia despachou dom Lourenço com todolos capitães da frota, para de subito darem em Coulão, e queimarem quãtas naos achassem dos mouros, e dos da terra, em vingança da treiçam que fezerão, a quem o tempo servio de maneira que chegou a Coulão antes que os da cidade soubessem de sua ida, onde pos fogo a xxij. naos de mouros, que achou no porto, do qual se não quis partir sem primeiro as ver arder todas. O que feito se fez avela para Cochim, mandando diante Ioão homem com a nova do que fezera, cuidando que por alviçaras della o reconciliasse com seu pai, mas isto lhe socedeo ao contrario, porque o Vicerei em lugar de alviçaras lhe tirou a capitania da caravella, e deu a Nuno vaz pereira.

CAPITULO VIII

De como o Vicerei dom Francisco dalmeida investio el Rei de Cochim no regno em nome del Rei dom Emanuel, e mandou para Portugal oito naos, de que deu a capitania a Fernaõ soarez, e da viajem que fez até chegar a Lisboa.

Ao dia seguinte da partida de dom Lourenço sahio o Vicerei em terra, onde logo o veo visitar el Rei de Cochim, que ja naõ era Trimumpate. Este Rei novo se chamava Nambeadora, sobrinho de Trimumpate, muito amigo dos Portugueses, e desejoso do serviço del Rei dom Emanuel, do que logo deu mostras nesta primeira vista, offererecendosse ao Vicerei para tudo o que lhe delle, e de seu regno comprisse, e com estas outras palavras de muita amizade se tornou pera seus paços. Aquella tarde teve o Vicerei conselho sobre a quem daria a coroa, e outras cousas que el Rei dom Emanuel mandava a el Rei Trimumpate, mas avidas sobrisso muitas altercações, assentaram que se desse ao Rei novo, posto que Trimumpate lhe ja tivesse mandado pedir estas peças. Pelo que depois da tornada de dom Lourenço de Coulaõ, determinou o Vicerei de dar estes presentes ao Rei que regnava. Pera o que fez fazer hum cadafalso, no qual sendo presentes os mais dos senhores da terra, dixe a el Rei de Cochim, que el Rei dom Emanuel de Portugal seu Senhor, avendo respeito a grande amisade, que Trimumpate Rei que fora de Cochim com elle sempre, e com seus capitães, e vassalos tivera, lhe mandava em sinal damor, entre outras cousas, huma coroa douro, pera

trazer, como Rei, posto que investido naquelle regno de sua mão e que pois elle socedera a seu Tio Trimumpate no regno, que a elle era razão que se desse, com a qual lhe entregava a posse daquelle regno de Cochim, posto que a qualquer outra pessoa podesse pertencer, pera de sua mão o ter, e reger como seu vassalo, e lhe dar conta delle, e de como o governava cada vez que lhe mandasse tomar, e o isentava de toda obrigaçam que os Reis de Cochim sohiam ter ao çamorij Rei de Calecut, e que elle senhor Rei de Portugal se obrigava ao defender, e guardar, a elle, e seu regno, senhorios, e vassalos, contra todos aquelles, que o anojar, ou fazer damno quisessem. As quaes palavras ditas, e interpretadas pelo lingoa Gaspar, el Rei de Cochim respondeo, que faria tudo o que el Rei de Portugal seu irmão lhe mandasse, porque sem seu favor, e ajuda o regno de Cochim fora ja tomado, e junto a coroa do de Calecut. As quaes palavras, e outras, ditas dambalas partes, o Vicerei se alevantou da cadeira em que estava, e se foi pera del Rei, e lhe pos a coroa na cabeça, e a mandou entregar a seus officiaes com as mais peças que lhe trazia, dizendolhe que el Rei seu senhor lhe dava licença para em todas suas terras mandar lavrar moeda douro, prata, e cobre, e que podesse usar todalas liberdades, e preminencias que a Rei pertencem, de que tudo se fezeram estromentos publicos. Acabado este acto el Rei de Cochim com seus caimais, e naires todos mui contentes, se recolheo pera seus paços, indo diante delle has nossas trombetas, e atabales, e Lourenço moreno que avia de ficar por feitor, com a coroa nas mãos, com o que el Rei folgou muito, e o tomou por grande honra. O que feito entendeo o Vicerei na carga das naos que aviam de tornar para o regno, que forão

oito, de que deu capitania a Fernam soarez. Os outros capitães eram, Sebastião de Sousa, Rui freire, Emanuel telez, Antaõ gonçalves, Diogo correa, Gonçalo gil barbosa que fora feitor em Cananor, e Diogo Fernandes correa, que fora alcaide mor, e feitor do castello de Cochim, donde estas oito naos partiram aos xxvj. de Novembro do mesmo anno de M. D. v. e foram tomar alguma carga que lhes faltava a Cananor. E seguindo viajem, ao primeiro dia de Fevereiro de M. D. vj, foram ter a huma terra que nenhum dos pilotos conheceo, da qual vieram as naos muitos homens baços, de cabello revolto, em dez almadias, destas almadias se chegou huma á nao capitaina, de que entrarão dentro xxv. homens nus, a quem logo Fernão soarez mandou dar pannos para se cobrirem, e de comer, e beber, o que tudo tomaram mostrando por acenos muito prazer, porque a lingoajem que falavaõ era nova pera todolos que hião na nao, os quais depois de vestidos, e fartos se lançarão de subito na almadia, e arredandosse começaraõ de tirar as frechadas aos que estavão no bordo, o que vendo os nossos, os fezeraõ alargar as bombardadas. E vendo Fernão Soares que algumas das almadias encaminhavaõ para a nao de Rui freire, que estava tão perto da sua que se podiaõ ouvir, lhe fez dizer que trabalhasse por tomar alguns delles. Rui Freire em chegando duas a bordo, mandou saltar dentro alguns homens que tomarão vinte, e hum porque os outros se salvaram a nado. O que feito seguio a frota viajem de longo daquella terra, de que a mor parte era muito alta, ate chegarem a huma ponta em que sae huma ribeira, onde estando fazendo augoada forão salteados dos da terra, e firiram hum antes que se podessem acolher ao batel, o que vendo os das naos, que estavam mais perto de

terra, os fezeram fogir da praia a poder de tiros de bombardas, dos quaes ao outro dia, que os nossos sairam armados a acabar de fazer augoada, e lenha acharam dous mortos, e a terra tinta de sangue em muitos lugares. Passados quatro dias se fez a frota a vela indo todo com sospeita de naõ ser ilha, senaõ terra firme, e tendo corrido a vista della xvij. dias, aos xviij de Fevereiro a passaraõ, a qual posto que entaõ naõ fosse conhecida, se achou depois ser a ilha, a que os antigos Comosgraphos chamaõ Magadascar, e os mouros da lua a qual os nossos poseraõ nome de sam Lourenço, como se ao diante dira, cujo descobrimento, pela banda de fora, se deve a Fernaõ soares capitão destas naos, que aos xxiij dias de Maio de mil, e quinhentos, e seis entrou no porto de Lisboa com toda sua frota junta.

CAPITULO IX

De como el Rei depois da partida de dom Francisco dalmeida mandou Pero danhaia a çofala com seis velas, pera ahi fazer huma fortaleza, e do que em sua viajem passou, ate que faleceo, e da chegada de cide barbudo, e Pero quaresma a India, que partirão do regno depois delle.

Pero danhaia era capitaõ de hum[illegible] as naos que hiaõ em companhia de dom Francisco Dalmeida pera ficar por capitaõ da fortaleza que se avia de fazer em çofala a qual nao se perdeo no porto de Lisboa. Pelo que el Rei mandou a dom Francisco, que deixasse esta fortaleza, e fosse fazer a de Quiloa, como tudo fica dito ja apontado. Partido

dom Francisco, el Rei mandou fazer prestes seis naos, de que deu a capitania ao mesmo Pero danhaia. Das outras naos o eram Francisco danhaia, filho do mesmo Pero danhaia, que havia de ficar por capitaõ do mar em çofala com duas naos, e Pero barreto de magalhães que depois da fortaleza acabada avia dir pera India por capitaõ das outras quatro, os outros capitães eram Ioaõ leite, natural de Santarem, e Emanuel fernandez, que hia provido da feitoria desta fortaleza, e Ioaõ de queiros. Esta armada partio do porto de Bethelem hum domingo dia da Trindade xviij de Maio do mesmo anno M. D. v, e tanto a vante como a serra Lioa, querendo Ioaõ leite, do garoupes da sua nao aferrar hum dourado cahio ao mar, e sem os mais verem se foi ao fundo, em cujo lugar os da nao elegeraõ por capitaõ George mendez. Desta parajem forão tanto na volta do Sul pera dobrarem o cabo de boa Sperança que se poserão em altura que acharaõ tanto frio, e neves, que se acoalhava a agoa, e vinho, e quasi que naõ podiaõ vencer a neve as pas, com o qual trabalho o passaram sem o ver. E aos iiij. de Septembro passou Pero danhaia o cabo das correntes com Francisco danhaia, e Emanuel Fernandez, e foi surgir sobela barra de çofala, para alli esperar as outras tres naos onde depois chegou a de que fora capitaõ Ioaõ leite, e o era George Mendez, e a de que fora Ioão de queiros, e o era Ioão vaz dalmada que contou a Pero danhaia como Ioão de queiros viera ter a baia das vaquas, e que querendo faser carnagem entrara mea legoa pelo sertão, onde os da terra o matarão a elle, e ao mestre da nao, e piloto, e dos que com elle foraõ naõ escaparaõ mais que Antão de gá scrivão da nao, muito ferido e outros quatro, e que partidos daquella baia toparão com a nao de que fora por capitaõ Ioaõ leite,

e pedirão a George mendez que lhes desse capitão pera os reger, e hum piloto que os governasse, e que George mendez lhe rogara que se passasse pera aquella nao por capitão della, e lhe dera o seu mestre para mandar avia. Depois da vinda de George mendez, e de Ioão vaz dalmada chegou Antonio de magalhães irmão de Pero barreto em hum batel com recado a Pero Danhaia de como ficara no cabo de S. Sebastião, por quanto o seu piloto, por não saber o parcel, não ousava de o commetter, que lhe mandasse o seu para o levar daquelle porto ao de Çofala, o que sabido mandou la Ioão Vaz Dalmada com a sua nao, e com elle o piloto de Francisco danhaia. Chegado pero Barreto a barra de çofala, Pero Danhaia entrou para dentro com quatro das suas naos mais pequenas, porque as duas por serem grandes deixou de fora, onde depois de surto mandou logo recado ao senhor da terra per nome Çufe pera se ver com elle, as quaes vistas se ordenarão em humas casas que tinha sobelo rio junto de huma povoação, chamada Sagoe, de obra de mil vizinhos, de que muitos erão mouros mercadores, que dali tratavão em ouro para Quiloa, Mombaça, e Melinde, porque os mais do lugar, costa, e sertão são gentios, cafres. As casas eram grandes, terreas cobertas dolla, as paredes de sebe barradas de barro: tinhão muitos pateos cercados com arvores, e cava ao redor deilas, com sebe despinheiros tecidos mais forte que se fora pedra, e cal, dos quaes espinhos, tecidos em Flandes, e Alemanha cercam os jardins com suas cavas, porque assim os tem por mais seguros dos ladrões. O Rei ou senhor de çofala seria homem de setenta annos, alto de corpo, baço, membrudo, e cego, o qual segundo os da terra deziam, fora muito esforçado cavaleiro, e temido, com o qual Pero Danhaia se vio nestas ca-

sas, em huma camara pequena, armada de panos de seda, lançado sobre hum catel; cuberto com hum pano de seda, e junto delle hum grande molho de azagaias. Esta camara estava no cabo de huma sala muito comprida, e estreita, na qual estariam bem cem mouros baços, descubertos de cinta pera cima, e pera baixo cachados com panos de seda, e algodaõ, e outros taes sobraçados com fotas de seda nas cabeças, e nas mãos ramaes dalambar, e nas cintas cutellos nus, com taxas de marfim, guarnecidos douro, assentados todos em trepeças baixas, com os assentos de couro com cabello, os quaes, em Pero danhaia passando pela sala com os capitães, feitor, e gente, nobre da frota porque a outra ficava a porta da sala, se alevantarão todos fazendolhe grande cortezia com as cabeças baixas, quasi ate o chão. Entrando Pero Danhaia nesta camara el Rei assi cego como era lhe fez muita cortesia, e gasalhado, e logo alli houve delle licença para fazer huma fortaleza, offerecendoselhe a tudo o que lhe delle mais fosse necessario, do qual despedido se saio com elle hum mouro muito privado del Rei, por nome Acote Abexi de nasção, fazendolhe muitos offerecimentos, pelo que Pero danhaia sabendo a valia que este Acote tinha, com hum presente que mandou a el Rei, lhe mandou outro a elle, em retorno do qual lhe mandou Acote vinte Portugueses que tinha em seu poder, que eram dos que escaparam da nao de Lopo sanchez do qual Acote segundo dixerão forão sempre mui bem tratados. Pero danhaia trabalhou com ajuda Dacote por ajuntar logo as achegas que lhe erão necessarias pera a fortaleza, e depois de juntas as mais afundou entre o lugar de Sagoe e outra povoaçam dobra de quatrocentos vezinhos junto da barra, na qual se começou de trabalhar ao xxj, dias de Septembro do mesmo

anno de M. D. v, e sendo ja a mor parte da obra feita, Pero barreto se partio perá India com a sua nao, e com a de Pero danhaia, de que foi por Capitam Gonçalo Alvarez que viera por piioto da frota. Na obra da fortaleza se continuou com muito trabalho, e diligencia ate o fim de Novembro, e sendo ja quasi acabada, Pero danhaia mandou a seu filho Francisco danhaia que fosse correr a costa de Moçambique, e com elle Gonçalo Vaz de Goes, que alli viera ter, e Ioão Vaz dalmada que se avia dir dahi para a India, e lhe deu mais outro navio de que hia por capitão hum seu criado, que avia de ficar com elle em guarda da costa. Gonçalo Vaz de Goes, e Ioão Vaz Dalmada se apartarão em Moçambique de Francisco Danhaia, e forão ter a Quiloa, onde acharão Pero Barreto, e Gonçalo Alvarez, e Lucas Dafonseca que se perdera da frota do Vicerei, onde pouco tempo depois veo ter Francisco danhaia em hum zambuco que tomara de mouros; porque a sua nao se perdeo com outra que tinha tomada de Cambaia, carregada de muita roupa. Os quaes todos debaixo da capitania de Pero Barreto, se partirão de Quiloa, perá India, na somana sancta do anno de M. D. vj, e chegaram a Anchediva a xviij. de Mayo, onde todas invernarão, salvo Lucas da Fonseca que passou. Partidas estas naos Pero Danhaia continuou em acabar de todo a fortaleza, pera o que o ajudavam os mesmos da terra. Mas vendo os mouros que lhes tiravam muita parte do resgate do ouro que elles sohiam fazer com os mercadores que vinham do sertam, ordenarão de lançar da terra os nossos, dando a entender a Çufe, que nossa vinda não fora a buscar sua amizade, se nam pera o lançarmos da terra, como o tinhamos feito em Quiloa, e em muitos lugares da India, com as quaes palavras, e outras da

calidade, o induziram a fazer secretamente mais de mil Cafres, pera de subito darem sobre os nossos, e lhe tomarem a fortaleza: do que Pero Danhaia foi avisado pelo mouro Acote, que allem da amizade que nisso mostrava, se lhe offereceo pera o ajudar com toda sua valia, o que sabendo Pero Danhaia se começou daperceber com a mor dissimulação que pode pera o dia que sesta guerra avia de declarar, no qual os Cafres vierão cometer os muros da fortaleza mui denodadamente, com tiros darremesso, e setas de fogo, sendo ja Acofe lançado dentro, com cem homens seus parentes, e criados, com cuja ajuda os Cafres foram tratados de maneira, que se arredaram a fora, aos quaes logo começaram de servir os tiros das bombardas com que mataram os mais delles, o que vendo os outros se arredaram a quem os nossos logo sairam, com Acote, e seguindolhes o alcance, chegaram a aldea, onde estavão as casas de Çufe, nas quaes entrando Pero Danhaia se foi direito á sua camara, o qual posto que fosse velho, e cego, não perdeo o animo, e coraçam de bom cavaleiro, arremessando as azagaias, que tinha apar de si contra a porta da camara, com huma das quaes ferio Pero Danhaia no pescoço, o que vendo o feitor Emanuel Fernandez, remeteo a elle, e lhe cortou a cabeça. O que feito os nossos ficarão senhores das casas, e do lugar, aos moradores do qual Pero Danhaia mandou, que se não fezesse mais mal, do que ja era feito. A cabeça de Çufe, por fazer espanto aos da terra, foi posta na ponta de huma lança na tranqueira da fortaleza, e em galardão do serviço que Acote fezera, e amizade lhe deu Pero Danhaia aquelle senhorio de Çofala, e o investio nella, em nome del Rei dom Emanuel em acto publico que se pera isso fez, o qual Acote o aceitou, declarandosse por vassalo dos Reis

de Portugal, com promessa de sempre os servir bem, e lealmente, do que tudo se fezerão estromentos publicos, assinados por elle, e pelos principaes da terra, e por Pero Danhaia, e officiaes da feitoria, e outros Portugueses, que seriam ate quarenta porque os mais erão ja mortos de doença por a terra ser de maos ares, e doentia: da qual infeiçam Pero Danhaia faleceo dahi a poucos dias, em cujo lugar soccedeo o feitor Emanuel Fernandez, que depois de ser capitão fez dentro da tranqueira huma torre de pedra, e cal muito forte. A qual capitania elle servio pouco tempo, porque no anno de mil, e quinhentos, e seis chegaram a India Cide barbudo, e Emanuel coresma que partiram do regno depois de Pero Danhaia, aos quaes el Rei mandou que corressem toda a costa do cabo de boa Sperança ate Çofala, a ver se achavam novas de Francisco Dalbuquerque, e Pero de Mendonça, dos quaes Cide Barbudo, e Emanuel coresma soube o Vicerei dom Francisco Dalmeida da morte de Pero Danhaia. Pelo que despachou logo por capitão de Çofala Nuno Vaz Pereira, ao qual mandou que de caminho prouvesse nas differenças que avia em Quiloa, por o Rei Mahamed Anconij ser morto per treição del Rei de Tirendicundi, parente do Rei Abrahemo desterrado, e por alcaide mor mandou Rui de Britopatatalim. Pelo que Emanuel Fernandez se foi perá India, no navio em que elles vierão, sem mais querer servir de feitor, tendosse por agravado do Vicerei lhe responder tão mal as merces, que por galardão de seus serviços, esperava.

CAPITULO X

Em que se trata da terra de Çofala e dos costumes dos que nella vivem, e no grande regno de Benomotapa.

Os scriptores antigos partem a Ethiopia em superior, e inferior, no qual superior Oriental está o lugar, e terra de Çofala, na costa do mar a que chamão Praflodum. Estas duas Ethiopias tomarão nome de Ethiope, filho de Vulcano, que foi Rei, e senhor dellas. Diz Diodoro Siculo, que foram os Ethiopes os primeiros homens que tiverão conhecimento de Deos, e primeiro usaram religião, e ceremonias no culto devino, e foram os primeiros que acharão o modo de escrever, e que delles veo o conhecimento destas cousas aos Egypcios donde diz que elles descendem, e tomaram as leis porque se governavam. Mas estes Ethiopes a meu juizo devem de ser os da terra do Abexi, por ser gente, que a muito tempo que tem lei, e della era a Rainha Sabá, que veo visitar a Salomão, e daquelle tempo pera ca tiveram conhecimento da lei que Deos deu aos Iudeus per mão de Moysem, e não os que jazem do mar Darabia, ate o cabo de boa Sperança, e o sinal disso, he serem tão incuítos e barbaros como sam. Antigamente tiveram os Ethiopes, que ahi dous deoses, hum immortal, que he criador de todalas cousas, e as rege sem nellas aver nenhum defeito, e outro mortal que tem por incerto, assi a elle, como as cousas que se por elle regem, e governam. He toda esta regiam dos Ethiopes tam abundante de minas douro, que fazião antiguamente mais cabedal de cobre,

que delle, e o estimavão mais. Screve Herodoto, que querendo Cambyses Rei da Persia, filho de Ciro fazer guerra em hum mesmo tempo aos Carthaginenses, e aos Ammonios, e aos Ethiopes, que a estes Orientaes mandou seus embaixadores, pera por amizade os sobmetter a seu imperio, pelos quaes mandou em presente ao Rei que então era entre outras algumas cousas, joias douro, de que se o Rei rindo em desprezo do presente, mandou mostrar aos embaixadores as casas em que guardavam os malfeitores, onde em lugar de ferro viram, que erão de ouro todalas cadeas, e outros instrumentos com que aquelles homens estavam presos. Da qual abundancia de ouro, tiveram os Gregos ocasiam de fabularem segundo seu costume, dizendo que a mesa do Sol estava nesta regiam das duas Ethiopias, dando a entender, ser toda esta terra huma pasta douro, a que quiseram poer nome de mesa do Sol. Ao qual planeta atribuem os Poetas, e Alquemistas o metal do ouro. Entre outros muitos costumes antiguos desta gente, era hum, que se o Rei tinha algum geito bom, ou mao, ou alguma aleixam do corpo, ou manqueira, ou vicio, ou virtude, que todolos nobres, e damesticos de sua casa trabalhavão polo imitar nos costumes, e pola manqueira ou aleijam, se aleijavão todos, da mesma parte do corpo, donde o Rei era aleixado. O qual costume não sei se guardam ainda, porque não falei com homem Portugues que estivesse na corte do Rei de Benomotapa, nem pus isto aqui, se não pera exemplo que os Reis, e Principes se devem muito guardar de terem maos geitos, e costumes, e modos de falar porque delles tomão os criados, familiares, e sugeitos as taes manhas, das quais os que os criam, e instituem, e andam no tempo da meninice, e tenra idade apar delles, os podem pela mor parte, por

bons modos, e honestos exemplos, divertir. No sertão desta terra de Çofala, e mais aquem pera nos, começando quasi do cabo da boa Speranca, jaz o grande regno de Benomotapa, ao qual este de Çofala era sujeito antes que nos viessemos a esta terra. Do qual regno Rei, e costumes farei aqui hum discurso no mais breve modo que poder, por me parecer que sam todas estas cousas de calidade que merecem fazerse dellas menção em esta nossa Chronica. O Rei desta provincia he grande senhor porque segundo dizem, tem em circuito seus senhorios mais de oitocentas legoas, afora alguns Reis, e senhores que lhe obedecem, e pagam tributo douro, do qual ja os da terra tomarão o gosto que lhe os mouros que antrelles vivem, deram de muito tempo a esta parte, e lhe nos acrecentamos, em quasi setenta annos que a que descobrimos estas provincias. Todo este regno de Benomotapa he muito fertil de mantimentos, fruitas, e criaçoens, a nella tantos Elephantes bravos, que se nam passa anno nenhum, em que não matem os que os caçam de quatro a cinco mil de que vae perá India grande soma de marfim. He mui abundante douro, o qual se acha em grande cantidade, assi em minas, como em rios, e alagoas, destas minas ahi humas no regno de Batua, de que o Rei he vassallo do de Benomotapa, a comarca em que estam se chama Toro a toda em campo raso, e sam as mais antiguas que se sabem em toda aquella rogião. No meo desta campina esta huma fortaleza, toda lavrada de cantaria muito grossa, e grande, pela banda de fora, e de dentro, de obra muito prima, e bem assentada, tanto que segundo dizem, sé não enxerga cal nas junturas della: sobella porta desta fortaleza esta hum litreiro talhado em pedra, que por muito antigo se não entende o que quer dizer. E em alguns comaros que

aquella campina faz, estão outras fortalezas feitas do mesmo modo, nas quaes todas tem el Rei capitães, e o que se pode dellas julgar he, que forão feitas para guarda daquellas minas douro, e receber o Principe que as mandou fazer alli o direito, que lhe delle pagavão, per officiaes que para isso nellas teria, porque assim o fazem ao presente os Reis daquelle regno de Benomotapa, do qual os habitadores sam todos pretos de cabelo frizado, a que os vizinhos commumente chamam cafres, nam adoram nenhum idolo, nem o tem: crem que a hum só Deos criador de todalas cousas, ao qual adoram, e sencomendam, no que parece que em parte continuaram ate agora, no que atras dixe, do seu antigo modo de crer: tem por religião alguns dias de guarda, entre os quaes entra o dia em que nasce o seu Rei. Nenhum crime castigam com mor rigor, que o da feitiçaria, porque a todolos feiticeiros matam per justiça, sem perdoar a nenhum, tem tantas molheres quantas podem manter, mas a primeira he como senhora das outras, e os filhos desta são herdeiros, nem casam senam com molher a que ja viesse sua purgaçam, porque tem que se antes de lhe vir conhecem homem, que os filhos que parem, são todos fracos e de pouca vida. Este Rei de Benomotapa tem grande estado, servesse em giolhos, com salva. Quando bebe ou tosse, ou espirra, todos os que estão na casa em alta voz lhe dam profaça, e o mesmo fazem os que estam fora de casa como ouvem estes, e de mão em mão corre o profaça, e se lhe dá per todo o lugar. e assi se sabe que bebeo el Rei, ou tussio, e espirrou. Neste regno nenhuma casa tem porta, salvo as dos senhores, e pessoas principaes, isto per privilegio que lhes el Rei pera isso dá, e diz que as portas se nam poem nas casas, senam com temor de ladrões, e malfeitores,

dos quaes elle he obrigado, como Rei a guardar seu povo, e sobre tudo os pobres. As casas sam todas de sebe barradas de barro, do modo, que pintei as do Xeque de Çofala. Usa este Rei duas insignias, de que huma he huma enxada muito pequena, com o cabo de marfim, que tras sempre na cinta, porque dá a entender a seus sugeitos, que trabalhem e aprovem a terra, pera com o que ganhão poderem viver em paz, sem tomarem o alheo, a outra insignia sam duas azagaias, demonstrando que com huma a de fazer justiça, e com a outra defender seu povo. Trás continuadamente na sua corte todolos filhos dos Reis e senhores que lhe sam sujeitos, a huma por lhe terem amor de criação, e a outra por se lhe os pais não alevantarem com as terras, que delle tem. Traz sempre no campo, quer seja em tempo de paz, quer de guerra hum exercito de muita gente, de que o capitão geral se chama Zono, e isto faz para ter a terra pacifica, e se lhe nam alevantarem alguns dos senhores, e Reis que lhe sam sugeitos. Manda todolos annos muitos dos principaes de sua corte, per todos seus regnos, e senhorios a dar fogo novo, o que se faz da maneira seguinte. Cada homem destes em chegando as casas dos Reis, senhores, cidades e lugares, manda apagar em nome del Rei todo o fogo que ahi a, e depois de apagado, vem todos tomar delle, em sinal de obediencia e quem isto não faz he tido por tredor e rebel, e por tal o manda el Rei castigar, e se he pessoa, ou cidade poderosa, manda sobrelles o capitão Zono, que sempre anda no campo, pera acudir a estas cousas. Outros muitos costumes tem, que aqui não ponho por evitar prolixidade.

CAPITULO XI

De como indo dom Lourenço buscar as ilhas de Maldiva per mandado do Vicerei seu pai, foi ter a ilha de Zeilad, e do que ahi fez, e do sitio, e costumes dos da terra.

No mes de Novembro de Mil, e quinhentos, e cinco em que se a armada que avia de tornar para o regno fazia prestes, de que era capitam Fernão Soarez, como atraz fica dito mandou o Vicerei seu filho dom Lourenço, as ilhas de Maldiva, que estam sessenta legoas de Cochim, pera fazer presa nas naos que per dentro dellas passam de Malaca, Çamatra, Bengala, e outras provincias, e com elle mandou Paio de Sousa, Lopo Chanoca, e Nuno Vaz Pereira e outros capitães que per todos eram nove, os quaes por ma navegaçam vieram a vista do cabo de Comorim, donde constrangidos das correntes foram ter ao porto de Gabalicão, a que os nossos chamão Gale, que he na ilha de Zeiland, o que sabido pelo Rei, com medo que lhe nam destruissem a terra, e queimassem algumas naos que estavam no porto, mandou um presente de refresco a dom Lourenço, pedindolhe paz, e amizade, sobelo qual recado, ficando nas naos arrefens, mandou dom Lourenço visitar el Rei per hum cavaleiro, per nome Fernam Cotrim, com outro presente, e depois pera assentar pazes Paio de Sousa, o qual os recebeo em huma grande sala, assentado em hum estrado cuberto de alcatifas, e pannos de seda, elle vestido em hum baju de seda, e na cabeça huma carapuça de borcado, com dous cornos douro, com muita pedraria, cingido de

hum panno de seda que lhe chegava ate os geolhos, descalço com muitos aneis nos dedos dos pes, e das mãos, e arrecadas nas orelhas, tudo de pedraria, e posto que fosse de dia de cada ilharga do estrado estavam tres homens com muitas tochas de cera acesas nas mãos, allem destas avia outras feitas de prata sobre que estavam candieiros tambem de prata que se alumeavão com azeite, que davam muita claridade: na sala estavam muitos homens nobres bem ataviados ao seu modo, perante os quaes Paio de Sousa passando com os Portugueses que acompanhavam, chegou a el Rei, que lhe fez muita honra e logo alli assentaram que elle era contente de dar cadanno como per tributo a el Rei de Portugal quatrocentos bahares de canella a condição que seus portos, e sugeitos ficassem sob nossa guarda, pera os defendermos dos que lhes quisessem por nosso respeito fazer dãno, no que dom Lourenço consentio condicionalmente, se o Vicerei seu pai o ouvesse por bem, a qual canella foi logo entregue, e carregada nas naos, e entretanto que se fazia a carga dom Lourenço mandou com licença del Rei assentar em terra hum padram de pedra, com as armas, e divisa do regno, em sinal que tomava posse daquella ilha, em nome del Rei seu senhor. O que feito, se tornou pera Cochim com esta canella, e algumas naos que tomara de mouros, a qual o Vicerei mandou carregar nas naos de Ioão da Nova, e de Vasco Gomes Dabreu, per quem mandou hum Elephante a el Rei, que foi o primeiro que da India veo a estes regnos, as quaes naos partiram de Cochim em Fevereiro, de Mil, e quinhentos, e seis. E porque a ilha de Zeiland he huma das nómeadas da India, e mui frequentada dos nossos, direi della summariamente algumas particularidades: he muito fertil de mantimentos, fruitas,

e hervas de cheiro, principalmente darvores despinho, e larangeiras, que todo anno tem fruita, e frol, o que tudo nasce pelos matos sem se plantar, nem semear, e nella muitos bosques da arvore da canella, que se quer parecer com o loureiro, de que se carrega muita pera fora: a muita pedraria s. rubins, balais, jacintos, çafiras, topazios, jagonças, ametistes, crisolitas, e olhos de gato, no mar della se pescam perlas, aljofar grosso, e meudo, criamse nella muitos Elephantes que vendem pera Cambaia, Narsinga, e Malabar, e os desta ilha sam os mais domesticos, e que se mais asinha ensinam, e amansam que nenhuns outros que se saiba. A nella sete senhores, a que elles chamão Reis, dos quaes agora he o principal o senhor da cidade de Columbo. Dizem que tem este Rei hum Rubi de hum palmo de comprido, e de grossura de hum ovo de galinha, que por ser muito limpo da de noite tamanha claridade como huma grande vela, o que parece fabula, com tudo alembrame que el Rei de Calecut mandou hum seu Naire, no anno de mil, e quinhentos, e quatorze a el Rei dom Emanuel, pera andar na corte, e aprender o modo della, e a lingoa Portuguesa, o qual se fez Christão, e lhe poserão nome dom Ioão, a quem eu ouvi dizer que tinha el Rei de Calecut hum rubi tamanho, como hum ovo de franga, tão perfeito, que de noite dava de si claridade como huma candea. Os do sertam da ilha sam gentios, e os dos portos do mar os mais delles mouros, falão todos Canará, e Malabar, e tem quasi os mesmos costumes e vestidos: são homens fracos, e pouco de guerra, muito afeminados, e dados a viços, sam bem dispostos, e de bons corpos, e parecer, tem por honra serem barrigados. No meo desta ilha a huma serra da qual sae hum pico muito alto, em que no mais alto

delle esta huma alagoa pequena, dagoa nadivel, e junto della huma lagea, e nella huma pegada de homem, que os da terra dizem que he do nosso padre Adam, a que elles chamam Adambaba, e que dalli sobio ao ceo, junto da qual lagoa esta huma Ermida com duas sepulturas onde elles crem que forão sepultados os corpos de Adam, e Eva. Este pico, e ermida são entre os mouros de grande devaçam, e vem alli muitos em romaria, e de mui longe, sobem ao alto delle per escadas de cadeas de ferro muito grossas. A terra ao redor desta serra em que esta o pico, he toda alagadiça, e pola agoa passam estes romeiros que lhe da muitas vezes pela cinta ate chegarem a serra, e dahi sobem ao pico, no qual se lavam nagoa da lagoa, e fazem o çala, o que feito se tem por absoltos de todolos peccados que ate então cometeram.

CAPITULO XII

De como dom Lourenço foi por mandado de seu pai correr a costa do Malabar, onde desbaratou huma armada del Rei de Calecut, e de como se desfez a fortaleza Danchediva.

TORNANDO dom Lourenço da ilha de Zeiland, o Vicerei lhe mandou que com as mesmas naos, e outras mais fosse correr a costa do Malabar, ate a fortaleza de Anchediva, a qual proveo dalgumas cousas de que tinha necessidade. E despedido do capitam Emanuel Paçanha, se tornou a Cananor, onde esteve alguns dias ajudando com sua gente o capitão Lourenço de Brito na obra da fortaleza. No qual tempo veo ter com elle hum homem

per nome Luis vuartman natural de Bolonha em Lombardia, que andara por muitas partes do mundo, de que screveo hum tratado, o qual dizendolhe quem era, e como vinha de Calecut pera avisar o Vicerei, de como el Rei de Calecut fazia huma grossa armada pera guarda das naos que hiam, e vinham a seus portos, a qual nam tardaria muito que não saisse pera acompanhar muitas naos de mercadores de Meca, que estavão de caminho, ate as poer em salvo das nossas armadas, e que allem disto lhe trazia recado dos Milaneses, que andavam com el Rei de Calecut, que arrependidos do que tinhão feito como Christãos que eram se queriam reconciliar com Deos, e virse pera o serviço del Rei de Portugal, os quaes devia de mandar vir, porque em quanto estivessem em Calecut nam podiam deixar de fazer artelharia, da qual tinhão ja fundidas mais de quatrocentas peças grossas, e meudas, e lhe fariam cada dia fundir mais, e que o pior que era que per força lhes faziam ensinar o modo da fundiçam aos mouros, e malabares, e que pois elle alli estava que tinha por excusado ir mais adiante buscar o Vicerei seu pai, que lhe pedia que prouvesse com diligencia no que lhe dixera, porque assi cumpria a serviço de Deos, e del Rei de Portugal, dom Lourenço lhe agradeceo muito o trabalho que tomara, e o perigo em que se posera para dar hum tam bom aviso, e lhe fez por isso merce, e passados tres dias, que o alli teve consigo, o mandou a Cochim na gale de Ioão ferrão, pera dom Francisco Dalmeida seu pai delle saber o que passava, donde o dom Francisco tornou a mandar pera Cananor na mesma gale, e screveo a dom Lourenço, que se apercebesse pera pelejar com armada de Calecut, e que a Luis Vuartman desse todo o dinheiro que ouvesse mister pera tornar a Calecut a ver se podia

trazer os dous Milaneses: o que elle negoceou de maneira que assentarão os Milaneses de se vir pera os nossos, mas o trato foi descuberto, e elles ambos mortos pelos mouros, e Luis Vuartman se salvou, e acolheo para a fortaleza de Cananor. Dom Lourenço como teve recado de seu pai para ir pelejar com a armada del Rei de Calecut, se apercebeo com sua frota, de que eram capitães: Rodrigo rabello, em cuja nao, que era de quatrocentos toneis, hia dom Lourenço, Phelipe rodriguez, Fernam Bermudez, Nuno vaz pereira, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiva, Antão Vaz, Ioão ferram, Diogo Pirez, Francisco Pereira Coutinho, e Simão Martinz. Nestas onze velas iriam oitocentos soldados Portugueses, afora outros da terra, com a qual frota foi dom Lourenço cometer a de Calecut, em que entre naos de guerra, e de mercadores, em cuja guarda saira, avia oitenta, e quatro naos, e cento, e vintaquatro paraos. Com a vista desta armada ficou dom Lourenço suspenso, nam por lhe faltar animo, se nam receoso que fezesse espanto a alguns dos nossos tanta multidam de naos, e fustalha, com tudo como tinha assentado de pelejar, e assi fora o parecer dos capitães, e fidalgos da frota, abalou contra a dos imigos os quaes, posto que lhe mandassem dizer que os deixasse ir em paz guiar algumas naos de mercadores aos portos, pera onde hião, nam achou descuidados nem desprovidos, porque se a nossa frota lhe fez rosto, o mesmo fez a sua, athe chegarem a tiro de bombarda, de que huma, e da outra parte se fez huma temerosa salva, com som de trombetas, atabales, e outros instrumentos, que tocavam dambalas frotas, tudo a vista de Cananor, e del Rei, que tudo via muito bem do lugar onde estava. Dom Lourenço encaminhou perá capitaina dos Moros, na qual lançou o arpeo quatro vezes antes que

aferrasse, entrandoa logo, dos quaes primeiros foram dom Lourenço, Philipe Rodrigues, Ioão Homem, Fernam Perez Dandrade, Vicente Pereira, e Rui Pereira, seguindo outros muiios tras elles, mas isto não foi sem grande resistencia dos imigos, porque na não avia seiscentos homens dos mais luzidos de toda a frota, que assi no entrar della, como depois, o fezeram a modo de bons cavalleiros, com tudo os nossos os tratarão de maneira que ou mortos, ou cativos, ou que se lançaram ao mar a nao foi de todo despejada. Acabado este negocio, dom Lourenço acodio a Nuno vaz pereira, que com a sua caravella fora aferrar a sota capitaina dos imigos, ficandolhe atravessada debaixo da proa, e com o arfar que fazia a caravela, cuidarão de se ir ao fundo, e com as setas, e lanças darremesso, que lançavão dos castellos davante se tinhão todos por mortos, do qual perigo os tirou dom Lourenço em chegando, porque logo abalroou a nao, e a entrou, e nam sem menos trabalho, do que se levou no entrar da capitaina, porque nella avia quinhentos homens luzidos, e acostumados a guerra, dos quaes mataram, e captivaram a mor parte outros se salvaram a nado. As naos dos mercadores, como virão estas duas desbaratadas, humas se acolherão aos portos de Calecut, e outras se fezerão ao mar pera seguirem viajem, pera as partes pera onde tinhão tomado carga, com tudo as outras naos, e paraos de guerra posto que vissem tão mao principio, nem por isso deixarão de cometer com muito animo a nossa armada, e com tanto impitu que nam avia navio dos nossos que não fosse cercado de dez, e quinze dos imigos, de que se defendiam com muito trabalho, porque elles vinham mui bem armados e traziam muita artelharia de bronço, e de ferro, com que tratavam muito mal os nossos, e hum dos capi-

tães que nesta peleja se achou em mor perigo, foi Ioão ferram, porque tiveram cercada a sua gale per bom espaço, mais de cincoenta paraos, de que se desfez com asaz trabalho, e com muitos dos seus feridos. Nesta revolta, e arroido de bombardas, e outros tiros darremesso, aferrarão quatro paraos grandes, o bargantim de Simam Martinz, e assi aferrados todos ficaram hum pouco afastados da nossa frota, e como os paraos erão altos, e o bargantim muito raso, os nossos se recolheram da coxia pera baixo da tolda do bargantim, os mais delles feridos. Despejada a coxia, os imigos entraram o bargantim, o que vendo Simão martinz, cansado como estava remeteo da tolda a elles, e os enxotou todos fora do bargantim, lançandosse huns ao mar, e outros aos paraos. Estes quatro paraos forão logo socorridos doutros quatro, e vendo Simão martinz o perigo em que estava, tomou hum barril desfundado, e na boca lhe atou huma pelle, com a qual parecia ser huma bombarda grossa, e o barril assi enfeitado assentou pera a banda donde estavam os mais paraos, contrafazendo que lhe queria poer fogo, o que vendo os imigos, com medo da bombarda contra feita, se alargarão todos, do qual perigo livre, Simam martinz se foi pera dom Lourenço, a quem ajudou a desbaratar sete paraos com que estava aos botes. Os outros capitães o fezerão todos tam bem, que a frota de Calecut foi desbaratada. Esta peleja durou todo aquelle dia, e parte da noite, por fazer luar muito claro em que morrerão dos imigos mais de tres mil, dos Portugueses morrerão seis, e alguns Malabares de Cochim, e foram muitos feridos, de huma, e da outra parte. Meteram os nossos no fundo muitos paraos, e dez naos das quaes huma hia carregada de Elephantes pera Cambaia, tomaram duas bandeiras del

Rei de Calecut, e nove naos em que algumas dellas que erão de mercadores, que não poderão escapar, se achou especiaria, e outras mercadorias de muito preço. Com esta vitoria, e despojo se tornou dom Lourenço a Cananor, onde foi recebido de Lourenço de brito, e dos Portugueses, e del Rei, com muita alegria de todo o povo da cidade, excepto dos Mouros, que ficaram mui atimorizados deste desbarato. No começo deste capitulo tenho dito como o Vicerei mandou seu filho dom Lourenço a ilha Danchediva a prover nas cousas que fossem necessarias a fortaleza, e gente que nella estava, onde esteve alguns dias o què sabido pelo Çabaio senhor de Goa, e a armada que o Çamorij fizera contra os nossos, e como dom Lourenço era partido Danchediva, onde nam podia tornar tam asinha, por caso darmada do Çamorij, nam quis perder a ocasiam do tempo: Pelo que no mesmo instante mandou sobella fortaleza Danchediva, huma armada de obra de sessenta navios de remo, da qual era capitam hum Portugues arrenegado, per nome Antonio Fernandez carpinteiro de naos, que se então chamava Abedella, que foi hum dos degradados que levara a Pedralvrez cabral, e deixara em Quiloa, donde viera ter a estas partes, per cujo conselho o Çabaio fez esta armada, prometendolhe que se tomasse a fortaleza Danchediva, lhe daria a Cintacorá. Nesta armada avia muita, e mui boa gente de guerra, a qual per espaço de quatro dias cometeo mui esforçadamente a fortaleza: mas Emanuel paçanha se defendeo de maneira, que os imigos vendo quam mal os tratavão tomarão por partido alevantar o cerco, e tornaremse pera Goa. A qual fortaleza vendo o Vicerei quam trabalhosa era de sostentar, por estar longe de Cochim, per conselho de todolos capitães, e pessoas de calidade, mandou dahi a pou-

cos dias dirribar, ao que ordenou que fosse dom Lourenço com a armada que trazia, pera que nella recolhesse a gente, e a trouxesse a Cochim, e assi ficou a ilha de Anchediva na mesma liberdade que dantes tinha, de ser commua a Christãos, Mouros, e Gentios.

CAPITULO XIII

Da vinda del Rei Phelipe a Castella, e da embaixada que lhe el Rei mandou per dom Diogo lobo baram Dalvito e da ida de Duarte galvão, e de Ioam sotil a Roma, e de como el Rei mandou fazer o Castello Real em Africa.

Nos negocios que se atras apontaram, neste anno de mil, e quinhentos, e seis, dos que tocam ao regno, os derradeiros, forão deixarmos a Rainha em Abrantes com sua casa afforrada, por caso da peste que avia quasi per todo o regno, de que se depois seguio grande fome, e carestia de todalas cousas e el Rei em Setuval, provendo no alevantamento, e uniam que em Lisboa fezera contra os Christãos novos, e em outras cousas do regno, Africa, e India, onde foi avisado per hum cavaleiro Portugues per nome Simão Tinoco, homem que servira muito tempo nas guerras o Emperador Maximiliano, e depois foi neste regno dos cavalleiros da guarda da camara del Rei, de como el Rei dom Phelipe era chegado e Chrunha em Galiza com huma grossa armada, com que partira de Zeland, e com elle a Rainha donna Ioanna sua mulher. O que sabido, por el Rei, pelo parentesco, e divido que an-

trelles todos avia, os mandou visitar per dom Diogo lobo barão Dalvito offerecendolhe sua amizade, e obras de bom parente, e amigo. Dom Diogo foi mui bem recebido destes dous Principes, e o despediram com lhe fazerem merces, e per suas cartas, e de palavra usaram muitos comprimentos com el Rei, offerecendosse tambem pera tudo o que lhe delles comprisse. E porque se saiba o ferventissimo, e grande desejo que el Rei teve em quanto viveo de fazer guerra aos infieis da nossa santa Fé catholica, allem do que ja atras no discurso desta Chronica tenho dito acerca deste negocio direi como neste anno de mil e quinhentos, e seis, mandou ao Papa Iulio segundo, Duarte galvam, do seu conselho, suplicando a sua Sanctidade, que per seu meo, e exortaçam fezesse tanto, que os Reis, e Principes Christãos ordenassem de fazer guerra ao Gram Turco, e ao Soldão de Babilonia, pera se cobrar a casa Santa de Hierusalem, pera o que elle offerecia sua pessoa, e regno, com toda a armada a que seu estado podesse abranjer. Mas o trabalho que el Rei pelo discurso de toda sua vida tomou sobresta santa empresa, aproveitou pouco, pera se os Papas, nem Reis, e Principes Christãos moverem a fazer hum tão necessario caminho, e tão proveitoso a toda a Christandade. Ao qual negocio estando ainda Duarte Galvam em Roma, mandou tambem Ioão sotil seu capellam, que depois foi Bispo de çafim. E neste mesmo anno mandou fazer o Castello, a que poseram nome Real, defronte da ilha do Mogador, que he pegada com terra firme, obra de cinco legoas, do qual negocio encarregou Diogo dazembuja, que o edificou com muito trabalho pelo grande numero de mouros que se ajuntou pera lhe defender esta obra.

CAPITULO XIV

De como el Rei mandou catorze naos a India repartidas em quatro capitanias, e da morte de Vasco Gomes dabreu.

No anno de mil, e quinhentos, e sete, em que agora entramos nam socedeo neste regno cousa que de contar seja ate o mes Dabril, em que partiram pera India catorze naos repartidas em quatro capitanias, de que os capitães erão George de Mello Pereira capitão da nao Bethelem a mor nao que ate aquelle tempo fora a India, e hia com elle Henrique Nunez de Liam, o outro capitão era Phelipe de Castro, e com elle George de Castro seu irmão: o terceiro era Fernam Soares, debaixo de cuja capitania hião Rui da Cunha, Gonçalo Carneiro, e Ioão Colaço, os quaes tres capitães em se acabando da perceber, cada hum delles partio logo de maneira que antes de meado Abril, estas tres armadas que eram todas de naos grossas partiram perá India. O quarto capitão era Vasco Gomes Dabreu que fora na armada do Vicerei, por capitão de huma nao, e agora depois de tornado ao regno o mandava el Rei por capitão de Çofala, por ja ter sabido da morte de Pero Danhaia, e assim para fazer huma fortaleza em Moçambique, que avia de ficar debaixo da sua capitania, como alcaide mor; os capitães da sua armada erão Lopo Cabral, em cuja nao elle hia, Rui Gonçalvez Valadares, Pero Lourenço, e Ioão Chanoca, os quaes quatro capitães aviam de guardar a costa desde Çofala ate Melinde, segundo a ordem que lhes pera sso desse, e elle avia de ficar na fortaleza de Ço-

fala, e Moçambique. Levava mais o dito Vasco Gomes Dabreu debaixo de sua capitania, Martim Coelho, e Diogo de Mello, os quaes el Rei mandava pera andarem darmada na India tres annos, onde o Vicerei ordenasse. Com estas seis naos se partio Vasco Gomez Dabreu do porto de Lisboa huma terça feira, aos vinte dias do mesmo mes Dabril, e sendo na costa de Guine, a caravella de Ioão Chanoca que por ser navio pequeno, e bom de vela, levava o forol, se perdeo por ma vigia huma noite no rio Senega. Os outros navios se salvaram, porque nam vendo o forol que levava a caravella, nam por parecer aos da frota que era perdida, senão que se adiantara muito por ser muito ligeira cada hum começou a fazer sua vigia, e quis Deos que sentiram no rolo do mar que erão perto de terra, pelo que logo surgiram, e estiveram assi ate o outro dia, que se soube que era perdida. E por a gente deste regno de Gelofo ser roim não ousou o capitam de mandar ninguem a terra, e se foi a Angra de Bezeguiche a fazer agoada, onde achou todolos da caravela, salvo o capitão, e escrivão, e quinze homens outros que os da terra retiverão por mandado del Rei, que então estava naquella parte de seu regno, os quaes sobre roubados, ouve per resgate com assaz trabalho. E porque tudo o de mais que toca a esta armada, em comparação doutras cousas que no mesmo tempo aconteceram na India, sam todas de pouca substancia, por não quebrar o fio as outras, depois que começar a entrar nellas procederei no conto desta, ate o falecimento de Vasco Gomez Dabreu, o qual partido de Bezeguiche, chegou ao porto de Çofala, aos oito dias de Septembro, onde achou Nuno Vaz Pereira, que como atras fica dito, alli mandara por capitão o Vicerei, per morte de Pero Danhaia, o qual lhe entregou logo a fortaleza, e se

foi pera Moçambique no navio de Rui Gonçalvez de Valadares, em companhia de Diogo de Mello, e de Martim Coelho, que partiram de Çofala a dezanove dias do dito mes, e indo com calmarias a re das ilhas primeiras, dez ou doze legoas, aos cinco dias do mes Doutubro se encontraram com George de Mello Pereira que lhes contou, como fora ter ao cabo de Santo Agostinho, e sem o poder dobrar fora tomar o cabo do Monte em Guiné, sem ver nenhuma nao das que aquelle anno partiram do regno, e por George de Mello trazer muitos doentes, e ter necessidade de agoa, e refresco mandarão o seu piloto, e o de Martim Coelho nos seus bateis, a hum rio que estava defronte delles, os quaes depois de saidos das naos, começou a ventar ponente, que era bom pera ir a Moçambique, pelo que pareceo bem que George de Mello se partisse logo pera la, pola necessidade que tinha, e com elle Diogo de Mello, e Rui Gonçalvez de Valadares, e que Martim Coelho ficasse sperando polos bateis, mas por o tempo ser contrairo pera sairem do rio, elle se fez a vela caminho de Moçambique, onde chegou aos xxiiij. dias Doutubro, e achou dentro no porto George de Mello, Diogo de Mello, Rui Gonçalvez de Valadares, e Anrique Nunes de Liam que era da capitania de George de Mello, e assi souberam que nenhuma das outras naos que partiram do regno eram passadas perá India ao outro dia da chegada de Martim Coelho, chegou o batel da nao de George de Mello, e nelle a gente que fora no de Martim Coelho que se perdera. Daqui se partirão perá India Diogo de Mello, e Martim Coelho aos xviij dias do mes de Novembro, e por acharem ventos contrairos se tornarão das ilhas de Malvane a Moçambique, onde arribarão aos seis dias do mes de Novembro, sem ate então serem chegadas outras ne-

nhumas naos das que partirão do regno, que as que ja dixe. Alli invernaram todos, onde depois chegarão as outras naos que faltavam destas frotas, e porque na India se soubesse que eram alli chegadas, por não ser passada nenhuma nao ordenaram de mandar com recado ao Vicerei, Rui Soarez commendador de Rodes, da criação de dom Diogo Dalmeida Priol do Cratro, que alli ficara da armada de Tristam da Cunha, sperando pelo navio de Pero Coresma, pera se ir nelle em busca de Afonso Dalbuquerque, como o el Rei mandava, o qual a vinte legoas de Moçambique topou a nao de Ioão Gomes Dabreu, que se apartou da armada de Tristam da Cunha, como se ao diante dira, de que por Ioão Gomes ser morto deu Rui Soarez a capitania a George Botelho de Pombal, que levava no seu navio e ambos invernaram em Lemo, onde estiverão sete meses ancorados na costa brava, padecendo muita fome, donde se partio pera India, e a nao em que hia George Botelho se perdeo em huma angra junto de Pate, e a gente se salvou em huma caravella, de que era capitam, Emanuel Alvarez moço da camara del Rei que estava em Melinde, e se então achou em sua companhia, e no mesmo caminho no golfam que atravessa pera a Indla pelejou o comendador Rui Soarez com huma nao de Meca, em que hiam bem quinhentos mouros, de que se desfez com muito grande trabalho, e se desaferrarão da nao com alguns dos Mouros que os tinham entrados os quaes mataram todos, e deste modo passou Rui Soarez a India. Partidos Diogo de Mello, e Martim Coelho de Moçambique, como arriba fica dito chegou ahi Duarte de Mello, que Vasco Gomes Dabreu mandava de Çofala pera fazer a fortaleza, de que elle avia de ser alcaide mor, e feitor, o qual depois de ter mandado Duarte de Mello, deixando por capitão da fortaleza

de Çofala Rui de Brito Patalim, que servia de alcaide mor se partio com outros dous capitães pera Moçambique, pera por mor diligencia, na obra da fortaleza, e a fazer a sua vontade, os quaes todos tres se perderão mas em que parajem, nem como nam se pode nunca saber, se não que a praia de Quiloa foi ter hum masto, que se conheceo ser o da nao de Vasco Gomes Dabreu. Esta nova veo ter a Moçambique, aos treze dias do mes de Março, de mil, e quinhentos, e oito depois de Diogo de Mello, e Martim coelho serem partidos pera o cabo de Guardafum, e os tres capitaens George de Mello, Phelipe de Castro, e Fernam Soarez pera a India meado o mes Dagosto, deixando a fortaleza feita ate o segundo sobrado, e huma Igreja da invocaçam de São Gabriel, com huma casa grande pera Sprital, os quais tres capitães, sem Anrique Nunez de Lião, que de Moçambique tornou pera o regno como se adiante dira, chegarão a Cochim sem passarem temporal nenhum, onde acharam o Vicerei que com sua vinda foi mui alegre, assi por virem todos a salvamento, como pela necessidade delles então tinha, por caso da armada que fazia para ir buscar os Rumes, como se ao diante em seu lugar dira.

CAPITULO XV

Da causa porque se azou a guerra que el Rei de Cananor fez aos que estavam na fortaleza.

Atras fica dito no anno de mil, e quinhentos, e seis, como Tristam da Cunha partio do regno por capitão de huma armada, da qual nenhuma nao passou a India, do que os mouros de todo Malabar andavam muito alegres, e davam a entender el Rei de Calecut por suas feitiçarias, que naquelle anno avia daver huma grande vitoria dos nossos. O que sabendo o Vicerei por via del Rei de Cochim, determinou de lhes dar aconhecer, que posto que a armada de Portugal nam viesse, podia fazer guerra aos mouros, e Çamorij de Calecut. Pelo que mandou logo fazer prestes em Cochim duas armadas, huma em guarda das naos de Cochim que hião a Choromandel de duas gales, e duas naos, e hum parao, de que deu a capitania a Emanuel Paçanha, que fora capitão da fortaleza Danchediva da outra armada que mandou em guarda da costa do Malabar, que era de onze velas deu a capitania a dom Lourenço seu filho, os outros capitães eram Rodrigo Rabello, Phelipe Rodriguez, Fernão Bermudez, Lucas Dafonseca, Antão Val, Gonçalo de Paiva, Gonçalo Vas de Goes, João Serrão, Diogo Pirez, e Simão Martinz. Prestes esta frota partio dom Lourenço levando em sua companhia as naos de mercadores de Cochim que hião para Chaul, e Dabul, e outras partes, e por a nao de Gonçalo Vaz de Goes nam ir provida de mantimentos, ficou em Cananor, tomando o que lhe era necessario, o que feito se partio em

busca de dom Lourenço, e sendo na parajem do monte Deli, alcançou huma nao de mouros, que hia de Cananor com seguro de Lourenço de Brito, e por alguns indicios que achou desta nao levar fazenda de mercadores de Calecut, e que o seguro era avido falsamente, ou per cobiça da fazenda que levavão, ou por vingança dos mouros, os mandou coser todos na vela, e com a nao depois de roubada, os meteo no fundo, crueza demasiada, pera o pequeno erro em que achou estes miseros, dos quaes sobejava a execuçam no ceptiveiro de suas pessoas, e perda de suas proprias fazendas, posto que imigos fossem, e fosse falso o salvo conduto que traziam, o que se depois achou não ser: Pelo qual erro o Vicerei lhe tirou a nao e lhe teve sempre má vontade. Neste tempo era ja falecido o Rei de Cananor nosso amigo, e regnava outro que fora feito com favor del Rei de Calecut, e por este respeito favorecia muito os mouros e pouco a nos outros desejando por gratificar ao Çamorij o beneficio que delle recebera nos lançar fora daquella cidade e tomar a fortaleza per manha, ou por força, e pera isto se poer em obra lhe deu mor ocasião a nao que Gonçalo Vaz de Goes meteo no fundo, porque entre os corpos mortos que o mar lançou na praia, perto de Cananor, afora outros que forão conhecidos, se achou por sinais certos ser hum delles o capitão, sobrinho do Mamele, hum dos mais ricos, e honrados mouros de todo o Malabar, que vivia em Cananor. Este como sobe da morte do sobrinho, e certeza da sua nao ser metida no fundo em que perdera muita fazenda, o que dava gram sospeita ser feito per Gonçalo Vaz de Goes, por elle sair de Cananor na esteira da nao, se foi logo com outros mouros da terra que alli perderão tambem seus parentes, amigos, e fazenda, com grandes plantos, e gritos aqueixar a

Lourenço de Brito dizendolhe que os tinha enganados com o salvo conduto que lhes dera, que se fora bom Gonçalo Vaz o guardara, e não fezera o que fez, e sem delle querer tomar disculpa, se foi logo dalli a el Rei de Cananor, com toda aquella companhia, e outras mais de molheres, filhos, parentes, e amigos dos que matarão na nao aqueixarse do caso, e pedirlhe justiça: Do que movido, e com a má vontade que nos ja tinha lhe deu licença, que per qualquer modo que quisessem, e podessem, tomassem vingança, e se satisfizessem da perda que tinhão recebida. Mamele como lhe el Rei deu esta licença, por suas cartas tratou com os Mouros de Calecut sobre o modo que teriam na execução deste negocio, os quaes deram logo disso conta o Çamorij, que per seus mesageiros se mandou logo offerecer a el Rei de Cananor, pera juntamente com elle nos fazer a guerra, e lançar fora do Malabar. Como el Rei de Cananor teve este recado, com a mor dissimulaçam que pode dizendo que o fazia para segurança dos moradores da cidade, e fortaleza, mandou abrir huma cava, que atravessava de mar a mar, entre a cidade, e hum poço dagoa, que estava hum tiro de pedra da fortaleza, donde os nossos bebiam, sem deixar mais servintia pera o poço, que hum caminho muito estreito, sem disso dar conta nenhuma a Lourenço de Brito, nem o soubera tam cedo se não fora avisado per via do Principe de Cananor, e hum seu tio, que erão grandes seus smigos, da guerra que lhe el Rei de Cananor, e Calecut queriam fazer, dizendolhe, que o caminho que ficava da cava pera o poço, era para se delle defender a agoa aos nossos, diante do qual se avião de fazer estancias, pera nellas se poer artelharia, e que el Rei de Calecut tinha mandado a el Rei de Cananor secretamente antre outras munições de

guerra vintaquatro peças dartelharia, e prometido de o ajudar em toda aquella guerra com xxx. mil homens a sua custa. Lourenço de Brito mandou os agradecimentos ao Principe de Cananor, e a seu tio, e algumas peças em presente, defendendo logo aos nossos que não fossem a cidade se não com sua licença, e avisou com muita diligencia o Vicerei, que neste tempo andava ocupado na execuçam da sentença que dera o ouvidor contra os capitães que aconselharão seu filho dom Lourenço quando foi correr a costa do Malabar, que não entrasse no porto de Dabul a pelejar com Maimane capitão del Rei de Calecut que alli estava com huma armada, e por este respeito roubou: e queimou algumas naos de Cochim, que estavão no mesmo porto, e matou os mais dos homens que nellas hiam. Pela qual razão, e por dom Lourenço apresentar os votos dos capitães que lhe tal aconselharam, assinados de suas mãos, e lhe seu pai ter dado per regimento, que nenhuma cousa fezesse sem o parecer delles todos, tirou aos que tal conselho deram, as capitanias, por virtude da sentença, na qual sairão tambem condenados a irem presos a Portugal, dar razam de suas culpas diante del Rei, e dom Lourenço foi asolto pela mesma sentença. Mas vendo o Vicerei a necessidade que avia de socorrer a fortaleza de Cananor, dilatou a sentença, e estes, com outros capitães, e muitos fidalgos e gente nobre fez logo prestes, e os mandou com dom Lourenço, o qual chegado a fortaleza de Cananor, cuidando Lourenço de Brito que hia para ficar nella, por Soverano lhe dixe, que pois elle vinha para a defender, que sua estada era alli por demais, que se queria ir para Cochim. Dom Lourenço lhe mostrou as instruçoens que trazia de seu pai, em que mandava, que em tudo lhe obedecesse, e vendo que

se carregava com elle lhe deixou muitos mantimentos, e toda a gente que trazia de guerra com a qual ficarião na fortaleza quatro centos soldados Portugueses, e alguns malabares, e se tornou para Cochim, onde deu conta a seu pai do que passara e de como ficava a fortrleza provida de maneira que se poderia bem defender todo o inverno contra os Reis de Calecut, e Cananor.

CAPITULO XVI

De como el Rei de Cananor combateo a fortaleza, e foi desbaratado.

LOURENÇO de Brito como foi certificado da guerra, e vio quam descubertamente el Rei de Cananor mandara fazer a cava dentre poço, e a cidade, receose que lhe faltasse a agoa, porque nam tinha outra nenhuma senam aquella para beberem, mandou fazer huma tranqueira junto do poço, antre elle, e a fortaleza, que tomava tambem de mar a mar : e nella huma servintia pera o poço com ponte levadiça, na qual servintia, e per toda a tranqueira mandou fazer bastilhões de terra e nelles poer artilharia, do que el Rei de Cananor vio, e conheceo bem que Lourenço de Brito era ja avisado de sua determinação. Pelo que com a mor pressa que pode, junta sua gente com a del Rei de Calecut, que seriam mais de quarenta mil naires, e mouros, aos xxvij dias de Abril, mandou aos capitaens que dessem vista a fortaleza, pera que com tanta soma de gente posessem espanto aos de dentro, parecendolhe que secretamente deixarião a fortaleza, e se iriam pera Cochim, pos-

to que fosse inverno, ou lha entregariam a partido, as quaes vistas foram tantas, e taes em defenderem o poço, e cometerem a tranqueira, que tinham os nossos muito trabalho em se defender, e muito mor em irem tomar agoa, porque sobre esta se matavam muitos de huma parte, e da outra. O que durando, per conselho de hum Thomas Fernandez, que na India era mestre das obras del Rei, e fezera todalas fortalezas que la tinhamos, ordenou o capitaõ de fazer huma mina, que fosse da fortaleza dar no poço: a qual se fez com tanto tento, que nunca os Indios o sintirão. E porque de cima nam lançassem peçonha no poço, ou o intupissem, mandou fazer hum pouco acima da boca da mina hum sobrado de traves de palmeiras muito grossas, humas encruzadas, e encaixadas sobelas outras, e pola banda de cima mandou intupir o que estava vão do poço, com rama, sobre que mandou arrunhar a terra da boca do poço, de maneira que per nenhum modo podião ja os imigos abrir, o que era arrunhado, nem defender a servintia do poço. El Rei de Cananor como soube o que passava, vendo que só no combate da tranqueira nos podia empecer, e mandava cometer a meude, em que morrião de huma, e da outra parte, porque os nossos as mais das vezes (posto que contra vontade de Lourenço de Brito) sahiam a elles. Mas vendo el Rei que não podia por este modo vir ao fim de seus desejos per conselho de Mouros, homens experimentados na guerra, determinou de a cometer, levando diante da gente muitas sacas cheas de lãa, e de cairo ate chegar a ella. E no tempo que se esta obra fazia, mandou afastar o arraial contra a parte da cidade o que vendo Lourenço de Brito, e que el Rei nam dava licença a gente de guerra, mas antes a tinha toda ao redor da cidade, desejou muito de aver lingoa pe-

ra se informar do que passava, ao que se lhe offereceo hum carpinteiro da fortaleza, pera o que logo fez hum cepo que armou fora da tranqueira defronte da porta. O que acabado Lourenço de Brito mandou a quarenta espingardeiros que fezessem mostra dencaminhar perá cidade ate que os vissem os imigos, os quaes logo sairam a elles, que depois de resistirem hum pouco, como de vencida se começaram a retirar contra a tranqueira, do que os imigos tomando ousadia, os seguião com mor esforço, dos quaes cahio o capitão que hia diante no cepo: o que vendo os nossos voltaram sobelos imigos, e com outros que sairam da tranqueira os foram seguindo ate meo caminho da cidade, donde se tornaram, com deixarem alguns mortos, e feridos. Lourenço de Brito mandou logo levar o Naire que caira no cepo perante si, e delle soube a determinação del Rei, o que tambem dahi a poucos dias soube per hum Naire criado do Principe de Cananor, que mandou de noite a fortaleza com duas almadias carregadas de galinhas, figos, cocos, e outros refrescos, o qual Lourenço de Brito despedio secretamente com os agardecimentos, mandando per elle ao Principe hum presente de peças douro, e prata, porque allem de lho elle bem merecer o tempo o requeria assi. Feitas as sacas, teve el Rei de Cananor conselho sobelo modo que teria no combate, e continuação de guerra que queria fazer, no que ouve varios pareceres, entre os quaes foi o do Principe, e de seu tio, e outros senhores que no mesmo conselho dixeram a el Rei, que o bom seria abrir mão desta guerra, e se tornar a reconciliar com Lourenço de Brito, porque o fim della avia de ser com o pago que sempre ate alli os nossos derão a quem lha fezera: Mas el Rei mais inclinado ao parecer dos mouros, e confiado no favor, e ajuda del Rei

de Calecut, ficou em sua opiniam, mandando a todolos capitaens que fezessem logo casas, e estancias de madeira, terra, e ola de longo da cava, porque sua tençam era não se ir dalli, ate não tomar a fortaleza: o que tudo feito com muita diligencia se ordenou o combate, pera o qual trazia diante de si todas aquellas sacas, daltura de mais de hum homem cada huma, e de vara, e mea de largo, e tras ellas sua artilharia assentada em carretas, e apos ella os espingardeiros, frecheiros, e outra gente de guerra, com o qual aparato vieram cometer a tranqueira a horas de vespera, sem os nossos per aquella vez poderem fazer mais que deffenderse, porque os tiros dartelharia embaçavão nas sacas do que os imigos como vitoriosos davam muitas gritas, tendo ja o negocio por acabado, no que estiverão ate noite, a qual Lourenço de Brito teve conselho sobelo que se avia de fazer ao outro dia, se os imigos tornassem ao combate, e receoso que juntamente com a tranqueira cometessem a ponta de terra firme, onde estava a feitoria, e povoação dos Portugueses, mandou aos capitaens daquellas estancias, que per modo nenhum as deixassem, e estivessem sempre nellas com toda sua gente prestes, e dellas se não partissem senão mandandoos elle chamar. Ao outro dia pela manhãa tornarão os imigos a cometer a tranqueira, na mesma ordem com suas sacas, e tras ellas muita rama, e homens com pas, e enxadas pera entupirem a cava, Lourenço de Brito mandou desparar a artelharia, mas a sacas eram tam calcadas de lã, e cairo, que posto que algumas peças fossem Spheras e camellos nam faziam nellas nenhuma mosa, do que os nossos ficavão mui tristes, e os imigos alegres, dando muitas gritas a som de atabales, e trombetas como homens que cuidavam ter ja acabado o a que vieram. Nesta pressa veo a

memoria a Lourenço de Brito, que estava na fortaleza hum tiro mais grosso, e mais furioso que as Spheras, e camellos, a que chamão Serpe, pela qual mandou logo, e em tão boa ora lhe pos o condestabre Rutgerte Geldres o fogo, que levou huma das sacas em pedaços no ar ao que os nossos deram huma grande grita, louvando a Deos pela merce que lhes fezera de maneira que com este tiro lhe desmanchou o condestabre tantas das sacas que teve a outra artelharia lugar pera dar nos imigos, em que fez tamanho estrago, que tomaram por partido alargarse da tranqueira, com deixarem muitos mortos no campo. Este Rutgerte Geldres conheci eu na cidade de Anvers, onde era casado, homem nobre, e vivia junto da casa da feitoria, e consulado da nossa naçam, e era homem bem pratico nas cousas da India, e foi na tomada de Goa, e Malaca com Afonso Dalbuquerque, e em os mais dos feitos notaveis que se em seu tempo la fezerão, do que quis aqui fazer breve mençam pelo elle merecer. Deuse este combate desne pela manhã ate o meo dia, a qual hora os imigos se recolherão pera suas estancias, ficando os nossos dando muitas graças a Deos pola grande merce que lhes fezera. Lourenço de Brito desejava muito de dar no arraial, mas parecendolhe isto impossivel se não fosse com mais gente da que tinha não ousava de se aventurar a negocio, o que sabendo o alcaide mor dalcunha Guadelejara castelhano, lhe dixe que elle o faria alevantar, se lhe desse licença pera de noite sair da fortaleza com cento, e cincoenta homens escolhidos, os quaes lhe logo deu. Com esta gente de que os principaes eram, Rui Pereira, Fernam Perez Dandrade, Simão Dandrade seu irmam, Vicente Pereira, Diogo Pereira, Rui de Sampaio, Francisco Pantoja, Pero Teixeira, Francisco de Miranda, George Fogaça, An-

tonio Paçanha o bastardo, Alvaro de Brito, Antonio Raposo, Pero Fernandes Tinoco, Gonçalo Vaz de Goes, Gil Casado, e Ioão Gomes Cheira Dinheiro, sahio o alcaide mor da fortaleza, e quis nosso Senhor dar a noite escura, e de chuva, pera mĩlhor fazer o a que hia, e sem ser sentido chegou ao arraial dos imigos a que pos tamanho espanto, por ser na vegia da modorra, e com tal tempo, e elles estarem muito descuidados de cuidarem que os nossos, por serem tam poucos, ousassem de sair a elles, que os pos todos em fugida, e com deixar muitos feridos, e mais de trezentos mortos se tornou pera fortaleza com alguns captivos, donde em amanhecendo mandou Lourenço de Brito, sair a gente a roubar o campo, em que acharam sete peças dartelharia grossa, e outra meuda com muito despojo, o que tudo recolheram sem acharem quem a isso resistisse, dando graças a Deos pela merce que lhes fezera.

CAPITULO XVII

Da grande fome que os nossos padeceram por caso de arder a feitoria, e casas que estavam na ponta com muitos mantimentos, e da vitoria que ouveram dos imigos, e como el Rei de Cananor cometeo paz, e se fez.

FORA da fortaleza, na ponta que a terra faz ao mar, como ja dixe, estava a casa da feitoria e algumas outras, onde moravam Portugueses, e tinham suas fazendas. Nesta casa da feitoria, perdescuido de hum moço, do feitor Lopo Cabreira, deixar huma candea acesa denoite, se ateou o fogo, e desta nas outras, que por serem dola, arderam todas com muitas mercadorias, e mantimentos, principalmente na feitoria. Mas a perda que se por então mais sentio, foi a dos mantimentos, porque nam tam sómente ficavão certos de padecerem a fome que depois passaram, mas muito mais certos, de lhe não poder vir de nenhuma parte ate o fim do mes Dagosto em que la começa o Veram, e se pode navegar: com tudo no almazem da fortaleza ficaram alguns (posto que poucos) o que Lourenço de Brito encobria por lhe a gente baixa, e escravos nam fugirem pera os imigos, e darem aviso do que passava, e por este respeito dezia que pera tudo avia abastança: mas esta como a gente era muita em comparação da pouquidade dos mantimentos, começou de faltar tanto, que os homens comiam gatos, ratos, e cães, com todo outro genero de imundicia, ate virem a comer lagartos novos dagoa. Vendosse Lourenço de Brito neste trabalho determinou de mandar hum seu sobrinho fora

da tranqueira, pera tomar lingoa, ou algum mantimento, se per desastre o podesse aver, e com elle entre outras pessoas, que seriam ate trinta, foram Fernam Perez Dandrade, Pero Fernandez Tinoco, Francisco Serram, Gonçalo Vaz de Goes, os quaes os imigos tratarão de maneira, que o sobrinho de Lourenço de Brito se começou de recolher pera a tranqueira, com huma cutilada de travez per cima dos narizes, tamanha que o rosto lhe ficou dependurado sobelos peitos, e em se recolhendo com todolos que com elle foram o deceparam, de modo que se da fortaleza lhe nam acudirão o levarão os imigos preso, porque o tinham antre as mãos, pera o mandarem a cidade, cuidando que era Lourenço de Brito, polas armas que trazia, e o primeiro que a elle chegou dos que acudiram, e o tirou das mãos dos imigos, foi hum mancebo do Algarve, de xxv annos, per nome Ioão Gregorio. Finalmente que assi os que sairam a fazer a cavalgada, como os que acudiram da fortaleza, foram constrangidos se recolher mal a seu grado, muitos delles feridos entre os quaes foram o sobrinho do Capitam Lourenço de Brito, Fernam Perez Dandrade, e Pero Fernandez Tinoco, morrerão quatro, de que hum foi Gonçalo Vaz de Goes. Depois deste desastre soube el Rei de Cananor por escravos que fugiram da fortaleza, a grande fome que nella avia, pelo que persuadido que com qualquer anegaça de comer os farião sair da tranqueira, mandou alguns dos seus que se possessem em cilada, e lançassem diante duas vacas, as quaes em os nossos vendo, com a raiva da fome, pela porta da tranqueira e per cima della, sem o Lourenço de Brito saber se lançaram a ellas, ao que os imigos acodiram, e se travou huma brava peieja, com tudo os nossos levaram as vacas, de que os imigos ficaram

mui injuriados, por serem entrelles as vacas tidas por cousa sagrada, e em grande veneraçam, e por este respeito, como ja dixe, as nam comem, com tudo aos nossos vieram a preposito, e bem quiserão que lhe lançaram cada dia outras taes ciladas. Mas como Deos nunca desampara os seus, parece que milagrosamente começou o mar em dia de nossa Senhora Dagosto, a fazer hum grande marulho, contra a ponta, o qual lançou na praia huma grande cantidade de lagostas, de que os nossos se mantiveram alguns dias, e foi tanto o gosto dellas, que os doentes que avia entrelles, sararam com esta maná que lhe Deos mandou. Isto era ja em fim do inverno, e porque não podião tardar muito naos de Portugal, e sabiam os mouros de Cochim nam podia faltar socorro per todo aquelle mes, fezerão com el Rei de Cananor que desse combate a fortaleza, e tranqueira per mar, e per terra, pera o que armaram muitos paraos, e tones, e fezeram dous castellos de madeira muito mores que os com que el Rei de Calecut cometeo Duarte Pacheco: do que Lourenço de Brito foi avisado pelo Principe de Cananor, mandandolhe dizer, que da banda do mar se fortificasse bem, que pera alli avia de ser a força do combate. Prestes a armada dos imigos, em que averia per mar, e per terra mais de cincoenta mil Naires e Mouros, e muitos tones, e paraos, bem artilhados, e delles em jangadas com suas arrombadas fortes, e bem feitas hum dia pela manhã vieram, com grandes gritas, a som de instrumentos de guerra cometer a tranqueira, e no mesmo instante a frota que estava na baia abalou contra a ponta, seguindo detras de toda a fustalha os dous castellos bem artilhados, e em cada hum delles mais de noventa homens espingardeiros, frecheiros, e bombardeiros. Lourenço de Brito como

teve o recado do Principe de Cananor fezesse prestes pera receber esta companhia, não com iguarias delicadas, das quaes não tinha nenhumas, senão com polvora, e pilouros de bombardas de que estava milhor provido, que de mantimentos, e sobre tudo confiado na boa gente que consigo tinha a que nam faltou o animo pera se defender de huma tamanha multidão de imigos posto que cometessem a tranqueira com muito esforço, e per muitas vezes, mas foram tambem hospedados, que tomarão por partido depois de verem diante si muitos mortos, e feridos desistir do combate, e tornarse perá cidade, o que os que foram per mar, por nam fazerem enveja a estes, depois de lhe a nossa artelharia ter arrombados muitos navios, e desbaratados os dous castellos, e mortos, e feridos muitos delles, foram tambem constrangidos fazer o mesmo. Esta peleja durou desne pela manhãa ate quasi sol posto, e foi mui brava, e bem pelejada da huma, e da outra parte, na qual não morreo nenhum dos nossos, posto que fossem muitos feridos, e parece, que antreveo aqui algum misterio, porque depois desta guerra acabada, perguntavam os Indios, e Mouros aos nossos por hum homem muito alto de corpo, e bem armado, que andava diante de todos, com huma espada dambalas mãos, com a qual matara os mais dos que da sua parte naquelle cerco pareceram, e porque entre elles não avia homem de taes sinaes o tiveram por milagre. Ao outro dia, que era huma sesta feira Lourenço de Brito mandou trazer a artelharia grossa a tranqueira, e dalli mandou varejar a cidade, com que allem do danno que se fez nas casas derribaram hum grande lanço da mesquita dos Mouros onde elles por ser o seu Domingo, então estavam fazendo suas orações, dos quaes morreram alguns debaixo da parede que cahio. Foi tamanho o

medo na cidade neste dia, que muitos a despejarão, e os principaes della se foram a el Rei requerendolhe que fezesse paz com os Portugueses, se nam que se iriam todos pera o sertão. Estando os negocios neste termo, chegou Tristão da Cunha a Cananor, aos vinte, e sete dias do mes Dagosto deste anno de M. D. vij. com cuja vinda, e com os dannos que el Rei tinha recebidos, e lhe terem requerido os principaes da cidade que fezesse paz, a mandou pedir a Lourenço de Brito, a qual lhe concedeo, com o conselho e parecer de Tristam da Cunha, do que se fezeram capitulaçoens, reservando ao Vicerei querer estar por ellas e que em quanto nam viesse recado seu ouvesse antre el Rei, e os nossos tregoas. As quaes capitulações Tristão da Cunha levou consigo, o Vicerei as ouve por boas, e asseladas, e assinadas de sua mão, as tornou a Lourenço de Brito do que todolos do regno de Cananor foram mui alegres.

CAPITULO XVIII

Do sitio, e antiguidade da cidade de Çafim, e de como se ganhou aos mouros.

Çafim a que os mouros chamam Azaafi, he cidade muito antigua antrelles, edificada pelos naturais da terra, segundo o dizem os Scriptores Arabios, situada na costa do mar Oceano Atlantico, na provincia a que nos corruptamente chamamos Daduecala. Antes que a ganhassemos senhoreava muitas aldeas, e aduares, e então era de passante de quatro mil fogos, allem de quatro centas casas que nella avia de Iudeus: era de muito trato, de ouro, prata, mel, cera, manteiga, pannos, courama, e outras mercadorias que alli traziam mercadores Christãos, e mouros, per mar, e per terra. Os do termo sam homens rudos, e grossos dengenho, pouco dados a trabalho, nem a lavrar, sendo a terra muito boa, e muito fertil de tudo o que se nella poem, ou semea. Algum tempo antes que fosse nossa, era sogeita a el Rei de Marrocos, mas depois se alevantou nella huma familia de gente nobre, e poderosa, chamada dalcunha Farhom, de que per sucessam de tempo veo ser Senhor, e tyranno hum destes, per nome Abdear Rahmão muito esforçado, e valente homem, o qual matou hum seu tio, que se chamava Amedux, que era cabeceira, assi da familia, como da cidade, e comarca, o que tudo regia absolutamente. Depois da morte deste Amedux o omicida Abderar Rahmam com dadivas promessas, e bom modo de negociar, que teve com os da cidade, e termo, ficou senhor pacifico de tudo, e regeo, e re-

gnou, per hum bom espaço de tempo. Tinha este Abdear Rahmão huma filha muito gentil molhər com quem per consentimento da mãi, conversava, hum mouro mancebo, e de bom parecer, per nome Aliadux filho de Guisimem, homens, que posto que nam fossem tam nobres como Abdear Rahmam eram com tudo de huma das boas familias da cidade, poderosos, e de muitos parentes. Abdear Rahmão sendo certo deste negocio, determinou de matar o adultero, do que a mesma molher, e filha tendo suspeita, avisaram o mancebo, que como isto soube, deu conta do negocio a outro mancebo seu amigo, per nome Iheabentafuf bom cavalleiro, e muito aparentado, os quaes assentaram de matarem Abdear Rahmão em qualquer lugar ou tempo que pera isso achassem oportuno, o qual em hum dia de festa solemne antrelles, mandou dizer a Haliadux, que queria ir fazer oraçam a mesquita, donde se iria esparecer ate hum certo lugar, que lhe rogava que cavalgasse, pera irem ambos falando em hum negocio que lhe muito relevava. Deste recado vio bem Aliadux que se lhe chegava a hora de morrer, ou matar, e na mesma pos em obra o que tinha determinado, mandando logo chamar Iheabentafuf, os quaes com dez outros seus parentes, e familiares, que eram participantes na conjuraçam, se foram a mesquita, que por ser dia de festa solemne estava chea de gente, per meo da qual, como pessoas principaes chegaram dissimuladamente ao lugar onde Abdear Rahmão estava junto com o sacerdote, e passando Iheabentafuf adiante delle, Haliadux lhe deu huma punhalada pelas costas, a que o companheiro Iheabentafuf acodio com hum golpe despada de que Abdear Rahmão cahio morto, ao que logo acodirão os da sua guarda. Mas vendo que os outros, dez dos conjurados, arrancavam das espadas,

e se descobrião pelos homecidas, cuidando que era conjuraçam do povo, se sairam da mesquita, o que tambem fezerão todolos que nella estavam nam ficando mais que os doze da conjuraçam, os quaes vendo a mesquita despejada, se foram a praça ja acompanhados de muitos parentes, e amigos seus, onde em alta voz dixe Haliadux que elle matara o tiranno Abdear Rahmam, porque lhe elle quisera fazer o mesmo, de maneira que elles se nam sairam da cidade mas antes forão elegidos ambos por regedores della. Nesta revolta da morte de Abdear Rahmão que foi no fim do anno de mil, e quinhentos, e seis, tiverão tempo treze Castelhanos, que estavam captivos em Çafim, de se acolherem em huma Zaura ao castello Real, onde Diogo Dazambuja estava por capitam, o qual Castello elle mesmo por mandado del Rei fora fazer o anno passado, como atras fica dito. Destes Castelhanos soube o que passava em Çafim, e logo dahi a dous dias veo ter com elle Haliadux, e lhe dixe da parte de Iheabentafuf, e da sua, que lhe pedia que se fosse meter na cidade com alguma gente, pera os ajudar, contra os parentes, e amigos de Abdear Rhamão, de que se temião, e que elles se farião vassallos del Rei de Portugal. Diogo Dazambuja, posto que confiasse pouco em promessas de mouros, por saber quam poucas vezes tratarão verdade, vendo as razões que Haliadux dava, e os termos em que estavam estes negocios, determinou de se ir com elle a Çafim, com doze Portugueses, entre os quaes os a que pude saber o nome forão, Lopo Sardinha, Ioão do Rego, Pero de Sea, e hum Rui Fernandez, onde esteve oito dias assentando com estes dous tyranos, as cousas que lhe pareceram necessarias, de que dava parte a Pero Mendez de Lagos que alli estava feitorizando algumas cousas pera o trato de

Guine, a Pero pessoa seu scrivam, natural de villa Franca. Allem destes avia na cidade outros Portugueses mercadores, que alli residião, por ser a terra de muito trato, e porque soube per via de hum judeu, per nome Rabi Abrahaõ que era sua lingoa, que alguns dos da cidade andavam pera o matar, o que de feito era verdade, se tornou ao castello Real, levando consigo quatro mouros dos quaes hum foi o mesmo Aliadux, e Acentahata, que fora estribeiro de Abdear Rhamão, e Halimiali, e Ali, ficando na cidade per regedor Iheabentafuf: os quaes quatro se foram com elle, com determinação de irem a Portugal assentar pazes, e amizade com el Rei dom Emanuel, e se fazerem seus vassalos, como defeito fezeram. Nestes oito dias que Diogo Dazambuja esteve na cidade, entre outras muitas cousas que assentou com Iheabentafuf, e Haliadux, e outros seus achegados, foi que lhe darião logo huma casa, com porta pera o mar, pera o trato que alli tivessem os Portugueses, e que pera mais segurança lhe deixavão huma torre das mais fortes da cidade. Feito este concerto se tornou ao castello Real, e dahi se veo com estes quatro mouros ao regno, dar conta a el Rei do que passava, de que foi muito alegre, e dandolhe regimento do que avia de fazer, o tornou a mandar pera Çafim, onde chegou a hum sabado seis dias do mes Dagosto, de mil, e quinhentos e sete. E pera que se milhor fezessem as cousas que levava por regimento, e mais facilmente se emposasse na cidade, antes que partisse do regno, screveo el Rei a Garcia de Mello que andava darmada no estreito, que se fosse a Çafim pera o ajudar em tudo o que lhe fosse necessario, Garcia de Mello, posto que entam estivesse muito doente, e quasi desesperado dos medicos: como recebeo este recado, se partio logo,

e chegou a Çafim primeiro que Diogo Dazambuja onde achou todolos da cidade postos em armas, huns contra os outros, e mui desviados do que Diogo Dazambuja, e os quatro mouros que com elle foram dixeram a el Rei. Neste tempo chegou Diogo Dazambuja a Çafim, e com elle Haliadux (que assi o nomeão os Scriptores Arabios, e não Halixiam, como lhe os nossos chamam) e assi os outros tres mouros que com elle foram, e porque Garcia de Mello, e Diogo Dazambuja virão que Haliadux, e Iheabentafuf consentiam nas desavenças que avia na cidade, como homens que querião antes ter antre si discordias que serem sogigados de estrangeiros, e contrarios a sua seita, e assi que não davam mostras verdadeiras do que tinham prometido a el Rei, ordenaram que Garcia de Mello tomasse a mão semear zizania antre estes dous tyrannos. E como pera semelhantes casos as pessoas de menos suspeita sejam medicos, pola necessaria, e familiar entrada que tem todalas partes quis tentar isto per via de hum medico Iudeu, que o vinha visitar da infirmidade com que partira do estreito que o ainda não deixara, pelo qual mandava scriptos notados por elle, e per Diogo Dazambuja a Haliadux, e a Iheabentafuf sem hum saber do outro, dandolhes a entender que na cidade havia pessoas conjuradas pera os matarem, de maneira que fez crer a cada hum destes que o outro o queria matar. Os quaes scriptos o fisico Iudeu por premio certo que lhe por isso davam, tomava da mão de Garcia de Mello apalpandolhe o pulso debaixo do cobritor da cama, e do mesmo modo lhe dava a reposta de cada hum dos dous tyrannos, os quaes sem hum saber do outro faziam mil offerecimentos a Diogo Dazambuja, e a Garcia de Mello, dando a entender que em tudo fariam o que fosse serviço del dom Emanuel, mas que

os favorecessem contra os que querião matar. Pode tanto este ardil, que per consentimento dos ditos Haliadux, e Iheabentafuf, cuidando cada hum delles, que fazia em seu partido Diogo Dazambuja, e Garcia de Mello sairão em terra, com obra de cincoenta homens, e se apousentaram nas casas que foram de Abdear Rahmão, que estão dentro na cerca, da banda do mar, junto com a praia, onde depois de apousentados (posto que os mouros sobre isso tivessem grande vigia, como arrependidos de o deixarem entrar na cidade) meteram em arcas, pipas, e barris algumas armas, bestas e espingardas, sobre o que ouve grandes diferenças, do que Diogo Dazambuja avisou el Rei, que logo no começo do anno de mil, e quinhentos, e oito, despachou pera Çafim Gonçalo Mendes Çacoto, com quatro navios, pera que com Diogo Dazambuja acabasse de tomar de todo a posse desta cidade, que era cousa que muito desejava, pola oportunidade que tinha pera dalli conquistar o regno de Marrocos. As pessoas que hiam com Gonçalo Mendez Çacoto foram hum seu sobrinho de que não pude saber o nome Lopo Barriga que depois foi adail, Nuno Gato, Diogo Mendez irmão do capitão da ilha de S. Miguel, George de Sousa de castel branco, Ioão Dornellas, Rui Mendez de Sá, Francisco da Sylva, Diogo Brandão Devora, Gil Fernandez, Heitor Gonçalves feitor que foi em Çafim, Ioão de Raboredo, e tambem hum Pimentel que fora moço da caça del Rei e hum Macedo Devora. Partidos estes quatro navios de Lisboa em que hiam afora pessoas nobres duzentos besteiros, e espingardeiros, chegaram com bom tempo a Çafim, onde Gonçalo Mendez achou Diogo Dazambuja, e Garcia de Mello, e com elles Diogo de Miranda, e Emanuel da Sylveira netos de Diogo Dazambuja, e Francisco Dalmeida, e Francisco Dabreu

seus sobrinhos, dom Garcia de Sá, e Lionel Dabreu, Simão da Sylva, e George da Maia, todos mui agastados pela pouca verdade que lhes os mouros tratavam: pelo que Diogo Dazambuja, e Garcia de Mello se quiseram declarar com Haliadux e Iheabentafuf, requerendolhes que hum delles regesse a cidade em nome del Rei dom Emanuel, porque ja sentiam aver antre elles ambos discordias secretas, buscando modos, e meos para hum matar o outro, e se fazer senhor. Com tudo entre elles ouve comprimentos de qual regeria por el Rei, e allem dos comprimentos, muitos rogos, e messageiros, porque hum soltava ao outro esta honra, finalmente o governo ficou com Iheabentafuf, o qual depois de se ver nelle, per modos, e manhas estorvava a obra que Diogo Dazambuja fazia nas casas que forão de Abdear Rahmão, em que fazia a fortaleza, ate mandar aos servidores que não acarretassem pedra, e cal, e area para a obra: mas isto não era sem parecer, e conselho dos principaes mouros da cidade, o que fazendo Iheabentafuf cada dia mais descubertamente, Diogo Dazambuja falou secretamente com Haliadux, e lhe dixe que lhe queriam dar o governo da cidade, que desse com os de sua vallia de noite nas casas de Iheabentafuf, e o matasse, e que se tivesse necessidade dajuda que elle lha daria, o que Haliadux assi fez, mas Iheabentafuf não cuidando que isto podia vir por Diogo Dazambuja, se recolheo as casas que forão de Abdear Rahmão em que se fazia a fortaleza, onde entam Diogo de Miranda pousava, que o recolheo sem saber parte do trato que seu avo tinha feito com Haliadux. Alli esteve recolhido oito dias, e deu taes razoens a Diogo Dazambuja, que o delxou vir a este regno dar suas disculpas a el Rei, que foram taes que o tornou a mandar a Çafim, com ordenado pera vinte homens

de cavallo, e provisoens per que o fazia capitam do campo, por saber milhor os costumes daquelle povo do que o podia saber Diogo Dazambuja, onde depois fez muitos serviços a Coroa destes regnos, como se ao diante dira, porque como o tambem dizem os Scriptores Arabios muitas vezes com a sua gente, e alguma nossa desbaratou a do Serife Principe de Sus, e Hea, tambem a del Rei de Fez, e do de Marrocos e fez toda a provincia da Ducala tributaria a el Rei dom Emanuel, mas tornando Haliadux depois que lhe Diogo Dazambuja entregou o governo da cidade, fez tudo ao contrario do que se cuidava, e pior que Iheabentafuf, porque se este por modos secretos estorvava que se não fezesse a fortaleza, estoutro o fazia descubertamente, mandando aos mouros que acarretavão as achegas para ella, que o nam fezessem, e lhes punha por isso pennas, e mandava castigar. Com tudo Diogo Dazambuja pouco, e pouco fazia crecer a obra, dando a entender que aquillo era pera somente se recolherem os mercadores Christãos que vinham tratar a quella cidade, mandando entupir as bombardeiras antes que as os Mouros vissem, de pedra, e barro pela banda de fora, e acafellar de maneira, que parecia que era tudo parede igual, e tendo posta a fortaleza em altura que se podia mui bem defender, e feita de noite huma porta no muro pera sair a praia, com duas estacadas, huma de cada banda da rua que passava perante o muro, e a fortaleza logo pela manhãa mandou hum recado a Haliadux, mais aspero do que o acostumava fazer, dizendolhe que nam cumpria com elle como cavalleiro, pois lhe nam dava todalas ajudas necessarias pera aquella obra, como lho prometera, e jurara por sua lei de lho manter o mouro lhe deu em reposta que como fallava tão afouto, pois nam tinha que comer,

nem que beber senão o que lhe elle mandava dar. Diogo Dazambuja lhe mandou dizer que era verdade, mas que quando lhe faltasse, que com sangue de mouros mataria a sede aos seus, e das pernas delles a fome, a qual resposta a Haliadux não fez mais que meter o dedo na boca, que era sinal de ameaça, ao que logo Diogo Dazambuja quis acudir primeiro que o Mouro apellidasse os da sua valia, e do campo, que era a força principal da cidade, pera as cousas de guerra, e porque parecesse que não era elle o autor de romper a paz, teve o meo seguinte pera começar a guerra. Avida ja alguns dias que hum mouro marchante de gado dera huma bofetada no açougue da cidade, sobre referta do tomar carne; a hum Gonçalo Fernandez criado del Rei, do que se logo veo a queixar a Diogo Dazambuja, a quem respondeo que se lhe dessem outra que se calasse, que assi compria por então, ao qual na hora que lhe derão o recado de Haliadux, mandou Diogo Dazambuja, que fosse matar o Mouro que lhe dera a bofetada, e pera ajuda deste feito lhe deu hum seu criado per nome Bernaldo Vaz, e quis a ventura que acharam o Mouro na praça a porta de hum mercador, ao qual chegarão dissimuladamente, e lhe deram huma estocada, sem o poderem mais ferir, porque se baqueou dentro da casa, donde lhe logo acodiram, o que feito se recolherão a fortaleza com asaz trabalho, porque os hiam seguindo muitos mouros, de que se defendiam como valentes homens. Naquelle mesmo dia se ajuntaram ao redor da fortaleza mais de mil mouros, adargados, que com espingardas, e bestas tiravam contra os nossos, e vendo que isto nam fazia mossa, mandaram trazer bombardas, com que tirarão toda aquella noite a qual os nossos passaram todos armados, ao outro dia pela manhãa depois de ouvirem

Missa, e almoçarem, cavalgou Diogo Dazambuja sobre hum cavallo ruço pombo, por ser velho, e manco de huma perna, de huma espingardada que lhe derão diante da villa Dalegrete, quando o Principe dom Ioão a cobrou dos Castelhanos, que a tomaram no começo das guerras de Castella, e posto a cavallo mandou abrir as portas quasi a horas de meo dia, e com toda a outra gente tras si, a pé sahio aos Mouros, nos quaes foi tamanho o medo, que se começaram logo de recolher pera a mesquita, resistindo o milhor que podião, dentro da qual se travou peleja com mais esforço da parte dos imigos, com tudo os nossos mataram muitos delles, e os outros desempararam a mesquita. Os que sairão primeiro da fortaleza, e entraram na mesquita forão Lopo Barriga, e o Pimintel, que fora moço de monte del Rei. Nesta revolta se fezerão fortes alguns mouros na alcaçova da cidade, e dalli tiravam com huma bombarda grossa com que fazião muito danno a nossa fortaleza, contra a qual hum Sebastião Rodriguez bombardeiro assentou huma Sphera na praça, e quis nosso Senhor que lhe meteo hum pilouro pela boca, de que arrebentou, e matou o bombardeiro. O que assi feito, vendo os Mouros que ficaram na cidade (porque os mais se acolheram a serra de Benimegher) como a mesquita e alcoram eram ganhados, e o estrago que nelles era feito pediram paz, a qual lhe Diogo Dazambuja concedeo, e elles lhe entregaram logo as chaves de cidade, e alcaçova, e se fezeram vassallos e tributarios del Rei dom Emanuel, e a bandeira Real foi levada per toda a cidade bradando todos, assi Christãos, como mouros, Real, real por el Rei dom Emanuel de Portugal, e Haliadux, como o contam os Scriptores Arabios, se foi viver a villa de Traga, que sera de Azamor quasi trinta milhas, onde esteve

algum tempo com toda sua familia, e muitos parentes seus, e amigos que o seguirão: ate que el Rei de Fez o fez vir pera seu Regno, com toda sua casa. No castello dalcaçova pos Diogo Dazambuja por capitão hum cavalleiro natural de Portalegre, per nome Ioão do Rego, no qual feito, allem doutras pessoas nobres, se acharão Garcia de Mello, Gonçalo Mendes Çacoto, Diogo de Miranda, Emanuel da Sylveira, Francisco Dalmeida, Francisco Dabreu seus sobrinhos, Lopo Barriga, Nuno Gato, Ioão Dornellas, George da Maia, Leonel Dabreu, Simão da Sylva, Hector Gonçalvez feitor, e hum seu irmão, e o Pimintel: dos mouros morrerão muitos nesta peleja, e os mais delles dentro na mesquita, e dos nossos morreo hum só, que era paje de Diogo Dazambuja, de hum pelouro que veo Dalcaçova, que lhe cortou ambalas pernas, por baixo dos geolhos, estando elle junto de seu senhor, a quem todos tiravam, pelo sinal do cavalo ruço pombo em que andava. Acabadas estas cousas ouve algumas diferenças entre Garcia de Mello, e Diogo Dazambuja, sobela ordem que se poria no governo da cidade: no que se não podendo concertar, Garcia de Mello se veo pera o regno, ficando ahi Gonçalo Mendez Çacoto com os seus quatro navios. E logo dahi a poucos dias os mouros alarves da comarca vieram correr por tres vezes o campo, a que lhes os nossos, que então podião ser ate cincoenta de cavallo, sairam com alguns de pé, e os seguiram da primeira vez ate os azambugeiros, onde matarão tres, dos quaes os dous derribou Lopo Barriga, e George da Maia, o terceiro, e das outras duas vezes lhe sairam tambem, em que matarão alguns delles, de que sempre coube a Lopo Barriga hum, porque como esforçado cavalleiro, em todalas cousas em que se achou, se foi sempre hum

dos primeiros. E posto que no anno de mil, e quinhentos, e oito, a cidade de Çafim ficasse de todo pacifica a Coroa destes regnos, porque o principio de aos Mouros perderem começou na treição em que mataram Abdear Rahmão que foi no anno de M. D. vi. quis tomar o meo destes dous annos, que foi o de Mil, e quinhentos, e sete, pera nelle screver tudo o que se na tomada della fez, por neste tempo se tratarem todas estas cousas ca no regno, e la em Africa. porque assi me pareceo que convinha ao fio desta Historia, e boa ordem della.

CAPITULO XIX

Do nascimento do Infante dom Fernando, e das calidades da sua real pessoa.

Depois que a Rainha pario o Infante dom Luis em Abrantes, dahi a alguns dias, no mesmo anno de M. D. vj, se foi a villa de Tomar, por lhe el Rei screver que alli sperasse por elle, com fundamento irem ter o verão a Coimbra, pera onde depois da vinda del Rei se partiram, quasi no fim do mes de Junho, e por rebates que ouve de peste na cidade se tornaram a Tomar, donde per respeito dos mesmos rebates se vieram outra vez Abrantes, onde a Rainha pario, aos cinco dias do mes de Julho, de M. D. vij, hum filho a que poseram nome dom Fernando, por lembrança de seus avos o Infante dom Fernando pai del Rei dom Emanuel, e dom Fernando Rei de Aragão, e de Sicilia cuja filha a Rainha donna Maria era, e de donna Isabel Rainha de Castella. Este Infante dom Fernando, assi na mocidade, como depois de ser homem foi de bom parecer, e

bem disposto, muito inclinado a letras, e dado ao studo das Historias verdadeiras, e imigo das fabulosas, e por aver as verdadeiras trabalhava muito, do que eu sou testimunha, porque estando em Flandes, em serviço del Rei dom Ioão terceiro seu irmão me mandou pedir todalas Chronicas que se podessem achar scriptas de mão, ou imprimidas, em qualquer lingoajem que fosse, as quaes lhe mandei todas. E por tirar a limpo as Chronicas dos Reis de Hispanha desno tempo de Noe, ate o seu, despendeo muito com homens doctos, a que dava ordenados, e tenças, e fazia outras merces, e me mandou a mi hum debuxo da arvore, e tronco de toda esta progenia, desno tempo de Noe, athe o del Rei dom Emanuel seu pai, pera lho mandar fazer de iluminura, pelo mor homem daquella arte que avia em toda Europa, per nome Simão, morador em Bruges no condado de Flandes. Na qual arvore, e outras cousas de iluminura, e nas Chronicas dispendi per sua conta huma grão somma de dinheiro. Era este Principe homem de muita opinião, muito verdadeiro no que tratava, e fallava, e que sem medo dizia a el Rei seu irmão o que lhe parecia tocar as cousas de sua honra, e serviço, tanto acerca dos negocios do governo do Regno, como de sua pessoa, e casa: era colerico, e apressado em seus negocios, e muito animoso, com mostra, e desejo de se achar em algum grande feito de guerra, mas nem o tempo, nem o estado do Regno deram pera isso lugar. Foi casade com donna Guiomar Coutinha, filha de dom Francisco Coutinho, conde de Marialva, e da Condessa de Loule sua mulher, o qual casamento se tratou, e capitulou em vida del Rei seu pai, e do Conde, mas por elle ser ainda então muito moço se não consumio o matrimonio, senão depois da morte del-

les ambos, regnando ja el Rei dom Ioão seu irmão. Deste matrimonio não ficou fructo, que herdasse huma tamanha casa, e herança, como era a que possuião, faleceram ambos bem pouco tempo hum apos o outro, de cujo estado, e vida dira quem screver a Chronica del Rei dom Ioão terceiro seu irmão, a qual propriamente pertencem suas exequias, assi como a esta o dia de seu nascimento, no qual me alonguei mais do necessario, com tudo quisera ter materia, e campo spaçoso pera dizer muito deste serenissimo Principe, pelo grande amor que lhe sempre tive, e desejo de o servir, pela boa vontade, e afeiçam com que continuamente favoreceo minhas cousas, desde idade de dez annos, ate que nosso Senhor se ouve por servido o levar deste mundo, o que não foi sem dor e tristeza dos que lhe bem queriam, e desemparo da grande, e nobre familia que mantinha de suas rendas, e patrimonio que era hum dos maiores deste regno, o da Coroa excepto, a mor parte do qual veo a mesma Coroa per direita successam.

CAPITULO XX

De como el Rei mandou dezaseis velas a India em duas capitanias, huma pera descobrir Malaca, de quatro naos de que foi por capitão Diogo Lopes de Sequeira, e outra de cinco, pera andar darmada no cabo de guardafum, e as sete pera a carga das speciarias, de que deu a capitania a George Daguiar.

POLAS novas que el Rei tinha do grão trato, e riqueza do regno e cidade de Malaca, determinou de mandar a esta provincia Diogo Lopez de Sequeira, com quatro naos, e que de caminho passasse pela ilha de S. Lourenço, por ter informaçam, que havia nella gengivre, e outras drogas. Com estas quatro naos partio Diogo Lopez do porto de Lisboa, aos cinco dias de Abril, do anno de Mil, e quinhentos, e oito, de que afora elle erão capitães, Hieronymo Teixeira, Gonçalo de Sousa, e Ioam Nunez, dos quaes por agora não se dira mais ate o anno de mil e quinhentos, e dez em quê Diogo Lopes tornou ao regno, para juntamente contar tudo o que lhe aconteceo na viajem. A outra armada era de doze naos de que hia por capitam George Daguiar, pera com cinco dellas andar darmada no cabo de Guardafum, de que os outros capitães eram, Duarte de Lemos senhor da trofa seu sobrinho, Vasquo da Sylveira, Diogo Correa, e Pero Correa seu irmam. Das outras naos eram capitaens Francisco Pereira Pestana, que hia provido da Capitania de Quiloa, Vasquo Carvalho, Alvaro Barreto, Ioam Rodriguez Pereira, Ioam Colaço, Gonçalo Mendez de Brito, e

Tristam da Sylva, que levava provisoens pera lhe o Vicerei dar duas gales, e outros navios pera se ir ajuntar no cabo de Guardafum com George Daguiar. Estas doze naos, de que George Daguiar levava a capitania ate Moçambique, e Quiloa, e dahi das cinco somente com que se havia de ir ao cabo de Guardafum, partirão de Lisboa aos nove dias do mesmo mes Dabril, e no val das egoas com tormenta se apartarão e foi tamanha que Francisco Pereira Pestana arribou a Lisboa com o masto grande quebrado, dondé depois partio, aos xviij. dias de Maio, e foi invernar as ilhas primeiras, que estão trinta legoas a ré de Moçambique, e George Daguiar arribou a ilha da madeira, com Tristam da Silva, e outras algumas naos das da sua companhia, todos destroçados: donde seguindo viajem se apartaram huns dos outros com tormenta, na costa de Guine, depois da qual na volta do cabo de boa Sperança se encontrou George Daguiar com Alvaro Barreto, e indo ambos de conserva se levantou hum temporal mui forte, com que Alvaro Barreto foi ter as ilhas a que chamam de Tristam da Cunha, sem mais ver a capitania, que como se depois soube, se perdeo naquellas ilhas. As outras naos de carga, chegaram todas a India no mes de Octubro, das quaes a derradeira, foi a Dalvaro Barreto, que em Moçambique achou Duarte de Lemos com todolos outros capitaens, que hiam darmada pera o cabo de Guardafum, e lhe contou como se apartara de seu tio Iorge Daguiar e que pois ainda alli nam era, que o tinha por perdido. Com tudo Duarte de Lemos se não quis partir de Moçambique, ate não ter outra mor certeza, onde invernou, e alli soube como Francisco Pereira estava nas ilhas primeiras, e parecendolhe o que era, que lhe faltariam mantimentos, lhos mandou per hum cavalleiro, per

nome Gregorio da Quadra, que andava naquella costa por capitão de hum bargantim, o qual Francisco Pereira veo ter a Moçambique aos xj dias de Fevereiro de M. D. ix, e com sua vinda se confirmou ser perdido George Daguiar, porque dixe a Duarte de Lemos que na parajem das ilhas de Tristam da Cunha vira hum pedaço de nao, que parecia quilha, e lanças, pipas, e arcas espalhadas sobelagoa. Pelo que assentaram logo que Duarte de Lemos ficasse no lugar de seu tio, pois hia por sota capitam daquella armada, e que se fossem todos ao cabo de Guardafum, o que assi concluido Duarte de Lemos se passou a nao de Francisco Pereira Pestana, e a sua deu a Vasco da Sylveira, e Francisco Pereira se foi para Quiloa, servir a capitania de que vinha provido na nao de Antonio Ferreira, sobrinho de Pero Ferreira Fogaça, capitão de Quiloa, e lhe mandou, que ficando Francisco Pereira Pestana em Quiloa, tomasse seu tio Pero Ferreira Fogaça, e se fosse com elle a Melinde, e ahi o sperasse e de hum navio que ficara em Moçambique darmada de Vasco Gomez Dabreu deu a capitania a Francisco Pereira deberedo. O que feito se partio pera Melinde, onde teve o inverno, por lhe o tempo nam servir, o qual passado se partio aos vinte dias de Agosto do anno de Mil, e quinhentos, e nove, caminho de çacotorá, levando ja consigo sete velas, e indo de longo da costa, recolhendo as pareaes dalguns dos senhores daquellas ilhas em que teve debates, principalmente com o de Zemzibar, foi ter a cidade de Magadaxó, com tenção de a combater mas vista a força, e sitio da cidade, e mao desembarcadouro o nam fez, onde estando ancorado per ma vigia se cortou huma noite a amarra do bargantim de Gregorio da Quadra, o qual, dormindo todolos que nelle estavão se esgarrou darmada,

e com a corrente que era grande, singrou tanto, que quando acordaram nam conhecerão a parajem em que eram, e ao remo estiveram pairando toda a noite, mas quando pela manhã não viram a frota se deixaram ir a ventura, ate chegarem ao cabo de Guardafum, e dalli dobrando o cabo forão ter a cidade de Zeila, junto das portas do estreito do mar de Arabia, onde os captivarão os da cidade, que são todos mouros, e os mais delles levaram em presente a el Rei de Dadem, donde depois Gregorio da Quadra veo ter a Ormuz, sendo governador Lopo Soarez Dalvarenga, do qual Gregorio da Quadra, e das aventuras que depois passou, se dira ao diante. E tornando a Duarte de Lemos, depois que assentou com todolos capitães que se devia de desistir do combate de Magadaxó, se fez a vela caminho de Çacotorá, pera ir meter de posse da capitania da fortaleza Pero Ferreira Fogaça, e dom Afonso de Noronha ir servir de capitão da fortaleza de Cananor que entam o era da de çacotora, mas foilhe o vento tam contrairo, que sendo a vista da ilha, se fez na volta de Ormuz, onde o deixaremos estar, ate que seja tempo de dizer o que lhe nesta cidade aconteceo, e o que passou com el Rei e governadores do regno.

CAPITULO XXI

Do que Tristam da Cunha passou em sua viajem, ate chegar a Moçambique, e de como descobrio a ilha de São Lourenço pela banda de dentro e da morte de Ioam Gomez Dabreu, e sitio, fertilidade da ilha, e costumes da gente que vive nella.

Atras fica dito, como el Rei mandou Tristão da Cunha a India no anno de M. D. vj, por capitam de huma armada, e porque elle invernou, e não tornou ao regno se nam no anno de M. D. viij, por nam quebrar o fio as cousas que lhe aconteceram, guardei nellas a mesma ordem que tive em todalas outras armadas de que que ate gora tratei. Nesta hiam debaixo da sua capitania Alvaro Telez, Lionel Coutinho, Rui Pereira Coutinho, Iob Queimado, Rui Dias Pereira aiferez mor, Ioão Gomez Dabreu, Alvaro Fernandez natural Dalvito, Ioão da Veiga, Tristão Alvarez, e Tristão Rodriguez, que eram per todas onze velas. Alem destas mandou el Rei fazer prestes quatro naos, e huma taforea pera andarem darmada no cabo de Guardafum de que deu a capitania a Afonso Dalbuquerque e assi a sucessão do governo da India, depois do Vicerei dom Francisco Dalmeida acabar de servir tres annos. Das naos erão os outros capitães, Francisco de Tavora, Emanuel Telez Barreto, Antonio do Campo, e Afonso Lopez da Costa da tatorea, e Afonso Dalbuquerque deu el Rei commissam, que de Moçambique ou Quiloa, onde acharia Pero Coresma, que alli andava darmada, o levasse consigo. Destas cinco velas hia tambem por capitão Tristão da Cunha, ate fazer huma

fortaleza em Çacotorá, como levava por regimento, e de Çacotorá avia de despedir Afonso Dalbuquerque pera o cabo de Guardafum, com as seis velas, e nellas lhe avia, de properfazer cccc l. homens, o que feito deixando a fortaleza de Çacotorá provida, se avia de partir pera India, com tambem levar a successam do Vicerei, e de Afonso Dalbuquerque, se ambos falecessem estando elle la. Esta armada em que hiam mil, e trezentos soldados, partio de Lisboa a seis dias Dabril do anno ja dito, e na viajem descobriram humas ilhas despovoadas de que atras fiz menção a que poserão nome de Tristão da Cunha, e daqui foi ter a Moçambique no mes de Dezembro onde lhe foi forçado invernar, faltandolhe da frota Afonso Lopez da Costa, que entrou em Çofala, e Lionel Coutinho que passou a Quiloa, e Alvaro Telez que esgarrou ate o cabo de Guardafum, onde fez algumas presas de que ficou rico, e os que com elle hião, e dahi foi ter com Tristão da Cunha a Çacotora, e assi faltou da frota Rui Pereira Coutinho, que foi ter a ilha de São Lourenço, pela banda de dentro a huma baia, a que pos nome a fermosa, onde vierão ter com elle dezoito mancebos em huma almadia, os quaes festejou, e lhes deu algumas peças pera se cobrirem, por nam trazerem outro trajo que huns panetes de palma com que andavam encachados entre as pernas dos quaes trouxe dous consigo a Moçambique, que vierão per sua vontade, pera delles Tristão da Cunha tomar informação desta ilha, a qual elle pos nome de São Lourenço, por Rui Pereira aver vista della no dia deste Sancto, outros dizem que lho pos Diogo Lopes de Sequeira. E porque o tempo não servia pera viajem de Çacotora, e ventarem levantes, que erão bons pera ir a ilha de São Lourenço determinou Tristão da Cunha, com

parecer de Afonso Dalbuquerque e dos outros capitães, ir ver o que nella avia, pera onde partio no fim do mesmo mes de Dezembro, levando consigo Afonso Dalbuquerque, Antonio do Campo, Emanuel Telez, Francisco de Tavora, Ioão Gomez Dabreu, Rui Pereira Coutinho, e Tristão Alvarez. As outras velas ficarão em Moçambique, salvo a Taforea de Afonso Lopes da Costa que estava em Çofala, os quaes partidos de Moçambique chegaram a ilha pola banda de dentro, com bom tempo, e porque em dous lugares a que primeiro vieram ter, chamados Çdaõ, e Lunlangane os nam quiseram receber de paz. Tristão da Cunha os destroio, posto que nos moradores delles achasse alguma resistencia. Dalli foi costeando toda a ilha pela banda de dentro, tomando alguns portos sem achar nova de nenhuma speciaria, ate chegar ao cabo della, em dia de Natal, ao qual pos o mesmo nome, sem o poder dobrar, por caso de huma grande tempestade que o alli tomou, com a qual a nao de Rui Pereira Coutinho foi dar a costa, onde elle morreo, e a mor parte da gente. O que vendo Tristão da Cunha, temendo que se dobrasse aquelle cabo que acharia tempos contrarios, fez sinal as outras naos, fazendosse na volta de Moçambique, onde chegou sem a nao de Ioão Gomez Dabreu, que tinha ja dobrado este cabo do Natal, quando os a tormenta tomou, e cuidando que as outras naos o dobrariam, andou pairando de longo da costa, ate que se assegurou que o nam fezeram pelo que com tençam de ver se por aquella banda de fora acharia novas de speciarias, e assi pera fazer augoada, foi surgir na boca de hum rio, que sae ao mar, em huma próvincia chamada Matatana, de que logo acodiram muitas almadias, com gente de terra, que lhe trouxerão peixe fresco, inhames, e canas

daçucar, Ioam Gomez mandou ao seu mestre, que sabia algaravia, e a outras lingoas de terra de negros, que entrasse so em huma daquellas almadias, pera ver se os entendia, e fezesse entrar os negros na nao pera os festejar, e lhes dar de vestir, mas elles como tiveram o mestre dentro se foram caminho da terra levandoo consigo, ao que querendo acudir João Gomez Dabreu, mandou poer no batel alguns tiros dartelharia, e com xxiiij homens seguio per aquella banda pera onde os negros encaminharão, e sendo a mea legoa de terra tornavam ja as almadias, e como de paz se achegaram ao batel, vindo de longe capeando o mestre que trazião consigo, que não tirassem com artelharia, que eram amigos, o qual mestre elles levaram ao Senhor daquella terra, que lhe mandou dar huma cadea de prata que pesaria trinta cruzados, e manilhas, e aneis do mesmo metal, com que o tornou logo a mandar, com recado ao capitam rogandolhe que saisse em terra, pera o festejar. João Gomes vendo o bom tratamento que aquelle Rei fezera ao mestre, se foi em companhia das almadias ate o lugar onde elle estava, que o veo receber a praia com muita alegria, e tangeres ao seu modo, e o levou as casas em que morava, banqueteandoo com viandas, e fruitas da terra, ate horas de vespora, a qual hora em se querendo recolher ao batel, se alevantou huma tam brava tempestade, que çarrou de todo a barra, sem poderem sair, e isto durou per espaço de quatro dias. O que vendo os que ficaram na nao, parecendolhe que Ioam Gomez Dabreu pelejara com os da terra, por lhe nam quererem dar o mestre, e que na peleja morreram todos, arreceandosse que dessem a costa com aquelle temporal, posto que não tivessem piloto, que tambem fora no batel, se fezerão a vela, e sendo defronte da

ilha Dangoxa, a quarenta legoas de Moçambique, encontraram o cõmendador Rui Soarez que lhes deu piloto. E tornando a Ioam Gomez Dabreu, passada a tormenta se embarcou no batel, cuidando que acharia a nao, posto que a não visse no lugar onde ficara, e nisto andou alguns dias de longo da costa, com almadias que el Rei mandara com elle : mas vendo que a nao, ou devia de ser perdida com o temporal, ou ida para Moçambique, se tornou para el Rei de Matatana, que o recebeo com muito amor, consolou, e tratou sempre muito bem, e aos que com elle ficarão, o que tudo aproveitava pouco pera lhe tirar a dor, e tristeza que tinha de se ver ficar assi em terra tão estranha e do modo que ficara, do que veo adoecer, e morrer de pura paixam, com mais oito da companhia, e de dezaseis que ficaram: os treze per conselho do piloto, concertarão o batel, e com licença del Rei, que os despedio de si com muita saudade, se fezeram a vela caminho de Moçambique: E isto era ja no anno de M. D. vii. os quaes indo assi a traves da ilha Damgoxa, toparam com Lucas da Fonseca, que vinha da India com a sua caravella carregada pera Çofala, e trazia consigo Ioão Vaz Dalmada, que o Vicerei mandava pera ser feitor, depois que Emanuel Fernandez fora ter a India, como ja dixe, o qual Lucas da Fonseca os recolheo na caravella, e levou consigo a Çofala, e trouxe a Moçambique, onde ja nam acharam Tristam da Cunha, e dalli se foram perá India. E pois tenho feito duas vezes menção desta ilha de São Lourenço, a primeira quando Fernão Soarez a descobrio pela banda de fora, e esta em que Tristam da Cunha o fez pela de dentro, direi brevemente o que della pude alcançar, porque querendoo fazer per extenso, segundo sua grandeza e varios costumes de gente que

nella ha, seria necessario fazer hum grande volume, o que cumpre mais aos Scriptores, que separadamente screvem as cousas destas navegaçoens que a mi. Esta ilha a que os antigos chamão Madagascar, e nos de São Lourenço he huma das maiores que se sabe em todo o descuberto, porque tem de comprido mais de trezentas legoas, e de largo mais de cento, e vinte, em que a muitos Reis, e Senhores, os mais delles gentios, principalmente os que vivem no sertam da ilha porque os que habitão na costa do mar, os mais são mouros, tem todos quantas molheres querem, e são negros, e baços, de cabelo rebolto, e ricos andam cubertos com panos dalgodam, e os pobres nus sem mais roupa, que a com que cobrem suas vergonhas. He muito viçosa darvoredos, fontes, abastada de caças, carnes, pescados, e fruitas de palmeiras, e doutros generos, e muita, e boa despinho, e assi de arroz, milho, inhames, canas daçucar, e gengivre, que comem verde, sem o secarem, nem o tem por mercadoria, a nella muitas minas de prata a qual elles apurão mal, e por isso a usam de muito baixa lei, em cadeias, aneis, e outras joias, dizem que ahi minas douro, e outros metaes de que se não logram por os não saberem tirar, a gente he boa, simprez e conversavel, nam navegam nem tem disso o uso, tem almadias em que pescam, e andam de longo da costa a remo de huns lugares aos outros, usam azagaias muito delgadas guarnecidas de ferro com que tirão darremesso, isto era o antigo desta ilha quando aos nossos descobrirão, e foi depois por alguns annos, mas jagora são mais polidos, e astutos no modo de pelejar e tratar do que o dantes erão.

CAPITULO XXII

De como Tristam da Cunha partio de Moçambique perá ilha de Çacotora, e de caminho destroio as cidades de Hoja, e Brava, e do citio da ilha, e costumes dos naturaes della.

Em Moçambique achou Tristão da Cunha Ioão da Nova, que partira da India pera o regno no anno passado de M. D. vj, como atras fica dito, o qual do cabo da boa Sperança arribou as ilhas de Angoxa, por lhe a nao fazer muita agoa, e dahi foi ter a Moçambique, onde Tristão da Cunha comprou huma nao darmadores a Andre Diaz, que depois foi alcaide de Lisboa, e hia por feitor della, e a carga da nao de Ioão da Nova mandou mudar nesta, de que deu a capitania a Antonio de Saldanha, pera se nella tornar ao regno, e em sua companhia mandou huma nao de Fernam de Noronha, de que era capitão Diogo Mendez Correa, e Ioão da Nova por ser muito amigo, e compadre de Tristão da Cunha a seu rogo ficou pera se ir com Afonso Dalbuquerque a andar darmada no cabo de Guardafum na sua nao, por ser grande que se logo pera isso concertou. Isto acabado, que era ja no mes de Fevereiro de M. D. vij. Tristam da Cunha se partio pera Quiloa, e dahi foi ter a Melinde, onde se vio com el Rei, e lhe deu hum presente que lhe mandava a el Rei dom Emanuel, e entregou hum Portugues per nome Fernão Gomez o sardo, e hum mourisco Christão, per nome Ioão Sanchez, e hum mouro de Tunez per nome Cide Mafamede, que el Rei mandava ao Emperador do Abexi, com cartas, e recados, os

quaes el Rei de Melinde tomou a seu cargo, pera lhes dar todo bom aviamento necessario. Dalli fez Tristam da Cunha vela pera cidade de Hoja, que he vinte legoas de Melinde, a qual, por estar de guerra com el Rei de Melinde, e se querer defender dos nossos, Tristam da Cunha distroio, e mandou saquear, e queimar, sem lhe ferirem, nem matarem pessoa nenhuma, pela pouca resistencia que achou nos Mouros, por a cidade ser rasa, e pouco defensavel, da qual entre outros que morrerão foi hum o Xeque della. Isto Acabado se foi a cidade de Lamo adiante desta quinze legoas, que achou de paz, e se fez tributaria aos Reis de Portugal com seiscentos meticaes douro cadãno, de que logo o Xeque pagou o primeiro, em Marcellos de prata, moeda Venezeana. Dalli foi lançar ancora diante da de Brava, que he desta lxv legoas, cercada de muro com sua cava, e casas altas de sobrados, e terrados de pedra, e cal muito rica, por caso do grande trato que nella a, onde em chegando mandou Lionel Coutinho a terra offerecer a os governadores della paz, que elles derão mostra quererem aceptar, dilatando o tempo com sperança que sobreviesse hum temporal, a que elles chamão, a vara de Choromandel, que vem tam bravo, e tam de subito que faz çoçobrar quantas naos acha naquella costa. O que sabendo Tristão da Cunha, sem mais dilação a foi cometar, levando Afonso Dalbuquerque a dianteira, acompanhado de Lionel Coutinho, Rui Diaz Pereira, Francisco de Tavora, dom Afonso de Noronha, dom Antonio de Noronha seu irmão, Emanuel de Lacerda, dom Hieronymo de Lima, dom Ioão de Lima irmãos, Antonio de Miranda Dazevedo e outros cavalleiros, e fidalgos, que eram per todos quatrocentos, e com seis centos seguia Tristão da Cunha na reguarda, os quaes todos che-

garão a praia no romper dalva, na qual, posto que o desembarcadouro fosse perigoso, sairão a pesar dos imigos, que lho defendiam mui animosamente, porque como se depois soube, na cidade avia mais de quatro mil homens de peleja, e entre elles muitos mui esforçados, dos quaes os dous mil sairam a defender a praia, que os nossos levaram recuando ate as portas da cidade pera onde se recolhião com muito tento ate chegarem a ellas, e as fecharem sobre si, pelo que os nossos se começaram despalhar de longo da cava, pera verem se achavão alguma outra entrada, onde, por nella haver muita area solta, cahião huns sobelos outros sem se poderem valer dos tiros darremesso que lhes lançavão do muro, porque ate com cortiços, cheos dabelhas lhe tiravam, mas andando assi neste trabalho, vieram a dar em hum lanço de muro baixo, e fraco, pelo qual logo entrou Afonso Dalbuquerque, que hia na dianteira com toda sua companhia, e estando ja na primeira rua dentre o muro, e as casas, acodirão muitos mouros com que se travou huma brava pelleja per bom espaço, ao que Tristão da Cunha, acodio, com a bandeira Real, com cujo favor os mouros se recolheram pera dentro da cidade, da qual os nossos os lançarão pera banda do sertam com muito trabalho, do que não satisfeitos, querendo ainda seguir o alcance, Tristão da Cunha lho defendeo, e mandou logo fechar todalas portas da cidade, que hião perá quella banda, porque as da praia estavão seguras com a gente que ficara nos bateis. O que feito mandou saquear a cidade, em que se achou mui rico despojo douro, prata, pedraria, pannos de seda, algodam, marfim, ambar, e muitos cheiros, e speciarias, e de todo genero de mercadorias e foi tanto que se não pode recolher em todalas naos da frota. Na cidade ficaram muitos mouros, e mou-

ras por não poderem fugir, que todos captivarão, e a muitos delles deu Tristão da Cunha liberdade, e dos que ficarão captivos tomou cada hum os que quis. Foi tanta a crueza da gente baixa, que a mais de oitocentas molheres vivas cortarão as mãos pera mais depressa lhe tomarem as manilhas douro, e prata que trazião nos braços, e o mesmo lhes fazião as orelhas per amor das arrecadas. O que sabendo Tristão da Cunha mandou apregoar sobre grave penna que ninguem fezesse mais. Despojada a cidade, Tristão da Cunha lhe mandou poer o fogo, de que ardeo toda a vista dos nossos, e dos moradores della, que dos palmares o estavam vendo, com aquella tristeza, que devem ter aquelles que em hum instante se virão ricos, fartos, abastados, e no mesmo destroidos, e pobres, com perda de seus pais, mãis, filhos, parentes, e amigos. Soubese depois que os que morreram na cidade aferro passaram de mil, e quinhentos, dos nossos foram muitos feridos, e morreram mais de cincoenta, afora xviij que se perderam em hum batel que hia carregado do milhor despojo pera nao de Tristão da Cunha, mas o batel se salveu. Avida esta vitoria, Tristão da Cunha, posto que se ja achara em outros feitos de guerra, em louvor do Apostolo Santiago, quis que o armasse cavalleiro Afonso Dalbuquerque, de cuja ordem era cõmendador, o que se fez na mesquita, onde o dantes ferirão de huma frechada em hum pe, e assi armou Nuno da Cunha filho do mesmo Tristão da Cunha, depois de ser cavalleiro armou Rui Dias Pereira, e outras pessoas que o naquelle combate tinham bem merecido. Os que se acharão neste feito, afora os capitães da frota foram, dom Ioão de Lima, e dom Hieronymo seu irmão, Emanuel de Lacerda, e Fernão Pereira seu irmão Ioão Rodriguez Pereira, e

Duarte Pereira seu irmão, Gil Barreto, e Diogo de Magalhães irmãos, dom Emanuel Pereira, Pero Dalbuquerque, Simão Dandrade, Antonio de Miranda Dazevedo, Pero de Sousa Dazevedo, Sebastião Dabreu, Anrique Moniz, dom Ioão Anriquez, Francisco de Bovadilha, Aires de Sousa Chichorro, Fernam Gomez de Lemos, Antonio da Silva de Soure, Alvaro de Moura, dom Afonso de Noronha, e dom Antonio de Noronha seu irmão. Deste lugar de Brava se foi Tristão da Cunha a cidade de Magadaxó habitada de Mouros, que he huma das mores, e mais ricas de toda aquella costa, xviij. legoas de Brava, em que a grande trato de mercadorias da India, Persia, Guzarate do mar de Arabia, e doutras partes, e pera ver se queriam os moradores della paz, mandou diante Lionel Coutinho darlhes de sua parte o recado: mas elles o tomaram mal, porque a hum captivo dos de Brava que lançou em terra, pera lhes dizer ao que vinha, fezeram diante delle em pedaços, per mandado de muitos homens de cavalo acubertados, que andavão passeando na praia, e do batel ouvio Lionel Coutinho dizer que se saisse em terra lhe fariam o mesmo, e vio muita gente pellas ameas dos muros, e ao redor delles, com as quaes novas se tornou a Tristão da Cunha, que defeito quisera combater esta cidade, se lhe os pilotos nam requererão que o não fezesse, porque de todo selhe passava o tempo de ir a Çocotorá, pelo que desistio de o fazer, e mandou poer o rosto na ilha, onde chegou no mes Dabril, do sobredito anno de M. D. vii. do sitio da qual ilha, e dos costumes da gente della, entretanto que Tristam da Cunha lança ancora, e sae em terra direi summariamente o que me parecer necessario. Os Scriptores antigos lhe chamão Dyoscorides, he montanhosa, e

abastada de criaçoens de gado, e de pescados, he fresca de muitas agoas, e mantimentos, a nella muitas palmeiras, e maceiras danafega, de que se faz tavoado pera naos, e casas, e outras arvores de fruito, e dagroeiros, e assi o aloes çacotorino, que por aver ahi muito, e mui bom tomou o nome da ilha, e assi levam della muito ambar que se colhe no mar. A gente he baça, tem lingoa sobre si, andam nus, assi homens como mulheres, não cobrem do corpo mais que as partes vergonhosas com pannos dalgodão: São Christãos, tem egrejas, e altares com cruzes arvoradas nelles, e pintadas nas paredes, sem outras nenhumas imagens, jejuão a Quaresma, e o Advento, sem comerem carne, nem pescado, nem tem mais que huma mulher, e guardão as festas principaes do anno, assi como o nos fazemos, e no mesmo tempo, e assi as dos Apostolos, e pagam dizimos as egrejas de que se repairão, e entretem os sacerdotes, e dizem que o Apostolo S. Thome foi o que alli pregou a Fé de nosso Senhor IESU Christo do que ja fiz atras menção chamãose todos dos nomes dos Apostolos, e as molheres pela maior parte Marias, Isabeis, e Annas. Não navegão pera parte nenhuma, ou por nam terem disso necessidade, e se contentarem do que lhes aquelle torram de terra dá, ou de ociosidade, e perguiça, porque o sam tanto, que as molheres tem cargo de aproveitar a fazenda, e fazer os officios a que os homens sam obrigados, e por serem tão fracos, e pera pouco, consentirão que mandasse alli fazer el Rei de Caxem, (que he na provincia da Fartaque) huma fortaleza, em huma ponta da ilha, a que chamam çoto, em que neste tempo estava por capitão hum filho do mesmo Rei, per nome Coje Abrahem, que tinha toda a ilha sugeita, e tributaria, e se chamavam vassalos dos Reis de Caxem, de quem

por serem Christãos, e elles mouros, erão tão maltratados, e tyranizados, como se forão captivos.

CAPITULO XXIII

De como Tristam da Cunha tomou per combate a fortaleza que el Rei de Caxem tinha na ilha de Çacotora, e de que ahi mais fez ate partir pera a India.

A FORTALEZA que el Rei de Caxem tinha na ilha de Çacotorá, posto que fosse pequena era mui bem edificada, com suas cavas, torres, cubellos, torre de menajem, e dalcaide, situada em terra chã, na fralda de hum monte junto da povoação dos çacotorins, e a tiro de besta do porto do mar, que se chama Benij, no lugar do çoto. A este chegou Tristão da Cunha no mes Dabril, donde logo mandou dizer ao capitão da fortaleza, que elle era vindo aquella ilha de Christãos, per mandado del Rei de Portugal seu senhor, pera os librar da sugeição em que os elle tinha, que lhe quizesse deixar aquella fortaleza, o que fazendolhe daria embarcaçam pera sua terra, ou que seria necessario combatello, e lançalo della por força, ao que respondeo: que elle estava alli por mandado del Rei de Caxem seu pai, que se delle trazia provisoens pera lha entregar o faria, mas que se vinha sem ellas, tivesse por certo que pola ponta da lança se avia daveriguar o negocio. Tristão da Cunha tanto que lançou em terra o lingoa per que mandou este recado, se foi no seu batel com Lionel Coutinho, e Rui Diaz Pereira sondar o desembarcadouro, onde fezeram al-

guma detença, o que vendo Coje Abrahem, porque aquelle era o milhor lugar pera os nossos desembarcarem de quantos avia apar da fortaleza, mandou logo naquella noite fazer huma estancia antre hum palmar junto da praia, em que pos quarenta soldados pera a defenderem. Tornando Tristão da Cunha as naos, assentou com todolos capitaens que dessem na fortaleza em rompendo a alva, pera o que se aperceberão toda aquella noite, e antemanhã se embarcarão nos bateis, levando Tristam da Cunha a dianteira; com Lionel Coutinho, Rui Diaz Pereira, Ioam da Nova, Iob Queimado, e outros dous capitães, cada hum em seu batel: Afonso Dalbuquerque hia no seu esquife na reguarda e com elle cada hum em seu batel, Francisco de Tavora, Emanuel Telez Barreto, Antonio do Campo, Afonso Lopes da Costa, e dom Afonso de Noronha no batel de Afonso de Albuquerque, com quarenta espingardeiros, artelharia, e outras munições, pera combater a fortaleza, os quaes fazendo todos a voga assi como estava ordenado, vio Afonso Dalbuquerque, no romper dalva, que no desembarcadouro defronte donde estava a frota surta, que era o mais perto da fortaleza, nam rolava o mar, como o fezera todo o dia dantes, do que tomando occasião, mesturado com desejo, e cobiça de ser o primeiro que chegasse a ella: mandou remar a terra onde desembarcou a sua vontade. Tristão da Cunha, que hia diante sem ver isto, encaminhou pera o porto do palmar, ao qual antes que chegasse era ja dia claro, e como o capitão da fortaleza tivesse o olho pera aquella banda, e o visse fazer rosto pera lá, acudio aos quarenta soldados que tinha na estancia, pera a defender: mas encaminhando pera o palmar, vio a gente que hia nos bateis de Afonso Dalbuquerque andar em terra, do que posto

em duvida a qual das partes socorreria, determinou fazello aquella, onde foi cometer os nossos sem nenhum medo, com hum esquadrão de fartaques, bem armados, e elle vestido, de hum laudel de laminas cuberto de setim cremesim, com huma cellada dourada na cabeça, e no braço huma muito boa adarga, com huma espada cengida, lavrada de tauxia douro, e prata, e na mão huma azagaia. Dom Afonso de Noronha como pessoa a que mais parecia pertencer o encontrarse com o capitam Coje Abrahem, em cujo lugar avia de suceder, se adiantou de todos, com os quarenta espingardeiros, que levava, e outras pessoas que o seguirão e foi cometer os imigos antes de chegarem a praia, que com os tiros da espingardaria se começaram a retraer. O que vendo o capitão Coje Abrahem, antes que de todo se desordenassem os seus, sepos nas costas delles, com oitenta frecheiros, e assi se hia recolhendo em boa ordem, dando sinaes de mui esforçado cavalleiro, ate chegar a tiro de pedra da fortaleza, onde com sos oito fartaques fez rosto aos nossos, pera os deter, e dar lugar aos seus que entrassem pera dentro. Dom Afonso da Noronha que hia diante, teve tempo para mais a sua vontade lhe poder chegar, mas o esforço de dom Afonso de Noronha nam espantou o capitam Coje Abrahem porque com o mesmo se achegou pera elle, e com igual vontade se começaram a ferir, mas como os fartaques fossem de vencida, ficou o seu capitam so com os oito que com elle fezeram rosto, cercados da nossa gente, onde todos morrerão como mui esforçados cavalleiros de que derão sinal no sangue que derramarão dos nossos, posto que naquelle recontro nam morresse nenhum. Em quanto esta peleja durou sahio Tristam da Cunha em terra na baia que fora tomar, onde achou alguma resistencia nos que guar-

davam a estancia, com tudo elle desembarcou, posto que fosse com mortos, e feridos de huma e da outra parte, seguindo depois de terem ganhada a praia, os fartaques, ate a fortaleza a porta da qual elles acharão os seus revoltos com os da companhia de Afonso Dalbuquerque, onde se renovou a peleja, mas em fim dos fartaques os que poderão se recolheram dentro e fecharam a porta aos outros, que apertados dos nossos fugiram pera o palmar, e dahi pera dentro da ilha, os quaes Tristam da Cunha nam quis seguir, por lhe parecer muito necessario ficar logo a fortaleza cercada, que a victoria, nem despojo que se daquelles podia aver, mandando logo cometer as portas, mas os fartaques lançavam de cima das goritas muitas pedras, e catos, dos quaes hum tocou Afonso Dalbuquerque que o fez cair atardoado, e esteve hum pouco sem fala. Pelo que, e vendo Tristão da Cunha que aproveitavam os nossos pouco em se chegarem ao muro, pelos muitos que derriba feriam, mandou que se afastassem, e trouxessem hum tiro dartelharia, e as escadas que vieram no batel de Afonso Dalbuquerque, pera com o tiro racharem as portas, e com as escadas sobirem se fosse necessario. Os fartaques depois que viram que o tiro lhes espedaçava as portas, e que não podião defender a entrada, por não serem mais que obra de trinta os que se recolheram a fortaleza, que os outros todos morreram no campo, ou fugiram pera o palmar, desemparando as goritas, se recolheram perá torre da menagem, o que vendo os nossos, porque as portas nam erão ainda de todo quebradas, poserão as escadas ao muro, per onde o primeiro, que sobio, foi Gaspar Diaz Dalcacer do Sal, alferez de Afonso Dalbuquerque, e logo Nuno Vaz de Castel branco, e tras este sobio Iob Queimado com seu guiam, e apos elles alguns outros, e porque

nam podiam sobir tantos, dom Afonso de Noronha, e seu irmão dom Antonio de Noronha, Emanuel Telez Barreto, e dom Hieronimo de Lima, chegaram as portas, e com machados as acabaram de desfazer per onde logo entrou toda a gente sem nenhum perigo. Dom Afonso de Noronha, com dom Antonio seu irmão, Iames Teixeira, Nuno Vaz de Castel branco, e outros correram a porta da torre da menagem que estava junto da do alcaide, que ganharam com muito trabalho, por os fartaques a defenderem de riba com tiros darremesso, mas em fim a entraram, e o primeiro foi dom Antonio de Noronha, ao qual se Afonso Dalbuquerque seu tio, não lançara huma adarga sobello pescoço, em querendo entrar, hum fartaque lhe levara de golpe despada a cabeça fora dos hombros. Entrada esta torre os fartaques se recolheram pera a do alcaide, que se servia com esta, per huma escada cuberta daboboda, fechando a porta sobre si, que era mui forte, e pequena, no qual instante chegou Tristam da Cunha, com Nuno da Cunha seu filho, e outros, que com machados mandou quebrar a porta, mas nem por isso deixavam os fartaques de fazer o officio de valentes homens, porque assi como se na porta fazia alguma fenda, assi metiam elles as espadas, e azagaias por ellas, com que feriram alguns dos nossos, e a outros que se punham diante destes pera os defender atassalharão as adargas ate os braçais, das quaes forão as de George Barreto, e Ioam Fernandez ayo de Nuno da Cunha. Vendo Tristam da Cunha, e Afonso Dalbuquerque o esforço destes homens, doendosse da morte de tão bons cavalleiros, lhe fezeram dizer per hum lingoa, que lhes dariam as vidas, e liberdade pera se irem per sua terra se se quisessem dar o que nam quizerão fazer, pelo que a torre foi logo cometida, assi

pela porta, como pelo terrado, per buracos que se nelle fezeram, e os fartaques entrados, e mortos todos, sem ficar mais que hum só, que era piloto, per nome Omar, de que se Afonso Dalbuquerque depois servio na costa de Arabia, em que era pratico. Este combate das duas torres, durou das seis horas da manhã, ate meo dia, em que morrerão dos nossos, oito dos quaes hum foi Ioam Freire paje de Tristam da Cunha, e foram muitos feridos. Na fortaleza se achou pouco despojo, por os que nella estavam serem todos fronteiros, o mais que nella avia eram mantimentos, e armas, artelharia nenhuma, porque se a ouvera, não se tomara tam facilmente. O que feito Tristam da Cunha mandou dizer aos da povoaçam, que com elles nam queria senam paz, e amizade, como com Christãos, de que foram muiledos, e a algumas molheres desta ilha, que eram casadas com os mouros, por serem Christãs, deu liberdade, e logo ao outro dia mandou sagrar a mesquita, e dizer nella Missa, o qual officio fezeram, frei Antonio de Loureiro da ordem de sam Francisco, e outros religiosos, e clerigos que hião na frota, e lhe pos o nome da advocaçam de nossa Senhora da Victoria. Acabadas estas, e outras cousas, Tristão da Cunha entregou a capitania da fortaleza (a que pos nome de Sam Miguel) a dom Afonso de Noronha, que della hia provido, e por alcaide mor Fernam Iacome de Tomar, cunhado do mesmo dom Afonso, e por feitor Pero Vaz Dorta, e Gaspar Machado, e Francisco Saraiva. por scrivães: Todo o mais tempo que alli estiveram, elle, e Afonso Dalbuquerque entenderão na obra da fortaleza, que se fez quasi toda de novo, e assi na ordem e governo da ilha, pera terem assossegados os Çacotorins os quaes neste tempo que ahi esteve a frota, induzidos pelos farta-

ques que escaparam, e mouros que avia na terra se revoltaram per algumas vezes, per ocasioens causadas mais pelos nossos que não per culpa que os da terra tivessem. O que pacificado, Tristam da Cunha se partio perá India a dez dias do mes Dagosto, e chegou a Cananor aos xxvij. do dito mes de Mil, e quinhentos, e sete, estando a nossa fortaleza cercada, com cuja vinda se fezeram as pazes, como atras fica dito, e dalli se fez a vela pera Cochim, onde foi bem recebido do Vicerei dom Francisco Dalmeida a quem posto que por suas provisoens fosse isento, pedio que tornasse a cargo o mando da gente darmas, de cujas desordens ja vinha enfadado, o que lhe o Vicerei agradeceo, começando logo dentender em tudo o que cumpria ao despacho das naos, que aquelle anno avião de tornar pera o regno.

CAPITULO XXIV

De como se Tristão da Cunha achou em huma peleja que o Vicerei teve no lugar de Panane, e se partio pera o Regno.

Depois da chegada de Tristam da Cunha a Cochim, mandou o Vicerei dom Francisco Dalmeida poer diligencia nas cousas que cumpriam a carga das naos que aviam de tornar pera o regno, no que andando ocupado, soube que no porto de Panane, xiiij. legoas de Cochim, estavam naos de mouros, de Calecut, e de Meca, tomando carga despeciarias, e que pera as poer em salvo tinha el Rei de Calecut muitos paraos prestes, e por capitão delles Cutiale, hum muito esforçado cavalleiro, e prati-

co nas cousas do mar, o que sabido determinou de ir cometer esta companhia dentro no porto, pera o que se lhe Tristam da Cunha offereceo. Assi que carregadas as naos que aviam de tornar com elle ao regno, que eram cinco, e prestes a armada, com que o Vicerei hia cometer a que estava em Panane se fezeram todos a vela, aos xxiij dias do mes de Novembro, de M. D. vij. Os capitães que levava o Vicerei, eram, seu filho dom Lourenço, Pero Barreto de Magalhães, Francisco Danhaia, Duarte de Mello, Paio de Sousa, Antonio Lobo Teixeira, Pero Cão, Lucas Dafonseca, Lopo Chanoca, Diogo Pirez, Simão Martinz, e Philipe Rodriguez. Nesta frota, e nas naos de carga irião setecentos Portugueses, afora alguns Naires de Cochim com a qual o Vicerei chegou diante do porto de Panane huma tarde, dous dias depois que partio de Cochim, e por alguns pescadores Malabares, que tomou, soube que as naos de carga estavão ainda varadas pelo rio arriba, na boca do qual de cada banda Cutiale fezera huma estancia em que tinha artelharia, e muita gente pera as defender, e o mesmo fezera na villa, e que a carga que avião de levar tinham ainda em terra, o que sabido pelo Vicerei, e com em Cochim ter ja aviso, que tinha Cutiale mais de quatro mil soldados Mouros, e Naires, determinou de os ir cometer, sobelo que teve conselho na gale de Diogo Pirez, em que elle hias onde foi assentado por todos que o negocio se cometesse na ordem seguinte. Que Pero Barreto de Magalhães fosse diante, com trinta homens, no seu batel pelo rio acima, ate onde as naos estavam varadas, e Diogo Pirez com outros tantos fosse em outro batel desembarcar defronte de huma das estancias que estavão na boca do rio, que era a mais perigosa, por nella aver muita artelharia, e que logo apos es-

tes dous capitães fossem dom Lourenço, e Nuno da Cunha, cada hum em seu batel, a quem seguiram todolos outros capitães da frota, e tras elles o Vicerei, e Tristão da Cunha, cada hum em sua gale, na qual ordem no romper dalva abalaram, e foram todos pelo rio arriba, salvo as gales, que por lhes não servir a mare e nam aver fundo ficarão na boca do rio. Nesta entrada forão os que hião nos bateis bem servidos de tiros dartelharia e lanças de fogo, com tudo Pero Barreto de Magalhães chegou ao lugar em que as naos estavam varadas, onde dentro nagoa o vieram cometer trinta mouros com as cabeças, e barbas rapadas, que he sinal que elles tomão com juramento de morrerem no feito que emprendem, sem se deixarem captivar, dos quaes nesta conjuraçam se soube depois que ouve muitos, de que a mor parte erão os senhorios, e capitães daquellas naos, e mercadores que nellas aviam de ir com suas fazendas, de que os mais delles morreram. Com estes mouros teve Pero Barreto de Magalhães huma brava peleja, em que lhe feriram muitos, e morreo hum cavalleiro, per nome Gil casado, e outros dous Portugueses. Diogo Pirez chegou com muito perigo (por caso da artelharia com que lhe tiraram) ao lugar a que o mandaram, em que achou muita resistencia, assi destes mouros rapados, como tambem dos da capitania de Cutiale, com os quaes começando de travar, chegou dom Lourenço, e os da sua capitania, que per sua força tomaram terra, na qual muitos saltaram dos bateis ja feridos de frechadas, que erão tantas que encobriam o Sol. Donde depois de todos serem desembarcados, as espingardadas, e botes de lança faziam retraer os imigos, no qual alcance matou dom Lourenço seis com huma alabarda, de que sabia bem jugar, e foi ferido no colo do braço da banda de

dentro, per hum capitão dos Rapados, que o assinadamente veo cometer conhecendoo pelos sinaes porque era o mor homem Portugues que naquelle tempo avia na India, e o mais gentil homem, e milhor disposto. Nuno da Cunha, como estava ordenado, passou adiante na esteira de Pero Barreto com os da sua compunhia (que eram os capitães das naos que vinhão pera o regno) com cuja ajuda os Mouros Rapados acabaram seus dias, e se pos fogo as naos o qual se ateou de sorte que arderão dezoito dellas, por estarem varadas juntas humas das outras. Andandado assi travada a pelleja, deu a maré lugar as duas gales pera chegarem a força do combate, onde o Vicerei deceo em terra, com a bandeira Real, acompanhada da sua gente, e da de Tristão da Cunha, que por andar mal disposto ficou na gale, com cuja chegada forão os mouros, e Naires de todo desbaratados, seguindolhe o Vicerei o alcance ate a villa, por onde fez virar os que se a ella acolherão, e lhe mandou poer o fogo, de que ardeo toda, com muitas especiarias, e outras muitas mercadorias, que alli estavão pera a carga das naos de Meca, do que foi tachado, por mandar queimar huma villa, em que entam avia tanta riqueza, sem dar lugar aos soldados pera a saquearem, o que elle fez como prudente porque se se começarão dembaraçar no despojo de tanta riqueza sabia certo o desmando que nisso avia daver, e muito mais certo, que dentro de tres horas, se podião ajuntar os Naires del Rei de Calecut, que sam muitos, dos quaes se podera mal defender. Nesta peleja morrerão dezoito dos nossos, e forão muitos feridos, entre os quaes foi dom Lourenço, Nuno da Cunha, Fernam Perez Dandrade, Pero Barreto, Paio de Sousa, George Fogaça. Dos imigos morreram mais de trezentos, afora muitos feridos. O Vicerei

depois que o fogo se ateou de todo na villa, se recolheo a praia, onde armou muitos cavalleiros, entre os quaes foi Luis Vuartman Bolonhes, de que atras fallei, que se veo com Tristam da Cunha a este regno, e screve esta batalha no seu Itenerario. O que acabado o Vicerei mandou logo recolher toda a artelharia que os imigos tinham nas estancias, e no mesmo dia se embarcou, e se veo a Cananor, pera despedir Tristão da Cunha, com as cinco naos, a que so faltava a carga do gengivre, donde se partio aos sete dias do mes de Dezembro de mil, e quinhentos, e sete, e veo ter a Moçambique a nove de Ianeiro de mil, e quinhentos, e oito. E dalli se fez a vela pera o regno, onde chegou a salvamento, no mes de Iulho do mesmo anno de mil, e quinhentos, e oito, sem Iob Queimado, nem Ioam da Veiga, e a causa de não virem com elle, foi nam chegarem a Moçambique se nam depois delle partido, no qual porto passaram o Inverno, e chegaram ambos a Lisboa no anno de mil, e quinhentos, e nove, Ioam da Veiga com sua carga, e Iob Queimado sem ella, porque o roubou hum cossairo Francez a que chamavão Mondragon.

CAPITULO XXV

Do como o Vicerei dom Francisco Dalmeida mandou dom Lourenço seu filho darmada a dar guarda a algumas naos de Cochim, e do que passou no caminho ate chegar a Chaul, onde pelejou com Mirhocem capitão de huma armada do Soldão de Babilonia.

DEPOIS que o Vicerei despachou as naos que tornarão pera o regno com Tristam da Cunha, logo no mes de Ianeiro de Mil, e quinhentos, e oito, mandou dom Lourenço seu filho em guarda dalgumas naos de Cochim ate Chaul, com oito velas entre naos, caravellas, e gales, de que erão capitães, elle de huma, e das outras Pero Barreto de Magalhães, Antonio Lobo Teixeira, Duarte de Mello, Gonçalo Pereira, Francisco Danhaia, Paio de Sousa, e Diogo Pirez aio de dom Lourenço, no qual caminho entrarão em alguns portos onde queimarão, e roubaram, as mais das naos de mouros que nelle estavam ate chegarem a Dabul, onde depois de dom Lourenço estar ancorado no porto, com tenção de fazer todo o dano que podesse aos da cidade, pelo mao trato que alli dera o capitão Maimame del Rei de Calecut, as naos de Cochim, como fica dito, lhe vieram fallar dous Iudeus da parte dos senhorios das naos que alli estavam, mandandolhe pedir, que por respeito dos da cidade, lhe não quisesse fazer mal, e que por isso lhe resgatariam as naos pelo preço que parecesse honesto, o que por conselho dos capitães lhes concedeo, e recebido o resgate se partio pera Chaul, no qual porto esteve esperando perto de hum

mes pelas naos de Cochim que com elle forão, que serirão vinte, ate acabarem de tomar carga, pera as tornar a levar consigo: no qual tempo foi avisado pelos da terra que em Dio estava huma armada de Rumes, que o Soldam de Babilonia mandava a India a petição del Rei de Calecut, e del Rei de Cambaia com opiniam de com ajuda destes dous Reis lançar della os Portugueses, e destruir todolos que eram de sua parte, do que foi tambem certificado per cartas de seu pai, per Pero Cão, a que mandou que com a sua nao ficasse em companhia de dom Lourenço, o que sabido se fez logo prestes, para ir buscar esta armada a Dio, que he dalli obra de sessenta legoas. No que andando ocupado, chegarão os Rumes ao porto de Chaul, com toda sua armada junta, em boa ordem de que era capitão hum Mamaluco criado do Soldam, per nome Mirhocem, natural da provincia de Cordistã, debaixo de cuja capitania vinhão seis gales, hum galeam, e quatro naos grossas. Allem destas o acompanhavão trinta, e quatro fustas debaixo da bandeira de Miliquias capitão, e governador da cidade de Dio, por el Rei de Cambaia, todas muito artilhadas, e bem esquipas, e as velas do Soldão daventajem, porque traziam muita, e grossa artelharia de bronço, e boa gente deguerra, em que entravão alguns Christãos Levantiscos, e Italianos, os mais delles homens do mar. Chegada toda esta frota a barra de Chaul, as gales, e fustas vinham de longo da costa, a sombra da terra, e o galeam, e quatro naos de largo, a vista dos que estavão na cidade, pelo que cuidaram os nossos que era Afonso Dalbuque, que cada dia speravam na India, Dormuz, onde andava darmadá, como se ao diante dira. Pelo que descuidados dom Lourenço, e os outros capitaens, se deixaram estar sem se desamarrarem, mas Mirhocem

sem nenhum medo, nem receo, entrou pelo rio com as suas naos, e gales toldadas, e embandeiradas de bandeiras brancas, e vermelhas, com divisas de luas pretas, que em prelongando pelas nossas naos as salvou com muitas bombardadas, espingardadas e frecha, indo lançar ancora junto da cidade, arriba donde ellas estavão surtas, com tudo não passarão, sem lhes das nossas naos responderem com a mesma musica com que feriram, e matarão alguns delles, e dos nossos feriram bem trinta na nao de dom Lourenço, e quasi outros tantos nas de Pero Barreto, e assi em todalas outras, e mataram Rui Pereira homem nobre, que era capitão do conves da nao de Duarte de Mello. Das gales dos Rumes não receberão os nossos nenhum damno, nem ellas menos, porque passarão de longo da terra pela outra banda do rio pera se lançarem junto donde as suas naos estavam surtas. Mas Miliquias, ou por não ter todalas fustas da sua capitania juntas, ou per algum outro respeito, não quis entrar no rio aquelle dia. Ancorada assi a frota dos imigos, com quanto dom Lourenço tinha muitos eridos em todalas naos determinou de logo abalroar o galeam de Mirhocem com a sua nao, e a de Pero Barreto, dando ordem aos outros capitães, como cadahum avia dabalrroar as outras naos, e gales, pera o que logo mandaram alevantar as ancoras, o que vendo Mirhocem, receoso de pelejar sem Miliquiaz, que ainda nam entrara, mandou das gales tirar aos esquifes, que andavam levando as ancoras, de que do primeiro tiro arrombarão o de dom Lourenço, pelo que se desistio do negocio aquelle dia, nem as outras naos quiserão levar ancora, vendo que a de dom Lourenço o nam podia fazer, o qual e assi os outros capitaens que se tinham por afrontados de Mirhocem passar por elles, do modo que passou toda a

noite trabalharam pera em amanhecendo o irem abalrroar, mas por lhe o vento ser escasso nam pode dom Lourenço, que hia diante aferrar a nao de Mirhocem como levava determinado, com tudo lançaram elle, e Pero Barerto ancora tam perto della, que se serviam de tiros darremesso, com que os imigos por a sua nao ser alterosa, feriram muitos dos nossos, entre os quaes foi dom Lourenço de huma setada, o que vendo os da sua nao, lhe dixeram, que pois per caso da corrente nam podia abalrroar o Galeam de Mirhocem que se alargasse, no que elle nunca quis consentir ate que lhe derão outra frechada no rosto, então se fezeram alar, elle, e Pero Barreto cada hum por sua ancora pelo rio arriba, com ja terem muita gente ferida, e se poseram a tiro de berço das naos dos imigos, donde se servião dambalas partes de muitos tiros de bombarda. Neste tempo as nossas gales e caravellas como mais ligeiros, posto que o vento lhes acalmasse chegarão com muito perigo as gales dos imigos, das quaes abalrroou Paio de Sousa huma, em que elle foi o primeiro que entrou, e apos elle Ambrosio Paçanha, e logo Fernão Perez Dandrade, que com a outra companhia que os seguio a ganharam: Diogo Pirez com a sua gale ganhou outra, e os outros capitaens das caravellas duas, o que vendo os capitães das outras, se acolherão pelo rio acima. Nesta peleja de hum pelouro de bombarda mataram hum mouro cacis per nome Maimame Marcar, estando em oração na camara da galé em que vinha, avido entrelles por homem santo, o qual el Rei de Calecut, e o de Cambaia mandaram ao Soldam de Babilonia pera o exhortar, e requerer que mandasse gente, a India, que lançasse fora della os Portugueses. Despejadas as quatro gales, Paio de Sousa, e Diogo Pirez levaram as duas que renderam atoadas a nao de

dom Lourenço, que estava as bombardadas, com Mirhocem. Da qual victoria movido, determinou, posto, que estivesse ferido, de o ir abalrroar por lhe ja servir o vento e mare mas per conselho dos outros capitaens deixou de o fazer, porque tinha muita gente ferida em toda frota e a outra cansada, dizendolhe, que o milhor conselho era meterlhe as naos no fundo, porque deste modo os desbaratariam, com menos perigo. O que dom Lourenço nam quis fazer, dizendolhe, que uam parecia bom conselho meter tão boas naos no fundo, que o milhor era levalas a seu pai pera com ellas fazer guerra aos mesmos Rumes, se outro vez tornassem a India.

CAPITULO XXVI

Dé como se azou a morte de dom Lourenço.

MILIQUIAZ como fica dito, nam entrou no rio de Chaul com Mirhocem mas ao outro dia, que era sabado, sabendo o que passava, o fez quasi Sol posto, com mare, e viração, e sem tirar nenhum tiro, foi surgir no mesmo lugar, donde se a nossa frota alevantara, com cuja vinda os Rumes cobraram animo, dando grandes gritas tangendo seus instrumentos, e o mesmo fezeram os Mouros da cidade que se logo declararam contra os nossos tirandolhes da terra tiros, com que os tratavam mal. Miliquiaz depois de surto, mandou passar tres fustas das suas adiante, em favor do galeam de Mirhocem, as quaes sahio Paio de Sousa, e Diogo Pirez com as suas gales, que arrombaram huma dellas, e as duas fezerão varar em terra no que se passou todo o que ficava da-

quelle dia ate ser bem noite, em que se ajuntaram todolos capitaens na nao de dom Lourenço, os quaes vendo quam mal tratados estavam, e o socorro que viera a Mirhocem, e como os da cidade se declararão pela parte contraira, e que dom Lourenço estava ferido de duas frechadas, assentarão que pois as naos de Cochim estavam ja carregadas, que lhes dessem aviso, que como ventasse o terrenho, que seria de mea noite por diante se fezessem a vela com o maior silencio que podessem, e que elles iriam detras em sua guarda, o que se assi fez, mas não pode ser tão caladamente, que os imigos o nam sentissem, dos quaes se fezeram a vela duas naos, na volta da de dom Lourenço que hia na reçaga frota, o que era ja no romper dalva. Atras estas duas naos se aballou Miliquiaz com toda a sua frota, rodeando a nao de dom Lourenço tirandolhe muitas bombardadas, das quaes huma lhe deu ao lume dagoa, de que fazia muita, sem se sentir, pela grande revolta que nella avia, ao qual perigo lhe sobreveo a calmarlhe o vento com o que e com a corrente, por nam acodir bem ao leme (por respeito da muita agoa que fazia) foi dar da outra banda do rio, sobre huma estacada de pescadores, onde encalhou, ao que Paio de Sousa, que hia com a sua gale junto della acodio com hum cambo que lhe deu, mas nam lhe aproveitou nada, por ja ter feito assento antre aquellas estacas. Miliquiaz como a vio encalhada e que a tinha segura, mandou algumas das suas fustas que fossem abalrroar a galé de Paio de Sousa e porque os mais estavam feridos, vendo que se não podião salvar, cortaram o cabo que tinha dado a nao, sem o Paio de Sousa saber, cortado assi o calabre a galé desparou pelo rio abaixo tam tesa com a corrente, que posto que Paio de Sousa mandasse fazer volta pera acodir a nao, a gale não pode virar,

e assi foi ate chegar onde estavam surtos, Pero Barreto, Duarte de Melo, e Diogo Pirez, que como viram, que a nao de dom Lourenço nam surdia, lançarão ancora, e o mesmo fezeram Pero Cão, Francisco Danhaia, e Antonio Lobo Teixeira, que hiam ja de fora da boca da barra. Desamarrada a gale de Paio de Sousa, dom Lourenço, posto que pera isso, sem o elle saber, lhe tivessem aparelhado o parao da nao se nam quis sair della dizendo aos que para isso o importunavam, que se lhe mais falassem, que com huma alabarda que tinha na mão lhe tiraria darremesso, porque esperava em Deos de se defender ate que a mare servisse para os oufros capitaens o virem ajudar. Neste tempo avia ja na nao setenta homens feridos, e sos trinta sãos, de que fez daquelles que podião pelejar, tres quadrilhas, dos quaes deu a capitania do conves a Emanuel Paçanha e do castello davante a Francisco de Novaes feitor da armada, e a da tolda tomou pera si. Em todo este tempo a frota de Miliquiaz, e a de Mirhocem que se ja achegara pera a nao de dom Lourenço, lhe tiravam muitas bombardadas sem ousarem da ferrar, pela muita resistencia que achavam, porque os nossos, posto que a nao estevesse encalhada, nam deixavam de lhes responder a meude com a artelharia, sperando socorro das outras naos, gales, e caravellas, as quais todas se desamarraram pera lhes acodir sem a mare e corrente nunca a isso darem lugar. Andando assi todos neste trabalho, deram huma bombardada a dom Lourenço, que lhe levou huma coxa, da qual ferida nam se podendo ter em pé, mandou com muito esforço, que o assentassem em huma cadeira, ao pe do masto, donde mandava a nao, ate que lhe deu outra bombardada nos peitos, de que logo cahio morto, e pola gente nam desacoroçoar, em caindo o esconde-

ram, os que estavam junto delle detras do fogam, onde depois mataram os imigos pelejando sobre o seu corpo, hum seu paje, per nome Lourenço Freire Gato. Neste tempo estava ja a nao quasi rasa com a agoa, per caso dos muitos tiros que lhe davam, pelo que os imigos que de todalas partes a tinhão cercada a abalrroaram, e entraram per tres vezes, e de todas trez os lançaram fora, no que morreram muitos delles, e dos nossos, mas como fossem poucos, e sem ajuda, e os imigos muitos, e com muita, a entrarão de todo, onde se começou entre elles huma crua, e brava peleja ate que Miliquiaz entrou em pessoa, pesandolhe de ver morrer tantos, e tão esforçados homens, de que ainda salvou vinte, que achou pelejando, todos feridos, aos quaes fez depois sempre boa companhia. Nesta peleja morrerão oitenta Portugueses, de que os principaes foram, dom Lourenço, Ioam Rodriguez Paçanha, George Paçanha, seu irmão, filhos de Emanuel Paçanha, Antonio de Sampaio, Diogo Velho, Francisco de Novaes feitor darmada, Rui Pereira de Souto Maior do Algarve, Antonio de Sousa, Rui de Sousa, Antão de Gá, Estevão de Vilhena de Setuval, Rui de Sampaio, e Antonio Barreto de Magalhães irmão de Pero Barreto. Os que escaparão forão Tristão de Gá, Lourenço Phelipe veador de dom Lourenço, Alvaro Lopez Barriga mestre da nao de dom Lourenço, Gonçalo Tarouca criado do Vicerei, e Sebastião Rodriguez, que agora he juiz da casa da moeda da cidade de Lisboa, os outros erão homens do mar. E como se achou per conta, morreram na nao de dom Lourenço, e nas outras, cento, e quarenta homens, e foram feridos, cento e vinta quatro: dos captivos o que mais honra ganhou, foi hum gromete per nome Andre Gonçalvez do Porto, que da gavia da

nao pelejou tanto sem se querer dar, nem o poderem ferir, que vendo Miliquiaz quão valente homem era, mandou que lhe não tirassem mais, e com promessas, e lhe assegurar a vida, se entregou. Mas tornando a Paio de Sousa, Pero Barreto, Diogo Pirez, Duarte de Mello, e outros capitães que andavam em trabalho de acodirem a dom Lourenço, vendo que a nao estava quasi toda no fundo, e que era entrada dos imigos, voltaram com a corrente da mare com que sairam pela barra, o que ja tinhão feito os outros capitães, que seguindo sua derrota a traves de Dabul, acharão Garcia de Sousa na sua caravella, que o Vicerei mandou apos Pero Cão, visitar dom Lourenço, e pera ficar com elle, mas com temporaes não pode chegar. Dalli forão ter a Cananor donde per conselho de Lourenço de Brito, por não tomarem todos de sobresalto o Vicerei, lhe mandarão o recado per Pero Danhaia, com o qual receberam os Portugueses muita tristeza, e o mesmo fezeram todolos da terra que erão nossos amigos, e sobre todos el Rei de Cochim que em pessoa veo ver, e consolar o Vicerei, que dissimulou a morte de seu filho, com tanto esforço, e tento como se de hum tal, e tam bom cavalleiro esperava.

CAPITULO XXVII

De como el Rei mandou huma armada sobela cidade Dazamor; de que deu a capitania a dom Ioam de Meneses camareiro mor do Principe dom Ioão seu filho.

Como el Rei todo o tempo que viveo, trabalhasse muito por fazer guerra aos Reis de Fez, Miquinez, e Marrocos, e a outras provincias de Mouros, que sam da conquista desta destes regnos, mandou no anno atras de mil, e quinhentos, e sete, dom Ioam de Meneses com tres caravellas, e hum navio de remo, sondar a barra Dazamor da Mamora, de çale, e de Larache, e com elle Alvaro Ribeiro, e Gonçalo Ribeiro, dous cavalleiros de Lagos, e Sebastião Rodriguez Berrio, e Pero Berrio seu sobrinho de tavira: e hum Duarte Darmas grande pintor, que traçou, e debuxou as entradas destes rios, e a situaçam da terra. O que tudo feito como convinha, dom Ioão de Meneses se veo ao regno, a dar informação a el Rei do que achara, das quaes movido, determinou neste anno de M. D. viij, mandar huma armada sobela cidade Dazamor, de que deu a capitania ao mesmo do Ioam de Meneses, a qual nam foi tamanha como requeria o peso do negocio, por lhe alguns mouros terem dado avisos, e modos com que lhe fezerão crer, que com muito menos gente, e armada da que mandou tomaria a cidade, sem nenhum trabalho nem perigo, dos quaes o principal foi Moley Zeyão Rei que fora de Miquinez, e senhor de muita parte da Enxovia, filho de Mahome Bemhaja, o qual Moley Zeyão era primo com irmão, e cunha-

do de Moley Mahomed Rei de Fez, casado com huma sua irmã filha de Moley Xeque, que fora Rei de Fez. A este Moley Zeyão tomou Moley Naçar irmão del Rei de Fez o regno de Miquinez, do qual despossado, pela muita valia que tinha em Azamor, se veo meter na cidade, parecendolhe que o tomarião por senhor o que os cidadões não quiseram por então fazer pelo qual respeito veo a Portugal offerecerse a el Rei dom Emanuel, pera o servir neste negocio. Com tudo na armada hiam quatrocentas lanças, em que entravão alguns acubertados e dous mil espingardeiros, e besteiros, e outros soldados, todos dordenança, a fora bombardeiros, e gente do mar. De que a gente nobre que hia nesta armada de que pude saber os nomes foi a seguinte, dom Rodrigo de Mello conde de Tentugal, dom Pedro filho do conde de Penamacor, Luis da Sylveira, que depois foi conde da Sortelha, dom Ioão Mascarenhas capitão dos genetes, dom Nuno Mascarenhas seu irmão, Ioam Rodriguez de Sá de Meneses, sobrinho de dom Ioam de Meneses, filho herdeiro de Henrique de Sá alcaide mor da cidade do Porto, dom Luis de Meneses, dom Antonio Dalmeida contador mor, Pero Mascarenhas, dom Henrique de Meneses, Simam Correa, Simão de Sousa Ribeiro, dom Tristam de Meneses, Francisco de Mendanha, Ioam Homem, Simão de Sousa do sem, Ioão brandão provedor das capellas, e Sebastião Rodriguez berrio, que hia por piloto mor darmada. E por capitães de gente de pe, que foi a primeira que se vio em Portugal de ordenança, Christovão Leitão, e Gaspar Vaz, e assi outros fidalgos, e cavalleiros que hiam espalhados pela armada, com a qual dom Ioam de Meneses partio do porto de Lisboa aos xxvj, dias do mes de Iulho de M. D. viij, e foi ter a Lagos, onde esteve alguns dias sperando por gente, e

navios do Algarve, e dalli com bom tempo foi surgir diante da barra do rio Dazamor, na qual depois de surto, tendo sua armada junta entrou com agoas vivas ja sobella noite pelo rio, em dia de sancta Clara, doze Dagosto, e logo ao dia seguinte mandou esbombardear a cidade, ao que os de dentro respondião com a sua artelharia, fazendo grandes alaridos, gritas, e algaras, como o tem de costume toda a gente daquella provincia, lançandolhe pelo rio abaixo balsas de lenha, canas, palha, estopa, tudo aceso com fogo dalcatram de que se defendião com muito trabalho allem do que sahiam da cidade muitos a praia a escaramuçar, ao que dom Ioam de Meneses nam acodio, sperando recado de Moley Zeyão, pera ver se queria, ou podia cumprir com o que tinha prometido a el Rei, no qual tempo elle mandou recado a dom Ioam per hum mouro que vinha acomponhado de cincoenta de cavallo, dizendo que estava a serviço del Rei dom Emanuel, ao qual Mouro dom Ioão foi falar em um batel a borda do rio, o que tudo eram enganos, porque soube logo que na cidade avia mais de oito mil homens de peleja, e que Moley Zeyão sem ter conta com que tinha prometido, por ja estar dacordo com os da cidade andava no campo com mais de xvj mil de pe, e de cavallo. Pelo que mandou desembarcar a gente, com determinação de dar combate a cidade, do que os mouros por serem tantos como eram, foram mui alegres, por lhes parecer que tomariam os nossos as mãos, am certas ciladas que logo ordenaram, entre a cidade, e a praia, o que defeito fezeram, se nam fora o muito esforço de dom Ioam, e bom modo que teve em mandar a gente de que fez tres capitanias dos de cavallo, de que a huma deu ao Conde de Tentugal, com cem lanças, e a outra a dom Ioam Mascare-

nhas, com cento, e cincoenta, e elle ficou com a mais, com a qual, e com a gente de pe, passando per tres ciladas, que lhe lançaram, em que avia mais de mil, e duzentos de cavallo, chegou as portas da cidade, levando diante de si huma grande somma de pionajem, e gente de cavallo dos mouros, que saira de dentro com tençam de os tomarem no meo, com as ciladas, os quais os nossos fezeram recolher com tanta pressa, que os estavam em guarda das portas vendo quanto se chegavam a ellas, as fecharão, deixando os mais dos seus de fora, com quem os nossos travaram huma brava peleja. Andando o negocio travado desta maneira, sairam os das ciladas nas costas dos dous esquadrões de cavallo de que eram capitaens o Conde de Tentugal, e o capitam dos ginetes, que hiam na reçaga de dom Ioam, e os apertarão tanto, que foi necessario acudirlhe elle de junto das portas da cidade, onde ja estava com a sua gente de cavallo, e assi todos juntos se começou entrelles de renovar a peleja, a que acodio Moley Zeyão e o mesmo fazião os de pe com os que ficaram fechados de fora das portas dos quaes matarão alguns. Mas como do campo recrecesse muita gente de cavalo dom Ioam de Meneses se recolheo na milhor ordem que pode, com toda a gente pera a praia e dahi para a frota, com lhe matarem dezaseis de cavallo, entre os quaes foram dom Pedro de Noronha, filho do conde de Penamacor, Simão Fogaça, Diogo Barreto, dom Ioam Henriquez, Henrique Rodriguez Alcoforado, e Christovam marquez natural de Tomar, e seis piães, e dos mouros, como se depois soube morreram mil, e trezentos, e sessenta, e cinco, em que entraram cento, e sessenta, e quatro alarves de cavallo, os outros foram dos que sairam da cidade, assi de pe, como de cavallo. Neste recontro mataram a Ioam Rodriguez

de Sá de Meneses, o cavallo, e cahio no chão, e o mataram a elle se lhe nam acodiram Ioam Homem, e Diogo Fernandez de Faria que depois foi adail de Goa que matou o alcaide que derribára Ioam Roiz, e Ioam Roiz em caindo o alcaide se sobio no seu cavallo, e assi se salvou. Depois de dom Ioam ser embarcado se lhe perderam alguns navios, tanto por serem augoas mortas, e não poderem sair do rio, como pela ma ordem, que ouve no desamarrar, e derrota que tomaram, allem do que lhe queimaram os da cidade huma fusta que deu em seco, em que mataram trinta remeiros, que em se defendendo mataram tambem xviij dos mouros. Naquella noite lhe lançaram outras balsas de fogo, de que se desfezerão com assaz trabalho, pelo que vendo dom Ioão quam pouco fructo ja alli podia fazer, mandou ao outro dia dar a vela caminho do estreito de Gibaltar, e parece que foi tudo isto guiado por Deos, porque se elle não fezera este caminho, ao tempo que o fez, Arzilla fora tomada de mouros, como se logo dira.

CAPITULO XXVIII

De como el Rei de Fez veo cercar Arzilla, e ganhou a villa, e do soccorro que lhe veo.

PARTIDO dom Ioão de Meneses da barra Dazamor, seguindo o regimento que pera isso tinha del Rei se foi ao estreito de Gibaltar, onde andou alguns dias com sua frota espalhada, com que tomou duas, ou tres fustas de Tutuam, e deixando a mor parte della em Alcacer, e por capitam Ioam Rodriguez de Sá de Meneses, seu sobrinho, pessoa de que muito confiava, pai de Francisco de Sá de Meneses capitão da guarda del Rei dom Sebastiam, que agora regna e Deos prospere, se veo a Tanger pera se ver com dom Duarte de Meneses, filho de dom Ioam de Meneses conde de Tarouca, que era capitão da cidade, donde mandaram recado ao conde de Borba, dom Vasco coutinho, cunhado de dom Ioão, casado com sua irmãa, que era capitão Darzilla, que compria a serviço del Rei veremse pera communicarem algumas cousas de importancia, pelo que o Conde sem mais esperar se veo per terra a Tanger, onde consultando estes tres capitães, sobelo modo que teriam em tomarem a villa de Larache, lhes deram recado como el Rei de Fez vinha cercar Arzila, e que era ja mui perto. Pelo que o Conde com a gente de cavallo que trouxera se tornou na mesma hora pera Arzilla, donde logo mandou os Almocadens, Pero de meneses mourisco, e George vieira a descobrir, os quaes vendo muitos fogos no Xeicão, que he duas legoas, e mea Darzilla, lhes pareceo que seria gente del Rei de Fez, pelo que se lhe deram tal manha,

que tomaram alguns Mouros, de que o Conde soube que o mesmo Rei estava alli com todo seu exercito, e muitas muniçoens de guerra, com tençam de vir cercar Arzilla, do que logo avisou dom Ioão, e dom Duarte. Isto foi aos xix dias do mes Doutubro, de M. D. viij, huma quarta feira, e ao outro dia chegou todo o poder del Rei de Fez, que se afirma que trazia vinte mil homens de cavallo, e cento, e vinte mil de pé, em que entravão dez mil besteiros, e espingardeiros, com muitas bombardas e outras munições de guerra pera combater, e escalar a villa, o que logo no mesmo dia começaram de fazer no qual os de dentro se defenderam ate noite muito esforçadamente. Ao outro dia que era sesta feira em amanhecendo, virão os nossos a villa cercada de todalas partes com infinidade de gente, e de longo da praia feitas muitas estancias de cestos, e pipas cheas darea com suas bombardas pera defenderem o porto de mar, e huns mastos, que estavão arvorados na praia por balisas da entrada do arrecife derrubados. No qual dia vierão cometer a villa com mantas, picões, espingardaria, besteiros, que por serem muitos, nenhum dos nossos podia assommar entre as ameas, nem aos buracos das seteiras que logo não fosse pregado. E por serem tantos, e na villa nam aver ao todo quatro centos homens, entre de pé, e de cavallo, os mouros poseram as mantas ao muro, e o picarão tam de pressa, e per tantos lugares, que naquelle dia derribaram hum grande lanço, per onde entraram muitos delles, ao que o Conde de Borba acodio com obra de cincoenta de cavallo, e os fez tornar atras, mas porque o nesta briga feriram de huma setada que lhe passou o braço direito, foi constrangido a se ir curar deixando a gente encommendada a George barreto seu genro, mas como o acharam me-

nos, e os mouros crecessem começarão de se retirar, ao que o conde acodio depois de o curarem, mas como a força dos imigos sobrepojasse em muito o numero dos nossos, foi forçado de se recolher ao Castello, o que tambem fezeram os que estavam defendendo o muro, e assi muitas molheres, mininos, e outra gente desarmada, correndo todos a porta, na qual foi tanta a pressa, e aperto dos mouros que os seguiam, que por nam entrarem de mestura, o Conde mandou fechar as portas, por de todo se nam perder com todos, de maneira que lhe foi forçado deixar fora muitos daquelles homens, mulheres, e mininos, que os mouros alli logo mataram, sem darem vida a pessoa nenhuma entre os quaes foi Lopo rabello, que tinha a cargo hum cubello onde o mataram como muito esforçado cavalleiro, sem se querer sair delle, posto que lhe dixessem que o Conde se recolhia pera o Castello, no qual dia se os mouros o cometeram, segundo os nossos estavam fracos do trabalho passado, e atimorizados, por ventura que o ganharam, mas quis Deos que ocupados em roubar a villa, descuidarão de fazer o que lhes mais importava. Nesta revolta alguns dos moradores, dos quaes hum era Antonio cordovil, vendo a villa entrada, se lançaram pelo Muro, pera se salvarem em huma caravella, o que Ioão martinz, dalpoem que alli estava, nam fez, mas antes se deixou ficar sobrancora, varejando com algumas bombardas que tinha a praia, com que matou muitos mouros, alli esteve com assaz trabalho, ate vinda de dom Ioam, em que o ferirão de setadas, e a todolos que com elle estavam, Antonio de Cordovil se foi a caminho de Tanger dar aviso a dom Ioam de Meneses do que passava o qual encontraram de noite no caminho, porque como o conde de Borba partio de Tanger para Arzila logo dom Ioam

mandou recado a Ioam Rodriguez sa que se viesse pera Tanger, com os navios da frota, que deixara em Alcacer ceguer, o qual se partio logo, e em entrando pela baia de Tanger chegou o recado a dom Ioam de Meneses como Arzila era cercada, pelo que se partio logo para lá, e no mesmo dia que forão xxiij Doutubro havendo tres dias que a villa era ganhada dos Mouros, foi dom Ioam surgir fora do arrecife, por caso da muita artelharia com que os mouros tiravam das suas estancias, onde esteve tres dias sem entrar, a huma por o mar andar de levadio, e ser o arrecife muito perigoso, e a outra, e principal, por nam saber se era o castello ganhado dos Mouros, porque sabendoo, lhe aproveitara pouco o desembarcar, pois nam tinha gente pera poder em terra pelejar com o grande poder del Rei de Fez. Com tudo por saber a certeza do que passava, mandou a Rui Garcia que depois foi cavalleiro da guarda del Rei e a Ioam de Mendonça, ambos da sua criaçam, e muito esforçados cavalleiros, que em hum batel bem esquipado entrassem no arrecife, e trabalhassem de aver falla do Castello, ou algum sinal, os quaes entraram no arrecife com muito perigo, porque da estancia que estava diante da porta do Albacar, lhe tiravam as bombardadas, toda via entraram, e viram no Castello huma janella aberta no apousento do Conde, da qual lhes amostrarão bandeiras com as cruzes e quinas, e huma molher em cabello com hum menino nas mãos, bradando, Portugal, Portugal, com o que se tornaram mui alegres a dom Ioam, que logo ordenou que se passassem dos navios grandes aos pequenos, que com menos perigo podessem entrar no arrecife, algumas bombardas, e outras munições de guerra. Neste tempo mandou o Conde, Ioam vaz gaibam, e Ioão de Sousa, ambos mouriscos ja Chris-

tãos, a nado com cartas metidas em pelouros de cera, em que dava conta a dom Ioam do aperto em que estava, e logo tras estes lhe mandou hum cavalleiro Portugues, grande nadador, per nome Pero da Costa casado com huma irmãa de Lopo Barriga, com recado do modo que avia de ter no desembarcar, pera com menos perigo poder meter no castello gente, e mantimentos, do que tudo tinha muita necessidade.

CAPITULO XXIX

De como dom Ioão entrou no arrecife, e soccorreo o castello com gente, e mantimentos, e el Rei de Fez alevantou o cerco, e do que el Rei dom Emanuel sobre neste negocio fez.

Como dom Ioam teve aviso do Conde de Borba, mandou logo fazer prestes os navios, que mais facilmente poderião entrar no arrecife, e apregoar, que a todolos omiziados, que ao outro dia saissem em terra, perdoava em nome del Rei toda sua justiça. O que assi ordenado, se fez a vela para o arrecife, no qual o primeiro que entrou em hum batel, dizem que foi Pero mascarenhas, que os mouros feriram estando a falla com o Conde de Borba, mas posto que alguns digam que foi Pero de mascarenhas o primeiro que entrou no arrecife, eu achei per lembranças dignas de fe, que foi Sebastião Rodriguez berrio, hum dos milhores homens de mar, e dos mais esforçados cavalleiros que de seu tempo ouve neste regno, o qual eu conheci, e dous seus sobrinhos não menos destimar que elle, hum per nome

Pero berrio, e outro Ioam Martinz Dalpoem homens mui praticos nas cousas do mar, e mui bons cavalleiros, ou pode ser que fosse Pero mascarenhas no batel de Sebastiam rodriguez berrio, e que ambos juntos fallassem ao Conde. Mas tornando ao recado que trouxeram, dom Ioam mandou logo apregoar que a primeira pessoa que naquelle dia saisse em terra daria quinhentos cruzados, os quaes ganhou dom Tristam de Meneses, que hia no batel de Ioam rodriguez de sa de meneses, o qual, e dom Henrique de meneses, que hiam na proa do batel, por com o marulho fazer ceavoga, deu primeiro com a popa na praia, que foi causa de dom Tristão que hia nella sair primeiro quelles. Ao entrar no arrecife feriram tam mal o Conde de Tentugal de hum pelouro de bombarda, que foi constrangido tornarsse a Tanger pera se poder milhor curar. O conde de Borba como vio a armada surta, mandou abrir a porta de treiçam, que vem do castello para o albacar, por onde como o tinha mandado dizer a Dom Ioam por Pero da costa, lançou trinta de cavallo, e alguns cavalleiros em que confiava, a pe. Dom Ioão pelos sinaes que lhe o Conde mandou dizer que faria do castello quando esta gente avia de sair, conheceo que era tempo de mandar desembarcar os da frota, pera mor segurança do que mandou tirar com toda a artelharia contra a praia, que se logo despejou de quantos mouros nella estavam, e em acabado de jugar a artelharia, os bateis que todos estavam prestes, remaram a terra, dos quaes o primeiro que chegou, foi o de dom Ioão Rodriguez de Sá, em que hia dom Tristão, como fica dito, e o segundo o em que hia Ioão homem, que foi o primeiro que sahio em terra depois dos ja nomeados. Dos capitães o primeiro que desembarcou com sua gente, foi dom Ioão de Mascare-

nhas capitão dos ginetes: com tudo os mouros não forão tão cavardos, que ao desembarcar nam acodissem logo a praia, e travarão huma mui cruel peleja, em que dambalas partes ouve muitos mortos, e feridos, mas em fim os nossos chegaram a estancia, e com ajuda dos que sairão dos castello, tomaram nella seis bombardas, e meteram na villa pela porta do albacar duzentos homens, os mais delles espingardeiros, e besteiros, e algum mantimento, polvora, e pelouros setas, e outras muniçoens, com os quais entrou o capitão dos ginetes, no que ouve da parte dos mouros grande referta, em que morreram alguns delles, e assi dos nossos, de que hum foi Emanuel Coutinho de huma espingardada que lhe deram pela testa, que foi hum dos primeiros que sahio em terra em companhia de Ioão homem, e ao outro dia entraram outros tantos posto que com muito perigo, em que matarão o Adail Ioam Pimenta de huma espingardada. Com o qual socorro o castello se assegurou, que estava ja tão minado, que dentro nas minas pelejavão os nossos com os mouros, de que andavam tam cansados, e desvellados, que se o socorro tardara mais hum dia, el Rei de Fez o ganhara, o qual sabendo que era socorrido dixe aos seus, que folgava muito, porque quanto mais entrassem tantos mais tomaria, ao que lhe os alcaides Barraxa, e Almandarim, pessoas mui principaes antre os mouros, responderão senhor não vos afiuzeis em vosso poder porque dom Ioam he tam sabedor, e tão manhoso nas cousas da guerra, que debaixo dos pes vos vira poer o fogo. Com tudo el Rei não quis alevantar o cerco, e esteve ainda alli oito dias dando cada dia duas vezes combate ao Castello, pela manhã, e depois de comer. No dia que se deu o segundo socorro ao Castello, despachou dom Ioam de meneses huma caravella com a

nova deste cerco a el Rei, e mandou em outra pedir socorro aos lugares Dandaluzia, e assi ao conde dom Pedro Navarro, que entam estava em Gibaltar, com a armada de Castella, a o que o primeiro que acodio, foi o cerregedor de Xares, em huma caraveila, a remos bem artilhada, e carregada de mantimentos, e trezentos besteiros, com que fez muito damno, e estrago nos imigos, porque se alevantava da baia, e hiasse poer ao longo da villa velha, donde descobria os mouros que estavam emparados da artelharia do castello, no qual lugar estava tambem el Rei de Fez, e não avia dia que não matassem muitos delles, porque como via que huma Sphera que tomara na villa, com que tiravam ao castello, se voltava pera caravella, elle se alevantava, e como a tornavão assentar contra o castello, se tornava ao mesmo lugar de maneira que nunca lhe poderam chegar, posto que el Rei prometesse muito dinheiro a qualquer pessoa que lhe arrombasse o que se não podendo fazer, el Rei se alevantou dalli com toda a outra gente e se foi poer detras datalaia dos paos. O conde dom Pedro Navarro chegou Arzilla a huma terça feira, o qual com tres mil e quinhentos soldados que trazia, e com os que avia na frota de Portugal, quisera logo ir cometer o arraial del Rei de Fez, mas por ser em terça feira, em que dom Ioam tinha agouro, dissimulou com o negocio, o que entendendo o Conde, assentou com elle que fosse ao outro dia: mas el Rei de Fez sabendo o socorro que era vindo, mandou no mesmo despejar a villa, e poerlhe o fogo, no qual hum mouro, fidalgo, que fora captivo de dom Ioão de meneses, lhe mandou pedir seguro pera o ir visitar, e darlhe as graças do bom tratamento que delle recebera sendo seu captivo, o que lhe concedeo, e veo com xx de cavallo a velo, e na pratica lhe deu mui-

tos louvores, dizendolhe senhor dom Ioam quanto vos deve Arzilla, que em tal tempo a socorrestes, nem creo que tamanho negocio, e contra hum Rei tão poderoso como o he el Rei de Fez se podera acabar se não por vos. Dom João lhe respondeo, que mais honra ganhara el Rei de Fez em entrar em huma villa de hum tam poderoso Rei como o era el Rei de Portugal, mas que de huma cousa se espantava muito, que durando ainda a guerra, mandava el Rei de Fez queimar as casas, porque se tinha vontade de dar batalha, terçando por elle a victoria, teriam os seus onde se podessem agasalhar, o mouro lhe respondeo, que el Rei não mandara fazer tal cousa, se não que fora desmando dos soldados mas que elle lhe iria dar disso conta, pera que mandasse apagar o fogo, o que logo el Rei mandou apregoar per todo o arraial que se fezesse, e o fogo se apagou, a presumpção foi que elle mesmo veo desconhecido com aquelle mouro seu criado para ver dom Ioão, que era cousa que muito desejava, pela fama que delle tinha. Partido el Rei de Fez do campo ao outro dia entrou dom Ioam de Meneses na villa, com a bandeira Real despregada, deixando por capitam do mar, Francisco de Mendanha, onde foi recebido do Conde de Borba, Condessa, e toda a mais gente, como homem que a todos dera a vida, e livrara de captiveiro. A nova deste cerco se deu a el Rei dom Emanuel em Evora, a huma terça feira, no qual dia mandou screver cartas aos senhores do regno, e pessoas que o neste negocio podiam servir, e ao Domingo depois de comer, tendo ja despedida muita gente pera o Algarve, estando na cortina, pera ouvir Missa no mosteiro de S. Francisco lhe chegou recado como a villa era ganhada pelos mouros, e o conde de Borba se recolhera no castello. Pelo que sem mais outro

conselho, dixe a hum seu moço da capella que estava junto da cortina, per Afonso Lopez, que depois foi escrivão dalfandega da cidade de Lisboa que dixesse ao Adaiam da capella que a Missa rezada, e nam ouvesse pregação e pelo mesmo Afonso Lopes mandou dizer a Vasqueanes corte Real seu veador que lhe mandasse poer as iguarias na mesa, e a Nicolao de faria seu estribeiro pequeno que depois foi contador da comarca da Guarda, que lhe mandasse selar huma faca baia muito andarenga, e hum ginete para o paje do arremessam que entam era Alvaro de sousa, que ainda vive, e mora na villa Daveiro e com so este paje, e alguns sete, ou oito de cavallo que o segulram, partio Devora, em acabando de jantar, sem fazer mais que com as botas calçadas se despedir da Rainha, caminhando tam açodadamente, que na serra do Algarve lhe arrebentou pelas ilhargas, entre as pernas a faca em que hia, onde lhe deram novas que o castello Darzilla era ja socorrido, pelo que tomou dalli o caminho mais de vagar ate a Tavira, com tudo parecendolhe que ainda que o castello estivesse provido de gente, e mantimentos, que nem por isso o poderiam salvar, nem lhe indo mais socorro, polos continuos, e asperos combates que lhe el Rei de Fez cada dia dava, e assi pelas minas que tinha feitas, determinou de passar em Africa no que estando resoluto, se ajuntarão alli per mar, e per terra em espaço de cinco dias passante de vinte mil homens de pe, e de cavallo, porque todos acudirão a este rebate, como se fora pela principal cidade do regno, e assi chegou muita artilharia, e outras munições de guerra que elle mandara vir dos seus almazens de Lisboa, e muitos mantimentos, e navios pera poderem recolher toda esta gente, e muniçoens, mas estando neste proposito ja prestes pera se embarcar

lhe veo recado, como el Rei de Fez alevantara o cerco, e se fora pera Alcacerquibir, pelo que desistio da viajem, posto que com saber estas novas, sua determinação, e vontade fosse passar, se lho nam estorvara o parecer dos que em cousa de tanto peso lhe podiam dar conselho, com tudo mandou dalli alguns navios com gente de guerra, mantimentos, muniçoens, e officiaes pera se a villa, e castello fortificarem de novo, e ao Conde dom Pedro Navarro mandou seis mil cruzados de merce, pelo bom socorro que dera aos Darzilla, os quais elle nam quis tomar, excusandosse que sua Alteza lhe nam era em nenhuma obrigaçam, que o que fezera fora a custa del Rei dom Fernando seu senhor, e que delle esperava o galardam de seu serviço, mas nem por isso deixou el Rei de fazer muitas merces, e dar muitas tenças, e habitos em suas vidas, e de seus filhos, assi ao corregedor de Xarez, como a muitos cavalleiros Andaluzes, que as suas proprias custas vieram ao socorro Darzilla, em que morreo muita gente, assi dos mouros, como dos Portuguezes, e Castelhanos, entre os quaes forão juntamente oitenta do corregedor de Xarez, que todos per desastre ficaram debaixo de hum lanço do muro que cahio sobrelles. Dom Ioam de meneses esteve em Arzila ate que chegou toda a gente, e muniçoens que lhe el Rei mandou do Algarve, e deixando nella tudo o que era necessario, com dous mil soldados, afora a gente ordinaria de pe, e de cavallo, e officiaes pera de novo refazerem as barreiras, e muros da villa, e castello se tornou pera o regno, onde foi recebido del Rei como hum tal cavalleiro, e tam bom capitão merecia.

CAPITULO XXX

Do concerto que se fez antre estes Regnos, e os de Castella, sobre limitaçoens da conquista Dafrica, e recados que el Rei teve do gram capitam Gonçalo Fernandez de Cordova, e de como o Duque de Medina sidonia e dom Pedro Giram vieram a este regno desavindos del Rei dom Fernando, e el Rei mandou ao regno de Manicongo Ioam de sancta Maria, e outros doze religiosos.

Neste anno de M. D. viij. por entre estes regnos, e os de Castella aver algumas diferenças sobelas limitações da conquista que a cada hum delles pertencia se fez hum concerto, antre el Rei dom Emanuel, e a Rainha donna Ioanna de Castella, perque el Rei dom Emanuel soltou a conquista que era destes regnos desno lugar de Belez da Gomeira ate Melila, e Caçaça, com todalas povoaçoens, que na dita costa ha, por estarem na demarcação do regno de Fez, e assi a fortaleza do pinhão de Belez, que esta metido no mar junto da mesma cidade de Belez, a qual a dita Rainha dõna Ioanna mandara fazer, pera guarda Dandaluzia. E por quanto, pela capitulação que fez Rui de Sousa, e dom João de Sousa seu filho embaixadores del Rei dom João segundo, com el Rei dom Fernando Daragão marido da Rainha donna Isabel de Castella (cuja filha herdeira esta senhora donna Ioanna era) sobelos limites, e demarcações da banda do Ponente, pêr onde avia de ficar a arraia, e limite do dito regno de Fez, por aver ahi duvida se entre o cabo do Bojador, e de Nam, donde se começão as marcas, e limites de Gui-

né, que he da conquista destes regnos de Portugal, e por se dizer que nestes limites ficavão alguns lugares, e terras que não erão da conquista do regno de Fez, e que per isso a conquista destes não pertencia a Portugal, foi assentado que a Rainha donna Ioanna soltasse, e alargasse todo o direito que podiam ter os Reis de Castella desne Belez da Gomeira, conseguindo os seus lugares que tem do regno de Fez, ate chegar ao cabo do Bojador, e de Nam com penna de cem mil dobras douro, de peso, a quem quebrasse a capitulação, a qual foi feita per dom Antonio de noronha, scrivão da puridade del Rei dom Emanuel, que depois foi conde de Linhares, e per Gomez de sanctilhena corregedor da cidade de Iaem, sobelo que, per algumas duvidas que recrecerão mandou el Rei a Castella o doctor Ioão de Faria, e se acabou tudo como convinha a paz, e sossego destes dous regnos. Neste anno mandou o gram capitam Gonçalo Fernandez de Cordova Duque de Sesa, recado a el Rei per via de Ianne Mendez do esporão seu embaixador, que entam andava em Castella, pedindolhe passagem por seus regnos para se ir do serviço del Rei dom Fernando Rei de Aragão que regia os regnos de Castella pola Rainha donna Ioanna sua filha, molher que fora del Rei dom Phelipe Archeduque Daustria, e senhor dos estados de Flandes, a qual Rainha donna Ioanna era mãi do Emperador dom Carlos quinto que per falecimento della socedeo nos regnos de Castella, o que o dito Duque fazia por desgóstos que tinha del Rei dom Fernando: ao que lhe el Rei dom Emanuel respondeo, divertindoo do pensamento em que andava, que era irse a Flandes pera o dito dom Carlos que então la estava. No mesmo anno vieram a este regno, estando el Rei em Evora, desavindos do mesmo Rei dom Fernando o

Duque de medina sidonia, e dom Pedro gyrão seu cunhado, filho do Conde Dorvenha, do que el Rei dom Emanuel teve desgosto, e screveo a Christovão correa, que estava entam com seus negocios em Castella, que desse disso suas desculpas a el Rei dom Fernando, que lhe não parecesse que procedia isto delle, com tudo lhes fez bom gasalhado, e os reconciliou com el Rei dom Fernando, e lhes fez merces de joias, e cavallos ajaezados com que se tornarão para Castella mui satisfeitos da companhia que de sua real pessoa receberam. No mesmo anno no fim delle mandou el Rei hum religioso, per nome Ioam de Sancta Maria, da ordem do Apostolo, e Evangelista São Ioão, que se chamam dos azues, com doze padres da mesma ordem, ao regno de Manicongo, pera la fazerem huma egreja, e ensinarem, e pregarem a Fé de nosso Senhor Iesu Christo, e pera se a egreja fazer mandou officiaes, allem do que deu para ella ornamentos, e a todolos que foram com estes religiosos ordenados pera se la poderem manter honradamente, o que sempre acostumou fazer em todalas cousas que tocavam a nossa sancta Fé, da qual foi hum dos mais zelosos Reis, de quantos ate seu tempo ouve nestes regnos.

FIM DO QUARTO VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXIII)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. V

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA
—
1910

DP
60d
G6
1909
v.5

CAPITULO XXXI

Do que Afonso Dalbuquerque fez em Çacotorá depois da partida de Tristão da Cunha, e de como se foi dalli a ilha de Ormuz, e do que fez ate la chegar.

Partido Tristam da Cunha de Çacotorá, perá India, como fica dito, Afonso Dalbuquerque proveo logo nas cousas necessarias a fortaleza, e assossego dos da ilha o que feito, parecendolhe que compria mais a serviço del Rei conquistarlhe o regno de Ormuz, que andar as presas no cabo de Guardafum, se fez a vela, aos xx dias Dagosto do mesmo anno de M. D. vij, pera o cabo de Roçalgate, dondé da banda de Arabia se começa o senhorio do regno de Ormuz. Os capitães que levava debaixo de sua

bandeira eram, Francisco de Tavora, e Emanuel Telez, Afonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, Ioam da Nova, e Nuno Vaz de castel branco, em huma fusta que se fez em Çacotorá de madeira que levaram lavrada de Portugal, na qual frota hião quatrocentos, e setenta soldados Portugueses. Com esta companhia chegou Afonso Dalbuquerque a villa de Calaiate aos xxv do dito mes, que he a primeira que el Rei de Ormuz tem daquella banda da Arabia, entrando do cabo para dentro do estreito da Persia, onde o Xeque, ou capitão que alli estava por el Rei de Ormuz se concertou com elle delhe dar mantimentos de graça, e que Afonso Dalbuquerque se obrigasse a lhe nam fazer guerra ate assentar seus negocios com el Rei. O que assi concluido os mantimentos foram entregues naquelle dia, e noite que alli chegou Afonso Dalbuquerque, e pela manhã se fez a vela caminho doutra villa, tambem do senhorio del Rei de Ormuz por nome Curiate, e no caminho mandou que se dessem dos mantimentos que ouvera em Calaiate a gente, e abrindo alguns fardos de tamaras acharam no meo delles esterco de gado, e varreduras de çugidade, de que Afonso Dalbuquerque se escandalizou, e propos em sua vontade tomar vingança deste escarneo, como depois fez, ao que o tambem moveo ha informação que lhe Gaspar Rõiz lingoa deu das injurias, que ouvira dizer aos mouros da villa contra os que forão a terra, e de quão má vontade consentião no dar dos mantimentos. Chegado Afonso Dalbuquerque a Curiate, que he hum lugar raso, oito legoas de Calaiate, cercado de muitos palmares da banda do sertam, o achou de guerra, porque sabendo o capitão que alli el Rei de Ormuz tinha, o que Afonso Dalbuquerque passára em Calaiate, arreceandose que quizesse tambem delle aver mantimentos,

ou algum outro tributo se fez forte com tranqueiras, cavas, e gente, com a qual determinaçam respondeo a hum recado, que lhe Afonso Dalbuquerque mandou de paz, e amizade, dizendo, que elle lhe nam podia dar reposta sem ter recado del Rei de Ormuz seu senhor, do que avia de fazer: pelo que Afonso Dalbuquerque com parecer, e conselho dos outros capitães desembarcou em terra com assaz trabalho, pola grande resistencia que achou nos imigos, que seriaõ bem tres mil, principalmente em huma tranqueira, que estava a par da praia, pera onde fez recolher estes primeiros, e dalli pera o lugar, e finalmente pera os palmares, em que morrerão delles mais de sessenta, e dos nossos tres, e forão feridos vinte. Desbaratados assi os imigos, mandou saquear o lugar, em que não acharão outro despojo que mantimentos, porque fezeram sair delle has mulheres, e gente que nam era pera pelejar, que levaram tudo o que ahi avia de preço. Os mantimentos forão tantos que em tres dias, e duas noites que alli esteve a frota, se não poderam acabar de carregar nas naos, acabo dos quaes mandou Afonso Dalbuquerque poer fogo ao lugar, e a cinco naos de Meca, e onze terradas que estavam varadas em terra, o que tudo ardeo com a mesquita, que era muito fermosa, antes de se a frota fazer á vella. Dalli se partio para outro lugar del Rei de Ormuz dez legoas deste, mais rico, e mais povoado, e de mor trato, per nome Masquate, situado entre duas serras, em que se faz huma baia de muito bom surgidouro, e posto que fosse raso como Curiate, era a servintia delle pera a baia cerrada de serra a serra, com huma tranqueira de madeira de duas faces entulhada de terra, com alguma artelharia, e sos duas portas muito estreitas pera a servintia do mar, ao qual lugar chegou Afonso Dalbuquerque aos dous

dias de Septembro, e surgio na baia sem nenhuma resistencia, onde estando sobre concerto com o Xeque, que lhe tinha prometido mantimentos per modo de tributo, a elle, e a todolos capitaens que alli viessem del Rei de Portugal, com a chegada de hum capitam del Rei de Ormuz, que lhe veo com socorro de mil soldados, se tornou o assento que tinham feito, e o Xeque foi mal tratado por não querer consentir em se quebrar o que tinha prometido a Afonso Dalbuquerque. Com a vinda deste capitão se pos o lugar em armas com bem tres mil homens de peleja, mercadores, e moradores, afora os mil que com elle vieram. Afonso Dalbuquerque vendo que determinava, mandou esbombardear o lugar toda huma noite, e ao outro dia, que erão cinco de Septembro, no romper da alva sahio em terra com sua gente repartida em tres esquadroens, dos quaes eram capitaens de hum Francisco de Tavora, e Afonso Lopes da Costa que aviam de cometer hum dos cabos da tranqueira, e do outro eram capitães Ioam da Nova, e Antonio do Campo pera cometerem o outro, e Afonso Dalbuquerque com Emanuel Telez aviam de dar no meo della. Os primeiros que chegaram a tranqueira foram Francisco de Tavora, Afonso Lopes da Costa, onde desembarcaram per debaixo de muitos tiros de bombardas, e frechadas com tudo fezerão recolher para dentro huma boa somma de mouros que os alli vierão aguardar, e poserão daquella banda fogo a tranqueira, que se logo ateou de forte que não o podendo sofrer, os mouros se foram acolhendo pera o meio della, onde Afonso Dalbuquerque ja estava, e alli se travou huma brava peleja, mas em fim os nossos que ja estavão juntos com Afonso Dalbuquerque, fezeram recolher os imigos pera o lugar, e seguindolhes o alcance, os lançaram

fora delle de maneira que em espaço de quatro horas, foi ganhado; onde os nossos estiverão oito dias continuos, sem os da terra os virem cometer, nos quaes o saquearão e derribaram a mesquita, que era huma muito fermosa casa, e poserão fogo ao lugar de que ardeo todo. Entre os que morrerão dos imigos, que passaram de oitenta, foi hum delles o Xeque que fezera o concerto com Afonso Dalbuquerque, o qual fugindo pera a serra, em sobindo huma ladeira, se voltou pera os que o seguiam, dizendolhe, que elle era sem culpa de se os da cidade revoltarem, e por na companhia não aver quem se movesse de piedade; aos sinaes que dava de pedir misericordia, o mataram sendo a isto presente dom Antonio de Noronha, que hia por capitam deste alcance, e apos elle matarão vinte seus familiares que o seguião. Acabado este negocio, em que morrerão oito Portugueses, Afonso Dalbuquerque se partio dalli aos xvj do dito mes de Septembro de M. D. vij. e foi surgir diante doutro lugar del Rei de Ormuz, chamado Soar, em que tinha huma fortaleza, o capitam da qual era entam ido a Ormuz, e deixara em seu lugar hum seu cunhado, que sabendo o que Afonso Dalbuquerque fezera nos lugares atras, lha entregou pacificamente e se fez vassallo, e tributario aos Reis de Portugal. Deste lugar se foi Afonso Dalbuquerque a huma villa del Rei de Ormuz per nome Orfaçam, cercada de muros baixos, em que avia algumas bombardas roquiras, villa bem arruada, e de boas casas de pedra, e cal, com seus sobrados, e terrados, e posto que nella estivesse por Regedor hum capitão del Rei de Ormuz, homem esforçado, e pratico nas cousas da guerra, o desmaio foi tamanho nos moradores da villa, que em vendo ancorar as nossas naos, a começaram logo a despejar, de maneira que na-

quella noite tiraram todalas mercadorias, e moveis que nella avia. O que sabido per Afonso Dalbuquerque, sahio pela manhã em terra, e mandou a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, que fosse contra o sertão com cem soldados per onde caminhou quasi huma legoa sem achar outra resistencia que de huns poucos de homens de cavallo, que juntamente lhe fazião rosto, e se acolhiam sem lhe poder chegar, e por a calma ser grande, e os nossos irem cansados se tornou perá villa, com xxij homens, e molheres, que captivou. Nesta villa esteve Afonso Dalbuquerque tres dias mandando recolher o despojo que se achou, em que ouve alguma artelharia, e polvora o que feito, e tomados os mantimentos necessarios, mandou queimar a villa, da qual que he a derradeira da costa de Arabia do senhorio del Rei de Ormuz, se fez a vela pera a mesma ilha, onde o Rei reside a mor parte do tempo, pelo grande proveito que recebe do muito trato que nella ha.

CAPITULO XXXII

Do sitio da ilha de Ormuz, e principio da cidade, e costumes da gente, e dos apercibimentos que se fezeram pera receberem Afonso Dalbuquerque de guerra.

A ILHA de Ormuz a que Ptholomeu chama Armazõ, e os da terra Gerum, está situada quasi na boca do mar da Persia, da parte de dentro terá de roda quatro legoas, a della a terra firme, da banda de Arabia dez, e tres a da Persia, e assi na outra como nesta tem muitas cidades, villas, fortalezas, lugares rasos e outras ilhas. He muito seca, e esterile de todo o genero de mantimentos, nem tem outros senam os que lhe vem das ilhas de Queixome, Larec, e outras, e assi do Mogastam, que he terra firme, defronte de Ormuz, e o mesmo he dagoa, porque nella nam a senão tres poços de que se possa beber, huma legoa da cidade onde chamam Corumbaca, o demais sam cisternas, e poços solobros. A nella huma serra pequena, que de huma banda tem vieiro denxofre, e da outra huma mina de sal em pedra, que as naos levam dalli por lastro, tem dous portos de muito bom surgidouro, pera naos grandes, hum da banda do Levante, e outro do Ponente. Em huma ponta desta ilha, entre estes dous portos, por respeito das muitas naos que alli vem de Arabia, Persia, e India, e doutras partes, se começou pouco a pouco fazer huma cidade, que veo ser de grão trato, a que do nome da ilha chamão Ormuz, cidade rasa, muito bem arruada de muitas, e mui nobres casas de pedra gesso, e cal, com seus sobrados, e

terrados, em que os Reis têm huns paços em modo de fortaleza, e por a terra ser muito quente, tem todolos moradores no meo das casas humas chamines com cataventos, com que as refrescam por dentro, e se defendem da calma, vem a ella cafilas, ou recovas de muitas partes, como de Maracante, Tauriz, Caxem, e doutras cidades da Persia, e Arabia que trazem muitas, e mui ricas mercadorias, e muitos cavallos que dalli levão perá India, que lá vendem, por duzentos, trezentos, quatrocentos, qninhentos, e seiscentos pardaos, e alguns por mais. Os moradares desta cidade, pela mor parte sam Arabios, e Persios, dados a viços, e muito ciosos das molheres, e com rezam, por ellas serem muito fermosas, as quaes quando vão fora de casa levão os rostos cubertos de maneira que as nam podem conhecer: os homens sam bem dispostos, e grandes cavalgadores. Averia entam na cidade passante de duzentos de cavallo dos moradores della, os quaes tem por exercicio jugar a choca a cavallo, no que sam tam destros que espantam os estrangeiros que os vem jugar, são muito musicos, e dados a trovas, andam bem tratados de suas pessoas, com pannos de seda, chamalotes, brocadilhos, e algodam. Trazem continuamente, assi na paz, como na guerra armas offensivas, e deffensivas, a entrelles homens de muito trato, de que vieram muitos delles a ser mui ricos, e poderosos, todolos mantimentos se vendem a peso, ate a lenha, e quem falsa peso, ou medida he castigado sem remissam, e tem este erro por tão grande, que o abominão mais que nenhum outro genero de pecado, porque dizem que he em prejuizo de toda a Republica. Tem em tudo tanta policia e usam tanto exercicio das letras, que em huma casa que pera isso edificarão nesta cidade, vem todolos dias ler hum homem docto, Chronicas, e Historias de

Alexandre, e Dario, e outras antigas, e modernas, e livros de doctrina, a qual lição vem ouvir muitos homens assi velhos, como mancebos, cousa muito digna de louvar, e que parece que os Venezeanos tomarão destes, ou estes delles, porque em Veneza, nam estando mais que cinco legoas de Padua, Universidade celebre, se faz o mesmo, e se lem em casas publicas, duas liçoens no dia, huma em Philosophia, e outra em humanidade, e historias, das quaes liçoens eu ouvi muitas estando naquella cidade, e de homens mui doctos, e do que mais me espantei, foi ver nestas liçoens, muito gentis homens de cincoenta, sessenta, setenta annos, de que os mais delles eram dos principaes do conselho, e de todo o governo da Republica, donde acabada a lição se hião ao Senado, ou a outros lugares a tratar cada hum delles o officio que tinha a cargo. Mas tornando a Afonso Dalbuquerque depois que partio de Orfação veo ter ao cabo de Moçamdomo onde da banda da terra firme Darabia faz fim o senhorio del Rei de Ormuz, e delle a outra banda da terra da Persia avera quinze legoas da travessa, em que a algumas ilhas, das quaes a principal he a de Gerum, onde esta situada a cidade de Ormuz, a que Afonso Dalbuquerque veo ter, sendo ella, e todo o regno regido per hum Mouro capado muito bom cavalleiro natural de Bengala, per nome Cojeatar, por o Rei que então regnava, per nome Ceifadim não ser de mais de doze annos. Este Cojeatar tendo aviso do que Afonso Dalbuquerque vinha fazendo polas villas do regno de Ormuz per onde passava, se apercebeo pera o receber de guerra, e lha fazer com sessenta naos destrangeiros que aquelle tempo estavão no porto de Ormuz, em que entravão huma del Rei de Cambaia per nome Meri, que era doito centos toneis, e trazia muitos soldados

fartaques, abexis, e outra do Principe de Cambaia, somenos desta, ambas muito bem artilhadas, e providas de muitas muniçoens de guerra. Allem destas sessenta naos havia muitos navios da terra a que chamam terradas, que servem da carretar mantimentos, e aguoa do sertam e das outras ilhas a Ormuz, nas quaes todas, e nas naos dos mercadores, pos muita artelharia, e gente de guerra, de maneira que assi nesta armada como na cidade teria Cojeatar dez mil homens de peleja, que começara da juntar desno dia que soube novas da vinda Dafonso Dalbuquerque, que chegou ao porto de Ormuz, aos xxv dias de Septembro.

CAPITULO XXXIII

Do que Afonso Dalbuquerque fez em chegando a cidade de Ormuz.

Depois que Afonso Dalbuquerque descobrio o surgidouro onde as naos dos mouros estavam ancoradas, mandou chamar os capitães da frota a sua nao, e com elles teve conselho, no qual ouve varios pareceres, mas em fim se assentou, que se ouvesse de aver guerra que pelejassem com as naos dos mouros antes de cometer a cidade, e que Afonso Dalbuquerque fosse surgir junto da nao Meri del Rei de Cambaia, e Ioão da Nova da do Principe, e Francisco de Tavora doutra das que lhe parecessem que estavão milhor armadas, e pelo conseguinte os outros capitães. Ancorada a frota, Afonso Dalbuquerque mandou dizer a el Rei, que elle vinha alli pera com elle tratar pazes, e amizade em nome del

Rei de Portugal seu senhor, e poer aquella cidade a sua obediencia que se lha quisesse entregar pacificamente, elle o deixaria viver em seu estado, e aos seus, em todalas liberdades, como o ate alli fezeram, e o defenderia, e a todo seu regno, e senhorios de quem o quisesse anojar, e que o mesmo farião sempre todolos capitaens del Rei seu senhor. Com a reposta deste recado lhe mandou el Rei hum mouro (que depois veo a este regno) per nome Cojebeirame, com huma carta assinada por elle, e por Cojeatar, o qual mouro recebeo com muito aparato, sem querer tomar hum presente de fructas que lhe el Rei mandava, dizendo que nam avia de aceitar nada de homens que ainda não tinha por amigos, e que quanto a carta se era verdade que queria com elle paz, e amizade, como nella dizia, que ate o outro dia pela manhãa lhe mandassem recado certo do modo que nisso queria ter. Com a reposta deste recado tornou Cojebeirame dizendo que el Rei queria paz, e que os Portugueses poderiam ir seguramente a cidade fazer o que lhes comprisse, aqueixandosse el Rei a Afonso Dalbuquerque do mao tratamento que fezera aos seus lugares per onde passara, ao que dando suas desculpas, o tornou a despedir, per quem el Rei mandou outros recados, mas tudo eram dilaçoens que usava Cojeatar, esperando huma armada que naquella noite chegou com muita gente da terra firme socorrer a cidade, com o que ficou tão ufano, que mandou apregoar que ninguem matasse Portugues, senam que os tomassem vivos pera se el Rei servir delles na guerra, mandando naquella noite poer todalas naos grossas de longo da praia, pera com ellas defender a cidade, allem disto ordenou que se as nossas naos se desamarrassem, pera irem cometer as da sua armada, que as terradas, em que tinha muita artelharia, e

gente, as cercassem pola banda do mar porque assi cercadas de todalas partes, seria impossivel poderensse defender. Ao outro dia pela manhã, que a frota dos imigos apareceo nesta ordem vio Afonso Dalbuquerque, que tinham vontade de pelejar pelo que mandou no mesmo instante alevantar as ancoras que ficavão da banda do mar, para que as fossem sorgir nas gorias das dos mouros. O que vendo Cojeatar abalou logo da praia com todolas terradas em ordem, começando de cercar a nossa frota, o qual em abalando os das suas naos abriram as portinholas, o que ate alli nam fezeram, começando de servir as nossas de muitos tiros dartelharia, frechas, e lanças darremesso, que tam juntas estavam humas das outras. Afonso Dalbuquerque em vendo abrir as portinholas, mandou antes que nenhuns dos tiros das naos dos mouros desparassem, poer fogo a hum camello contra a nao Meri, que lhe deu em huma entena que trazia de fora da murada com que matou, e ferio muitos delles. Travada esta peleja de huma frota a outra, Cojeatar se vinha chegando da banda do mar perá nossa, contra a qual depois de a ter cercada, mandou desparar a sua artelharia, por debaixo da fumaça da qual, e da com que lhe respondiam da nossa frota fazia chegar os seus a tiro de frecha, das quaes lançavam tantas dentro das nossas naos, que encobriam o ceo, e feriam muitos, mas isto durou pouco, porque a nossa artelharia meteo tantas destas terradas no fundo, que as outras tomarão por partido arredarensse, de que as mais se acolheram perá terra firme, e Cojeatar se foi com as suas pera el Rei, que do cerame estava vendo esta batalha, a qual foi tam aspera, que muitos dos cidadãos fugiram pera dentro da ilha, e muitas molheres prenhes moveram do estrondo da artelharia, e foi tamanha a

desordem, e medo dos imigos, que em fogindo tiravam tam sem tento com as frechas que se matavão muitos huns aos outros, dos quaes corpos mortos, que per espaço de tres dias andaram sobela agoa, recolherão os nossos hum grande despojo. As naos dos imigos fezeram mui bem seu officio, em quanto Cojeatar andava rodeando, e combatendo a nossa frota, no qual tempo com hum tiro grosso com que tiravam da nao Cyrne, arrombaram a do Principe de Cambaia de maneira que se foi ao fundo, e tras ella com o tiro da mesma bombarda outra das milhores armadas, que era de Miliquiaz senhor de Dio, nas quaes, e na Meri tinha el Rei de Ormuz toda sua esperança. A gente que avia nestas naos ficou toda sobela agoa, o que vendo os das outras, que estavam ja bem maltratadas, se lançarão todos ao mar pera se salvarem a nado, o que vendo Afonso Dalbuquerque mandou pojar gente nos bateis, pera matarem daquelles, os que podessem, o que executaram bem a sua vontade, com tudo os da nao Meri a nam desempararam, porque posto que estivesse destroçada da nossa artelharia, o capitam era mui bom cavalleiro, e tinha muita e boa gente consigo. O que vendo os nossos a foram cometer com alguns bateis da frota, em que hiam George Barreto de Castro, George da Sylveira, Aires de Sousa Chichorro, Duarte de Sousa, Nicolao Dandrade, Antonio da Costa, irmão Dafonso Lopes da Costa, Lisuerte de Freitas, Antonio de Sá, Antonio Fragoso, Ioão entam escrivam darmada, Iaimez Teixeira, Lourenço da Silva hum fidalgo castelhano, Nuno Vaz de Castel Branco, Ioão Teixeira, filho de Ioam Peçanha de Alanquer, Gaspar Diaz alferez de Afonso Dalbuquerque, Ianne Mendez Botelho, Lourenço da Sylva, Gonçalo Queimado, Ianne Mendez da ilha Pero Cão, e outros, an-

tre os quaes foi Pero Gonçalvez piloto da frota que sobio primeiro, sem achar resistencia, por quanto os imigos vendoos encaminhar perá nao, pera que cuidassem que se lançavam tambem ao mar, se esconderam todos debaixo da cuberta, e parecendo ao piloto depois que sobio sobelo bordo da nao que nam avia nella gente, o dixe aos que ainda estavam nos bateis, pelo que desistiram de entrar por seguirem o alcance aos que andavam nadando. Mas os da nao como viram o piloto, e Pero Fernandez marinheiro, e Gaspar Diaz alferez, que sobiram tras elle, sairam debaixo da cuberta, e as frechadas os começaram de tratar mal, do que se emparavam com muito trabalho, bradando aos bateis que lhes acodissem, que a nao estava chea de mouros, o que nam poderam fazer tam asinha, por a nao ser alterosa, que ja nam achassem estes tres mui feridos: mas depois de entrarem andarão hum bom pedaço aos botes, com os mouros que acharam na tolda, ate os fazerem recolher perá popa, que tinhão atravessada com a verga da nao, e vela, no que se os nossos embaraçaram, e detiveram algum tanto, por se os mouros defenderem, mui esforçadamente as frechadas, e com lanças, e dardos darremesso, com tudo elles forão entrados, e mortos alguns delles, porque os mais se lançaram ao mar, os quaes os nossos seguiram nos bateis, de que matarão tantos, e dos outros que andavão nadando perseguidos tambem dos outros nossos bateis, que a agoa foi toda tinta em sangue. George Barreto que hia por capitam dos que foram cometer a nao Meri, depois de a ter despejada dos mouros, deixou nella alguns Portugueses, mandandolhes que com a artelharia que nella avia varejassem a cidade, o que fezeram bem a sua vontade. Nam achando ja os nossos quem matassem sobela agoa, poseram fogo a al-

gumas terradas que tomaram nesta revolta, e se apoderarão de todalas naos de mouros, a que Afonso Dalbuquerque mandou poer o fogo as que estavam afastadas da nossa frota, e as outras que estavam junto della arrombar, e metter no fundo, e logo no mesmo instante elle com o esquife da sua nao, e batel, e outros encaminhou pera o Cerame onde ainda el Rei estava, e Cojeatar com elle espantados de verem tamanha destroição, donde se logo acolheram pera dentro da cidade, e o esquife chegou tão perto do Cerame, que os que nelle estavão ferirão Afonso Dalbuquerque, e outras pessoas as frechadas, de que o pior foi ferido foi Emanuel Telez de huma que lhe deu no rosto. Dalli foi Afonso Dalbuquerque correndo de longo da ribeira, onde mandou poer fogo, e cortalas amarras a mais de trinta velas, as quaes com o vento forão dar consigo na costa, da banda da Persia, e passando adiante chegou ao varadouro das naos, em que estavam cento, e corenta breadas, e concertadas pera se lançarem ao mar, a que mandou poer o fogo, e assi a hum arrabalde que estava junto delle, em que avia huma mui fermosa mesquita. No qual negocio andavam ja os nossos tam acesos que quiseram entrar a cidade por aquella banda, se lho Afonso Dalbuquerque nam defendera, por dentro nella aver muita gente de guerra, e os nossos serem tam poucos como eram: do que receoso os fez logo recolher aos bateis, pera delles as bombardadas varejarem o varadouro, se os da cidade saissem apagar o fogo. Esta peleja durou bem oito horas, em que morreram dez Portugueses, e foram feridos mais de cincoenta, antre os quais Gaspar Dias alferez perdeo a mão direita, que lhe na nao Meri hum mouro cortou de hum golpe, de que lhe cahio aos pes juntamente com a espada, pelaqual aleijam lhe deu Afonso Dal-

buquerque dez mil reaes de tença em sua vida: dos mouros morrerão quasi dous mil. O espanto, e tristeza foi tamanho em todolos da cidade por caso do fogo que se posera as naos por aquella ser a mor riqueza que tinham, que no mesmo instante el Rei, e Cojeatar per conselho de Raixnordim, que era guazil mor, mandarão pedir paz a Afonso Dalbuquerque per Cojebeirame, e outro mouro natural do regno de Grade, per nome Abedala, que falava bom castelhano. Estes a primeira cousa que lhes dixeram foi, que el Rei, a quem a menos parte da culpa do que era feito cabia por sua pouca idade, lhe mandava pedir que desse seguro aos da cidade pera sairem ao varadouro apagar o fogo que andava nas naos, e que elle se sobmetia a obediencia del Rei de Portugal, com todalas condiçoens que lhe a elle parecessem honestas, no contratar das quaes usaria de seu conselho como de pai, em cujo lugar o queria ter dalli por diante. Afonso Dalbuquerque lhe respondeo, que aquillo lhe ouvera de mandar dizer mais cedo, por evitar o danno que ja tinha recebido, que quanto ao das naos que viessem os da cidade seguramente apagar o fogo, e assi o do arrabalde, e que do que tocava as pazes mandasse logo algumas pessoas principaes de sua corte, pera as assentarem: dos quaes mouros reteve Afonso Dalbuquerque Abedala, e Cojebeirame despedio com o recado, e elle se recolheo a frota com os outros capitaens. Depois de Afonso Dalbuquerque ser na sua nao, logo dahi a pouco tornou Cojebeirame, dizendo que por ser ja muito tarde lhe mandava el Rei pedir que fosse contente de esperar ate o outro dia pela manhã, que elle mandaria as pessoas com que avia de contratar, e que disso se tivesse por seguro: o que assi fez, e antre os que a isso vierão o principal foi Raixnordim guazil mor e

as pazes depois de muitas altercaçoens se assentaram no modo seguinte.

Item. Que el Rei de Ceifadim Rei de Ormuz segundo deste nome, se fazia vassalio del Rei dom Emanuel de Portugal, e de tributo lhe pagaria cadanno de pareas quinze mil xerafins douro, pagos em ouro, prata, e aljofar: e que allem destes pera ajuda das despesas que se fezeram naquella guerra, e pera a paga da gente lhe daria logo cinco mil xerafins do preço, e valia dos outros.

Item, que el Rei daria em qualquer parte da cidade de que Afonso Dalbuquerque fosse contente, lugar pera se fazer huma fortaleza, e que em quanto se nam acabasse lhe daria casas na cidade, a sua custa junto della pera se recolher a gente Portuguesa. Destes, e doutros artigos contheudos nas ditas capitulaçoens, se fezerão duas patentes, huma escripta em papel com letras douro, e pontos azues, em lingoa Persia, pera ficar a Afonso Dalbuquerque, e outra em lingoa Arabia pera mandar a el Rei dom Emanuel, e esta era de huma lamina douro, do tamanho de huma folha de papel, abertas as letras ao boril, com humas brochas douro. Estas escripturas ambas erão assinadas por el Rei, por Cojeatar, e por Raixnordim guazil mor, e em cada huma tres sellos pendentes, per cadeas douro, de que o do meo era del Rei em ouro, e o da mão direita da famosa cidade de Ormuz, e o da esquerda de Cojeatar, ambos de prata. As quaes entregaram ambas a Afonso Dalbuquerque, metidas cada huma em huma caixa de prata, que lhes tambem deu em lingoa Portuguesa huma patente feita per Ioão entam escrivam darmada com todalas clausulas, e pontos necessarios a confirmação destas pazes, que deste modo foram por entam concluidas, e assentadas.

CAPITULO XXXIV

De como se Afonso Dalbuquerque vio com el Rei de Ormuz, e dalgumas cousas que logo socederam que forão causa de se a guerra começar de novo.

ASSENTADAS assi as pazes, e entregues as capitulaçoens, como fica dito, el Rei mandou pedir huma bandeira a Afonso Dalbuquerque das armas de Portugal, que foi recebida na cidade com muita alegria, e arvorada na torre dos paços del Rei, e pera mor firmeza desta amizade, e confederaçam, ordenaram de se verem em terra, pera o que Afonso Dalbuquerque com todolos capitaens da frota se foi ao Cerame onde el Rei o veo receber a huma varanda que sahia ao mar, toldada, e alcatifada de pannos douro, e seda, acompanhado de Cojeatar, Raixnordim, e outras pessoas principaes de sua corte. Os quaes depois de fallarem todos tres hum pouco em pe, dérão hum scabello a Afonso Dalbuquerque, e el Rei com Cojeatar, e Raixnordim se assentarão no chão sobre huma alcatifa, segundo seu costume, onde estiveram praticando hum grande pedaço, fazendosse offerecimentos de huma parte a outra, nomeando elles logo alli o lugar em que se avia de fazer a fortaleza, e dar a casa pera se recolher a gente. O que assentado, el Rei, e estes seus dous governadores juraram no Moçafo de sua lei, de manterem as pazes, assi como as tinham confirmadas, e o mesmo fez Afonso Dalbuquerque em hum livro dos Evangelhos. Isto acabado se despedio del Rei, e dos outros senhores, mostrando cada hum delles grandes sinaes damizade, e se tornou perá frota, seguindo

tras elle hum presente, que lhe el Rei mandou, em que entravam hum cinto douro, e pedraria, e huma adaga do jaez, e quatro aneis cada hum com huma muito rica pedra, e hum cavallo fouveiro Arabio mui bem ajaezado, e outras peças, e a cada capitam a sua; Afonso Dalbuquerque recebeo este presente, estando ja na nao, a troco do qual mandou outro a el Rei de peças douro, e prata, feitas em Portugal, que elle estimou muito, e logo ao outro dia mandou Afonso Dalbuquerque Pero Vaz Dorta, que hia provido de Portugal da alcaidaria mor desta fortaleza, que fosse tomar posse da casa que lhe el Rei dera, pera se recolher a gente em quanto se a fortaleza fazia, a qual lhe foi logo entregue, e deste modo teve Afonso Dalbuquerque a paz por tam segura, que mandou tirar a monte a sua nao, e a de Francisco de Tavora, e juntamente proceder na obra da fortaleza, que se começou a vintaquatro dias do mes Doutubro de mil, e quinhentos e sete, a que pos nome nossa Senhora da victoria, em que elle em pessoa andava, e lançou a primeira pedra do fundamento. A porta principal da torre era de tres ancoras de marmore muito grossas, que foram da nao Meri del Rei de Cambaia, pelas quaes os mouros davam muito dinheiro, mas elle lhas não quis nunca dar. E porque arreceava que os Mouros (pelo odio que tem aos Christãos, e pola pouca verdade que tratam) buscassem meos, e modos de estorvar esta obra, mandou concertar, e artilhar huma terrada, em que estava o mais do tempo, em huma ponta darea, que se faz na mesma ilha defronte da cidade, a par dos paços del Rei, na qual ponta se fazia a fortaleza, em que todos serviam cada hum per seu gyro, sem disso ser nenhuma pessoa excusa, per muito nobre que fosse, pera o que el Rei de Ormuz tambem mandava prover de todalas cousas ne-

cessarias. E porque antre os da cidade, e os nossos começava de aver muitas differenças, e brigas sobre negocios particulares, ordenou el Rei, per conselho de Raixnordim que quatrocentos frecheiros dos seus andassem de dia repartidos pela cidade, pera acodirem aos nossos se os da terra os quisessem anojar, e que estes todos juntos guardassem, e vigiassem de noite da banda da terra a casa em que se recolhiam, e pela muita amizade que este Raixnordim mostrava a todalas cousas do serviço del Rei dom Emanuel, Afonso Dalbuquerque lhe ouve perdão pera dous seus filhos que conjuraram contra el Rei de Ormuz pera o matarem, um per nome Raix de lamixa seu porteiro mor, e outro Raix xerafe seu gurda mor, e os fez vir da terra do Xeque ismael, onde andavam desterrados, depois da chegada dos quaes a Ormuz vieram dous embaixadores per via do Senhor de Xiraz, e por este senhor ser vassallo do Xeque ismael, que he Rei da mor parte da Persia, e mui visinho ao regno de Ormuz, tinha cudado darrecadar certas pareas, e tributo que os Reis de Ormuz pagavam cadanno ao Xeque ismael, os quaes embaixadores as vinham pedir, do que el Rei mandou dar conta a Afonso Dalbuquerque per Cojeatar, e per Raixnordim dizendolhe, que estes embaixadores despedira do Xeque ismael depois de saber que elle viera aquella cidade, e a fezera tributaria, com todo o regno a el Rei de Portugal, que elle tinha ja em lugar de irmão, e defensor, que por este respeito lhe parecia que a reposta desta embaixada lhe tocava mais a elle, que a nenhuma outra pessoa. Afonso Dalbuquerque lhe mandou dizer que descançasse, que elle satisfaria a embaixada, pelo que mandou logo visitar os embaixadores com hum presente de pilouros de bombardas, arcabuzes, espingardas, e setas misturadas com ferros

de lanças, dizendolhe que aquella era a moeda em que el Rei dom Emanuel de Portugal, e da India, e de Ormuz seu senhor pagava o tributo, e pareaes a quem as pedia, aos Reis, e senhores seus vassallos, do qual recado escandalizados os embaixadores se virão com Cojeatar, ao que lhes respondeo, que nam podia el Rei de Ormuz pagar dous tributos, e que com a reposta de Afonso Dalbuquerque se podiam tornar, sobela qual o Xeque Ismael podia ordenar o que lhe bem parecesse. Neste tempo tinha ja Afonso Dalbuquerque posta a fortaleza em altura pera se poder defender, pelo que começaram os capitaens de fingir que seria mais serviço del Rei tornarsse ao cabo de guardafum as presas, que estar alli, requerendolhe, que deixasse nella hum capitam com a gente necessaria, e fezesse o que lhe deziam, mas como elle era sagaz, entendendo que isto nam era se nam pelo particular proveito que esperavam do ganho das presas, lhe nam quis responder, mas antes tomou o requerimento da mão do escrivam da frota, e sem o ler o mandou meter debaixo de huma pedra do rebate da porta da fortaleza, pelo que lhe poseram nome, a porta dos requerimentos: Do que os capitaens escandalizados, derão a entender a Cojeatar que aquella fortaleza se fazia sem pera isso Afonso Dalbuquerque ter mandado, nem provisam del Rei dom Emanuel, que a que tinha era que guardasse o cabo de Guardafum, pera que não passasse nenhuma nao de Meca a India. Cojeatar folgou muito com estas desavenças, e dessimuladamente, entre outras praticas que cada dia tinha com Afonso Dalbuquerque lhe dixe, que por respeito de sua estada alli, com medo delle nam vinham as naos aquella cidade como sohiam, do que el Rei de Ormuz recebia grande perda, o que seria causa de não poder pagar

as pareas a que se obrigara, que lhe pedia que se fosse, que quanto a fortaleza que deixasse nella hum capitam, e a gente que quizesse que elle daria ordem pera se acabar o que ficava por fazer, no que se Afonso Dalbuquerque mostrou frio, dando suas razoens ao contrario do que lhe dizia Cojeatar, o qual vendo que lhe não socedia bem este ardil, ordenou outro sobornando com dadivas cinco marinheiros da frota, tres Levantiscos, e hum Biscainho, per nome mestre Martim fundidor dartilharia, e hum Pedreanes mulato, natural da ilha da madeira, os quaes mandou logo a terra firme, onde lhe deram todo o necessario pera a fundiçam, isto foi com tanto segredo, que o nam soube Afonso Dalbuquerque senão dalli a alguns dias, do que anojado os mandou logo pedir a el Rei e a Cojeatar, ao que responderão, que de taes homens não sabião parte, mas que sobre isso mandariam fazer diligencia, e que achandoos lhos mandariam entregar e dalli a tres dias lhe mandaram dizer que aquelles homens eram idos pera o sertam que trabalhariam pelos aver, e lhos mandarem. Em quanto estes recados hiam, e vinham o fundidor, com ajuda dos quatro companheiros tinham ja feitas algumas peças de bronço, e de ferro, e Cojeatar metia cada dia na cidade gente de guerra, tão secretamente que Afonso Dalbuquerque o nam podera saber, se hum mouro per nome Coje abrahem lho nam descobria, afirmandolhe que alguns dos seus capitaens, e outros Portugueses forão causa de Cojeatar aver aquelles cinco homens, do que muito espantado se calou dando graças a Deos pela merce que lhe fezera em lhe revelar huma tamanha treiçam, pedindo ao mouro que do que mais soubesse o avisasse, que elle lhe satisfaria a amizade que lhe mostrava, e lhe teria em segredo o que delle soubesse.

CAPITULO XXXV

De como se rompeo a paz, e do que se de huma, e da outra parte sobrisso fez, e da conjuraçam dalguns capitaens contra Afonso Dalbuquerque, e de como se partio de Ormuz pera Çacotorá.

VENDO Afonso Dalbuquerque o modo que el Rei, e Cojeatar tomavam nestes negocios, quiz usar com elles alguns comprimentos, mandandolhes pedir pelo feitor aquelles cinco homens, e que não quisessem por tam pouca cousa dar ázo a se de novo atear a guerra, ao que deram muitas excusas, jurando por sua lei que delles nam sabiam parte, do que deu conta aos capitaens, pedindolhe seus pareceres, antre os quaes ouve alguns que lhe aconselhavam que por cousa que tam pouco importava se não quisesse poer a perigo de se perder, e renovar guerra que nam poderia levar ao cabo com sua honra visto a pouca gente que tinha, que o milhor era dissimular por então, e irsse dalli com ficarem assentadas as pazes do modo que estavão. O qual conselho elle não quis tomar, mas antes tornou a mandar duas ou tres vezes o feitor com estes recados, com os quaes vendo, que não aproveitava nada, e tendo aviso de Coje abrahem como na cidade secretamente entrava cada dia gente de guerra, e muniçoens, mandou huma noite recolher o mais sustancial da fazenda que estava em terra, e toda a gente, com os quaes sinaes el Rei, e Cojeatar tiverão a guerra por declarada, pelo que mandarão poer nas bombardeiras das estancias que tinhão feitas, muita artelharia, e tras isto na praia dar mostra de gente armada. O que

Afonso Dalbuquerque vendo mandou aos capitaens que fossem nos bateis varejar a cidade com a artelharia, no qual tempo mandara ja Cojeatar allar pera terra algumas naos que estavão no porto, por lhas não queimarem, ao que os nossos acodiram, e com muita resistencia lhe poserão o fogo, no qual debate ferirão alguns dos nossos, e mataram o piloto de Francisco de Tavora com hum pilouro de bombarda no que se passou aquelle dia, e outros dez ou doze, em que continuadamente mandou esbombardear a cidade, com que fez muito danno, e porque sabia que esta guerra era por entam fraca, em comparação da que lhe podia fazer, tolhendolhes os mantimentos que vinha da terra firme, mandou a Emanuel Telez Barreto, Afonso Lopes da Costa, e Antonio do Campo que cada hum fosse guardar seu passo, que erão os tres principaes, per onde passavam as terradas que traziam mantimentos, o que elles fezeram, posto que de ma vontade dizendolhe que o milhor conselho era iremse ao cabo de Guardafum, e sobrisso ouve ahi alguns requerimentos a qué nam quis responder. Estes tres capitaens logo no primeiro dia tomaram muitas terradas, descuidados os que vinhão nellas do que passava, e as mandaram todas a Afonso Dalbuquerque, em que usou huma grande crueza, porque aos que eram frecheiros, ou marinheiros mandava cortar os narizes, orelhas, e mãos, e aos que nam eram do mar, nem frecheiros mandava cortar os narizes, orelhas, e hum pe pelo meo, e assi os fez lançar de noite na ribeira: mandando por elles dizer a Cojeatar que a todolos que trouxessem mantimentos a cidade avia de fazer o mesmo, ate a poer em tanta necessidade que morressem todos a fome, o que pos grande terror, e espanto, assi nos naturaes della, como nos Arabios, Persios, e outros que vieram ao

socorro, de que os principaes, vendo que isto continuava, constrangidos de fome e sede se foram lamentar a el Rei, e a Cojeatar com palavras mais cheas de desobediencia que de acatamento, ao que lhes Cojeatar respondeo, que quanto a agoa que com as cisternas da cidade, e poços de Terumbaque se poderião passar, e com os mantimentos que avia na cidade ate que chegasse huma armada que vinha de Lara, e de Baharem, com a qual sperava de lhes dar todolos portugueses vivos nas mãos, mas na cidade nam avia mantimentos pera oito dias, nem agoa nas cisternas, nem nos poços de Terumbaque que abastasse pela muita cantidade de gente que nella avia. Continuando assi esta guerra, determinou Afonso Dalbuquerque de a fazer mais aspera, com mandar entupir os poços de Terumbaque, que estão huma legoa da cidade, pera o que ordenou George Barreto de Castro, Afonso Lopes da Costa, que era vindo do passo que guardava, onde Afonso Dalbuquerque mandara outro capitam, e Ioão da Nova, cada hum em seu batel com oitenta homens, os quaes sendo ja perto donde os poços estavam, lançou George Barreto de Castro em terra, Iaimes Teixeira, Simão Velho, Nuno Vaz de Castel Branco e hum fidalgo Castelhano per nome Lourenço da Silva, e outros pera tomarem lingoa, os quaes em saindo encontraram dos mouros de que souberam que nos poços estava hum capitão per nome Cidiamer com duzentos frecheiros, e vinte cinco de cavallo, o que sabido mandaram aprestar a voga pera chegarem antes que amanhacesse, onde acharam os mouros dormindo, e bem descuidados do que lhe aveo, porque delles mataram os nossos quasi todos em que entrou o mesmo capitão, que dom Antonio de Noronha matou, com os corpos destes, e dos cavallos que mataram, e dal-

guns que tomaram vivos intupirão os poços, e o mesmo se fez depois em huma grande cisterna que estava no campo, de que Cojeatar então trazia a chave, sem afiar de ninguem. Intupidos assi os poços, os nossos se tornaram pera a frota, a dar conta a Afonso Dalbuquerque do que deixavam feito. Os quaes poços, pera mor segurança, posto que contra parecer de muitos, mandava guardar, pera que os imigos os não alimpassem, do que deu cargo a Lourenço da Sylva que era mui esforçado cavalleiro, com vinte soldados, sobelo qual negocio se envera de perder Afonso Dalbuquerque com cento, e cincoenta homens, por acudir a estes que de todo estavam cercados, e desbaratados dos mouros, porque da cidade, nam tam somente sahio muita soma de gente de guerra, mas ainda el Rei em pessoa, e Cojeatar de maneira que foi constrangido Afonso Dalbuquerque se rccolher aos bateis, com quasi todolos seus feridos de frechadas. Morreu nesta peleja Christovam de Figueiredo paje de Afonso Dalbuquerque, e morreram muitos mais se os poços não forão tam chegados a praia donde estão a tiro de besta ao so pé de huma ladeira. Raix delamixa porteiro mor del Rei, foi o primeiro capitão que sahio da cidade, e o que mais perseguio os nossos, o qual como bom cavalleiro chegou tanto acerca de Afonso Dalbuquerque, que lhe tirou de sobre hum cavalo acubertado em que andava, com huma lança darremesso, com que lhe chegou, e o ferira se nam levara vestida huma boa saia de malha que o salvou deste golpe, e de muitas frechadas que lançava de si, com tudo andando Raix delamixa de longo da praia, cevado neste alcance lhe tiraram de hum batel com hum falcão que lhe levou hum pedaço da polpa de huma coxa. Recolhido Afonso Dalbuquerque aos bateis deu muitas graças

a Deos, dizendo que aquelle fora o mor perigo em que per todo o discurso de sua vida se achara, mas nem por isso deixou de continuar na guerra costumada, posto que contra vontade de alguns dos da frota, mandando guardar os passos como dantes fazia, e allem disto mandava de dia, e de noite com os bateis rodear a ilha, peraque de nenhuma parte lhe podessem vir mantimentos, com o que pos a cidade em tal aperto, que o popular della de dia, e de noite corria em magotes as casas del Rei, pedindolhe das ruas misericordia, e que ouvesse delles do, e piedade, porque perecião a fome, e a sede ao que os continuos del Rei, e da sua guarda acudiam por comprazerem a Cojeatar, e com boas palavras ou força os faziam arredar. Mas a fome era ja tanta que estes brados e clamores se nam podia poer remedio, e defeito se Afonso Dalbuquerque continuara, el Rei, e Cojeatar fezerão tudo o que elle quisera, mas aquelles que eram os que o aviam dajudar e servir em hum caso tam honroso lho estorvavam, que forão os mesmos capitaens da sua frota, dos quaes Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, e Emanuel Telez Barreto o deixaram neste trabalho, e sem o elle saber se foram caminho da India, e o mesmo segundo se sospeitou fezeram Ioam da Nova, Francisco de Tavora, se os Afonso Dalbuquerque nam prendera, e provera as suas naos doutros capitaens, aos quaes depois perdoou, e tornou as capitanias, e os levou consigo sobre hum lugar da ilha de Queixome que se chama Arbez, onde matou o capitam, que alli estava por el Rei com xxx de cavallo, e duzentos frecheiros, de que matou a mor parte, sem dos nossos morrer mais que hum homem de Ioam da Nova, posto que muitos fossem feridos, o qual negocio acabado com cem homens que consigo levara, roubou a po-

voaçam, e do despojo e mantimentos carregou os bateis, e duas terradas, e se tornon para a frota. Depois de Afonso Dalbuquerque ter feito este salto lhe veo nova de como a fortaleza de Çacotorá estava muito necessitada de mantimentos, por caso da guerra que lhe fazião os fartaques, com ajuda dos da terra, e assi soube dalguns mouros que tomou como de Lara, e Baherem se esperava em Ormuz huma frota de lxx velas, com muita gente, e artelharia, a qual nam podia tardar, pelo que determinou de dar outro salto em hum lugar da ilha de Queixome, per nome Homeloal, em que avia muitos mantimentos para com elles se ir a socorrer a fortaleza de Çacotorá, no qual lugar achou muita resistencia, por nella estarem dous sobrinhos del Rei de Lareec com quinhentos soldados frecheiros, que vinhão a socorrer Ormuz, os quaes ambos os nossos mataram, e boa parte dos seus, e a povoaçam foi saqueada, e queimada; nesta peleja morreo hum marinheiro, e dous mouros dos que andavão com a nossa gente, e foi ferido Ioam da Nova. Carregados os bateis, e algumas terradas de mantimentos, mandou Afonso Dalbuquerque poer os corpos dos dous sobrinhos del Rei de Lareec, com outros que pareciam nos trajos homens fidalgos, em huma terrada, e lançar na praia defronte da cidade. O que feito se partio pera Çacotorá no fim de Ianeiro, de mil, e quinhentos, e oito, e a Ioam da Nova deu licença que se fosse perá India.

CAPITULO XXXVI

Do que Afonso Dalbuquerque fez em Çacotorá, Calaiate, e Ormuz, ate se ir perá India.

CHEGADO Afonso Dalbuquerque a Çacotorá cessou a guerra que os fartaques faziam a fortaleza de S. Miguel, porque com medo huma parte delles se acolheo em barcos perá terra firme, e outra com favor dos Çacotorins pera dentro da ilha, e porque por sua causa delles se ordenara aquella guerra lhes concedeo a paz com tributo de seis centas cabeças de gado meudo, e vinte vacas, e quarenta fardos de tamaras cada anno. E por na fortaleza aver tão poucos mantimentos, que posto que lhes desse a mor parte dos que trazia nam abastavam, mandou Francisco de Tavora, a Melinde buscallos, e elle se foi na volta da ilha de Bedalcuria, por lhe dizerem os pilotos mouros, que era milhor aguardar as naos que vinham demandar o cabo de Guardafum alli que em nenhuma outra parajem, da qual por ser muito doentia se foi para o cabo de Guardafum. Estando Francisco de Tavora em Melinde tomando mantimentos, vierão ter com elle em dia de nossa Senhora de Março, de M. D. viij. Diogo de Mello, e Martim Coelho, que como fica dito, invernaram em Moçambique, os quaes todos tres se partiram de Melinde aos quatro de Abril, levando consigo Ioam Sanchez, Fernam Gomez o sardo, e Cide Mafamede, que alli ficaram darmada de Tristam da Cunha, encarregados a el Rei de Melinde para os mandar ao Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, como ja fica dito os quaes deteve por não achar modo pera o fa-

zer com segurança de suas pessoas como o elle desejava. Partidos estes tres capitaens de Melinde, aos sete do mesmo mes tomarão huma nao de mouros defronte de Magadaxó, que se lhes rendeo sem peleja, a qual depois de roubada queimaram, e fazendo sua derrota, chegaram ao cabo de Guardafum aos xviij deste mes Dabril, onde acharam Afonso Dalbuquerque enfadado de em quasi tres meses que avia que alli estava não ter tomada mais que huma nao de mouros que hia das ilhas de Maldiva pera o estreito de Meca, em que captivou hum mouro pratico nas cousas da terra do Abexi, e outras provincias, que mandou a el Rei, o qual se fez Christão neste regno, e lhe poseram nome Miguel Nunez, que eu conheci, de quem se el Rei depois servio na India. Com a vinda destes capitaens foi Afonso Dalbuquerque muiledo, e a Cide Mafamede, e aos dous companheiros deu dinheiro pera a despesa do caminho, e os mandou per Nuno Vaz de castel branco poer junto de huma povoaçam, tres legoas do cabo de Guardafum, que se chama Fœlix, donde fazendo seu caminho forão ter a corte do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, que se chamava David, e por elles soube a Rainha Helena sua mãi, (que por o filho ser moço governava o regno) como os Portugueses andavam na conquista da India, a qual com a reposta das cartas que lhe derem del Rei dom Emanuel, e de Afonso Dalbuquerque, mandou a este regno por Embaixador Matheus Armenio, como se em seu lugar dira. Partidos estes homens, Afonso Dalbuquerque se tornou dalli perá Çacotorá, onde teve o inverno, e deixando ha fortaleza provida o milhor que pode, se fez á vela em dia de nossa Senhora Dagosto, pera o cabo de Roçalgate, e aos xx do mesmo mes chegou a Calaiate, onde pera saber novas do que passa-

va em Ormuz, depois que de lá partira, mandou dom Antonio de Noronha seu sobrinho na fusta de Nuno Vaz a terra, avisandoos, que se lhes perguntassem que naos eram aquellas, que dixessem que vinham de Portugal, e que chegaram áquelle porto pera saberem novàs do que Afonso Dalbuquerque fazia em Ormuz, pera onde elles hiãõ buscallo: mas antes de dom Antonio chegar á ribeira, veo huma almadia com dous mouros honrados a bordo da fusta ha saberem, que naos eram aquellas, os quaes cuidando, pelo que os da fusta dixeram que vinham de Portugal, e que ainda nam sabiam o que passava em Ormuz, se foram a nao de Afonso Dalbuquerque ao qual depois de o conhecerem pediram misericordia, e liberdade por entrarem na sua nao, como amigos, e que neste oficio o serviriam, no que delles quisesse. Estes mouros eram naturaes de Calaiate, e conheciam Afonso Dalbuquerque do tempo que alli estivera, e sabião o engano, que lhe o capitam da cidade fezera e por isto estavam timorizados, mas elle lhes deu seguro, se lhe dixessem sem mentir, se o capitão, que entam alli estava era o mesmo, os mouros lhe dixeram que sim: pelo que mandou embarcar gente nos bateis pera que em surgindo desse logo na cidade. O capitão della duvidoso se era aquella frota de amigos se de imigos, vendo chegar has naos pera o surgidouro, se veo com alguns frecheiros a huma mesquita que está junto da praia, donde vendo que os nossos vinhão de guerra, sairão a elles determinados de lhe defender, que nam saisse em terra, o que nam podendo fazer se recolherão a mesma mesquita, sendo ja o seu capitão acolhido pera cidade com parte dos seus, o que estoutros forão tambem constrangidos fazer, no qual alcance hiam os nossos tão acesos, que de mestura quiseram entrar com elles, se lho Afonso

Dalbuquerque nam defendera, por ser ja quasi noite, e a cidade de terrados, e ruas estreitas, em que facilmente se poderam todos perder: O que feito se foi a mesquita, onde esteve aquella noite com toda ha gente, na qual se despejou ha cidade de todo, que no dia seguinte mandou saquear, onde depois esteve oito dias, em que obra de mil mouros, de que era capitão Xarafadim, criado del Rei de Ormuz, o vieram cometer huma noite, mas foram tratados de maneira, que nam tornaram mais. Recolhidos os mantimentos necessarios á frota, que foi o mor despojo que acharam, Afonso Dalbuquerque mandou cortar as orelhas, e narizes a todolos mouros que se alli tomaram, e os deixou em terra, e fez poer fogo a cidade, e a mesquita, que era huma fermosa casa e a xxvij naos antre grandes, e pequenas. O que feito se partio aos xxx dias Dagosto pera Teuhij, quatro legoas de Calaiate, onde tomou agoa com trabalho, por achar resistencia nos mouros do lugar, com favor dalguns que alli vierão ter de Calaiate. Feita aguada, no que esteve dous dias se partio pera Ormuz, onde chegou aos treze de Septembro, e achou a torre que elle começara ja acabada posta em dous sobrados, terrada por cima, e bem artilhada, e assi as estancias que estavão de longo da praia com todolas bocas das ruas que vinhão dar nellas taipadas, o que Cojeatar mandou fazer suspeitoso que Afonso Dalbuquerque tornaria a tomar vingança do passado, o qual depois que chegou defronte da cidade a mandou esbombardear, com que fez algum danno, mandando vigiar a ilha com as naos e bateis, por defender que não viessem terradas com mantimentos de fora de que tomarão algumas carregadas delles, e em huma hum mouro mancebo honrado, muito privado del Rei, e de Cojeatar, do que elles forão muito anojados. Passando

assi estes negocios, mandou Cojeatar a mostrar a Afonso Dalbuquerque cartas, que dezia serem do Vicerei dom Francisco Dalmeida, que lhe mandara per hum mouro per nome Cojeamir, em que se declarava por seu amigo, e mostrava ter desgosto da guerra que fezera Afonso Dalbuquerque a Ormuz, mas isto aproveitou pouco, porque elle continuou nella como dantes, e vendo que por ter poucas vellas não podia defender que não viessem mantimentos a cidade, como o fezera da outra vez, determinou de dar em hum lugar chamado Nabande que he na terra firme do Mogastam, pera intupir, e gastar huns poços de muito boa agoa de que se a cidade provia o que não tão somente fez, mas ainda queimou o lugar em que achou muitos mantimentos, e matou dos capitaens do Xeque Ismael, que alli vierão em guarda de huma cafila com quinhentos frecheiros, dos quaes alguns morrerão, e os outros se acolheram com os do lugar pera dentro do sertam o que não foi sem morrerem alguns dos nossos, e ficarem muitos feridos. As novas desta victoria mandou Afonso Dalbuquerque a el Rei e a Cojeatar per hum mouro, e huma moura velhos, marido, e molher que em Nabande se vieram pera elle de suas proprias vontades. Neste mesmo tempo tinha Afonso Dalbuquerque mandado Diogo de Mello a ilha de Lara, pera guardar huns poços que alli a de muito boa agoa, o qual por engano de dous mouros que tinha captivos foi fazer hum salto antre a ilha de Queixome, e terra firme onde vieram dar com elle quatro terradas da companhia de quarenta darmada que vinhão de Iulfar, em socorro de Ormuz, das quaes quatro foi cometido, e morto com nove Portugueses, que com elle hiam em huma terrada, em que foi cometer este negocio sem licença de Afonso Dalbuquerque, o qual vendo que a cidade

estava forte e provida do que lhe era necessario, e que nam podia por entam fazer mais do que tinha feito, se fez a vela perá India, aos trez dias de Novembro, e chegou a Cananor aos cinco de Dezembro, do mesmo anno de M. D. viij.

CAPITULO XXXVII

De como em se o Vicerei fazendo prestes pera ir a Dio buscar os Rumes, recebeo cartas del Rei, per que lhe mandava que entregasse a governança da India Afonso Dalbuquerque, e do que com elle sobrisso passou, e como despachou sete naos pera o regno.

PELAS naos da companhia de George Daguiar, que partio do regno no anno de M. D. viij, como fica dito, recebeo ho Vicerei dom Francisco Dalmeida cartas del Rei, perque lhe mandava que entregasse a governança da India Afonso Dalbuquerque nas quaes se remetia as que trazia George Daguiar, que se perdeo como ja dixe, em que se continha o que mais avia de fazer. Estas novas de sua tornada pera o regno lhe deram em Cochim no mes Doutubro do mesmo anno, no qual tempo se fazia prestes pera ir buscar os Rumes a Dio, onde se recolhera Mirhocem, depois da morte de dom Lourenço, e por ter aviso que lhe mandava el Rei de Calecut huma armada, que estava ja prestes pera sair ao mar, mandou outra de onze velas, de que deu a capitania a Pero Barreto de magalhaens, pera a impedir, e com elle Emanuel Telez, Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, Pero Cão, Philipe Rodri-

guez, Paio de Sousa, Diogo Pirez, Alvaro Paçanha, Luiz Preto, e Simão Martinz, em naos, gales, e dous caravelloens, os quaes se tornarão sem fazer nada, por quanto a armada era ja partida. O que sabido pelo Vicerei, com a mor brevidade que pode despachou pera o regno sete naos com a carga das especiarias, de que das duas que partiram primeiro, era capitão dom Alvaro de Noronha, e das cinco que partirão depois Fernam Soarez, e a nao Bethelem de que era capitam George de Mello Pereira, por ser grande, e ter necessidade de naos daquella calidade ficou, e o mesmo capitão pera ir nella, que se lhe para isso offereceo. Dada ordem ao despacho destas sete naos, o Vicerei se partio pera Cananor, e ahi teve conselho, se antes de passar adiante daria primeiro em Calecut, mas foi assentado que o nam devia fazer, por importar mais lançar os Rumes da India, que fazer por entam guerra a Calecut. Andando assi o Vicerei ocupado neste negocio, chegou Afonso Dalbuquerque a Cananor, o qual em surgindo mandou o Vicerei convidar pera a cea, e o mesmo fez ao outro dia ao jantar, o qual acabado ficando ambos sos o Vicerei lhe dixe, que em hum capitulo de huma carta que tinha del Rei lhe mandava que lhe entregasse a governança da India, e se fosse pera o regno, o que faria de mui boa vontade, mas que aquelle anno nam poderia ser, por duas razoens, huma por George Daguiar que trazia a via em que lhe el Rei mandava o que avia de fazer antes de se partir da India, não ser chegado, a outra por ter prestes aquella armada que fezera com muito trabalho para ir buscar os Rumes a Dio, os quaes sperava em Deos de desbaratar, e lançar fora da India, que era a cousa que então mais importava ao serviço del Rei, e assossego das cousas della. Afonso Dalbuquerque nam contente

com esta reposta ajuntou ao outro dia alguns dos que tinhão sua parte, e com elles Antonio de Syntra que servia de secretario, por Gaspar Pereira ficar doente em Cochim, cujo officio era, com os quaes se foi a nao do Vicerei, estando elle provendo em cousas da sua viajem, onde Antonio de Syntra abrio a provisão que lhe Afonso Dalbuquerque deu, ao pé do sobre scripto da qual estava huma postilha assignada por el Rei, em que dizia que se nam abrisse se não quando o Afonso Dalbuquerque requeresse. O theor da provisam era, que ficasse na vagante do Vicerei com os mesmos ordenados, quando ouvesse por seu serviço de o mandar vir pera o regno. Pelo que Afonso Dalbuquerque lhe requereo que lhe entregasse a governança, do que se por entam excusou dizendo, que elle estava prestes pera com a armada que alli tinha ir buscar os Rumes a Dio que se o Deos deixasse tornar lhe entregaria a governança, e que se la ficasse ja estava seguro della, pois pera isso tinha provisoens de sua Alteza. Afonso Dalbuquerque, cujo intento era com a mesma armada ir buscar Mirhocem, e ganhar a honra de hum tamanho negocio, lhe respondeo que se fosse pera Portugal como lho el Rei mandava, que elle mesmo iria a Dio com a mesma armada a pelejar com os Rumes, do que o Vicerei o desenganou, com tudo elle se lhe offereceo pera o acompanhar nesta viajem, do que se o Vicerei excusou, dandolhe por isso as graças, dizendolhe que devia de repousar dos trabalhos passados em Cananor ou em Cochim. Afonso Dalbuquerque lhe respondeo, que como nam fosse ir com elle, que antes queria ficar em Cochim, pera onde se logo partio, e posto que lhe alguns que não queriam bem ao Vicerei, aconselhassem que pousasse na fortaleza, que seria quasi tomar posse della, como governador da India

que era, elle o nam quis fazer, e se agasalhou em humas casas de Antonio Real. Depois da partida de Afonso Dalbuquerque pera Cochim partiram as naos de carga pera o regno, das quaes se perderam a de Rui da Cunha, e de Fernam Soarez, por quem elle mandava a el Rei duas perlas de muito preço, e hum fio de ricas perlas que ouvera de Cojeatar em desconto dalguma parte das pareas que el Rei de Ormuz era obrigado pagar cadanno, e quatro Persios mancebos nobres, frecheiros, que cativara em Ormuz, os quaes dous capitaens se perderam, sem nunca se delles saber novas, os outros cinco chegarão a salvamento a Lisboa.

CAPITULO XXXVIII

De como o Vicerei partio de Cananor em busca dos Rumes, e do que fez em Dabul.

PARTIDO Afonso Dalbuquerque pera Cochim, e os capitaens das naos de carga para Portugal, o Vicerei se fez a vela de Cananor pera Dio, aos xij dias do mesmo mes de Dezembro, em busca de Mirhocem capitam do Soldam de Babilonia, com dezanove velas, e mil, e trezentos soldados Portugueses, e quatrocentos Malabares de Cochim, a fora gente de serviço. As velas erão as seguintes. sc. seis naos grossas em que hiam por capitaens, Ioão da Nova, esta era a capitaina por o Vicerei ir nella, das outras o eram George de Mello Pereira, Nuno Vaz Pereira, que havia pouco que chegara de Zeilande, onde o mandara o Vicerei, a cousas que cumpriam a serviço del Rei, Garcia de Sousa, Francisco de Ta-

vora, Pero Barreto de Magalhaens, e quatro navios de gavea, capitaens, Emanuel Telez Barreto, dom Antonio de Noronha, Martim Coelho, Afonso Lopes da Costa, e seis caravellas, capitaens, Antonio do Campo, o commendador Rui Soarez, Phelippe Rodriguez, Pero Cão, Alvaro Paçanha, Luiz Preto, e duas gales, capitaens, Paio de Sousa, e Diogo Pirez, e hum bargantim de que era capitão Simão Martinz. E porque neste tempo el Rei de Baticála tinha alguns desgostos de Timoja, que era nosso amigo e lhe fazia guerra, a seu rogo foi surgir o Vicerei na barra de Baticála para o favorecer com el Rei: mas quando ahi chegou elles tinham ja antre si feita paz, pelo que se fez dalli a vela pera Onor, onde Timoja o foi visitar, e lhe levou hum grande presente de refresco, de quem sabendo o Vicerei que no rio avia alguns paraos de Calecut, mandou Paio de Sousa, e Simão Martinz que os fossem queimar, o que fezerão com muita resistencia dos que os guardavam, dos quaes alguns sairão feridos, e outros mortos, e dos nossos muitos encravados das frechas, posto que não morresse nenhum. Deste porto de Onor se foi o Vicerei a Anchediva fazer agoada, e parecendolhe que acharia os Rumes no caminho, teve alli conselho, acerca do modo que teria em os cometer. O que assentado se partio Danchediva pera dar em Dabul, cidade de Çabaio senhor de Goa, que era hum dos que favorecia os Rumes, e dera azo a virem a India, e sobretudo pela má companhia que os desta cidade fezeram as naos de Cochim, quando dom Lourenço foi dar guarda as que forão a Chaul, como fica dito, pelo que determinou de dar neste cidade. Pera onde seguindo seu caminho, sem sua licença, se foi Paio de Sousa a huma aldea de Mouros, pera tomar refresco, e agoa, e porque os seus se desmandarão a roubar gado, os da

terra sairão a elles, e os fezerão recolher a gale deixando o capitam Paio de Sousa morto, e George Guedez, per cuja morte deu o Vicerei a capitaina da galé a Diogo Pirez, e a de Diogo Pirez deu a Diogo Mendez. Surta toda a armada diante da barra de Dabul, mandou o Vicerei sondar o porto de noite, pera ao outro dia entrar no rio que he muito largo, e a cidade era mui grande, e fermosa, situada de longo do rio, ao pé de huma serra muito fresca, no regno de Dacão, em que entam estava hum capitão Mouro, que alli mandara o Çabaio, com quinhentos Turcos, e outra gente da terra, que seriam per todos seis mil, o qual tinha fortificada de tranqueiras, baluartes, artelharia, e todalas outras cousas necessarias pera se defender, e no Rio quatro naos de Cambaia, com outros navios da terra, tão confiado que trouxe consigo a sua principal molher, com todo seu thesouro, e fez vir muitas pessoas que moravam em outros lugares, e quintas pera verem a victoria que cuidava aver dos Portugueses, allem do que mandou apregoar sob pena de morte que ninguem se saisse, nem tirasse fazenda da cidade. Passada a noite, em começando a mare de crecer e a viração de servir a nossa armada, o Vicerei mandou dar a vela, levando diante as gales, e apos ellas as caravellas, e por derradeiro as naos, todos com os bateis fora, prestes pera em chegando sairem em terra. Emparelhadas as gales com hum baluarte, e tranqueiras que era o mais forte da cidade, se começou de huma, e de outra parte, hum medonho jogo dartelharia, e o mesmo se fez das caravellas, e naos depois que chegaram, no qual instante teve o Vicerei tempo pera dos bateis sair em terra, elle primeiro com a bandeira real, que assi o tinha ordenado : O qual em desembarcando foi cometer o baluarte mas antes que la chegasse o ca-

pitão da cidade o veo receber com sua gente em boa ordem trazendo diante de si, por desprezo do Vicerei, sete mouros honrados, cada hum em seu andor com sombreiros de pé, mas o scarneo lhe custou mais do que cuidava, porque os sete mouros, com muitos outros que os defendiam forão mortos, e todos desbaratados, e o capitam o primeiro que fugio, dos quaes seguindo os nossos o alcance ganharam o baluarte, e juntamente entraram na cidade demvolta com os vencidos, em que foi tamanho o medo, que nenhum dos que se pode acolher ficou nella, e os que ficaram morrerão quasi todos assi homens, como molheres, no que creceo tanto a crueza na nossa gente que tomavão os mininos dos collos das mãis, e sem lhes abastar as matarem as ellas, esborrachavam as crianças nas paredes innocentes da causa porque se a tal vingança tomava. Nesta furia mataram tambem a molher do capitão, em huma casa em que estava, com outras de muita calidade, que por resgate de suas pessoas prometião muito dinheiro, e foi tanta a crueza nesta victoria, que ficou em toda a India por proverbio dizerem por praga, a ira dos franges venha sobre ti, assi como veo sobre Dabul. Durou isto ate noite, em que pereceo grande numero dalmas, e durara mais se o dia se alongara, porque o Vicerei por se a gente nam espalhar mais pela cidade, em se o sol pondo mandou recolher todos a uma mesquita, onde passaram aquella noite, com duzentos, e vinte feridos, e xvj mortos. Na qual noite por honra de tamanha victoria armou muitos cavalleiros na mesma mesquita, donde em amanhecendo mandou sair a gente a saquear a cidade, mas vendo que se desmandavam no muito que avia que roubar, lhe fez secretamente poer fogo, em que arderão muitos cavallos, que estavam presos em estrebarias, e mor-

rerão todalas pessoas que com medo do fogo se sairão das casas, em que estavão escondidas, sem perdoarem a nenhuma, posto que como vencidos pedissem misericordia. De maneira que do roubo, e do fogo a cidade foi de todo destroida, e as casas, e mesquitas que nella avia abrasadas, e o mesmo se fez das naos de Cambaia, e outros navios que estavam no porto, do que tudo foi tamanha a perda, afora a multidam da gente que morreo, que se estimou em mais de dous contos douro, porque da cidade, pelo assi mandar apregoar o capitão, como fica dito, allem de nam sair nenhuma pessoa, senam tirou cousa alguma de todalas mercadorias, e riqueza que nella avia, do que ainda não satisfeito o Vicerei, se foi a Serra, onde fez queimar muitos, e mui frescos castellos, e quintas. No qual negocio matarão os nossos muitos dos imigos, que em alguns passos da serra lhe sairão ao caminho, e porque soube dalguns captivos, que cinco legoas pelo rio acima avia hum lugar raso, grande, e rico, se foi la nas gales, e no bargantim, com alguns bateis, e sem lhe poder chegar, por caso do vento ser contrairo se tornou, destruindo muitas aldeas, de huma, e da outra parte do rio, no qual caminho tomaram vacas, bois, e gado meudo pera provisam darmada. O que acabado estando o Vicerei ainda em Dabul lhe derão cartas de offerecimentos de Miliquiaz, e outras dos Portugueses que captivara em Chaul, em que lhe screviam sobelo resgate de suas pessoas, e quão bem de tratados delle eram, mas a visitaçam de Miliquiaz era mais para pelo meśageiro saber o que o Vicerei fazia, que não por desejo que tivesse de sua amizade. Recolhida a artelharia que se achou na cidade as naos, e algumas outras cousas que escaparão do fogo, o Vicerei se fez a vela aos cinco de Ianeiro, de M. D. ix,

e de caminho recolher as pareas que Nizamaluco senhor de Chaul devia de tres annos, per virtude do contrato que com elle fezera dom Lourenço, como fica dito, sobelas quaes o Vicerei renovou o contrato, contentandosse de dous mil cruzados cadanno, porque soube que nam tinha Nizamaluco poder para pagar os cinco mil que lhe dom Lourenço pedira. De Chaul foi ter ao rio de Maim, que he no regno de Cambaia onde tomou refresco e mantimentos, e achou hum lugar, com huma grande, e mui fermosa mesquita, cercada de hum adro, no qual avia mais de cem mil cabeceiras de covas de finados, o que querendo saber lhe foi dito pelos da terra, que alli ouvera o grande Hercules duas batalhas com o Rei que entam regnava, em que Hercules fora desbaratado, e lhe mataram toda a gente de guerra que consigo tinha, e que por memoria se poseram aquellas cabeceiras, o que parece concordar com Herodoto, que diz, que Hercules escapou da India de todo desbaratado. Seguindo o Vicerei seu caminho deste rio de Maim, chegou a barra de Dio aos dous de Fevereiro dia da Purificaçam de nossa Senhora onde desbaratou a armada do Soldam de Babilonia como no capitulo seguinte ouvireis.

CAPITULO XXXIX

De como o Vicerei pelejou com Mirhocem, e com a armada de Calecut, e de Miliquiaz senhor de Dio, e os venceo, e desbaratou.

Em o Vicerei chegando a barra de Dio, determinou Mirhocem de sair ao largo pelejar com elle, posto que contra vontade, e parecer de Miliquiaz, peloque mandou logo aos capitães das suas gales, paraos de Calecut, e fustas de Miliquiaz que saissem pera fora do baluarte do mar, e por lhes acalmar o terrenho surgiram ao longo da terra junto de quatro naos de Cambaia que estavam avante do baixo pera fora, das quaes huma era de Miliquiaz. As velas de Mirhocem erão tres naos mui grossas, tres galeoens, e seis galles, allem dos paraos do Çamorij Rei de Calecut, e fustas de Miliquiaz, que farião per todas mais de cem velas, mui bem artilhadas, e esquipadas de tudo o que lhes era necessario. A gente da guerra de Mirhocem, eram oitocentos Mamalucos, e outros soldados de diversas naçoens, armados de saias de malha, laudeis de laminas de ferro, e corno de Bufaro, e outras armas Levantiscas, ao nosso modo afora os Malabares de Calecut, e gente de Miliquiaz, que era muita, avia tambem nesta frota alguns Christãos de que os mais erão Sclavoens, e Venezeanos, em espicial os comitres, e officiaes das gales. O Vicerei por o vento acalmar vendo surgir os imigos fez o mesmo esperando pela viraçam, o qual depois de surto teve conselho na sua nao com os capitães pera assentarem a maneira, e ordem que cada hum delles avia de ter nesta peleja.

O que feito se forão pera seus navios aperceber do que lhes era necessario, no que ocupados começou a viração, mas posto que ja fosse tarde, o Vicerei mandou desferir o traquete, o que tambem fezerão todolos outros capitaens, seguindoo ate se poer a tiro de bombarda das naos dos Rumes, onde surgio, por a mare ainda aquelle tempo vazar, e estar junto de hum baixo, que alli ha, em que se podera perder se passara adiante. Os navios de remo dos imigos que estavam surtos de longo da terra, em vendo fazer a nao do Vicerei a vela, se alevantaram, e se forão lançar a tiro de falcam da nossa frota, começando logo de jugar com a artelharia, o que tambem no mesmo instante se fez, assi da cidade, como do baluarte do mar com quarenta bombardas grossas, que de huma, e da outra parte estavam assentadas em lugar donde mui bem lhe podião impedir o passo, ao que se lhes da nossa frota tambem respondeo com o mesmo jogo, no que estiveram ate a noite, em que os navios de remo dos imigos se recolheram pera dentro do banco. E porque no conselho que tiverão, assentou o Vicerei que elle avia de ir diante de todos cometer a nao de Mirhocem, considerando os capitaens, que se elle perigasse seria causa de se todos poeram em desordem, sa foram a sua nao pedirlhe que em maneira nenhuma o nam fezesse, o que lhe elle muito agradeceo, elegendo logo pera isso Nuno Vaz Pereira, dizendolhe, que tirava esta honra de si pera lha dar, como seu amigo que era, e porque a sua nao era grande, e demandava muita agoa, mandou com elle Diogo Pirez, pera na galé ir sondando diante. Assentado que fosse Nuno Vaz o que avia de aferrar Mirhocem, passaram-se pera sua nao Ioam Gonçalvez de Castel branco de Coimbra, Antonio de Sousa de Santarem, hum filho de Emanuel

Paçanha; e João Gomez cheira dinheiro, e outros, e pera a nao de George de Mello, que avia de seguir Nuno Vaz, se passou Fernam Perez Dandrade, e Simão Dandrade seu irmam se passou pera a de Francisco de Tavora seu cunhado, na qual noite repartio Nuno Vaz as capitanias da nao, de que deu a proa a Rui Pereira, e com elle João Gonçalvez de Castel branco, Antonio de Sousa de Santarem, João Gomez cheira dinheiro, Henrique Machado, Francisco de Madureira, Simão Velho de Soure, e Francisco Lamprea, a capitania do conves deu a Rui de Nobaes, e elle ficou na popa, nesta mesma noite vendo Mirhocem quam determinado o Vicerei estava pera pelejar, mudou o proposito que tinha de o ir cometer fora do baixo, porque alli donde estava o podia fazer com mor avantajem, por caso da artelharia da cidade que o ajudava, e assi pelo socorro que lhe podia vir de terra, pelo que assentou que as suas naos, e galeões esperassem a aossa frota encadeadas de duas em duas, e elle no meo dellas, e detras as gales, e fustas de Miliquiaz com os paraos de Calecut, pera lhe acudirem depois que estivesse aferrado, e as naos de Cambaia com a de Miliquiaz mandou que ficassem de fora do banco de longo da terra assi como estavão. O dia seguinte que era de sam Bras, em a viraçam começando, que seria as nove horas do dia mandou o Vicerei tirar com huma bombarda, que era o sinal com que se avião de fazer a vela, como fezeram, seguindo a nao de Nuno Vaz Pereira, em que iriam bem duzentos homens, o que George de Mello Pereira não pode fazer, por negligencia, e mao azo do seu mestre que se nam quis desamarrar tam asinha como os outros. Miliquiaz como o vio deferir a nossa armada mandou desparar a artelharia da cidade, e do baluarte do mar, e o mesmo fez Mirho-

cem com a sua, ao que o Vicerei, respondendo, se travou huma brava peleja, no começo da qual hum pilouro matou na nao de Nuno Vaz Pereira dez homens juntos no conves, que hiam caçando a escota, de que hum foi Rui de Nobaes, mas nem por isso deixou Nuno Vaz de seguir avante. Os das naos de Mirhocem vendo que a determinaçam de Nuno Vaz Pereira era de os aferrar, se abriram pera o tomarem no meo, o que elle entendendo, mandou ao seu condestabre, per nome Ioão de la Camara, que tirasse com huma bombarda grossa a huma destas naos, que estava atravessada diante da de Mirhocem, o que fez em tão boa hora, que lhe passou por baixo da amura ao lume dagoa ambolos costados ao que os Rumes acudindo, parecendolhes que nam fazia a nao agoa se nam por huma banda lhe deram pendor, com que se foi logo ao fundo, e se afogarão os mais dos que nella estavam, ao que a nossa gente deu huma grande grita, com que os imigos começarão de desacoroçoar. Passando assi Nuno Vaz adiante pera aferrar a nao de Mirhocem lhe fez Diogo Pirez, que hia diante sondando, sinal que amainasse por achar pouca agoa. Mirhocem vendoo surto alargou a amarra, e sem nenhum medo o veo aferrar per hum bordo, o que tambem fez Nuno Vaz, e ficando assi ambas as naos aferradas huma de lõngo da outra, Rui Pereira, com os que estavam na proa se lançaram na de Mirhocem, levando com muito trabalho, e perigo os imigos ate o conves onde mataram Henrique Machado. Neste tempo andavam ja alguns dos nossos envoltos com os imigos sobela rede do conves, de maneira que debaixo, e de riba se tratava o negocio com muito animo, e os que dos imigos, com mais esforço pelejavam erão alguns Abexis, que Mirhocem trazia a soldo. Durando esta peleja hum galeão dos

seus aferrou a nao de Nuno Vaz pelo outro bordo, com que se dobrou o trabalho, e perigo a todos, e a elle se causou a morte, porque no tempo em que o galeão aferrou a sua nao pelo outro costado, elle andava na de Mirhocem pelejando, onde sabendo o que passava temendosse que aferrado dambalas naos o venceriam, por acudir a sua se apressou tanto, que pera tomar folego abaixou em tal hora a barbote que trazia sobre um gorjal que lhe deram huma frechada pela garganta, de que logo cahio, e morreo dalli a tres dias: alguns dos nossos que andavão apar delle o levaram logo a nao pera que o curassem, aos quaes andando neste trabalho, sem vencerem, nem serem vencidos, acodio Francisco de Tavora, que com a sua nao veo aferrar a de Mirhocem pela outra banda, na qual se lançou com hum golpe de gente, sobela rede da cuberta, com tanto impeto, que quebraram as perchas sobre que estava, e com ella juntamente cairam todos embaixo, com que de novo se começou a pelleja de maneira, que os mais dos da nao de Mirhocem foram mortos, outros se lançaram ao mar e porem elle escapou ferido, no esquife da sua nao. Os do galeam, que tinham aferrada a nao de Nuno Vaz a alargarão, os quaes seguidos dos nossos navios as bombardas, sem mais sperarem, se lançaram todos ao mar, e o galeão assi como hia, com o traquete desferido, sem nelle aver pessoa nenhuma que o governasse entrou com a mare pera dentro. Entre tanto que astas naos pelejavam, os outros capitães não estavam ociosos, porque Pero Barreto aferrou outra nao das de Mirhocem, e a rendeo; ainda que com muito trabalho, e perigo, e Antonio do Campo tomon hum dos galeoens de Mirhocem, e George de Melo Pereira depois que se desamarrou foi cometer as naos de Cambaia, e Pero Cão se che-

gou tanto a outro galeão dos Rumes, que sem o aferrar, saltou dentro sobela rede com trinta e oito homens, e por na caravella não ficarem se não alguns pajens, e grumetes que a nam podião marear, a levou a corrente, mas vendosse Pero Cão com os seus sobela rede, e que os imigos que todos estavam debaixo della os tratavam mal, correo a portinhola pera entrar por ella, pela qual em metendo a cabeça lha levou dos hombros hum Mamaluco, de hum golpe despada. Os outros que ainda andavam sobela rede pelejando foram socorridos, e o galeão entrado, e mortos quantos nelle avia, dos outros capitaens nam ficou nenhum que nam aferrasse com os imigos, salvo o Vicerei que não passou o baixo, donde as bombardadas meteo huma nao dos Rumes no fundo, e alguns paraos de Calecut, e fustas de Miliquiaz, o qual Miliquiaz, durando a peleja não fazia outro officio, que da praia onde andava mandar gente de refresco a frota dos Rumes, e elle com hum terçado que trazia nu no mão feria, e matava os que podia alcançar, daquelles que fugiam pera terra, e os outros fazia tornar perá frota, finalmente os imigos forão vencidos, e desbaratados de todo, e tantos mortos que a agoa era toda tinta em sangue. Os primeiros que fugiram forão os paraos de Calecut, que per todo o cominho foram dando novas que ficava o Vicerei desbaratado. As fustas de Miliquiaz se recolheram pera dentro o que tambem fezerão as gales de Mirhocem, o que vendo o cõmendador Rui Soarez, as seguio, com a sua caravella por lhe servir a viração, e mare, e se meteo antre duas dellas, que hiam juntas, nas quaes mandou lançar em cada huma sua ancora, e as teve aferradas ate que as despejou de todo, e as trouxe ambas atoadas a nao do Vicerei, e assi se acabou de desbaratar de todo a arma-

da de Mirhocem. Mas a nao de Miliquiaz que estava com as tres de Cambaia, ficou ate fim do jogo, sem a poderem entrar, porque tinha muita, e boa gente, e artelharia, e era cerrada por cima, e cuberta de couros crus de maneira que se nam podia entrar senão pellas portinholas, as quaes querendo os nossos cometer depois de terem a nao aferrada, forão tão mal tratados que o Vicerei teve por milhor partido mandala esbombardear, mas a nao era tam forte de costado, e tinha taes arrombadas por dentro que assi como lhe os pilouros davam, assi tornavam pera tras, no que estiverão hum bom pedaço, ate que do navio de Garcia de Sousa lhe acertaram com hum tiro grosso ao lume dagoa, com que se foi logo ao fundo pello que os que estavam dentro vendosse alagar se lançaram todos a nado, dos quaes os nossos, que andavam nos bateis fazendo esta caça, mataram muitos e assi se acabou de todo a execuçam desta batalha, que durou desno meo dia ate noite, em que morrerão dos imigos mais de tres mil afora os Mamaluquos que de oitocentos que eram, sos xxij escaparam de serem mortos; ou captivos, e Mirhocem com medo que o entregasse Miliquiaz ao Vicerei, se acolheo logo pela poste a corte del Rei de Cambaia. Foi esta batalha tam travada e bem cometida dambalas partes, que nam ouve nenhuma vela das nossas em que se nam achassem muitos pilouros das bombardadas dos imigos, com que todalas padesadas, e obras mortas ate o lume dagoa estavam desmanchadas, e em algumas dellas se acharão passante de cinco mil frechas: dos nossos forão feridos mais de trezentos, e morreram trinta e dous, de que os conhecidos eram, Nuno Vaz Pereira, Rui de Nobaes, Pero Cão, Fernam Soarez, Henrique Machado, e dous filhos de Emanuel Pa-

çanha. Das velas dos Rumes se meteram duas naos no fundo, e a de Miliquiaz, e algumas das suas fustas, e dos paraos de Calecut, tomaramsse dous galeões, e duas gales, e duas naos dos Rumss, e duas naos de Cambaia, nas quaes velas se acharam muitas armas, e artelharia, e muita moeda douro, e prata, e panos de brocado, seda, e algodão o que se repartio per todolos darmada, sem o Vicerei querer nada para si. Avia nesta frota dos Rumes tanta diversidade de gente, e lingoagens que se acharão nas naos, e gales que tomaram, muitos livros em Latim, Italiano, Alemão, Esclavom, e Frances, Castelhano, e alguns em Portugues. No despojo entraram tres bandeiras Reaes do Soldão de Babilonia, com a divisa que elle trazia, por ter sugeita a casa Sancta de Hierusalem, que era um Caliz com huma Hostia alevantada, metida nelle, as quaes bandeiras vieram a este regno, e el Rei as mandou ao Convento de Tomar, onde devem destar guardadas por lembrança desta tão gloriosa victoria.

CAPITULO XL

De como o Vicerei assentou pazes com Miliquiaz, e se partio pera Cochim, e do que fez ate la chegar.

Com quanto as armadas do Soldão, e del Rei de Calecut, e de Miliquiaz eram desbaratadas, nem por isso deixavão de tirar da cidade a nossa, pelo que o Vicerei, por evitar o danno que lhe faziam, e com receo que lhe nam lançassem balsas de fogo, se sahio de noite pera fora com muito trabalho, e perigo. Mas posto que o Miliquiaz visse alongado da cidade, nem por isso perdeo o receo que tinha, parecendolhe que por vingança do passado lhe faria guerra, pelo que ao outro dia pela manhã lhe mandou huma carta, per Cide alle o Torto (natural do regno de Grada que conhecia o Vicerei do tempo que andara nas guerras daquelle regno, quando el Rei dom Fernando, e a Rainha donna Isabel o ganharam aos Mouros) desculpandosse da ajuda que dera a Mirhocem, rogandolhe que dalli por diante o quisesse ter por amigo, que sua tenção era em quanto vivesse ser servidor del Rei dom Emanuel, para firmeza do que daria todalas seguranças necessarias. O Vicerei avendo respeito a quam importante era a amizade daquelle homem ao serviço del Rei, lhe concedeo a paz, com condiçam que lhe entregasse os Portugueses que tinha captivos, e Mirhocem, com os Rumes que escaparão da batalha, e assi as galés, e outros navios que se da sua frota salvaram no porto da cidade. Dada esta resposta, Cide alle se tornou, com quatrocentos cruzados de que lhe o Vicerei fez

merce, ao que Miliquiaz respondeo, que quanto a Mirhocem que na mesma hora que se saira da nao sacolhera pera dentro do sertam, sem lhe fallar, e que delle nam sabia parte, e posto que soubesse onde estava lhão não entragaria, nem menos a outra gente que se salvara da batalha, que costume era dos bons cavalleiros emparar, e defender os que se a elles acolhião, mas que as galles, e quaesquer outros navios que ouvesse naquelle porto da armada de Mirhocem lhe mandaria entregar de mui boa vontade, e assi os Portugueses que tinha captivos. O Vicerei communicou isto com os capitães, o que a todos pareceo muito bem: pelo que as pazes se fezerão, capitularam e se juraram antrelles: o que acabado Miliquiaz lhe entregou quatro galles das de Mirhocem, com todalas munições, bombardadas, e armas que nellas avia. Estas quatro gales com as duas que tomára o cõmendador Rui Soarez mandou o Vicerei logo queimar, e a Ioam da Nova deu cargo de ir buscar os captivos, a quem Miliquiaz entregou os que ainda viviam, que erão dezasete, todos vestidos de cabaias de seda. Feitas estas entregas, o Vicerei despachou dom Antonio de Noronha com duas naos carregadas de mantimentos perá fortaleza de Çacotorá, de quc era capitão dom Afonso de Noronha seu irmão, allem do que lhe mandava alguma roupa de Cambaia da que tomára nas naos, e elle se partio perá Iudá, deixando naquelle porto Tristão de Gá, hum dos que forão captivos, por capitam de duas naos, das que foram dos Rumes, para as levar a Cochim com mantimentos, e cousas necessarias pera os almazens, como fez. Esta victoria que o Vicerei ouve da armada do Soldão de Babilonia, foi o principio da deminuição de seu estado, ate lho Selimão Emperador da Turquia tomar, e o matar, o que aconteceo

no anno de M. D. xvij, e erão tamanhos os direitos que lhe pagava das especiarias depois de as trazerem de Calecut á India, e de ahi as levarem a Cayro, e do Cayro a Alexandria, que se tinha pelo milhor, e mais sustancial de todas suas rendas. Mas depois que as armadas que el Rei trazia na India, começarão de impedir a navegaçam de Calecut perá India os ganhos forão mingoando, porque por não navegarem tantas naos como sohiam, estes tributos sé deminuirão. De maneira que por o Soldão acudir a isso com favor dalguns dos Reis, e senhores da India, ordenou esta armada, que o Vicerei desbaratou, o qual depois de ter capituladas as pazes que fez com Miliquiaz, se partio de Dio aos dez dias de Fevereiro, donde foi ter a Chaul, e confirmou as que assentara com Nizamaluco, do qual recebeo as pareas daquelle anno, e lhe deu carta de vassallagem. Dalli se foi a Onor, pera fallar com Timoja, sobela tomada de Goa, em que ja tinham praticado, mas nam o achou porque era fugido dalli com medo que el Rei de Narsinga (que então viera aquellas partes) o mandasse prender, por ser cossairo. No qual lugar se veo ver com o Vicerei el Rei de Onor, e acrecentou aos mil pardaos que cadanno dava de pareas, duzentos e cincoenta, e o Vicerei lhe pedio que tivesse sempre em sua graça Timoja, e assi lho prometeo. Dalli foi ter a Baticala, aos xxv. do mesmo mes de Fevereiro, onde o el Rei veo visitar a praia, e se fez vassallo del Rei dom Emanuel, com tributo de dous mil fardos darroz cadanno. O que feito mandou Pero Barreto, Garcia de Sousa, e Martim Coelho a monte Delli pera ahi andarem darmada, e guarda da costa, e elle se partio pera Cananor, e a vista da fortaleza mandou enforcar alguns dos Rumes que trazia captivos, e com outros usou outra mor crueza, porquë os

mandou poer nas bocas das bombardas grossas, com as quaes, e com os pedaços dos corpos destes miseros salvou a cidade, negocio tam barbaro, que parece que quis Deos por castigo de huma tamanha deshumanidade, que morresse elle depois a mãos da mais barbara gente que se sabe em todo o universo mundo, como se ao diante dira. El Rei de Cananor o veo receber á praia, acompanhado de muitos Caimaens, e Naires, e com elle Lourenço de Brito capitam da fortaleza. Depois de o Vicerei repousar alguns dias em Cananor, e prover nas cousas que compriam, se partio pera Cochim, onde chegou aos oito dias de Março, e foi recebido, assi de Afonso Dalbuquerque, como de todolos Portugueses, e del Rei com muita festa, e alegria, mas em chegando á porta da fortaleza, tendosse ja el Rei de Cochim despedido delle, Afonso Dalbuquerque, per conselho de homens zelosos de mal, se lhe atravessou diante, requerendolhe que não entrasse nella, e lhe entregasse a governança da India, como o el Rei mandava, o Vicerei espantado de um tam desassozoado requerimento, lhe dixe que o deixasse repousar do trahalho do caminho, que quanto a governança elle lha não negava, e della lhe faria entrega quando fosse tempo, o que dito se recolheo pera dentro, e mandou fechar as portas ficando Afonso Dalbuquerque de fora. Sobelo qual negocio, per induzimento destes maos homens, ouve antrelles tantas desavenças, que o Vicerei parecendolhe que era assi serviço de Deos, e del Rei, por evitar mores desconcertos, dos em que ja andavão, o mandou como preso pera Cananor, onde esteve ate a chegada do Marichal a India, como se no capitulo seguinte dira. Deste negocio fazem os que escreveram as cousas da India largos capitulos, os quaes eu tivera por mui excusados, por nam servirem pera mais

que pera ficarem por muito tempo, odio, e malquerença arreigados entre as progenias destes dous tam valerosos, e esforçados capitaens, e tam dignos de serem louvados, pelas grandes calidades de suas pessoas, e particular prudencia que em cada hum delles ouve.

CAPITULO XLI

De como el Rei mandou o Marichal dom Fernando Continho a India por capitão de quinze naos.

Por el Rei ter todolos annos novas pelas naos que vinhão da India quão contrairo lhe era o Çamorij Rei de Calecut, e quanto favorecia os Mouros em seu deserviço, determinou mandar dom Fernando Coutinho Marichal de Portugal a India, pera lhe destruir a cidade de Calecut, dandolhe a capitania de quinze naos, em que irião mais de mil, e seiscentos soldados Portugueses. Os outros capitaens eram, Pedrafonso Daguiar, que hia por sota capitão, Francisco de Sa veador da fazenda do Porto, Sebastião de Sousa Delvas, Lionel Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Rui Freire, Gomes Freire, George da Cunha, Francisco Corvinel, Rodrigo Rabelo de Castelbranco, Francisco Marecos, Bras Teixeira, Alvaro Fernandez, e George Lopes Bixorda. Com estas xv naos partio o Marichal de Lisboa aos doze dias de Março, de M. D. ix, e o primeiro porto que tomou foi Moçambique, donde foi ter a Melinde, e dahi a Cananor no mes Doutubro, com toda a frota junta, salvo Francisco Marecos que invernou em Moçambique. Com a chegada do Marichal foi Afonso

Dalbubuerque mui alegre, mas nam Lourenço de Brito, por ter a parte do Vicerei, o qual como soube as novas da vinda do Marichal, que era muito parente de Afonso Dalbuquerque, receoso que lhe fezesse alguma sem razam, entregou a fortaleza ao alcaide mor, e elle se foi pera Cochim. Afonso Dalbuquerque foi visitar o Marichal a nao, e lhe contou as desavenças que ouvera antrelle, e o Vicerei dom Francisco, do que o Marichal tomou as informaçoens que lhe parecerão necessarias, pera nisso poer algum bom meo. O que feito se partio pera Cochim, levando consigo Afonso Dalbuquerque, onde depois de chegada, o Vicerei o veo receber a praia com sua guarda ordinaria, de cem alabardeiros. Chegado o Marichal a Cochim, trabalhou quanto pode em concertar o Vicerei com Afonso Dalbuquerque, e assi o fez. E prestes tres naos de carga, que avião de vir pera o regno, o Vicerei entregou a governança da India Afonso Dalbuquerque, e disso tomou estormentos publicos, e assinados do mesmo Afonso Dalbuquerque, do estado em que deixava a India, com quantas fortalezas, naos, gales, caravellas, e artelharia. O que acabado se embarcou sem mais sair da nao, onde mandava negocear as cousas que lhe compriam, ate que se partio, muito amigo com Afonso Dalbuquerque, que a tudo o que lhe mandava pedir dava, e mandava dar todo o aviamento necessario, com muita diligencia. Partido o Vicerei, de cuja viajem se tratará o diante, o Marichal amostrou uma carta del Rei a Afonso Dalbuquerque, perque lhe mandava que em tudo o que fosse necessario para se destruir Calecut, fezesse o que o Marichal ordenasse, sobelo que teve conselho sendo el Rei de Cochim presente, em que se assentou, que para se saber o estado em que estava a cidade mandassem secretamente chamar

Cojebequi, que la morava, e era nosso amigo, do qual souberam como el Rei de Calecut andava dentro no sertam fazendo guerra a hum Rei seu visinho, muito amigo del Rei de Cochim, com tudo que na cidade avia multos Naires, e Mouros que lhes poderiam resistir, e que por isso cuidassem bem no negocio que queriam cometer. Finalmente o Marichal se fez logo prestes, no que Afonso Dalbuquerque o ajudava, e fazia tudo o que lhe parecia comprir a serviço del Rei. Andando assi ocupado nestes apercebimentos, chegou a Cochim Vasco da Sylveira, com cartas de Duarte de Lemos, em que lhe mandava pedir naos, e gente pera refazer a frota de que era capitão, com que defendia que as naos dos mouros nam passassem da India ao mar Darabia: mas Afonso Dalbuquerque, posto que visse as provisoens, e as tivesse por boas; respondendo que o nam podia prover ate nam tornar de Calecut. O que vendo Vasco da Sylveira, se offereceo ao Marichal pera com elle ir servir el Rei neste feito de Calecut, o que lhe agradeceo muito, e o levou consigo. Os quaes deixaremos todos ocnpados neste apercebimento que durou ate fim do anno de M. D. ix, e antes que entremos no de M. D. x, tratarei algumas cousas das que neste tempo passaram no regno.

CAPITULO XLII

Do nascimento do Infante dom Afonso, e de como Duarte Pacheco Pereira venceo o cossairo Mondragom, e o trouxe preso a Lisboa.

ATRAS fica dito como a Rainha donna Maria pario, em Abrantes o Infante dom Fernando, na qual villa el Rei esteve alguns dias, e dahi se foi pera Evora, onde a Rainha pario o Infante dom Afonso, aos xxiij dias Dabril de mil, e quinhentas, e nove. A este Principe mandou o Papa Leão decimo o capello de Cardeal no anno de M. D. xvi, com titulo de Bispo Zagitano, Diacono, Cardeal de sancta Lucia, o qual lhe trouxe Emanuel de Noronha da Camara, que agora he Bispo de Lamego, de cuja mão o racebeo em Lisboa, nos paços da ribeira, sendo el Rei seu pai a isso presente. Foi assaz docto na lingoa Latina, e que estimava muito homens letrados e lhes fazia muitas merces, principalmente aos Theologos, foi Bispo Devora, e Arcebispo de Lisboa juntamente, e Abdade Dalcobaça, nas quaes dignidades deu sempre mostras de mui prudente, e catholico Christão, porque elle fazia muitas vezes os officios divinos, e foi o primeiro Prelado que nestes regnos ordenou que se lesse todolos dias a Doctrina nas egrejas, e que se escrevessem os nomes dos que se casavão, e dos que batizavão, e elle mesmo baptizava algumas vezes as crianças, fazendo nisso o officio de verdadeiro Prelado, teve algumas desavenças com el Rei dom Ioão terceiro seu irmão, per cujo respeito se quizera ir secretamente para Roma, ao que el Rei acudio com muita prudencia, e pelo tirar

dalguns pensamentos á que o induzião homens zelosos de mal, lhos tirou de casa, e lhe deu outros de mor confiança, do que tudo se elle teve por satisfeito, conhecendo que se fazia por lhe assi cumprir, pelo que em quanto viveo foi sempre mui verdadeiro amigo do serviço del Rei, e lhe acatou como a hum tal, e tão bom irmão convinha. Atras fica feita menção como o cossairo Mondragom Frances roubara Iob Queimado tornando da India, sobelo que el Rei no anno passado de M. D. viij, em que se fez este roubo, mandou recados a França sobela restituiçam desta fazenda, mas sabendo que tudo se passava em dissimulaçoens, e dilaçoens, e que o mesmo Mondragon armava quatro naos pera outra vez sair ao mar, fazer seu acostumado officio, mandou fazer prestes algumas velas, de que deu a capitania a Duarte Pacheco, o qual aos dezoito dias de Ianeiro, deste anno de M. D. ix, sencontrou com este cossairo ao cabo de finis terræ, entre os quaes se travou huma crua batalha, mas em fim Mondragon foi vencido, e huma das suas naos metida no fundo, e elle trazido preso a Lisboa, com as tres, onde depois fez seus concertos com ei Rei, e se tornou pera França, com lhe prometer que dalli por diante seria seu leal, e bom servidor, e trataria bem seus vassalos onde quer que os achasse.

CAPITULO XLIII

De como matarão o Marichal em Calecut, e o governador Afonso Dalbuquerque, e todolos que com elles hiam foram desbaratados, e do que aconteceo a seis naos que despachou para Portugal.

DEPOIS que a armada com que o Marichal, e Afonso Dalbuquerque avião de ir sobre Calecut foi prestes, elles se partirão ambos de Cochim ao derradeiro dia de Dezembro, de M. D. ix. donde com bom tempo chegaram a Calecut, aos dous dias de Ianeiro, de Mil e quinhentos, e dez, ja sobela tarde, levando o Marichal ha mesma armada que trouxera de Portugal em capitania sobre si, e Afonso Dalbuquerque ha que elle fezera em Cochim, e Cananor de que erão capitaens dom Antonio de Noronha seu sobrinho, dom Hieronymo de Lima, e Emanuel Paçanha, George da Sylveira, Aires da Sylva, Fernam Perez Dandrade, Francisco Pantoja, George Fogaça, Duarte de Melo, Francisco Pereira Coutinho, Emanuel de Lacerda, Antonio Pacheco, Simão Dandrade, Diogo Mendez, Vasco da Sylveira, Francisco de Miranda Chicorro, Phelipe Rõiz, e Simão Pirez: nas quaes armadas hião mais de dous mil soldados Portuguezes, afora seiscentos Malabares de Cochim, de que era capitam o Rei de Porcá, que Afonso Dalbuquerque levava em sua companhia com algnns paráos. Surta ha armada, se teve conselho no modo que se teria em cometer a cidade, o que assentado, o Marichal dixe a Afonso Dalbuquerque, que elle viera de Portugal, nam pera enriquecer, se nam pera ganhar a honra que sperava de aver na destruição

de Calecut, de que elle ja tinha adquerida tanta na India, que lhe nam averia enveja a esta, que por isso lhe quisesse dar a dianteira, o que lhe Afouso Dalbuquerque concedeo, posto que pesadamente, por conhecer o Marichal por colerico, e apressado em suas cousas, polo que arreceava o que depois aconteceo. Acabado o conselho, o demais que ficava da noite se passou em se cada hum fazer prestes pera seguir seu capitam, do modo que se assentara, o que pareceo mal a algumas pessoas, principalmente a Emanuel Paçanha, que era mui bom cavalleiro, e mui pratico nas cousas da guerra, que logo adivinhou o triste sucesso deste negocio. Prestes os bateis, e embarcada a gente nelles, ficando na frota a necessaria para guarda della, indo o Marichal, e Afonso Dalbuquerque diante, que aviam de ser os primeiros que saissem em terra, com o mor silencio que poderão chegaram a praia, nam cuidando de achar o bravo recebimento que lhes fez hum capitam del Rei de Calecut que alli estava, com muitos Mouros, e Naires, com estancias feitas, donde, e do Cerame del Rei os começou atratar mal com a artelharia, e o fezera pior se as estancias e Cerame estiveram mais alivel da praia que causava passarem muitos tiros por cima dos ferros das lanças, e outros darem pelas astes dellas, o que vendo Afonso Dalbuquerque dixe ao Marichal, que por não receberem tanto danno se devião despalhar os bateis, e que cada hum trabalhasse por chegar a praia, com a sua gente, o que se assi fez. Mas Afonso Dalbuquerque que nas cousas da guerra tinha muita conta com a ocasiam do tempo, como se vio apartado do Marichal, (o qual tendosse por seguro da dianteira hia com a voga branda) mandou apressar a sua, e em chegando a praia pojou em terra, remetendo logo a huma tranqueira que ganhou

com trabalho, por debaixo de muitas bombardadas e frechadas, e fazendo fugir os imigos pera o Cerame del Rei, que era em huma casa grande de madeira, a tiro de besta dalli, em que por ser forte, e aver nella Naires que a guardavam, se recolheram muitas molheres, mininos, e outra gente. A estes que hiam fugindo acodiram alguns Naires dos que estavam no Cerame, os quaes todos em hum corpo fezeram rosto aos nossos, com que se travou huma peleja milhor ferida que a da tranqueira, e andando assi envoltos, alguns dos nossos chegaram ao Cerame, e lhe poseram fogo, o que vendo o Marichal, que ja neste tempo chegara a tranqueira, começou de dizer a altas vozes que mal lhe guardara Afonso Dalbuquerque o que lhe prometera, e outras palavras cheas de colera, e paixam. Afonso Dalbuquerque como soube que o Marichal estava na tranqueira, e o que dezia, se veo pera elle, dandolhe sobre isso muitas desculpas que elle nam quis receber, mas muito auojado chamou Gaspar o lingoa, e lhe dixe alto, onde estão os paços del Rei que la quero ir buscar homens com que peleje, que os desbaratados, com tam pouca resistencia nam o devem ser, Gaspar lhe mostrou de hum teso os paços, que seria da praia mais de mea legoa. Resoluto o Marichal em ir queimar os paços, mandou desembarcar dous tiros de metal que entregou a Pedrafonso Daguiar seu sota capitam, pera os levar diante, e sem querer tomar o parecer dalgumas pessoas que lho desaconselharam mandou tocar as trombetas, ao som das quaes abalou com obra de oitocentos homens, e todolos capitaens de sua frota, mandando dizer a Afonso Dalbuquerque sua determinação, que o podia seguir, ou fazer o que lhe parecesse. O governador posto que tivesse o perigo por mais certo que a victoria, o seguio com obra de

seiscentos homens, e os Malabares de Cochim deixando seu sobrinho dom Antonio de Noronha, e com elle Emanuel Delacerda, Simão Dandrade, e Rodrigo Rabelo em guarda da praia, e dos bateis, com trezentos homens, mandandolhes que recolhessem a artelharia da tranqueira, e a que ficara do Cerame, e posessem fogo as naos, e outros navios dos imigos que estavam varados em terra, o que elles fezeram bem a sua vontade. O Marichal chegou aos paços del Rei com alguma resistencia dos imigos, de que os mais forão mortos, mas nos paços a achou mór, porque dentro se recolheram o Regedor da cidade com muitos Naires, que lhe defenderam a entrada, mas em fim elles se escoaram per portas secretas, e os paços foram ganhados com muita riqueza que nelles avia, por respeito do que, e de serem grandes de muitos pateos, jardins, e casas, os nossos se começarão de desmandar, o que vendo Emanuel Paçanha dixe ao Marichal que mandasse recolher os que se desmandavão, porque estava em mais perigoso lugar do que lhe parecia, e que antes de huma hora se se dalli não fosse, se ajuntariam tantos Naires que per nenhum modo poderião escapar de serem todos mortos as frechadas, pelo que devia de mandar logo poer fogo aos paços, e recolher-se pera a praia, ao que respondeo, que ja sabia quam fracos, e covardos erão os Mouros da India, e Naires de Calecut, e quão mal pelejavão, que elle avia de repousar alli, e que se recolheria quando lhe parecesse tempo. Andando o negocio travado deste modo, chegou Afonso Dalbuquerque aos paços, e sem querer entrar nelles, por estarem ja muitos Naires tam perto delle, que lhe feriram muitos dos seus, em que hum foi Fernam Perez Dandrade, mandou dizer ao Marichal que se recolhesse porque recrecia muita gente dos imigos,

e que dalli a praia era longe, e o caminho muito azado pera poucos a poucos os matarem todos, sem se poderem valer, ao que lhe respondeo que se fosse elle diante com a sua gente, que elle o segueria, como o fogo fosse bem ateado nos paços, que lhe ja mandara poer. Afonso Dalbuquerque como teve este recado encaminhou pera praia, levando os feridos diante e o mesmo fez o Mārichal depois que vio arder os paços per muitas partes onde avia mais de duas horas que estava sem querer tomar o conselho de Emanuel Paçanha, de que se lhe causou a morte, porque os imigos como viram abalar Afonso Dalbuquerque começaram de vir mais sem medo, chegandosse huns pera os paços, e outros pera Afonso Dalbuquerque, seguindoo de perto as frechadas, matando, e ferindo, assi os que hiam com elle, como outros que andavam espalhados pelas casas a roubar. O Marichal em saindo dos paços achouse cercado dos imigos, sobelos quaes (vendo muitos dos seus feridos, e quasi todos postos em desbarato) voltou com obra de trinta homens, recolhendosse o milhor que podia as voltas. A gente de Afonso Dalbuquerque apertada dos imigos se lhe começou de desmandar, o que elle vendo os animou o milhor que pode, fazendo corpo pera acudir ao Marichal, porque sabia o trabalho em que estava, mas a multidam delles era tanta, que o nam deixou voltar. Finalmente o Marichal foi ferido em huma perna de hum golpe despada de que cahio, sem se mais poder soster que em geolhos, e com elle foram jarretados Emanuel Paçanha, e outros os quaes assi como estavão se defenderão dos imigos, e mataram alguns delles, ate que cansados, e feridos cairão mortos, dos quaes os que morreram junto do Marichal, forão Rui Freire, Francisco de Miranda Chicorro, Pero Fernardez Tinoco, Phelipe Rodriguez,

e outros ate treze, em que entrou Vasquo da Sylveira, que sabendo o perigo em que estava o veo socorrer per antre huns vallos, em que elle mesmo matou tres Naires com huma lança, a morte dos quaes, e a sua mesma adevinhou Emanuel Paçanha, com ja ter sacrificado na India quatro filhos no serviço de Deos, e de seu Rei. Mas tornando a Afonso Dalbuquerque, elle se foi recolhendo com muito tento, porque de riba dos valados por serem altos lhe ferião, e matavão muitos dos seus, e a elle deram huma zangunchada no ombro do braço ezquerdo, de que ficou quasi aleijado, e huma frechada no pescoço e por derradeiro lhe deram com hum canto nos peitos, de que caio embaçado, e se lhe nam acodira Diogo Fernandez de Beja, alli ficara morto, donde o levaram em hum pades caminho da praia a qual se nam fora tam perto, como era do lugar em que ferirão o governador, a nossa gente se podera mal salvar, que tanto os apertavam os imigos, e o fezeram muito mais se dom Antonio, e Rodrigo Rabelo, com outros capitaens lhe não acudirão, com cuja vinda começaram de afloxar de maneira que os nossos se recolherão com menos perigo aos bateis, e dahi a frota dos quaes o derradeiro que se recolheo foi George Botelho de Pombal. Foram feridos dos nossos neste desbarato mais de trezentos, morrerão setenta, e oito de que os conhecidos forão, o Marichal, Vasco da Sylveira, Lionel Coutinho, Emanuel Paçanha, Rui Freire, Francisco de Miranda Chicoro, Gonçalo Queimado que trazia a bandeira de Afonso Dalbuquerque, e hum seu paje per nome Antonio Borges, Phelipe Rodriguez, Fernão Valarinho do Algarve, e Pero Pernandez Tinoco, e as duas bombardas perdidas. Dos imigos morreram (como se soube per conta) mil, e cento, e trinta a fora quinhentos, e se-

tenta homens, molheres, e mininos que perecerão no Cerame del Rei, e nas casas da cidade que arderam com boa parte dos paços del Rei, forão queimadas vinte naos da carreira de Meca, que estavam varadas em terra recolhidos os nossos ja de noite, ao outro dia pela manhã Afonso Dalbuquerque se fez a vela com toda a frota foi surgir no largo, donde logo despachou Pedrafonso Daguiar pera o regno com tres naos que ja estavão carregadas, as quaes despedidas Afonso Dalbuquerque se fez a vela pera Cochim onde foi recebido, nam com alegria, posto que a perda dos imigos fosse mor que a nossa, senam com tristeza pela morte do Marichal, e dos mais Portugueses, e assi por elle ainda estar tam maltratado das feridas e golpe da pedra duvidavam os surgioens, e fisicos de sua vida. A primeira cousa que fez em chegando a Cochim, foi despachar outras tres naos com carga despeciaria pera o regno, de que eram capitaens Sebastiam de Sousa, Francisco de Sa, e Gomez Freire, dos quaes Sebastião de Sousa, e Francisco de Sá foram encalhar nos baixos de Padua, e por o tempo ser bonança se salvou toda a gente nos bateis, em hum ilheo que esta junto dos baixos, com muitos mantimentos, e fazenda, o que tudo se depois levou a Cananor, e Gomez Freire foi ter a Moçambique onde achou Pedrafonso Daguiar em cuja companhia partio pera o regno, e tanto avante como o cabo das correntes fez uma nao tanta agoa, que foi necessario tornarse Pedrafonso Daguiar com ella a Moçambique, e mandar dalli a sua para Portugal, porque era grande, e levava muita especiaria, encarregando a capitania della a Bras Teixeira, e o navio de que era capitam Bras Teixeira tomou pera ir nelle, acompanhando esta nao que fazia augoa, e pera mor segurança da gente se salvar, se se ha nao fosse ao fundo,

fez com Gomez Freire que tornasse em sua companhia a Moçambique, onde recolheo toda a fazenda em casas que para isso mandou concertar. O que feito se partiram pera o regno, aos oito dias do mes de Iunho de mil e quinhentos, e dez, que era ja bem tarde, com tudo Deos os trouxe o salvamento a Lisboa, onde chegarão aos dezanove dias de Outubro do mesmo anno.

CAPITULO XLIV

De como dom Francisco Dalmeida foi ter auguada de Saldanha onde o mataram os negros naturaes da terra, a que chamam Cafres.

Entregue a governança da Iudia a Afonso Dalbuquerque, dom Francisco Dalmeida se partio de Cochim pera Cananor, aos xix, dias de Novembro de Mil e quinhentos, e nove, a tomar alguma carga para as suas tres naos, de que os outros capitaens eram George de Mello Pereira, e Lourenço de Brito, que fora capitam de Cananor, onde dom Francisco continuando seu acostumado officio de liberal, deu mais de dez mil cruzados de sua propria fazenda a alguns fidalgos, e outras pessoas que tornavão pera Portugal em sua companhia por saber que vinham pobres. Tomada a carga, e mantimentos necessarios, se fez a vela ao primeiro de Dezembro, e seguindo sua viajem foi ter a auguada de Saldanha, que he junto do cabo de boa Sperança, no qual porto estando ja prestes pera se fazer a vela, hum Diogo Fernandes Labaredas, tendo tomado alguma familiaridade com os negros que vinhão resgatar gado a

praia, se foi com elles a huma aldea huma legoa pelo sertão dentro, dos quaes foi festejado, e por sinal damizade lhe deram hum carneiro grande, e gordo, que elle por ser tal apresentou a dom Francisco Dalmeida, gabandolhe muito a terra, e a multidão de gado que nella vira, e simplicidade da gente, e porque na armada avia ainda necessidade de carne, e outros refrescos, mandou o mesmo Diogo Fernandez com doze homens, que fosse aquella aldea resgatar vacas, que era a carne que se mais avia mister, pera o que levou algumas cousas das que os negros daquella parajem usão, e acostumão trazer sobre si. Chegados estes homens a aldea os negros os convidaram com carneiros, e outras viandas da terra. Acabado o jantar, entenderam no resgate trazendo logo o gado que aviam de dar a hum escampado fora da aldea, contra a praia, onde estavam juntos os doze homens que forão com Diogo Fernandez, que andava naldea vendo os curraes, escolhendo o gado que lhe parecia bom, e dalli o mandava ao lugar do resgate. O qual acabado começaram de caminhar perá praia, levando o gado consigo, e ja hum pouco alongados da aldea veo hum negro com alguns carneiros, a tenção de resgatar, o qual parece que mandou o spirito maligno, pera se ordenar o triste caso que aconteceo, porque dentrestes doze hum delles per nome Gonçalo Homem, parente de Ioão Homem cuidando que fazia negocio porque os negros ficarião mais seguros na nossa amizade, dixe aos outros que tomassem aquelle negro, e que o levassem a dom Francisco Dalmeida, peraque o vestisse, e lhe desse algumas peças, com que se tornasse contente pera a aldea, que isto seria causa de resgatarem sempre de milhor vontade com as naos que alli viessem ter, o que parecendo bem aos outros lançaram mão do negro, o

qual vendosse preso deu dous brados, a que da aldea acudiram alguns dos negros. Diogo Fernandez que ainda la estava, vendoos correr acudio de mistura com elles, e com assaz trabalho se meteo entre os nossos, que a poder de pedradas, que lhes os negros tiravão, tomarão por partido soltar o negro, e o gado que levavam, os quaes chegados a nao de dom Francisco lhe deram a entender o negocio ao contrario do que passava, do que movido teve conselho sobre ir dar naldea, e a destruir, o que lhe contrariarão Lourenço de Brito, e George de Mello Pereira, e Martim Coelho, dizendo que a vingança de homens tam barbaros nam era victoria, que quanto ao que tinhão feito era cousa de pouca importancia, e que se se lhes tomasse desculpa, ou a elles soubessem dar, que por ventura não seria sua a culpa se não dos nossos, que tinhão por costume serem desmandados, e mal comedidos em terras alheas, e que quando o caso merecera castigo, nam era bom conselho illos cometer huma legoa pelo sertam, sem terem noticia do caminho, nem do socorro que lhes poderia vir dos lugares vizinhos. Deste parecer forão contrairos Pero Barreto de Magalhaens, Emanuel Telez Barreto, e Antonio do Campo, dando pera isso suas razoens as quaes inclinando dom Francisco, assentou de ir dar na aldea, pera o que mandou fazer prestes os bateis, e com cento, e cincoenta homens chegou a praia a huma hora depois de mea noite, emcaminhando logo de seu vagar pera a aldea, a qual Pero Barreto, e George Barreto que hiam diante como fora ordenado, chegarão ante manhã, e a entrarão cada hum com sua gente per duas partes. Os negros em os sentindo acudirão cada hum com seu çurram de couro de cabello cingido, cheos de pedras, e de ferros de setas de feição de farpoens, en-

castoados em troços de hum palmo de comprido, que enxerião em astes de pao tostado, que traziam nas mãos, com as quaes, e com as pedras se serviam darremesso de maneira, que em pouco spaço fezerão voltar a nossa gente perá praia, matando dos primeiros tiros Fernam Pereira, com tudo os nossos levavam algum gado grosso diante de si, que tomaram antes de chegar a aldea, com que encaminharam pera onde dom Francisco ficara com a bandeira Real, o qual acharão ja quasi junto da aldea, que em os vendo vir de longe, tendo o negocio por acabado a sua vontade, aballou contra a praia, pera o lugar em que deixara os bateis, os quaes nam achou porque Diogo de Unhos, mestre da sua nao, se mudara dalli pera outro lugar de milhor embarcadouro. Pelo que dom Francisco tomou o caminho pera lá, indo diante de todos por se nam encher do po que fazia o gado, que os nossos ainda trazião junto, guiado per tres homens, e elles vinham detras aos botes com os negros, os quaes depois de serem juntos tantos que lhes pareceo que sem receo podiam cometer os nossos, bradando, deram sinal ao gado, e o fezeram ajuntar em hum magote, o que feito remeterão aos tres homens que o guiavam, os quues logo mataram com tiros darremesso, ficando elles entre o gado, e a nossa gente que vinha hum pouco detras, na qual deram com tanto impeto que a fezerão espalhar, de que alguns acudiram ao gado, levandoo pera onde estava dom Francisco que lhe dixe a alta voz, deixai esse gado que o ham de levar os negros, e a nos com elle. O que dito começou de caminhar mas vendo que a gente se desordenava, e espalhava cada vez mais, e que os negros matavam, e ferião muitos delles, fez volta, e os recolheo todos em hum corpo, começando de encaminhar pera onde estavam os

bateis, mas os Cafres, ganharam o gado, o qual levando diante de si, fazião estar, e andar segundo o sinal que lhe davam, e detras delle tiravam aos nossos, que por irem juntos os feriam, e matavam a sua vontade, indo ja alguns tam cansados, que se nam tinhão criados, ou amigos que os levassem de braço, caião no chão, onde os trilhava o gado passando por cima delles, e se alguns ficavam vivos os negros que vinhão detras os acabavam de matar, os quaes vendo que os nossos hião ja desbaratados, se começaram a desmandar, passando adiante do gado, lançandolhe tiros, fazendo biocos, que he manha que usam na guerra pera espantar os contrarios, o que nam podendo sofrer Pero Barreto remeteo a hum destes que se mais chegava, e correndo hum pedaço tras elle o passou com huma lança de que logo cahio morto, ao que acudindo os Cafres, a poder de pedradas matarão a Pero Barreto, o que sabendo dom Francisco quisera voltar, o que nam pode fazer por os negros levarem a nossa gente muito apertada, com tudo não deixava de caminhar pera a augoada, na milhor ordem que podia: mas vendo que cada vez crecia mais o numero dos Cafres desfalecia da sua gente, adevinhando o que foi, dixe a George de Mello Pereira, que lhe entregava a bandeira Real del Rei seu senhor, que a não deixasse em poder daquelles negros, onde segundo via lhe estava limitado o fim dos serviços que lhe sempre fezera. Isto era ja perto daugoada, onde Diogo de Vnhos estava com os bateis prestes pera recolher a gente, a qual hora tendo dom Francisco tirado o barbote lhe deram com hum zaguncho sem ferro na garganta que lha atravessou de parte a parte, a dor do qual golpe lhe fez logo poer os geolhos no cham, com as mãos na aste para a arrincar, mas sentindo que se afogava, as ale-

vantou pera o ceo e sem poder dar outro sinal de catholico Christão, cahio morto, junto do qual mataram os Cafres Diogo Pirez, pelejando sobelo seu corpo, que fora aio de seu filho dom Lourenço, e assi acabaram todos tres nesta viajem da India. Morto dom Francisco Dalmeida, os nossos se começaram a desbaratar de todo, fugindo pera os bateis, nos quaes entrarão com lhes dar a agoa pela cinta, porque Diogo de Vnhos, que era homem pratico nas cousas do mar, vendo o que passava com receo que se lançassem muitos dos que fugião em alguns dos bateis, e que poderia assi ficar em seco, os mandou alargar todos, com tudo alguns da companhia quiseram antes morrer que salvaremsse com deshonrra, antre os quais foram, Lourenço de Brito, e Martim Coelho, que em sabendo como dom Francisco era morto bradavão aos que fugiam dizendolhes, que razam dareis em Portugal de deixardes morto o vosso capitão de gente tam barbara, e tão desarmada, sem tomar disso vingança, e com isto pelejando sem fazerem pé atras, os mataram com alguns outros de sua companhia. Morrerão neste triste caso, que aconteceo ao primeiro dia de Março, de Mil, e quinhentos e dez, sessenta, e cinco Portuguezes, em que entraram onze capitaens, que foram dom Francisco Dalmeida, em idade de sessenta annos, Lourenço de Brito, Emanuel Telez, Pero Barreto de Magalhaens, Martim Coelho, Francisco Coutinho, Antonio do Campo, Fernão Pereira, Gaspar Dalmeida, Diogo Pirez, e Pero Teixeira, todos mui esforçados cavalleiros experimentados nas cousas da guerra, acostumados a vencer nos mais dos negocios em que se acharam, por debaixo de tiros de bombardas, rotas, e bombas de fogo, contra homens, armados, e exercitados em todo o genero de guerra, os quaes alli acabarão a mãos de gente barbara, de-

sarmada, a tiros de pedras, e azagaias de ferro morto, com tão pouco acordo que parece que lhes tinha Deos ordenada a morte naquelle lugar, por castigo dalgumas crueldades, e sem razoens que poderião ter usadas nas victorias que lhes concedera, nas quaes os homens devem de ser mui moderados, e se devem de lembrar, que assi como vencem podem ser vencidos, e como captivam podem ser captivos, e que da clemencia, ou crueza que nisto usão, resultalhes guardar Deos o galardão, ou castigo para lho dar em seu tempo. O mesmo dia a tarde depois dos negros terem recolhido o despojo, e serem idos pera suas aldeas sahio George de Mello Pereira, e George Barreto em terra, com a mais da gente da frota, pera enterrarem os mortos, os quaes acharam todos nus, e o de dom Francisco Dalmeida aberto pelos peitos, e pela barriga. Enterrados estes que jaziam na praia, sem mais passarem adiante, se recolheram as naos, onde logo ouve diferenças antre George de Mello Pereira, e George Barreto sobela capitania da armada, no que se tomarão pareceres, em que se assentou que a bandeira fosse na mesma nao em que hia, e que George Barreto fosse o capitão. O que assi concluido se partirão ao outro dia, os quaes todos chegarão a salvamento a Lisboa, onde então el Rei estava, que com toda a nobreza do regno sentio muita a morte de dom Francisco Dalmeida, e com muita razão, pelas boas partes, e calidades que nelle avia sobre ser mui esforçado cavalleiro, de que deu manifestos sinaes, sendo ainda mancebo nas guerras do regno de Granada, quando o el Rei dom Fernando, e a Rainha dõna Isabel ganharão aos mouros, a quem nesta conquista elle fez muitos, e assinados serviços, por lembrança dos quaes el Rei dom Fernando, quando lhe el Rei dom Emanuel mandou a nova de sua morte, foi mui

anojado, retrahemdosse, como se fora por pessoa de seu sangue Real. Foi dom Francisco Dalmeida, allem de bom cavalleiro, mui prudente, e sagaz, bem assombrado, e grave em sua pratica, acerca das cousas da India, foi de opinião, que quantas mais fortalezas el Rei la tivesse, tanto mais fraco seria, que a força com que avia de senhorear a India era no mar, que sem nelle trazer grossas armadas, nam poderia defender, nem soster as fortalezas, e assi lho screveo, e que nunca seria bem servido, se não quando seus capitaens, e officiaes não comprassem nem vendessem, nem levassem camara.

Fim da Segunda Parte da Chronica do Felicissimo Rei dom Emanuel

CHRONICA

DO SERENISSIMO

SENHOR REI

D. EMANUEL

ESCRITA

Por DAMIÃO DE GOES,

Dirigida ao Serenissimo Principe Dom Henrique, Infante de Portugal, Cardeal do Titulo dos Santos Quatro Coroados filho deste felicissimo Rei.

PARTE III. E IV.

COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade,

Anno de MDCCLXXXX.

Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros

Foi Taixada cada huma das Partes desta Chronica em papel a 480 reis.

CHRONICA

DE SAN DOMINGO

SEVILLE DEL

D. [illegible]

POR [illegible]

PROLOGO

NA CHRONICA DEL REI DOM EMANUEL, dirigida per Damiaõ de Goes ao Serenissimo Principe Dom Henrique, Infante de Portugal, Cardeal do Titulo dos Santos quatro coroados filho deste felicissimo Rei

Muitos, e graves authores nos principios de suas Chronicas trabalharão em louvar a historia, da qual tudo o que dixerão foi sempre muito menos do que se devia dizer, porque assi como ella he infinita, assi seus louvores não tem fim nem termo a que se possam reduzir, e pois tudo o tratado nesta parte, he quasi nada em comparaçam do que deve ser, voltarei daqui a vela, pera poer a proa nesta: na qual por certo não ousara nem devera de tocar, se me nam fora mandado por V. A. por ser de qualidade, que depois dalgumas pessoas a terem começada, el Rei dom lão vosso irmão, que sancta gloria haja, lhes mandou tomar o que ja tinhão scripto, pera se acabar per outros, de cujas ha-

belidades tinham mór opinião, em mãos dos quaes ficou ate seu falecimento. E considerando V. A. que pois estas pessoas de que se tanto sperava, nam tinham feito em tempo de trinta, e sete annos, que á, que el Rei dom Emanuel vosso pai faleceo, cousa que respondece ao merecimento de tal negocio, sem se lembrar de quão fraco eu devo ser pera hum tamanho peso, me mandou neste anno do Senhor de M. D. LVIII. que daquillo em que muitos, como em cousa desesperada, se nam atreveram poer a mão, tomasse eu o cuidado, o que fiz com mor ousadia do que a meu fraco juizo convinha, movido com tudo por sos dous respeitos, o hum por eu ser fectura do dito senhor Rei vosso pai, criado em sua casa, e em seu serviço, desde idade de nove annos, o outro por me parecer que se nam movera V. A. a me mandar cousa em que consistiam todolos feitos, e louvores deste felicissimo Rei, e daquelles que o serviram na guerra, e na paz, senam por confiar de mim o mais substancial que no screver das Chronicas se requere, que he com verdade dar a cada hum o louvor, ou reprehensam que merece. Pelas quaes rezões me atrevi a tomar este trabalho, o qual tal qual he, me pareceo que não devia, nem era bem que dedicasse se nam a V. A. quomo a principal author de a fama, e gloria del Rei seu pai sairem em luz e nam perecer a lembrança das cousas notaveis que aconteceram aos Portugueses per todo o descurso de seu Reinado.

TERCEIRA PARTE DA CHRONICA DO FELICISSIMO REY D. EMANUEL DA GLORIOSA MEMORIA,

A qual por mandado do Serenissimo Principe, ho Infante Dom Henrique seu Filho, ho Cardeal de Portugal, do Titulo dos Santos Quatro Coroados

DAMIAM DE GOES

Collegío & compoz de novo.

CAPITULO I

Do que Diogo Lopes de Siqueira passou ate chegar a Malaca, e do sitio e trato della assi da ilha de Samatrá.

NA segunda parte desta Chronica fica dito como el Rei mandou Diogo Lopes de Siqueira com quatro naos costear a ilha de sam Lourenço, e saber se havia nella minas douro, prata, e

algumas speciarias, como lhe tinhão dito, e para dahi passar adiante a ho regno, e cidade de Malaca do trato da qual, e grandes riquezas que nella havia tinha ja certas informaçoens. Das outras tres naos que hiam debaixo da sua capitania eram capitaens Gonçalo de Sousa, Hieronymo Teixeira, e Ioão Nunez, com as quaes partio de Lisboa aos cinco dias Dabril de M. D. viij, seguindo sua viagem foi ter aos Medãos do ouro aos xx. de Iulho, onde se veo encontrar com elle Duarte de Lemos, que hia por sota capitão de George Daguiar, de quem fica já feita mençam : no qual lugar estando sobre ancora lhes deu hum temporal com que Duarte de Lemos foi ter a Moçambique, e Diogo Lopez a ilha de São Lourenço, aos quatro dias Dagosto, aos dez chegou a hum cabo da ilha. pela banda de fora, a que pos nome de São Lourenço, por ser o dia em que se celebra a festa deste bemaventurado Sancto. Passado este cabo achou humas ilhas onde vieram ter com elle dous grumetes da companhia de Ioam Gomez Dabreu, hum Portugues per nome Andre, e outro Genoes, per nome Bartholomeu, que lhe contaram como acontecera o caso da sua morte, dalli levando consigo estes homens entrou no porto de huma povoação, que se chama Turrubaia, no qual se vio com o senhor da terra, e levou consigo outro Portugues, per nome Antonio que alli estava dos da mesma companhia. Desta povoação navegou de longo da costa ate chegar a humas ilhas, a que pos nome de sancta Clara, por as achar no mesmo dia, alli sahio em terra, e ouve da gente a troco de algumas cousas que lhes deu arroz, inhames, milho, vacas, carneiros, e muita carne de veado, e porcos monteses do que tudo a muito naquella ilha donde partio aos xiij dias do mes Doutubro, sem tomar porto ate o regno de Matatana, no qual desembarcou

em huma povoação, onde vieram ter com elle dous homens que mandara do cabo de São Lourenço per terra, que fallavão arabia, pera verem a ilha, e saberem o que nella avia, os quaes lhe dixeram que do lugar onde desembarcaram atte alli não virão outra nenhuma speciaria senam algum gengivre, que nascia de si mesmo sem o plantarem, e que acharão doùs Mouros de Cambaia, que avia trinta annos que deram alli a costa, dos quaes souberam, que naquella parajem nam avia outra nenhuma speciaria. Daquelle lugar foi ter Diogo Lopez ao rio de Matatana, donde levou tres Portugueses dos da mesma companhia de Ioão Gomez Dabreu, tomando dalli seu caminho ao longo da costa achou muitas povoaçoens ate chegar a huma grande baia em que saem tres rios ao mar, e por ser em dia de sam Sebastiam lhe pos o nome do bemaventurado Sancto. Partido desta baia sem achar em toda a costa cousa de que se possa fazer mençam, fez sua derrota pera a ilha de Zeiland, mas por lhe o tempo nam servir arribou a Cochim, onde chegou aos xxj dias Dabril de M. D. ix, e foi mui bem recebido do Vicerei dom Francisco Dalmeida, que o agasalhou na fortaleza, e despachou em Agosto, que era ho tempo da navegaçam de Malaca, e por lhe parecer que levava pouca gente para hum tamanho negocio, lhe deu huma taforea com sessenta homens, capitão Garcia de Sousa, com que hia Fernão de Magalhaens, e Francisco Serram, dos quaes se trattara ao diante. Com estas cinco velas partio Diogo Lopez de Cochim aos xix Dagosto, e ahos xxj houve vista da ilha de Zeiland, donde começou atravessar o golfam para Malaca, e passando as ilhas de Niçuar foi ter a cidade de Pedir, que he na ilha de Samatra, a que os Cosmographos chamam Taprobana, a qual he repartida em regnos de Mouros, e Gentios, que sam os de

Pedir, Pacem, Lira, Achem, Campar, Manamcabo, Zunda, Andraguir, e Aru, que he dentro no sertam povoado de Gentios muito barbaros, que quasi tem os costumes do Brasil, porque comem os homens que captivam na guerra. A nesta ilha de Samatra, em alguns lugares della, beijoim muito bom, e camfora, e muitas minas, e ribeiras em que se acha ouro, que se leva por mercadoria a outras partes, principalmente pera Malaca, a nella muitas, e grandes cidades rasas, de que as casas pela maior parte sam cubertas de colmo, ha gente della, assi Mouros, como Gentios fallam Mallaio, e tem quasi todos ho mesmo modo de viver, he toda ha ilha abundantissima de mantimentos, caças, e criaçoens, mui frequentada de estrangeiros, pelo grosso trato que nella ha. Chegado Diogo Lopez de Siqueira ao porto da cidade de Pedir, que tomou o nome do mesmo regno, e he ha principal da ilha, mandou visitar el Rei, e pedirlhe licença pera o ir ver, do que el Rei se excusou, por estar muito doente, mandandosse desculpar per hum dos principaes de sua casa, ho qual em nome del Rei assentou pazes com Diogo Lopez, em sinal das quaes se meteo hum padrão das armas de Portugal em terra. Ho que concluido, e assentado Diogo Lopez se fez a vella, e foi ter a cidade de Pacem, que he o milhor porto de toda a ilha, vinte legoas de Pedir, que tambem tem o nome do mesmo regno, onde chegou aos seis dias do mes de Septembro, no qual lugar assentou com elle pazes, hum grande senhor dos da terra, em nome del Rei, e se pos ahi outro padrão, mandandolhe el Rei huma carta escripta em Arabigo de pazes, e amizade, pera el Rei Dom Emanuel. Desta cidade partio Diogo Lopes de Siqueira para a de Malaca, a qual chegou aos onze dias do mesmo mes de Septembro que naquelle tempo era a mais pros-

pera que se sabia em todo o mundo, porque avia nella mercadores tam ricos, e de tanto cabedal, que fallavão per bahares douro, que tem cada bahar quatro quintaes, dos quaes bahares alguns destes mercadores tinham entam dez, e doze: Esta situada na costa do regno de Siam, na boca de hum rio pequeno, era esta cidade neste tempo de huma legoa de comprido, muito estreita em comparaçam da longura em que avia mais de trinta mil vizinhos, he muito viçosa de fructas, e boas augoas, os outros mantimentos lhe vem de carreto, dizem que ha nella huma fructa de feiçam de alcachofres, tamanhos como cidras, a que chamão durioens, que sam de tam delicado, e suave gosto, que muitos homens estrangeiros se deixão alli ficar por respeito desta fruta, ainda que a terra seja doentia. O rio corta a cidade em duas partes, e pera serventia dambas tem huma ponte de madeira. A nella muito boas casas, algumas de pedra, e cal, as outras sam de madeira, cubertas de folhas de palma, o Rei he Mouro, e assi os naturaes da terra: tinha na cidade huns paços muito sumptuosos onde estava o mais do tempo. Esta gente Malaia he baça, a lingoagem delles he doce, e boa de tomar, são mui bemdispostos, e atabiados de suas pessoas, musicos, dados a boa vida, assi elles, como as molheres, com tudo na guerra são mui esforçados, e arriscados no que querem cometer. Vinhão a esta cidade naquelle tempo todalas naçoens de gente que a desno regno de Quiloa, mar de Arabia, Persia, ate China, Laqueos, e Luçoens, a que trazião todalas mercadorias que á naquellas provincias, que alli trocavam humas pelas outras, era tamanho este trato, e de tanto ganho que avia na cidade alguns mercadores que atravessavam cinco, seis naos, e tornavam a dar carga parellas aos mesmos de que compravão, do

que el Rei pelos continuos, e muitos direitos que recebia veo a ser tam poderoso que negou a vassalagem a el Rei de Siam, cujo sugeito era, ao que el Rei não acudia por ser tamanho senhor que quasi lhe não lembrava a perda daquella cidade, avendo nella tamanho trato, e tanta riqueza que quasi era sem numero o preço das mercadorias que nella entravam, e sahiam acostumadamente todolos annos. Com tudo algumas vezes tinhão ambos guerra sobresta vassalagem, ho que el Rei de Malaca remedeava por meo de outros senhores seus vizinhos, e com dadivas, e emprestimos que fazia ahos Governadores del Rei de Sião, e grandes presentes que lhe a elle mesmo muitas vezes mandava.

CAPITULO II

Do que Diogo Lopez de Siqueira fez depois destar surto no porto da cidade de Malaca, e da treiçam que lhe ordenaram, e do que lhe mais aconteceo até chegar a Lisboa.

No mesmo dia que Diogo Lopez de Siqueira surgio no porto de Malaca ho vieram visitar os capitaens de quatro juncos da China, com os quaes tomou tanta familiaridade, polos achar homens quasi do modo da gente da Europa, que foi muitas vezes ahos seus juncos folgar, e comer com elles, e o mesmo fazião tambem os Chins, nas nossas naos, o que durou todo o tempo que esteve naquelle porto, ao qual em chegando vieram loguo a bordo alguns dos officiaes del Rei (que se chamava Mafamede) dos que tem cargo de receber direitos, e

ancoragens a saber que gente era, e ho que queriam, e donde vinham, do que informados se tornaram pera terra, dando aviso a el Rei, que alli entam estava, e a hum seu tio, que ho governava, e era Regedor da cidade, a que chamam Bendara, do que elles levaram muito contentamento, por verem gente de tam longe, e de tam desacostumado trajo, e de que esperavam proveito, pelo que mandarão as naos alguns homens nobres visitar o capitão, e offerecerlhe todo o bom despacho, e gasalhado que lhe cumprisse, continuando de huma parte, e da outra estes recados, assentarão que Diogo Lopez saisse em terra pera se ver com el Rei pera ho que se fez grande apercebimento, com que os principaes da cidade, e corte ho vieram receber a praia donde foi levado sobre hum Elephante, muito ajaezado, aos paços del Rei, que o recebeo presente ho Bendara, com muitas ceremonias, ao seu modo, e depois de Diogo Lopez lhe dar as cartas que levava del Rei, e fallar hum pedaço, ho tornou a despedir com o mesmo aparato, começando daquelle dia por diante tratar per terceiras pessoas de paz, e amizades, do que se fezeram contratos assinados, e assellados por el Rei, e pelo Bendara, e principaes da corte, e cidade, jurados na sua lei, e o mesmo fez Diogo Lopez sobre os sanctos Evangelhos, o que assentado deram huma casa na cidade, pera nella Rui Daraujo, que hia por feitor, com os outros officiaes estarem negociando o que cumprisse no despacho darmada, começando logo os nossos de ir a cidade a comprar, e vender com os da terra, com tanta seguridade como se estiveram em Cochim, ou em Cananor o qual desmancho vendo os capitaens Chins, dixeram a Diogo Lopez que se nam fiasse tanto daquella gente Malaia porque naturalmente erão tredores, cobiçosos, e envejosos. Mas Diogo Lopez

vendo o grande gasalhado que recebera del Rei, e o que estava assentado per seus contratos, não lançou muito mão deste conselho, porque não tão somente deixava ir a nossa gente a terra com a soltura acostumada, mas ainda muito seguro deixava entrar em todalas naos hos Malaios, e todo outro mercador estrangeiro, tanto sem receo, como se estivera ancorado diante da cidade de Lisboa. Durando esta amizade, e familiaridade alguns mercadores Iaos, e outros Guzarates tiverão modos, e meos de darem a entender a el Rei que eram os nossos ladroens, cossairos, do que tinhão dadas mostras per toda a India, destruindo os lugares em que os recebiam como amigos, fazendo guerra per toda a provincia, de maneira, que os que milhor ficavão de partido erão aquelles que lhes consentião fazer fortalezas, com as quaes ficavam senhores absolutos das cidades, e villas, que lhes pera isso davão lugar, usando tantas tyranias, quantas se ao mais podia cuidar, nem imaginar de nenhuma outra nação do mundo, por barbara que fosse. Os autores principaes destas informaçoens forão hum Xabandar dos Guzarates, que he como capitão, per nome Nahodabeguea, e hum filho de hum Iao, per nome Vtetimutaraja, o mais poderoso homem de Malaca, depois del Rei, porque alem de ser muito rico, tinha de seu na mesma cidade mais de seis mil escravos casados, afora outros muitos solteiros. Estes tratos começaram de ordir com Bendara tio del Rei, que por ser tyranno, e muito cubiçoso com dadivas, e peitas que recebia, e sperava destes, como cabeceiras dos outros Mouros, induzio el Rei a crer o que dizião dos nossos, aos quaes crimes juntos o odio que naturalmente esta gente tem ao nome Christam, contra parecer de Lasamana que era Almirante, e de Tamungo que era veador da fazenda del Rei, con-

cluiram de em hum banquete matarem Diogo Lopes, com os principaes da frota, pelo que o mandou el Rei logo convidar. Este banquete avia de ser em huma grande casa de madeira que el Rei pera isso mandou concertar junto da ponte, no qual tempo huma Moura Perseana, que tinha estalajem na cidade, mandou dizer a Diogo Lopez, per hum Duarte Fernandez alfaiate, que pousava em sua casa, e sabia a lingoa Persia, que lhe queria fallar em segredo, em cousas que lhe muito importavam, pera o que ella mesma iria a sua nao de noite, por nam ser vista dos da cidade, se lhe elle desse pera isso licença. Deste recado que a Perseana mandou per tres vezes, zombava Diogo Lopez, dizendo que tinha alguma filha fermoza, ou amiga, que lhe queria dar, mas Deos, que guiou os nossos aquellas partes, pera se nellas conhecer a sua sancta Fe, os quis guardar da traição que lhes estava ordenada inspirando naquella Moura per tal modo, que posposto todo o perigo que lhe de tal caso podia vir o descubrio ao alfaiate, mandando por elle dizer a Diogo Lopez, que não fosse ao banquete, porque el Rei tinha assentado de o matar, com todolos que consigo levasse. Diogo Lopez com esta nova, e com a pouca fe que lhe os Chins dixerão que avia naquella gente, dissimulou, fazendosse doente no mesmo dia que estava ordenado o convite. El Rei, e o Bendara entre tanto que se fazião os apercebimentos do banquete dissimulavão com a entrega das speciarias, que Rui Daraujo tinha compradas, e outras de que dera sinal, mas como virão que pela má disposiçam que Diogo Lopez fingio, o trato que ordenavão se lhes danara, buscarão outro modo mais dissimulado, que foi mandarlhe dizer, que fezesse logo vir todolos bateis a terra para lhe darem algumas speciarias, que mandarão tomar aos mercadores, que lhas venderão, por

serem informados que não comprião com o que lhe tinham prometido, o que faziam por lhe darem aviamento, e se lhe nam passar o tempo da navegação para a India, que seu desejo era mostrarlhe a vontade que tinham de o favorecer, e cumprir com o que lhe tinham prometido per seus contratos. Diogo Lopez parecendolhe que era isto assi mandou todolos bateis a terra, sem ficar narmada mais que o da taforea por lhe estarem calafetando a cuberta, e servia de ir, e vir a terra buscar cousas necessarias. Antes del Rei, e o Bendara mandarem este recado a Diogo Lopez ordenaram que em muitos navios ligeiros da terra a que chamam manchuas, lancharas, calaluzes, e baloens, se metessem armas, arcos, frechas, por lastro, e per cima muitos mantimentos, e homens de guerra, vestidos em trajos de mercadores acostumados a vender cousas semelhantes, dos quaes erão capitaens o filho de Vtetimutaraja, e Nahodebeguea ambos conjurados pera matarem Diogo Lopez, e quantos dos nossos achassem na frota, o qual feito avião de cometer como lhe da cidade dessem sinal com huma grande fumaça. Isto ordenado, ao outro dia em amanhecendo que era o tempo em que Diogo Lopez dixe que mandaria buscar a carga, por lhe darem o recado no dia passado ja sobela tarde, tendo os Malaios feito abalar os bateis para terra, sairão donde estavam com dissimulaçam de irem vender mantimentos a frota, e muito de seu vagar se forão pera as nossas naos, perguntando se queriam comprar refresco da terra, chegandosse a bordo de cada huma das naos, tantos quantos pera isso ja vinhão ordenados, os nossos como ouviram fallar em refresco, bradaram que se chegassem, o que davam tam barato, e tão de graça, que cuidaram serem vilãos de algumas aldeas, longe de Malaca, que lhe ven-

dião aquillo pelo preço que ho davam aos regatoens da Cidade, de maneira que embebidos no bom mercado, de tudo o que aquelles soldados traziam os deixavam sobir as naos sem nenhum receo, nem suspeita, dos quaes entrarão tantos na Taforea, que se agastou Garcia de Sousa capitão della, e os lançou fora as chuçadas, mandando logo recado a Diogo Lopez de Siqueira, per Fernão de Magalhaens, que olhasse como estavão cercadas todalas naos de barcos da terra, e a sua mais que todas, que visse o que lhe cumpria porque o negocio lhe não contentava. Chegado Fernão de Magalhaens a nao, achou Diogo Lopez muito descansado, sem lhe alembrar o aviso do banquete jugando ao enxadres, cercado de oito Malaios, de que os dous eram o filho do Vtetimutaraja e Nahodabeguea, o qual em ouvindo o recado, dixe ao contramestre muito seguro, sem deixar o jogo, nem lhe parecer que podia aquillo ser assi, que sobisse a gavea a ver se vinham os bateis que foram a terra buscar as speciarias. Dado o recado Fernam de Magalhaens se tornou para a taforea por lho assi dizer Garcia de Sousa que ficava nella com muito pouca gente, o contramestre em chegando a gavea vio estar hum dos Malaios que era o filho de Vtetimutaraja, detras de Diogo Lopez com hum cris meo arrincado, e que outro Malaio que estava defronte deste lhe acenava que o não fezesse, como que lhe dezia que não era ainda tempo, por não verem o sinal da fumaça. Diogo Lopes e o que com elle jugava estavam tam embebidos no jogo que não vião nada e tão descuidados, que sem terem nenhum Portugues apar de si se deixavam estar cercados de oito homens que não conheciam, e em terra onde ja sabião que lhes andavão ordenando a morte. Mas tornando ao contramestre, em vendo o que passava bradou da

gavea, ao que se Diogo Lopez alevantou, pedindo armas, mas antes que lhe acudissem, os Malaios se lançaram aos barcos, e se foram pera a cidade a seu salvo, e o mesmo fezeram os que estavam nas outras naos. Os da terra como o fogo, que havia de fazer o sinal da fumaça, começou de arder, derão nos nossos, que andavam muito seguros espalhados pela cidade, matando todolos que podião, de que se salvarão vinte na casa em que Rui Daraujo estava. Francisco Serrão que andava na cidade com alguns outros se acolheò ao batel da nao de Ioão Nunez, per quem Diogo Lopez soube o que passava, sobelo que teve conselho em que ouve pareceres qne devia fazer guerra a cidade, e queimar as naos que estavão no porto (as dos Chins excepto) mas o parecer de Diogo Lopes de Siqueira, e dos mais foi que visto como lhe faltava muita gente, e que em poder dos imigos ficavam dous bateis, que tomarão na praia, que se devião logo fazer a vela e andar pairando as voltas, pera verem se per algum partido poderião aver Rui Daraujo, e os mais Portugueses, o que se logo pos em obra. O Bendara vendo desferir a nossa frota, temendo que na barra do porto, e ao sair fezessem danno as naos que ahi estavam, e as que viessem pera a cidade, se foi logo pera casa onde ainda estava Rui Daraujo defendendosse dos que o tinhão cercado, e fingindo que o negocio se começara sem el Rei, nem elle serem disso sabedores, deu sua fe a Rui Daraujo, e o tomou em sua guarda, ficandolhe por fiador do mesmo Bendara hum mercador muito rico, per nome Ninachatu gentio que favorecia muito os nossos, o que feito, mandou o Bendara recado a Diogo Lopes, excusandosse que de tudo o que se fezera, el Rei, e elle erão sem culpa, que lhe pedia que tornasse pera cidade, que lhentregaria Rui Daraujo,

e todolos outros Portugueses que escaparam da furia dos Guzarates, e Iaos, que foram authores daquella treiçam, os quaes castigarião do modo que elle quisesse, e lhe darião toda a carga despeciarias que lhe fosse necessaria, Diogo Lopez lhe respondeo que se lhe mandasse Rui Daraujo, e os mais Portugueses, que tornaria a entrar no porto, ao que el Rei, e o Bendara replicaram que tornasse a entrar, que tudo se faria como elle quisesse; mas vendo que erão manhas pera o acolherem, e poerem em obra a treiçam que desejavão affectuar lhes mandou dizer que guardassem bem os Portugueses que tinhão presos, porque antes de muitos dias elle tornaria a lhes pedir conta delles, e tomar a vingança do erro que cometeram, e porque de todo se passava o tempo da navegação perá India, per parecer dos capitaens, pilotos, e mestres da frota, sem mais sperar seguio sua viajem, na qual ate chegar a ilha Polvoreira, que he quarenta legoas de Malaca tomou com muito trabalho dous juncos, hum delles carregado de arroz, sandalo aguila, e canella da Iaoa, e o outro de outras mercadorias, que hião ambos pera Malaca. Na Polvoreira mandou queimar o navio de Gonçalo de Sousa, por não ter gente pera o marear, e dalli foi ter a Travancor, no mes de Ianeiro, de M.D.x, que he hum porto no cabo de Comori, com a nao de Hieronymo Teixeira menos, porque se perdeo em huma enseada, com tudo ha gente se salvou, e a mor parte do que hia nella, e por elle ir por sota capitão lhe deu a de Ioão Nunez. Em Travancor soube como dom Francisco Dalmeida era partido pera o regno, e que governava Afonso Dalbuquerque, e porque no tempo que estivera em Cochim, foram as mais das desavenças que ouvc antre elles, nas quaes Diogo Lopez se mostrou pelo Vicerei, temendosse que Afonso

Dalbuquerque o tratasse mal mandou dalli Garcia de Sousa, pera Cochim, com a Taforea, e Hieronymo Teixeira na nao que lhe dera, avisandoo per suas cartas do que passara em Malaca, e elle se fez dalli a vella a xxvij Dabril, donde veo ter a ilha terceira, e dahi ao porto de Lisboa no mesmo anno de Mil, e quinhentos, e dez.

CAPITULO III

De como Afonso Dalbuquerque partio de Cochim com tençam de ir de novo fazer guerra a el Rei de Ormuz, e como per conselho de Timoja foi sobre Goa, e do sitio da ilha, e cidade, e calidade da terra, e gente della.

DESPACHADAS todalas naos que neste anno de Mil, e quinhentos, e dez partiram pera o regno, Afonso Dalbuquerque desejoso de fazer guerra a el Rei de Calecut, mandou sobrisso huns apontamentos a el Rei de Narsinga, per frei Luis da Ordem de São Francisco, o qual despedido determinou de ir outra vez sobre Ormuz, dando cor que queria fazer huma fortaleza na boca do mar de Arabia, e de caminho deixar algumas naos a Duarte de Lemos, que era capitão daquella costa, pera o que armou vinta tres velas, em que entravão dezoito naos de que a fora elle erão capitaens, dom Antonio de Noronha, Fernão Peres Dandrade, George da Sylveira, Aires da Sylva, Francisco Pantoja, Duarte de Mello, dom Hieronymo de Lima, Francisco Pereira Coutinho, Bernaldim Freire, Emanuel de Lacerda, Francisco de Sousa Mancias, George da Cunha, Francisco Corvinel, Luis Coutinho, Hieronymo Teixeira,

Garcia de Sousa, e Ioam Nunez, e duas galés, de que eram capitaens Simão Dandrade, e Diogo Mendez, e hum bargantim de que era capitão Simão Martinz, e duas caravellas, de que erão capitaens Antonio da Costa Pachequo, e George Fogaça, em que iriam ate dous mil soldados Portugueses, afora Malabares de Cochim, e Cananor. Com esta armada partio Afonso Dalbuquerque de Cochim no fim de Ianeiro, deixando por capitão Antonio Real, que era alcaide mor da fortaleza, e patrão da ribeira: o primeiro porto que tomou foi o de Cananor, onde deixou por Alcaide mor da fortaleza Diogo Mendez, e a sua galé deu a Diogo Fernandez de Beja. De Cananor foi ter a Baticalá, no qual lugar tomou duas naos de mouros de Meca, que vendeo com a carga, que tinhão, a mercadores da mesma cidade. Estando pera partir deste porto lhe veo falar Timoja em hum ilheo que está ao mar de Onor, e lhe dixe, que se espantava muito de se ir naquelle tempo, e com huma tal armada ao mar Darabia fazer fortalezas, segundo se dezia, tendo a ilha, e cidade de Goa tão vezinhas, onde estavam fazendo por mandado do Çabaim Dalcão senhor della vinte naos de castellos, como as nossas, de que as cinco estavão ja acabadas, afora outra muita fustalha, que toda seria prestes antes de dous meses, pera com ella, e muita artelharia que mandara fazer, e mais de mil Turcos que tinha a soldo, e com os da terra guardar toda aquella costa, e vir sobre Cochim, e Cananor, que seu conselho era que antes que se esta armada lançasse ao mar desse na cidade, e a tomasse, o que poderia fazer facilmente, por quanto o Çabaim dalcão andava ocupado na terra firme em guerras contra alguns seus vassallos que se lhe rebelarão depois da morte do Çabaio seu pay, e levara consigo a mor parte da gente que tinha em

Goa, para o qual negocio se lhe offerecia, e pedia que nelle lhe desse a dianteira pera poder milhor mostrar a vontade, e desejos, que tinha de o servir. Desta pratica deu Afonso Dalbuquerque conta aos capitaens, cujo parecer, e voto, no conselho que sobrisso tiverão foi, que era cousa mui necessaria ao serviço del Rei, e assossego dos negocios da India tomasse Goa. O que assi assentado, Afonso Dalbuquerque por satisfazer Timoja, em lugar da dianteira, lhe mandou que fosse per terra sobela fortaleza de Cintacorá, onde estava hum capitão do Çabaim com gente de guarnição, o qual se partio logo, mandando aos que ficavão na sua armada (que era de quatorze navios de remo bem artilhados e esquipados) que o fossem sperar ao cabo da Rama. Despedido Timoja, Afonso Dalbuquerque fez rosto sobela cidade de Goa, na barra da qual foi ancorar hum dia depois de vespera, onde veo ter com elle Timoja, com ja deixar a fortaleza de Cintacorá destruida, e queimada e mortos os mais dos que nella estavão. Esta cidade de Goa he situda em huma ilha que tambem se chama Goa, donde a cidade toma o nome, a ilha chamão os Canarins naturaes da terra Ticuari, esta antre dous braços de um grande rio a que os da terra chamam Pangim, sera de sete, ou oito legoas de roda, a qual ilha com algumas terras no sertão deu el Rei de Dacam, cujas erão a hum seu criado per nome Çabaio em satisfação de seus serviços, a condição que fezesse per aquella parte, a sua propria custa, guerra aos Reis de Narsinga, quando a elle com elles tivesse. Per falecimento deste çabaio soccedeo na herança çabaim dalcão seu filho, que no tempo que Afonso Dalbuquerque chegou a ilha (como fica dito) andava no sertão fazendo guerra, no qual tempo era ja Goa cercada de muros, e baluartes, e avia nella muitas

bombardas, e outras armas, e muitas, e mui fermosas casas de pedra, e cal, era habituada de Mouros, e Gentios, naturaes da terra, de que alguns erão mercadores, e doutros estrangeiros, que alli vinhão viver, pelo muito trato que nella avia, o que causava o bom porto que tinha, e bons ares, e frescura da terra. Allem destes vivião nella muitos cavalleiros, naturais da mesma ilha, ricos, e abastados, que sentretinhão de suas heranças, e soldo que ganhavão no tempo da guerra. A ilha he mui fertil de sementeiras, fructas, arvoredos de palmares, arequaes, e outras arvores, e muy viçosa dortaliças, fontes, e poços dagoa muito boa, com muitas quintas, pumares, hortas, e heranças que lavrão, e aproveitão os gentios naturaes a que chamão Dacanis : colhesse nella muito gergelin, de que fazem azeite, que abasta a terra, e se vende para fora, he de grandes criaçoens de vacas, bufaros, porcos, e outro gado, e de muitos, e bons pescados, allem do que a hi muitas mesquitas, e outras casas doração ao seu modo, dellas mui sumptuosas, e que tem muita renda. Desta ilha faziam o Çabaio, e seu filho muito caso, e a tinham em tanto que nenhum homem entrava nella que não fosse registado, e scriptos todolos sinais que tinha no corpo, e o lugar donde era, e o nome de seu pai, e mãi, pera o que avia officiaes em Pangim, Agacim, Benestarym, Gondalim, e Dauguim, que sam cinco passos, per onde se entra na ilha, na qual depois de ser nossa, em hum homem desfazendo os alicerces de humas casas achou hum Crucifixo de metal, que Afonso Dalbuquerque mandou levar a egreja com procissam solemne, e o mandou depois a el Rei dom Emanuel, que he sinal que ouve ja naquelia ilha Christãos, como os ainda agora á em outras partes da India. Mas tornando ao que se fez depois que surgio, a primeira cousa foi

mandar logo dom Antonio de Noronha seu sobrinho em huma fusta, e Simão Dandrade na sua gale, e Simão Martins no seu bargantim, e George Fogaça, Hieronymo Teixeira, George da Sylveira, Ioão Nunes, e Garcia de Sousa nos seus bateis, pera darem em hum baluarte, que esta na ilha abaixo de Pangim, e com elles o piloto darmada em outro batel, pera ir diante sondando o rio, e lhe trazer recado se avia fundo pera as naos poderem entrar. Allem destes mandou a Timoja, que fosse no mesmo tempo dar em outro baluarte que esta na terra firme, os quaes elles ganharam ambos, e queimaram com assaz de resistencia. O que feito foram sobella villa de Pangim, onde se recolhera Miliqui Cufgurgi, do Baluarte que tomou dom Antonio, mal ferido de huma setada que lhe passou huma mão pelo meo da palma, o qual vendo o pouco animo dos seus, e que estavam ja os nossos defronte da fortaleza pera sairem em terra mandou aos em que mais confiava que se fossem pera onde os bateis estavam, pera defenderem aos nossos que não saissem em terra, e elle sem disso dar conta a ninguem, se acolheo pera cidade. No desembarcar teve dom Antonio, e os da companhia algum trabalho, com tudo elles desembarcaram a pesar dos imigos, e os fezerão recolher pera dentro, e varar pela porta do sertam. Ganhada a villa de Pangim, dom Antonio fez logo tirar as armas, artelharia, e mantimentos que se nella acharam, e lhe fez poer o fogo, e do que lhes acontecera mandou o piloto darmada com recado a Afonso Dalbuquerque, e por ja ser noite nam quis passar adiante. Sabido per Afonso Dalbuquerque o que dom Antonio, e Timoja tiuham feito mandou que entrassem pelo rio todolos navios muito pequenos, e se fossem pera onde estava dom Antonio, e porque o tempo

não servia pera poderem entrar as naos, posto que o rio pera isso tivesse fundo, elle se meteo na gale de Diogo Fernandez de Beja, e se foi para o lugar em que estava dom Antonio, e os outros capitaens, onde pois de surto vierão ter com elle alguns Mouros de Dio, dizendolhe como estavam naquella cidade fazendo seus negocios, que pedião a sua senhoria os quizesse tomar em sua guarda, pois erão vassalos del Rei de Cambaia, e de Miliquiaz, amigos, e confederados del Rei de Portugal: Afonso Dalbuquerque os segurou, e sabendo delles a disposiçam da cidade, e pouca gente de guerra que nella então estava, e como antre os Regedores, e Cidadãos avia differenças, porque os mais estavão dopinião de se lhentregar, lhes mandou alguns destes Mouros com recado, que se o quisessem receber na cidade lhes guardaria todas suas liberdades, e deixaria viver cada um em sua lei, e quitaria a todos a terça parte dos tributos que pagavão ao Çabaim dalcão, sobelo que ouve muitos recados de huma, e da outra parte, de que a principal pessoa dos da cidade que andava nestes negocios se chamava Mirale, com quem Afonso Dalbuquerque assentou as pazes, em que franqueava, e libertava todolos naturaes da terra, mercadores, Mouros, Canarins, e Bramanas, posto que fossem estrangeiros, do modo que lho mandara prometer, mas que isto senão entenderia na gente de guerra, de qualquer nação que fosse, porque dos bens, e pessoas destes que achasse na cidade faria o que lhe aprouvesse, do que os da cidade por mais não poderem forão contentes. Nos quaes concertos não querendo consentir Miliqui cufgorgi, que de Pangim se acolhera a cidade, pera a defender, se foi com alguns soldados pera fora da ilha, e dahi pera o Çabahim dalcão, a lhe dar conta do que passava em Goa.

CAPITULO IV

De como Afonso Dalbuquerque foi recebido pacificamente na Cidade de Goa, e do que fez ate o Çabaim dalcão o vir cercar.

FEITOS, e concluidos estes contratos, que foi aos xvj de Fevereiro do mesmo anno de M. D. x. logo ao dia seguinte entrou Afonso Dalbuquerque na cidade de Goa, onde foi recebido dos Regedores, e povo, com muita solemnidade, e lhe foram entregues as chaves, pera della fazer como de cousa que de todo se sobmetia a obdiencia del Rei dom Emanuel, no qual dia destribuio a guarda da cidade per estancias, o que feito começou de entender no modo que teria na governança della, e da ilha, o que fez per conselho, e parecer dos naturaes da terra. Nesta cidade, e per toda a ilha achou Afonso Dalbuquerque muitos mantimentos, e cavallos da Persia, e Arabia, de que nas estrebarias do Çabaim achou cento, e sessenta, e nos seus almazens, e outras partes da cidade quarenta bombardas grossas, e cincoenta e cinco falcoens, que elle mandara fazer, e seis berços com as spheras, e armas de Portugal, e duzentos espingardoens, e muitos pilouros de bombarda, polvora, breu, estopa, azeite, alcatrão, aço, ferro, cobre, armas, e outras muniçoens necessarias pera armada que fazia, de que as mais das naos, e outra fustalha estavam ainda em estalleiro. Na qual armada, em que avia quarenta naos grossas, e desazeis bargantins, pos Afonso Dalbuquerque grande guarda, por lha nam queimarem os da terra, no que andando ocupado, lhe foi fallar hum moço gentio, per no-

me Crisna, que veo depois a este regno, e se tornou mui satisfeito das merces que recebeo del Rei, este era filho doutro gentio, do mesmo nome, que fora rendeiro das alfandegas de Goa, a que chamão tanadarias, e lhe deu huns appontamentos, em que se continha o rendimento das alfandegas de toda a ilha, das quaes a da cidade, valia cadanno vinte, e cinco mil pardaos douro e as das ilhas annexas a ella quinze mil, e os almoxarifados, ou tanadarias da terra firme, que eram Barde, Coste, e Antruz sessenta, e cinco mil, de maneira que valia naquelle tempo toda a massa da ilha e terra firme deste senhorio cem mil pardaos douro, o que Afonso Dalbuquerque dixe em conselho a todolos capitaens, e gente nobre da frota declarandolhes que tamanha cousa, e tão importante ao serviço del Rei, não se devia deixar, que sua tençam era ficar alli aquelle inverno, pera assegurar a terra, que aquem quer que isto apparecesse mal se podia ir pera onde lhe aprouvesse: mas na companhia não ouve nenhum que por entam dixesse o contrario. Pelo que repartio logo as capitanias dos passos per pessoas de confiança, mandandolhes, e assi os tanadares que nam entrasse ninguem na ilha sem se fazerem os mesmos exames que se fazião em tempo do Çabaio, e do Çabaim dalcão, seu filho, e a capitania da cidade deu a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, e alcaidaria mor a Gaspar de Paiva, e a feitoria a Francisco Corvinel, e elle se apousentou nas casas do Çabaim dalcão, onde achou muitas molheres suas, e moças nobres virgens, em que mandou poer grande guarda, com tenção de as casar com Portugueses, pera deste modo povoar, e pacificar a terra, como depois fez, e assi proveo logo nos officios da cidade. Nas tanadarias pos officiaes Mouros, e Gentios, dando a cada hum seu scrivão, e quinhen-

tos piães da terra, pera os defender dos que lhe impedissem o recebimento das rendas, nos quaes officios não quis por entam aventurar nenhum Portugues pelo perigo que nisso podia aver. Assentadas assi estas cousas, e outras que cumpriam a guarda da ilha, e governo da terra, determinou de mandar Gaspar Chanoca por embaixador a el Rei de Narsinga, com alguns apontamentos, dos quaes os mais sustanciaes, era pedirlhe licença para fazer huma fortaleza, em Baticalla, mandandolhe pelo mesmo embaixador doze cavallos Arabios, e Persios muito fermosos, e bem ajaezados, e outro presente a el Rei de Vengapor, per cujas terras avia de passar, pedindolhe licença pera naquella cidade poder mandar comprar duzentas sellas, e cubertas de cavallos, polas alli fazerem muito boas, do que se el Rei excusou, dizendo que não podia dispensar nisso sem licença del Rei de Narsinga. Desta cidade Vengapor foi Gaspar Chanoca ter a de Bisnaga, onde achou el Rei de Narsinga, de quem foi recebido com solemnidade de embaixador, e mostrou contentamento de os nossos terem tomada Goa mas esta vontade se lhe mudou depois como se vio na muita tardança que teve em o despachar, e não tambem como esperava. Em Goa achou Afonso Dalbuquerque hum criado del Rei de Ormuz, e outro do Xeque Ismael, que alli mandarão a negociar algumas cousas que lhes cumprião com o Çabaim, aos quaes fez muita honra, e despedio mui contentes, mandando com o do Xeque Ismael Rui Gomez de Carvalhosa, e Frei Ioão da ordem de sam Domingos com recado ao Xeque Ismael do que tinha feito em Goa, e lhes deu alguns apontamentos pera tratarem com elle a cerca das cousas de Ormuz, mas esta embaixada nam ouve effeito, porque Cojeatar, a quem os Afonso Dalbuquerque endereçara per

suas cartas, com outra pera el Rei de Ormuz, nam tam somente nam quis que passassem adiante, mas ainda mandou matar secretamente com peçonha Rui Gomez, e Frei Ioam se tornou pera India. Afonso Dalbuquerque depois que entrou em Goa em nenhuma outra cousa entendia se nam em mandar fortalecer a cidade, e acabar as naos que estavam em estaleiro, tudo a custa do dinheiro que rendião as tanadarias nas quaes parecendolhe que tinha tudo seguro, começou de poer officiaes da nossa gente baixa, porque dos honrados nam ousava ainda daventurar nenhum. Timoja como era homem pratico, e de negocio, vendo quanto mais segura estava Goa do que o elle nunca podera cuidar, arrendou estas tanadarias por sessenta mil pardaos forros para el Rei. Andando assi Afonso Dalbuquerque occupado nestas cousas de serviço de Deos, e del Rei, o começarão a desinquietar com requerimentos, Hieronymo Teixeira, Luis Coutinho, George da Cunha, e Francisco de Sousa Manciàs, dizendo que Goa se nam podia soster, e que ficar alli aquelle inverno era contra toda boa razão, os quaes de mistura com Estevão Baião, e George de Figueiredo induzirão mais de novecentos Portuguezes, a se amotinarem contra Afonso Dalbuquerque, dizendo, que se determinava ficar alli o inverno, que o avião de deixar, e irse pera Cochim, e outras palavras de desprezo, que os da terra ja começavam a entender, pelo que Afonso Dalbuquerque deu huma noite na casa em que se faziam estas conjuraçoens, onde prendeo muitos destes, os quaes logo soltou por ter delles necessidade, com lhe prometerem de o acompanharem em tudo o que cumprisse a serviço del Rei, segundo lho elle mandasse. Mas os quatro capitaens se teverão sempre por agravados, pelos não deixar ir com suas naos pera Cochim, do

que importunado, deu licença a Hieronymo Teixeira, mandandolhe que de caminho levasse consigo duas naos de Mouros carregadas darros, e açucar que mandara tomar no porto de Baticala, per George da Sylveira, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade seu irmão, e Francisco Pereira Coutinho, que ainda ahi estavão, o que Hieronymo Teixeira fez, mas George da Sylveira contra a fe, e promessa que fezera a Afonso Dalbuquerque de invernar com elle em Goa, se foi em companhia de Hieronymo Teixeira para Cochim. Entre todos estes trabalhos, pera mor contentamento dos naturaes da terra lhes quitou Afonso Dalbuquerque hum tributo novo, que lhes o Çabaio posera, e mandou fazer moeda douro, prata, e cobre de milhor lei que a que usavam, em que mandou poer os cunhos da moeda de Portugal. Estando as cousas de Goa nestes termos, lhe screveo Mandaloi, senhor do Condal, que tinha nova certa que o Çabaim dalcão se fazia prestes pera vir sobre Goa, e que todolos senhores das terras vizinhas erão da sua parte, os quaes por saberem que elle era seu servidor, o aviam de destroir. Pelo que lhe pedia que pera se defender, e poder ter suas terras por el Rei de Portugal, lhe mandasse alguma gente, porque se o nam fezesse, se tinha por perdido. O qual socorro se assentou per todos, que se lhe mandasse logo, e por capitão George da Cunha com sessenta Portugueses de cavallo, e em sua companhia Menaique, e Miliqui cufcondal, com quatro mil soldados Canarins, que avião dir todos per terra, e por mar mandou Diogo Fernandez de Beja, com a sua gale, e Afonso Pessoa, em ha fusta, e Antonio Dalmada em hum parao, com regimento que em chegando onde estivesse Geoege da Cunha lhe obedecessem. Com o qual depois de chegado a ilha de Divarri veo ter aos xxiij

dias Dabril hum Canarim natural de Goa, que lhe dixe como as terras de Banda, e do senhor de Condal eram chegados dous capitaens do Çabaim dalcão, com muita gente, pera entrarem a ilha de Goa, do que George da Cunha avisou Afonso Dalbuquerque, que pera disto ter mais certa informaçam mandou Diogo Fernandez de Faria, a quem por ser muito esforçado cavalleiro dera o officio de Adail de Goa, que fosse com doze de cavallo, e mil pioens Canarins a terra firme, para tomar lingoa, no que correo grande risco, porque foi dar de noite com gente do Çabaim dalcão, do que escapou com muito trabalho, atte se acolher a ilha. O que sabido per Afonso Dalbuquerque, mandou recado a George da Cunha, que pois a gente do Çabaim dalcão ja entrara nas terras de Condal, que se tornasse pera Goa, porque tinha por nova certa serem tantos, que per nenhum modo lhes poderia resistir, contra o qual exercito se começou daperceber, provendo nas cousas que cumprião a defensam da cidade e guarda dos passos da ilha.

CAPITULO V

De como o Çabaim dalcão veo sobre a ilha de Goa, e do que se fez ate que Afonso Dalbuquerque deixou a cidade, e se recolheo a frota.

SABIDAS pelo Çabaim dalcão as novas da tomada de Goa, fez loguo tregoas com esses senhores a que andava fazendo guerra, e com todo o exercito que tinha, e mais gente que ajuntou se veo a cidade de Bilgam que esta situada junta da serra do Gate contra Goa, donde mandou hum seu capitão Turco, per nome Pulatecão com gente de pe e de

cavallo pera lhe poer cerco. Afonso Dalbuquerque, como teve aviso da vinda do Çabaim dalcão, começousse de aperceber, dando ordem ao que cumpria a guarda da cidade, e passos da ilha, aos quais mandou por capitaens ao do vao que se agora chama seco, ou Gandalim, na lingoa Malábar, Francisco de Sousa Mancias, e Francisco Pereira Coutinho com mil homens da terra, onde mandou fazer huma tranqueira, em que pos toda a artelharia, e muniçoens necessarias, e pera mais segurança lhes deu hum navio pera estar da banda da terra firme bem artilhado, com oitenta soldados Portugueses, do capitão do qual nam pude saber o nome. A guarda de Benastarim deu a Garcia de Sousa onde se fez outra tranqueira como a do passo do vao, e no mar pos pera segurança do passo, Aires da Sylva no seu navio. A guarda de Aguacim deu a Lopo Dazevedo, natural Dalanquer com alguma gente de pe, e de cavallo, e pera guarda do rio, por ser largo, pos no mar Fernão Perez Dandrade, e com elle Luis Coutinho no seu navio, e Diogo Fernandez de Beja na sua gale. Entre Benastarim, e Aguacim, mandou que estivesse Simão Dandrade, com outra gale, e Simão Martinz na sua galeota, e Bernaldim Freire, e Pero Dafonseca, cada hum em seu batel. A guarda da praia de Goa, a velha deu a George da Cunha, com sessenta de cavallo Portugueses, e piaens da terra, de que era capitam hum Canari muito valente soldado, per nome Menaique, de quem no capitulo atras fiz mençam, e elle ficou na cidade com os outros capitaens, e Timoja que era vindo das tanadarias da terra firme, por quanto a gente de Pulatecão andava ja naquella comarca, e da sua que trazia a soldo lhe fogira a mor parte, pelo que se acolheo a Goa, com algum dinheiro das rendas das tanadarias, que entregou a Afonso

Dalbuquerque. Pulatecam depois de ter segura a terra firme, se veo lançar com todo seu exercito defronte de Benastarim, detras de hum outeiro, no qual dahi a tres, ou quatro dias virão os nossos estar hum homem com huma bandeira branca, ao que Garcia de Sousa mandou responder com outra do mesmo theor, o qual deceo logo a praia, e dixe aos nossos que era Portugues, e se chamava Ioão Machado, hum dos degradados que Pedralvrez Cabral lançara em Melinde, donde fora ter a Dio a soldo de Miliquiaz, e dahi ao serviço do Çabaio, depois da morte do qual ficara com o Çabaim dalcão seu filho, que cuidando que era Turco lhe dera huma capitania de gente branca, e que ainda que andava tornadiço antre aquella gente elle era Christão na vontade, e por ser Portugues lhes vinha dar aviso pera que soubessem o que aviam de fazer, porque o Çabaim tinha mais de quarenta mil homens de pelleja, em que entravão muitos Turcos, e outras naçoens, e muitas bombardas, e muniçoens, que de seu conselho se devião ir dalli antes que o inverno lho impedisse, porque so Deos os podia defender do poder dos imigos. Garcia de Sousa lhe agardeceo este aviso e o despedio com boas palavras, do que logo mandou recado a Afonso Dalbuquerque, o qual parecendolhe que isto devia de ser manha de Pulatecão, lhe mandou dizer per hum cavalleiro sobrinho de Ioam da Nova, por nome Abraldez, que sabia a lingoa Arabia, que se espantava muito do Çabaim dalcão lhe vir a tomar as tanadarias que eram del Rei de Portugal seu senhor, e allem disso lhe vir poer cerco a ilha pera a entrar, e lhe tomar a sua cidade de Goa, que lhe pedia que se tornasse pera suas terras, porque se o nam fezesse, soubesse de certo que se avia de arrepender. Pulatecão respondeo que se queriam paz, e

amizade com o Çabaim dalcão avia de ser com lhe deixarem a ilha, e cidade de Goa, que era a cousa que mais estimava em todos seus senhorios, e quer o fezessem ou nam, lhe rogava que deixasse resgatar as molheres do Çabaim, e moças que tomara em Goa, pelo preço que fosse justo, e honesto, sobelo que se mandaram outros recados, mas nenhum ouve effecto. O que vendo o Pulatecão, determinou de passar a ilha, e pera isso mandou fazer muitas jangadas de madeira, e poer a sua tenda ao longo do rio Salsete, e porque lhe os nossos não viessem queimar as jangadas, mandou fazer de noite na boca do rio huma estacada com huma estancia, a qual por caso dos muitos tiros de bombardas que della os imigos tiravão, Fernam Perez, Luis Coutinho, Bernaldim Freire, George Dhorta em bateis, e Diogo Fernandez de Beja na sua gale nunca poderão ganhar, do que Fernão Perez avisou Afonso Dalbuquerque, que em lhe dando o recado se foi logo per terra a Agacim, com gente de pe, e de cavallo, mas vendo da praia a tranqueira, e estancia, e jangadas, e ho termo em que tudo estava mandou aos capitaens que trabalhassem por defender o passo para o que seria logo com elles, dom Antonio per mar, com mais gente, e que o mesmo tinha ordenado que se fezesse nos outros passos da ilha, encommendando a George da Cunha que visitasse muitas vezes o de Agacim, e tanto que foi na cidade mandou que se aparelhassem algumas Cotias, que são navios de remo, pera andarem com gente de guerra, do passo seco, ate onde estava Fernão Perez Dandrade vigiando o rio, as quaes Cotias senão acharam, e sabendo dos da terra que o Xabandar que he officio como patram da ribeira, as mandara aos imigos pera passarem a ilha, posto que desse por excusa que foram buscar mantimentos, e carvão pera a

despesa dos almazens, ho mandou mattar diante de si, pellos alabardeiros da sua guarda. Pulatecão, depois de ter prestes as jangadas, e cotias que lhe mandara o Xabandar de Goa, temendo que nam podesse entrar a ilha de dia sem muito perigo pela gande guarda que os Portugueses tinhão em todolos passos, determinou de o fazer de noite, e esta avia de ser de chuva, e tormenta, a qual nam podia tardar, por ser ja entrado ho Inverno, que naquellas partes he mui tempestuoso. Vinda esta noite de chuva, ventos, escuridam, que foi huma sesta feira xvij dias de Maio, mandou o çufalarim, que era hum valente cavalleiro Mouro, que fosse desembarcar defronte do passo de Benastarim, com algumas das jangadas, e mil homens, em que entravão trezentos Turcos, e a Miliqui cufgorgi que fora capitão de Goa mandou que se fosse ao passo de çancalim, onde acharia as Cotias de Goa com muita gente, e que elle os seguiria. Çufalarim, posto que fosse sentido de Fernão Perez Dandrade, e achasse nelle e nos outros capitaens que alli estavam resistencia, foi desembarcar duas horas ante manhã, antre a povoação de Aguacim e Benestarim Miliqui cufgorgi, a mesma hora chegou a çancalim, onde estavão as Cotias de Goa, com as quais veo sobre Benastarim, e ganhou a estancia, posto que com muita resistencia, em que morrerão alguns dos seus, e dos nossos de que hum foi George de Sousa. Ganhados estes dous passos, Pulatecão entrou na ilha sem achar resistencia porque a nossa gente, que estava nos outros se recolheo pera a cidade, e porque Afonso Dalbuquerque tinha sabido que os gentios da terra mandaram recado a Pulatecão, que se entrasse a ilha, que todos se iriam pera elle mandou dessimuladamentes todolos Soldados Gentios que tinha na cidade pela despejarem, que fossem defender o passo

de Benastarim, que loguo tras elles mandaria alguns capitaens Portugueses pera os ajudarem, o que elles fezerão de boa vontade, porque em lugar de defenderem o passo, se forão ajuntar com os de Pulatecão, e assi ficou a cidade livre delles, e nam dos cidadãos, e mercadores, dos quais mandou degolar Mircacem, e hum seu primo, pessoas principaes da cidade, e enforcar, e prender outros que todos tinham ordenado de a entregar ao Çabaim, na qual conjuração não foram os capitães Timoja, e Menaique, porque elles serviram mui bem Afonso Dalbuquerque com toda a gente de suas capitanias, em quanto durou este negocio de Goa. Mas tornando a Pulatecão, depois que entrou na ilha com toda sua gente, que seriam mais de doze mil soldados a fora os da ilha pos suas tendas as duas arvores, mea legoa da cidade, e dalli, em quanto se assentava o arraial, mandava alguns de cavallo dar vista a cidade, os quaes não ousavão de se chegar muito, por caso da artelharia, que os tratava mal. No qual tempo Afonso Dalbuquerque, porque se os imigos nam aproveitassem das naos, e navios que estavão varadas, lhe mandou poer o fogo pelo Adail Diogo Fernandes de Faria, ao que elles acudiram, e o apagaram, ficando senhores de toda a fustalha, em que avia muitas naos, e navios de remo, e porque o muro da cidade era em muitas partes mui fraco, nestas ordenou oito estancias, e na mais perigosa dellas, por ter dirrubado hum lanço de parede, onde agora chamam o postigo de Mandovi, pos seu sobrinho dom Antonio de Noronha por capitam, e outra aonde agora he a porta de sancta Catherina, deu a Aires da Sylva, e as outras a Fernam Perez Dandrade, a Simam Dandrade, George Fogaça, dom Hieronymo de Lima, dom Ioam de Lima seu irmão, e Diogo Fernandez de Beja,

ficando elle por sobre rolda, pera acudir a todalas estancias, e porque tinha necessidade de socorro, mandou huma cotia a Cochim, perque screveo a George da Sylva, e a Hieronymo Teixeira, dandolhes conta do perigo em que estava, pedindolhes que se viessem parelle, o que elles nam quiseram fazer. Depois de Pulatecão ter assentado seu arraial, mandou hum dia pela manhã cometer a cidade com seis esquadrões de quinhentos homens cada hum, que levou diante doutro esquadrão em que elle mesmo hia, os quais todos cometeram, como bons soldados, as estancias da cidade, e o que se mais chegou foi o capitão Çufalarim que veo cometer a estancia de dom Antonio de Noronha, a qual se chegarão os seus tanto que foi dom Antonio constrangido mandar abrir hum postigo por onde sahio a campo a pelejar com elles, e os fez retirar para tras com assas trabalho e perigo. Este combate duraria per todalas partes per onde a cidade foi cometida mais de tres horas, mas vendo Pulatecão que recebião os seus mais dãno do que faziam de proveito, os fez recolher, e mandou fazer naquella noite huma estancia no varadouro das naos, junto da porta de sancta Catherina, na qual fez poer hum camello, que tomara em Benestarim, e alguns falcoens, e berços que ouvera nos outros passos da ilha, e com estes todos em amanhecendo mandou varejar a cidade, principalmente a estancia de Aires da Sylva que estava sobre aquella porta, e juntamente com isto mandou cometer a cidade per todalas partes, mas nisso aproveitou tanto como o dia dantes. Pelo que mandou logo dizer ao çabaim dalcão que se queria ser senhor de Goa, lhe mandasse mais gente, ou viesse em pessoa, porque de tudo avia necessidade, mas nem por isso deixava com a gente que tinha, e outra que se cada dia ajuntava com elle,

de cometer a cidade, desejoso de a tomar, antes que o çabaim viesse pera poder ganhar huma tamanha honrra. Os nossos estavão ja neste tempo mui apertados, sofrendo muito trabalho, e sobre todos Afonso Dalbuquérque que de noite nem de dia repousava, pera consolaçam do que lhe começarão George da Cunha, e Francisco de Sousa Mancias damutinar de novo a gente, dizendo que era por demais querer defender a cidade, que pois a avia de perder per combate, que melhor era deixala sem perder gente, e recolherse a frota, o que Afonso Dalbuquerque remediou com sua acostumada prudencia, ao qual andando assi occupado nestes trabalhos, veo fallar secretamente Ioam Machado avisandoo que tivesse boa vigia na sua frota, porque Pulatecão tinha determinado de lha mandar queimar a estes trabalhos se acrecentaram logo protestos de George da Cunha, Francisco Pereira Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, e outras pessoas, que lhe com muita instancia requeriam que deixasse a cidade, e se fosse antes que os matassem a todos, pera o que sobornarão a mor parte dos Portugueses que avia em Goa os quaes nam podera apacificar, se a isso nam acudiram Dom Antonio de Noronha seu sobrinho dom Hieronymo Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade, Emanuel de Lacerda, Ayres da Silva, George Fogaça, e Diogo Fernandez de Beja, que como prudentes, e esforçados cavalleiros derão a entender a todos que Goa se podia guardar contra todo o exercito do Çabaim dalcão. Neste tempo Pulatecão desejoso de ou per combate, ou per concerto, haver Goa as mãos, antes que o çabaim dalcão viesse, mandou dizer a Afonso Dalbuquerque per Ioam Machado, que elle esperava cada dia o çabaim, contra o qual lhe era impossivel se defender, que pois por força avia de deixar a cidade, e com

perda de sua gente, que o bom conselho seria entregarlha pacificamente o que fazendo, elle o deixaria com tudo o que da cidade quisesse levar, ao que Afonso Dalbuquerque respondeo, que lhe agardecia muito a cortesia que com elle usava mas que sua tençam era, de nem a elle nem ao Çabaim dalcão a entregar, e que pera a defender o achariam sempre prestes. Sobre este negocio se passaram muitos recados, per espaço de sete dias, em que Afonso Dalbuquerque, e Pulatecão tiverão tregoas, a cabo das quaes chegou o Çabaim dalcão, com cuja vinda se começaram de todo a declarar os mouros que ficaram na cidade contra Afonso Dalbuquerque, ate virem as armas, pelo que foi constrangido se recolher ao castello. O Çabaim depois de ser na ilha, e entrar na cidade, pola achar despejada, a primeira cousa que fez, foi dar ordem como se entupisse o canal que esta defronte do varadouro, pera o que mandou meter huma nao no fundo no meo delle, por que a nossa frota nam podesse sair, a qual (como se soube per hum Bramane de Timoja, que andava no campo por espia) elle determinava de queimar com balsas de fogo, e depois de queimada combater o castello, pera que lhe não podesse escapar nenhu dos nossos, sobre o que Afonso Dalbuquerque teve conselho em que se assentou que visto o poder do çabaim e ho perigo em que estava ha frota, que se devião recolher o mais secretamente que podessem, e que pois ja não podiam sair da barra, por caso do inverno que por mar fezessem guerra ao çabaim, ate que entrasse o verão, no qual lhes viria soccorro da India, e chegariam as naos de Portugal, com que se poderia cobrar outra vez a ilha, e cidade, que por entam eram constrangidos a deixar. O que assentado, mandou Afonso Dalbuquerque ao Piloto da frota que

fosse sondar no canal, pera ver se poderião sair per antre a terra, e a nao que estava alagada, e achando que podiam sair fez logo embarcar toda a artelharia, armas, cobre, ferro, e outras muniçoens, e fazenda de preço que se achou no castello, e almazens com os mantimentos que pode levar, e assi as molheres, e moças que tomara nas casas do Çabaim, e outras com crianças, e alguns mercadores, que por serem nossos amigos se recolheram tambem a fortaleza, e a pos estes toda a gente de guerra, assi a Portuguesa, como Malabar, ficando elle por derradeiro: mas antes que saisse do castello mandou matar cento, e cincoenta Mouros que tinha presos, por caso das treiçoens, em que entrou Miliqui cufcondal e decepar todolos cavallos que valião muito dinheiro, por se o çabaim não lograr delles. Com tudo elle se nam pode embarcar com tanto segredo, por caso de dom Antonio de Noronha seu sobrinho mandar poer fogo aos almazens, em que avia muito breu, alcatrão e tanques dazeite, que pelo sinal do foguo nam entendessem os imigos o que passava, dos quaes acudiram muitos ao lugar onde se os nossos embarcavam, tratandoos mal, e o fezeram peor, se nam foram dom Antonio de Noronha, dom Hieronymo de Lima, e Emanuel de Lacerda, e outras pessoas que sustiverão a furia, e força delles, ate todos os nossos entrarem nos bateis, sem matarem nenhum, posto que fossem alguns feridos de frechadas, e lançadas darremesso. Deste modo se recolherão a frota, huma quinta feira xxx de Maio, do mesmo anno de M. D. x. avendo ja tres meses, e meo que estavam em posse da cidade.

CAPITULO VI

Do que Afonso Dalbuquerque fez depois de sahir da cidade, e como tomou a villa de Pangim, e o çabaim dalcão lhe cometeo pazes, e doutras cousas que mais socederám.

RECOLHIDO Afonso Dalbuquerque a frota, ao outro dia que era o derradeiro de Maio, se foi com a jusante da mare pera Rabandar, onde com conselho, e parecer das principaes pessoas que com elle andavam, assentou de passar o Inverno, mas posto que o sair da barra fosse muito perigoso, Francisco de Sousa Mancias, com o grande desejo que tinha de se ir, em se desamarrando a foi commetter sem poder passar avante, do que Afonso Dalbuquerque anojado, lhe tirou a capitania da nao. O Çabaim dalcão vendo que forçadamente avia Afonso Dalbuquerque dinvernar no rio, e sabendo que mandara tomar augoa em Bardes, ao que foi dom Ioão de Lima, mandou fazer hnma estancia, em que pos muita gente, e muniçoens de guerra para defender o passo de que deu a capitania a Miliqui cufgorgi, e fez fortalecer o castello de Pangim pera que os nossos navios nam podessem passar pera barra, e a hum outeiro que esta sobresta fortaleza mandou Pulatecão, com tres mil soldados Mouros pera guarda della: das quaes estancias faziam muito danno na nossa frota, e matavam e feriam tantos que nam ousavão ja dandar sobela cuberta. Pelo que foi necessario Afonso Dalbuquerque alargarsse do lugar em que estava e irse lançar junto do rio que passa antre a ilha de Divar, e a terra firme onde logo os imigos fezerão outra estancia, e as fazião em todolos lugares de que podião empecer aos nossos, e os fazião mudar muitas

vezes de huma parte pera outra, com assaz perigo, a que se ajuntava a grande fome que padeciam, que chegou ate comerem ratos, e os couros das arcas cozidos, o que não poderão sofrer muito tempo se lhes Deos nam acodira com algum pescado que tomavão no rio posto que fosse pouco, e cheas dagoa do monte com que se a do rio fez doce, de que bebiam, porque da do sertão, nem da ilha se nam podiam valer pela guarda que se nisso tinha. No qual trabalho buscando Afonso Dalbuquerque algum remedio pera aver mantimentos, per conselho de Timoja mandou o capitão Menaique com dom Antonio de Noronha as ilhas de Choram, e de Divar, onde ouveram algumas vacas, e hum pouco darroz, mas com tanto perigo, que os nam quis la mandar outra vez, a fome era tamanha e a sperança de poderem aver mantimentos tam pouca, que muitos se lançaram com os Mouros, se nisso Afonso Dalbuquerque não tivera grande vegia, com tudo a nado, e de noite lhe fugirão hum Galego, e hum Asturião, e hum Portugues gente baixa, dos quais o çabaim dalcão soube o que passava na frota. Estando Afonso Dalbuquerque cercado de tantos perigos lhe mandou Ioão Machado aviso de como o çabaim dalcão determinava de lhe lançar muitas balsas de fogo, pera lhe queimar a frota, e nas costas dellas mandar oitenta navios de remo, pera de todo o destruir. Com esta nova foi Afonso Dalbuquerque mui triste, mandando logo fazer aparelhos pera se defender das balsas sem dizer pera que, mas ellas não vieram, e assim lho tornou a mandar dizer Ioam Machado, que estivesse prestes, porque os imigos o avião de ir cometer per mar com huma grossa armada, e muita gente, pera o que se Afonso Dalbuquerque começou daperceber, e porque da fortaleza de Pangim recebia a frota mais danno

que de nenhuma outra parte, por nella estar quasi toda a artelharia que fora nossa, em que avia dous camellos que varejavão ao longe, ordenou que fosse dom Antonio, e Simão dandrade com cem homens pela banda do Ponente, per junto da cidade, dar no arraial de Pulatecão, que estava no outeiro junto da fortaleza, e a Simão Martins mandou que alguns espingardeiros, e besteiros se fossem lançar da banda do Norte em hum passo estreito, pera que tivesse o caminho a Pulatecão, se acudisse a fortaleza, e a Diogo Fernandez de Beja mandou que se posesse com a sua gale da banda do Sul, pera onde fica a barra, e Afonso Pessoa na sua fusta, apegados com terra, e que dalli tirassem aos do arraial que pera aquella banda quisessem soccorrer a fortaleza. Os que haviam de dar assalto ordenou que fossem Emanuel de Lacerda, Sebastião de Miranda, e Nuno Vaz de castel branco per huma banda, e pela outra junto delles dom Hieronymo de Lima, Aires da Silva, George Fogaça, dom Ioão de Lima, Fernam Perez Dandrade, e outros capitaens e soldados, dos milhores que avia na frota. Embarcada esta gente, foram todos voga surda ter ao lugar aonde aviam de desembarcar, duas horas ante manhã, sem serem sentidos, e em poendo as proas dos bateis na praia, mandarão tocar as trombetas, e atabales, dando grandes gritas, do que os imigos, por estarem ainda tomados do somno, ficaram atemorizados parecendolhes que eram os nossos muitos mais, e juntamente com o som destes instrumentos desembarcarão todos, indo cada hum dos capitaens, daquelles que aviam de sair em terra, cometer o lugar que lhe fora ordenado, no que se derão tão boa manha que Pulatecão foi desbaratado, e a villa destruida, e a artelharia tomada, em que entravão os dous camellos, e cinco falcoens que

forão nossos, o que tudo recolheo Diniz Fernandez de Mello, patram da ribeira, em hum parao, com cincoenta marinheiros, e bombardeiros que lhe pera isso deu Afonso Dalbuquerque, que tambem hia no seu esquife nas costas de toda esta gente. O primeiro que subio na fortaleza foi Emanuel de Lacerda, e apos elle Sebastiam de Miranda, e Nuno Vaz Pereira, os outros nos lugares que lhe forão encomendados, derão todos naquelle dia mostras de mui esforçados cavalleiros. Morrerão nesta peleja, dos imigos, cento, e cincoenta Turcos, e tres capitaens do çabaim dalcão, e cem piaens dos Gentios, os outros se recolherão perá cidade, dos nossos morreram quatro, e foram feridos muitos, em que entraram Fernão Perez Dandrade, dom Icão de Lima. Acabado este negocio Afonso Dalbuquerque mandou tirar da fortaleza as armas que se acharam, e alguns mantimentos com o que, e com toda a artelharia se recolheo victorioso pera frota o çabaim ficou mui descontente de Pulatecão, dandolhe a culpa deste desbarato, pela má vigia que tinha no arraial pelo que temendosse que a nossa gente lhe corresse ate as portas da cidade mandou fazer huma estancia em Rabandar, em que pos muita artelharia de que deu a guarda a Cufalarim, per meo do qual quisera tratar pazes com Afonso Dalbuquerque, ao que mandou Ioam Machado, mas elle o avisou secretamente, que a causa de o Çabaim querer entam sua amizade era por ter novas que el Rei de Narsinga vinha sobela cidade Daracol, que lhe elle tinha tomada, e assi pera que dalli por diante lhe nam estorvasse o trato dos Cavallos que vinham a Goa de que recebia muito proveito. Afonso Dalbuquerque respondeo a Cufalarim, que elle lhe mandaria a resposta ao outro dia, o que assi fez per Fernão Perez Dandrade, e nos apontamentos que lhe

deu, os principaes foram, que lhe desse o çabaim dalcão huma tanadaria na terra firme, das que estivessem mais perto da cidade de Goa, a qual nam queria pelo proveito, se nam pera mandar cortar madeira quando della tivesse necessidade, sem pedir licença a ninguem, e que quando não quisesse dar a tanadaria lhe deixasse fazer huma fortaleza no passo de Benastarim, da qual por ser perto da terra firme averia facilmente toda a madeira que ouvesse mister, no que o çabaim não quis consentir. Entrestes recados, deu Ioão Machado aviso a Afonso Dalbuquerque, que se lhe quisesse dar quinze homens, que elle lhe daria preso o Çabaim dalcão, e o prenderia na fortaleza da cidade, onde dormia, mas por se neste negocio acharem muitos inconvenientes se não pos em obra. Com tudo soubese depois que podera ser assi como Ioão Machado dezia, pela pouca gente, e ma guarda que o Çabaim tinha na fortaleza, porque de noite nam ficavão com elle senam suas molheres, e alguns capados que as guardavão, e fechavão as portas. Passando assi Afonso Dalbuquerque o inverno, com trabalhos do mar, e da terra algumas pessoas, e delles dos principais da frota, tendo pouco respeito a suas obrigaçoens, começarão a tratar amores com as moças que lhe tomara em Goa, e guardava para casar com alguns Portugueses pelas razoens que ja ficão apontadas, entrestes foi sabido, que hum Rui Dias, natural Dalanquer filho de Diogo Dias, ahi tabaliam do Iudicial, entrava na nao de Afonso Dalbuquerque, nas camaras onde estas moças estavam, e tinha amizade com huma dellas que era Moura. Finalmente, sem contar muitas particularidades desnecessarias, que outros contão deste caso, Afonso Dalbuquerque mandou prender este Rui Dias, e proceder contra elle ordinariamente, e pelo

que se provou dos autos julgou o Ouvidor Pero Dalpoem que morresse enforcado a execução do que Afonso Dalbuquerque mandou fazer na nao de Bernaldim Freire, sobre o que se ajuntarão muitos homens fidalgos da frota, e quasi todolos capitaens, a pedir a Afonso Dalbuquerque que lhe desse a vida, e quando não que revogasse a sentença de morrer enforcado, a ser degolado, porque era homem de boa casta, mas isto foi feito com tanta ousadia, e palavras tão escandalosas, que não tão somente Afonso Dalbuquerque nam quis fazer o que lhe pediam, mas pela desobediencia mandou prender alguns delles, os teve presos debaixo da cuberta da sua nao, com tudo pela necessidade que delles entam tinha os mandou soltar dahi a poucos dias, mas Simão Dandrade, e Emanuel de Lacerda, Ayres da Sylva, e Goorge Fogaça, dixerão a dom Antonio de Noronha, que lhes levou o recado, que se nam queriam sair de debaixo da cuberta, que presos os levasse a Cochim, e dahi a Portugal, pera darem razam de si a el Rei, no que insistindo esta vez e outras, Afonso Dalbuquerque deu a gale de Simão Dandrade a Antonio Dalmada, e a nao de Emanuel de Lacerda a dom Ioam de Lima, e a de Aires da Sylva a Antonio de Matos, e a de George Fogaça a outro de que não pude saber o nome.

CAPITULO VII

De como Afonso Dalbuquerque mandou cometer huma armada que o Çabaim tinha feita na cidade, pera mandar sobrelle, e do que mais passou ate sair da barra de Goa.

DEPOIS do desbarato de Pulatecão mandou Ioão Machado dizer a Afonso Dalbuquerque que tivesse boa guarda na frota, e a gente pres-

tes, porque em hum certo dia tinha o Çabaim ordenado de mandar sobrelle çofalarim com oitenta navios de remo cada hum com sua bombarda na proa, desta nova deu logo Afonso Dalbuquerque conta a todolos capitaens, e foi assentado que antes que a frota dos imigos abalasse da cidade, onde se aparelhava, a fossem cometer, porque tomada de sobresalto se poderião milhor ajudar della, do que deu cargo a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, com quem mandou os mais dos capitaens da frota em dez bateis, mas posto que se não atrevesse a mandar com elle os capitaens, e outras pessoas que estavam presos pelo caso de Rui Diaz, elles de suas vontades acompanharam dom Antonio, como soldados, por ser muito amigo de todos, e muito bom cavavalleiro, e pera se saberem mais certas novas do que passava na frota dos imigos mandou Afonso Dalbuquerque Diogo Fernandes de Beja, e Antonio Dlmada nas suas gales, e Afonso Pessoa na sua fusta e Ioam Gonçalvez de castel branco em hum paráo, que se fossem lançar a Rabandar, e alli estivessem sperando atte ver se lhe sahia alguem, pera tomarem lingoa os quaes dahi a pouco seguio dom Antonio nos bateis, com trezentos homens, porque ha mais gente ficou em guarda da frota com Afonso Dalbuquerque. Diogo Fernandez de Beja, e os companheiros, vendo que lhes não sahia ninguem, se forão lançar a tiro de bombarda da cidade, porque assi lho mandou Afonso Dalbuquerque, e Ioam Gonçalvez passou adiante com o paráo, correndo ao longo da ribeira ate chegar ao estreito de Mandovi sem receber danno da artelharia dos imigos que estavam varados em terra, e se tornou a salvo pera as gales, donde se logo fez sinal aos bateis em que vinha dom Antonio pera se ajuntarem todos, o qual em chegando as gales vio da

banda da ilha de Divar obra de xxx paraos, nos quaes andava çufalarim ordenando o que lhe era necessario pera peleja, porque bem via que o hião buscar: mas dom Antonio temendosse que estes paraos o cometessem per huma banda, e os que estavam na cidade pela outra ordenou duas capitanias dos seus bateis, huma de quatro em que elle hia, e com elle dom Hieronymo de Lima, dom Ioam de Lima seu irmão, e Garcia de Sousa. A outra capitania era de seis bateis, de que erão capitaens George da Cunha, Luis Coutinho, Bernaldim Freire, Antonio de Matos, e outros dous, aos quaes encomendou que fossem pelejar com os paraos que estavam da banda da cidade, pedindo a todos que nam desparassem a artelharia junta senam per ordem, porque assi se ajudariam melhor della, e tratariam os imigos mais a sua vontade, e as gales, e fustas mandou que o seguissem, porque sua tençam era ir cometer em pessoa Çufalarim, pera onde logo encaminhou, o que vendo Çufalarim, como era bom cavalleiro, sem nenhum receo o veo cometer ao caminho em huma fusta que trazia bem armada, e esquipada. Os quaes juntos se começou huma brava peleja de tiros de fogo e frechadas, lanços, e azagaias darremesso, que durou bom espaço, sem se ha victoria mostrar por nenhuma das partes ate que do batel de dom Antonio deu hum tiro pela coxia da fusta de Çufalarim que lhe matou, e ferio alguns remeiros, pelo que mandou fazer voga pera cidade, o que vendo os capitaens dos outros paraos fezerão o mesmo, aos quaes dom Antonio seguio o alcance, ate os fazer várar em terra. Os capitaens dos seis bateis, forão cometer os paraos que estavam na ribeira onde pelejaram com elles a vista do Çabaim dalcão, que os estava vendo da fortaleza, mas em fim os fezeram varar todos na

praia, e por os bateis demandarem mais augoa lhe não poderam fazer outro dãno que esbombardealos a vontade. Mas tornando a dom Antonio elle deu caça a Çufalarim ate o fazer encalhar diante da porta de Sancta Catherina, e porque da fusta ficou quasi metade nagoa, dom Antonio por debaixo de muitas frechadas que lhe tiravão do muro pos a proa do seu batel na popa della, em que logo saltarão Simão Dandrade, Fernam Perez Dandrade seu irmão, Simão Rangel, e hum dalcunha Arraez, que fora paje de Afonso Dalbuquerque, e hum soldado per nome Ioam Deiras, Çufalarim, vendo entrar estes, temendosse que assi o fariam todolos que vinhão no batel, se lançou fora da fusta, com todolos que com elle hiam, sem nella ficar pessoa nenhuma, na qual querendo entrar dom Antonio apos estes cinco, em pondo o pe na fusta lhe derão do muro huma frechada no lagarto da perna esquerda, de que com a dor logo cahio dentro do batel, e da pancada que deu em caindo se alargou da fusta, ficando os cinco nella, sem os do batel terem acordo de os tomarem, por acudirem a dom Antonio, em que logo deram acidentes mortaes, e no mesmo instante que se o batel alargou da fusta, tudo o que della estava em seco foi cercado de imigos, que dalli as pedradas, zagunchadas, e frechadas os tratavam mal, e o fezeram peor se Simão Dandrade, e Fernão Perez Dandrade não estiverão bem armados que com o esforço que nelles sempre ouve, ficaram per escudo dos outros tres, no que estiverão hum grande pedáço, sem nenhum dos imigos ousar dentrar na fusta, o que tudo via o Çabaim dalcão da fortaleza, espantado do esforço destes dous irmãos. A este trabalho por a mare decer, e a fusta estar ja quasi em seco lhe nam acodião, por os bateis nam poderem chegar a fusta, e não ousar nin-

guem de sair em terra, pela grande multidão dos imigos que andavam na praia, o que vendo o mestre da nao de Luis Coutinho, lhe dixe que despejasse o batel, que com sete marinheiros que o remassem iria tomar os que estavam na fusta. Luis Coutinho se lançou logo com toda a mais gente nos outros, e o mestre chegou a fusta, posto que com trabalho, e os recolheo, salvo Ioão Deiras, que se lançou com os imigos, mas com quanto antre todolos capitaens não ouvesse quem ousasse de se aventurar a sair em terra polla salvação destes que ficarão na fusta de Çufalarim, quando ho mestre a ella chegou achou ja Diogo Fernandez de Beja com a proa da gale em terra junto da fusta, pera sair com a sua gente aos salvar, e sabendo Diogo Fernandez ao que hia deixou de pojar, e se foi nas costas do batel pera o defender, se algum dos paraos dos imigos viessem sobrelle. Recolhidos os quatro Diogo Fernandez mandou lançar hum cabo na popa da fusta, pera ver se a podiam levar, mas porque estava ja em seco o nam poderam fazer e dalli se forão ajuntar com os bateis que estavam as bombardadas com os paraos que encalharam na praia, no que passando o dia se recolherão ja de noite a frota levando dom Antonio na gale de Antonio Dalmada, que da frechada que lhe derão morreo dalli a tres dias, e foi enterrado da banda de Bardes debaixo de hum penedo, donde depois Afonso Dalbuquerque mandou trasladar a ossada pera a capella mor da Se de Goa. A morte de dom Antonio foi muito sentida de todos, porque era bom cavalleiro, e bem acondiçoado e o mor remedio que todolos que andavam na India tinham, pera mitigar as paixoens de seu tio Afonso Dalbuquerque o que elle fazia com muita prudencia a contentamento dambalas partes. Ao dia seguinte

que aconteceo este negocio, veo Ioão Machado a frota, visitar da parte do Çabaim dalcão Simam Dandrade, e Fernam Perez Dandrade, per quem lhes mandou dizer que lhes vira fazer na fusta proezas de tam bons cavalleiros, que com elles ambos se atreveria a conquistar a India, que lhes rogava que delle fezessem conta como de bom amigo que por elles faria tudo o que lhe elles mandassem, ao que lhe responderam, que lhes pesava de o terem tão mal servido aquelle dia, mas que esperavão em Deos de o fazerem milhor a primeira vez que se encontrassem com elle, ou com cousa sua, a qual resposta o Çabaim recebeo com muito gosto, e como bom cavalleiro, e lhes quisera mandar hum presente se lhe Ioão Machado não dixera que lho não avião de tomar. Depois desta visitação, mandou Çufalarim recado a Afonso Dalbuquerque de parte do Çabaim pera tratarem pazes, ao que ordenou que fosse o Ouvidor Pero Dalpoem, e nisso fallaram ambos assaz, sem se poderem concertar. O que sabendo o Çabaim, que ja estava na terra firme de caminho pera soccorrer a cidade de Rachol, sobre quem tinha por certo que vinha el Rei de Narsinga em pessoa mandou Mostafaçam, homem principal de sua corte, e com elle dous turcos homens nobres a Afonso Dalbuquerque, pera tratarem destas pazes, ficando em terra por arrefens Francisco Corvinel, e Diogo Fernandez de Faria Adail, mas Afonso Dalbuquerque pos seu partido tam alto, e lhes estranhou tanto mandarlhe o Çabaim pedir que lhe entregasse Timoja, para o castigar á suá vontade, que se não fez mais que festejalos dous dias que estiverão na nao, de tantas viandas, vinhos, frutas, tangeres e tiros de bombardas, que se persuadirão que era falso tudo o que deziam os que se lan-

çarão da frota no arraial, de aver nella fome, nem falta de nenhuma outra cousa, e assi o dixerão ao Çabaim, de que ficou espantado, e desesperado de nunca alcançar a paz que desejava com os nossos. Afonso Dalbuquerque, porque na frota avia mais de trezentos doentes determinou de os mandar na nao de Nnno Vaz a Anchediva, pera dahi os levar a Cananor, com quem mandou Antonio de Matos, pera trazer o seu navio carregado de mantimentos, que lhe avia de dar Timoja, que hia com elles com as suas fustas, os quaes sairam com muito trabalho da barra ja meado de Iulho, donde Antonio de Matos tornou logo carregado de mantimentos, e refrescos da terra que lhe deu Timoja, e Nuno Vaz depois de os doentes estarem hum pouco refeitos do trabalho do mar, se foi com elles a Cananor, e porque a frota estava muito destroçada, e a gente cançada, e enfadada da ma vida que passara determinou Afonso Dalbuquerque se ir a Cananor, pera onde se fez a vela, aos quinze dias Dagosto de M. D. x. no qual dia em chegando ao cabo de Rama ouverão vista de cinco naos de que as quatro vinhão de Portugal capitão Diogo Mendez de Vascogoncelos, que el Rei mandava a Malaca, os outros erão Balthesar da Sylva, Pero Coresma, e Hieronymo Cerniche. A outra era da armada do Marichal, que invernara em Moçambique, de que era capitão Francisco Marecos, com a vinda dos quaes ouve grande alegria em toda a frota.

Fim do quinto volume

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXIV)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. VI

ESCRIPTORIO

147 = RUA DOS RETROZEIROS = 147

LISBOA

—

1910

DP
604
G6
1709a
v.4

CAPITULO VIII

De como el Rei de Fez veo cercar outra vez Arzilla, e do que ahi aconteceo antes, e depois deste cerco.

DEPOIS del Rei de Fez alevantar o campo diante da villa de Arzila ate a tornar a cercar outra vez, se passaram algumas cousas, de que nam farei menção, por serem de pouca calidade, salvo de huma entrada que fez Nuno Fenandez Dataide, que foi o primeiro fronteiro que depois do cerco la foi com a gente do Algarve, e doutra que fez o Conde de Borba dom Vasco Coutinho.

Na que fez Nuno Fernandez, levando por almocadaens Pero de Meneses, e George Vieira com oitenta de cavallo, matarão o Alcaide Bemguaneme, e outros doze Mouros, e trouxerão captivos quinze com que se tornaram a villa. Nesta entrada se acharam o Adail Pero Godinho, Pero Lopes Dazevedo, Antonio da Fonseca, e Fernão Caldeira, depois da qual a poucos dias, Nuno Fernandez se veo ao regno chamado per el Rei. E quanto a que fez o Conde de Borba foi assi, sabendo elle que os de Benhamede, e de Benarroz estavão descuidados, foi dar nelles de sobresalto, com boa companhia de gente de pe, e de cavallo, donde trouxe trinta almas, e seis centas cabeças de gado grosso, e mais de mil de meudo. Passando estas, e outras cousas em Arzilla, Barraga, e Almandarim com os Alcaides Dalcacer quibir, Iazem e Larache com muita gente de cavallo, chegarão ate as portas da villa, donde levaram algum gado com perderem tres cavalleiros dos seus, que lhes os nossos mataram, dos quaes dom Bernaldo Coutinho filho do Conde de Borba matou hum. Movido el Rei de Fez destas afrontas, e doutras que lhe cada dia os Darzilla fazião determinou de a vir cercar outra vez pera o que ajuntou muita gente, e munições de guerra com que veo assentar seu arraial no Xerquão, e por neste cerco se não acontecer cousa notavel não direi mais, se não que sabendo elle quão bem apercebida a villa estava de gente, mantimentos, e munições de guerra, com conselho, e parecer de seus capitaens alevantou o cerco. Neste tempo avia em Arzila muitos fronteiros, dos quaes o primeiro que veo depois de Nuno Fernandez Dataide foi dom Ioam Mascarenhas capitão dos ginetes, os outros eram dom Francisco, que depois foi conde do Vimioso, filho de dom Afonso Bispo Devora, de quem ja atras

fiz menção com vinte de cavallo, e oitenta de pe dom Francisco de Lima Visconde de Villa nova de cerveira com multa gente, e Diogo Lopes de Lima seu primo, que posto não tivesse tanta gente como o Visconde, a que tinha era mui bem encavalgada. Estava tambem em Arzilla Ioam da Sylva filho Daires da Sylva Regedor da casa da Suplicação, com xij de cavallo, e Alvaro Gonçalves de Moura com xij de cavallo, e dom Francisco de Castro alcaide mor do Sabugal com quarenta de cavallo. E Rui Gonçalvez da Camara capitam da ilha de S. Miguel com quarenta de cavallo, e cincoenta besteiros, e outros homens de pe, que de Tanger onde estava por mandado del Rei, se foi Arzilla por lho el Rei assi mandar per huma sua carta. Estas cousas todas passaram nos annos de M. D. ix, M. D. x, M. D. xi, e no de M. D. xij, vieram outra vez correr Arzilla, Barraxa, e Almandarim com os Alcaides Dalcacer, e Iazem, e chegaram as portas do lugar onde mataram e captivaram alguns Christãos, entre os mortos foi dom Fernando de Castro, que arriba nomeei, o qual em dando o repique, sahio pela porta da Villa com um paje a cavallo, primeiro que o porteiro tivesse lugar de a fechar, e em saindo se achou com sos doze de cavallo, atalaias, e descobridores que se vinhão recolhendo com os quaes, e com o paje fez rosto aos Mouros que os seguião e em pondo a lança em hum delles que derribou do cavallo, a sella do seu se foi com a cilha, de maneira que o levou ao chão, a quem os outros não poderão valer nem poer a cavallo, por as muitas armas que trazia, de maneira que sahindo os mais delles feridos, em special o paje os mouros o cercarão ao redor, e o matarão com lanças darremesso, sem ousarem de lhe chegar, ate que cahio de cansado, e ferido. O Conde de Borba,

quando sahio preguntou por dom Fernando, e sabendo que era morto se recolheo logo a Villa, fazendolhe trazer o corpo, de que os Mouros ja tinham levado o despojo, e o mandou enterrar na capella mor da Egreja de sam Bartholomeu, sua morte foi mui sentida de todos, porque allem de ser bom cavalleiro era mui conversavel, e liberal. Neste mesmo anno fez George Vieira huma almogavaria, com trinta, e dous de cavallo, o qual achou no campo Cide Hamete, filho mais velho do Alcaide de Alcacer quibir, que o pai mandara correr o campo com cento de cavallo, com quem ouve hum tal recontro em que acabou seus dias e com elle Gomez Dabreu, e Estevão Vieira, e seu pai. Desta cavalgada se salvaram Gaspar Caldeira, Luis Machado, e Fernam Merinho, e outros ate nove, porque os demais matarão, e captivaram os mouros. Os captivos forão Alvaro Velho, Rui de Sa, Ioam de Deos, Francisco Mausinhos, e Ioão Fernandez Dabreu, que desta cavalgada sahio com huma boa cutilada pelo rosto.

CAPITULO IX

Em que se trata de duas entradas que fezerão dom Francisco, e o visconde, cada hum per si.

DESEJOSO dom Francisco de fazer alguma boa sorte antes de se tornar para o regno, e confiando na boa gente que trouxera, e que lhe o Bispo seu pai depois mandara que seriam per todos mais de cincoenta de cavallo, pedio a dom Vasco conde de Borba que lhe desse guias, e alguns dos moradores Darzilla, com que podesse fazer huma cavalgada, o que lhe o conde concedeo de ma vontade. Com tudo tendo nova per seus espias que estava o campo seguro lhe deu quarenta de cavallo dos moradores, e alguns fidalgos fronteiros, de que naquelle tempo avia muitos em Arzilla, e mandou com elle o Almocadem Pero de Menezes, para irem dar em huma casa de hum Mouro rico que estava em Benagarfate. Chegado dom Francisco junto do lugar a que hia, lhe dixe Pero de Meneses, que se queria que não fossem sentidos o deixasse ir a pe com alguns dos moradores, para de supito darem nas casas e que elle seguiria a cavallo com a mais gente, e estando a pe todolos que avião de cometer o feito, dom Alvaro Dabranches, que depois foi mestresalla del Rei dom Emanuel, e capitão Dazamor pedio licença a dom Francisco para ir com os de pe, no que consentido lha pedio tambem Andre Pereira, e apos este tantos que dom Francisco lhes dixe, pois assi he eu nam ficarei a cavallo, mas com vosoutros me quero achar na dianteira, posto que va contra ao que me o conde de Borba mandou, pelo que peço a Pero Lopez Da-

zevedo que fique com a gente de cavallo. O que dito começaram os de pe a caminhar peras casas as quais acharam vazias, e Pero de Meneses dixe a dom Francisco que lhe pedia que sperasse com toda a gente que queria subir hum pouco pella serra a descobrir as outras casas e ver o que la hia, o qual tornou no romper dalva com a nova do que achara, mas posto que fosse dia claro foram cometer as casas, nas quaes os moradores, das que acharão despejadas, e doutras ao redor tendo nova do rebate se recolheram com seu fato, por serem as mais fortes de toda a vezinhança, com tudo ellas forão entradas, e mortos os mais dos mouros que as defendiam, e captivas vinte almas, com que se dom Francisco recolheo com assaz de trabalho, porque das aldeas de Zurara, e çahara acudirão mais de cem Mouros, seguindo os de tão perto, que antes de chegarem onde estavam os cavalleiros, derão huma pedrada a dom Francisco sobelo capacete de que o atordoaram de maneira que se salvou encostado a dom Alvaro Drbranches, e mataram, e captivaram alguns, dos quaes os mortos foram Afonso da Sylva, e Martim Afonso de Sousa Chicorro, entre os captivos foram Andre da Sylva filho do alcaide mor de Santarem, Andre Rodrigues Froes, e Francisco Mausinho. Mas ainda que este desastre acontecesse a dom Francisco, elle chegou a Villa com xvj almas, das que captivara. Esta cavalgada feita, e outras algumas em que se dom Francisco achou debaixo da bandeira do Conde de Borba de que nam trato por nellas não socceder cousa notavel, elle se tornou pera o regno com toda sua companhia sendo ja passado um anno do tempo que estivera em Arzilla, depois da qual cavalgada, desejoso o Visconde de fazer alguma de que ganhasse honrra sahio com os seus, e com cincoenta de cavallo que lhe o Conde

deu, com os quaes levando por guias Pero de Menezes, George Vieira, e Gonçalo Vaz passou pela boca de Capanes, e correo a Mençara onde tomaram tres Mouros e huma moura, e algum gado vacum, e meudo com que se tornaram a Arzilla donde assi elle, como os mais dos fronteiros se vieram dahi a poucos dias para o regno.

CAPITULO X

De como el Rei mandou tres armadas a India, e huma a Çafim, e do que Afonso Dalbuquerque fez depois que partio da barra de Goa, e como de Cananor foi a Cochim soccorrer el Rei, por lhe querer hum seu primo tomar o regno e da embaixada que recebeo del Rei de Cambaia, com huma carta de cincoenta Portugueses que la estavão captivos, e como prendeo Diogo Mendes de Vascogoncelos, e os capitaens de sua frota por se quererem partir secretamente pera Malaca.

Os grandes desejos que el Rei tinha de saber a certeza das cousas de Malaca lhe causarão fazer outra nova despeza com quatro naos que la mandou este anno de M. D. x. sem ainda ter novas do que passara Diogo Lopes de Sequeira. Destas quatro naos era capitão Diogo Mendes de Vascogoncelos, os outros erão Balthesar da Sylva, Pero Coresma, Hieronymo Cerniche, os quaes partirão de Lisboa aos vij de Março. Neste mesmo anno mandou outra armada a India de vij naos capitão Gonçalo de Sequeira thesoureiro da casa de Septa, os outros erão Emanuel da Cunha, Diogo Lobo Dal-

valade, George Nunez de Leam, Lourenço Lopez, sobrinho de Thome Lopez, feitor da casa da India, Lourenço Moreno, que hia por feitor de Cochim, e Ioam Daveiro. Estas sete naos partirão aos dezaseis do mesmo mes. A terceira armada era de tres naos, capitão Ioam Serram, com quem hião por capitaens Paio de Sousa, e outro de que não pude saber o nome, os quaes el Rei mandava a ilha de Sam Lourenço, pera assentarem pazes, e amisade com os Reis de Matatana, e Turubaia, pera por esta via aver gingivre, e quaesquer outras speciarias que ouvesse na ilha, as quaes partirão aos oito dias do mes Dagosto. A quarta foi huma que el Rei mandou a çafim, que passava de trinta vellas, de que era Geral Nuno Fernandez Dataide, com muita gente nobre do regno, pera ficar por capitão, e governador da mesma cidade. Mas tornando a primeira armada, Diogo Mendez de Vascogoncelios seguio sua viajem sem nella passar cousa que de contar seja ate chegar sobella barra de Goa, onde veo ter no dia que Afonso Dalbuquerque deixou a cidade, como no capitulo atras fica dito. E quanto a Gonçalo de Sequeira, elle perdeo na viagem, junto de Moçambique a nao de que era capitão Emanuel da Cunha, sem se della salvar mais que a gente e com as outras seis foi ter a Cochim, e dahi se veo a Cananor, onde achou Afonso Dalbuquerque. E porque fica dito o que passarão as primeiras tres armadas, pois ja fallei das duas, o mesmo farei da outra de que era capitão Ioam Serram, o qual seguindo sua viajem foi ter a ilha de S. Thome com temporaes, e dahi ao porto de Antepara, que he no regno de Torumbaia, na ilha de Sam Lourenço, da banda de fora, onde foram bem recebidos dos da terra, de que ouveram mantimentos, e algum pouco de gingivre a troco de cousas que lhe davão.

Daqui navegarão a huns ilheos que estam doze legoas d'este porto, a que chamam de sancta Clara, donde se foram a hum rio que esta trinta legoas delles chamado Monaibo, em que lhe tinhão dito que achariam gengivre. Depois de ser neste Rio, estando ja surtos, tendo Ioam Serram mandado o batel a terra, lhes deu hum temporal por davante com que tornarão aos ilheos de sancta Clara destes ilheos foi ter ao rio Manapata, e de ahi outra vez aos ilheos de sancta Clara, onde veo ter com elle em huma almadia hum Andre velho marinheiro, que se perdera no batel da nao de Ioam Gomez Dabreu, no anno de Mil, e quinhentos, e seis, como ja fica apontado. Partido Ioam Serram destes ilheos, tomou alguns outros portos da ilha, no que passou todo o Inverno, sem achar gengivre, nem outras nenhumas especiarias, pelo que sem querer perder mais tempo, se fez a vela perá India, no qual caminho lhe deu hum temporal, com que Paio de Sousa foi ter a Moçambique, e dahi a India, e Ioam Serram a Goa, dos quaes se tratara ao diante. E porque logo fique dito o que passou Diogo Mendez de Vascogoncellos depois de chegar a barra de Goa, elle em chegando foi visitar Afonso Dalbuquerque a sua nao, e dahi se foi em sua companhia a Anchediva, onde lhe apresentou as provisoens que trazia del Rei, em que lhe mandava que pera a viajem de Malaca lhe desse todo o aviamento, conselho, e gente que ouvesse mister, do que Afonso Dalbuquerque deu conta a todollos capitaens darmada, o parecer dos quaes foi, que pois cumpria tanto a serviço del Rei tornar o veram que vinha sobre Goa, por ser cousa tam importante ao assossego, e segurança da India, que Diogo Mendez se devia de achar neste feito, e que pois o negocio de Malaca era de tanto peso como se ja sabia, que aca-

bado o de Goa, Afonso Dalbuquerque lhe desse mais velas, e gente, porque com sos quatro naos tinhão todos por escusada a sua ida. Diogo Mendez de Vascogoncellos communicou o negocio com os capitaens da sua frota, aos quaes isto pareceo muito bem, o que assentado, Afonso Dalbuquerque se fez a vela pera Cananor, aos xix dias deste mes Dagosto, mas antes que partisse de Anchediva despachou Francisco Pantoja com huma nao de mantimentos pera çocotorá per quem screveo a seu sobrinho dom Antonio de Noronha, capitam da fortaleza que se viesse pera India, e a Duarte de Lemos screveo desculpandosse de lhe não mandar as naos como lho tinha scripto por lho estorvar o negocio de Goa, do qual, e do que nisso passara lhe daria larga informaçam Francisco Pantoja. Seguindo Afonso Dalbuquerque sua viajem pera Cananor, foi ter a Onor, onde o Timoja veo ver com muito refresco da terra, a quem Diogo Mendez deu huma carta del Rei dom Emanuel, que Timoja estimou em muito, e fez sobelo que lhe el Rei nella screvia grandes offertas, pera todalas cousas que cumprissem a seu serviço. De Onor se foi Afonso Dalbuquerque a Cananor, onde veo ter com elle Gonçalo de Siqueira. Ate este tempo depois que Afonso Dalbuquerque governava, se nam tinha visto com el Rei de Cananor. E porque cumpria aos negocios que se então tratavam veremsse, lhe mandou dizer, que lhe desse pera isso licença, el Rei lhe respondeo que elle mesmo o queria ir ver, e pera isso mandou armar huma tenda fora da cidade, onde praticaram hum bom spaço, a qual pratica acabada, el Rei se tornou perá cidade, e fez merce dalgumas peças ricas aos capitaens da frota. Dalli despedio Afonso Dalbuquerque Simam Martinz Caldeira, que era hum dos capitaens do tempo do Vicerei dom Francisco Dalmeida,

por capitão de tres naos, de que os outros capitaens eram Francisco Marecos, e Antonio de Matos pera guardarem a barra de Calecut, por ter novas que estavam naos de Meca a carga. E a Garcia de Sousa mandou com outras tres a guardar a costa desviado de Simão Martinz. E a Gaspar de Paiva mandou com outras tantas guardar a barra de Goa. E a Diogo Mendez de Vascogoncellos pedio que com as suas naos andasse darmada do monte Delli, atte Baticala, pera tomar as naos que saissem de Goa, ou fossem pera la, o que elles todos fezeram mui bem, tomando algumas de que huma era de Meca que tomou Simam Martinz carregada de muitas mercadorias em que achou huma grande somma de moeda douro, e prata. Entre os captivos que tomarão nesta nao forão dous Iudeus que se fezerão Christãos, dos quaes a hum poseram nome Francisco Dalbuquerque, e ao outro Alexandre Dataide que sairão mui bons homens, e servirão de lingoas, e em outros negocios de importancia, com muita verdade, pelo que lhes fez el Rei merces, de que se ambos entretinhão neste regno honrradamente. Andando Afonso Dalbuquerque occupado nestes negocios, e em se aperceber para tornar sobre Goa lhe veo recado como era morto no pagode o Rei velho de Cochim, leal amigo dos Portugueses, e porque elles tem por lei que como falece o que esta no pagode, o que regna se ha dir meter no mesmo lugar, para nelle servir seus Deoses era pela mesma lei obrigado o que então regnava, que era sobrinho do morto, e muito nosso amigo, irse meter no pagode, e deixar o regno ao herdeiro mais chegado, que entam era o mesmo sobrinho do Rei morto, que se lançou com el Rei de Calecut, em tempo de Duarte Pacheco, em cujo serviço sempre depois andara. O qual como soube que o tio era morto mandou dizer

ao Rei seu primo que regnava, que lhe deixasse o regno, pois por direito era seu, e se fosse meter no pagode, e porque sabia pela treição que cometera, que os Portugueses lhe não aviam de consentir que tomasse posse do regno, e que a isto se avia dajuntar parecerlhes, que nunca lhes seria bom, nem leal amigo, fez com muita brevidade a mais gente que pode da ilha de Vaipim, pera com mão armada vir tomar posse do regno. Destes recados, e determinação deste Principe deu conta el Rei de Cochim a Antonio Real, alcaide mor, e a Lourenço Moreno feitor, e officiaes, e a Nuno Vaz de castel branco, e Sebastião de Miranda, sobelo que tiveram conselho com os fidalgos, e pessoas principaes que se entam acharam em Cochim, pelos quaes foi assentado que per nenhum modo consentissem que o Rei que regnava se fosse pera o pagode, nem que entrasse o outro na terra, o que assi fezeram, e lhe teveram os passos, ate que Afonso Dalbuquerque chegou com Gonçalo de Siqueira, e outros fidalgos, que tanto que em Cananor lhe derão estas novas se veo logo, o que sabendo o Principe que se queria fazer Rei, e a cada dia pera isso ajuntava mais gente com favor del Rei de Calecut, se foi de Vaipim, desesperado de por entam poder acabar o que dejava. Afonso Dalbuquerque desejoso de poer fim aos negocios de Goa, se tornou para Cananor deixando cuidado da carga das naos que aviam de vir pera o regno ao Alcaide mor Feitor, e a Gonçalo de Siqueira, que com ellas avia de tornar. Depois da partida do qual, o Principe que se dezia de Cochim favorecido del Rei de Calecut entrou nas terras do regno, bem acompanhado da gente de guerra, mas nem isto lhe aproveitou, porque foi desbaratado per Nuno Vaz de castel branco, e per Lourenço Moreno, e escapou por pouco de ser morto, ou preso, do que

ficou tam castigado, que de todo perdeo a sperança de ser Rei, e se tornou pera o serviço del Rei de Calecut. Em Cananor veo ter com Afonso Dalbuquerque hum embaixador del Rei de Cambaia, per quem lhe mandava dizer que tinha entendido que se fazia prestes pera ir ao mar de Arabia, que lhe pedia que de caminho quisesse entrar em hum dos dous seus portos pera lhe vir fallar, e com elle assentar pazes, e amizade, que era a cousa do mundo que por entam mais desejava. Por este embaixador recebeo Afonso Dalbuquerque huma carta de cincoenta Portugueses que el Rei de Cambaia tinha em seu poder, que foram dar a costa em huma nao em que dom Afonso de Noronha partira de çacotora onde se elle afogara, e outros que cometerão o mar em taboas, em a nao dando em seco, e estes ficarão na mesma nao, donde sairam com baxa mar, e foram levados a el Rei de Cambaia de quem recebiam muita honra, e merce, com tudo desejosos de liberdade, lhe pediam na carta que tevesse maneira com que os tirasse. Depois de Afonso Dalbuquerque ser em Cananor teve suspeita que Diogo Mendez de Vascogoncellos se fazia secretamente prestes pera Malaca, pelo que o prendeo, e aos outros capitaens sobre suas menagens, e aos piloutos mandou sob penna do caso maior que se não partissem senão quando lho elle mandasse a qual menajem nam quis alevantar aos capitaens se nam em Goa, depois que soube que foram falsas as informaçoens que lhe sobreste caso deram.

CAPITULO XI

De como Afonso Dalbuquerque foi a segunda vez sobela cidade de Goa, e a ganhou por combate, e doutras cousas que mais passarão ate as naos da carga partirem pera o regno.

PRESTES a armada com que Afonso Dalbuquerque avia de se ir sobre Goa, elle se partio de Cananor no começo do mes de Novembro do anno de M. D. x, com trinta, e quatro velas, de que eram capitaens, dom Hieronymo de Lima, dom Ioam de Lima seu irmam, Simão Dandrade, Fernam Perez Dandrade seu irmão, Francisco Pereira Coutinho, Emanuel de Lacerda, Ayres da Sylva, Garcia de Sousa, Duarte de Mello, Francisco Pantoja, Pero da Fonseca de Castro, Sebastião de Miranda, Antonio de Sa, Diogo Mendez de Vascogoncellos, Balthesar da Sylva, Pero Coresma, Hieronymo Ferniche, Gaspar de Paiva, Rui de Brito Patalim, George Nunez de Leão, George da Sylva, Emanuel da Cunha, Rui Galvam, Antonio da Costa, Fernão Feo, Nuno Vaz de castel branco, Antonio Raposo, Afonso Pessoa, George Botelho, Diogo Fernandez de Beja, Gaspar Cam, Simão Martins, e Antonio de Matos. Nesta armada averia mil, e quinhentos soldados Portugueses, e trezentos Malabares de que era capitam hum Naire muito nosso amigo, que fora Guazil del Rei de Cananor. Partido Afonso Dalbuquerque de Cananor, foi ter a Onor, onde o Timoja estava sperando, de quem soube como Goa estava muito forte destancias, e tranqueiras bem artilhadas, com mais de nove mil soldados Turcos, e doutras naçoens, e muitos manti-

mentos, pelo que assentado o modo que se avia de ter no combate, e que Timoja fosse com a mais gente que podesse pera entrar na ilha por terra, e celebradas as vodas que entam fazia com huma filha da Rainha de Gozompa, a que Afonso Dalbuquerque, pelo honrrar, foi presente com alguns dos capitaens, elle se partio de Onor pera Goa, com mais tres navios de Timoja, de que era capitam hum Gentio, chamado Medio rao, homem nobre, e esforçado, e foi ancorar dentro da barra acima de Rabandar defronte de Banganim, aos vinte dias de Novembro, sem achar quem lho estorvasse, no qual instante a gente de guarniçam que estava na fortaleza de Pangim a despejou, dos quaes os nossos tomarão alguns que dixeram a Afonso Dalbuquerque o que passava na cidade. Depois dancorado mandou a dom Hieronymo de Lima, que com dom Ioão de Lima seu irmão, Antonio de Moura, e hum capitam da ordenança fosse no seu batel dar vista a cidade, de longo da praia, o que elle fez ate chegar a fortaleza, e tão junto da terra que correo risco de lhe meterem o batel no fundo, e assi se tornou sem perigar nenhum dos que com elle foram, e dixe a Afonso Dalbuquerque que a seu parecer avia na cidade muita gente, e que assi a tranqueira, como as estancias, baluartes, e fortaleza estavam mui bem artilhadas, e apercebidas do que lhes era necessario, o que sabido, Afonso Dalbuquerque fez logo ajuntar os capitaens, e homens nobres da frota, per parecer dos quaes assentou que ao outro dia ante manhãa, que eram xxv de Novembro, dia de sancta Catherina de monte Sinai, saissem em terra, e cometessem a cidade, e pera que os Mouros estivessem desvelados, e cansados do trabalho da noite mandou que as gales, e o navio de Sebastiam de Miranda, com outros que demandavam pouco fundo se fossem lançar diante da cidade,

do caes ate porta de Mandovim, que a esbombardeas, sem toda a noite, o que fezeraõ, posto que com perigo pelos muitos pilouros com que lhe tiravam da tranqueira. Esta noite toda se passou neste jogo de bombardadas, e em se os nossos aperceberem pera o combate, os quaes juntos em seus bateis e paraos ao redor da nao de Afonso Dalbuquerque duas horas ante manhãa, os capitães subiram acima, e lhe dixeram que neste negocio nam quisesse aventurar sua pessoa, porque perigando elle não se teria por victoria tomar a cidade, pelo que lhe pediam que ficasse na sua nao, e lhes deixasse a elles o negocio, porque em se todos perderem, se naõ perdia nada em comparaçam de sua pessoa, aos quaes respondeo, que elles erão tam bons cavalleiros, cada um per si, que quando elle falecesse, o somenos delles abastava, nam somente pera reger aquella armada, mas ainda todo o Imperio de Persia, e da India, que elle estava tão magoado dos de Goa, que não teria por victoria tomarse, sem se sua pessoa nisso aventurar, pelo que lhes pedia, que cada hum se fosse a seu batel, porque elle sem tomar outro parecer se hia meter no seu. O que dito se tornaram todos aos bateis, e a voga surda chegaram a cidade, onde em rompendo a alva, sairam em terra com a bandeira Real, e porque estava ordenado que se cometesse huma tranqueira que estava de longo da praia per tres lugares, e que Afonso Dalbuquerque fosse cometer a porta, que se agora chama dos Bachareis, que he da banda do sertam, elle depois de todos serem em terra mandando tocar as trombetas com grandes gritas começou de subir a ladeira que vai ter aquella porta dos Bachareis, e com elle Francisco Pereira Coutinho, Pero Dafonseca de Castro, Antonio de Sa, Balthesar da Silva, Pero Coresma, George Nunez de Leam, George da Silva,

Hieronymo Cerniche, Rui Galvam, George Botelho, Antonio de Matos, Sebastiam de Miranda, Simão Martins, e outros homens nobres, que com a mais gente faziam quinhentos soldados Portugueses, allem dos trezentos Malabares do Guazil de Cananor, que hião na sua companhia. No mesmo instante que Afonso Dalbuquerque abalou pera porta dos Bacharéis, fezerão o mesmo os outros capitaens contra a tranqueira a qual dom Hieronymo de Lima, dom Ioam de Lima, Emanuel de Lacerda, Diogo Fernandez de Beja, Antonio Raposo, Pero Gomez de Limij, e Fedrique Fernandez com trezentos soldados foram cometer na parte que estava junto do muro da cidade, e Diogo Mendez de Vascogoncelos, Gaspar de Paiva, Rui de Brito Patalim, George Nunez de Leam, Hieronymo Cerniche, Nuno Vaz de Castel Branco, Gaspar Cam no meo com duzentos soldados, e Simão Dandrade, Fernam Perez Dandrade, Aires da Silva, Emanuel da Cunha, e Antonio Raposo no outro cabo, que chegava ate o estreito de Timoja com trezentos soldados. Os Portugueses que sairam em terra, eram por todos mil, e trezentos, porque os demais ficarão em guarda da frota com alguma gente do mar e a outra mandou Afonso Dalbuquerque que saisse em terra, para poer fogo a fustalha dos imigos, senam ganhasse a cidade dos quaes deu o cargo a Antão Vaz mestre da sua nao. Os imigos como sentirão a nossa gente em terra começarão a desparar a artilharia da tranqueira, mas posto que de todalas partes chouvessem pilouros, elles a cometeram, cada hum pela parte que lhe fora ordenado, ao que acudio o capitam da cidade, que em chegando a porta, que se agora chama de sancta Catherina, esteve quedo pera ver a qual parte lhe era necessario acudir em pessoa, e vendo que a

tranqueira se combatia per todalas partes, mandou chamar mais gente, da que estava pelas outras estancias, pera acudir aos que a defendiam, ao que vieram tantos, que os nossos tinham assaz que fazer. Com tudo per troços, e pelas astes das lanças, os da companhia de dom Hieronymo de Lima ganharam a tranqueira, o que tambem fezeram os que acometeram no meo, e no outro cabo de maneira que os imigos a desempararão de todo recolhendosse pera porta de sancta Catherina, seguindolhe os nossos o alcance de tam perto, que com bom quinhão delles chegaram a ella de mestura, mas querendo os primeiros que entrarão fechar as portas, remeteram a ellas os Portugueses, dos quaes Dinis Fernandez de Mello, que hia na dianteira, meteo huma chuça perantrellas, sobelo que tiverão huma grande perfia, elles a repuxar a chuça, e Dinis Fernandez, e Diogo Fernandez de Beja, que lhe logo acudio ater mão nella, ate que chegou a mais gente, que vinha aos botes com os imigos, que ficaram fora, que tomaram por partido escoarensse poucos, e poucos, de longo do muro contra a porta dos Bachareis. Iuntos assi os nossos a porta de sancta Catherina, trabalharão tanto, que per força a impuxaram, e o que entrou primeiro foi Fedrique Fernandez, natural de Villa Real, e apos elle Diniz Fernandez, Diogo Fernandez de Beja, dom Hieronymo de Lima, Vasco da Fonseca, Antonio Vogado, Pero Gomez de Limy, Ioam Lopez Dalvim, Antonio de Sousa, Gaspar Cão, Simão Velho, Alvaro Gomez, e Francisco Coelho de Vizeu, seguindo tras os imigos, que com o rosto sempre nelles tirando muitas frechadas, e outros tiros se recolhião tam de vagar, que teveram tempo pera acudir muitos dos que andavam espalhados pela cidade, os quaes juntos, e com a ajuda das pe-

dras, e cantos que lançavão das janellas, deram sobe los treze que nomeei, tratandoos tão mal, que lhes fora necessario tornarensse a sair pela porta se a mesma hora não chegaram Aires da Sylva, e Mendafonso de Tanger, com alguma gente, e apos elles Fernão Perez Dandrade, Emanuel da Cunha, Gaspar de Paiva, Antonio Garcez, e outros, os quaes juntos fezeram corpo, dando logo nos imigos com tanto animo que os fezerão recolher, huns peras casas do Çabaim, e outros per outras ruas, que foi causa de se os nossos tambem espalharem, seguindo tras elles, dos quaes, os que se recolhiam peras casas do Çabaim, seguiram dom Hieronymo de Lima, Gaspar Cam, Mendafonso, Vasco Dafonseca, Antonio Vogado, Ioão Lopes Dalvim, e outros ate vinte. A estes Mouros acudiram outros que juntamente deram nos nossos, e os começaram de tratar a sua vontade, porque logohi caio morto Vasco Dafonseca, e Cosmocoelho de muitas feridas, que lhes derão, e dom Hieronymo por se lhe ir muito sangue das que ja tinha caio esmaiado, pelo que se começavão de retirar, e poer em desbarato com muito perigo, se Mendafonso, com muito esforço, nam bradara dizendo, volta, volta, ao que respondeo Ayres da Sylva da boca mo tiraste, e bradando assi ambos fezerão voltar os outros com tanto impeto, que levarão os imigos ate o pe de huma escada dos Paços do Çabaim. A esta revolta acudirão alguns dos nossos, de que hum dos primeiros que chegaram onde dom Hieronymo jazia ainda vivo, foi dom Ioam de Lima, com Gaspar de Paiva, e outros, e por dom Ioam ver seu irmão tam mal ferido quisera ficar com elle, pera o acompanhar ate morte de que ja começava de dar os sinaes, mas dom Hieronymo lhe dixe que passasse adiante fazer seu officio, que elle estava acabando

na obrigaçam do que tivera a cargo, o que dom Ioão fez, não com menos esforço, do que era a dor que levava de se despedir de seu irmão pera o nunca mais ver vivo. Chegados estes ao mais forte da peleja, acharão o negocio mais travado do que cuidavão, porque das casas do Çabaim dalcão sairam tantos dos imigos, assi de pe, como de cavallo, que os cercarão todos, e os mataram se Deos nam trouxera alli Diogo Mendez de Vascogoncellos que com a sua gente toda junta veo rompendo pelas ruas da cidade, levando diante de si muitos dos imigos, matando, e ferindo nelles ate chegar onde os nossos ja estavam cercados de todalas partes, o qual em chegando fez fogir hos imigos que estavam da banda do terreiro, o que vendo os que defendião o pé da escada fezerão o mesmo, retirandosse por ella acima. Neste recontro derão huma frechada na maçãa de huma face a Emanuel de Lacerda, de que lhe entrou todo o ferro pela carne, ficandolhe pendurado com hum pedaço da aste, mas nem por isso deixou de seguir os imigos com os outros ate hos levarem ao alto de hum outeiro, donde vendo quam poucos eram os nossos remeteram a elles, e os fezeram recolher a huns degraos que estavãe junto das casas do Çabaim a modo de theatro, e dalli se defenderam hum pedaço ate que cobrando os nossos novo animo deram outra vez nos imigos, dos quaes o primeiro que mataram foi hum Abexi, que andava a cavallo, e o cavallo tomou hum criado de Emanuel de Lacerda, e o deu a seu senhor, que logo cavalgou nelle, trazendo ho ferro da seta, e o cabo da aste pregado no rosto, mas nem o sangue que da face lhe corria per todo o corpo, nem a dor da ferida lhe estrovaram de remeter a oito de cavallo que fez voltar. Com tudo os imigos como se depois soube dixerão que outro homem de

cavallo fora o que os fezera fugir, ho qual se nam pode nunca saber quem fosse, senam foi algum Anjo que Deos mandou em ajuda dos seus fieis Christãos. Finalmente com a morte deste Abexi, que antre elles devia ser homem de muita authoridade, assi hos de pe, como os de cavallo começaram dafloxar, fogindo alguns para a banda do Bandovim, e dalli ate a porta dos Bachareis, lançandosse muitos delles por cima do muro, dos quaes foi hum o capitam da cidade. Mas tornando a Afonso Dalbuquerque, depois delle ter sobido a ladeira, e ouvir o estrondo que hia na cidade, de artilharia, gritas, e brados, mandou a Simam Martinz que chegasse a porta de sancta Catherina pera saber o que passava, e ver que guarda avia na porta pera a ir cometer, o qual antes de chegar a ella encontrou alguns Portugueses que vinham dar a nova a Afonso Dalbuquerque do que passava, mas não o acharam alli, porque como despedio Simam Martinz, encaminhou logo pera a rua dos Bachareis, onde se encontrou com huma boa companhia de Mouros, que vinham fugindo da cidade, com os quaes ouve huma brava peleja, e por bom spaço, porque era hum esquadrão de valentes soldados, os quaes desbaratou, e fez fugir, com elles ficarem a mor parte mortos no campo. Isto acabado entrou na cidade por esta porta dos Bachareis, que achou despejada dos imigos e assi o castello dos quaes naquelle dia, em diversas partes morreram mais de tres mil. E porque os nossos senão desmandassem no alcance, mandou logo fechar todalas portas, dando graças a Deas da merce que lhe fezera, de com tam pouca gente tomar huma tal cidade, tam provida de gente, artilharia, e todalas outras cousas necessarias para se defender. Dos nossos foram feridos mais de trezentos, em que entraram Simam Dandra-

de, Emanuel de Lacerda, dom Ioam de Lima, Antonio de Sá, morrerão mais de quarenta, antre os quaes forão dom Hieronymo de Lima, Vasco Dafonseca, Cosmo Coelho, Antonio Vogado, Antonio Garces, Alvaro Gomez, e Pero Gomez de Limy natural Dalanquer. Acabado este negocio, que durou desde pela manhãa ate as dez horas antes de meo dia, Afonso Dalbuquerque armou muitos cavalleiros, antre os quaes forão, Emanuel da Cunha, e Fedrique Fernandez, a quem dom Ioão Terceiro no primeiro anno de seu regnado (no qual veo a este regno) tomou por seu criado, e fez outras merces em galardaõ deste serviço, e doutros muitos. Isto feito mandou Afonso Dalbuquerque poer fogo ao arrabalde da cidade, pelo assi ter jurado, por caso da treiçam que os Canarins que nelle moravam lhe fezeram, quando receberam os Mouros nelle no tempo da guerra passada, repartindo no mesmo dia as estancias, e capitanias dellas pera guarda da cidade, no qual chegou Timoja, com tres mil homens de peleja, desculpandosse que nam podera vir mais cedo, por alguns justos respeitos. Ho despojo da cidade foram armas, bombardas, ferro, cobre, e outras muniçoens de guerra, e dalmazens, e muitos, e bons mantimentos, que mercadorias havia poucas, por caso da guerra e assi se achou muita fustalha, assi varada como no mar, e por a ilha ficar pacifica lançou Afonso Dalbuquerque de la todolos Mouros, e Neteas, tomandolhes ha fazenda que tinham de raiz, pera ha dar em casamento a Portugueses com has moças que ja tinha captivas, e outras que agora tomara na cidade, com outros captivos, de que ho resgate de alguns passou de vinte mil pardaos, ao outro gentio da ilha, pelo erro em que cairão na guerra passada, pos o mesmo tributo que pagavam ao Çabaim. O que feito,

despedio logo pera Cananor o feitor pera fazer prestes as cousas que cumpriam pera a armada de Diogo Mendez de Vascogoncellos, e com elle Emanuel da Cunha a quem por ser filho de Tristam da Cunha, deu a capitania da fortaleza, que entam servia Rodrigo Rabello, o qual mandou que se viesse a Goa pera o ahi deixar por capitam, e porque se chegava o tempo em que vinham as naos de Ormuz a Goa, com cavallos, e outras mercadorias, mandou Fernão Perez Dandrade, e com elle Pero Dafonseca de Crasto, e Antonio de Sa em tres naos, pera que dessem seguro a todalas que achassem que vinham pera Goa, e a George Botelho, e a Simão Afonso Bisagudo mandou que andassem cada hum com sua nao sobella barra de Calecut, e tomassem quaesquer que saissem, e assi huma gale, que tinha por nova que estava pera partir pera o mar de Arabia, com pilotos pera guiarem huma armada dos Rumes a India. Mas nem a gale, nem outra nenhuma nao sairão do porto, ate o mes de Março que elles alli andaram. No qual tempo Fernão Perez deu caça a huma nao de Ormuz, sem saber donde era ate a encalhar no porto de Dabul, e por lhe o capitam, e Tanadar da cidade não quererem entregar a fazenda que levava, e sobrisso lhe mandarem tirar as bombardadas de hum baluarte, elle sahio em terra, e o mandou derribar, e levar a artelharia que nelle achou a sua nao, e George Botelho se encontrou sobella barra de Calecut com huma nao grande de Mouros brancos, com que pelejou per hum bom espaço, sem ha poder entrar, em que lhe mataram alguns dos seus, e feriram muitos, e a nao, posto que a não ganhasse, desfez toda as bombardadas, sem se della salvar mais que alguns fardos de roupa, que hiam sobella coberta, e cento, e vinte mil pardaos que se acharam em hum cesto

que hum Mouro descobrio, porque o nam matassem. No dia seguinte que Afonso Dalbuquerque ganhou a cidade lhe veo fallar Crisna, e pedir seguro pera os Bramanas, e outros moradores da ilha que logo deu, salvo pera os Mouros, e Neiteas, porque como fica dito estes assentou de lançar da ilha. Allem do seguro que veo pedir, lhe trouxe hum livro em que estavam scriptas has ajudas que os Reis, senhores, e mercadores da India davam pera armada dos Rumes, que se então fazia no mar de Arabia, em que entravam el Rei de Cambaia, de Calecut, e muitos senhores do Balagate, e mercadores mouros de Cochim, e Cananor, que ainda ficavam devendo algum resto, do qual Afonso Dalbuquerque mandou pedir aos mercadores ho que lhes tocava, e lho fez pagar, sem lhes quitar nada do que tinham prometido pera esta armada dos Rumes.

CAPITULO XII

De como os Mouros vieram cercar a cidade de Çafim, e do que se nisso passou.

DEPOIS da cidade de Çafim ser tomada pelo modo que atràs fica dito, e Nuno Fernandez Dataide capitão, e governador della ter feitas algumas entradas, das quaes a primeira foi huma em que tomou a casa, e castello do Mouro Sancto, e o captivou a elle, com mais de cem almas, e outras em que captivou, e matou muitos Mouros, principalmente dos Arabios Dazamor, que vivem a cinco legoas de Çafim, os mais dos lugares, vezinhos, aduares, e cabildas, por viverem em paz, se sobmeteram a obediencia da Coroa destes regnos dos quaes alguns depois destas pazes feitas, induzidos per outros Mouros, com medo das ameazas que lhes faziam ou per vontade, assentaram todos de virem cercar a cidade, de que os principaes erão as Cabildas de Olledambram de cima, e debaixo, Olleadeacob, Olledeboaziz que sam os Arabios Dazamor, Ollezozeth, Garabia, os Celabis Olledeceia: Os barbaros que a Dazamor ate Almedina, os de Almedina, os Barbaros, e Arabios do Castello Real, atte Aguz. Nesta companhia averia mais de cinco mil de cavallo, a gente de pe era tanta, que se estimou em mais de seis centas mil almas. Com esta multidam vieram poer cerco a cidade, aos xiij dias do mes de Dezembro de M. D. x, na ordem seguinte. Desna porta dos Gaphos ate alcaçova os de Almedina, com todolos Barbaros que habitão antre Azamor, e Çafim, e parte de Ollezobeth, da outra parte Dalcaçova ate o

mar pera Guarniz Olledambram Litahely, com Olledambram dizcanay, com alguma parte dos de Ollezobeth, e Barbaros de Xeatema. Este cerco se acabou de poer de mar a mar aos xxiij do mes sobredito, com muitos bastilhoens, tranqueiras, e baluartes, em que assentaram alguma artelharia de ferro, e metal. Nuno Fernandez, como teve pelos mesmos mouros da terra, a nova deste cerco, avisou el Rei per via de mercadores Christãos que residião em Azamor, e assi per via do Castello de Ioão Lopez de Siqueira, que he o de Sancta Cruz, como per via de Calez, e com o mesmo recado despachou hum navio a ilha da Madeira, donde lhe acudio muita gente nobre, e lhe mandou a molher de Simam Gonçalvez da Camara capitão, e governador desta ilha, por elle então andar na corte, huma grande companhia de soldados a sua custa, de que hia por capitão Emanuel de Noronha, irmão de Simão Gonçalvez ho qual Simam Gonçalvez, foi hum homem mui magnifico, e liberal, porque allem de suas grandezas, elle acudio sempre com muita gente, e navios, a sua custa a todolos rebates, e cercos, que de seu tempo ouve nos lugares Dafrica, assi no Castello Real, como no de Sancta Cruz, Aguz, Çafim, Azamor, Mazagão, Septa, Tanger, Arzilla, e Alcacer Ceguer, elle em pessoa, ou seu filho herdeiro Ioam Gonçalvez, ou quando não podião ir mandavam seus parentes, e amigos, no que despenderam muito de sua fazenda. E por acrecentar a seus louvores, posto que ja sera fora de seu lugar e o ter passado per negligencia direi aqui a honrra que ganhou, e obrigaçam que lhe a Coroa destes regnos tem no soccorro que deu a Çafim em tempo de Diogo Dazambuja, porque screvendolhe elle como tinha ganhada aquella cidade, e que temia que os Mouros viessem sobrelle, e lha tomassem, lhe

mandou logo trezentos homens, e apos estes foi elle em pessoa, com novecentos, e esteve tres meses em Çafim com estes mil, e duzentos homens a sua custa, nem se quis partir dalli ate a cidade nam ficar segura. E tornando a Historia, com esta gente da ilha da madeira, e com a que então havia na cidade ordenou Nuno Fernandez as estancias no modo seguinte. Da banda da porta Daguz, desda torre que estava junto do mar deu a capitania a Francisco Dabreu, e a dous seus irmãos, filhos de Ioam Fernandez do arco da ilha da madeira, na qual estancia avia cinco torres e oitenta braças de muro, dalli pera cima com a porta de Guarniz deu a guarda a Christovam Freire, em que avia oito torres, e cento, e catorze braças de muro. De Christovão Freire pera cima contra a Alcaçova guardava Ioam Esmeraldo, filho de Ioam Esmeraldo da ilha da madeira, em que havia nove torres, e cento, e trinta, e cinco braças de muro. Acima delles estava Luis Datouguia, filho de Franciscalverez provedor da mesma ilha, em cuja capitania caiam neve torres, com cento, e tres braças de muro. Dalli ate a Alcaçova, em que a doze torres, e duzentas, e quatro braças de muro, deu Nuno Fernandez a guarda a dom Rodrigo de Noronha, debaixo de cuja capitania estavam os Iudeus da cidade, de que eram capitaens Isac Benzamerro, e Ismael, da primeira torre Dalcaçova ate a torre grande era a estancia de Ioão de Freitas, e de seu irmão Antão de Freitas da ilha da madeira, da torre grande era capitão Gonçalo Mendez Çacoto Alcaide mor da cidade, no baluarte que esta ao pe desta torre grande estava tambem Ioam Homem, que aqui deu sinais de suas acostumadas valentias, como o sempre fez em todolas cousas em que se achou. No qual baluarte se pos a mor parte dartelharia grossa que avia na cidade, por

ser o lugar em que mais servia, do espaço que ha da torre grande ate a torre que esta sobre a porta Dalmedina tinha cuidado Gonçalo Martinz Valente, da porta Dalmedina pera cima era a estancia de dom Bernaldo Emanuel, camareiro mor del Rei, que tinha doze torres, e cento, e quarenta, e sete braças de muro, dalli pera baixo era a estancia de dom Garcia de Ça Coleima, com seis torres, e setenta braças de muro, e porque Pero de Brito da ilha da madeira chegou a Çafim depois de ser feita a repartição das estancias, Nuno Fernandez lhe deu tres torres, entre as de dom Bernaldo, e dom Garcia, da estancia do qual dom Garcia pera baixo estava Alvaro de Faria, cunhado de Nuno Fernandez Dataide, a quem couberam cinco torres, e sessenta braças de muro, dalli ate o mar era a estancia de Emanuel Cerveira, com Alvaro Mendez Cerveira seu irmão em que entrava a porta dos Gafos, no qual espaço avia cinco torres, e setenta braças de muro, entrando hi o baluarte novo da Abderamhão: da banda do mar, em que a doze torres, e duzentas, e dez braças de muro estava Nuno Vaz natural de Beja, com menos gente da que avia em nenhuma das outras estancias, porque o cerco dos Mouros nam chegava a praia, de maneira que tinha a cidade de Çafim em circuito neste tempo que era nossa, mil e trezentas, e vinte, e sete braças, entrando nesta conta cem braças, que a no lanço dalcaçova, e oitenta, e sete torres, o que com muitos, e fermosos edificios que nella avia dam manifesto sinal de sua grandeza. Repartidas as estancias pelo modo que tenho dito, ficou Nuno Fernandez Dataide pera nos combates acudir aos lugares onde ouvesse mais pressa com o Adail Lopo Barriga, e Nuno Gato contador da cidade, e alguns fidalgos, e cavalleiros em que entravam dom Iohão Henriquez, dom

Francisco de Noronha, Emanuel de Noronha, dom Ioão de Noronha, e Ioão Dornellas, todos da ilha da madeira, do qual Ioão Dornellas, por ser pessoa mui caleficada, confiava o capitão tanto, que a revezes tinham hum delles ha vella da prima, e o outro da alva, e as outras duas eram do Adail, e do contador Nuno Gato, o que assi ordenado Nuno Fernandez sahio da cidade aos vinte dous dias do mes de Dezembro (que foi hum dia antes de ser de todo assentado o cerco) com trezentos, e setenta de cavallo, e cento de pe, e quatro peças dartelharia encarretadas, com a qual companhia se pos em huma atalaia com sua gente em ordem de peleja, se os Mouros o viessem cometer, dos quaes se poseram ao redor delle muitos de pe, e de cavallo, sem ousarem de lhe chegar, o que vendo se recolheo com sua gente ordenada vindo os Mouros ladrando tras elle, aos quaes por serem tantos que cobrião a terra nam quiz fazer volta, nem dar licença a alguns fidalgos mancebos pera sairem da ordenança a escaramuçar com elles, posto que lha pedissem mui efficadamente, pelo perigo que nisso avia, temendo que tras estes se desmandassem outros, que era o que os Mouros desejavão pera os tomarem a sua vontade. Recolhido Nuno Fernandez, porque tinha sabido pelas espias que trazia entre os Mouros, que ao outro dia em que aviam dacabar de poer o cerco, tinham determinado de dar de noite combate a cidade, mandou prover todalas estancias de muitas panelas de polvora, fachas de cedro, e breu, alcatram, azeite fervente e fazer lumieiras sobelas ameas, o que vendo os imigos, e a grande vigia que tinham os da cidade deixaram de dar o combate por entam, e o deram a huma sexta feira, vinte, e sete dias do mes de Dezembro com muito aperto, porque chegaram ao muro alguns del-

les, que pelos trajos que trazião parecião homens nobres, vestidos descarlata, armados de couraças muito ricas, capacetes, e alguns tambem com cossoletes, e adarguas guarnecidas de cordoens douro, e retros, dos quaes os mais luzidos eram os Mecenias, e Alarves de Azamor, a quem coube o combate da parte da porta Dalmedina, ate a dos Gaphos, em cuja companhia assi dos huns como dos outros avia muitos espingardeiros, besteiros, e alguns bombardeiros mui destros em tirar. A estes que cometiam a pe, seguiam alguns de cavallo que os animavam entre os quaes avia hum acubertado, que como pessoa principal os mandava a todos. Com este impeto chegaram ao muro, trazendo escadas, mantas, alferces, picoens, e officiaes pera fazerem entrada, ao que lhe os nossos logo acudiram de cima do muro com tiros de fogo, setadas, panellas de polvora, breu, alcatram, e azeite ardendo de maneira que os fezeram arredar, com ficarem mortos de longo do muro mais de quatrocentos. Dado este combate logo ao outro dia pela manhã sahio Nuno Fernandez Dataide, com sos oito de cavallo pela porta de Almedina com preposito de tomar algum Mouro, pera saber a determinaçam delles, o que não pode fazer por ser visto, mas com tudo matou dois de pe, acima das ortas com que pos todo o arraial em revolta, e assi se recolheo a seu salvo, os quaes como gente que nam podia estar muito tempo junta pela grande multidam que avia della no campo, tornaram a dar outro combate a segunda feira, trinta dias do mesmo mes de Dezembro, o qual foi tam apertado, que alguns dos nossos começarão a desemparar as estancias, e a parte onde mais aficaram, foi da banda de Guarniz, na estancia de Francisco Dabreu, em que choviam setas, pedras de fundas, e

azagaias, de maneira que encobriam o sol. Nuno Fernandez andava a cavallo, visitando todalas estancias, acudindo aos lugares mais fracos onde deixava da gente que consigo trazia, e porque os Mouros chegarão a cometer pela banda do mar, que era a menos provida de gente, se deceo do cavallo, e com os que com elle andavam se pos naquella estancia, ate que se o combate acabou, que durou desnas onze horas do dia, ate as tres, com tanto esforço dos imigos, que sem receo dos muitos tiros de bombardas, espingardas, bestas, e outros arteficios de fogo com que os servião da cidade, chegaram ate os muros, com mantas, e escadas, e o começarão a picar de maneira que fazião ja per algumas partes delle entrada, e com as escadas começavam a querer sobir, ao que acudindo os nossos lhes fezerão tomar por partido arredarem-se, e deixar o combate, com perda de mais de seiscentos que lhe matarão, e sem mais tornarem a cometer a cidade, depois de a terem cercado dezasete dias, allevantarão o cerco ao outro dia, que era o derradeiro deste anno de Mil, e quinhentos, e dez. No alcance dos quaes sahio Nuno Fernandez com quatrocentos de cavallo, e cem piaens, na qual saida matou alguns Mouros e trouxe outros captivos a cidade, e fezera mor cavalgada segundo hião todos desordenados, mas vendo a multidam delles, e a pouca cantidade dos seus nam quis seguir mais adiante, contentandosse da merce que lhe nosso Senhor tinha feita. Neste cerco, allem dos capitaens, a que foram repartidas as estâncias, e pessoas que nomeei se acharam muitos fidalgos, e cavalleiros por lembrança das linhagens dos quaes porei aqui os nomes daquelles que pude alcançar, dom Francisco Deça, Simão da Sylveira, Christovão de Mello, Henrrique de Betancurt, Alvaro Dataide, Francisco de Sousa o Clerigo,

Antonio Barreto, Garcia da Cunha, Rui de Sousa, George Mendez Dataide, Sebastião Douliveira, Fernam Dalvares de Gá, Vasco de Pina, Pero Lourenço de Mello, Nuno Gil de Villalobos, Pero Rabello, Bras Caldeira, dalcunha má letra, Pero Soarez, Fernam Dalvarez Dalvim, Gonçalo Nunez Pereira, Antonio Mendez, e seu irmão, filhos de Rui Mendez, Alvaro de Poiares, Antonio Tinoco, Alvaro do Porto, Ioam Cordeiro, Simão Anrrulho, e hum seu irmão, Antonio Lamprea, Luiz do Loureiro, Fernão Varella, Pero Botelho, Ioam do Rego da madureira, Alvaro Rodriguez Dazevedo, Henrique Gomez, que depois foi meirinho do paço, Christovão Dandrade, Ioam Paez, Antonio Carvalho, Rui Freire, Ioam Dabanhadeira, Lopo da Gama, Emanuel de Maiorga, Gaspar de Figueiró, Vicente Ribeiro, Andre Caldeira, Stevão Daguiar, Nuno Vaz Pereira, Francisco de Vellosa, Antonio Correa, Bernaldim de Brito, Henrique de Parada, Ioão de Lisboa, George da Maia, Ioam Alvarez de Lagos, Diogo Sanchez Castelhano, que veo Dandaluzia ao socorro deste cerco, com cincoenta, e hum besteiros, a quem el Rei, allem de lhe ter satisfeito seu soldo, e de sua gente, fez merce, e assi a Alvaro Fernandez Mecunho, Castelhano, que veo com cem espingardeiros, posto que chegasse o mesmo dia que se o cerco levantou.

CAPITULO XIII

Do que Nuno Fernandez Dataide capitão, e governador da cidade de Çafim passou em huma entrada que fez per terra de Mouros.

DEPOIS deste cerco alguns dos Barbaros, e Arabios se fezerão vassalos, e tributarios a el Rei dom Emanuel, e os que ficarão de guerra por andarem juntos em cabildas com seus aduares, não foi logo Nuno Fernandez buscar, sperando tempo conveniente pera o fazer, mas sabendo que eram partidos a mondar seus paens, arredados Dalmedina a duas, tres, quatro, cinco legoas, a sombra do qual lugar andavam abrigados do receo que tinham dos Portugueses, determinou de ir dar sobreles, pera o que se fazendo prestes lhe deu hum mouro, sobrinho doutro que tinha captivo, aviso de como a huma legoa a traves Dalmedina estavão cinco destes aduares em que poderia dar, sem o sentirem, offerecendosse por guia ate o poer sobrelles. Nuno Fernandes considerando, que ainda que nam achasse estes aduares, poderia correr ate as portas de Almedina, e dahi passar adiante a buscar os outros, que andavam mais alongados do lugar, fazendo suaa mondas, partio huma quarta feira de noite vinte, e dous dias de Ianeiro de mil, e quinhentos, e onze, com quatro centas, e trinta lanças, e cem piaens besteiros, e espingardeiros, e sem decer chegou em amanhecendo a huma Torre, onde lhe o Mouro dixera que estavam os cinco aduares, os quaes nam achou alli, e por se assegurar milhor mandou has escutas que passassem adiante a ver se os podiam descubrir, os quaes lhe

tornaram com recado que os viram a mea legoa donde elle estava. Pelo que mandou diante Emanuel de Noronha irmão do capitão da ilha da madeira, que viera a socorro do cerco, como fica dito, e com elle cento e oitenta de cavallo, indolhe elle nas costas, e tras elles com a pionagem Andre Caldeira, e Ioam de Freitas: Mas Emanuel de Noronha como era mancebo, e desejoso de ganhar honrra, se adiantou bem mea legoa de toda a outra companhia que vinha atras, o que vendo Nuno Fernandez Dataide mandou Emanuel Cerveira com trinta homens de cavallo pera o ajudar, se disso ouvesse necessidade, e dizerlhe que se tornasse que assi era necessario, o qual achou ja mui travado com os Mouros, do que avisou logo per hum de cavallo Nuno Fernandez, que deixando em guarda da Bandeira Real, e por capitam da mais gente Alvaro Dataide se fol a mor pressa que pode com sos quinze de cavallo pera onde Emanuel de Noronha andava pellejando de cuja companhia mataram de huma lançada Alvaro Rodriguez Dazevedo chancerel dantre Douro, e Minho, e feriram dom Bernaldo Emanuel de huma pancada que lhe derão darremesso no rosto com hum pao, de que logo cahio do cavallo atordoado, e o Mouro que o ferio se lançou sobrelle, dandolhe huma agumiada per hum braço, mas vendo que o hia socorrer hum cavalleiro, per nome Afonso Rodriguez, se alevantou tomando a lança de dom Bernaldo, pera se defender com ella. No que estando ambos travados chegou George Mendez Dataide filho de Ioam Dataide o moço de Loule, e deu com os peitos do cavallo no Mouro, com tanta força que o derribou, apos quem veo Henrique Gomez. Os quaes, posto que se o Mouro logo alevantasse, e defendesse como muito esforçado cavalleiro o mataram, e ergueram dom Bernaldo, que

jazia no chão quasi desatinado da pancada, e muito sangue que se lhe hia da ferida, e assi o levaram a Bandeira pera o curarem, o qual neste dia o fez cõmo muito esforçado cavaleiro ate o derribarem, e assi o fez sempre em todolos feitos de guerra em que se achou, ate o matarem de huma arcabuzada no assalto de hum Castello no regno de Napoles, onde se achou, andando por sua vontade fora destes regnos. Mas tornando ao que toca ao negocio de Nuno Fernandez Dataide, elle chegou ao guiam que vinha com Emanuel de Noronha, que ja deixava os aduares destroçados, e trazia obra de cem almas captivas com muito gado grosso, e meudo, donde (estandolhe Emanuel de Noronha dando conta do que passava) vio estar a travez Dalmedina huma grande somma de gente de pe, pelo que suspeitando o que podia ser, se ajuntou com a batalha, poendo toda a gente em mui boa ordenança pera pelejar, se o viessem cometer, o que fazendo se descubriam de todo os mouros que serião mais de mil piaens, e quatrocentos de cavallo, os quaes sem nenhum receo o vieram cometer com tanto esforço, que esteve quasi a ponto de se perder, e se nam fezera volta a elles o desbarataram, na qual lhe pregaram tres lanças darremesso no cavallo, com que se fez hum pouco atraz para tomar outro, em que vinha hum seu paje. Nesta volta derribou Alvaro Mendez Cerveira hum Mouro, e Alvaro de Faria matou tambem outro, com tudo elles apertavam, de tal modo os nossos, que quasi estiveram pera se fazer atrás, porque erão tantas as lançadas que atiravão darremesso, zarzunchadas, e pedradas que encobriam o ar. Estando assi a batalha duvidosa, tornou a entrar nella Nuno Fernandez a tempo que vio estar hum seu escudeiro, e Ioam homem a pe defendendosse dos Mouros com as lanças, porque

lhe tinham ja mortos os cavallos, ao que logo acudio, e os salvou, Ioão Homem ferido de huma pedrada, com que lhe quebraram dous dentes, e assi o que trazia o Guião com outra que lhe derão na testa de que ficou atordoado. Andando neste trabalho lhe valeu o acordo que teve de bradar trez, ou quatro vezes mui alto a elles, a elles, com que cobraram tanto animo, que levarão os Mouros per huma ladeira arriba, e os apertarão de maneira, que em espaço de tres, ou quatro carreiras de cavallo matarão delles mais de trezentos, e os outros fugiram desbaratados de todo, sem lhe Nuno Fernandez querer seguir mais o alcance, contentandosse do que tinha feito, dando graças a Deos polo salvar daquelle perigo, em que lhe matarão seis piaens, e seis homens de cavallo, que forão Alvaro Rodriguez Dazevedo, Nuno Vaz de Beja, e hum criado de Ioam Dornellas, e dous scudeiros da ilha da madeira, dos que vierão com Emanuel de Noronha, e Ioam de Lisboa que foi hum dos que mais se meteo entre os Mouros, os feridos foram muitos, e assi se começarão de recolher com sua batalha, e azes ordenadas. Mas posto que aquelles Mouros ficassem desbaratados nem por isso deixaram de se ajuntar com outros que lhe acudiram que fariam per todos mais de oitocentos de cavallo, e vieram seguindo Nuno Fernandez ate legoa e mea da cidade de Çafim, onde chegou com assaz de trabalho entre as dez, e onze horas do dia. As pessoas conhecidas que se acharam em todo este negocio, forão, dom Bernaldo Emanuel, que sahio ferido no rosto, Emanuel de Noronha, Emanuel Cerveira, Christovam Freire, Simam da Sylveira que foi ferido de huma lançada no rosto, dom Garcia Deça Çoleima, Alvaro Mendez Cerveira, dom Rodrigo de Noronha, Alvaro de Faria, Pero Lourenço de Mello, Pero de Brito,

Mem de Brito seu filho, Gonçalo Mendez Çacoto, Bernaldim de Brito, Francisco Dabreo, Ioam Esmeraldo, Antonio de Lima, Fernam Dalvarez de Gá, Ioam Dornelas que veo ferido de huma lançada nos peitos, Ioam de Freitas, e o Adail Lopo Barriga que foi ferido em hum braço, Diogo Sanches Castelhano, Pero Soarez, Rui Gonçalvez, Vasco de Pinna, Andre Caldeira, Bras Caldeira ma letra filho de João Alvarez Caldeira ma letra cidadão de Lisboa, Rodrigo Rabello, Vicente Ribeiro, Christovão Raposo, Luiz Gonçalvez, que foi ferido em huma perna de que faleceo depois de ser na cidade, Hector Gonçalvez seu irmam, Andre Ramirez Castelhano, Ioam do Rego de Madureira, Alvaro do Porto, Duarte Dabreu, Fernam Pestana, com tres feridas, Pedralvarez filho de Lourenço Mendez de Lagos, Rui Teixeira, Martim Teixeira seu irmam, Nuno Vaz Pereira, Lopo da Gama, Gaspar de Figueiró, Fernam Dalvarez Dalvim, Gonçalo Valente, Francisco da Velosa, Ioam Paes Spinosa Castelhano, Antonio Mendez, da ilha da Madeira, Fernam Dominguez, Antonio Barreto, Ioam Homem que veo ferido no rosto, dom Frandisco de Noronha, Henrrique Gomez, Christovam de Sande da ilha da Madeira, George da Maia, Francisco Ferreira, Sebastiam Douliveira, Martim Cala lo de Setuval, Simam de Vilarinho de Lagos, e Inacio de Bulhoens, o contador Nuno Gato nam foi neste negocio, porque Nuno Fernandez o deixou na cidade por capitam da gente que nella ficava, receoso que a de Olledambrão que estava a duas legoas dalli, viesse correr, o que posto que nam fez, em elle tornando lhe sahio ao caminho huma legoa, e mea da cidade, seguindoo ainda os outros Mouros, dos quaes todos se desfez com assaz trabalho, de maneira que nesta entrada lhe mataram treze homens de pe, e de cavalo, e dezasete

cavalos afora mais trinta que mandou matar em tornando, que de cançados nam podião ir adiante, por nam ficarem aos Mouros, allem do que foi constrangido de deixar toda a cavalgada, carriagem, e azemalas, em que levavam o alforge, e outras cousas necessarias.

CAPITULO XIV

De outra entrada que Nuno Fernandez fez per terra de Mouros neste mesmo anno, de que ouve grande despojo, e do tributo que os Mouros daquellas provincias pagavam cadanno a el Rei dom Emanuel.

DEPOIS desta entrada fez Nuno Fernandez outras no mesmo anno de M. D. xi, per aviso de hum Mouro, cuja molher, e filhos tinha captivos, de quem soube que tres legoas allem de Conte, que sam cito de Çafim, estavam xxv aduares, dos quaes a Almedina averia duas legoas, mas porque se não fiou do Mouro mandou com elle Luiz Gonçalvez que alli viera Darzilla, e era mui bom homem de campo, e Diogo Lopez almocadem, e Spinosa, os quaes chegaram a hum cabeço que estava mea legoa sobelos aduares, donde virão os fogos, e por lhe nam sentirem a trilha dos cavallos, nam quiseram passar adiante, e se tornaram pera Çafim, onde chegarão ao outro dia em saindo o sol. Sabido per Nuno Fernandez o que passava, porque na cidade estavão entam muitos Mouros dos que vinhão com mercadorias, e mantimentos em que averia mais de seiscentos, mandou logo tomar as portas, e defender aos

porteiros, e guardas, que Mouro nem Iudeu, nem Christão deixassem sair fora sem seu mandado. O que feito mandou tocar as trombetas, e no mesmo dia em anoitecendo, que erão xxiij Doutubro partio com quatrocentos, e sessenta de cavallo, e quinhentos de pe. Neste tempo chegou a cidade Içabulbaquer, homem principal da Garabia, o qual vendo Nuno Fernandez armado com sua gente, se lhe lançou aos pes, com outros sete Mouros honrados, pedindolhe que ouvesse delles piedade, e não fosse dar nos seus aduares, que sobre sua fe, e salvo conduto mandaram vir pera par da cidade, donde estavão a duas legoas, este receo tomaram os Mouros, pelo salvo conduto que lhes dera Nuno Fernandez se não estender a mais que a poderem ir, e vir a cidade seguramente, mas elle os fez alevantar, prometendolhes que cumpriria inteiramente o que lhe elles entam pediam : do que consolados lhes dixe que era necessario, assim elles como todolos outros Mouros, e Iudeus que estavam na cidade nam sairem della ate elle nam tornar, e que o contador Nuno Gato, que ficava em guarda della lhes faria boa companhia. O que dito, deixando as estancias da cidade repartidas, tomou seu caminho contra os aduares, os quaes descubrio em amanhecendo, lançados em hum valle contra o mar que seria pouco menos de mea legoa em comprido, pelo que mandou logo Alvaro Dataide, e o adail Lopo Barriga com duzentos, e cincoenta de cavallo diante, pera irem dar nelles, per huma banda do valle, dizendolhes que faria o mesmo per outras partes, como lhe parecesse necessario, o que se fez tam de supito que os Mouros ficarão cercados no valle, e forão desbaratados com pouca resistencia, onde lhe tomarão mais de cinco mil cabeças de gado meudo, e de mil bois, e vacas, e trezentos camelos,

cavallos, asnos, e bestas muares, e captivaram quinhenhas, e sessenta, e sete almas, deixando mortas no campo bem trezentas. Era tamanha esta cavalgada, que tomava mais de mea legoa, pelo que temendosse Nuno Fernandez que dessem os Mouros sobre elle pera poder caminhar mais a sua vontade, e com menos perigo, por estar longe de Çafim, e o caminho ser mui roim mandou alargar todo o gado meudo, e camelos e com os demais começou de caminhar com sua vanguarda, retaguarda, e alas em ordem, na qual fazendo seu caminho, lhe veo falar a traves de Conte com sos dous de cavallo, e quinze piaens Cide Ihea Bentafuf, aqueixandosse delle pelo nam ter occupado naquella entrada, dizendolhe que se se elle achara no feito com sua gente, captivaram mais almas, e não deixarão nada da cavalgada. Nuno Fernandez o abraçou, dandolhe suas excusas, que o Mouro tomou, assi como as entendia, despedindosse delle, com lhe pedir que em todalas cousas que comprissem a serviço del Rei dom Emanuel seu senhor o ocupasse, porque o avia de achar sempre muito leal, e verdadeiro. Despedido Ihea Bentafuf, sendo ja Nuno Fernandez com toda sua cavalgada allem de Conte duas legoas, lhe veo dizer Alvaro do Porto que parecia huma Bandeira branca com gente de cavallo, pelo que fez logo cerrar a cavalgada, caminhando em sua ordem. Estes Mouros erão Dalmedina, e serião ao mais trezentos de cavallo, os quaes sem nenhum medo vieram ferir na retaguarda, de que forão tambem recebidos, do primeiro encontro, que se não atreveram a fazer mais que ir ladrando, e fazendo algazarras, tras os nossos, ate legoa, e mea de Çafim, onde Nuno Fernandez entrou com a cavalgada ja de noite. Os homens conhecidos que se acharão neste negocio forão, dom Rodrigo de Noronha, dom Ber-

naldo Emanuel, Christovão Freire, Simam da Sylveira, Alvaro de Faria, Emanuel Cerveira, Alvaro Mendez seu irmam, dom Garcia Coutinho, Francisco Dabreu, e seus irmãos, Antonio Barreto, Ioam Dornellas, Stevão Daguiar, que estava por feitor del Rei na cidade, Antonio Correa, Ioão Esmeraldo, Luis Datouguia, Antonio de Lima que veo ferido de huma pedrada no rosto, Nuno Vaz Pereira, Christovão de Mello, Pero Lourenço de Mello, George Mendez Dataide, Fernandalvares de Gá, Fernam Dalvarez Dalvim, Pero Botelho, Pero Soarez, Rui Gonçalves, que foi ferido de huma pedrada no rosto, Vasco de Pinna, Henrrique de Bentacourt, Bernaldim de Brito, Francisco de Velosa, os filhos de Rui Mendez, Inacio de Bulhoens, Hector Gonçalvez, que fora feitor, Gonçalo Mendez Çacoto, Ioam de Lisboa, Andre Caldeira, Alvaro de Poiarez, Antonio Carvalho, Diogo Gomez a quem mataram o cavallo, e elle foi ferido no pescoço, Antonio Barba, Rodrigo Rabello, Antonio Tinoco, Bras Caldeira ma letra, e Christovam Dandrade: morreo somente hum sobrinho do contador Nuno Gato por se desmandar dos outros, entrando tanto perante os Mouros, que o mataram sem lhe poderem socorrer. Depois de Nuno Fernandez ser na cidade, ao outro dia pela manhã lhe veo fallar Içabulbaquer com os outros Mouros que alli deixara, offerecendosse a quererem ser vassallos del Rei dom Emanuel, e pagarlhe tributo, e o mesmo fezeram outros lugares, cabildas, e aduares, os quaes me pareceo rezam nomear pera se saber quam grande conquista foi a desta cidade, e o grande proveito que este regno recebia dos tributos que toda aquella provincia pagava, e grande trato de mercadorias que nella avia, de que assi os Christãos, como os mouros, e Iudeus tazião muitos, e mui grossos ganhos. E por-

que Ihea bentafuf foi a causa principal del Rei ter tanto proveito desta cidade, he necessario a quem isto ler, que tenha lembrança de que no capitulo em que se trata da tomada della fica dito, de como el e veo a este regno dar suas desculpas a el Rei dalgumas cousas que lhe punham, que cometera contra seu serviço, do que deu de sim tam boa razam, que allem de lhe el Rei fazer merce, lhe assentou soldo pera elle, e vinte criados seus, com titulo Dalcaide da provincia da Duecala, que depois pos toda a obediencia del Rei, e não tão somente fez vassallos com ajuda de Nuno Fernandez Dataide, os desta provincia, e doutras desno rio Dazamor ate o Mogador de longo da costa, e atraves do mar ate os montes Claros allem de Marrocos, mas ainda os fez obrigar a pagarem cada anno certo tributo, assi antes deste cerco, como depois. O qual tributo, e pareas (por estarem debaixo da Bandeira Real destes regnos) pagavam pelo modo seguinte.

Item. Primeiramente os de Abida pagavão mil cargas de camello ametade em trigo, e ametade em cevada, contado dous de cevada per hum de trigo, e quatro cavallos.

Item. Garabia, e Çeja outros mil camellos de trigo, e cevada, e quatro cavallos.

Item. Olleidambram Lithalli outros mil camellos de trigo, e cevada, e quatro cavallos.

Item. Olledambrão Discavai outros mil camellos de trigo, e cevada, e quatro cavallos.

Item. Xiatima outros mil camellos de trigo, e cevada, e quatro cavallos.

Item. Os Arabios Dolidemete outros mil camellos de trigo, e cevada, e quatro cavallos.

Item. Os Dalmedina outros mil camellos de trigo, e cevada, e quatro cavallos. Davam estes Da medi-

na, allem dos mil camellos, a renda do pão que os Arabes traziam a Villa que era huma grande somma, nos quaes camellos montavam tres mil, quinhentos de trigo, a rezão de quarenta alqueires a camello de nossa medida, e tres mil, e quinhentos de ceveda a rezam de oitenta alqueires a camello.

Item. Os de Aguz, Acher, e Namer que erão do conto destas cabildas, e lugares, pagavão o que lhes montava soldo a livra, e mais quatro falcoens girifaltes primas.

Esta renda tinha el Rei dom Emanuel em Çafim, afora a dalfandega da mesma cidade, e outros direitos que lhe pagavam, assi Christãos, como Mouros, e Iudeus das mercadorias em que alli tratavam, o qual tributo, e obediencia que davam estes Mouros, eu achei per lembranças dos contadores, feitores, e almoxarifes del Rei que recebiam esta renda em Çafim, do que tambem da testimunho Ioão leam scriptor Arabigo, homem mui docto, e de muita authoridade que se fez Christão em Roma no tempo do Papa Leão Decimo, e compos muitos livros em Arabigo, entre os quaes fez hum que intitulou da discripção Dafrica, e cousas notaveis della, na segunda parte do qual fallando na cidade de Çafim, trata destes negocios, e diz mais que elle mesmo fora per mandado del Rei de Fez, e do Serife, Principe de Sus, e Dchea, fallar com Ihea Bentafuf pera o distrahir do serviço del Rei dom Emanuel, o que nam pode fazer, e que depois disto no anno do Senhor M. D. xiij, fora elle mesmo a Marrocos, e achara a cidade quasi despovoada, com medo dos Portugueses, testemunho abastante pera se poder crer a verdade deste negocio, o qual me confirmou de todo huma carta que achei entre outros papeis dos negocios desta cidade de Çafim, que Ihea Bentafuf screveo a el Rei dom Emanuel, em

que particularmente lhe dava conta das cousas que tinha feitas por seu serviço, entre os quaes era hum, terlhe posto debaixo de sua jurdição, e senhorio os Mouros que habitão desne Çafim, e Azamor ate allem de Marrocos, assentado com elles o tributo, e pareas que lhe aviam de pagar, e disto feito suas scripturas, e contratos, os quaes lhes fazia vir fazer a mesma cidade de Çafim perante Nuno Fernandez Dataide capitão, e governador della, e Nuno Gato contador, e outros officiaes del Rei, em cujo poder deixavão seus filhos, e parentes em arrefens, para mor segurança das pazes.

CAPITULO XV

Do que Duarte de Lemos passou depois de ser em Ormuz, e na India ate se partir pera o Regno.

Atras fica dito o que Duarte de Lemos fez ate chegar a Ormuz, depois de por falecimento de seu tio George Daguiar ser elegido, em Moçambique, por capitam darmada que avia dandar no cabo de Guardafum, e porque ainda nam sahi da ordem acostumada, que he fazer juntamente mençam do que os capitaens passaram em suas viajens, tratarei sommariamente neste anno de M. D. xi, o que lhe aconteceo depois dc ser em Ormuz ate tornar a Lisboa. O qual em chegando aquella cidade mandou dizer a el Rei, e a Cojeatar que elle trazia regimento del Rei dom Emanuel seu Senhor, em que lhe mandava que em tudo o que lhes cumprisse os ajudasse, e favorecesse, pelo que lhes pedia, que sem lhes lembrar o que passarão com Afonso Dalbuquer-

que lhe quisesse dar licença pera se acabar a fortaleza, porque fazendosse ficaria a cidade mais segura, pela obrigação em que os Portugueses ficavam de a guardarem, e defenderem. Cojeatar que absolutamente governava el Rei lhe respondeo, que quanto a fortaleza era escusado fallar nisso, porque per nenhum modo o avia el Rei de consentir, mas que tudo o demais que tocava ao contrato das pazes que fezerão com Afonso Dalbuquerque, estavam prestes para cumprir, e lhe dar logo os quinze mil xerafins, que eram obrigados pagar cadanno, sobelo que foram, e vieram muitos recados, mas em fim vendo Duarte de Lemos quão pouca gente tinha pera cometer a cidade, posto que contra parecer de alguns da frota, recebeo os quinze mil xerafins, e por não ser tempo pera tornar açacotora esteve alli dous meses em muita paz, e amisade com el Rei, e com os da cidade, que a todolos Portugueses que hiam a terra faziam muita cortesia, e banqueteavam, e festejavam como se foram seus naturaes parentes, e achegados, a cabo dos quaes se fez a vela, e foi ter a Mascate, donde despedio Vasco da Sylveira pera India, pedir naos, e gente ao Vicerei, com quem mandou Antão Nogueira, cunhado do mesmo Duarte de Lemos, pera tornar por capitam da nao, por quanto Vasco da Sylveira, e Diogo Correa que com elle tambem hia, avião de tornar da India por capitaens de duas gales que o Vicerei avia de mandar a Duarte de Lemos, os quaes despedidos, elle se partio de Mascate, e chegou a Çacotora no começo de Novembro, onde logo deu posse da capitania da fortaleza a Pero Ferreira Fogaça, e da alcaidaria mor a Antonio Ferreira seu sobrinho, e a capitania da sua nao deu a Simão de Lemos seu irmão. E porque depois de ser na ilha adoeceo de febres, e a terra ser doentia, se foi curar

a Melinde, mas antes que partisse deixou ordenado que com o primeiro tempo se fosse Francisco Pereira de Berredo pera India, e levasse consigo dom Afonso de Noronha, e Fernão Jacome, cunhado do mesmo dom Afonso, ao qual Duarte de Lemos Afonso Dalbuquerque screveo de Cochim per Antam Nogueira, excusandosse de lhe nam mandar logo naos, o que deixava de fazer por caso do desastre de Calecut, do qual avia medo que resultassem na India algumas novidades, mas que lhe prometia de elle em pessoa lhas levar, porque determinava de ir em busca dos Rumes, e que de caminho sperava em Deos de se verem ambos, e a dom Afonso de Noronha seu sobrinho screveo que se viesse logo, porque estava provivo por el Rei da fortaleza de Cananor. Com este recado chegou Antão Nogueira a Çacotora, onde achou Francisco Pereira de Berredo, e dom Afonso os quaes por o seu navio dar com tempo a costa sembarcaram ambos na nao do mesmo Antão Nogueira pera com elle andarem as presas, ate que Duarte de Lemos tornasse de Melinde os quaes andando entre o cabo de Fartaque, e o de Guardafum se encontrarão com uma nao muito grande de Cambaia da cidade de Reinel, a qual tomarão per força, e com ella (pela muita riqueza que trazia) se foram caminho da India, passando logo o capitam da nao, e Mouros principaes a Antão nogueira, e na nao dos mouros poserão por capitão Fernão Iacome, com alguns Portugueses. O que feito sendo tanto avante como Baticala lhes deu hum temporal por davante com que o piloto Mouro levou a nao de Cambaia a Dabul, onde se perdeo na costa, e Fernão Jacome, e os outros forão levados captivos ao Çabaim dalcão. Com a mesma tormenta se foi Antão Nogueira perder na enseada de Cambaia diante do lugar de Da-

mão, e morreo dom Afonso por se lançar ao mar, em a nao dando em seco, e os outros que sairam depois escaparam, e forão levados a el Rei de Cambaia, que sam os que escreveram a Afonso Dalbuquerque pelo embaixador do mesmo Rei como atras fica dito. Depois da partida de Antão Nogueira, estando Afonso Dalbuquerque em Anchediva, mandou Francisco Pantoja com huma nao a Çacotora para trazerem dom Afonso de Noronha, o qual Francisco Pantoja atravessando o golfão da costa da India, depois de ter passada huma grande tormenta, achou huma nao del Rei de Cambaia de oitocentos toneis, chamada Meri, de que era capitão hum parente del Rei, por nome Alecão, com a mesms tormenta alijara muita mercadoria, e lhe quebrara o masto grande ha qual se lhe rendeo aos primeiros tiros, por os Mouros virem muito desbaratados e cansados da tormenta. Com esta nao se foi Francisco Pantoja a Çacotora, onde achou Duarte de Lemos, e por capitão da fortaleza Pero Correa, irmão de Diogo Correa, que estava captivo em Cambaia da qual o proveo Duarte de Lemos, por ser fallecido Pero Ferreira Fogaça, e seu sobrinho Antonio Ferreira estar muito doente. Depois de Francisco Pantoja ser em Çacotora Duarte de Lemos lançou mão da nao Meri, e do que nella vinha, mas posto que Francisco Pantoja protestasse, que aquella presa pertencia a Afonso Dalbuquerque como governador que era da India, Duarte de Lemos allegando que fora tomada nos limites da sua capitania, e governança que era desno cabo de Guardafum ate Cambaia, mandou descarregar da nao tudo o que lhe aprouve, e o demais com os captivos mandou deixar nella, pera a levar consigo a India, pera onde se logo partio: a causa de sua ida era pera pedir naos a Afonso Dalbuquerque, e refazer ha sua trota

pera tornar outra vez aguardar acosta de Cambaia como tinha por regimento. Partido Duarte de Lemos de Çacotora sem na viajem lhe acontecer cousa que de contar seja, chegou a Cananor na entrada do mes de Setembro de M. D. x. onde Afonso Dalbuquerque o recebeo mui honrradamente, e a seu requerimento mandou soltar Simão Dandrade, e os outros que ainda tinha presos pelo caso que aconteceo em Goa na execuçam de Rui Diaz, e os ouve por restituidos nas suas capitanias salvo George Fogaça que soltou sobre sua menagem, mas os outros nam quiserão aceptar as capitanias, dizendo que se aviam dir para Portugal, que por isso não tinhão dellas necessidade, com tudo elles as tomaram depois, e se acharam na tomada de Goa, como fica dito. Depois de Duarte de Lemos ser em Cananor Afonso Dalbuquerque lhe deu conta de como determinava tornar sobre Goa, pedindolhe que quisesse ir com elle, avendo respeito quanto importava aquella cidade ao serviço del Rei, sobello que ja tivera muitos conselhos, nos quaes todos se assentara que a primeira cousa que fezesse devia de ser aquella o que Duarte de Lemos lhe prometeo fazer, com tudo elle no que podia contrariava as cousas de Afonso Dalbuquerque, anichelandoas, e dando a entender que era historia querer tomar Goa, que nem isso importava nada ao serviço del Rei, nem elle a avia de tomar ao que lhe nam faltava favor de homens que não querião bem a Afonso Dalbuquerque o que elle dessimulava com muito siso, e sofrimento. Andando assi nestes tratos, de que se ja começavam a recrecer escandalos, e palavras descubertas, chegou huma nao da companhia de Gonçalo de Sequeira, em que veo huma via de cartas pera Afonso Dalbuquerque, com huma para Duarte de Lemos, perque lhe el Rei mandava que entregasse as naos que trazia a

Afonso Dalbuquerque e se tornasse pera o regno. Com estas novas abrandou Duarte de Lemos, e ficou Afonso Dalbuquerque desassombrado delle, fazendo-lhe com tudo muita cortesia, mas nem isto abastou pera lhe Duarte de Lemos manter a palavra que lhe dera de o acompanhar na tomada de Goa. Entre todos estes negocios nam sesquecia Afonso Dalbuquerque dos que estavão captivos em Cambaia, e porque o capitão Alecão, que se tomou na nao Meri, era homem principal naquelle regno, tratou com elle, que a troco de sua pessoa fezesse com el Rei que lhe desse os Portugueses que la estavam, e pera se disso saber ha reposta com brevidade, elles ambos escreveram a el Rei per hum mercador Gentio morador em Cananor, ao qual Afonso Dalbuquerque mandou que particularmente soubesse os nomes de todos porque ainda não tinha certeza da morte de seu sobrinho dom Afonso de Noronha, o qual mercador negociou tudo tambem, per via de Miligupi, pessoa principal na corte del Rei de Cambaia, e muito seu privado, qué trouxe consigo Diogo Correa, e Francisco Pereira de Berredo pera virem negociar o que tocava ao resgate dos que la ficavam, e de Alecão, os quais acharam Afonso Dalbuquerque em Goa, e por delles ter necessidade, por ainda não ter assentadas as cousas que cumpriam a defensam da cidade, e ilha, os não quis deixar tornar a Cambaia, posto que lhe dixessem que tinhão prometido a el Rei de o fazer, e lhe levar recado seu dos negocios que lhes encomendara de tratar com elle de sua parte, aos quaes por entam não pode responder, e o fez depois. E porque demos fim a viajem de Duarte de Lemos' e assi a de Gonçalo de Sequeira elles se partiram de Cochim pera o Regno, Gonçalo de Sequeira com todalas naos de sua capitania salvo a de Emanuel da

Cunha que se perdeo como fica dito, e Duarte de Lemos com quatro naos em capitania por si, onde chegaram todos a salvamento neste anno de doze, excepto Gonçalo de Sequeira que invernou em Moçambique, e em Ianeiro do anno de Mil, e quinhentos, e treze entrou no porto de Lisboa onde alguns dias depois de sua chegada o matou hum bombardeiro da sua nao, Geldres de nação, por lhe ter embargado o soldo, e não consentir que lho pagassem os officiaes dos almazens.

CAPITULO XVI

Do que Afonso Dalbuquerque fez ate se partir de Goa, e dos embaixadores que alguns Reis e senhores da India lhe mandaram depois de saberem que tinha tomada esta ilha, e a cidade.

LANÇADOS da ilha de Goa todolos Mouros, e Neiteas, Afonso Dalbuquerque proveo nas tanadarias, em que pos officiaes Portugueses, e pera que a cidade se começasse de povoar, antes que se della partisse deixou casados mais de cento, e cincoenta homens, os mais delles criados del Rei, com as moças que tomara em Goa daquella vez, e da outra, que ja erão todas Ghristãas, e deu a delles officios, e a outros dos bens de raiz que tomara aos Mouros, e Neiteas, e a outros tenças, e dinheiro, e para os mais atraher a quererem ficar na cidade, lhes fazia muitos favores, visitandoos em suas casas, chamandolhes filhos, e filhas, fazendolhes ha despesa das vodas, acompanhandoos no dia do recebimento a egreja, com trombetas, e atabales, de maneira que

convertiam outras molheres da terra a se fazerem Christãs, e aos Portugueses a lhas pedirem em casamento. Alem disto mandou de novo lavrar moeda douro, prata, e cobre, nas quaes cousas andando ocupado e em todas mais que lhe pareciam necessarias pera deixar a ilha, e cidade seguras, em boa ordem quando se fosse, lhe chegarão embaixadores de alguns Reis, e senhores da India, dos quaes o primeiro foi o del Rei de Baticalla, que lhe trouxe as pareas que devia, offerecendolhe lugar pera fazer fortaleza, em qualquer parte da cidade que quizesse. O senhor de Chaul mandou tambem as pareas que devia, desno tempo do Vicerei, e assi huma nao carregada de mantimentos. Os outros embaixadores foram del Rei de Narsinga, de Calecut, de Cambaia, de Vengapor, de Onor, e de outros, offerecendosse todos a Afonso Dalbuquerque, pera o que lhe delles cumpriste, de maneira que erão tantos os embaixadores, e outras pessoas principaes que cada dia vinhão a Goa, que parecia ser a corte de hum grande Rei: estes todos detinha com lhe responder muito de vagar, pera assi verem as cousas que ordenava pera regimenso da Ilha, e cidade, e o que fazia pera defender a ilha dalguns capitaens do Çabain Dalcão, que então mandara, sobrella, dos quaes o principal era Milique agrihage, que foi desbaratado pelos nossos, e sobre tudo pera verem a armada que fazia pera ir buscar os Rumes, a qual tendo ja quasi prestes, mandou Diogo Fernandez de Beja a Çacotora, pera derribar a fortaleza, pola ter por desnecessaria, e recolher a gente em tres naos que levava, de que os outros capitaens, que hiam debaixo de sua bandeira, eram Antonio de Matos, e Gaspar Cam, e a Diogo Fernandez mandou que em Çacotora o sperasse ate a fim de Maio, e que se entam não tivesse recado

seu, se fosse a Ormuz receber as paceas, e dahi se tornasse pera India. Neste tempo vendo Diogo Mendez de Vascogoncellos como Afonso Dalbuquerque dessimulava com elle sem lhe dar aviamento pera a viagem de Malaca lhe fallou lembrandolhe quam bem o tinha servido na tomada de Goa, em que elle com toda a sua gente, alem da muita parte que tinhão em todo o trabalho lhe fezera sem outra nenhuma ajuda, hum dos mais fortes, e melhores baluartes da cidade, ao que respeitandolhe pedia que o despachasse, e deixasse seguir sua viagem. Afonso Dalbuquerque lhe pedio perdam por nam ter comprido com elle, rogandolhe que desistisse daquella opiniam, porque nam era serviço de Deos, nem del Rei deixallo ir a perder, e assi o tinha assentado em conselho, porque as cousas de Malaca eram de tanto peso que se avia mister pera ella muito maior armada, e mais gente da com que se tomara Goa, mas que lhe pedia que o acompanhasse a ir a buscar os Rumes, e que da tornaviajem o despacharia pera ho regno com todalas aventagens que podesse, porque assi o merecia elle a el Rei seu senhor, pelo muito serviço que tinha feito, e que assi lho avia descrever. Desta reposta se não contentou Diogo Mendez, dizendo a Afonso Dalbuquerque que elle iria a Malaca, posto que lhe elle pera isso nam desse aviamento, o que fazendo, faria o que lhe el Rei mandava, e o devera de ter ja feito, se nam forão as palavras que lhe dera, de que o effeito era muito ao contrario do que lhe prometera, com isto se despedio delle, com tenção de seguir sua viajem, o que sabido per Afonso Dalbuquerque, mandou a Diogo Mendez, e aos outros capitaens sobpena de degredo, e perdimento de fazendas, que nam partissem daquelle porto sem sua licença, e aos mestres sobpena das vidas. Com tudo Diogo Mendez se partio

huma noite, o mais secretamente que pode, do que Afonso Dalbuquerque foi logo avisado, pelo que mandou tras elle as gales, e muitos bateis, pera o fazerem tornar, e que se nam quisesse obedecer o metessem no fundo. As gales, e bateis, em que hia muita gente nobre, e alguns amigos de Diogo Mendez, chegaram a elle andando as voltas na bahia da augoada, e lhe requereram por muitas vezes que se tornasse, o que nam querendo fazer lhe tiraram de huma das gales por alto, com que lhe derrubaram a verga grande, e da outra gale com hum tiro mais baixo lhe mataram dous grumetes, o que vendo Diogo Mendez, e que o vento lhe era contrario pera sair, mandou amainar, o que feito entraram na sua nao todolos fidalgos que se alli acharam, e Rodrigo Rabello que disso levava o cargo fez logo vir das outras naos o capitão Hieronymo Cerniche, mestres, e pilotos, e os levou todos presos a Goa, e se procedeo contra elles jndicialmente pelo Ouvidor Pero Dalpoem, e dada sentença que Diogo Mendez fosse degradado pera Portugal, nas primeiras naos que partissem, e que entretanto estivesse preso sobre sua menagem na fortaleza de Goa e que Pero Coresma perdesse a capitania da nao, e fosse degradado pera Portugal, isto porque nam descobrira a Afonso Dalbuquerque a tenção de Diogo Mendez, posto que não quis ir com elle, nem pera isso mandou desamarrar a sua nao, que em quanto não fosse pera Portugal estivesse preso em Goa, e que Hieronymo Cerniche por ser o que mais movera Diogo Mendez a este feito, e se defendera as bombardadas das gales, e bateis que Afonso Dalbuquerque mandara para os fazerem tornar, que fosse degolado, e os pilotos, e mestres das naos enforcados, dos quaes os primeiros, foram o piloto da nao de Balthesar da Sylva (que ficara doente em Cananor,) e o mestre da

nao de Hieronymo Cerniche, os quaes ambos enforcarão nas vergas das mesmas naos em que cometerão o delito. Isto pos muito espanto aos embaixadores, que ainda ahi estavão que sabendo a causa, louvaram muito o que Afonso Dalbuquerque fazia, com tudo por intercessão de homens fidalgos os embaixadores del Rei de Narsinga, e de Cambaia, lhe pediram as vidas dos outros mestres, e pilotos que ja levavam a padecer, que lhes concedeo mudando a pena da morte em degredo pera outras naos, e avendo respeito a Hieronymo Cerniche ser estrangeiro, lhe revogou depois a sentença em degredo pera Portugal, e deu a capitania da nao de Diogo Mendez de Vascogoncelos a Fernão Perez Dandrade, que a tomou, com sobrisso ter muitos comprimentos com o mesmo Diogo Mendez, e ha de Hieronymo Cerniche deu a dom Ioam de Lima, e a de Pero Coresma a Gaspar de Paiva, e a de Balthesar da Sylva, por elle estar ainda doente em Cananor, a Iaimes Teixeira. O que assi feito, começou de despedir os embaixadores, dandolhes a reposta, que a suas embaixadas convinha, e a cada hum joias, e outras cousas, segundo a calidade do Rei, ou senhor, per cujo mandado vierão, os quaes todos se partiram delle mui contentes, louvando sua prudencia, e modo que tinha nas cousas que a seu cargo cumpriam.

CAPITULO XVII

De como Afonso Dalbuquerque partio de Goa pera o mar de Arabia, e por caso de lhe o tempo nam servir arribou e se foi com a mesma armada caminho de Malaca, e do que lhe aconteceo ate la chegar.

ASSENTADAS todalas cousas que cumpriam ao assossego, segurança, e ordem do governo da ilha, e cidade de Goa, deixando Afonso Dalbuquerque nella quatrocentos Portugueses, em que entravam oitenta de cavallo, e por capitão Rodrigo Rabello de castel branco Alcaide mor Francisco Pantoja, e feitor Francisco Corvinel, scrivaens Ioam Teixeira, filho de Ioão Paçanha, natural de Alanquer, e Vicente da Costa, e as tanadarias arrendadas per cincoenta, e dous mil pardaos forros pera el Rei, a hum Gentio, per nome Melrrao, irmão del Rei de Onor, a quem, pera as defender deu a capitania de cinco mil homens da terra, se fez a vela caminho do mar de Arabia no fim do mes de Março de mil e quinhentos, e onze a buscar os Rumes, e pera fazer huma fortaleza em Adem, e outra na ilha de Camarão, que he no começo do estreito do mesmo mar, por lho el Rei assi ter scripto, a armada era de xxiij. velas entre naos e galeons, navios dalto bordo gales, e galeotas, de que os capitaens erão, dom Ioam de Lima, Fernão Perez Dandrade, Gaspar de Paiva, Iaimes Teixeira, Sebastião de Miranda, Aires Pereira, George Nunez de Leão, Dinis Fernandez de Mello, Pero Talpoem, Simão Dandrade, Antonio Dabreu, Nuno Vaz de castel branco, Duarte da Sylva, Simão

Martinz Caldeira, Afonso Pessoa, Simão Afonso Bisagudo, Francisco Ferrão, George Botelho, Pero Dafonseca de Castro, Simam Velho de Soure, Mendafonso de Tanger, e Antonio de Sá. A qual armada dous dias depois que partio de Goa, querendo dobrar os baixos de Padua lhe deu hum temporal por davante, com o mar tão grosso que se poserão ao pairo, e por dizerem os pilotos que aquelle vento era geral, Afonso Dalbuquerque se tornou a Goa, onde teve conselho sobresta viagem, e foi assentado, que pois se lhe passava o tempo, que devia de ir sobre Malaca pois o tinha pera isso assazoado, pelo que se fez logo a vela para Cochim, donde tomou sua derrota pera Malaca, deixando alli Pero Dafonseca de Castro, Mendafonso Simão Velho, Antonio de Sa com outras naos, de que deu a capitania a Emanuel de Lacerda, pera que na entrada do mes Dagosto fosse correr a costa de Calecut, e dahi a Goa, onde deixou por capitam do mar Duarte de Melo de Serpa. Partido Afonso Dalbuquerque com xix. velas, e oitocentos Portugueses, e seiscentos Malabares frecheiros, e adargueiros, antes de ter passada a ilha de Zeiland, tendo ja tomada huma nao de Cambaia, lhe deu hum temporal com que se perdeo a gale de Simam Martinz, sem se della salvar mais que a gente, e hum tiro de artelharia. Acabada a tormenta, seguindo sua viagem tomou outra nao de Cambaia que hia para Malaca, e da parajem donde se esta tomou até a ilha de Çamatra tomou outras tres de Cambaia, que tambem hião pera Malaca, todas carregadas de muita, e rica roupa. O primeiro porto a que chegou foi o de Pedir, que he na mesma Ilha, onde lhe el Rei mandou nove Portugueses, dos que ficaram em Malaca, que alli vieram ter fogidos, dos quaes hum era Ioam Viegas, que lhe contou como alguns dias depois da partida

de Diogo Lopez de Sequeira, el Rei de Malaca mandara fazer justiça do Bendara, polo querer matar a elle, e se lhe querer alevantar com o regno, e que Nahodabeguea, Xabandar dos Gentios, que fora o que fezera levantar Malaca contra os nossos, por ser culpado na mesma treiçam fogira pera Pacem. Depois de Afonso Dalbuquerque ter assentadas pazes, e amizade com el Rei de Pedir, se partio pera cidade de Pacem, onde esteve alguns dias com sperança de aver a mão Nahodabeguea, por lho el Rei assi ter prometido, mas tudo foram enganos, porque el Rei de Pacem o deixou ir secretamente pera Malaca a dar novas a el Rei da vinda de Afonso Dalbuquerque, e ver se por alvisaras do aviso se podia reconciliar com elle. Nestes dias que Afonso Dalbuquerque esteve em Pacem assentou pazes com el Rei, o que acabado se fez a vela, e tanto avante como a ilha Polvereira, vespora de sam Ioam Baptista ouverão vista de hum jungo, que seria de setecentos toneis, o qual abalrroaram sem o poderem entrar, com tudo as bombardadas lhe matarão quarenta homens de trezentos que eram, mas porem os do jungo fezeram de supito hum fogo de azeite mineral, que faz mui grande labareda, e nam queima quasi nada, o que os nossos vendo, com medo do fogo nãc saltar aos seus navios se alargarão, e os do jungo depois delles idos apagaram ho fogo, e forão surgir hum pouco adiante donde fora a pelleja, o que tambem a nossa frota fez muito perto delle. Estando assi surtos apareceo hum navio da terra, a que chamam Pangueiahoa, que navegam a remos e a vela, e sam muito ligeiros, o qual Afonso Dalbuquerque mandou a Nuno Vaz, e a Aires Pereira que o fossem tomar com os bateis, e lho trouxessem a bordo, mas os marinheiros do navio vendo que os nossos lhe chegavam se lançaram ao

mar, ficando nelle Nahodabeguea com alguns seus criados, que sua ma ventura alli trouxera, os quaes se defenderam ate os matarem todos, e Nahodabeguea cair de cansado com ficarem feridos todolos nossos que entraram no navio, que em chegando a elle, depois de cair lhe viram o corpo todo atassalhado das feridas que lhe derão sem dellas sair nenhum sangue, mas em o despojando dos vestidos, e dalgumas peças douro que trazia sobre si, lhe tiraram do braço huma manilha em que andava hum osso, que era de humas alimarias que a no regno de Siam, que se chamam Cabis, ao qual em lhe tirando esta manilha se vazou todo o sangue, e morreo supitamente, ha virtude daquelle osso, segundo depois dixeram a Afonso Dalbuquerque, he de quem o traz não lhe poder sair nenhum sangue do corpo, por muitas feridas que lhe dem. Estando assi os nossos surtos appaceceo outro jungo que hia de Zeiland, e Choromandel pera Malaca, carregado de roupa, que valia mais de cento, e cincoenta mil cruzados, ao qual Afonso Dalbuquerque mandou Nuno Vaz, Sebastiam de Miranda, e Simão Afonso nos seus navios que o fezeram amainar, sem se defender, porque erão todos mercadores. Depois deste jungo tomaram outro que vinha de Malaca, em que se somente acharão mercadorias que podião valer trinta mil cruzados por quanto o ouro que era grande somma salvaram os mercadores no batel do jungo em que se acolheram a terra: dos que ficarão nelle soube Afonso Dalbuquerque novas de Rui Daraujo, e dos outros Portugueses que estavam em Malaca. O jungo grande de que se os nossos alargarão por caso do fogo arteficial, e a que poserão nome o bravo, por quam bem se defendera, esteve duas noites, e hum dia surto no logar onde lançara ancora, e ao seguinte quasi as dez oras do

dia sairam delle dous homens no parao, e se vieram direitos a nao de Afonso Dalbuquerque, a qual sobiram com seguro, e lhe dixeram que aquelle jungo nam era a presa que elle devia buscar, per nelle não aver outras mercadorias, que armas, e homens nobres, soldados que acompanhavam Soltão Zeinal, Rei desterrado de Pacem, que hia pedir soccorro aos senhores da ilha da Iaoa, pera o restituirem na posse do regno, que per direito lhe pertencia, o qual Soltão Zeinal considerando que aquella armada era de hum tam poderoso Rei, como el Rei de Portugal, e que elle vinha nella, de quem o mesmo Rei confiara tamanha cousa, como era a governança da India, que queria ser seu amigo, e assentar com elle pazes. Com este recado foi Afonso Dalbuquerque muito ledo, e mandou logo visitar Soltão Zeinal, per Fernam Perez Dandrade, fazendolhe muitos offerecimentos, desculpandosse, que se soubera que elle vinha naquelle jungo que o nam mandara cometer. Soltão Zeinal fez muita honrra, e agasalhado a Fernam Perez, respondendo que logo fora visitar Afonso Dalbuquerque a sua nao, se lho nam estorvara a ma disposiçam que nelle via, que lhe rogava que o tivesse por muito seu amigo, e que assi o acharia quando disso quisesse ver a experiencia. Afonso Dalbuquerque desejoso de tamanha honrra como era restituir aquelle Rei em seu regno o foi visitar ao jungo, e depois de muitas praticas, assentaram pazes, e amizade, do que se logo fezerão contratos assinados, e asselados por elles, em que Soltão Zeinal prometeo que restituindo o Afonso Dalbuquerque no regno de ficar vassalo dos Reis de Portugal, e lhes pagar as pareas, e tributos que os vassallos acostumam pagar a seus senhores, segundo a calidade, e poder de seus regnos, provincias, e estados. Isto assentado Afonso Dalbuquerque se tornou

a sua nao, e ao outro dia, levando em sua companhia Soltam Zeinal, se foz a vela pera Malaca, onde chegou ao primeiro de Iulho do anno de M. D. xi. e foi surgir entre muitas naos, e jungos de diversas naçoens, junto de huma ilha que esta a tiro de bombarda da cidade, os quaes temendosse dos nossos se alargarão, cada hum o mais que pode da nossa armada vigiandosse como homens que esperavão de ser cometidos, o que Afonso Dalbuquerque entendendo, mandou dizer a alguns officiaes da cidade (que logo vierão a bordo saber que gente era) que da sua parte podião dizer aos senhorios daquellas naos, e jungos que estivessem seguros, porque elle vinha de paz pera quem a quisesse, e tambem de guerra se lha alguem quisesse fazer, o que sabido pelas naos ho vierão logo visitar cinco capitães de cinco jungos da China, dos quaes soube que el Rei tinha novas de sua vinda havia ja dias, e como o soubera ajuntara muita gente, a qual tinha na cidade, e ao redor pelas aldeas, e que segundo seu parecer elle estava determinado de querer com elle antes guerra que paz, pera o que mandara embargar muitas das naos, e jungos dos que alli estavam, pera se delles servir, offerecendosse a Afonso Dalbuquerque se com elle tevesse guerra, por delle terem muitos aggravos por caso dos grandes roubos que lhes em suas mercadorias mandava fazer, e tiranias que com elles usava, o que lhe elle muito agardeceo, e deu credito ao que lhe dixerão, porque bem sabia a amizade que outros capitães Chins tiverão com Diogo Lopez de Sequeira quando alli viera ter, e os avisos que lhe davam acerca do que lhe cumpria, os quaes capitaens ceiaram aquella noite com Afonso Dalbuquerque, e foram mui bem festejados ao modo de Flandes, e Alemanha, no

que elles tem, e guardam os costumes, como se fossem das mesmas provincias.

CAPITULO XVIII

De como Afonso Dalbuquerque depoiz de ter bem entendidas as manhas, e dessimulaçoens del Rei Mahamede de Malaca deu na cidade, e do que fez atte se recolher á frota.

Ao outro dia pela manhãa mandou el Rei visitar Afonso Dalbuquerque com grandes desculpas do que naquella sua cidade acontecera a Diogo Lopes de Sequeira, dizendo que tudo fora feito sem o elle saber, e que por isso mandara matar o Bendara, que se vinha pera com elle ter paz, e amizade, que isso era o que desejava. Afonso Dalbuquerque respondeo ao messageiro, dissimulando com a morte do Bendara, a qual sabia que fora por outra causa que quanto a paz se a el Rei quisesse que de boa vontade consentiria nella, mas que antes que se nisso fallasse lhe avia de mandar Rui Daraujo e os outros Christãos que alli ficarão, com toda a fazenda que lhe elle mesmo mandara tomar, e que feita esta entrega se trataria o demais. A este recado respondeo el Rei, que os Christãos eram espalhados pela provincia, e feitos alguns delles Mouros, que os que ainda fossem Christãos mandaria buscar, e lhos entregaria, que quanto a fazenda, allem de ser pouca, a mais fora roubada, que a outra elle a mandara dar aos Christãos pera suas mantenças, pela qual rezão se não devia de fallar nisso, pois nam era obrigado satisfazer o que não tomara, nem mandara tomar,

nem despendera. Andando assim estes recados per meo de Ninachatu Gentio, amigo dos nossos, recebeo Afonso Dalbuquerque huma carta de Rui Daraujo, em que dezia que as dilaçoens que el Rei com elle usava erão pera se fortalecer, e o lançar daquelle porto ou lhe tomar a armada, ou ha queimar, o que assi os Mouros de Cambaia como os Malaios lhe aconselhavão que per nenhum modo fezesse com elle paz prometendolhe todas suas fazendas, e pessoas, e que com algumas armas que ajuntara, e lhe estes derão teria na cidade mais de oito mil tiros de fogo, entre espingardoens, e bombardas, das quaes lhe deram os de Cambaia quarenta de metal, e que o avisava, que posto que fezesse pazes, se não fiasse delle, porque era mao homem, cheo de enganos, e muito imigo dos Christãos, pedindolhe que de qualquer modo que fosse trabalhasse de o tirar daquelle captiveiro com os que com elle estavão. Afonso Dalbuquerque lhe respondeo que faria tudo o que nelle fosse, pelo que quis dissimular alguns dias com os enganos del Rei, no que se passou tanto tempo, que a Soltam Zeinal pareceo que Afonso Dalbuquerque nam ousava de cometer a cidade, e medroso que lhe queimassem a frota, se foi de noite secretamente pera el Rei, com a mor parte da gente que com elle vinha, do que Afonso Dalbuquerque teve muito desgosto, e mandou logo a Fernão Perez Dandrade com dez capitaens que fosse poer fogo a algumas casas que estavam metidas naugoa, e a tres naos de Cambaia que estavam junto dellas, o que elles fezeram, posto que achassem muita resistencia nos imigos. El Rei como soube que punhão fogo a cidade, na mesma hora mandou Rui Daraujo a Afonso Dalbuquerque com outros, pedindolhe que mandasse apagar o fogo que nam queria com elle senão paz e amizade, o que

Afonso Dalbuquerque mandou logo fazer, mas nam o das naos de Cambaia, porque estas deixou queimar sem se dellas salvar cousa nenhuma. Rui Daraujo em chegando dixe a Afonso Dalbuquerque que se nam fiasse das palavras del Rei, porque elle sperava pelo seu Lasamane, que he officio de almirante, o qual trazia huma frota de muitos navios bem armados com muita gente de guerra com a qual, e com a que tinha na cidade esperava de o desbaratar, Afonso Dalbuque, posto que lhe Rui Daraujo isto dixesse, dissimulou com el Rei, pera que se se a guerra começasse ser elle sem culpa disso, comtudo por ter menos que fazer mandou tirar dous jungos dos Chins do lugar onde os el Rei mandara poer, pera guarda da cidade, e os entregou a seus donos, dizendolhes, e assi a todolos da sua nação, que elles estavão em sua liberdade pera fazerem o que quisessem, mas que lhes pedia que se nam fossem ate verem o que passava em Malaca, pera disso levarem novas a sua terra, o que elles fezeram offerecendosse para o servirem em tudo o que lhe delles fosse necessario. Como Rui Daraujo foi na frota, Afonso Dalbuquerque mandou logo dizer a el Rei que pois lhe mandara os Christãos que agora queria tratar com elle pazes, das quaes o primeiro capitulo seria darlhe lugar na cidade pera fazer huma fortaleza, onde os Portúguezes estivessem seguros dos da terra, el Rei lhe respondeo que era disso contente, que lhe mandaria mostrar toda a cidade pera nella a fazer, no lugar que lhe mais aprouvesse. Esta reposta foi com tantas outras abstanças, que logo se tomou suspeita que tudo avião de ser enganos, como se achou por experiencia, porque el Rei nam sperava mais que o dia em que avia dentrar o seu almirante, pera cada hum per sua banda, darem na frota, e a desbaratarem, e queimarem, sobelo qual re-

cado respondeo Afonso Dalbuquerque a el Rei que mandaria a terra alguns capitaens, pera assentarem o lugar em que se avia de fazer a fortaleza, ao que el Rei lhe não respondeo mais, pelo que Afonso Dalbuquerque com parecer dos capitaens, e homens fidalgos determinou de mandar hum rebate na cidade, pera ver que gente acudia, e onde, e a ordem, e modo que el Rei tinha pera a defender, e de que lugar fazia mais fundamento. Este se vio manifestamente que era a ponte, e huma mesquita questava junto della, pela qual parte determinou Afonso Dalbuquerque dentrar a cidade, posto que contra parecer dos Chins que vendo quão pouca gente a nossa era, e sabendo quanta avia na cidade aconselhavão a Afonso Dalbuquerque que a não cometesse, mas que a fome a tomasse, porque se não mantinham se não do que lhe vinha defora, o que lhes agardeceo, dizendolhes que nisso lhe queria mostrar o bom modo que os Portugueses tinham na guerra, pedindolhes que se não fossem, o que ouvindo (ainda que espantados de verem nos nossos tanto esforço) elles como cavalleiros se offereceram a Afonso Dalbuquerque, pera serem com elle naquelle feito, do que se excusou, dizendolhes que os casos da guerra erão incertos, e qué se não ganhasse a cidade, que ficarião elles malquistos del Rei, e dos da terra, do que depois poderia recrecer danno a todolos de sua naçam, e logo ao outro dia que era vespora do Apostolo Sanctiago, em que tinha devação, aballou contra a cidade em amanhecendo, com a gale, e fusta, e bateis das naos, e alguns outros barcos, os quaes todos em chegando a praia desembarcaram por debaixo de muitos tiros de bombardas, espingardas, e frechadas que choviam sobrelles, desembarcados fezeram dous esquadroens, como estava ordenado, de hum dos quaes era capitão dom

Ioam de Lima, e com elle Fernão Perez Dandrade, Gaspar de Paiva, Iaimes Teixeira, Fernão Gomez de Lemos, Vasco Fernandez Coutinho, e Sebastião de Miranda. Estes, e outros desembarcarão no cabo da ponte, onde estava a mesquita, e casas del Rei, e AfonsoDalbuquerque com a bandeira Real no outro, da banda da mor povoaçam da cidade, e com elle Duarte da Sylva, Simam Dandrade, George Nunez de Leam, Aires Pereira, Ioam de Sousa, Antonio Dabreu, Pero Dalpoem, Dinis Fernandez de Mello, Simão Martinz Caldeira, Simão Afonso Bisagudo, Nuno Vaz de castel branco, e outros, e os Malabares adargueiros, e frecheiros, os quaes dous esquadroens, cada hum em sua ordem, como se assentara em conselho, a som de trombetas encaminharam pera cada huma das partes da ponte ate chegarem as tranqueiras, que de huma banda, e da outra estavam feitas: mas isto nam foi sem muito perigo, porque antes de la chegarem, e depois os imigos os tratavam mal, com todo genero de tiros. A primeira tranqueira que se ganhou foi pela banda da povoação grande da cidade por Afonso Dalbuquerque levar mais companhia que os que combatiam da banda da mesquita, que logo, posto que com muito trabalho fez recolher os imigos pera boca de huma das ruas principaes, onde se tiveram aos botes, defendendosse mui esforçadamente. O primeiro que subio esta tranqueira, e a entrou foi Simão Dandrade, e quanto a de dom Ioam de Lima elle com os que elle hiam entraram per força a outra tranqueira da banda da mesquita, levando os imigos diante de sim, ate darem com el Rei, que vinha sobre hum Elephante posto em hum castello com alguns dos continuos de sua casa. Alem deste Elephante avia outros ajaezados do mesmo modo, todos com espadas atadas nos dentes, a feroci-

dade dos quaes pos tanto espanto em alguns dos nossos, que de medo se começarão a retirar, mas Fernão Gomez de Lemos, e Vasco Fernandez Coutinho se deixarão estar quedos, e em o Elephante del Rei chegando lhe deram lugar, ficando cada hum de sua ilharga, e o feriram com as lanças tanto a vontade que começou logo desatinar, com o qual desacordo tomou com a tromba o que o governava, e o lançou no cham, e pisou aos pes, começando com a dor das feridas, e muito sangue que se lhe hia a desmaiar, o que vendo el Rei se lançou do castello, e o Elephante voltou pera tras, e foi dar nos outros Elephantes tão desatinado, com a dor da morte, que os desbaratou todos, e fez voltar para tras, sem mais quererem per nenhum modo tornar a batalha, por muito que lho rogassem os que os região, depois del Rei ser no chão com a muita gente que lhe acudio se começou huma brava peleja, entrelles, e os nossos, na qual deram a el Rei huma lançada em huma mão, pelo que se sahio logo secretamente da peleja, e se foi pera os seus paços. Os que ficaram na batalha, pelejavam tam esforçadamente que se os Portugueses lhe tocavam bem com o ferro, o mesmo faziam elles sem nenhum receo em quanto cuidaram que el Rei andava entrelles, mas como souberam que era fogido começaram dafloxar, retirandosse pera hum cuteiro em que estavam os paços del Rei, e alli se fezeram em corpo o que dom Ioam de Lima vendo, e o arroido que hia da outra banda onde Afonso Dabuquerque estava cercado dos imigos, deixando parte da sua gente na bcca da ponte pera a guardarem, deu nos que estavam nella com tanto impeto, que os que alli nam morreram, com medo da morte se lançarão no rio, onde os marinheiros que estavão nos bateis matarão os mais delles Afonso Dalbuquerque depois de

dom Ioam de Lima chegar aos imigos, ficou desaliviado do muito aperto em que estava, pelo que fazendo tocar as trombetas remeteo a hum grande esquadrão de soldados que estavão na boca de huma das principaes ruas daquella banda da cidade, os quaes se defendião com muito esforço, mas em fim forão constrangidos de deixar a rua, e se meter per outras mais estreitas que vinhão dar naquella. Despejada assi a ponte determinou Afonso Dalbuquerque de se fazer forte nella, pera onde se logo recolheo, e mandou fazer huma tranqueira em que pos alguma artelharia, com que varejava toda aquella rua grande, de que deu a guarda a Nuno Vaz de castel branco, e a George Nunez de Leão: mas posto que quisesse logo fazer outra tranqueira da outra banda da ponte que vai pera a mesquita, e paços del Rei, nam pode, por lhos imigos resistirem mui bravamente. Esta peleja durou ate horas de meio dia, andando ja os nossos tão cansados, que determinou Afonso Dalbuquerque de se recolher a frota, pera depois tornar sobela cidade, milhor apercebido do que entam viera: com tudo antes que se saisse da ponte mandou poer fogo as casas que dambalas bandas estavão junto della, de que as mais, por serem cubertas dolla arderão e parte dos paços del Rei, e da mesquita, no que se passou este dia, ate horas de sol posto em que se recolherão a frota, levando cincoenta, e duas bombardas de metal, e ferro, que estavam nas estancias da ponte, e algum outro despojo que tomaram pelas casas da cidade, a que entam poderão chegar; dos imigos morrerão neste dia muitos, como se depois soube e dos nossos treze, e foram feridos mais de setenta, neste dia fogiram da cidade muitos mercadores, e outras pessoas, e o mesmo fez el Rei de Pam,

que então alli viera casar com huma filha del Rei de Malaca.

CAPITULO XIX

De como Afonso Dalbuquerque recebeo Vtetimutaraja em sua amizade, e mandou hum messageiro a el Rei de Siam, e tornou sobre Malaca, e a ganhou per força, e dos embaixadores que lhe depois mandaram alguns Reis daquellas provincias, pedindolhe paz, e amizade.

ENTRE outros mercadores Iaos, que eram os mais poderosos que avia nesta cidade, o principal, e de mor trato era Vtetimutaraja, o qual vendo o que Afonso Dalbuquerque fezera o dia que cometeo a cidade, temendosse que a ganhasse, quis assegurar seu partido, mandandoo visitar com presentes, pedindolhe que o quisesse ter no conto dos amigos, com o que elle foi mui ledo, porque este mercador podia tanto na cidade que lhe avia el Rei medo, e lhe dera por isso hum arrabalde que se chama Vpiem que vivia com mais de seis mil escravos seus captivos casados, afora outros solteiros. Afonso Dalbuquerque como recebeo este recado o mandou logo visitar com outros presentes, dandolhe seguro pera elle, e para todalas naos da Iaoa que estavam no porto. Os capitaens dos jungos da China por se lhes passar o tempo da navegaçam pedirão licença a Afonso Dalbuquerque, a qual lhes deu e mantimentos que lhe pediram, pelos não poderem aver da cidade, e porque hum delles per nome Pulata avia dir a cidade de Siâo, lhe rogou que levasse

consigo hum Portugues daquelles que estiverão captivos com Rui Daraujo per nome Duarte Fernandez, que sabia a lingoa Malaia, per quem mandava visitar el Rei de Sião dandolhe conta do que tinha feito em Malaca, offerecendosselhe, pera naquella cidade (que esperava em Deos ganhar mui cedo) recolher todolos Siames que alli quizessem vir viver, pelo qual messageiro lhe mandou huma espada guarnecida douro esmaltado, com suas cintas do mesmo jaez. El Rei de Malaca depois que se Afonso Dalbuquerque recolheo da ponte pera a frota, mandou de novo fazer nella outras tranqueiras mais fortes que as primeiras, e pelas estancias assentar muita artelharia, e na rua que vai da ponte para a povoaçam grande da cidade mandou fazer huma tranqueira, em que pos muita mais artelharia, e nos lugares onde lhe parecia, que a nossa gente poderia desembarcar, mandou lançar muitos abrolhos daço ervados, do que tudo o Gentio Ninachetu avisava Afonso Dalbuquerque e porque o que lhe mais importava era ganhar a ponte, tomou pera isso o jungo que fora do Soldam Zeinal, por ser grande, e alteroso, de que deu a capitania a Antonio Dabreu, no qual jungo mandou fazer arrombadas muito fortes, e poer muita artelharia, e outras munições de guerra, e meter muitos mantimentos, e porque era tamanho, que não podia chegar a ponte se não depreamar com agoas vivas, lhe foi forçado esperar alguns dias, nos quaes os imigos, depois de o jungo estar ja perto da ponte o vieram cometer muitas vezes, com balsas de fogo, as quaes os nossos desviarão dos bateis com arpeos, de maneira que nenhuma dellas chegava ao jungo, o qual pouco a pouco, assi como as agoas hião crecendo, hião alando pera a ponte, a pesar dos da cidade, que de noute e de dia não fazião outra cousa que descarregar tiros

de fogo nelles, e sendo ja perto da ponte deram a Antonio Dabreu huma espingardada nas queixadas, que lhas passou de huma banda a outra, o que sabendo Afonso Dalbuquerque mandou pera o jungo Dinis Fernandez de Mello, e Pero Dalpoem, para nelle ficarem em seu lugar o que elle não quis consentir dizendo que ainda tinha pes pera andar, e mãos para pellejar, e lingoa pera fallar, e siso pera reger, e esforço pera mandar ainda, que fosse da cama, que em quanto tevesse vida não havia ninguem de mandar no jungo. Ao outro dia que era a cabeça daugoa, dez Dagosto de M. D. xi. foi o jungo abalrroar a ponte duas horas ante manhã, e Afonso Dalbuquerque cometer a cidade, levando consigo os Malabares que trouxera da India, no que em tudo ouve grande resistencia por parte dos imigos, assi dos que estavão na ponte, como nas tranqueiras, em que mataram alguns dos nossos, e feriram mais de oitenta, com tudo a ponte foi ganhada dos que hião no jungo, e as tranqueiras dos que sairam em terra, dos quaes como hia ordenado, Dinis Fernandes de Mello, George Nunez de Leão, Nuno Vaz de castel branco, e Iaimes Teixeira com a gente, que para isso levavam, depois de ganhada a tranqueira que hia pera os paços del Rei, se forão contra a mesquita e dos que desembarcaram da outra banda mandou Afonso Dalbuquerque hum esquadram contra a tranqueira, com que el Rei mandara atravessar a rua que vai da ponte pera a povoaçam grande, a qual os imigos, depois de a defenderem hum bom pedaço deixaram, retrahendosse por outras ruas. O que feito, pondo Afonso Dalbuquerque boa guarda nelle se foi perá ponte (que de todo ja tinha despejada Antonio Dabreu) em busca dos que foram cometer a mesquita, onde os imigos de muito apressados delles não en-

traram, de modo que foi tomada sem se nella achar pessoa que a podesse defender. El Rei sabendo como a tranqueira da banda da mesquita era entrada, veo sobre hum Elephante acudir aos seus, mas vendoos vir desbaratados se tornou pera os paços, com mais de tres mil soldados que consigo trazia, o qual Dinis Fernandez, e os outros daquella companhia nam quiseram seguir, por verem quam pouca gente tinham em comparaçam da com que se el Rei recolhia. Afonso Dalbuquerque nam fez mais que entrar na mesquita, e encomendar a guarda della aos que a ganharam, e dalli se tornou logo a ponte, onde ja achou muitas das munições que mandara levar no jungo pera a fortalecer, com que, e com pipas cheas de terra mandou no mesmo dia fazer duas tranqueiras dos cabos da ponte, em que pos artelharia e outras muniçoens de guerra. Neste tempo com alguma artelharia e espingardoens que os imigos tinham sobellos terrados da banda da povoação grande fazião muito mal aos nossos. O que vendo Afonso Dalbuquerque, mandou dom Ioão de Lima, Simam Dandrade, Fernão Perez Dandrade, Gaspar de Paiva, Pero Dalpoem, Aires Pereira, Simam Afonso, e Simão Martins repartindoos em dous esquadroens, que fossem per duas ruas das principaes, e nam dessem vida a pessoa nenhuma, os quaes ao entrar das ruas acharam alguma resistencia mas os imigos como homens que vião que o sobre que se mais avia de pelejar era ja perdido, se somirão per outras ruas, ficando muitos delles mortos nellas, e muito mais do popular, assi homens como molheres, e mininos, que foram tantos que corria o sangue pelas ruas. Tornados os dois esquadroens, Afonso Dalbuquerque mandou tomar duas casas grandes, que estavam junto da ponte da banda da

povoaçam grande, em que mandou poer artelharia nos terrados, e outras muniçoens, e gente, com cada hum seu capitão, pera dalli varejarem a cidade com a artelharia, allem disso mandou entrar pera dentro da ponte alguns bateis, artilhados, em que pos em cada hum seu capitam, pera guardarem o rio, no que se passou este dia, e logo no seguinte pela manhã foi Afonso Dalbuquerque cometer oa paços del Rei, mas nem o achou a elle nem o grande thesouro que nelles tinha, porque nam passou toda aquella noite em outra cousa senão em fazer levar pera o sertam tudo o que nos paços avia de preço, e elle com todas suas molheres, filhos, casa, e gente, se partio ante manhã tam cedo, que quando Afonso Dalbuquerque la chegou não avia ja nos paços cousa de que se podesse fazer conta, do que alguns dos nossos anojados, lhe poserão fogo, sem o Afonso Dalbuquerque saber. Neste mesmo dia lhe veo fallar Vtetimutaraja, e assi alguns mercadores Pegus, pedindolhe que lhes desse licença pera acabarem de carregar suas naos, e seguir sua viajem o que lhes concedeo, dizendolhes que nam queria com elles, nem com todolos outros mercadores que alli estavão senão paz, e amizade, se elles nam fezessem per onde merecessem castigo. Alguns dos soldados dos imigos, que ainda ficarão na cidade, que seriam mais de seis mil, desenquietarão os nossos, per espaço de oito ou nove dias e foram tambem castigados que ouverão por partido não tornar mais. Acabados estes rebates, deu Afonso Dalbuquerque licença aos nossos que roubassem a cidade, excepto a povoaçam de Vtetimutaraja, e as casas dos Pegus, Iaos, e Quelins, e as de Ninachetu, que do primeiro dia que ganhara a ponte andou sempre com elle, com tudo nas dos Malaios, e Guzarates, se achou tanta fazenda que se aos nossos sóuberão guardar,

cada hum delles tornara rico para suas casas. Morrerão dos imigos tantos que senão pode bem saber o numero, dos nossos foram muitos feridos, e morreram mais de oitenta: acharansse na cidade mais de tres mil bombardas, entre grandes, e pequenas, de ferro, e metal, entre as quais avia huma grossa que el Rei de Calecut, com outras mandara a el Rei de Malaca. Nos almazens del Rei se achou muito cobre, aço, ferro, chumbo, estanho, enxofre, salitre, polvora, armas, e outras muniçoens de guerra, e muita enxarcia de naos, o que se tudo tomou pera el Rei, e do despojo das mercadorias que se tomaram na cidade, couberam a parte del Rei mais de duzentos mil cruzados, afora o que se roubou, que foi o mais substancial, porque nenhuma cousa douro, nem prata veo a leilam, nem os captivos que foram muitos, onde se viera o que os imigos salvaram da cidade o numero da riqueza fora infinito. O que feito, para que os moradores estrangeiros da cidade a tornassem a povoar, e se viessem pera ella, sem medo, deu Afonso Dalbuquerque a governança dos Gentios a Ninachetu, e a dos mouros a Vtetimutaraja, pera os julgarem, e regerem a cidade per suas leis, e costumes, reservando apelaçam, e alçada pera justiças dos Reis de Portugal, e assi se tornou muita gente desta pera Malaca, salvo os Malaios, porque a estes mandava fazer guerra, e matar todos onde quer que os achavam. El Rei se acolheo para hum lugar, oito legoas da cidade, que está ao longo do rio, que se chama Muar, deixando o cargo da guerra (por elle ser homem velho) ao Principe seu filho, o qual por os nossos nam irem nos bateis, e navios de remo por este rio arriba mandou fazer nelle estacadas. O que sabendo Afonso Dalbuquerque mandou la Simão Dandrade, Fernam Perez Dandrade, Gaspar de Paiva, Aires Pereira,

Francisco Serrão, George Nunez de Leam, e Rui Daraujo com alguns Portugueses, e mil Iaos que deu Vtetimutaraja, e seis centos Gentios que deu Ninachetu, e trezentos pegus que deram os senhores dos jungos de Pegu. Mas sabendo o Principe sua vinda se foi pera onde estava el Rei seu pai pelo que sem nenhum perigo nem resistencia desfez a nossa gente as estacadas, e deu no arraial do Principe, de que a mor parte ainda estava de longo do rio, onde depois de fogirem os imigos tomaram sete Elephantes de guerra, com todos seus jaezes, e arreos, e muitas tendas, e outro despojo com que se tornaram pera Afonso Dalbuquerque, que ja andava occupado em fazer huma fortaleza no mesmo lugar em que estava a mesquita, a que pos nome a famosa pera o que lhe foi grande ajuda a pedra de muitas sepulturas que alli achou de senhores, e outras pessoas daquella provincia, e escravos Malaios, que foram del Rei, os mais delles casados, que andavão fogidos pelos bosques, a que deu seguro pera se tornarem pera a cidade, com o qual se tambem tornarão alguns mercadores, que andavão com el Rei, espalhados de novo, sem quasi se sentir o estrago que nella fora feito. Afonso Dalbuquerque entre tantos trabalhos se não esqueceo de fazer os officiaes Gentios, e Mouros, que lhe parecerão necessarios, pera governarem os moradores daquella cidade, e porque de todo se soubesse, que estava ha obediencia del Rei de Portugal lhes deu regimento, e ordenaçoens per onde se regessem, e fez moeda nova destanho de que se acha muito, em minas que a no mesmo regno, a que pos nome dinheiros, de que hum valia dous caxes, que era a moeda, que então corria na terra, e outra de dez dinheiros a que pos nome soldos, e outra de dez soldos a que pos nome bastardos. E porque

ate entam senam usava entre os Malaios moeda douro, nem prata, e serem antrelles estes dous metaes mercadoria, que se dava a peso, fez moeda de prata de valor de mil reaes, a que chamavão Malaqueses, e douro do mesmo peso a que pos nome Catholicos, todos cunhados do cunho, e armas destes regnos, as quaes moedas mandou apregoar com grande solemnidade, e poer penna, que do dia do pregam a vinte dias não corresse mais ha moeda dos Malaios, sob pena de perdimento da fazenda. Alguns dias depois de Afonso Dalbuquerque ter tomada Malaca, vendo o Lasamane, como a cidade estava de todo á obediencia del Rei de Portugal, tendo por nova certa, como el Rei Mahamed morrera de nojo, por se ver despossado de huma tam rica joia, e o Principe fora desbaratado no Rio de Muar, e se retirara para o sertão, mandou recado a Afonso Dalbuquerque, pedindolhe seguro pera se vir pera elle, e o servir com a armada que tinha, como o fezera a el Rei Mahamed ja defunto, o qual seguro lhe logo mandou, mas estando resoluto em se vir pera a cidade lhe screverão alguns, que o não desejavão nella, que o não fezesse, por saberem que o avia Afonso Dalbuquerque de occupar nas cousas principaes do governo, dizendolhe, que como lá fosse o avia de mandar matar, pelo que não ousou de vir, do que Afonso Dalbuquerque foi muito anojado, e o castigo dos que lhe tal screverão deixou pera seu tempo. Duarte Fernandez, que Afonso Dalbuquerque mandara a el Rei de Sião depois de ter dada sua embaixada na cidade de Vdia se tornou, e com elle hum embaixador del Rei per quem lhe screveo, que tudo o que de seu regno lhe cumprisse acharia nelle mui inteiramente, e lhe mandou hum anel com hum muito rico robi e hum estoque de ouro, e huma copa de ouro com

huma carta del Rei dom Emanuel, em que lhe screvia muitos contentamentos de o ver senhor de Malaca, e de ter por vizinhos seus capitaens, aos quaes sempre daria todo favor que lhes delle fosse necessario. Pelo mesmo embaixador mandou á mãi del Rei Afonso Dalbuquerque humas manilhas muito ricas de pedraria, e tres bocetas douro. Quando este embaixador chegou a Malaca tinha ja Afonso Dalbuquerque a fortaleza quasi acabada e posta nella muita artelharia em tal ordem que o embaixador folgou muito de a ver, o qual despedio, dandolhe alguns presentes, como a embaixador de hum tamanho Rei convinha, o qual he tão poderoso que mantem continuadamente a sua custa dez, e doze mil Elephantes, que manda criar pera a guerra, em que traz quando a tem tres, e quatro mil armados, e os outros são pera serviço de sua fardajem, com os quaes, e com os que trazem seus capitaens, e outra gente ha sempre no exercito em que elle anda, afora cavallos, e bufaros, passante de trinra mil Elephantes de serviço machos, e femeas, de que em seus regnos a grandes criaçoens, assi de mansos, como de bravos, entre os quaes tem el Rei hum branco, que sestima tanto per todas aquellas provincias, que por esse respeito lhe chamão o Rei do Elephante branco. Com este embaixador mandou Afonso Dalbuquerque por embaixadores a el Rei Antonio de Miranda Dazevedo, e Duarte Coelho bem acompanhados, per quem escreveo a el Rei, e lhe mandou humas courasas develudo cramesi e hum capacete, e barbote guarnecidos douro, e hum arnes darmas brancas, e huma adarga dante muito rica metida em huma funda de brocado, e outras peças de prata lavrada de bestioens, e panos darmar douro, e seda, e huma besta muito bem obrada, com seu almazem. Depois deste embaixador ser

em Malaca, veo outro de hum Rei dos da Iaoa, que he a mais feroz gente de toda a India, e se estima em tanto que nenhuma outra naçam tem em conta. Este Rei sabendo da tomada de Malaca espantado de hum tamanho feito, quis amizade com Afonso Dalbuquerque, mandandolhe seus embaixadores com cartas de crença, e hum presente de cavalleiro, o qual era huma duzia de lanças, e hum panno comprido dalgodão, em que estavão pintadas todalas batalhas que ouvera, e dous sinos grandes com que tangem na guerra, e vinte pequenos de musica que se tangem todos pela banda de fora, como atabales, e tangedores que os tangião. Pelos quaes embaixadores mandou Afonso Dalbuquerque a este Rei da Iaoa hum Elephante de guerra dos que tomara em Malaca, e outras peças, fazendolhe per suas cartas muitos offerecimentos. Depois deste veo hum embaixador del Rei de Campar, que fora genrro del Rei de Malaca, e outro de hum dos Reis da ilha de Çamatra mais visinho aquella cidade, com recado a Afonso Dalbuquerque, como o queria vir visitar em pessoa, e fazersse vassallo del Rei de Portugal, pera o que lhe deu seguro com que se logo veo a Malaca, onde se lhe fez grande recebimento. O qual depois de terem assentadas pazes, deu a Afonso Dalbuquerque oito fardos de lenho aloes, e aguila, e dous fardos dazulacre, o que feito se tornou mui contente pera seu regno com outros presentes que lhe Afonso Dalbuquerque deu, e assi recebeo huma embaixada del Rei de Pegu, a quem respondeo per Rui da Cunha. Outros muitos embaixadores lhe vierão, todo o tempo que esteve em Malaca, assi dos Reis, e senhores do sertão, como das ilhas vezinhas, fazendosse huns vassallos, e outros confederados, e amigos del Rei dom Emanuel.

CAPITULO XX

De como o Çabaim dalcam mandou Pulatecam sobela ilha de Goa, e a entrou, e matou Rodrigo Rabello capitam da cidade.

Partido Afonso Dalbuquerque de Goa, logo dahi a poucos dias mandou o Çabaim dalcam sobelas tanadarias da terra firme Pulatecam com tres mil soldados, e cento, e cincoenta de cavallo, os mais delles Turcos o que sabendo Melrrao, e Timoja, que com elle andava, lhe sairam ao encontro com quatro mil piaens da terra, e quarenta de cavallo, com que o desbarataram, mas fazendo os de Pulatecam volta, matarão hum dos capitaens de Melrrao, per nome Icarau, que foi causa de os Canarins fogirem, de que os imigos mataram tantos, que Melrrao se acolheo do campo o qual com vergonha nam quis vir a Goa, e se foi pera el Rei de Narsinga, levando consigo Timoja com seguro del Rei, o qual Timoja dizem que el Rei mandou matar. Avida esta victoria, determinou Pulatecam a entrar a ilha, e pera o melhor poder fazer, mandou muito secretamente tratar com os Gentios que nella moravam, que se levantassem contra os nossos, no que elles não quiserão consentir, mas antes por Crisna o fezerão saber a Rodrigo Rabello de castel branco capitão da cidade, que logo proveo em todolos passos da ilha com mais gente, e muitas muniçoens de guerra, mas com quanto os da ilha nam deram orelhas ao recado de Pulatecam, nem por isso perdeo elle a sperança de a poder cobrar, pera o que se logo fez prestes com muitas jangadas, em que meado Março, huma noite des-

curidam, e tempestade, passou a ilha pelos mais dissimulados lugares que pode e tomou de noite no passo de Naroa duas caravellas, com toda a artilharia, e gente que nellas estava, de que a mor parte morreo por se defender, o que sabendo os Tanadares de Benastarim, e Agaçim fogirão perá cidade, e o mesmo fezerão em amanhecendo os que guardavão no mar os outros passos, a qual hora Pulatecam tinha ja dentro na ilha mais de mil, e quinhentos soldados, e porque lhe parecia que os nossos, por serem poucos não ousarão de o vir cometer no campo, pera os poder aver fora, e tomar a cidade mandou hum pião da terra sobornado que fosse muito depressa como de si mesmo dar aviso a Cojequi tanadar, como em Goa a velha estavão obra de duzentos Turcos, e que os da terra vendo quam poucos erão os tinhão cercados, e lhe pediam que lhes acudisse logo, porque com sua ajuda lhes não escaparia nenhum. Este Canari chegou a cidade em amanhecendo, estando Rodrigo Rabello prestes pera sair com gente de pe, e de cavallo sperando recado de Diogo Fernandez adail, que tinha mandado com cinco de cavallo a descobrir a terra, sobreste recado perguntou Rodrigo Rabello a Cojequi que fariam ao que lhe respondeo que não sabia, porque se nam fiava muito do que dezia aquelle Canarim mas Rodrigo Rabello como homem mancebo animoso, sem tomar parecer de pessoa nenhuma, nem sperar pelo Adail, abalou com sos trinta, e cinco de cavallo, e duzentos Malabares, e trezentos Canarins da terra. Os de cavallo conhecidos, afora o capitão eram Emanuel da Cunha, Duarte de Mello, Pero Quaresma, Antonio Correa, Fernão Correa, Baltesar da Sylva, Mendafonso, Bras Bocarro, Sebastião Rodriguez, Fernam Chanoqua, Emanuel de Sousa Tavares, Lopo Dabreu, Francisco da Madureira,

Gonçalo Rabelo, Fernão Caldeira, e mestre Afonso sururgião, a quem Cojequi seguio, como esforçado cavalleiro. Caminhando assi todos peráquella parte de Goa á velha, o Canarim, que trouxera o recado falso descobrio aos outros a treiçam, que estava ordenada, pelo que poucos a poucos os mais delles se deixarão ficar atras, sem o Rodrigo Rabello sentir, com a pressa que levava, de maneira que quando chegou a hum cabeço, donde descobrio aquella gente, nam hião com elle mais que treze Naires, Malabares, cabos descoadra. Dalli virão andar em hum campo raso, obra de mil homens, acaudelados per cinco de cavallo. Rodrigo Rabello depois de repousarem hum pouco, perguntou ao tanadar Cojequi, que devião fazer, ao que respondeo, que o negocio lhe não contentava pela gente que via ser muita mais da que lhe o pião dixera, o qual alli não estava, nem nenhum dos que com elle sairão da cidade, que seu conselho era tornaremse, com tudo que fezesse o que lhe parecesse, que alli estava prestes pera o seguir, e morrer com elle se cumprisse. Acabando Cojequi de dizer o que lhe parecia, Rodrigo Rabello perguntou aos outros que opinião era a sua, ao que nenhum delles respondeo, do que anojado dixe sem mais sperar, avante senhores, que hoje dara cada hum sinal de quem he: Emanuel da Cunha filho de Tristão da Cunha lhe respondeo, avante senhor que este he o meu parecer. O que dito começaram todos a decer pelo outeiro abaixo: os quaes depois de serem no campo forão cometer os imigos com tanto impeto que os constrangeram a se retirarem pera junto da praia onde Pulatecam estava recolhendo os que ainda passavão nas jangadas, os quaes vendo fogir estes começaram fazer o mesmo, lançandose ao mar, assi huns como os outros, pera se salvarem nas jangadas,

sem lho Pulatecam poder defender, de que morrerão muitos afogados. Neste tempo eram ja chegados os Malabares, sem os Canarins, os quaes vendo os imigos desbaratados juntamente com os nossos os seguião as frechadas, fazendoos espalhar de huma parte pera outra, em que morreram delles as frechadas, espingardadas, e cutiladas mais de trezentos. Pulatecam vendo a sua gente desbaratada, e que a nossa se hia chegando parelle, se recolheo a humas paredes velhas que estavão sobre hum cabeço, com oitenta Turcos de pé, e de cavallo bem armados: O capitão Rodrigo Rabello, vendoos naquelle lugar, parecendolhe que os tinha encurralados, determinou de os cometer aconselhandoo pera isso Emanuel da Cunha, mas o tanadar Cojequi lhe dixe, que o nam fezesse, porque pelos sinaes lhe parecia que estava alli Pulatecam, e que se assi era, que se nam aventurasse a entrar com elle entre aquellas paredes, por nisso aver muito perigo, que o deixasse fazer, que com os seus piães, e criados, que ja começavam dajuntar os matarião todos as frechadas, Rodrigo Rabello confiado na victoria, que ja tinha avida, nam deu orelhas ao que lhe Cojequi dixe, mas antes sem outro parecer, que o de Emanuel da Cunha encaminhou pera onde os Turcos estavão com catorze de cavallo, que se alli acharão com elle, que os outros andavam espalhados pelo campo seguindo a victoria, os quaes eram Emanuel da Cunha, Pero Quaresma, Antonio Correa, Francisco da Madureira, Fernam Caldeira, Emanuel de Sousa Tavares, Fernam Correa, mestre Afonso, Sebastiam Rodrigues, e Cojequi, e outros tres. Rodrigo Rabello em chegando aos imigos os cometeo per duas partes, per onde as paredes estavam derrubadas, entrande elle, e Emanuel da Cunha com alguns outros per huma, dos quaes forão tambem recebidos, que

dos primeiros lanços derão com hum zarguncho pelos peitos ao cavallo de Rodrigo Rabello de que logo cahio ficando elle debaixo, e sem se mais poder alevantar o matarão as lançadas, ao cavallo de Emanuel da Cunha deram huma cutillada pelas ancas, que com a dor da ferîda deu tantas pernadas ate que o lançou ao chão, onde logo foi morto: os imigos que erão todos mui esforçados, e sobretudo por pelejarem diante Pulatecam, que alli estava, vendo estes dous mortos remeterão aos outros, e os lançarão todos do cerco daquellas paredes pera fora, donde sairão oito feridos, e sem os mais seguirem os deixaram ir em paz, os quaes juntos com os que andavam espalhados pe'o campo se recolherão pera cidade, sem perecerem mais dos Portugueses que Rodrigo Rabello, e Emanuel da Cunha, e hum dos que mais esforçadamente pellejou, e milhor conselho teve neste dia, foi o tanadar Cojequi, porque elle com os seus matou muitos dos imigos, e foi causa principal do desbarato delles. Tornados a cidade, por parecer de todos, e por assi se ter por costume ellegerão por capitão Francisco Pantoja, que era alcaide mor, o que elle nam quiz aceptar, dizendo que nam queria ser capitam de huma cidade que tam jugada estava aos dados, como aquella do que foi publicamente mui reprehendido de todolos que alli estavam, e insistindo no que dixera, os officiaes da camara, e homens nobres que presentes erão lhe fezeram assinar um termo que se disso fez, e ellegeram por capitam Diogo Mendez de Vascogoncellos, que alli ficara preso, por ser pessoa que o bem merecia, e que em todolos feitos de guerra em que se achara dera sempre de si boa conta. Mas Francisco Pantoja como soube que Diogo Mendez era capitão da cidade, arrependido do erro que fezera reclamou pedindo a

capitania por lhe pertencer por direito, sobre o que fez grandes protestos que lhe não aproveitarão nada pera lha quererem tornar. Diogo Mendez proveo logo em todalas cousas que cumprião a defensão da cidade, recolhendo dentro os mais mantimentos que pode, pondo per todolos baluartes, e muro, rolda, e vigias, e a artelharia necessaria, destribuindo tudo per duzentos homens Portuguezes, e seiscentos Canarins, e Malabares, que não avia na cidade mais gente de guerra. No mesmo dia que ellegerão por capitão Diogo Mendez de Vascogoncelos lhe veo fallar Crisna, e pedir que o deixasse recolher na cidade com todos os seus, e alguns outros nossos amigos, antes que Pulatecam de todo ganhasse a Ilha, o que lhe Diogo Mendez concedeo, dandolhe casas em que se agasalhasse com toda sua familia, e aos outros deu ruas em que assentarão seus pavelhões, e tendas com suas mercadorias. Pulatecam depois de os nossos serem recolhidos a cidade, se fez pacificamente senhor da Ilha, mandando vir da terra firme mais gente, e pera poder aver a sua vontade mantimentos cada vez que quisesse, assentou seu arraial em Benastarim onde logo começou de edeficar huma fortaleza, na qual pos boa parte da artelharia que trouxera, e outra que lhe mandou o Çabaim dalcam, screvendolhe, que pois a ja começara, fosse tal em que elle mesmo podesse aventurar sua pessoa, e fazer dalli tanta guerra a cidade ate que de todo podesse lançar della os Portugueses, que era a cousa que por então mais compria a sua honrra, e estado.

CAPITULO XXI

De como o Çabaim dalcam mandou Roçalcão seu cunhado sobre Goa, do que fez, e de como Ioam Machado se lançou na cidade.

DEPOIS de Pulatecam ter entrada a ilha, e assentado seu arraial em Benastarim veo algumas vezes cometer a cidade, ora com toda sua gente descuberta, ora com parte della em cilada, mas de todas o desbaratou Diogo Mendez de Vascogoncellos. Estando as cousas neste estado chegou a Goa em huma fusta Francisco Pereira de Berredo, que estevera doente em Cananor, como fica dito, e sabendo do cerco se veo pera Diogo Mendez com trinta Portugueses que lhe dera seu tio Diogo Correa capitão de Cananor, com cuja vinda Diogo Mendez foi mui ledo, e lhe deu huma estancia, pera que a guardasse com os que trouxera consigo, o Çabaim dalcam depois de ter scripto a Pulatecam, confiandosse ja pouco delle, por algumas suspeitas que tinha, mandou Roçalcão seu cunhado Turco de nacam com seis mil soldados, os mais delles Turcos, e screveo a Pulatecam que lhe entregasse a gente que tinha, e se fosse parelle, do que se teve por afrontado, e o nam quis fazer, pelo que se carteou secretamente com Diogo Mendez, mandandolhe dizer per Duarte Tavarez, que andava com elle e fora captivo na terra firme, a segunda vez que Afonso Dalbuquerque ganhou Goa, que Pulatecam andava levantado, e sem licença do Çabaim dalcam viera sobelas tanadarias da terra firme, e entrara a ilha de Goa, com tençam de se fazer senhor de tudo, que lhe pedia que o qui-

zesse ajudar contra elle, e lançallo da ilha, o que fazendolhe prometia fazer pazes com elle por parte do Çabaim, cujo poder trazia para isso, e de lhe dar os Portugueses que se perderam em Dabul na nao de Fernão Iacome vindo de Çacotora, que pera este so effeito lho dera o Çabaim. Diogo Mendez pouco suspeitoso do engano deu tal ajuda por mar a Roçalcão com que desbarataram Pulatecam. O que feito, Roçalcão confiado na muita gente que ja tinha, não tam somente nam quis entregar os Portugueses como fora assentado nas pazes mas antes mandou dizer a Diogo Mendez que lhe largasse a cidade, senão que lhe faria sobrisso guerra, ao que respondeo, que viesse elle tomar a posse, que pera lha dar tinha ja prestes as testemunhas, mas que estas erão as armas com que lha avia de defender. Renovada a guerra, Roçalcão veo algumas vezes cometer ha cidade, de quem se os nossos defendiam de maneira que nunca ousou de chegar aos muros, porque os nossos lhes saiam, poendosse em ciladas, por tão bom modo que hos desbaratavão, e fazião sempre fogir. Neste tempo começava dentrar o inverno, que naquellas partes he de muitos ventos, e chuvas, com as quaes arrunhou de noite hum pedaço de muro, o qual mandando o capitão repairar, acudio Roçalcão com muita gente, cuidando que poderia entrar a cidade, mas elle foi tambem recebido com alguns berços, e falcoens, que com perda de muitos dos seus se tornou ao arraial: com tudo ha pelleja durou todo aquelle dia, e veo a tanto que se ferirão com as espadas, e adagas, que foi causa de assi de huma parte, como da outra morrerem alguns, e ferirem muitos, entre os quaes foi Cojequi tanadar, de huma espingardada de que depois morreo, dizendo, como esforçado cavalleiro, que lhe nam dava nada morrer, se não por ser em sua cama,

e leito, que se fora ás lançadas, e cutiladas com os Turcos, a que tinha por capitaes imigos, que sua alma fora descansada desta vida. Roçalcão depois de ter dado muitos combates á cidade, de noite e de dia, desesperado de ha poder ganhar senão per manha, mandava de noite tanger huma trombeta, em lugar que se ouvisse na cidade, ao som da qual os nossos se armavão sempre, cuidando que vinhão sobrelles e como isto era todalas noites, desvelavão se de maneira, que de cansados do vigiar, andavão todos tam atordoados do trabalho que se não sabião dar ácordo, nem teveram outro remedio, se não o que lhe Deos mandou por via de loão Machado, que era capitão de huma companhia de Turcos, e dos Portugueses, que la andavão cativos, o qual screveo a Diogo Mendez que em guarda da trombeta que tangia cada noite, punha Roçalcão ás duas arvores huma companhia de soldados, aos quaes se saissem os tomarião facilmente: Pelo que mandando logo aquella noite Diogo Fernandez Adail com gente de pe, e de cavallo ás duas arvores, onde matou alguns, e fez fogir os outros pera o arraial, pela qual causa não quis Roçalcão mandar mais tanger a trombeta, com tudo nam deixava de vir muitas vezes cometer ás estancias, a tiro das quaes mandou assentar hum camello no outeiro, onde agora está ha forca, com que fazia muito danno na cidade. Neste tempo era tamanha ha fome, que hum fardo darroz valia vinte pardaos douro, que são sete mil, e duzentos reaes da nossa moeda, e huma gallinha hum cruzado, tanto por ser inverno, que tomava a barra, como por estarem fustas de Roçalcão em Cintacorá, com que defendia aos Gentios não trazerem mantimentos á cidade, o que foi causa de fogirem mais de setenta dos nossos, pera o arraial dos imigos, os mais delles espingardeiros, e

besteiros, perguntando por Ioão Machado, mas com quanto elle tivesse no coração a Fé de Iesu Christo, dissimulava tambem com os Mouros, que nenhuma suspeita se tinha delle, com a qual dissimulaçam levava estes ao Roçalcão, que se logo convertião á sua seita, arrenegando a lei em que nasceram, do que Ioão Machado tinha muita dor, e sobretodos de ver arrenegar hum cavalleiro, por nome Fernão Lopez, homem de boa casta. Estando os nossos nestes trabalhos, por Ioão Machado dar mor sinal de quam catolico Christão era, mandou trazer da terra firme algum dinheiro, e joias, que tinha, e dous filhos mininos, que ouvera de huma moura, pera ver se os podia salvar consigo, mas vendo que era impossivel fazello, quis antes que morressem Christãos, que ja erão (porque elle mesmo os bautizara quando nasceram) que deixalos vivos entre os Mouros, do que constrangido, pedindo perdam a Deos da crueza que commetia contra seu proprio sangue os afogou ambos de noite na cama, e pera mor dissimulação, em amanhecendo começou a dar grandes, e doridos brados pela morte dos filhos, dizendo que os achara afogados, e que nam podia ser senam que bruxas, ou feiticeiras tevessem feitas a tal obra, mas consolado de seus amigos desistio do pranto, e tendo ja secretamente seguro de Diogo Mendez, com quem viera fallar algumas vezes por parte de Roçalcão, tomando seu dinheiro, e joias, fingindo que hia folgar pela ilha, levando consigo os Portugueses, que erão todos de sua capitania, lhes dixe em chegando perto da cidade, que sua tenção era morrer na fe em que nascera, e lançarsse logo na cidade, dizendolhes, que pela paixam de Iesu Christo lhes rogava que fezessem o mesmo, que elle lhes dava seguro do erro que cometeram da parte do capitão, e sobre todos insistio com Fernão Lopez, e Pero

Bacias, que erão pessoas de mais calidade o que nem elles, nem os outros, que ja eram arrenegados, quiseram fazer, e elle sem mais aguardar se lançou na cidade com os Portugueses que andavam captivos no campo, com cuja vinda se fez grande festa, levandoos da porta por onde entrarão, com porcissam ate a Egreja, dando todos muitas graças a Deos, pola salvação daquelles, e por em tal tempo trazer Ioam Machado a cidade, que parecia sinal de lhes mandar outro mor socorro. Neste tempo Rçcalcão fazia seu officio mandando dar combates a cidade, de dia e de noite, do que Diogo Mendez agastado, sabendo que elle em pessoa estava em hum, que deram dia de sam Ioão Baptista, sahio da cidade com oitenta de cavallo, e outra gente de pe, entre os quaes se travou huma bem ferida escaramuça, em que Diogo Fernandez de Faria Adail, e outros foram feridos, mas em fim Roçalcam foi constrangido a deixar o campo, do qual dia por diante nam continuou tanto nos combates, porque hia ja perdendo a esperança de cobrar a cidade, senam per fome, e pera defender que lhe não viessem mantimentos punha todalas guardas que lhe pareciam necessarias, assi por mar como por terra, e por a fome ir em muito crecimento determinou Diogo Mendez de aventurar Francisco Pereira de Berredo na sua fusta, em que o mandou na entrada de Iulho a Baticala buscar mantimentos, o que elle fez tambem, que no mesmo mes de Iulho veo a Goa com xx paraos carregados delles, com que se a cidade por então remediou.

CAPITULO XXII

De como Diogo Fernandez de Beja tornou de Ormuz a Goa, e do socorro que veo a cidade na entrada do veram, onde tambem no mesmo tempo chegou Christovam de Brito, que vinha de Portugal debaixo da capitania de dom Garcia de Noronha, capitam de seis naos, que partirão de Lisboa neste anno de M. D. xi. e de outras particularidades

SEGUINDO Diogo Fernandez de Beja sua viajem para Çacotora com as tres naos que lhe pera isso dera Afonso Dalbuquerque antes que partisse de Goa, como atras fica dito, tomou huma nao de Mouros mercadores, junto do cabo de Guardafum, que se lhe entregou pacificamente, no qual cabo andou alguns dias sperando Afonso Dalbuquerque, segundo levava por regimentò, mas vendo que nam vinha se foi a Çacotora, e depois de ter mostrado a Pero Correa, capitão da fortaleza as cartas del Rei, e provisoens que levava de Afonso Dalbuquerque pera a derrubarem, o mandou logo fazer sem della ficar cousa de que se os da terra, nem os mouros podessem servir, o que feito, e recolhida artelharia, e outras cousas de sustancia que na fortaleza avia se fez a vela pera Ormuz onde lhe el Rei, e Cojeatar fezeram muita honra, dandolhe as pareas que deviam, e alguns presentes, assi a elle como aos outros capitaens com que se tornaram perá India, e vieram ter a Goa no fim do mes Dagosto, com cuja vinda se fez grande festa na cidade, porque Diogo Fernandez trazia mais de cem soldados Portugueses, Iaos, e bem dispostos,

acostumados, e exercitados na guerra, que foi huma grande ajuda pera segurança da cidade. Antes de Diogo Fernandez de Beja chegar a Goa viera alli ter, na entrada do mes de Agosto, Ioam Serram, que com Paio de Sa, como fica declarado, fora de Portugal a ilha de Sam Lourenço, e passada a furia do Inverno veo Emanuel de Lacerda que andava por capitão da costa do Malabar com seis naos, de que eram capitaens, afora elle, Pero Dafonseca de Castro, Mendafonso de Tanger, Francisco Sodré, Simão Velho, e Antonio de Sa natural Dalhandra, com a vinda dos quaes ficou a cidade segura, porque nesta armada allem dos muitos mantimentos que trazia, vinhão mais de duzentos soldados Portugueses. Com tudo Roçalcam não deixava de a mandar commeter algumas vezes, mas como nem dos nossos, nem dos seus morresse pessoa conhecida, nem se fezesse feito notavel, deixo de contar o que nisso passou: Estando ja os negocios de Goa em milhor estado, pelo socorro que lhe viera, chegou ahi Christovão de Brito capitão de huma nao das que vinhão de Portugal, debaixo da capitania de dom Garcia de Noronha, o qual partira de Lisboa aos xix de Abril, deste anno de M. D. xi. por capitam de seis naos, de que os outros capitaens eram, Pero Mascarenhas, Emanuel de Castro Alcoforado, George de Brito, Christovão de Brito, e dom Aires da Gama. Destas naos as de dom Garcia, Pero Mascarenhas, George de Brito, e Emanuel de Castro, per ma navegaçam chegaram a Moçambique em Fevereiro do anuo de M. D. xii. e as outras duas passaram a India, das quaes a de dom Aires foi ter a Cananor em Septembro e Christovam de Brito a Goa, onde esteve alguns dias, em que Roçalcão mandou per vezes correr a cidade, em huma das quaes foram os imigos de todo desbaratados,

e seguidos dos nossos, te as duas arvores, o que se ate aquelle dia nam fezera. Depois desta victoria, na qual Christovão de Brito teve boa parte, por lhe Diogo Mendez dar adianteira, elle se partio pera Cochim, deixando alguns dos da sua nao em Goa. Com este desbarato e outras perdas que ja Roçalcam recebera. vendo que cada dia vinha socorro a cidade se contentou com estar de pósse da Ilha, mandando proceder na fortaleza de Benastarim, que Pulatecam começara, e nisso trabalhou tanto ate a acabar, e prover dartelharia, e outras muniçoens de guerra, e muitos mantimentos de maneira que aquella era a cousa mais forte que naquelle tempo avia em todalas terras, e senhorios do Çabaim dalcam. Neste tempo em que se a guerra mais ateava, chegaram a Goa duas naos de Miliquiaz, senhor de Dio, que elle mandava carregadas de trigo, arroz, e outros mantimentos a Diogo Mendez, offerecendosse pera tudo o que fosse serviço del Rei dom Emanuel, e assi lho screveo, e que se ouvesse mister gente, e mais mantimentos que tudo lhe mandaria a sua propria custa, Diogo Mendez lho agardeceo muito por suas cartas, e deu algumas peças da India aos capitaens, per quem mandou hum presente a Miliquiaz de cousas que se entam poderam achar em Goa, onde ate vinda de Afonso Dalbuquerque de Malaca se fezerão muitas cavalgadas de huma, e da outra parte, em que os nossos chegarão algumas vezes a fortaleza de Benastarim, pera verem se a podião tomar, o que por entam se nam pode fazer. Os que entre outros nesta guerra deram mostras de bons cavalleiros, e nella se lhes pode conceder a palma, foram Diogo Mendez de Vascogoncellos, Emanuel de Lacerda, e Diogo Fernandez de Beja, dos quaes por serem tam bons cavalleiros, deixou Afonso Dalbuquerque preso Diogo

Mendez em Goa, por lhe nam dar a gloria da guerra que hia fazer a Malaca, por mandado del Rei, e a Emanuel de Lacerda deixou nomeado na socessão do governo da India, se naquella viagem morresse e a Diogo Fernandez de Beja deu a capitania do mar, ao esforço dos quaes tres cavalleiros nam foi inferior Diogo Fernandez de Faria adail que allem das boas mostras que em sua mocidade deu nas partes Dafrica debaixo da bandeira de dom Ioão de Meneses, na India fez muitos, e mui assinados feitos, por respeito dos quaes lhe el Rei dom Emanuel fez merces dignas de seus serviços, no que tambem continuou el Rei dom Ioam seu filho, do esforço do qual cavalleiro posso em parte dar testimunho, porque eu passei no anno de Mil, e quinhentos, e vinta tres deste regno pera Flandes, em huma armada que el Rei dom Ioão terceiro la mandou, de que era capitam Pedrafonso Daguiar o moço da ilha da Madeira, de huma das naos da qual armada era capitão este Diogo Fernandez de Faria, com quem eu fui, por ter com elle alguma amizade. E por ser tempo em que avia guerra entre o Emperador Carlos quinto, e el Rei Francisco de França, nos achamos no canal de Inglaterra entre naos Francesas, e Inglesas, onde foi necessario vir as armas, no que se elle mostrou allem de bom capitão mui animoso, e esforçado soldado.

CAPITULO XXIII

Do Concilio que o Papa Iulio ordenou em Pisa, e Ligua, que fez com o Emperador Maximiliano, el Rei dom Fernando, e Soiços contra el Rei de França, e Venezeanos, e das praticas que se moveram entre el Rei dom Fernando, e el Rei de Fez, e Molei Alebarraxa, e doutras particularidades.

NESTE anno de M. D. xi, ordenou o Papa Iulio segundo Concilio na cidade de Pisa, e porque nelle era necessario tratarem-se cousas que tocavão a algumas diferenças, que avia em Hispanha entre o estado ecclesiastico, e secular, el Rei dom Fernando mandou sobreste negocio a el Rei dom Emanuel Lopo furtado de mendoça, com cartas de crença, para com elle assentar o modo que se nisso avia de ter, sobelo que el Rei dom Emanuel mandou a Castella Ioanne mendez de vascogoncellos, e assi sobre algumas praticas que soube que se moviam entre el Rei dom Fernando, e el Rei de Fez, e Molei Alebarraxa, que podiam ser de muito perjuizo a estes regnos, nas quaes per papeis, e lembranças se achou que se procedia pelo modo que se segue. Avia neste tempo hum fidalgo em Castella per nome dom Pedro ho bastardo, este por ser pessoa de calidade foi em parte causa das grandes desavenças, e desconcertos que ouve entre dom Phelipe Archeduque Daustria, e senhor dos estados de Flandes, e el Rei dom Fernando seu sogro, por razam dos quaes desconcertos, este dom Pedro, com medo del Rei dom Fernando, por lhe nelles ter feitos desserviços se lançou em terra de Mouros, onde andou

algum tempo em casa de Molei Alebarraxa, que entre os Mouros era hum grande senhor, per cujo meo ouve este dom Pedro perdão del Rei dom Fernando, e se veo a Castella com algumas instruçoens de Alebarraxa pera el Rei dom Fernando, em que se continha, que prometendolhe de vir sobelo regno de Fez elle o ajudaria com condiçam, que tomandoo regno o fizesse a elle Rei, e que vindo o negocio ao fim que desejava, elle queria ficar seu tributario, e obedecer em tudo aos Reis de Castella. Deste recado mostrou el Rei dom Fernando lançar mão, não se lembrando tanto como era razão das capitulaçoens das pazes feitas entre os Reis destes regnos, e os de Castella, confirmadas por elle mesmo, e pela Rainha donna Isabel de Castella, sua molher ja defunta, e doutras razoens que não podiam nem deviam em algum tempo esquecer: determinou proceder adiante por este negocio, e para isso tornou a mandar este dom Pedro com cartas de crença, pera Molei Alebarraxa, e outras pera Molei Mafamede, que entam era Rei de Fez, com as quaes cartas, e instrucções foi ter a Alcacer seguer com cartas dencomenda de dom Ioam da Fonseca, Bispo de Palença, para dom Rodrigo de Sousa que entam era capitam daquelle lugar pedindolhe que lhe desse modo pera poder passar em Fez, por quanto hia outra vez fogido do regno, por caso das desavenças dantre el Rei dom Fernando e el Rei dom Phelippe seu genro, em que o culparam. Dom Rodrigo que era sagaz sospeitoso deste messageiro o deteve alguns dias sem lhe dar aviamento pera passar adiante, e entre praticas que tiverão achou que suas palavras nam concertavam bem, pelo que fez tanto, que por manha ouve as mãos as cartas, e instruçoens que levava em cifra, de que logo mandou o treslado a el Rei dom Emanuel, pelas

quaes se entendeo o grande prejuizo que desta negociaçam se poderia seguir a estes regnos sendo o regno de Fez, per virtude das demarcações feitas entre os Reis de Castella, e os de Portugal, de sua conquista, e demarcação, e ao dom Pedro, pera mais dissimulação deixou ir com seu recado. Pera este negocio fez el Rei dom Fernando logo uma grande armada sem divulgar pera onde, senão que era contra infieis, a qual estando prestes pera sair de Malega, recebeo cartas do Papa Iulio segundo, em que lhe dava conta de uma liga que era feita contra elle per el Rei Luis de França dozeno do nome e Venezeanos, pedindo que o ajudasse, que ho mesmo fazia o Emperador Maximiliano, e Soiços, de que el Rei dom Fernando ficou muito triste, por lhe ser forçado deixar esta empresa, em que queria entender, e escreveo a el Rei dom Emanuel huma carta feita em Sevilha, per Almaçam seu secretario, aos xxj dias de maio, de M. D. xi. muito desgostoso, e pesaroso das diferenças que avia entre o Papa, e el Rei de França, e guerras que se de taes desconcertos speravam entre Christãos. Pelo qual respeito, e por sanear as cousas do regno de Napoles, que ainda não tinha bem seguro se meteo na liga do Papa, Emperador, e Soiços, desejando muito de meter el Rei dom Emanuel nella, o que elle nunca quis fazer do que foi mui anojado, ao qual nojo se ajuntou virem neste tempo ao porto de Lisboa seis gales de França, de que era capitam Pero Ioão, a quem el Rei fez muita honra, e lhe mandou dar mantimentos, e pilotos, o que senam fezera, ellas nam poderam seguir viajem por virem muito desbaratadas do caminho do que el Rei dom Fernando mostrou muito grande descontentamento. Neste anno proveo o Papa Iulio a petiçam del Rei dom Emanuel dom Martinho da

Costa, Arcebispo de Lisboa, irmam do Cardeal de Portugal dom George da Costa, do capello de Cardeal, e o breve disso mandou a el Rei, e por outro breve sospendeo este secretamente com um credito que deu a hum frei Vicente pera el Rei em que lhe mandava dizer que na primeira criaçam de Cardeaes declararia, a qual dos prelados de Portugal dava o capello, do que el Rei mostrou ser mui anojado, com tudo sospeitousse que o Papa nam fezera tal mudança, senam a seu requerimento, mas em instruiçoens que eu achei del Rei pera os embaixadores que tinha em Roma, e cartas que screveo sobre este negocio ao Papa, elle mostrava ter disso muito descontentamento, mas por muito que el Rei insistisse neste negocio diante do Papa, o Arcebispo dom Martinho ficou sem aver o Capello de Cardeal.

CAPITULO XXIV

De como el Rei Henrique de Inglaterra mandou a ordem da Gorretea a el Rei dom Emanuel, e do parentesco que a entre os Reis destes dous regnos.

El Rei dom Henrrique de Inglaterra, oitavo do nome, socedeo no regno, per falecimento del Rei dom Henrrique seu pai, no anno do Senhor de M. D. ix, e foi coroado a Vuest monstier, em grande triumpho, aos xxiiij dias do mes de Iunho. Casou com a Infante donna Catherina irmãa da Rainha donna Maria, molher del Rei dom Emanuel, filhas del Rei dom Fernando, e da Rainha donna Isabel Reis de Castella, Leam, e Aragam: pelo qual parentesco, e grande amizade que avia entre este Rei dom Henrrique, e el Rei dom Emanuel, lhe mandou em sinal de amor, neste anno de M. D. xi, ha ordem da Gorrotea com o regimento della, ho qual, posto que seja muito pera ver, nam ponho aqui por conter muita leitura, mas ja que nego a este capitulo aquillo que lhe bem podia caber, me pareceo razam darlhe outra materia mais aprazivel, e necessaria aos que a lerem, a qual he tratar nelle o antigo parentesco que ha entre os Reis destes regnos, e os de Inglaterra, e porque uma das cousas que mais alumea as Historias, e satisfaz aos que dellas sam estudiosos, he saberem verdadeiramente a origem, e linhagem donde procedem os Reis, e senhores cujas chronicas lem, trabalhei tudo o que em mim foi para aqui dizer o que disso pude alcançar, que he pelo modo seguinte. El Rei dom Henrrique Dinglaterra

segundo deste nome começou a regnar no anno do Senhor, de mil, e cento, e cincoenta, e quatro e regnou quasi XXXV annos, e ouve da Rainha donna Leanor sua molher, filha herdeira do Duque de Aquitania (a quem vulgarmente chamam Guiena, ou Gascogna) entre outros filhos, e filhas, a Infante donna Leanor, a qual casou com el Rei dom Afonso de Castella, noveno do nome, que della ouve dous filhos, e cinco filhas das quaes huma foi a Infante donna Branca que casou com el Rei Luis de França, quarenta, e dous do numero dos Reis e oitavo deste nome, cujo filho foi el Rei sam Luis de França, a outra foi a Infante donna Orraca, molher del Rei dom Afonso de Portugal, segundo deste nome, donde os Reis destes regnos trazem origem dos Dinglaterra. Depois desta conjunção de parentesco dos Reis de Hispanha com os Dinglaterra, el Rei dom Duarte Dinglaterra, quarto deste nome que começou a regnar no anno do Senhor de M. CC. Lxxiij, casou com donna Leanor filha del Rei de Castella, cujo nome os Chronistas Ingleses nam dizem, mas segundo a conta do tempo das Historias de Hispanha esta Infanta donna Leanor foi filha del Rei dom Fernando, que ganhou Cordova, e Sevilha aos mouros, e de donna Joanna sua segunda molher, filha de dom Simão Conde de Pontis, da sobredita donna Leanor ouve el Rei dom Duarte quarto, o Principe dom Duarte quinto Rei Dinglaterra deste nome, chamado de Carvarnam, o qual Rei dom Duarte quinto casou com Madama Isabel, filha herdeira de Phelippe Rei de França, dalcunha o Bello, da qual ouve, antre outros filhos o Principe dom Duarte, Rei de Inglaterra, sexto deste nome, e dom Henrrique conde de Arbid, e de Lencastre, que depois se chamou Duque do titulo de Lencastre. Este dom Henrrique foi o que veo em

ajuda del Rei dom Afonso de Castella, ho do Sellado, tendo cercada a cidade Daljazira, e nam o Duque Iam Lancastre pai da Rainha donna Phelippa, molher del Rei dom João de Portugal primeiro do nome, como o Chronista Fernão Lopez que foi guarda mor da Torre do Tombo, screve na Chronica del rei dom Afonso quarto de Portugal, chamado tambem do Sellado, no Capitulo sessenta da mesma Chronica, o qual dom Henrrique de Lancastre sendo casado ouve a Infante donna Branca, mas o nome da mãi nam o achei scripto, e o da filha ponho aqui porque esta senhora foi filha unica deste Infante dom Henrrique, e per sua morte erdou o Ducado de Lancastre, de cujo tronco descendem os Reis de Portugal: a este Rei dom Duarte sexto Dinglaterra nomea o dito Fernam Lopez por quarto nas primeiras duas partes da Chronica del Rei dom Ioam primeiro, que elle collegio, e compos de novo, per mandado del Rei dom Duarte, sendo Infante. E porque tão bom Chronista senam ha de contradizer, senam com mui certas, e vivas razoens, he necessario que com ellas declare o erro que teve na conta dos Reis Dinglaterra, dos quaes o primeiro que se chamou Duarte, foi filho do grande Rei Alured, o segundo Duarte foi o que teve titulo de martyr, porque por treiçam da Rainha Alfreda sua madrasta foi morto, o terceiro Duarte foi referido no Catalogo dos Sanctos confessores, o quarto Duarte foi sucessor del Rei dom Henrrique, terceiro que faleceo no anno do Senhor de M. CC. lxxij. Este dom Duarte quarto casou com a Infante donna Leanor filha del rei dom Fernando de Castella, que os Ingleses, como dixe, nam nomeam, e porque foi Principe em que houve grandes, e estremadas virtudes, alguns escriptores erradamente o contão por primeiro deste nome, o

quinto Duarte foi filho deste Duarte quarto, e casou com donna Isabel filha herdeira de Phelippe o Bello, Rei de França, como fica dito, o sexto Duarte foi filho deste Duarte quinto, e de Isabel de França, que he o que o dito Fernam Lopez põe por quarto. Este Duarte sexto foi casado com donna Pheiippa, filha de dom Guilherme conde de Hainaut, da qual senhora ouve sete filhos, e tres filhas, dos quaes foi hum o Infante dom Ioão de Gand, Duque de Lancastre, e outro mais moço que se chamou Edmund de Langlei, Duque Eborum, Conde de Cambrix, e Duque Diorça, que casou com donna Isabel filha segunda del Rei dom Pedro de Castella o cru, e o Infante dom Ioam de Grand mais velho que Edmund, sobredito, casou a primeira vez com donna Branca filha do Infante dom Henrrique, de quem arriba fiz mençam, que foi o primeiro Duque de Lancastre, e da segunda vez casou com a Infante donna Constança filha herdeira do dito dom Pedro o cru, Rei de Castella, e de Leam, e a terceira vez casou com huma Senhora chamada donna Catherina, mas da progenia deste terceiro casamento não fallarei por nam fazer a nosso proposito. E quanto ao primeiro casamento do Infante dom Ioam de Gand, Duque de Lancastre, elle ouve de sua molher donna Branca Duquesa de Lancastre, dom Henrrique que foi do dito nome quarto Rei de Inglaterra, porque socedeo no regno a el Rei Ricardo segundo, que faleceo sem deixar herdeiro e este dom Henrrique quarto, nam foi o que ganhou a batalha de Angincourt em terra de Picardia, contra el Rei de França, como o diz Gomezeannes de Zurara, na Chronica do Conde dom Pedro de Meneses, primeiro capitam de Septa no capitulo xxxiij, do primeiro livro, fallando nos feitos, e façanhas de Rui Mendez ceveira, senam o filho deste

Rei dom Henrrique chamado tambem dom Henrrique, como o pai, que foi segundo deste nome, e foi neto do Duque Iam de Lancastre, e sobrinho da Rainha dona Phelipa, molher del Rei dom Ioam primeiro e nam irman, ouve mais o dito Duque Ioam de Gand de sua molher donna Branca, donna Ioanna, que foi condessa de Vuest merland, e a Infanta donna Phelipa, sobredita, que casou com dom Ioam Rei de Portugal, primeiro deste nome, os quaes ouveram de seu matrimonio a Infante donna Branca, que de oito meses falleceo, e jaz sepultada na Se de Lisboa, aos pes da sepultura del Rei dom Afonso quarto, seu bisavo, e o Infante dom Afonso que faleceo moço, e jaz sepultado na Se de Braga, e o Infante dom Duarte que regnou depois de seu pai, e o Infante dom Pedro que foi Duque de Coimbra, e senhor de monte Mor, e o Infante dom Henrrique, que foi Duque de Viseu, e Senhor de Covilhãa, e mestre da ordem de Christus, e donna Isabel que foi casada com o Duque Phelippe de Borgonha dalcunha o bom, pai, e mãi do Duque Charles que mataram os Suiços e Alemaens na batalha de Nanci em terra de Loreina. Ouve mais el Rei dom Ioam da Rainha donna Phellippa sua molher, o Infante dom Ioam que foi mestre da ordem de Sanctiago, e Condestabre do regno, pai da Rainha donna Isabel, molher del Rei dom Ioam de Castella, segundo do nome. Ouve mais della o Infante dom Fernando, mestre da ordem Davis, que morreo captivo em Fez. E assi tendes ouvido na verdade a real, e alta progenia, e linhagem dos Reis de Portugal, desno tempo del Rei dom Afonso, segundo do nome, ate o del Rei dom Duarte, pai del Rei dom Afonso o quinto, avo del Rei dom Ioão segundo e del Rei dom Emanuel, da parte que lhes toca do costado dos Reis de Inglaterra.

CAPITULO XXV

De como per erros em que Afonso dalbuquerque comprehendeo Utetimutaraja, e a hum seu filho, e genrro, foram degolados per justiça, e de como mandou descobrir as ilhas de Maluco, e Banda.

VTETIMUTARAJA, como atras fica dito, era tam poderoso, que desobedecia em muitas cousas a el Rei de Malaca, e intentou algumas vezes per modos secretos de se fazer Rei, e como este desejo de regnar o trouxesse cego, assentou que o mais certo caminho era aliarsse com Afonso Dalbuquerque, pera lançar da cidade a el Rei, parecendolhe que o mesmo faria depois a Afonso Dalbuquerque, por ser estrangeiro, e lhe nam poder vir soccorro se nam da India, mas vendo depois o modo, e ordem que os Portugueses levavão no governo da cidade, e guarda della, e da fortaleza, desesperou de se poder fazer Rei, e de ter o mando, e alçada na cidade que tinha regnando el Rei Mahamed, pelo que pera tornar ao seu acostumado modo de tyrannizar todo aquelle regno, screveo secretamente ao Principe que fora de Malaca, prometendolhe ajuda contra os Portugueses. Destes tratos foi avisado Afonso Dalbuquerque, e ouve as mãos cartas de Vtetimutaraja pera o Principe, e do Principe parelle, o que teve em muito segredo, sem disso dar conta, senão a Ruí Daraujo, aconselhandosse com elle sobello modo que teria pera aver este homem dentro na fortaleza, com hum seu filho, e genrro, que eram culpados nesta conjuração, o que nunca podera vir em effeito, por ja andarem de sobre aviso, pellas muitas queixas

que cada dia os da cidade davam a Afonso Dalbuquerque delles, dos agravos que lhes faziam, se Deos nam inspirara no coração de hum Mouro persiano, per nome Cojeabrahem, de pedir a Afonso Dalbuquerque o officio de quetual, ao que lhe respondeo que tinha assentado de nam dar officio da cidade sem parecer dos principaes da terra, que os ajuntasse, e fezesse vir a fortaleza pera determinar com elles o que devia fazer, que da sua parte não perderia nada. Estas palavras, e outras de muita abastança lhe dixe, porque sabia que era o mor amigo que Vtetimutaraja tinha na cidade, pera ver se por esse modo o poderia acolher dentro na fortaleza, e o prender, como fez ao filho per nome Patiaco, e Patipra seu genrro, contra os quaes mandou proceder judicialmente em que os artigos principaes que se formaram contra elles foram os seguintes. Que se carteavam com Alodim Principe que fora de Malaca, pera o fazer vir sobela cidade, e pera isso lhe prometião sua ajuda.

Item. Que tinha Vtetimutaraja na cidade inteligencias, que nam vindo o Principe sobrella, pera elle com a sua gente, e outros que o ajudavam, se fazer senhor della, e combater a fortaleza ate a tomar per fome, ou a partido, e que isto se avia de fazer depois da partida de Afonso Dalbuquerque pera a India.

Item. Que elle fora causa de o Lasamana nam vir a Malaca servir el Rei dom Emanuel no mesmo officio, e com a mesma armada, com que servira a el Rei de Malaca, ao que elle mesmo offerecera a Afonso Dalbuquerque, e que estando pera se vir pera a cidade, elle Vtetimutaraja lhe screvera que o nam fezesse, dandolhe pera isso muitas razoens, com que o estorvara do preposito que tinha.

Item. Que por seu mandado, seu filho, e genrro forão os principaes na conjuraçam que se fez contra Diogo Lopez de siqueira estando surto no porto de Malaca, em que era determinado o matarem e a todollos Portugueses, estando sobre paz, e salvo conducto del Rei Mahamed que entam regnava.

Item. Que por este respeito forão mortos no mesmo dia muitos Portugueses na cidade, e outros presos, dos quais alguns com medo do mao trato que lhes davam, e ameaças que lhes fazião, arrenegando a Fe de Iesu Christo, se fezerão Mouros. Os outros artiguos nam digo por estes serem os mais sustanciaes. Aos quaes respondeo Vtetimutaraja, que quanto as cartas que escrevera ao Principe filho do Rei que fora de Malaca, que era verdade o ter feito, reconhecendo seu sinal nas mesmas cartas, que lhe forão mostradas dizendo que de grandes senhores era perdoar grandes culpas, e que desta pedia perdam a Afonso Dalbuquerque prometendolhe de em quanto vivesse ser bom, e leal vassallo aos Reis de Portugal, e que assi mandava a seu filho, e genrro, que o fezessem.

Item. Que quanto aos outros artigos das culpas que lhe punham nam respondia nada, por em nenhum delles se achar culpado, e que de qualquer erro que fosse comprehendido pedia misericordia, e perdam a Afonso Dalbuquerque. Com tudo per modo judicial se procedeo contrelle, dandolhe procurador, e achandosse era verdade tudo o que lhe punham e a seu filho, e genrro, foi julgado que morressem todos tres degolados, o que se logo effectuou, na praça da cidade com pregoens, e outras cerimonias, segundo costume destes regnos. Pera segurança de se esta execução fazer sem aver algum insulto, ou rebeliam da parte dos condenados, por serem pessoas pode-

rosas mandou Afonso Dalbuquerque a dom Ioão de Lima com muita gente da nossa armada que estivesse na praça, ate se acabar de todo este auto. O qual nam somente se fez sem nenhum alvoroço, mas antes ouve muitos que folgavão, e davam graças a Deos verem fazer justiça destes homens, polas muitas tyrannias com que cada dia opremiam, e avexavam, assi os moradores daquella cidade, como os estrangeiros. Depois de Afonso Dalbuquerque ter dado a estes homens o castigo, e penna que por suas culpas mereciam, e mandando derrubar as casas de Vtetimutaraja, e cegar o fossado, e desfazer as estacadas, e paliçadas que elle mandara fazer e ter a cidade de todo pacifica. determinou de mandar descobrir as ilhas de Maluco, e Banda, das quaes nas de Maluco nasce o cravo, e na de Banda anoz nozcada, e maça ao qual negocio mandou Antonio Dabreu por capitão de tres naos, os outros erão Francisco Serram, e Simam Afonso Bisagudo, e por feitor Ioam Freire scrivão Diogo Borges. Hiam nesta armada, cento, e vinte Portugueses, afora soldados da terra, e outra gente do mar, a qual partio de Malaca no fim de Dezembro de mil, e quinhentos, e onze, do que estes capitaens passarão na viajem, e do que lhes nella aconteceo se dira ao diante.

CAPITULO XXVI

De como se alçou Patecatir contra Afonso Dalbuquerque, do que ordenou a cerca do governo da cidade de Malaca, antes de partir pera India, e do que lhe aconteceo ate chegar a Cochim, e do mais que ahi passou.

As duas principaes pessoas da cidade Malaca, eram Vtetimutaraja, e Patecatir, entre os quaes avia mui pouca amizade. e algumas diferenças, por Vtetimutaraja nam querer dar para molher huma sua filha a Patecatir, e por elle ser homem desta calidade, e prudente, Afonso Dalbuquerque lhe deu officio de governador dos mouros, que nella avia, de modo que o Vtetimutaraja, tinha no bual começou de dar boas mostras, e ser muito favorecido dos Portugueses, e de seus amigos, e aliados, o que vendo a molher de Vtetimutaraja, por se vingar da morte de seu marido, filho, e genrro, o mandou commeter com a mesma filha que lhe dantes negara, prometendolhe em dote huma grande somma de dinheiro, se quisesse fazer guerra a Afonso Dalbuquerque, e lançalo da cidade, pera o que lhe daria tudo quanto lhe fosse necessario, e seis mil homens de pelleja, e mais se de mais ouvesse necessidade. Patecatir parecendolhe que por esta via estava em termo de poder ser Rei de Malaca, aceptou o partido, e o mais secretamente que pode fez suas vodas, apos o que veo de supito sobela povoaçam grande, mandando poer fogo, e matar os que nella moravão, a grita dos quaes acudio Afonso Dalbuquerque em pessoa, que por força lançou Patecatir da povoa-

çam, e o fez fogir ate Vpi, onde vivia, no qual lugar se fez forte, com tranqueiras, cavas, e paliçadas, correndo dalli muitas vezes a povoação, fazendo todo quanto mal podia, no que Afonso Dalbuquerque proveo de maneira, que Patecatir tomou por partido contentar-se de estar na sua povoação mais receoso dos nossos, que desejoso de os vir cometer. O que tudo assi acabado Afonso Dalbuquerque determinou de se partir pera a India posto que ainda tevesse assaz que fazer em Malaca, e que todos os moradores, e mercadores da cidade lhe pedissem que quisessem ficar alli aquelle Inverno, pera mor segurança, e assossego de toda a terra, doque por então se excusou dandolhe razoens suficientes, comque os satisfez. O que assentado deu a capitania da fortaleza a Rui de Brito Patalim, natural de Santarem, a alcaidaria mor, e feitoria a Rui Daraujo, por escrivaens Francisco Dazevedo, e Pero Salgado, e a capitania do mar deu a Fernão Perez Dandrade, e por entre elles nam aver algumas diferenças, fez que desse Fernam Perez Dandrade a menagem a Rui de Brito, pera que com todos os capitaens da sua frota lhe obedecesse, assi como a sua propria pessoa, deixando regimento, que falecendo Rui de Brito ficasse Fernam Perez Dandrade por capitão da Fortaleza, e por capitam do mar Lopo Dazevedo natural de Alanquer, os quais capitaens desta frota a fora Fernão Perez, erão Lopo Dazevedo, João Lopez Dalvim, Vasco Fernandez Coutinho, George Botelho, Pero de Faria, Aires Pereira de Berredo, Christovão Mascarenhas, Antonio Dazevedo, e Christovão Garces, ficaram por governadores da terra ordenados per Afonso Dalbuquerque, Nina chetu por xabandar, e governador dos Gentios, e dos Mouros Malaios hum seu Caciz, e dos Iaos da parte Dupi, hum mouro honrrado, per nome Aregemut

raia, e da povoaçam Dilher, da banda da fortaleza Tuam calascar, Iao de naçam, e Rui Daraujo por determinador de seus aggravos, porque sabia assaz bem a lingoa Malaia em que se todolos feitos tratavam na cidade. Andandosse Afonso Dalbuquerque fazendo prestes pera partir, Soltão Zeinal Rei que fora de Pacem, lhe mandou pedir perdam de se ir delle, e que lhe confessava que fora a causa parecerlhe que nunca avia de tomar Malaca, pelo vagar, e dilaçoens em que andavam com el Rei, e por lhe elle mandar dizer que avia de tomar todolos Portugueses as mãos, e que com sua armada delles os mandaria meter de posse do regno, se movera a fazer o que fezera, mas que ja tinha visto por experiencia quam esforçados cavalleiros erão os Portuguezes, o que lhe fazia renovar a primeira sperança que tevera nelles de lhe restituirem o regno de Pacem, Afonso Dalbuquerque lhe deu licença, e salvo conduto pera se vir pera elle, o qual depois de se ver algumas vezes com Afonso Dalbuquerque, lhe dixe que bem lhe devia lembrar a promessa que lhe fezera de o restituir em seu regno, que lhe pedia que, de caminho, indo perá India o quisesse fazer, e que o faria facilmente, por quanto tinha muitos senhores e pessoas principaes do regno de sua parte, que o estavam esperando. Afonso Dalbuquerque lhe respondeo, que pera isso lhe não faltava vontade polla honrra que esperava de ganhar, mas que não podia ser então por se lhe passar o tempo de se tornar pera India, onde tinha muitas cousas que fazer, mas que lhe prometia de dar tal ordem como la fosse, com que cobrasse seu regno. Soltão Zeinal lho teve em merce, mas parecendolhe que erão tudo palavras, arreceandosse que o levasse Afonso Dalbuquerque consigo a India, fogio da cidade com todolos seus tam secretamente,

que nunca se pode saber pera onde. Assentadas assi todalas cousas que cumprião ao governo da cidade, e guarda della, e da fortaleza, deixando nella trezentos soldados Portugueses, e na frota duzentos, afora gente de soldo da terra, e a mor parte dos Malabares que trouxera consigo, Afonso Dalbuquerque se fez a vela, com sos tres naos, e hum jungo, em que mandou embarcar muita fazenda, assi dos quintos del Rei, como sua, e de partes no qual hia por capitão Simão Martinz com treze Portugueses, a mais gente era sessenta Iaos casados com suas molheres, e filhos, escravos del Rei, todos carpinteiros, ferreiros, e calafates que levava pera na India ensinarem outros scravos. Das outras naos erão capitaens Pero Dalpoem, e George Nunez de leão, com a qual companhia sendo atraves da ilha de Çamatra, defronte da costa Dauru, lhe deu hum temporal com que surgio, mas o mar foi tam grosso que depois de surtos, fez caçar a sua nao, ate dar sobre huma lagea onde por ser muito velha, e podre abrio em dous pedaços, dos quaes o da proa se alagou de todo, e o da popa ficou sobela lagea, sem o cobrir a agoa, onde se elle, e os mais que estavão na nao salvarão, e alguma roupa, mas não dous leoens de ferro vazados muito fermosos, e de obra muito prima, de quatro que estavam a porta del Rei de Malaca, que Afonso Dalbuquerque levava pera mandar a Portugal a el Rei, de que estes dous hiam nesta nao, nem a manilha do osso que estancava o sangue, a perda das quais peças elle sentio muito. Estando neste trabalho lhes acudio o batel da nao de Pero Dalpoem que estava tambem surta, em que se salvaram todos em jangadas, e se forão para a mesma nao, mas os que se acharão na proa se apegarão a barris, arcas, e outras cousas, em que alguns delles foram ter a Pacem, e os outros se

afogaram. Com esta torvoada se apartou a nao de George Nunez de Leam do jungo, em cuja guarda hia, por se os Iaos nam allevantarem com ella, os quaes vendosse apartados da nao, derão em Simão Martinz que hia doente, e nos outros Portugueses, e os matarão todos, salvo quatro marinheiros que se salvarão em huma almadia, que tambem foram ter a Pacem, e o jungo a cidade de Timião, que he na ilha de Çamatra, o qual se perdeo depois. Tornando a Afonso Dalbuquerque, elle partio do lugar, onde se a sua nao perdera, e passou muito trabalho por lhe faltar a agoa, per caso da muita gente que com elle hia, e morreram todos a sede, se não tomaram huma nao de Dabul por força, em que acharam muitos mantimentos, e agoa e dalli a poucos tomarão outra que se rendeo sem pelejar, em que tambem achou muita agoa, e mantimentos, e porque o senhorio desta nao dixe a Afonso Dalbuquerque que era de Chaul, e que vinha sem seguro por estarem de paz, e pagarem pareas, temendosse, que não fosse verdade o que dezia, o mandou ficar na sua nao, com alguns outros, e a do mouro mandou Simão Dandrade, com quinze Portuguezes. Sendo esta nao tanto avante, como o cabo de Comori, governou o piloto mouro de noite a tal rumo, que foi ter antemanhã a ilha de Candaluz, que he huma das principaes de Maldiva, onde estavam muitos Malabares de Calecut, que trataram mui mal Simam Dandrade, com os que com elle hiam, e os matarão senam ouveram medo que Afonso Dalbuquerque fezesse o mesmo ao senhorio da nao, e aos outros Mouros que recolherão consigo, com tudo lhes roubaram quanto levavam, e assi os mandarão pera Cochim, onde vieram ter depois de Afonso Dalbuquerque, que alli chegara na entrada do mes de Fevereiro de M. D. xii. donde de-

pois de ser bem informado dos negocios de Goa, mandou loguo la oito catures carregados de gente, e a Emanuel de Lacerda provisão pera ser capitão, e a Emanuel de Sousa Tavares de alcaide mor, e a Diogo Fernandez de Beja de capitão do mar, e screveo a Emanuel de Lacerda que esperava de ser cedo com elle ao que lhe respondeo, que o não fezesse ate nam virem as naos de Portugal, pera ter gente com que podesse tomar a fortaleza de Benastarim, que quanto a cidade que elle ha segurava com a gente que consigo tinha e por algumas informaçoens que derão a Afonso Dalbuquerque das cousas que passarão em Cochim em sua ausencia achou culpados, Antonio Real, e Lourenço Moreno, do que teve desgosto, e sobre tudo de degradarem para Goa Simão Rangel, por se dizer que reprehendia, o que elles faziam, o qual Simão Rangel, indo degradado pera Goa em huma nao de Cochi, foi tomado de Mouros de Calecut, onde o venderão em pregão a hum Mouro de Meca que o levou pera la consigo. Depois de Afonso Dalbuquerque ser em Cochim, chegou ahi no mez de Maio, Pero Mascarenhas capitão de huma das naos darmada que partira de Portugal no anno de M. D. xi, capitam dom Garcia de Noronha o qual no caminho passou tantos trabalhos que nam pode chegar a Moçambique senam no mez de Fevereiro de M. D. xii. donde por nam ser tempo pera partir com toda a frota, despedio Pero Mascarenhas em huma naveta pera levar novas a Afonso Dalbuquerque de sua chegada, e tomar posse da capitania de Cochim, de que o dito Pero Mascarenhas hia provido, onde no mes de Septembro deste anno veo a Afonso Dalbuquerque hum embaixador de hum dos principaes Reis das ilhas de Maldiva, que se mandava fazer vassallo, e tributario del Rei dom Emanuel, do

que fezerão seus contratos pelo que Afonso Dalbuquerque lhe fez restituir algumas ilhas que lhe tinha tomadas hum Mouro principal de Cananor, per nome Mamelle, a quem o mesmo Rei de Cananor tinha dado nome de Rei destas ilhas o qual titulo elle renunciou nas mãos de Afonso Dalbuquerque, juntamente com a posse que tinha das ilhas, de que o Rei ficou pacifico possuidor.

CAPITULO XXVII

Do nascimento do Infante dom Henrrique, e das calidades de sua Real pessoa, e algumas cousas que fez, e instituio ate o tempo presente.

NASCEO o Infante dom Henrique na cidade de Lisboa, o derradeiro dia de Ianeiro, no anno de M. D. xij. em o dia de seu nascimento nevou muito, e por isto acontecer em Lisboa muito poucas vezes, pareceo pronostico, de nosso Senhor lhe dar lume, e claridade pera as cousas de seu serviço. Foi baptisado pelo Bispo de Coimbra dom George Dalmeida que foi mui virtuoso Prelado. He de meam estatura, mas de espirito vivo, sofredor de trabalhos, parecesse muito com el Rei seu pai, he muito manhoso em todolos exercicios que hum principe deve ter, da caça, e monte, e jogo da pella, e cavalgar bem, e principalmente a gineta, a isto tudo se deu muito em quanto a occupação das obrigaçoens, que depois teve, lhe deram a isso lugar. Sabe bem latim, ouvio Grego, Hebraico, e Mathematicas, Philosophia, e Theologia, e de tudo intende bem os principios. Depois que entrou mais em idade se deu a

lição de livros sagrados de que recebeo muito fructo. He de sua condição encolhido, e vergonhoso, o que he causa muitas vezes de não contentar muito os homens no bom acolhimento que elles dos Principes sperão nem tratar o que entende, com tanta soltura como algumas vezes he necessario. No trato da sua pessoa he severo, e pouco mimoso, mui continente, e temperado fora de toda a cobiça, e ambição de proveitos, e honrras temporaes, e faz muito pouco por ellas. Tem grande sofrimento nas paixoens, e trabalhos, grande temperança nas palavras, he mui amigo de fallar verdade, tem com ella muita conta, pelo que o achão muitas vezes seco, he de muito segredo, não sofre ouvir falar mal de nenhuma pessoa com paixão, ou modo de murmuraçam. Em a justiça he tão inteiro que nunca per nenhum respeito, ou affeição se inclinou mais a huma parte que a outra. He livre, e isento, em dlzer o que lhe parece, nunca da tanta authoridade a pessoa alguma, que por parecer doutrem se desviasse do que lhe parece razão, nem tem conta com o gosto, e afeiçam de pessoa nenhuma, somente com a justiça e razão, e bem universal, he muito amigo dos homens inteiros, e virtuosos. Sendo de idade de catorze annos tomou habito de clerigo, ha primeira dignidade que teve foi o Priorado de sancta Cruz, por renunciação do Cardeal dom Afonso seu irmão. Em seu tempo, por ordenança del Rei seu irmam se reformou, em observancia o dito mosteiro, e se fez mui grande despesa em obras da casa, e se tirou muita parte da renda do priorado pera os conegos, no que tudo elle não somente consentio mas teve disso muito contentamento. Estando o Infante dom Luis seu irmão de caminho pera Hungria, pera se achar em batalha que se esperava que o Emperador dom Carlos v. desse ao Grão Turco,

elle lhe dava a legitima que lhe ficara da Rainha sua mãi, o que não ouve efeito por el Rei tomar a menagem ao Infante, que não fesesse tal caminho, e depois quando o Infante dom Duarte seu irmão casou lhe alargou a dita legitima com o Priorado de sancta Cruz em cõmenda. Depois que foi provido do Arcebispado de Braga, per falecimento de dom Diogo de Sousa, se ouve muito bem com os criados do dito Arcebispo, provendo os dos oficios que ja tinham, e tomandoos, e fazendolhes outras muitas merces por todas as vias que pode. E assi o Arcebispedo como o Priorado de sancta Cruz que ainda então tinha governou com muito cuidado, e diligencia no spiritual, e temporal, e pera isso buscou os milhores offlciaes que pode, tem mui bons homens em seu serviço, e letrados eminentes em todo genero de faculdades, olha muito por elles, fazendolhes muitas merces, pera que nem por descuido, nem por necessidade deixem de fazer o que entendem. Depois que foi ordenado de missa a diz todas as vezes que pode com muita devação, principalmente ahos Domingos, dias Santos, e na quaresma e outros muitos dias, quando os negocios lhe dam lugar. Indo o Infante dom Luis a Tunez, sentio muito nam o poder acompanhar em a jornada, por estar ja dedicado ao outro caminho de vida, em a qual determinou de se poer de maneira que alcançasse outras vitorias, e a honra verdadeira que consiste em puro serviço de Nosso Senhor com tudo no que pode ajudou muito ao Infante, tomando carrego de seus criados, casa, e renda, e lhe deu dinheiro, e buscou emprestado pera paga das dividas que la fez, mostrando finalmente em tudo o que pode o grande amor que lhe tinha. Ouve em seu tempo em o Arcebispado de Braga huma mui grande esterilidade, pera remedio da qual mandou trazer muito pão de fora

do regno aos portos dantre Douro, e Minho, e o mandou vender por o preço que custara, e assi mandou fazer muitas esmolas a pobres, e tambem mandou pam atralos montes, onde avia a mesma necessidade, e dinheiro pera esmollas, o que tudo mandou repartir per homens de muita confiança, conforme a necessidade de cada hum, o que tambem fez em o Arcebispado Devora, em semelhante trabalho, e pera acudir mais pão a cidade, ordenou que todo pão que se vendesse fosse forro de sisa, e pera isto satisfez aos rendeiros. Por os seus visitadores mandava fazer muitas esmolas quando visitavam, tem certas pessoas honrradas pobres a que faz cadá mes certa esmolla, manda criar muitos engeitados que nam tem remedio, faz muitas esmollas pera casamentos de orphans, ou pera serem tomadas para freiras em mosteiro. Quando se tomou o cabo de Gue deu huma grão somma de dinheiro para resgatar captivos, principalmente mininos, pelo perigo da idade tenrra aparelhada pera facilmente perder a fe. A muitos homens fidalgos, e molheres da ajuda pera casamentos de suas filhas, e esmollas pera seu sustentamento. Quando tomou sua casa, que foi a custa de suas rendas, na milhor ordem que pode se partio pera Braga, e visitou os mais dos lugares dantre Douro, e Minho, e Amarante, e visitou tambem Guimaraens que avia muito tempo que senão visitava. Andando neste trabalho ate a entrada do Inverno, e logo no anno seguinte tornou a fazer o mesmo, e exercitava pessoalmente todolos officios de Prelado que podia, baptizando algumas crianças, e na visitaçam examinava, e inqueria por si a vida de seus subditos, principalmente Ecclesiasticos. Fez synodo, e Constituições, as milhores que pode, e todo dinheiro do Synodatico ordenou que se gastasse em casamento de

orphans, e na fabrica de humas mui boas schollas que se fezeram, e pos nellas mui bons mestres. Nobreceo a cidade com mui boas obras publicas, mandou concertar o mosteiro de S. Frutuoso proveo a Egreja de prata, e ornamentos, mandou a todolos Abades, Priores, e Vigarios que mostrassem seus titulos, os que não achou bem providos, podendolhe tirar os beneficios o não quis fazer, mas deulhes tempo em que se provessem novamente, ordenou mui bons Visitadores, mandou tambem visitar as Egrejas da visitação das dignidades, e Cabido pera se remediar a negligencia, e descuido que nas visitaçoens dellas avia. Castigou com severidade pecados publicos, e offensas de N. Senhor principalmente deshonestidade de gente ecclesiastica em a qual avia mui grande soltura, e evitou todo modo de extorsoens, e violencias, não pretendendo mais que o bem das almas, usou de muita clemencia com os culpados em que sentia conhecimento de suas culpas, o que per si nam podia fazer cometia a pessoas de muita confiança. Deu regimento pera se fazer mais justiça, e com mais brevidade, mandando castigar muitos culpados, principalmente pessoas poderosas com que se dantes não entendia, e pessoas que tinhão encorrido em graves crimes. Venceo a demanda dos votos com muito cuidado, e diligencia que pos pera se ver a justiça do Arcebispado na revista que ouve, estando ja a egreja desempossada per sentença que se revogou, foi isto causa de muita importancia peraquella egreja. Foi depois provido de Inquisidor geral, o qual cargo aceptou por puro zello da Fe, e desejo de servir nosso Senhor, porque delle nenhum outro fructo temporal podia colher; padeceo nisto mui grandes trabalhos, e enfadamentos principalmente em aquelle tempo que não estava nada do que cumpria ao offi-

cio da Inquisição posto em ordem e avia grandes contradiçoens, assi por parte do Nuncio, como de favores de Roma, e de grande negocio de christãos novos, pello muito poder que tinham: durou isto muito tempo, e chegou a grandes trabalhos, e riscos, os quaes todos carregavam sobrelle, todavia, com favor de Nosso Senhor, e ajuda del Rei seu irmão, foi a Inquisiçam por diante, e fezeräose muitos autos em que forão coedemnados muitos Herejes, teve pera isto mui bons officiaes. Assentouse a Inquisiçam nos estaos, e fezse carcere pera os culpados foi este hum grande serviço de N. Senhor, porque segundo a causa procedia se esse freo não fora, não se poderão excusar mui graves heresias, e mais em estes regnos. Com os culpados na Inquisição se usou sempre de muita clemencia, e pera os penitenciados ordenou hum collegio onde foram as Scholas geraes, e alli sam doctrinados em a Fe, e consolados com pregações, e os pobres mantidos com esmollas como são os do outro carcere. Este mesmo regimento, e modo de reformação, e esmollas, com mais zello, e caridade, e experiencia seguio em o Arcebispado Devora, o qual dantes era Bispado, e por seu respeito se fez novamente Arcebispado, e como teve então mais tempo, e mais poder pera residir, e comprir com a obrigaçam de seu officio, foi tudo feito com muita aventajem, como a renda era maior, eram tambem as esmollas mais grossas, assi as que corrião per mão de seu esmoler, como de seus visitadores. Tomou a seu carrego o hospital Devora, fez esmolla todolos annos a misericordia, e a todas as mais casas da misericordia do Arcebispado faz esmola cada anno mandando curar os enfermos a que o hospital, ou misericordia não podia acudir, e darlhe todo necessario. Em quatro festas do anno, Pascoa, Spirito San-

to, nossa Senhora Dasumpçam, e Natal manda repartir esmollas de pão, e dinheiro, e no Inverno vestir pobres, e tudo o demais que no Arcebispado de Braga se fazia, mas com ventagem de maneira que se acima dixe. Tinha muitos pregadores homens de mui boas letras, e exemplos, cada hum destes continuava certo tempo em huma terra em quanto era necessario pera com dotrina fazer mais fructo, principalmente sendo ajudada do bom exemplo dos pregadores, e depois sepassavam pera outra parte, per esta via, sem embargo do Arcebispado ser mui grande, todo era mui bem doctrinado, ajudando a isto o zelo, bondade, e cuidado de seus visitadores, e allem destes tinha nos principaes lugares outros que examinavam os clerigos, e os ensinavão e os faziam viver bem, e fazer seus officios, e proviam pera se administrarem bem os sacramentos, e se fazer o culto divino. Proveo a Se de pessoas muito edoneas, e de homens virtuosos e letrados, e assi teve muito bom Cabbido, e que muito bem fazia seu officio, e o ajudava, e assi trabalhou de prover sempre todos os mais dos beneficios que proveo, e a Se de todo necessario, e de muitos regimentos pera os officios divinos se fazerem nelle como compria. Acostumava levar o sancto Sacramento aos enfermos algumas vezes, e menistrava na sua egreja a todos os que o queriam receber, e visitava tambem em pessoa, e fazia todos os autos de visitaçam, como visitar o sancto Sacramento, e andar sobre os defunctos, tomar informaçoens, e chrismar, e finalmente todas as outras cousas. Sabendo quantas tyrannias erão as que usavam os meirinhos dos clerigos em as visitaçoens os tirou, e desta maneira se castigavão os viços sem escandalo, que os meirinhos grangeavão pera lhe durar mais tempo a fazenda de que se mantinham, pera o que

todos seus desejos erão serem eternos os pecados eclesiasticos. Nam se contentou com isto, e pera materia de esmolla espiritual que elle mais estimava que a corporal, ordenou hum collegio que entregou aos padres da companhia do nome de Jesu, em o qual se ensinasse Latim, e Grego, e virtude, e religiam. Depois vendo o fructo que daqui podia nascer, ordenou que ouvesse nelle tambem Lentes de Artes, e Theologia, finalmente fez delle huma Universidade onde a muita copia de estudantes mui bem doctrinados, assi em virtude como em letras, e pera isso edificou hum mui bom, e grande edificio, no qual despendeo mais de setenta mil cruzados, e a egreja com todos seus concertos, e ornamentos, e officiaes, e fontes dagoa da prata, e horta, e pumar, e scholas geraes para toda a Universidade, e o Collegio dotou de tanta renda que se podem manter mui bem nelle setenta religiosos da mesma companhia, dos quaes os vinte sam lentes, e os vinte ministros, e officiaes, e os trinta estudantes da companhia. Ordenou mais, pela ignorancia que dantes avia, e pela grande falta de curas, huma capella com renda pera vinte oito clerigos pobres, os quaes ouvem cada dia duas liçoens no dito collegio de casos de consciencia dous annos. Dasse a cada hum pera ajuda de sua despesa, cadanno dez mil reais, e como a obrigaçam que nesta capella tem he mui pequena com estes dez mil reaes, e com suas ordens se podem honestamente manter, saem deste exercicio resolutos pera confessar e doctrinar, e bem acostumados pera edeficar, com esta ordem que se deu, ha ja no Arcebispado muitos, e mui bons curas. Ordenou tambem outra capella de clerigos pobres, os quaes sam vinte, e quatro que ouvem Artes, e Theologia, os quais pera ajuda de sua despesa, tem cada hum delles cada anno doze

mil reaes, e huns, e outros se provem per opposição, e tem seus estatutos que sam obrigados guardar, e obrigaçam de cada hum dizer huma Missa pela tenção do mesmo Gardeal, cada somana. Antes do fundamento desta Universidade teve em Evora mui doctos mestres que ensinaram mui bem, e fundaram o alicerce da doctrina, que agora florece. Ordenou tambem outro Collegio de mininos orfãos criados em virtude, e doctrina, e pera moços de coro, e tambem pera outros a que seus pais davam o necessario, e pera todos os mais da cidade pobres dava mestres de ler, e escrever. Edeficou em Valverde hum mosteiro da ordem de sam Francisco da Provincia da Piedade, mui bem ordenado, assi pera recreaçam spiritual, como corporal onde estam mui bons, e mui spirituaes religiosos pera hum sancto, e suave recolhimento de prelados que depois succederem, quando cansados dos negocios se quiserem recriar no espiritu, oração, e forças pera tornarem ao trabalho, no edificar tem grande juizo, e assi no fortificar a que se depois do falecimento del Rei seu irmão deu pela necessidade que disso avia. Assentou em Evora a sua custa outra Inquisiçam, e para isso comprou casas, e edeficou outras de novo, e carcere, e todo mais que foi necessario, e pos inquisidores mui bons letrados, e tementes a Deos, e aptos pera tal officio, e assi todos os mais officiaes com seus ordenados, e tudo o que se gastou nesta Inquisiçam foi a sua custa, onde se fezeram tambem muitos autos, e fez muito serviço a N. Senhor, ajudou tambem muitas vezes com sua fazenda a Inquisiçam de Lisboa. Provido do Mosteiro Dalcobaça, o qual achou mui falto em tudo entendeo nisso de maneira, que esta agora huma das melhores observancias da Ordem de S. Bernardo que se pode achar ao presente. Ahi ja mui boa copia de

religiosos, e muita observancia de cerimonias sanctas, e necessarias e mui bom exercicio de spiritu, e devoçao. Fez mui grande despeza em obras mui necessarias, deu ordem como ainda que depois sucedessem comendatarios pouco devotos da religião o nam podessem desbaratar, porque ouve do sancto Padre bullas, pelas quaes concede toda jurisdiçam spiritual do dito mosteiro aos Prelados triennios, alem de terem sua renda separada da dos comendatarios pera o diante. A despesa que fazia no dito mosteiro era de maneira que quanto lhe rendia tudo nelle gastava, fez quasi de novo o mosteiro de Cóz que he de freiras de S. Bernardo, e lhe deu renda com a qual podem sem necessidade servir mui bem a nosso Senhor. Ordenou tambem hum Collegio de frades de S. Bernardo em a Universidade de Coimbra, donde sespera que sahião homens, que não somente aproveitem muito na ordem mas tambem dem muita doctrina onde quer que estiverem. Esteve a Ordem de São Bernardo em risco de totalmente se extinguir neste regno, por lhe tirarem os maiores, e milhores mosteiros de Sam Bernardo, e se annexaram ao convento de Tomar, ao que acudio, e com muito trabalho tirou os taes mosteiros. sc. Sam Ioão de Taroucae e Ceiça, e as Cerzedas e os tornou arestituir a ordem, e assi reformou o mosteiro Daguiar, no spiritual, e temporal, e assi outros mosteiros de religiosos, e religiosas, e mandou fazer obras nelles, e no de sancta Monica do Arcebispado Devora, e pos collegio de latim em Tarouca, teve, e tem muito cuidado de todos os outros mosteiros de que foi provido, e comprio mui inteiramente com as obrigações das quartas partes. Foi feito Cardeal, e depois alguns annos legado em o qual carrego fez muitas cousas de muito serviço de Deos, e foi nelle tam justo, e inteiro como

em todos os outros, indosse cada vez mais recolhendo pera fazer milhor o officio de Prelado. Falecendo o Infante dom Luis seu irmão, com sua morte se lhe dobraram os trabalhos, assi em agasalhar, e fazer despachar os criados do Infante, como em fazer cumprir seu testamento, o qual esta ja comprido, e allem de tudo isto era forçado que ajudasse a el Rei seu irmão, e suprisse a falta que lhe fazia tam virtuoso, e tam bom irmam como era o Infante dom Luis, e nisto deu grande prova de seu spiritu, porque nam achando el Rei nunca menos pera o que convinha a conselho, e governo do regno, em seu Arcebispado nam avia falta em nada. Mas estas occupaçoens se tornaram outra vez a multiplicar per morte del Rei, e aceptando a Rainha donna Catherina todo o governo destes regnos depois do falecimento del Rei seu marido, que Deos tem, o tomou a elle por seu ajudador de que se lhe seguiram mui grandes, e mui continuas ocupações, pela carrega ser tam grande, e tam difficultosa, e ambos forão sempre mui conformes no que convinha a serviço de Deos, e del Rei, e do bom governo, e destes regnos. Fez edeficar a fortaleza de sam Giam, a custa de hum por cento das marcadorias que saem desta cidade pera fora do regno, e reedificar o cano dagoa da prata da cidade Devora que estava quasi perdido, e darlhe renda perá fabrica. Governando a Rainha, veo o Serife rei de Morrocos, de Fez, e Miquinez, Senhor de Sus, e de Hea da Enxovia, e outras Provincias, cercar o Castello de Mazagam, que os Reis de Portugal tem em Africa, com mais de cento, e vinte mil homens de pe, e de cavallo o qual cerco, foi tam apertado, que de nosso tempo se não sabe que o fosse outro nenhum mais, nem na India, nem em Africa, nem em toda Europa, ao qual a Rainha com conselho, e ajuda

deste serenissimo Principe socorreo com tanta abundancia de gente Portuguesa sem outra nenhuma mestura, e de todalas cousas necessarias, que o Serife depois destar muito tempo sobreste Castello, foi constrangido dalevantar o cerco. E conhecendo a Rainha que o peso do governo do regno era mui trabalhoso, e que por suas mas disposiçoens o nam podia sofrer, desejosa de sua consolação, e recolhimento nas cortes que se fezeram em Lisboa no anno de mil, e quinhentos, e sessenta, e dous o renunciou neste esclarecido Principe, o qual elle aceptou com muito amor do sérviço de Deos, e del Rei seu sobrinho. Podera neste capitulo alargar mais o estillo, mas como a perfeita gloria dos homens se nam pode dar remate, senão depois que lhe faltam as occasioens de bem e do mal fazer, que he quando tem acabado o curso dos trabalhos deste mundo, remeto o mais deste negacio aos que depois de seu falecimento tomarem a cargo escrever por extenso todo o processo de sua vida, e tambem aquelles que composerem a Chronica del Rei dom Sebastiam seu robrinho, onde como em seu proprio lugar se podera com mor licença dizer o modo, e maneira com que governou o tempo que lhe couber neste tão trabalhoso cargo, no qual Deos por sua infinita misericordia lhe queria dar o lume dagoa da sua graça pera o servir com bem, e acrecentamento do estado da coroa destes regnos.

Fim do sexto volume

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXV)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. VII

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA
—
1910

DP
124
.56
1909a
v.7

CAPITULO XXVIII

De como Patecatir renovou a guerra depois da partida de Afonso Dalbuquerque, e do que mais passou ate o desbaratar Fernão Perez Dandrade, e se ir pera Iaoa, e doutras particularidades, e tornada de Antonio Dabreu da viajem de Maluco, e Banda.

Os mais dos Mouros, e Gentios de Malaca, que tinham a nossa parte, poserão toucas pretas em lugar de do, pela partida de Afonso Dalbuquerque, e desesperados de se poderem, nem elles, nem os Portugueses defender dos imigos, an-

davam como homens pasmados, ao qual medo se lhes acrecentou novas falsas, que se espalharão de ho Lasamane ter sua frota junta no rio de Muar, com tençam de vir cometer a nossa. Semeadas estas novas, cuidando Fernão Perez que era assi, o foi buscar, o que sabendo Patecatir, veo de noite sobre huma barcaça, que estava em guarda da nossa tranqueira, de que era capitam Afonso Chainho (que alli morreo), e a levou com todolos outros que nella estavão. Ao outro dia que isto aconteceo, entrou Fernam Peres no porto, por nam achar o Lasamane, nem novas delle, e contra parecer dalguns foi logo cometer a tranqueira de Patecatir, elle por mar, Afonso Pessoa por terra de longo da praia, com mil, e quinhentos piães Malabares, e Malaios, e alguns besteiros Portugueses, e sendo ja junto della, mandou a George Botelho de Pombal, que era um dos capitaens, que hião nos bateis, que se adiantasse, e a fosse cometer, e que elle lhe iria nas costas. George Botelho o fez assi, mas em chegando foi bem servido de hum camello que os imigos tomaram na barcaça, que estava assentado na porta da tranqueira e em guarda della, e da porta obra de cem mouros, com tudo não deixou de acommeter, no que estando chegarão Fernão Perez por mar, e Afonso Pessoa por terra com cuja vinda desempararão os mouros a porta, e a tranqueira foi entrada, e porque se nam desmandasse a nossa gente a roubar, Fernam Perez, lhe mandou logo recolher o camello em hum dos bateis, de que acharão o cepo cheo de sangue fresco que era do condestabre da barcaça que tomaram, a quem Patecatir mandara sobrelle cortar a cabeça, por não querer tirar contra os que hiam com Fernam Perez. Andando assi todos occupados em poer fogo, e recolher o camello, e outra artelharia que

acharão na tranqueira e alguns embaraçados no roubar, aparecerão obra de quatro centos mouros com tres Elephantes diante de si acastellados, com vinte frecheiros em cada castello, George Botelho, que se achou mais perto desta gente, fez corpo com a sua, dizendolhes que nam curassem de dar em hum dos Elephantes, que se adiantara dos outros, senam no que o regia, o que assi fezerão levandoo com as lanças de sobre o pescoço do Elephante, donde o guiava, o qual ficando sem regedor se atrassou na praia, deixandosse estar quedo, o que vendo o condestabre do batel de George Botelho, lhe tirou com hum arcabuz com que lhe deu no coraçam, de que logo caio morto. Os que hião nos outros dous Elephantes, vendo este morto, voltaram pera tras e o mesmo fezeram os mouros que com elles vinham, de que os nossos mataram alguns, porque os demais se meteram per huns esteiros de que alli a muitos, onde se salvaram, que por a terra ser alagadiça. Fernam Perez os nam quis mais seguir, dando logo licença a todos que com elles foram Christãos, Mouros, e Gentios, que roubassem muitos navios que alli estavam, e que chamão Gudoens, em que acharão tanto cravo, noz, maça, sandallo, e outras mercadorias que nam abastaram todos pera levar tudo, pello que mandaram chamar o povo de Malaca que viesse recolher o mais do despojo que elles deixavam. Roubada a povoaçam, e Gudoens, e queimada a mor parte de tudo com a tranqueira Fernão Perez se tornou a cidade, sem Patecatir ousar de sair a elle, o qual se mudou logo pera huma enseada huma legoa abaixo dalli, contra o cabo Rachado, onde se fortaleceo de tranqueiras, paliçadas, e fosados, com cuja ida o povo de Malaca ficou desatemorizado e os nossos muito mais acreditados que dantes. Avida esta victoria, dahi a

poucos dias foi Fernam Perez cometer o lugar, onde se Patecatir fezera forte, de que ganhou a primeira tranqueira, de quatro que eram, mandandolhe logo poer fogo, e algumas lancharas que ahi estavam, ao que acudiram tantos dos de Patecatir, e doutros que lhe tinha mandado o Principe que se dezia de Malaca, que forão constrangidos os nossos a se recolherem aos bateis. No qual negocio ouve tanto desconcerto, que os imigos feriram muitos delles, entre os quaes foram Fernam Perez, e Pero de Faria e mataram doze, de que os conhecidos foram Rui Daraujo, Christovam Pacheco, Christovam Mascarenhas, George Garces, e Antonio Dazevedo, e alguns malabares, e Malaios que com elles foram do que Patecatir ficou mui soberbo avisando logo desta victoriá o Principe, que na mesma hora mandou recado ao Lasamane, que estava com sua frota no Rio de Muar, que saisse fora, e tomasse o porto da cidade, sem nelle deixar entrar, nem sair vela nenhuma, e as tomasse todas como de imigos, e favorecesse os Reis de Darguim, e Dujentana contra os Portugueses, e seus aliados. Fernam Perez sabendo que estava o Lasamane no rio de Muar o foi cometer entre os quaes houve huma brava, e cruel peleja, que durou de hum dia ate o outro, porque os mais eram Iaos, que sam muito valentes homens, mas em fim elles forão constrangidos fogir, e varar seus navios em terra, acolhendose pera o sertam, aos quaes Fernam Perez mandou poer fogo, de que arderão muitos, e se tornou victorioso pera cidade, onde naquella sazam chegarão trez naos, que Afonso Dalbuquerque mandava da India com gente de guerra, e officiaes carpinteiros, e ferreiros, muniçoens, e outras cousas necessarias perá fortaleza, e pera se fazerem seis galles. Destas tres naos era capitam Francisco de Mello, o Gallego, os outros que vinhão

debaixo da sua bandeira eram George de Brito, e Martin Guedez, e pera Patrão da ribeira Fernam Trigo. Neste tempo avia em Malaca grande falta de mantimentos, pelo que determinou Fernam Perez de se ir ao estreito de Cincapura por onde naquelle mes, que era de Setembro, passavam jungos carregados delles, pera diversas partes, dos quaes tomou hum de Patecatir no canal de Sabam, em que achou muitos, e por a necessidade ser grande, e elle estar ferido, mandou depois de ser em Malaca Lopo Dazevedo, e George Botelho a Cincapura, onde tomaram tres jungos de Patecatir, carregados de mantimentos, e assi foram tantos na cidade que tornou tudo a seu preço: mas Petacatir com todolos seus, per falta destes quatro jungos padecião grande fome, do que certificado Rui de Brito Patallim, ordenou que fosse Fernam Perez sobrelle, pera que o acabasse de desbaratar. Estando os negocios nestes termos, chegou Gomez da Cunha de Pegú com hum jungo carregado de mantimentos, que la fora per mandado de Afonso Dalbuquerque, e deixava assentadas pazes com o Rei. E assi chegou Antonio de Miranda do regno de Siam, onde o tambem mandara Afonso Dalbuquerque por embaixador, a quem el Rei fez muita honrra, e muitas merces, com que tornou mui satisfeito. Prestes a armada, Fernão Perez foi cometer a povoaçam em que Patecatir estava ao que mandou diante George Botelho, e Pero Pessoa, como esforçados cavalleiros entraram a primeira tranqueira, e outras duas com tanto impeto que desbarataram de todo os imigos, com morrerem muitos, e de quatro Elephantes que trouxeram a pelleja, matou Francisco Machado hum, e tomaram outro. Patecatir fugio com sua molher, sogra, e criados para hum lugar em que tinha alguns navios, em que se foi pera Iaoa, do que o Principe

que se dezia de Malaca foi mui triste, e com medo se foi pera ilha de Bintão, com sua molher, e filhos, donde vinha algumas vezes visitar (com o fronteiro) suas terras, e mandou o Lasamane fazer saltos nas dos que erão nossos amigos. Lançado Patecatir fora da terra Fernam Perez o seguio logo pera se lhe atravessar no caminho, mas antes que chegasse ao estreito de Cincapura era ja passado, e o Lasamane que ahi andava, sabendo que vinha a nossa frota se acolheo. Pelo que Fernão Perez, por alli nam ter mais que fazer se veo a Malaca, onde achou Antonio Dabreu, que per mandado de Afonso Dalbuquerque fora descobrir as ilhas de Banda, e Maluco, o qual por lhe o tempo ser contrairo não passou da ilha Damboino, que he junto das de Maluco, donde trouxera algum cravo, e dalli se partio com Simão Afonso pera as ilhas de Banda que são cinco, habitadas de Mouros, e Gentios nas tres das quaes nasce a noz moscada, e maça em huma arvore que dizem que se parece a frol della com a dos pessigueiros e a arvore com os loureiros, de que das nozes dão sete quintaes per hum de maças. O Rei destas ilhas nam obedece a ninguem, a gente he feroz, e salvagem, e pouco polida algumas vezes se governão pellos mais velhos da provincia, porque sospendem o Rei se nam faz o que deve. E quanto a Francisco Serram, elle passou adiante, e com temporal se perdeo junto de huma das ilhas de Maluco, que se chama Ternate a qual foi ter no batel com alguns que se com elle salvaram, onde lhe el Rei fez muito gasalhado, e honrra, e partio com elle tanto de sua fazenda que ficou dassento na terra.

CAPITULO XXIX

De como dom Garcia de Noronha, George de Melo Pereira, e Garcia de Sousa chegaram a Cochim, e Afonso Dalbuquerque se partio pera Goa, e do que no caminho fez, ate la chegar, e por cerco a villa de Benastarim.

ATRAS fica dito como dom Garcia de Noronha que partira de Portugal no anno de M. D. xi. com seis naos invernara em Moçambique, onde vierão ter com elle George de Mello Pereira, e Garcia de Sousa que no anno seguinte de M. D. xii. no mes de Março partiram do regno, George de Mello por capitam de oito naos, e Garcia de Sousa de quatro em que hiam mais de dous mil homens, os quaes capitaens todos tres juntos chegaram a Cochim, a vinte dias Dagosto, com cuja vinda foi Afonso Dalbuquerque mui ledo por ja ter gente pera poder ir a Goa commeter a villa de Benastarim. Polo que fez logo prestes huma armada de xvj velas, em que levou os mais Portugueses que pode ajuntar, e huma boa companhia de Malabares, e Canarins, com a qual se partio a dez de Septembro do mesmo anno de M. D. xii pera Cananor, levando consigo dom Garcia de Noronha, que era seu sobrinho, e Pero Mascarenhas que se lhe pera isso offereceo posto que estivesse em posse da capitania de Cochim, dizendolhe que nam ficaria alli, indo elle a hum feito tam honrroso, como era tomar Benastarim. Chegado Afonso Dalbuquerque a Cananor meteo de posse da fortaleza George de Mello Pereira, que della vinha

provido de Portugal, e asossegou algumas desavenças que avia entre os nossos, e os mouros mercadores da terra, acerca de seus tratos, o que assentado se partio para Baticala, onde em chegando mandou dizer a Damechati, governador da cidade que lhe mandasse entregar huma nao que alli estava em Calecut, que era do mouro que comprara Simão Rangel, que se chamava Mafamede Maçari, o que logo fez, a qual com a carga que tinha, que era de muitas especiarias, mandou a Cochim. Alli veo ter com Afonso Dalbuquerque hum Iudeu Hispanhol que morava no Cairo, e lhe deu cartas de cinco Portugueses que estavão captivos em Adem, que foram do Bargantim que se perdeo da armada de Duarte de Lemos, de qne era capitam Gregorio da Quadra, como fica dito, em que o avisavam de como o Soldam de Babilonia mandava fazer uma fortaleza na boca do mar de Arabia, e muita gente pera mandar sobre Adem. Dalli se foi Afonso Dalbuquerque a Onor, onde achou outro Iudeu, natural da cidade de Beja, que avia pouco que partira do Cairo, e lhe affirmou as mesmas novas que lhe dera o outro, oconselhandoo ambos que devia de ir tomar Adem, antes que o Soldam mandasse sobre ella, e que podia ser que o Rei se lhe entregasse mui facilmente, por quanto estava de quebra com o Soldam por lhe não querer entregar aquella cidade, sobeilo que ouvera antrelles recados assaz escandalosos. Estando ainda Afonso Dalbuquerque em Onor, veo ter com elle Melrrao, de quem soube que mandava o Çabaim dalcam xx mil homens em socorro de Benastarim, aconselhandoo que se apressasse por chegar a Goa antes que esta gente viesse porque depois teria grande trabalho em guardar a Ilha, como em tomar a villa. Pelo que sem mais sperar, partio

dalli pera Goa, onde em chegando per conselho e parecer, assi dos que consigo levava, como dos que estavão na cidade, mandou logo cercar Benastarim pela banda do mar, no que ouve grande resistencia. Com tudo a villa foi cercada per aquella parte com duas naos grossas, outros navios, em que hiam Pero Dafonseca, Vicente Dalbuquerque, Antonio Raposo, Tristão de Miranda, Garcia de Sousa, e Ioam Gomez dalcunha cheira dinheiro, indo por capitão de todos Ayres da Sylva, as quaes velas foram assaz maltratadas dos quaes estavam na ilha com tiros da artelharia, e forão cada vez mais, se o condestabre da nao de Afonso Dalbuquerque com o pelouro de huma sphera, não quebrara em pedaços o camello que fora nosso, de quem os imigos se serviam mais que de nenhuma outra peça. Depois destes navios terem cercada a villa pela banda do mar, que era o mais importante, porque lhe tolhião dalli hos mantimentos que lhe vinhão do sertão em barcos Afonso Dalbuquerque se foi a cidade de Goa pera por terra vir logo poer cerco a esta villa de Benastarim, donde ao outro dia sahio Roçalcão com obra de duzentos, e cincoenta de cavallo, e muita gente de pe, com que chegou ate as duas arvores, ao que acudiram dom Garcia, Emanuel de Lacerda, Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de sam paio, e com elles Ioam Fidalgo, e Rui Gonçalvez de Caminha capitaens de quatro mil homens da ordenança, e alguns Malabares, e Canarins, com cuja vinda Roçalcão se escoou dos seus fogindo pera villa, aos quais seguindo os nossos o alcance os levaram ate as portas della, dos quaes os primeiros que chegaram foram Lopo Vaz de sam paio, e Pero Mascarenhas, que com o impeto com que hiam cometeram sobir o muro, per piques, e tras elles outros que lhes

chegaram nas costas, mas os que estavão de cima os servião de pedras, setas, lanças de arremesso, e espingardadas, de maneira que lho estorvaram, com ferirem muitos e matarem alguns, de que os conhecidos que morreram neste combate, foram Diogo Correa, capitão que fora de Cananor, e George Nunez de Leam, e Martin de Mello, de feridos ouve mais de cento, e cincoenta assi da banda do mar como da terra em que entrarão Lopo Vaz de sam paio de tres frechadas, Rui Galvão, Pero Dalbuquerque, George da Sylva, Pero Correa, Ioam Delgado, Rui Gonçalvez, Diogo Fernandez de Beja, Emanuel de Sousa, e Emanuel de Lacerda que derrubaram do cavallo com hum penedo com que de cima do muro lhe derão na cabeça, e o ouverão de matar com outros tiros se lhe nam acudira dom Ioam Deça, que o alevantou, e arredou do muro. Dos imigos foram tambem muitos feridos, e como se depois soube morreram mais de cento, e se Afonso Dalbuquerque não acudira a este negocio, ate chegar junto da villa, e fezera retirar os nossos mataram os imigos muitos delles, porque estavam tam acesos em querer sobir por piques ao muro que sem sua vinda não ouvera quem os dalli tirara. Recolhido Afonso Dalbuquerque pera a cidade com a mais gente que saira a este rebate, se fez prestes dalli a dous dias, pera ir per terra cercar Benastarim, levando consigo tres mil soldados Portugueses afora Malabares, e Canarins. As pessoas de calidade de que se pode saber o nome que foram a este cerco afora os que ja estavão no mar eram dom Garcia de Noronha, dom Ioam de Lima, Pero Mascarenhas, Emanuel de Lacerda, Simão Dandrade, dom Ioão Deça, Diogo Mendes de Vascogoncellos, George da Sylveira, Lopo Vaz de Sampaio, Pero

Dalbuquerque, Diogo Fernandez de Beja, Francisco Pereira Pestana, Gaspar Pereira, George Dalbuquerque, Fernam Gomez de Lemos, Duarte de Mello, Hieronymo de Sousa, Antonio de Saldanha, Rui Galvão, Antonio de Sa, Francisco Pereira de Berredo, Gonçalo Pereira, Antonio Ferreira Fogaça, e Diogo Fernandez de Faria Adail de Goa, Henrrique Homem, Rui Gonçalvez, e Ioam Fidalgo, todos tres capitães da ordenança, e outros muitos homens nobres, alem dos que ficarão em guarda da cidade, e por capitaens dos Canarins, e Malabares, e Chrisna, e Ralubranco. Diante de toda a gente hia a artelharia, mantas, e outros engenhos para abalrroarem a villa de que Emanuel de Sousa Tavares hia encarregado, com esta companhia chegou Afonso Dalbuquerque de noite a Benastarim, e na mesma assentou seu arraial.

CAPITULO XXX

Em que se trata de como Afonso Dalbuquerque combateo a villa de Benastarim, e a ouve por concerto, e da justiça que mandou fazer nos arrenegados que andavam com Roçalcam, e de como mandou dom Garcia de Noronha a Cochim fazer a carga das naos que aviam de ir pera o regno, e dos embaixadores que lhe vieram, e despachou, e assi do embaixador do Emperador da Ethiopia, e Rei do Abexi, e morte do Çamorij, e doutras particularidades ate se partir pera Adem.

CERCADA a villa de Benastarim, logo pola manhã começou de jugar a nossa artelharia, ao que os imigos respondião com a sua, que tinhão muita, e mui boa, com que fazião mais mal no arraial, do que recebiam, porque os baluartes que tinhão na frontaria das nossas estancias eram mociços, e o muro entulhado ate as ameas, e se não forão dous quartaos com que lhe tiravão do campo, e deitavão tantas pedras dentro que os fazião muitas vezes afastar das barreiras, a sua artelharia fezera mais mal do que ja tinha feito, os navios, posto que da banda do mar podessem fazer pouco danno com a artelharia, com tudo em quanto a da terra jugava, faziam ho mesmo, no que se continuava todolos dias, mas a guerra principal, que ja tinha feita a frota a villa, era terlhe vedados os mantimentos que lhe vinham per mar da terra firme, pelo que Roçalcam, tendo delles muita necessidade, determinou de dar no arraial, e ver se de sobresalto podia desbaratar Afonso Dalbuquerque, assi que huma noite no quar-

to dalva mandou huma somma de gente fora da villa, ficando elle a porta, a qual com muito esforço commeteo a estancia onde estava Emanuel de Sousa Tavares que em sentindo os imigos acudio fazendoos deter com muito esforço, mas como elles fossem muitos, e logo dos primeiros golpes o ferissem, foi constrangido recolhersse pouco a pouco seguindoo os imigos ate chegarem a dom Garcia, que lhe ja vinha socorrer, por estar mais perto que nenhum dos outros capitaens, mas nem isto aproveitou, porque elles com a furia que trazião fezerão tornar pera tras dom Garcia, e o desbaratarão, se lhe Pero Mascarenhas não acudira com a gente da ordenança, onde se travou huma crua pelleja, ate virem as mãos, e se ferirem com as adagas, e punhaes mas em fim forão constrangidos de se recolher, sem nenhum delles perigar. Vendo Afonso Dalbuquerque o danno que podia receber dos imigos se saissem mais vezes, do modo que o tinhão ja feito, mandou fazer huma tranqueira para mor segurança do arraial, com que o assegurou de maneira que Roçalcão perdendo de todo a sperança de poder defender a villa lhe mandou pedir tregoas, nas quaes se assentou pelos deputados, que Roçalcão entregasse os Christãos arrenegados que se lançarão com os mouros, com condição que Afonso Dalbuquerque lhes desse a vida, e que entregasse a caravella, e caravellão que se tomaram no passo de Noroa, quando a ilha fora entrada dos imigos, e que entregasse a villa com todollos cavallos que nella estavão, com toda a artelharia, muniçoens de guerra, e fustalha que tinha na ilha, e se saisse com todollos que com elle quisessem ir, salvas pessoas, e bens, mas Roçalcão, por ser contra sua lei a entrega que se avia de fazer dos arrenegados se passou secretamente de noite a terra firme, pera se

entregarem sem o elle ver os quais os capitaens que ficarão na villa entregarão a Sebastião Rodriguez, que depois foi escrivão da moeda da cidade de Lisboa, com que elle saio da villa as duas horas depois da mea noite, e os trouxe a Afonso Dalbuquerque, que os mandou poer a bom recado, e logo em amanhecendo entrou na villa, deixando ir todos que nella estavão livremente pera terra firme, com o que quiseram levar de suas fazendas, dandolhes todo o aviamento necessario pera passarem e se irem pera Roçalcão, que logo assentou seu arraial na terra firme, defronte da villa de Benastarim, o que feito, e ordenadas as cousas que cumprião para guarda e defensam da villa, Afonso Dalbuquerque se foi a cidade de Goa, onde mandou fazer execuçam nos arrenegados, guardandolhes as vidas, como ficara assentado nos concertos das pazes, mas por exemplo doutros não fazerem o que estes fezerão, lhes mandou com pregão cortar as orelhas, narizes, e as mãos direitas, e os dedos polegares das esquerdas. Acabadas estas cousas, por caso de outras muitas que Afonso Dalbuquerque tinha que fazer em Goa, não pode ir a Cochim despachar a armada que avia dir pera o regno, ao que mandou dom Garcia de Noronha seu sobrinho, dandolhe regimento, que depois que fossem concertados alguns navios que consigo levava, e com outros que la acharia, andasse sobella barra de Calecut, pera que não saissem as naos de Meca, que ahi estavam a carga. E porque se o trato de Goa não perdesse, mandou Garcia de Sousa com alguns navios correr ate a costa de Chaul, pera fazer arribar a ilha todalas naos que trouxessem cavallos, com a qual mercerdoria el Rei de Narsinga, e Çabaim dalcam ficavam sugeitos a mandarem alli seus feitores comprar aquelles cavallos, porque os não podião aver

doutra parte sendo o trato delles assentado em Goa e aos que a isso mandou deu recado, que da sua parte dixessem aos senhorios das naos que os franqueava de muita parte dos direitos que sohião pagar ao Çabaio, e a seu filho, o Çabaim dalcão, o que foi causa de virem muitos mais cavallos a Goa dos que soiam vir, e muitos mais mercadores, e mercadorias das que antes alli vinhão. Neste tempo chegou hum embaixador del Rei de Végapor a Goa, por quem el Rei lhe mandava sessenta cubertas de cavallos com suas colas, e testeiras, e xxv. sellas com suas guarniçoens tudo muito primo, e bem acabado, pelo qual embaixador mandou dizer a Afonso Dalbuquerque que desejava ter com elle paz e perpetua amizade, e servir el Rei de Portugal, como seu vassallo, e por seu serviço fazer guerra ao Çabaim dalcam, quando a com elle tivesse, e dar todolos mantimentos que se ouvessem mister em Goa, e que que queria arrendar as tanadarias da terra firme, e dar por ellas tanto quanto dava Melrrao pedindolhe que podesse cada anno tirar da cidade trezentos cavallos por seu dinheiro, o que lhe Afonso Dalbuquerque concedeo, por desejar muito sua amizade, e ao embaixador fez muitas merces, e a el Rei mandou hum presente per Gaspar Chanoca, que tambem mandava a el Rei de Narsinga, pedirlhe a cidade de Baticala por de todo ficar o trato dos cavallos em Goa. O qual Gaspar Chanoca fora ja outra vez a Narsinga como fica dito, e tornou sendo Afonso Dalbuquerque em Malaca, e hum embaixador que el Rei de Narsinga mandava com hum presente a el Rei dom Emanuel, por não achar Afonso Dalbuquerque se tornou pera Narsinga, pelo qual respeito de aver a cidade de Baticala tornou a mandar la outra vez Gaspar Chanoca. No mesmo tempo mandou o Ça-

baim dalcão dous embaixadores a Afonso Dalbuquerque pedindolhe paz, e licença para poder comprar dos cavallos que vissem a Goa, os que ouvesse mister aos quaes embaixadores fez muita honra, e merce, e mandou com elles Diogo Fernandez de Faria Adail de Goa, pera assentar os tratos das pazes com o Çabaim dalcam. Chegou logo dahi a poucos dias a Goa huma nao que Miliquiaz mandava carregada de mantimentos a Afonso Dalbuquerque, e nella hum messageiro per quem o mandava visitar, e dar o prol faça da tomada de Malaca, pelo qual messageiro, que logo despachou mandou hum presente a Miliquiaz, e com este despachou hum embaixador del Rei de Cambaia que avia sete meses que andava com elle, o qual viera ter a Goa com os captivos que estavam em Cambaia que lhe el Rei mandara com hum presente, o que fez para assegurar o trato dos do seu regno pera Malaca, que he huma das mores rendas que tem, por caso dos grandes direitos que lhe pagão do que levam pera Malaca, e de la trazem. Com este embaixador de Cambaia mandou Afonso Dalbuquerque Tristão de Gá, com alguns apontamentos pera el Rei, de que o principal ponto era pedir fortaleza em Dio. Depois da partida destes embaixadores veo recado a Afonso Dalbuquerque de hum embaixador do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, de como o tinha preso o tanadar de Dabul, pedindolhe que o fezesse soltar, por quanto vinha pera com sua embaixada ir a el Rei de Portugal, a quem o Emperador do Abexi o mandava. Este recado lhe deu Estevão de Freitas que vinha de Dabul. O que sabido logo Afonso Dalbuquerque despachou hum catur a Garcia de Sousa que andava em guarda daquella costa, pera pedir este embaixador ao Tanadar, o qual lhe elle entre

gou pacificamente, e o mandou a Goa, onde Afonso Dalbuquerque recebeo com cruzes, procissão, e paleo, huma Cruz feita do lenho da Vera Cruz, que trazia pera el Rei dom Emanuel, com a qual procissam o levou a Egreja, dando graças a Deos de ver embaixador Christão, de tam alongadas provincias, mandado por hum tam poderoso Rei, e senhor, pera com seus recados ir a Portugal a tratar amizade com el Rei dom Emanuel, o qual embaixador per nome Matheus, e outro del Rei de Ormuz Afonso Dalbuquerque despachou logo para Cochim mandandolhes dar embarcação na nao de Bernaldim Freire que era huma das milhores da frota que então partio pera o regno do qual Matheus, e da sustancia de sua embaixada, e da fe, crença, e costumes daquella gente Abexim se dira ao diante, e assi do a que veo o embaixador del Rei de Ormuz. E tornando a dom Garcia de Noronha, elle em passando pela barra de Calecut, deixou alli alguns navios pera guardarem a costa pera o que de Cochim logo mandou outros, e dando ordem a carga das naos que aviam de ir pera o regno, lhe derão huma carta de Naubeadarim, Principe de Calecut, em que lhe escrevia que se Afonso Dalbuquerque quisesse fazer paz com el Rei, que elle seria disso o medianeiro, e faria tanto, que lhe deixasse fazer fortaleza em qualquer parte da cidade que quisesse, ao que lhe respondeo, que sem avisar disso a Afonso Dalbuquerque se nam atrevia a lhe prometer nada, a quem logo despachou hum messageiro, do qual recado Afonso Dalbuquerque foi mui ledo, e lhe respondeo, que dandolhe el Rei de Calecut segurança pera fazer a fortaleza, assentasse as pazes do que se logo fezerão capitulaçoens assinadas, e asselladas solemnemente de huma, e

da outra parte. O que feito dom Garcia se partio de Cochim, e chegou a Goa, a dez de Fevereiro, donde Afonso Dalbuquerque depois de ver as capitulaçoens logo mandou Francisco Nogueira, e Gonçalo Nogueira, e Gonçalo Mendez, que fora feitor de Cananor, pera fazerem a fortaleza, e por mestre da obra Thomaz Fernandez encommendandolhes que fosse onde estava o Cerame del Rei, e elle se fez prestes pera ir sobre Adem, e dahi ao mar de Arabia, pera onde partio no mes de Março de M. D. xiii, deixando por capitam de Goa Pero Mascarenhas, e a Cochim mandou George Dalbuquerque com o mesmo cargo. O qual Afonso Dalbuquerque deixaremos seguir sua viagem, com deixar toda a terra do Malabar pacifica pera entretanto contarmos o que no anno de mil, e quinhentos, e doze, e neste de M. D. xiii, aconteceo, assi em Africa, como no regno, e em Malaca.

CAPITULO XXXI

De como dom Duarte de Meneses capitam de Tanger desbaratou Barraxa, e Almandarim.

NESTE anno de M. D. xii. no mes de Iunho sairam Barraxa, alcaide de Xexuam, e Almandarim Alcaide de Tetuam com gente de cavallo, e de pe, pera darem nos Mouros que estavão de pazes com nosco, e lhes queimarem os pães que tinham então nas eiras em fascães pera debulharem, com a qual companhia, que eram mais de oitocentos de cavallo, e dous mil de pe, em que avia muitos espingardeiros, e besteiros correrão o campo Darzilla, fazendo todo o estrago que poderam, tomando seu caminho dalli pera Tanger. Estas novas trouxerão a dom Duarte dous homens de cavallo Darzilla, que chegarão ja de noite o que sabido mandou logo ajuntar os fronteiros, e principaes da cidade, pera tomar conselho sobello que avia de fazer o qual foi, que mandasse fora corredores pera tomarem algum Mouro, e saberem quanta gente era, e se vinham a poer cerco. Mas os Mouros não sperarão tanto, porque antes do conselho ser acabado, os que roldavão mandarão dizer a dom Duarte que ja eram chegados, e tinhão posto fogo as eiras que estavão junto da cidade, o qual se ateou tanto, e tam de subito, que dos muitos se enxergava que era gente de pe que o punha. Esta noite toda se passou em ter boa vigia, e se cada hum fazer prestes, ou pera defender a cidade se lhe posessem cerco, ou pera sair ao campo buscar os imigos, segundo o recado que trouxessem os escutas, dos quaes, que tornaram no romper dalva, soube dom

Duarte (que os estava esperando fora da cidade) como os de cavallo jaziam junto com os fachos, e que a companhia lhes parecia gente grossa; que devia de olhar quam pouca era a sua, e nam quisesse commeter cousa de que saisse com deshonra. Mas dom Duarte parecendolhe que muito maior seria tornar para a cidade passou adiante com duzentos de cavallo, e ate trezentos de pe, caminhando pera onde os Mouros de cavallo estavão, aos quaes em vendo os nossos se fezeram atras, e sendo a mea legoa da cidade voltarão, pondosse em som de batalha mui crespos dando grandes gritas. Mas Barraxa dixe aos que estavão a par delle, que olhasse cada hum bem o que fazia, que não era aquella a gente que se avia de vencer com gritas se não com armas, e muito esforço, o qual lhes pedia que tivessem todos, que lhes certificava que o avião daver bem mister, e em dizendo isto aballou com a sua gente contra os da companhia do Adail Pero Leitão que dom Duarte mandara de noite com sessenta de cavallo, entre os quaes se começou logo huma brava pelleja, de que os nossos levavão o peor, mas sabendo dom Duarte quão esforçado cavalleiro era Pero Leitão, se deixou ir de vagar, pera com mor sua avantagem commeter os Mouros. Nos quaes deu para huma ilharga com a gente de cavallo, e pella outra com a gente de pe em sua ordenança, de maneira que depois da peleja durar per espaço de mais de huma hora, os Mouros de cavallo começarão dafloxar, que os de pe se nam acharão neste recontro, porque andavão espalhados pelo campo, fazendo o danno que podiam. Vendosse estes de cavallo em aperto ho primeiro que se desmandou, e começou de fugir foi Almandarim com cento de cavallo, o qual o Adail seguio ate nam ficarem com elle mais de cinco, que os outros sembarcaram com a

gente de pe dos Mouros, que se isto não fora elle prendera Almandarim, ou o matara. Barraxa que andava mais metido na força da batalha, vendo o que Almandarim tinha feito se começou de retraer em boa ordem, seguindolhe dom Duarte o alcance tres legoas ate o meter per huns passos estreitos de huma serra, donde se tornou com sua gente, recolhendo o campo, em que mataram mais de seiscentos Mouros, assi dos de pe como de cavallo, trouxerão captivos duzentos, e corenta entre os quaes foi o Adail do alcaide Almandarim, e o Alferez de Barraxa, e outros cavalleiros, e homens nobres, tomaram muitas tendas, e huma bandeira, e o seu atambor, e cento, e sessenta azemalas e bestas muares, e quarenta cavalos, e vinte egoas, e trinta camelios, e outro despojo. Barraxa esteve em risco de ser morto, ou preso, porque em lhe seguindo os nossos o alcance caio do cavallo, e se salvou em outro que lhe deu hum seu cavalleiro. Dos nossos morreram, Garcia Dalmeida, filho de Ioão Coelho de Septa, e Ioão de Mourão Castelhano, bom homem, e bom cavalleiro, e outros tres. Dos moradores de Tanger forão feridos vinte, e tres. O qual negocio acabado, dom Duarte se tornou perá cidade, onde chegou as duas oras depois de meo dia, e sem ir a sua casa nem comer, nem beber foi com toda a gente em procissam a Se a dar graças a Deos pola merce que lhes a todos fezera. Foi tanto o despojo que nam coube em huma grande casa em que o dom Duarte mandou meter ate se fazer leilam.

CAPITULO XXXII

De algumas cousas que acontecerão em Çafim neste anno de mil, e quinhentos, e doze, e de como el Rei la mandou dom Luis de Meneses, e dom Alvaro de Noronha com duzentas lanças, de que cada hum era capitam das cento.

ATRAS fica dito como no mes de Dezembro do anno de M. D. x. vierão dos Mouros cercar Çafim, donde se alevantaram o derradeiro dia do mesmo anno, e logo no seguinte de M. D. xi, entre outras entradas que Nuno Fernandez Dataide por capitão, e governador desta cidade fez, e mandou fazer polo Adail Lopo Barriga, e Cide Iheabentafuf forão os principaes duas, de que fica feita menção, porque ainda que os mais dos Mouros daquellas provincias fossem trebutarios a el Rei dom Emanuel, com tudo avia ainda alguns que com favor del Rei de Fez e do de Marrocos, e do Serife senhor das provincias de Sus, e Hea ho não pagavão, e nam contentes disto persuadiam aos que estavam de pazes com nosco, que não pagassem aquillo que per seus contratos erão obrigados dar. Pella qual razão era necessario, tanto por acudir aos que eram vassallos, e tributarios a coroa destes regnos, como pera castigar os que a isto erão contrarios, fazerensse entradas pela terra, das quaes a primeira que se fez neste anno de M. D. xii. foi por esta maneira. Mandou Nuno Fernandez a Lopo Barriga que fosse ao Azamel da Bida, que he o lugar em que os capitães das Cabildas, e Aduares tem suas tendas, mulheres, e filhos, e familia, e por mais nobre lhe chamão em

sua lingoagem azemel, que quer dizer na nossa corte ou cabeceira de toda a capitania, de qualquer daquelles aduares, ou cabildas. Esta Cabilda de Abida estava onze legoas de Çafim, sobre Xiatima, na ribeira de Aguz. Lopo Barriga andou alguns dias fora, nos quaes deu com a gente que levava de cavallo favor, e socorro aos Dabida contra os de Xiatima, que por não serem nossos amigos estavam com elles de guerra. Tornado Lopo Barriga, tiverão os de Xiatima aviso que os de Cide Iheabentafuf aviam de ir a miravel, e outros castellos pera fazerem trazer aos daquella comarca a Çafim as pareas que erão obrigados pagar, de que deviam alguma parte, por resto do anno passado, de M. D. xi. O que sabido pelos de Xiatima se ajuntarão oitocentos de cavallo, e estando Iheabentafuf no castello de Miravel, com cento, e sessenta de cavallo, que era a tres legoas do lugar donde estava a cabilda de Abida lhe dixeram que vinham os de Xiatima sobrelle, e posto que fossem muitos Iheabentafuf lhes saio, e os desbaratou com essa pouca gente que entam tinha, e alguma outra que se ajuntou com elle dos de Abida, morreram dos de Xiatima tres de cavallo, e foram captivos dous dos principaes dos Dabida, correndo Acum o principal xeque delles o alcance, aos de Xiatima, apartado da companhia de Iheabentafuf, voltaram os de Xiatima sobrelle, e o captivaram, e a pelleja foi de callidade, que se fora com outra gente se mataram muitos de huma, e da outra parte, mas os Arabes tem por costume, quando pellejão huns com os outros de se salvarem as vidas por respeito do resgate, de qne são muito cobiçosos, assi pelo proveito, como per vãgloria de dizerem depois, foam foi meu captivo, e em minha mam esteve podello matar, ou darlhe a vida, do que se louvam, e o tem por gran-

de honrra. Depois desta escaramuça acabada, logo ao outro dia se fez escaimbo dos captivos, e Acum foi resgatado pelos dous Xeques de Xiatima, os quaes de Xiatima que andavam alevantados se reconciliaram logo com Iheabentafuf, que reformou com elles as pazes, e lhes deu seguro de parte de Nuno Fernandez e assi tornaram apagar a pareas acustumadas. Poucos dias depois desta cavalgada, mandou Nuno Fernandez Dataide sobre huma aldea que esta ao pe da serra do ferro, que se chama Azeze, do que deu carrego ao Adail Lopo Barriga, e a Iheabentafuf, a qual aldea chegaram em rompendo a alva, e posto que estivesse forte de tranqueiras, e bastidas de madeira, os nossos a entraram, e matarão alguns dos mouros e captivaram seis, porque os mais se acolherão a serra, desemparando a aldea, donde os nossos se tornaram pera Çafim com os captivos, e cavalgada de gado grosso, e meudo, e alguns cavallos, e camelos sem no caminho lhe sair ninguem. Depois deste negocio, alguns mouros do lugar de Tazarot, amigos dos de Azeze vierão correr a Çafim, aos quaes Nuno Fernandez sahio, e posto que se defendessem, como mui esforçados homens morrerão delles onze dos de cavallo, dos quaes Lopo Barriga matou hum, e os outros se acolheram, deixando no campo treze cavallos, com que se Nuno Fernandez tornou pera a cidade, sem dos seus perigar nenhum. Neste tempo chegarão de Portugal, dom Luis de Meneses, filho de dom Ioam de Meneses, conde de Tarouca, Priol do Crato, e dom Alvaro de Noronha, que depois foi capitão Dazamor, com cem lanças cada hum, de que lhes el Rei deu a capitania separadamente, levando por regimento, que em tudo fezessem o que lhes Nuno Fernandez mandasse, sem sairem de sua ordenança. Mas posto que estivessem

pouco tempo em Çafim, Nuno Fernandez Dataide polos exercitar, fez duas entradas ate a villa Dalmedina por estarem alevantados os principaes della, em que os levou consigo, com as duzentas lanças que trouxerão de Portugal, das quaes duas entradas trataremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XXXIII

Do sitio da cidade Dalmedina, e do que passou em duas vezes que Nuno Fernandez Dataide foi sobre ella.

HUMA das principaes cidades da Duecala, he a de Almedina cercada de muro, os moradores della vivem per suas lavouras de que he mui abundante, sam mui destros a cavallo de que tem muitos, e bons de suas criaçoens, as molheres sam louçãs, e bem ataviadas, e por nesta cidade aver familias poderosas, e que se não querião bem huns aos outros erão os de huma destas partes afeiçoados ao serviço del Rei dom Emanuel, e os outros ao del Rei de Fez, per cujo respeito avia sempre entrelles diferenças, e difficuldade, no pagar do trebuto que erão obrigados trazer a Çafim, segundo forma de seus contratos. Neste tempo estavam alevantados os da parte del Rei de Fez com favor, e ajuda que lhes então mandara de gente de cavallo, e o mesmo fezeram os que tinham a nossa, ou per vontade ou com medo dos outros que se entam achavam mais poderosos, polo que determinou Nuno Fernandez Dataide de dar nelles com quatrocentas lanças, e alguma gente de pe espingardeiros, e besteiros, com os quaes

depois que partio de Çafim veo hum dia amanhecer as portas Dalmedina os da cidade que ja tinham aviso de sua vinda pelos escutas que trazião no campo, em chegando se poserão em ordem de se defender, acudindo as portas, e lugares mais fracos do muro. Nuno Fernandez como chegou dixe a dom Alvaro de Noronha, que com a sua gente, e com a que lhe mais deu de pe, e de cavallo fosse commeter a porta que se chama de Marrocos, que elle com dom Luis de Meneses iriam commeter outra, e que cada hum fezesse por ganhar a honra de ser o primeiro que entrasse, o que lhes sahio ao contrairo do que cuidavam, porque dentro da cidade avia seiscentos de cavallo, e seis mil de pe, que os speraram com as portas abertas, e sairam a elles com todo esforço, que do primeiro impeto os fezeram tornar atras, mas durando a batalha, que foi per um bom spaço, os Portugueses voltaram sobelos Mouros, em que se renovou a pelleja de modo, que de huma, e da outra parte avia assaz que fazer, em tanto, que Nuno Fernandez com toda a companhia, tomarão por partido alargaremsse dos imigos, e elles de os deixar ir em paz. Dos quaes como se depois soube, morrerão mais de vinte dos de cavallo, e alguns dos de pe, e forão muitos feridos. Dos nossos morrerão tres de cavallo dos moradores de Çafim, e forão feridos outros, entre os quais foi o Adail Lopo Barriga, assi se tornarão pera a cidade de Çafim sem trazerem cavalgada, nem acharem quem lhes saisse ao caminho. Alguns dias depois disto, soube Nuno Fernandez, como junto Dalmedina estavam huns aduares, nos quaes determinou de ir dar huma antemanhã, mas por ser sentido, e lhe sair da cidade muita gente de pe, e de cavallo, se tornou sem fazer nada. Vindo pelo caminho lhe veo hum cavalleiro Arabe seu conhecente dar

aviso, como el Rei de Marrocos era entrado na terra da Duecalla, e vinha em pessoa com huma grossa companhia de gente a lhe tomar o caminho. Nuno Fernandez lho agradeceo muito, e lhe mandou dar huma peça dalviçaras, pedindolhe, que de sua parte fosse dizer a el Rei que todo aquelle dia ate noite o avia de sperar no campo pera pellejar com elle, mas o mouro lhe mentio, ou per qualquer outro modo que fosse, el Rei de Marrocos não veo. Pelo que Nuno Fernandez se tornou pera a cidade, onde chegou passada mea noite, o qual Rei de Marrocos, o senhor da serra, por saberem quam victoriosos os Portugueses, e os com elles confederados andavam no campo se vieram a provincia da Duecalla, onde se lhes fezeram vassallos, e tributarios muitos dos Arabes, com que ficaram tão poderosos, e soberbos, que andavam com seu exercito a tres, e quatro legoas de Çafim. Neste tempo chegou dom Nuno de Mascarenhas, que el Rei mandava por capitam de cem lanças, debaixo da bandeira de Nuno Fernandez, e com recado a dom Luis de Meneses, e a dom Alvaro de Noronha que se viessem para o regno, e deixassem toda a gente de suas capitanias a Nuno Fernandez, como fezeram: de maneira que avia entam em Çafim, afora a gente de pe, mais de setecentos de cavallo, gente nobre, e luzida com que Nuno Fernandez fazia guerra aos Reis de Fez, Marrocos, e ao Senhor da serra, e assi ao Serife, fazendosse pagar das pareas que os Mouros per seus contratos erão obrigados trazer a Çafim, o que todos faziam os de pazes de livre vontade, e os vassallos del Rei de Fez, Marrocos, Senhor da Serra, e Serife per força, por lhes não queimar seus lugares, e aduares, e os captivar com molheres, e filhos, como muitas vezes fazia servindoo em todos estes negocios os mouros que estavam de pazes,

cujo capitam, e alcaide era Iheabentafuf que em quanto viveo servio el Rei dom Emanuel com muita lealdade.

CAPITULO XXXIV

Doutras entradas que Nuno Fernandez Dataide fez, que em huma dellas desbaratou el Rei de Marrocos, e de como se de novo reformaram as pazes que os Mouros tinham quebradas.

PARTIDOS dom Luis de Meneses, e dom Alvaro de Noronha pera o regno, Lopo Barriga pedio a Nuno Fernandez, que o deixasse ir ate o arraial dos mouros, que estava a tres legoas da cidade pera tomar lingoa, pera o que Nuno Fernandez lhe deu trinta de cavallo dos moradores, praticos na terra com que chegou as fraldas do arraial em amanhecendo, onde matou seis mouros, e trouxe quatro captivos, com que se tornaram em salvo, sem serem sentidos. Destes captivos soube Nuno Fernandez o que passava no arraial, pello que logo ao outro dia saio da cidade pelo mesmo caminho que fezera Lopo Barriga, que hia diante com cento, e cincoenta de cavallo, e dom Nuno Mascarenhas com as suas cem lanças, e Nuno Fernandez ficava com a mais gente atras. Os quaes caminhando nesta ordem, antes que chegassem hum bom espaço do arraial dos mouros, dom Nuno ficou com a sua gente em cillada, e Lopo Barriga chegou adiante, para ir correr o campo, em que tomou catorze mouros, e matou cinco, com que se recolheo levando huma gram somma de gado meudo diante de si, o que sabido no arraial, sairão

logo mais de quatrocentos de cavallo, tras Lopo Barriga, e sem ousarem de travar com elle, o foram seguindo ate onde dom Nuno Mascarenhas estava em cilada, aos quaes ficou na traseira, o que vendo Lopo Barriga, voltou sobrelles, ficandolhe na dianteira, entre os quaes todos se travou a mais revoltosa pelleja que ate entam acontecera depois daquella cidade ser nossa naqual derribaram alguns dos nossos, e feriram Rui Mendez de Sa, Ioam Vaz Dalmada, e Rui Dataide, e mataram o cavallo a Alvaro de Faria, e assi se foram recolhendo pera donde vinha Nuno Fernandez. O qual por ser ja muito tarde nam quis passar adiante receandosse que acudisse muita mais gente de cavallo dos Mouros sobrelle, com os quaes lhe parecia que nam poderiam pellejar, com sua aventajem, por os que foram com dom Nuno Mascarenhas, e com Lopo Barriga virem ja maltratados, e cansados pelo que se recolheo em sua ordem, posto que os mouros viessem ladrando tras elle, e o seguissem ate huma legoa da cidade, onde chegou ja de noite, deixando toda a cavalgada que trazia, que era de mais de vinte mil cabeças de gado meudo. Depois deste desconcerto a oito dias, soube Nuno Fernandez que estava este arraial del Rei de Marrocos assentado acerca da costa, no cabo de Cantim, sobello qual foi dar a boca da noite, estando elles ceando, de que tomou dous aduares. Mas em se recolhendo lhes sairão do arraial muitos de cavallo, e de pe, que o seguiram ate ser manhã, tratando mal toda a companhia despingardadas, setadas, e sobre tudo de pedradas, que forão tantas, que ficou aquella entrada o nome das pedradas, com tudo os nossos se recolheram sem lhe matarem nenhum, posto que fossem muitos feridos dos quaes foi hum Antonio Borges que era mui esforçado cavalleiro, trazendo mais

de trezentas almas captivas, e muitos cavallos, e camellos. Dalli a sete, ou oito dias se mudou el Rei de Marrocos pera serra de Benimagra, e assentou seu arraial na entrada do campo que se chama Idenart, do que sendo Nuno Fernandez avisado deu de noite no arraial com quinhentos de cavallo Portuguezes, e muitos dos Arabes de que era alcaide Iheabentafuf, o qual entrarão mataram muitos mouros, e el Rei esteve em perigo de ser preso, porque foi tamanho o medo em todos, que elle se acolheo em hum cavallo em osso. Tomarãolhe a sua tenda, e atambor, e huma sua manceba das principaes com muitas molheres nobres. Dos Portugueses foram alguns feridos, entre os quaes o foi Nuno Fernandez no rosto. Desbaratado o campo elle se recolheo com o despojo que foi mui grande, allem do gado, cavallos, camellos, e mais de quatrocentos captivos. Alguns dias depois desta cavalgada vieram os de Almedina correr a Çafim, lançando duas ciladas aos nossos comtudo elles se recolheram desbaratados deixando no campo mortos quarenta e oito de cavallo, dos quaes cavallos, os quarenta vieram a cidade, dos nossos, forão feridos muitos, e mortos tres dos moradores. Algnns dias depois vieram correr a Çafim setecentos Arabes de cavallo, sem fazerem mais do que dar vista, e logo a noite tornaram a poer fogo ao derredor da cidade, aos quaes Nuno Fernandez mandou Lopo Barriga com cento, e sessenta de cavallo escolhidos, com que foi tras elles pela ribeira acima, e apos Lopo Barriga mandou Nuno Fernandez o contador, Nuno Gato pela porta dalcaçova com outro tropel de gente de cavallo, com que deu nos mouros os quaes o começarão a tratar mal, ao que acudindo Lopo Barriga com a mais gente se poseram em desbarato, seguindoos os nossos per espaço de huma legoa, em que Lopo

Barriga matou o principal Xeque delles, que se chamava Iahomazonde, e lhe trouxe a cabeça, e o cavallo, mas a morte deste Xeque lhe nam foi tão facil, que não tornasse pera a cidade muito mal ferido de feridas perigosas, posto que victorioso. Esta cabeça do Xeque mandou Nuno Fernandez poer em hum pique sobre huma das portas da cidade, pela qual os Mouros davam muito dinheiro, mas elle a nam quis dar se nam no concerto das pazes que de ahi a poucos dias fezeram os Arabes de Xerquia, em que hum dos pontos principaes, foi que lhe avia de dar a cabeça deste Xeque, porque fora antrelles hum dos mais honrrados, e milhor cavalleiro. Assentadas as pazes com os da Xerquia todolos outros Arabes as renovarão com Nuno Fernandez, com os mesmos pontos, e condiçoens que dantes, dos quaes todos fez Cide Iheabentafuf Alcaide, e assi ficou por então toda aquella provincia pacifica a Coroa destes regnos, com os quaes, e com a gente que Nuno Fernandez tinha em Çafim, fazia tanta guerra a el Rei de Marrocos, e ao Serife que em suas proprias casas, e lugares mais fortes senão tinham por seguros delles.

CAPITULO XXXV

De algumas cousas que mais passaram em Çafim ate a tomada Dazamor, entre as quaes foi huma memoravel vitoria que Cide Iheabentafuf ouve del Rei de Marrocos.

REFORMADAS as pazes, determinou Nuno Fernandez de proseguir na guerra contra el Rei de Marrocos, e o Serife, assi com a gente que tinha em Çafim como com os mesmos Arabes de que era alcaide Iheabentafuf, em cuja companhia mandou ao Adail Lopo Barriga que andasse com cento, e cincoenta de cavallo Portugueses, os quaes todos estando juntos em hum lugar que se chama Duão, doze legoas de Çafim, lhes veo nova como nove Aduares Doledemita estavão assentados ao pe da serra dos Montes claros, no campo de Alehanz, o que sabido os foram buscar, e tomarão tão de supito, que antes de se darem accordo, mataram delles mais de mil almas, e trouxerão captivas cento e cincoenta, e oito, com muito gado vacum, e meudo camellos, bestas muares, cavallos, e muitas tendas, com outro despojo. Acharansse neste feito Vasco de Pinna, e Ioam de Pinna seu irmão, Emanuel de Sande, Lourenço Mendez de Lagos, Ioam de Freitas, Luis Dazevedo, Antonio Barba, George Mendez Dataide, Diogo Lopez Almocadem, Francisco Despinosa, e outras pessoas de calidade. Feita esta cavalgada, entrarão per terra de Xiatima, onde no campo de Metreza deram em huns aduares, em que mataram alguma gente, e captivaram cincoenta almas. Neste mesmo dia entrou o Serife a primeira vez nesta provincia de Xiatima,

pera se senhorear della, de cujo arraial vierão muitos de cavallo sobellos nossos, e se travou entrelles huma mui cruel escaramuça, porque eram estes homens cortesãos, e bem ataviados, e armados os quaes do primeiro encontro matarão tres Christãos dos de cavallo, e alguns mouros da companhia, o que vendo os nossos voltarão sobrelles. Cide Iheabentafuf per huma parte, e Lopo Barriga pela outra que então tinha consigo duzentos, cinccenta de cavallo Portugueses, na qual volta mataram xxv de cavallo dos imigos, entre os quaes morreo hum filho de Mezeara Rei de Dara, o que vendo os do Serife se retiraram pera o arraial deixando no campo trinta, e seis cavallos que os nossos recolheram. Alguns dias depois deste negocio forão sobre hum lugar, desta mesma comarca de Xiatima que se chama Tanly, do qual vendosse os de dentro postos em aperto, lançaram muitos cortiços dabelhas pelas ameas do muro fora, de que sairam tantas que nenhum dos que ahi estavam se pode dar acordo com ellas, das quaes perseguidos tomaram por partido abrir mam do combate, sem levarem outro despojo que muitas ferratoadas dellas, do que assi os mouros, como os Christãos sairam bem magoados. Allem desta perseguiçam das abelhas, forão alguns dos nossos feridos entre os quaes o foi Lopo Barriga de muitas, e mui perigosas feridas. Neste tempo mandou el Rei dom Emanuel Nuno da Cunha a Çafim com cem lanças, pera la estar por fronteiro, debaixo da bandeira, e mando de Nuno Fernandez Dataide, e screveo a dom Nuno Mascarenhas que se viesse para o regno, e deixasse as suas cem lanças a Nuno Fernandez. No qual tempo estava Lopo Barriga com sua companhia, e Iheabentafuf com todolos Alarves de pazes juntos em Aguz, onde lhes derão novas que vinha el Rei de

Marrocos sobrelles, com tanta gente de cavallo, que muitos mouros daquella provincia seguião o campo, pera verem a gazua que os del Rei de Marrocos aviam de fazer nos mouros de pazes, e nos Christãos. A qual nova sabida tambem per Nuno Fernandez, mandou Nuno da Cunha com duzentas lanças a Aguz onde entam estava por capitam hum Francisco Mendez com cincoenta besteiros de pe Portugueses. Alguns dias depois de Nuno da Cunha ser em Aguz veo huma quadrilha de ladroens, do arraial del Rei de Marrocos dar nas fraldas do nosso campo, dos quaes ladrões a muitos naquellas partes, que seguem os exercitos, roubando assi aos amigos, como aos imigos, destes tomou Lopo Barriga hum que logo mandou a Nuno Fernandez, o qual pelas informaçoens que lhe este ladrão deu, veio na mesma noite, com sos doze de cavallo a Aguz versse secretamente com Nuno da Cunha, e com Lopo Barriga, e na pratica assentaram que toda a genle Portugueza se tornasse pera Çafim, e que Lopo Barriga ficasse em companhia de Iheabentafuf com sos sessenta lanças, em que ficarão dom Rodrigo de Castro, e dom Garcia Deça Çuleima, e outros filhos, e cavalleiros que se não quiserão ir, e por aver ja sete, ou oito dias que nam sabiam o que passava no arraial del Rei de Marrocos, Lopo Barriga com alguns dos Arabes, que lhe deu Iheabentafuf foi hum dia amanhecer junto das suas estancias, onde a primeira gente que encontrou, foi hum magote de ladroens, do que matou tres, e cativou hum e os Arabes tomarão dous, os quaes depois de serem em Aguz, Lopo Barriga mandou pedir a Iheabentafuf (porque por virtude dos contratos das pazes, todolos captivos eram del Rei, e o outro despojo dos Arabes), e por nestes recados aver algumas repplicas, e Lopo Barriga ter cõmissam de Nuno

Fernandez Dataide, que pelo melhor modo que podesse se tornasse pera Çafim com toda a gente Portuguesa que com elle ficara, porque per algumas informações que tinha arreceava, que lhe armasse Iheabentafuf alguma treiçam, elle se tornou, ficando todolos Arabes nossos amigos, que alli estavão muito espantados de tamanha mudança, com tudo dom Rodrigo de Castro senão quis tornar e com sos tres criados seus de cavallo ficou em companhia de Iheabentafuf, o qual mouro como cavalleiro, e leal servidor del Rei dom Emanuel, sentindo muito esta desconfiança que Nuno Fernandez delle tinha determinou com tres mil de cavallo Arabes e alguma gente de pe que alli tinha consigo ir cõmeter, no mesmo dia que Lopo Barriga se foi a el Rei de Marrocos, do que avisou logo per hum troteiro Nuno Fernandez, aqueixandosse do pouco que delle confiava, mas que esperava em Deos que vencedor, ou vencido mostrasse naquelle dia quam leal servidor era del Rei dom Emanuel seu senhor. Este recado chegou a Çafim, mea hora depois da vinda de Lopo Barriga, pelo que Nuno Fernandez no mesmo instante, que recebeo esta carta arrependido do que tinha feito despachou logo de noite Henrrique de Parada, com doze de cavallo, dando suas desculpas a Iheabentafuf, e que ao outro dia lhe maudaria quinhentas lanças pera com ellas, e com os Arabes commeter el Rei de Marrocos. Henrrique de Parada chegou pela manhãa a Guz, onde achou ja pellejando Iheabentafuf com o poder del Rei de Marrocos, o qual desbaratou naquelle dia, e foi tamanha a victoria, e tal o alcance, que lhe matou huma grande parte da gente que com elle andava, em que entrarão muitos dos nobres de sua corte e ouve hum grande despojo de captivos, tendas, cavallos, camellos, bestas muares, gado grosso, e meu-

do. Nuno Fernandez Dataide o fez assi como o mandara dizer a Iheabentafuf porque logo pela manhãa despachou Lopo Barriga com duzentas lanças, e atras elle Nuno da Cunha com trezentas, mas sua vinda foi excusada, porque quando chegaram o campo del Rei de Marrocos era de todo desbaratado, do que Nuno Fernandez ficou mui triste por se nam achar em pessoa neste negocio, ou pello menos senão alcançar huma tamanha vitoria com ajuda e favor de tanta, e tam nobre gente como elle entam tinha em Çafim, em que avia afora a gente de pe, novecentos de cavallo, os mais delles homens nobres, entre os quaes ouve varias murmuraçoens, e altercaçoens contra o capitam, dandolhe muita culpa de ter por informaçoens falsas Iheabentafuf em ma conta per cujo respeito deixaram de ser participantes de hum tam honrroso feito, e tam memoravel victoria, depois da qual deu Nuno Fernandez trezentas lanças a Nuno da Cunha, com quem mandou o Adail Lopo Barriga, pera darem em hum aduar em terra do Xiatima, allem da serra do ferro, levando consigo alguns dos Arabes de Iheabentafuf, ao qual aduar em chegando forão sentidos, e ouve entrelles huma bem travada peleja, em que mataram Francisco Correa, e dom Luis Dazevedo, filho do Bispo do porto e outros, mas com tudo entraram o aduar, em que tomaram algumas almas, e gado com que se tornaram pera Çafim.

CAPITULO XXXVI

De como Molei Barraxa, e Almandarim vieram correr Arzilla e el Rei de Fez a Tanger, e depois Arzilla.

Tendo o Conde de Borba, dom Vasco Coutinho nova certa, per Gonçalo Vaz Almocadem mourisco ja Christam, de como no campo de Mençara, e Dalenaçar andava gente desmandada, determinou de ir correr contra aquella parte, e passando pella boca de Capanes deu a dianteira a Diogo Lopez de Lima, o qual entrou tam de supito, que com pouca resistencia captivou obra de trinta Mouros e com os quaes, com muito gado grosso, e meudo se começou de recolher pera a mesma boca de Capanes, em busca do Conde, que sabendo da cavalgada que trazia o foi receber ao caminho. Neste tempo vio Gonçalo Vaz hum mouro de cavallo que vinha muito seguro faldrejando a serra de Benamares, do que suspeitando que averia gente Dalcacer, ou de outras partes, espalhada pello campo, determinou de o ir sperar com Iusarte Dalmeida em hum passo estreito, onde o tomaram, e souberam que Barraxa, e Almandarim dormiram aquella noite em Benarroz com tençam de irem correr Arzilla, o que sabido pelo Conde mandou tanger com muita presa a cavalgada que trouxera Diogo Lopez de Lima ate ser fora da boca de Capanes, a qual he onde se ajuntão as serras, de Banamares, e Benegorfate, tam cerca, que de huma a outra se entende mui claro, o que se falla. Sendo ja o Conde fora do estreito de Capanes, posto que os mouros da companhia de Barraxa, e

Almandarim lhe viessem ladrando nas costas per bom espaço elle se recolheo a seu salvo com toda a cavalgada, com que chegou a Arzilla ja de noite. Mas ao outro dia amanheceo o campo cuberto de mouros, delles tam perto do muro, que lhe podião chegar com os tiros das espingardas, aos quaes o Conde nam quis sair, por serem tantos, que o perigo era mais certo, que a victoria porque na companhia avia toda a gente de Barraxa, Almandarim, com o Almandarim, com o Alcaide Dalcacer quibir, e outros dos quaes per Barraxa se achar mal disposto chegaram sem elle ate junto da villa Almandarim e o Alcaide Dalcacer, em companhia de Molei Habraem filho de Barraxa, e de huma Christãa Castelhana natural de bejar, mancebo de xx annos, que depois saio hum mui esforçado, e magnifico capitam, e mui amigo dos Christãos de quem el Rei dom Emanuel recebia muitas vezes cartas, e presente, e lhe respondia e mandava outros. Neste mesmo anno que era de M. D. xi, correo el Rei de Fez à Tanger, com tençam de cercar a cidade, por ter novas que nam estava apercebida de gente, nem das mais cousas necessarias; o que sabido em Arzilla, alguns fronteiros que la estavão, que ficarão do cerco, se foram pera la por mar, e o mesmo fez Ioam Martinz Dalpoem, que se então achou no arrecife com hum navio seu bem armado. El Rei de Fez assentou seu arraial ao redor de Tanger, e pos suas estancias do milhor modo que a elle, e aos seus pareceo ser necessario, com que teve a cidade cercada per alguns dias, nos quaes com a artelharia derrubaram os imigos hum lanço do Baluarte a que chamão o cubello do Bispo, per que entrarão logo muitos delles, ao que dom Duarte de Meneses capitam da cidade acudio, com cuja vinda, e esforço do capitão do baluarte, e gente que com

elle veo, entre os quaes era Francisco de Lanzina Biscainho mestre das obras que se entam alli faziam, os mouros tomaram por partido deixar o cubello, no qual debate morreram muitos delles, e foram alguns dos nossos feridos, entre os quaes foi Gaspar Caldeira morador Darzilla, de huma grande ferida pelo pescoço, e Francisco de Lanzina de muitas despada, e de duas setadas. Ao seguinte dia mandou el Rei de Fez cometer outra vez a cidade, no qual combate lhe resistiram os de dentro com tanto animo, que por parecer, e conselho de seus capitães mandou alevantar o cerco, o que fez por ver o pouco que podia ganhar, achando a cidade melhor apercebida do que lho deram a entender, assi de gente, como de muniçoens de guerra, porque totalmente elle nam saio ao campo com tençam de a cercar, se nao achando o tempo mui aparelhado pera isso pelo qual respeito nam trouxe consigo as muniçoens, e petrechos necessarios pera poder continuar no cerco. Isto como fica dito, foi no anno de M. D. xi, e no de doze tornou o mesmo Rei de Fez em pessoa sobre Arzilla, e assentou o arraial no facho, donde seus alcaides correrão ate atranqueira do Anjo, sem lhe o Conde poder resistir. Nestes recontros ouve ahi mortos, e feridos de huma, e da outra parte, dos Mouros encontrou dom Bernardo Coutinho o Alcaide Adel per hum olho de que ficou cego, e assi viveo depois muitos annos. Matarão os mouros dom Diogo Coutinho, irmão de dom Francisco Coutinho, conde de Marialva primo do conde de Borba, que elle mandou enterrar na Igreja de sam Bertholameu e a casa assi como a tinha entregou a seu filho dom Gonçalo Coutinho, que com o pai naquelle tempo estava por fronteiro em Arzilla

CAPITULO XXXVII

De como el Rei mandou Simam da Sylva por embaixador a el Rei dom Afonso de Manicongo.

Ja fica apontado como el Rei dom Emanuel mandou o padre Ioam de sancta Maria da ordem de são Ioam dos azues, ao regno de Manicongo, com outros religiosos, e clerigos pera la ensinarem a fe de N. Senhor Iesu Christo aos da terra, de que ja eram feitos muitos Christãos, e a pregarem aos que ainda o não erão. Depois de la serem estes padres, mandou el Rei hum cavalleiro de sua casa, per nome Gonçalo Rodriguez Ribeiro, com recado a el Rei de Manicongo, com quem foram mais Sacerdotes, e allem dos ornamentos que Ioam de Sancta Maria levava pera o culto divino, lhe mandou outros pelo mesmo Gonçalo Rodriguez. Estas mesmas pessoas que el Rei mandava cadanno com recados a el Rei de Manicongo, allem do fructo que fezerão acerca das cousas da Fe, moverão ao mesmo Rei mandar a estes regnos hum seu filho, que se chamava dom Henrique, e hum seu irmam, per nome dom Emanuel e alguns outros moços nobres, pera ca aprenderem as cousas da Fe, e costumes deste regno, e com elles hum embaixador per nome dom Pedro seu primo, homem prudente, e com quem el Rei dom Emanuel fallava muitas vezes, e o mesmo era sua molher que consigo trouxe, a qual a Rainha dona Maria fez sempre muita honra, e gasalhado. Depois deste dom Pedro ter negociado as cousas a que veo, el Rei o despachou mandando em sua companhia por embaixador a el Rei de Manicongo Simão da Sylva fidalgo

de sua casa cavalleiro da ordem de Christus, e o filho del Rei, e irmão, e moços nobres ficaram ca, repartidos per mosteiros, onde os ensinaram a ler, screver, gramatica, e cousas da Fe de que alguns delles sairão bons latinos, e theologos. Entre outras cousas que el Rei dom Emanuel mandou a el Rei dom Afonso de Manicongo foram cavallos, e mulas de preço bem ajaezados, e muitos ornamentos de Egrejas, assi de vestimentas, como caliz, cruzes, galhetas, tribulos de prata branca, e dourada, latã, e cobre, retabolos pintados, e finos, allem do que lhe mandou pedreiros, e carpinteiros pera fazerem Egrejas, e huns paços pera o mesmo Rei, ao modo dos de ca, e outros officiaes de diversos officios, o que tudo mandou embarcar em cinco navios de que o mesmo Simam da Sylva hia por capitam, ho qual allem da cõmissão de embaixâdor levava alçada pera fazer justiça dos Portugueses que la comprehendesse em erros, assi crimes, como civeis, e pera com el Rei de Manicongo julgar as causas dos naturaes de seus regnos, e senhorios, e com hum letrado que levava consigo, com officio de corregedor por o mesmo Rei de Manicongo o ter assi mandado pedir per dom Pedro seu primo, a el Rei dom Emanuel, allem do que deu per regimento a Simam da Sylva, que se se el Rei de Manicongo quisesse servir delle nas cousas da guerra que o ajudasse, e aconselhasse em tudo o que lhe fosse necessario e assi lhe mandou hum padram de carta darmas parelle, e vinte escudos doutras armas, pera as elle dar a quem lhe aprouvesse, e hum sello darmas de Chancellaria, e hum sinete, e bandeiras, e guiões pera lhe servirem na guerra. Nos apontamentos, e regimento que el Rei deu a Simam da Sylva lhe mandou, que per virtude da carta da crença que levava, dixesse a el Rei de Manicongo de

sua parte, que devia escrever ao Papa, e mandarlhe obediencia, como o fazem os Reis Christãos, e que com esta embaixada devia de tornar dom Pedro seu primo, acompanhado de ate doze homens nobres os quaes elle mandaria per mar, ou per terra a Roma a sua custa, e que allem destes mandasse ainda alguns moços nobres de idade de treze annos, ate quinze para os mandar ensinar com os outros que ca estavão, encomendando a Simam da Sylva muito que fezesse com el Rei dom Afonso de Manicongo que nos mesmos navios que levava tornasse dom Pedro com a embaixada, e obediencia do Papa, e os mais moços que mandava pedir. Com este regimento, e companhia partio Simam da Sylva de Lisboa, e sem no caminho lhe acontecer cousa que seja de contar chegou ao regno de Manicongo. De cuja vinda, como el Rei soube o mandou logo visitar per hum seu primo, per nome dom Ioam, e porque antes de partir daquelle lugar ouve algumas dilaçoens causadas per Portugueses que la andavam, a que pesava com a vinda de Simam da Sylva, pelo poder, e alçada que levava pera os castigar, elle se deteve alguns dias antes que partisse pera a corte del Rei em companhia do mesmo dom Ioam, e no caminho adoeceu de febres, de que morreo sem chegar onde el Rei estava, do que foi mui anojado, per cuja morte socedeo na embaixada Alvaro Lopez que hia por feitor da armada, e nomeado na socessão, o qual lhe apresentou as cousas que el Rei dom Emanuel mandava, e lhe deu a carta del Rei, que levava Simam da Sylva, de que o treslado do verbo ad verbum he o seguinte.

Muito poderoso, e excellente Rei de Manicongo. Nos dom Emanuel pela graça de Deos Rei de Portugal, e Guine vos enviamos muito saudar, como

aquelle que muito amamos, e prezamos, e pera quem queriamos que Deos desse tanta vida, e sande como vos desejaes. Nos enviamos a vos Simam da Sylva fidalgo da nossa casa pessoa de que muito confiamos, e a quem, por nos ter muito bem, e fielmente servido temos boa vontade, o qual escolhemos para vos enviar, por o termos conhecido por esforçado, e de muita fidelidade, e que vos dara de si boa conta. E por que quando as semelhantes pessoas, assi nos, como os outros principes e Reis Christãos enviamos huns aos outros, he costume levarem nossas cartas pelas quaes sam cridos em todo o que de nossa parte lhe mandamos fallar aquelles a quem os enviamos nos fallamos com o dito Simam da Sylva toda nossa vontade acerca da sua ida á vos, e o que queremos que em sua estada la faça em vossas cousas assi naquellas que tocarem a paz, como a guerra, como tambem na justiça, e governança de vossos regnos, e senhorios pera o que nos enviastes pedir que vos enviassemos huma pessoa. Muito vos rogamos que o ouçaes, e lhe deis inteira fe, e crença em todo o que de nossa parte vos dixer, e fallar, assi como o fareis se por nos vos fosse dito e fallado, e em muito prazer o receberemos de vos, e nos speramos em nosso Senhor que da ida do dito Simam da Sylva vos recebais muito prazer, e contentamento, e que em todas vossas cousas o acheis assi bom, e verdadeiro servidor como nos nas nossas, e em todo nosso serviço o temos achado, porque por isso o escolhemos pera vo lo enviar, e muito vos rogamos que pois prouve a nosso Senhor por sua misericordia vos alumiar, e trazer ao conhecimento de sua sancta Fe, assi vos praza ordenardes todas vossas cousas, e nella o servirdes, como o fazem os Principes Christãos, e como nos o fazemos do que mui compridamente vos infor-

mara o dito Simam da Sylva, porque de assi o fazerdes, receberemos nos muito prazer, e contentamento. Lida esta carta pelo secretario del Rei de Manicongo, Alvaro Lopez lhe apresentou os religiosos e clerigos, que com elle hião, e assi os ornamentos pera as Egrejas, e officiaes, e lhe deu o presente que lhe levava. Depois del Rei de Manicongo ter visto as pessoas, assi religiosos, como de guerra, e mecanicos, e os ornamentos pera as Egrejas, cavallos, mullas, jaezes, atavios pera sua pessoa, e da Rainha sua molher, que lhe el Rei dom Emanuel mandava, pos os cotovelos sobellos geolhos, e o rosto entrambalas mãos, e como espantado as allevantou pera o ceo dando graças a Deos pela merce que lhe fezera, em o confirmar na sua verdadeira Fe, per meo, e industria de hum tão virtuoso, e tão magnanimo Principe como era el Rei dom Emanuel, e logo dahi a poucos dias, assentou de mandar per dom Henrrique seu filho que ca estava no regno estudando, e per dom Pedro seu primo obediencia ao Papa como fez, e se ao diante dira.

CAPITULO XXXVIII

Em que se contem o treslado de verbo a verbo de huma carta notificatoria del Rei dom Afonso de Manicongo, pera se saber a causa porque lhe el Rei dom Emanuel mandou carta darmas para elle, e vinte escudos doutras armas de diversos blasões, para as o mesmo Rei de Manicongo dar as pessoas que lhe aprouvesse.

PORQUE neste tempo presente, e em todos os vindouros ate fim do mundo, seja a todos sabido, e manifesto, as obras, e amerceamentos que o todo poderoso Deos, nosso Senhor fez sobre nos dom Afonso por sua graça, Rei de Manicongo, e senhor dos Ambudos noteficamos, e fazemos notorio a todos os que agora vivem, e pelos tempos ao diante vierem, assi nossos vassallos e naturaes de nossos regnos, e senhorios como a todos os Reis Principes, e senhores, e gentes nossos vesinhos, e comarcãos, que sendo nos tempos passados estes nossos regnos, e senhorios descubertos pellas gentes dos regnos, e senhorios de Portugal assi em vida del Rei dom Ioão segundo Rei dos ditos regnos, como agora em special em tempo do muito alto, e muito poderoso Rei, e Senhor dom Emanuel Rei dos ditos regnos, e senhorios de Portugal, e sendo por elles ambos enviados a el Rei meu padre, como per huma divina inspiraçam, e amoestamento de esperança das cousas presentes de acrecentamento de sua sancta Fe catholica nesta terra por sua piedade prantada, clerigos, e frades, e pessoas religiosas para que lhe mostrassem o caminho de sua salvação, o posessem no conhecimento de

sua sancta Fe Catholica, sob que vivem os ditos Reis, e seus naturais, por que nisso fezessem obra conforme a charidade per Deos a elles encomendada, e como fieis, e verdadeiros catholicos comprissem nisso seus mandados, foi por o dito Rei meu padre recebida a ensinança Christã, e nella mostrou bom começo, do qual por enveja do Diabo, imigo da Cruz foi em seus dias apartado, e assi desviado que não obrou nelle a graça de Deos. Nos quaes tempos em que estas cousas se começaram, e passaram sendo nos moço de pouca idade, e alumiado da graça do Spirito sancto, per huma singular, e especial merce a nos dada de toda a santissima Trindade Padre, Filho, Spirito santo, tres pessoas hum so Deos, que firmemente cremos e confessamos, fomos recebendo a doutrina Christã, de modo que so pela misericordia de Deos foi em nos de hora em hora, e de dia em dia, assi prantada em nosso coração confirmada, que apartado de todolos erros, e idolatrias em que ate o presente nossos antepassados viverão fomos em verdadeiro conhecimento, que nosso Senhor Jesu Christo Deos, e homem verdadeiro, descendo do Ceo a terra tomar carne no ventre virginal da Virgem gloriosa Maria sua madre, e por salvação de toda a humanal linagem, que pelo peccado de nosso primeiro padre Adão estava sobpoder do diabo recebeo a morte no lenho da Cruz na Cidade de Hierusalem, e foi sepultado, e resurgio de morte a vida ao terceiro dia, porque fosse cumprido, e acabado o que delle foi profetizado, pela qual morte fomos remidos, e salvos. E sendo nos neste verdadeiro conhecimento, e continuando nos ensinos dos religiosos, e fieis Christãos, caimos em grande avorrecimento del Rei nosso padre, e dos grandes de seus regnos, e gente delles, o qual com grande desprezo, e m

terrou pera terras mui longe, onde apartado de sua vista, e da sua graça passamos muito tempo, não sem grande contentamento, e prazer de padecermos pela Fe de nosso Senhor. Mas com muito esforço, que por sua piedade sempre nos deu, pera muito mais padecermos se conviesse, com firme esperança. que assi nos ajudaria, e daria sua graça, que não ficasse ao menos pera salvação de nossa alma em nos nosso trabalho, e firme Fe de vazio, e passando assi em nosso desterro ouvemos recado como el Rei meu padre estava em passamento de morte, e que outro nosso irmão se apoderava do regno, não lhe pertencendo por direito senão a nos, como primeiro, e primogenito, que fomos, e que isto fezera com favor de todos os grandes, e senhores do regno, e gentes delle, que a nos tinhão em odio, por conseguirmos a fé de N. Senhor Jesu Christo, o qual como nunca desemparou, nem desemparara a quem o serve, e a quem o chama nos esforçou pera virmos onde o dito nosso Padre estava, e com so xxxvi homens, que nos servião, e acompanhavão, viemos onde o dito nosso Padre estava, e ao tempo de nossa chegada era ja fallecido. E aquelle nosso irmão, que nossa sobcessão individamente, e contra justiça nos occupava, posto em armas com numero infindo de gente, e apoderado de todo nosso regno, e senhorio, o qual quando assi vimos por so salvação de nossa pessoa nos fingimos doente, e estando assi com os nossos, per huma divinal inspiração de nosso Senhor, nos esforçamos, e chamamos, os nossos xxxvi homens, e com elles nos apparelhamos, e nos fomos com elles a praça da cidade, onde o dito nosso Pai faleceo, onde gente de numero infindo estava com o dito nosso irmão, e alli bradamos por nosso Senhor Jesu Christo, e começamos a pelejar com os nossos contrairos, e dizendo os

nossos xxxvi homens inspirados da graça, e ajuda de Deos, ja fogem, ja fogem os nossos contrarios se poserão em desbarato, e foi por elles testemunhado, que virão no ar huma Cruz branca, e o bemaventurado Apostolo Sant-Iago com muitos de cavallo armados, e vestidos de vestiduras brancas pellejar, e matar nelles, e foi tão grande o desbarato, e mortandade, que foi cousa de grande maravilha. No qual desbarato foi preso o dito nosso irmão, e por justiça julgado que morresse, como morreo, por se alevantar contra nos, e finalmente ficamos em paz pacifica de nossos regnos, e senhorios, como oje em dia, pela graça de Deos somos, da qual cousa, e do milagre por nosso Senhor feito, enviamos dar notificação ao dito Senhor Rei dom Emauuel de Portugal, como a começo da mesma obra, e per cujo meo per graça de Deos fomos pera tantos bens alumeado, e com os recados disto enviamos a elle dom Pedro nosso primo, que foi hum dos xxxvi que comnosco era pelo qual fomos informado, e assim pelas cartas, que o dito Senhor Rei nos enviou dos grandes louvores, que forão dados em seus regnos ao todo Poderoso Deos, por os bens tão manifestos do seu grande, e infinito poder. E visto pelo dito Senhor Rei de Portugal, como isto era obra digna de Perpetua lembrança, e de que todo o bom exemplo se podia seguir em toda a parte, em que se soubesse pera maior acrecentamento de nossa Sancta Fe Catholica, e tambem pera nosso louvor antre outras muitas cousas que pelo dito dom Pedro nosso primo nos enviou, e por Simam da Sylva fidalgo de sua casa, que com elle a nos vinha nos mandou as armas nesta carta pintadas pera as trazermos em nossos scudos por insignias, como os Reis, e Principes Christãos daquellas partes costumão trazer por sinaes de quem sam, e donde proce-

dem, e pera entre todos serem per ellas conhecidos. As quais armas que assi nos enviou significam a Cruz que no Ceo foi vista, e assi o Apostolo Sanctiago com todos os outros Sanctos com que por nos pellejou, e sob cuja ajuda de Deos nosso Senhor nos deu victoria, e assi tambem como pelo dito Senhor Rei nos forão enviadas pera as tomarmos com a parte das suas que nas ditas armas meteo, as quaes o todo poderoso Deos nosso Senhor deu pello seu Anjo ao primeiro Rei de Portugal pellejando em batalha contra muitos Reis Mouros imigos de sua sancta Fe, que aquelle dia, venceo, e desbaratou. As quaes armas assi pelo dito Senhor Rei de Portugal a nos enviadas com muita devação, e com muito acatamento recebemos de Deos nosso Senhor, e como merce mui em special por meo o dito Senhor Rei de Portugal que nolas envia, a quem muito as tivemos, e temos em merce, e com obrigaçam de verdadeiro, e fiel irmão em Christo Jesu, e mui fiel amigo em todo o tempo lho reconhecemos, em todo o que de nos, e de nossos regnos, e senhorios mandar, e como tal se cumprir no que se offerecer por elle, e por suas cousas morreremos pela infinda obrigaçam em que lhe fomos, não somente pelo bem temporal, mas pelo spiritual, e salvaçam de nossa alma, e de tanto povo e gente como per seu meo he salvo, e speramos que ainda mais seja, no conhecimento, e conversam da Fe de Christo, a que nos aderençou, e em que nos pos com muito trabalho, e despesa que nosso Senhor per sua misericordia em todas suas cousas lhe galardoara pois por elle so, e por seu serviço o fez. E as ditas armas rogamos, encomendamos, e mandamos, por nossa bençam aos nossos filhos, e a todos os que de nos descenderem que ate a fim do mundo sempre tragam, e em todas as guerras em que forem sejam

lembrados da significação dellas e do modo em que per nos foram ganhadas, e nolas enviou o dito Senhor Rei de Portugal, porque com ellas confiamos na misericordia de Deos, que sempre lhes dara victoria, e vencimento, e os conservara em seu regno ate fim do mundo, assi mesmo por que he cousa justa que aquelles que bem, e fielmente servem a seu Rei, e senhor sejam seus serviços agalardoados, satisfeitos com honras, e merces per que suas famas, e obras nunca sejam esquecidas. Estes sinais darmas sam tambem dados aos nobres fidalgos, e cavalleiros que bem, e fielmente servem a seus Reis, e senhores, segundo que nos fez saber o dito senhor Rei de Portugal, que antre os Reis e Principes Christãos se acostuma fazer, nos enviou mais vinte escudos darmas pera os darmos aquelles do conto dos trinta, e seis que na batalha com nosco forão, que de mais limpo sangue, e mais nobres fossem para por elles se perpetuar sua fama, e o louvor do serviço que alli nos fezerão, e com virtuosa enveja cada hum se esforçar, e encender a fiel, e lealmente seu Rei, e senhor, e com perpetua memoria se perpetuar, a nosso Senhor Jesu Christo pedimos, que elle que por sua so piedade quis por nos padecer, e morrer, se queira alembrar, e amercear de nos, para em sua santa Fe Catholica nos conservar, e nella a nos, e a todos nossos filhos, e a todos nossos povos deixar acabar, como elle sabe que o desejamos. Dada, &c. O treslado desta notificação mandou el Rei dom Afonso de Manicongo aos principaes Senhores de seus regnos e senhorios, e alguns seus vizinhos, e logo no mesmo anno de M. D. xii, mandou dom Pedro seu primo com a obediencia pera o Papa, e com elle doze pessoas principaes de sua corte per quem mandou a el Rei dom Emanuel hum presente de

cousas que se em seus regnos criam, e fazem em que avia huma grande cantidade de marfim, e muitos fardos de pilataria de martas ginetas, lobos cervaes, onças, e outras alimarias, e huma boa somma de panos feitos de fiado de ervas muito finos, delles crus, e outros tintos de preto e alguns delles lavrados do modo que o he o cetim avelutado, e tam finos, e a cor tam perfeita que ao longe pareciam de seda. Vieram tambem com dom Pedro doze moços nobres pera ca aprenderem as cousas da Fe, e costumes dos Christãos, os quaes el Rei dom Emanuel tambem mandou repartir per mosteiros. E por estes negocios irem juntos, e infiados porei no capitulo seguinte o treslado da obediencia que el Rei dom Afonso de Manicongo mandou ao Papa per dom Henrique seu filho, e per dom Pedro seu primo, por ser de hum Rei da Ethiopia tam remoto da Europa, e hum dos primeiros que naquellas partes recebeo a Fe de nosso Senhor Jesu Christo, e o primeiro que nella permaneceo, pela pregaçam, e ensino da naçam Portuguesa.

CAPITULO XXXIX

De como depois de dom Pedro chegar a Portugal, el Rei dom Emanuel mandou dar aviamento pera dom Henrique, e elle irem a Roma com sua embaixada ao Papa.

CHEGADO dom Pedro a Portugal, el Rei dom Emanuel mandou fazer prestes todalas cousas que cumpriam pera dom Henrrique filho del Rei dom Afonso de Manicongo, e dom Pedro com sua companhia irem a Roma, mandandolhes dar para o caminho todo o que lhes foi necessario, assi de dinheiro como em cavalgaduras, e gente que com elles mandou, aos quaes no anno de M. D. xiii, em que chegaram a Roma foi feito solemne recebimento, pelo Papa Leão Decimo, por Iulio Segundo ser ja morto, dando graças a Deos por ver gente tão barbara, e tão diferente dos costumes dos da Europa, e tão remota della, convertida a Fe de nosso Senhor Jesu Christo, os quais embaixadores na segunda vez que fallarão ao Papa lhe apresentarão a carta da obediencia, e crença que levavão del Rei dom Afonso de Manicongo, da qual o theor he o que se segue tirado de lingoa latina, em que era escripta, na nossa Portugueza.

Sanctissimo em Christo, Padre Beatissimo Senhor, Senhor nosso Iulio Segundo, pela divina Providencia Summo Pontifice. Vosso devotissimo filho dom Afonso pela graça de Deos Rei de Manicongo, e senhor dos Ambudos, Guine, manda beijar vossos beatissimos pes com muita devação. Bem cremos Beatissimo Padre, que tem vossa Sanctidade entendido como el

Rei dom Ioão de Portugal, segundo do nome no começo, e logo apos elle o catholico Rei dom Emanuel seu successor, com muita despesa, trabalho, e industria mandarão a estas terras pessoas religiosas, com a doctrina dos quais (sendo nos enganados pelo demonio, adorando ídolos) nos apartamos divinalmente de tamanho erro, e tamanho captiveiro, e de como reduzidos a Fe de nosso Senhor, e Salvador Iesu Christo tomando a agoa do sancto baptismo, alimpandonos com ella de lepra, de que eramos cheos, apartandonos dos errores Gentilicos, que ate entam usaramos, lançando de nos todalas abusoens diabolicas de Satanas, e seus enganos de todo nosso coração, e vontade recebemos milagrosamente a Fe de nosso Senhor Iesu Christo. Pola qual razão depois de sermos doctrinados, e ensinados nella, sabendo nos que era costume dos Reis Christãos mandarem obediencia a vossa beatitude, como a verdadeiro Vigario de Iesu Christo, e Pastor de suas ovelhas, querendoo nos como he razão nesta parte imitalos em tam divino, e sagrado costume (na companhia, e numero dos quaes o todo poderoso, e misericordioso Senhor Deos, por sua clemencia nos quis ajuntar, e unir pera seguirmos a sua sancta companhia, e catholicos costumes) mandamos a vossa Sanctidade nossos embaixadores, pera lhe de nossa parte darem a acostumada, e devida obediencia como o os outros Reis Christãos fazem. Dos quaes embaixadores, hum he o meu mui amado, e prezado filho dom Henrrique, o qual el Rei dom Emanuel de Portugal meu muito amado irmão em seus regnos mandou ensinar, e instituir na sagrada Escriptura, e costumes da Fé Catholica, e outro he dom Pedro de Sousa, meu muito amado primo, aos quaes, alem de vos por elles ser dada nossa obediencia, dixemos algumas cousas que de nossa parte diram a vossa bea-

titude, as quaes lhe pedimos mui humildemente que ouça, e receba delles, e lhes de tanta fe como se por nos mesmo fossem ditas diante de vossa beatitude, a qual Deos por sua misericordia queira conservar em seu sancto serviço. Dada em a nossa cidade de Manicongo, no anno do nascimento de nosso Senhor Iesu Christo de M. D. xii. A qual carta de credito, e obediencia vista pelo Papa, e Collegio dos Cardeaes, logo dahi a poucos dias responderam aos embaixadores, e os despediram, mui satisfeitos da honrra, e gasalhado que lhe fezeram donde se tornaram pera Portugal, e dahi pera Congo, com cuja vinda el Rei dom Afonso, (com saber o bom successo de sua viajem) levou muito contentamento.

CAPITULO XL

Do castigo que el Rei deu a dom Alvaro de Castro Governador da casa do Civel, por em sua casa mandar açoutar hum homem, e da ida de dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim a Septa.

Dom Garcia de Castro filho segundo de dom Fernando de Castro, foi casado com donna Beatriz da Sylva, filha de dom Lionel de Lima primeiro bisconde de Villa nova da Cerveira, de quem entre outros filhos, ouve dom Alvaro de Castro que foi veador da fazenda del Rei dom Joam o segundo, e depois em quanto viveo governador da casa do Civel, homem de quem el Rei dom Ioam segundo confiava muito pelo que quando adoeceo em Alvor, no regno do Algarve, onde morreo, per elle,

e per Aires da Sylva, seu camareiro mor, mandou dizer a el Rei dom Emanuel que então era Duque de Beja, e senhor de Viseu que o deixava nomeado em seu testamento por herdeiro da coroa destes regnos. Foi este dom Alvaro de Castro muito cortesam, grande motejador, e mui eloquente no fallar, tanto que onde quer que estava fazião roda de homens que se chegavam pera o ouvir, foi muito valido nestes regnos, e hufano de sua pessoa, andou por muitas provincias, entre os quaes caminhos visitou a casa Sancta de Hierusalem, e a cidade de Roma. Foi casado com dona Leanor de Noronha, filha de dom Ioam Dalmeida Conde Dabrantes, teve grande casa de criados, donzellas, e escravas brancas que servião sua mulher das portas a dentro. Entre estas escravas avia huma de bom parecer que ella estimava mais que todalas outras, com quem andava damores hum seu criado, do que dom Alvaro, e sua mulher desgostosos o lançarão fora de casa, mas como o bem querer destes dous se não apartasse continuando em seus amores tinha o mancebo modo de entrar com esta escrava, o que sabendo dom Alvaro pos nisso tal vigia que o achou de noite dentro de sua casa fallando com ella, pelo que movido de sanha o mandou açoutar per mouros de sua estrebaria, tão cruelmente que em todo o corpo lhe não ficou lugar, que não fosse chagado dos açoutes. Este homem era de bons parentes, de que alguns erão criados del Rei, e andavão no paço, com favor dos quaes logo pela manhã teve entrada pera fallar a el Rei indo perá Missa, sem levar outro vestido que humas celouras, e çapatos, e huma capa com que se cobria, a qual em chegando a el Rei deixou cair dizendo, senhor Ecce homo, o vosso governador da casa do Civel, mandou fazer em mim esta justiça, por me achar fallando

com huma sua escrava. El Rei, e os que com elle hião ficarão mui espantados de verem a multidão das chagas, e sangue que lhe ainda dellas corria, pelo que movido el Rei de piedade, mandou ao homem que se cobrisse, e fosse pera sua casa, que elle proveria no caso com justiça. Acabada a Missa el Rei chamou Andre Pirez Landim seu escrivão da Camara, que depois foi da fazenda, e da dei Rei dom Ioam terceiro seu filho, e lhe dixe que fosse a casa de dom Alvaro, e lhe dixeesse da sua parte que o avia por suspenso de seu officio ate sua merce, e estivesse preso em sua casa ate elle ordenar outra cousa, e que logo lhe desse quinhentos cruzados os quaes entregaria aquelle homem por satisfação da injuria que lhe era feita. Andre Pirez se foi a casa do governador, o qual em o vendo lhe dixe, que alguma boa ventura lhe entrava pella porta com sua vinda, ao que lhe respondeo, senhor eu vos quisera trazer recado de mais vosso gosto, el Rei manda, que sejais suspenso do vosso officio ate sua merce, e esteis preso em vossa casa, e que me deis logo quinhentos cruzados para os dar a hum homem que mandastes esta noite açoutar em vossa casa, dom Alvaro lhe respondeo muito espantado de tal messagem, que pois el Rei o avia assi por bem que elle era prestes ao comprir, mas que em sua casa nam avia tanto dinheiro de contado, com tudo que sobre penhores ho mandaria buscar, como fez, e lhos entregou, sobelo que dom Alvaro mandou logo chamar seus parentes, dandolhe conta do que passava, os quaes juntos se forão a el Rei estranhandolhe hum tam rigoroso castigo, ao que lhe respondeo que ainda que dom Alvaro fora Rei, que lhe não convinha fazer justiça em sua casa senão per via ordinaria, e que o castigo que lhe dera lhe parecia ainda brando, pera a pena que

merecia, que se fosse muito em bora, que se faria nisso o que se achasse ser justiça. Desta reposta ficaram todos mui escandalizados, começando fazer magotes e consultos sobelo mesmo caso, e pera darem a entender que eram agravados, os mais delles não vinham ao paço, como o soiam de fazer. Entre estes forão dous filhos de dom Alvaro, per uome dom Fernando, e dom Ioam, moços que andavam em pelote. E porque a criação dos moços fidalgos dos Reis de Portugal he estarem em geolhos a mesa, e daremlhes os Reis fructa da que lhe trazem para comer e estes fossem huns dos em que el Rei tinha mais olho, estando hum dia ceando junto ds huma janella nos paços da ribeira de Lisboa, vio andar estes dous moços passeando no terreiro a cavallo, pelo que perguntou a hum dos offciaes que o servião a mesa, se erão aquelles os filhos de dom Alvaro, e sabendo que era assi chamou dom Ioam de Meneses Conde de Tarouca, priol do crato seu mordomo mor, e lhe dixe que os mandasse riscar dos livros da cozinha. Deste castigo se tiveram todolos parentes de dom Alvaro por muito mais agravados, que do primeiro, pelo que todos juntos vierão fazer outra falla a el Rei allegando os muitos serviços da casa dos de castro, e em special os de dom Alvaro, ao que lhes respondeu, que em tudo faria justiça, que era o que lhe elles, como homens nobres, e fidalgos deviam requerer, que se fossem todos embora que elle proveria no caso como fosse razão. Dona Leanor molher de dom Alvaro como era muito sagaz, e prudente, vendo que a sanha del Rei se nam abrandava, buscou outro modo pera per via mais dessimulada poder reconciliar seu marido com el Rei, o qual foi mandar dizer a meu irmam Fructos de Goes, guarda roupa del Rei, que então era hum dos seus mais pri-

vados, que nam tomasse por trabalho quererlhe ir fallar, o que elle fez de muito boa vontade. A forma das palavras foram que lhe desse conselho do que devia de fazer neste caso, meu irmão lhe respondeo, que elle se não atrevia fallar a el Rei em cousa de que todolos fidalgos que lhe fallaram, sairam com reposta de se tudo cometer a justiça, mas que elle conhecia bem a condiçam del Rei, que era acabarsse tudo com elle per bons meos, e modos, e nada per força nem rigor, que sua Alteza acostumava ir muitas vezes visitar a Rainha dona Leanor sua irmãa, que então pousava nos seus paços apar da Egreja de sam Bartholomeu, a que ella mesma era vizinha, que como o soubesse se fosse a casa da Rainha, onde el Rei algumas vezes acostumave pedir agoa, e conservas sobre que bebia, que nestas merendas o servisse, lhe desse agoa. e pedisse a Rainha que quando lhe parecesse tempo, fallasse como de si mesma a el Rei perguntandolhe os termos em que estavam os negocios de dom Alvaro, porque nenhum caminho podia tomar milhor que este para metigar o desgosto que el Rei tinha do caso que seu marido cometera, o qual conselho seguindo dona Leanor, veo abrandar tanto a vontade del Rei, que praticando hum dia com a Rainha, atravessou com dona Leanor, perguntandolhe como estava dom Alvaro, que lhe dixerão que senão achava bem, ella se pos em geolhos diante del Rei, e lhe dixe que a doença de seu marido so Deos, e sua Alteza a podiam curar, por tudo serem disfavores seus, a que era tempo que ja posesse termo. El Rei como ja tinha vontade de lhe perdoar respondeo a dona Leanor, que tudo se faria bem, e ao outro dia dixe a meu irmam Fructos de Goes (que secretamente lhe tinha ja dado conta do que passara com dona Leanor) que fosse a casa de dom Alvaro,

e lhe dixesse de sua parte que so, e sem outra nenhuma pessoa viesse fallar pela festa, do que elle foi mui ledo, e o fez assi, ao qual as palavras pontuaes que lhe el Rei dixe foram, que Deos posera os Reis na terra para fazerem justiça, per forma ordinaria, e nam voluntaria, e que pera isso punham officiaes a que cometiam os taes negocios com a mesma obrigação, pelo que elle caira em grande erro, por mandar fazer justiça daquelle homem em sua casa, mas que avendo respeito a seus serviços, e de seus avos lhe perdoava o que tinha feito, e o restituia em seu officio, e que de sua parte podia dizer ao mordomo mor, que tornasse assentar seus filhos nos livros da cozinha, e qua assi ficassem amigos. Dom Alvaro se deitou aos pes del Rei, e pedindolhe perdam, lhe beijou a mam pela merce que lhe fazia, o que tambem fezerão depois todos seus parentes, louvandosse per todo o regno o modo que el Rei tivera nisto. Neste anno de M. D. xii. passou dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim, filho de dom Fernando de Meneses Marques de Villa Real, a Septa, onde esteve por capitam, e governador da cidade cinco annos, de quem, e do que neste tempo fez, se tratara ao diante.

CAPITULO XLI

Do sitio das ilhas da Iaoa, e costumes da gente, e de como Pateonuz senhor da cidade de Iapara, determinou tomar a de Malaca antes de ser nossa, pera o que fez huma grande armada com que saio ao mar depois que se Afonso Dalbuquerque foi perá India.

Do sitio da ilha de Çamatra, e costume dos que habitão nella fica atras dito summariamente, da qual navegando ao Sul, entre outras esta huma a que chamam Cindá, que tem Rei sobre si, em que nasce muita, e boa pimenta que dalli levam pera a China e outras provincias. Passada esta de cindá estam as da Iaoa maïor, e menor, que tem cada huma dellas Rei que habitam no sertam das ilhas, e são gentios, assi elles como seus vassallos, excepto os que vivem nos portos do mar que sam mouros, são ambas muito fertiles de mantimentos, fructas, caças, criaçoens de gado grosso, e meudo, e cavallos pequenos como quartaos. A nellas tantos veados, e porcos monteses que fazem delles salga, e chacina que se leva por mercadoria pera muitas partes, e o mesmo fazem da carne de vaca, de que a grande abundancia, nasce nellas pimenta, canella, canafistola, e cubebas, achasse muito ouro em rios, e minas, a gente he feroz, e guerreira, sam homens mui determinados pera qualquer feito, que querem cometer andam os mais delles nus de cinta pera cima, e os que se querem cobrir o fazem com jaquetas de seda, ou algodam que lhes chegão ate os giolhos, trazem as barbas pelladas, e o cabello da cabeça meo

tosquiado, encrespado pera riba sem se cobrirem, porque dizem que sobella cabeça do homem senão ade poer cousa nenhuma, e tem por injuria tocarlhes alguem com a mam nella, sobello que se matão muitos, pelo qual respeito nam fazem casas sobradas, por lhas ninguem andar sobella cabeça, sam muito engenhosos de todo o genero de mecanico, e grandes fundidores dartelharia, sinos, espingardas, e muito bons offiçiaes darmaria, ferros de lanças, zagunchos, e outras armas, fazem nellas muitos navios de remo, e grande cantidade de naos grandes a que chamam jungos, são grandes feiticeiros e nigromanticos, e astrologos, com as quaes artes fazem per pontos do curso das estrellas espadas, e outras armas, no que estão dez, e doze annos, as quaes dizem que matão em qualquer parte do corpo de que tiram sangue, e que quem as traz nam pode ser vencido nem morrer a ferro, e destas armas, como cousa rara, fazem os Reis, e senhores da terra grande cabedal, e as guardam por cousa sagrada. São grandes monteiros, e caçadores daltenaria, meos baços de rosto, e peito muito largos, e as molheres de bom parecer, muito bem ataviadas, e engenhosas em todo genero de lavor, e grandes bailhadeiras, as quaes levão consigo a casa em carretas, lavradas de maçanaria pintadas douro, prata, azul, e outras cores, cubertas de panos douro, e seda, segundo a calidade de cada hum. Tem quasi as leis, e costumes dos Chins, donde descendem os habitadores destas ilhas segundo o tem per suas historias. Na da Iaoa maior havia hum mouro muito rico, per nome Páteonuz senhor da cidade de Iarapa, situada na costa do mar, o qual muitos dias antes que Afonso Dalbuquerque tomasse Malaca se carteava com Vtetimutaraja, o qual per alguns agravos que dezia ter del Rei determinou

per seus modos, e meos dar entrada a Páteonuz na cidade, e o fazer Rei. Este concerto foi feito em tanto segredo, que sete ou oito annos que Páteonuz gastou em fazer huma armada pera a conclusam do que tinha determinado se nam descobrio, nem se teve delle suspeita, no qual tempo mandava dessimuladamente pessoas de que se fiava a Malaca sob specia de mercadores, os quaes Vtetimutaraja recolhia na sua povoaçam, de que afora criados, e escravos que tinha avia em Malaca muitos quando o Afonso Dalbuquerque mandou degollar, mas posto que Vtetimutaraja fosse defunto, nem por isso desistio Páteonuz do proposito que tinha mas antes acabou daparelhar, e fornecer a armada, em que averia trezentas velas, entre jungos, lancharas, e outros navios de remo, com muita gente de guerra, e parentes seus, com outros senhores da Iaoa. Prestes tudo o que lhe era necessario se fez a vela pera Malaca, e passando pelo estreito de Sabão deram os de terra aviso a Rui de Brito Patalim capitam da fortaleza, do grande numero de navios que virão sem se saberem determinar para onde podia ir huma tamanha armada, o que sabido assentou, que Fernão Perez Dandrade capitam do mar, que se então andava fazendo prestes perá India, fosse ate o estreito saber se era assi o que lhe deziam, pera onde logo partio com Lopo Dazevedo, George Botelho, George de Brito, Martim Guedes, Pero de Faria e Ianim Rabelot, natural das partes de Flandes, nas mesmas naos de que erão capitaens, os quaes nam acharam a armada de Pateonuz, porque do estreito de Sabão se metera per outro que se chama dos Savens, pera por elle mais a sua vontade se vir lançar defronte de Malaca, como fez com se logo saber quem era. Fernão Perez como não achou esta armada, cuidando todos que era fabula o aviso que

se della dera, tornousse pera cidade, mas nam tardou muito que não apareceo, a qual por ser de tantas velas, e virem espalhadas tomava tamanho espaço, que de todalas partes parecia cobrir o mar, ò que pos muito espanto, assi nos nossos, como nos da cidade, com tudo assentou Rui de Brito de os ir cometer em pessoa, do que se Fernam Perez agravou, dizendolhe que pois era capitão do mar, e elle da fortaleza que ficasse nella pera a guarda, e o deixasse ir fazer seu officio, sobello que tiveram tantas diferenças ate lhe Rui de Brito mandar, que sobre sua menagem se fosse preso para a pousada mas logo na mesma noite lhe mandou pedir perdam, e dizer que se fosse embarcar, porque o estava esperando na frota pera ambos serem participantes da victoria que esperava em Deos aver de Páteonuz, o que Fernam Perez fez, respeitando mais ao que compria ao serviço del Rei, que ao agravo recebido de Rui de Brito. As velas da nossa frota eram a gale de Pero de Faria em que hia Rui de Brito Patalim ficando por capitam da fortaleza, o Alcaide mor, Aires Pereira de Berredo, Fernam Peres Dandrade, com quem hião Simão Afonso Bisagudo, por a sua nao de podre, e velha ja nam servir pera nada, George de Brito, Francisco de Mello, Martim Guedez, Ioam Lopez Dalvim, George Botelho, Lopo Dazevedo, Antonio Dabreu, Vasco Fernandez Coutinho, Christovam Mascarenhas, Christovam Garces, Afonso Pessoa, Ianim Rabelot, e Tuam Mafamede Tamungo em hum seu jungo, e de longo da terra hia Ninachetu em navios de remo, com mil, e quinhentos Malaios bem ordenados para pellejar. Com esta pequena armada, em comparação da dos imigos, os foi Rui de Brito commeter antes de Sol levado, no qual tempo se ja fazião a vela para entrarem no porto da cidade com grandes gritas, e es-

trondos de bombardas, trombetas, anafis, e sinos, com todos os navios embandeirados e em tam boa ordem, que punha espanto aos que os viam, mas nem por isso deixaram os nossos de os ir commeter, o que pos mor espanto, assi nelles como nos da cidade, por o numero ser tão desigual. George Botelho, por o seu navio ser muito ligeiro se adiantou da frota, a quem sairão quinze calaluzes dos imigos, per antre os quaes sem delles fazer conta, nem lhes querer tirar passou adiante, o que vendo Pero de Faria fez remar os da sua gale a voga forçada, pera lhe acudir, os quaes ambos sem nenhum navio de Páteonuz lho impedir, chegaram ao seu jungo, o qual pela grandeza, e por trazer bandeira na gavea, e ser tam alteroso que a gavea do navio de George Botelho nam chegava ao chapiteo da popa, conheceram que era a capitaina, mas nem por isso deixaram de a commeter, servindoa de bombardas o milhor que podião sem lhe fazerem dano, porque o jungo era de sete costados, e embutido entre costado de argamassalapez, tão forte que lançava de si os pelouros, fazendoos tornar pera tras como se fora rocha de pedra viva, o que vendo e que os navios de remo dos imigos, os começavam a cercar com receo que os matassem as frechadas, e espingardadas, se recolheram perá frota, que ja hia costeandoa dos imigos, os quaes sem lho poderem impedir se forão lançar defronte da cidade ja Sol posto, o que vendo os nossos surgiram apegados com terra. O que feito Rui de Brito mandou chamar todolos capitaens, e pessoas nobres, a gale de Pero de Faria, para assentar o modo, e ordem com que ao outro dia avião de cometer Páteanuz, mas o parecer de todos foi, que elle se tornasse pera fortaleza, de que tinha feito menagem, porque quando a victoria ficasse com os imigos, nel-

la se poderia defender com a gente que tinha ate lhe vir socorro da India, o que assi fez ficando o peso do negocio a Fernam Perez Dandrade. Nesta noite foram alguns mouros Iaos, dos que viviam na cidade visitar Páteonuz, de que o principal era Curia Devá, os quaes lhe aconselharão, que não pellcjasse por então com os Portugueses, porque se perderia de todo, mas que se fosse meter no rio de Muar, e dalli mandasse pedir socorro a el Rei de Bintão, que tinha muitos navios de guerra, bem artilhados de que elle trazia pouca em comparaçam da muita que nos tinhamos, e que com esta armadà, e com a sua poderia facilmente desbaratar a nossa, e depois poer cerco a fortaleza, a qual sem a combater tomaria a fome ou se daria a partido, porque tinha pouca gente, e poucos mantimentos. Este conselho pareceo bem a Páteonuz, principalmente por nam achar Patecatir, em que tinha muita confiança por ja ter sido desbaratado perá Iaoa, como atras fica dito, o qual elle nam encontrou no caminho, porque que se o achara o trouxera consigo, assi que no romper da alva se fez a vela pera o rio de Muar, o que vendo Fernão Perez Dandrade, sem saber o que determinavam correo logo no seu batel todalas naos, dando aviso aos capitaens, que nenhum aferrasse, senam que as bombardadas, e com arteficios de fogo os combatessem, e que todos dessem a vela, como o vissem disferir o traquete, o que logo em sendo na nao fez, mandando ao piloto que guiasse direito contra a frota dos imigos, o que tambem logo fezeram os outros capitaens. Mas Páteonuz vendo a determinaçam dos nossos, mandou meter todas as velas do seu jungo, dando sinal aos outros navios que fezessem o mesmo, os quaes todos sem nenhuma ordem começaram de fugir, seguindolhe os nossos o alcance com tiros de

bombardas, bombas de fogo, com que destroçaram muitos dos navios de remo, o que vendo os dos jungos, em que em alguns tinham os nossos ja lançado fogo alem das bombardadas com que os perseguiam, se lançaram os mais delles ao mar, de que se afogaram muitos, e os outros matava a nossa gente, e os da cidade que com elles foram as espingardadas, e frechadas em tanta cantidade que andava alli o mar todo tinto em sangue.

CAPITULO XLII

De como Fernam Perez Dandrade desbaratou de todo a armada de Pateonuz, e se tornou perá cidade vitorioso donde dahi a poucos dias partio pera India.

PORQUE todo o negocio desta batalha consistia em nam faltarem pelouros, polvora, e artificios de fogo, mandou Fernão Perez pedir a Rui de Brito que o prouvesse destas cousas de maneira que per falta dellas não deixasse de seguir a victoria, que com ajuda de Deos sperava aver naquelle dia, o que logo foi feito em muita abastança. Páteonuz vendo o destroço que a nossa artelharia, e tiros de fogo tinham feito na sua armada, fez chegar pera o seu jungo outros quatro, ficando elle no meo mandando aos outros navios, que nam erão ainda desbaratados, que se çarrassem todos ao redor delles, aos quaes mandou passar a milhor gente da frota, mas este ardil foi prejudicial, porque recolhida esta gente aos jungos, os navios que se çarraram ao redor delles, ficarão sem pessoa de calidade que os podesse

reger, nem defender, e sobre tudo por estarem todos juntos, teve a nossa artelharia por onde varejar a vontade, sem perder tiro, com que meteram muitos destes navios no fundo, e os outros se alargaram os mais delles destroçados. O primeiro que abalroou foi Martim Guedez com hum jungo, depois de ter metidos no fundo, e queimado alguns navios de remo, o qual jungo entrou por força, e o mesmo fez Ioam Lopez dalvim em outro, aos quaes ambos, se pos logo fogo, e elle com os outros capitaens, seguiram a frota de maneira que a desbarataram de todo, salvo Páteonuz, e os quatro jungos que estavam ao redor do seu. Este negocio durou desde pela manhã ate meo dia, a qual hora vendo Fernam Perez que nam avia mais que fazer que aferrar os jungos de Páteonuz que se lhe hiam acolhendo por lhes o vento servir, mandou passar a sua nao alguma gente das outras pera com mor avantajem os ir cometer, e porque Páteonuz hia diante do Temungam senhor de Polimbam, sota capitam da armada, aferrou com este por lhe chegar primeiro, elle per huma ilharga, e Francisco de Mello pela proa, aho qual acudio hum seu sobrinho mancebo muito esforçado lançandosse com o seu jungo sobela nao de Fernam Perez, de modo que ficou entalada entre ambolos jungos, a qual entrou logo sem achar resistencia, porque Fernam Perez andava já no jungo do tio, pellejando com os Iaos, o que vendo o mancebo nam fez mais que pela nao de Fernam Perez, como per ponte, passar ao outro jungo, onde ja tambem achou pellejando Francisco de Mello, que entrara pela proa, entre os quaes todos se travou huma brava pelleja, em que dos nossos avia alguns feridos, entre os quaes eram Fernam Perez, Simam Afonso Bisagudo, e ferirão muitos mais, e os trataram peor do que o ja faziam, se não

acudira George Botelho no seu navio, com que aferrou o jungo do sobrinho do Temungam, per onde entrou, posto que os laos logo alli acudissem, de maneira que forão desbaratados, e os mais delles mortos a ferro, outros que se lançarão ao mar afogados, no que se passou hum bom pedaço de tempo, no qual assi os outros navios da nossa armada, como a de Ninachetu, e Tuam Mafamede no seu jungo faziam todos o que compria a bons cavalleiros, seguindo o alcance aos imigos. Assi que ganhados estes dous jungos Fernam Perez lhes mandou poer o fogo, e no mesmo instante fez caça a Páteonuz com as outras velas da frota, o qual depois de lhe chegarem, e assi os outros dous jungos, que o ainda acompanhavam servirão de tantas bombardadas que lhe desfezeram todolos altos, no que andarão ate noite fechada, em que por ser muito escura lançaram ancora, assi os imigos como os nossos, com tençam de em amanhecendo os irem cometer de novo, mas na mesma noite se deixou vir huma tamanha tempestade de chuva, vento, e trovoens que os espalhou todos, com que a nossa frota correo risco de se perder, e sobre tudo as naos grandes, por estarem tam juntas a terra que foram constrangidas surgir em duas braças, e o mesmo fez Páteonuz com os outros dous jungos, e junto delles George Botelho, e Tuam Mafamede, sem o saberem, os quaes achandosse em amanhecendo juntos (porque Fernão Perez com a outra frota esgarrara muito) se poserão as bombardadas ate meterem os dous no fundo, e desfazerem todolos altos do de Páteonuz, porque no costado nam podião os tiros das bombardas fazer entrada, no que andarão ate lhes faltar polvora, e pelouros, pelo que George Botelho tornou logo a Malaca buscar estas muniçoens, pera seguir Páteonuz, com tençam de as bombardadas o render,

confiado no seu navio ser o muis ligeiro de remo, e vela de quantos avia em toda a frota, mas antes de chegar a Malaca, achou Fernam Perez na ilha das naos, que he perto da cidade com toda frota mal tratada, assim da tormenta daquella noite, como da pelleja, porque os Iaos com a sua artelharia, espingardadas, e frechadas feriram muitos, e matarão trinta Portugueses, a fora os da armada, e jungo de Ninachetu, e Tuam Mafamede, que todos pellejarão como mui bons cavalleiros, ao que respeitando Fernam Perez dixe a George Botelho que nam curasse de tornar em busca de Páteonuz, porque da frota lhe nam podia dar nenhum navio, por estarem desaparelhados e a gente cansada, e desvelada, mas insistindo George Botelho muito nisso, dizendo que per sua culpa, se o nam deixasse ir, se salvaria Pateonuz, lhe mandou dar polvora, pelouros, e bombas de fogo com que se fez a vela, mas nam pode alcançar Pateonuz, porque tanto que o deixaram desbombardear seguio sua viajem caminho de Iaoa. O qual Páteonuz entre queimados, e metidos no fundo perdeo cincoenta, e nove jungos de sessenta que trouxera, afora outra muita fustalha, com mais de oito mil homens mortos a ferro, e tiros de fogo, ou afogados, e elle mal ferido, o qual em chegando a cidade de Iapora donde partirão, mandou encalhar o jungo em terra, e cobrir de huma alpendorada, dizendo que o fazia pera ficar por memoria, tanto tempo quanto podesse durar, da cruel batalha que ouvera com os Portugueses, e da honrra que ganhara em os ir cometer, e escapar de suas mãos. Mas tornando George Botelho por nam achar Páteonuz se tornou a ilha das naos, onde ainda estava Fernam Perez com toda a frota, donde se foram pera cidade com muita alegria de todolos que eram nossos amigos, e tristeza

dos que desejavam verem os Portuguezes destroidos. E por se ter acabado o anno em que Fernam Perez prometera a Afonso Dalbuquerque de servir de capitam do mar, e a cidade, e fortaleza ficarem per caso daquella victoria seguras de guerra, se partio pera India no mes de Ianeiro de M. D. xiii, deixando a capitania do mar a Ioam Lopez dalvim cuja a successam era, com quem se foi Vasco Fernandez Coutinho na mesma nao, por o seu navio de velho ja nam poder navegar, e Lopo Dazevedo, e Antonio Dabreu cada hum na sua nao, os quaes todos chegarão a India, e assi Antonio de Miranda Dazevedo que vinha do regno de Sião, onde fora por embaixador, que Fernam Perez encontrou tanto avante como os baixos de Capuacia. Alguns dias depois da partida de Fernam Perez pera fortaleza de Malaca, ouvera de ser tomada per treiçam de hum mouro Bengala, per nome Tuam Maxeliz, que Mahamed Rei de Bintam, que fora Principe de Malaca a isso mandou de Bintam, onde entam estava dassento. Sobelo qual negocio, no dia que se cometeo esta treiçam morreram alguns Portuguezes entre os quaes foi o feitor Pero Pessoa, e o Mouro Tuão Maxeliz com outros da conjuraçam, foram todos mortos dentro na fortaleza, a qual Deos livrou milagrosamente, o que sabendo Mahamed desesperado de poder tomar a cidade, mandou embaixadores a Rui de Brito Patalim, pedindolhe paz, offerecendosse a ser amigo, e vassallo del Rei dom Emanuel, a qual lhe concedeo, pelo que ficaram as cousas de Malaca por algum tempo pacificas, e sossegadas.

CAPITULO XLIII

De como Afonso Dalbuquerque partio de Goa pera o mar de Arabia, do que lhe aconteceo em Adem, e do sitio da cidade, e costumes dos da terra.

ATRAS fica dito como Afonso Dalbuquerque se fez a vela, de Goa pera ir sobre a cidade de Adem e dahi ao mar de Arabia, com esta armada, em que avia vinte velas, se partio aos xviii de Fevereiro do anno do Senhor de M. D. xiii, deixando na ilha de Goa, e cidade quatrocentos soldados Portugueses, e oitenta de cavallo, e outra gente de guerra do Malabar, e por capitam Pero Mascarenhas, e por alcaide mor em Benastarim Rui Pereira, e por capitam do mar com seis fustas Ioam Machado. Os capitaens que hião com Afonso Dalbuquerque forão dom Garcia de Noronha, Pero Dalbuquerque, Emanuel de Lacerda, Lopo Vaz de Sampaio, dom Ioam Deça, Pero da Fonseca de Castro, Hieronymo de Sousa, Simam Velho, Fernam Gomez de Lemos, Ayres da Sylva, Simam Dandrade, Antonio Raposo, Duarte de Mello, Rui Galvam, George da Sylva, Garcia de Sousa, Diogo Fernandez de Beja, que era capitam da nao em que hia Afonso Dalbuquerque, e Ioam Gomez cheira dinheiro, averia nesta companhia mil, e setecentos soldados Portugueses, e mil dos naturaes da terra, entre Malabares, e Canarins. Depois de ser a vela por se deter muito no golfam com bonanças foi tomar a ilha de Çacotorá para fazer augoada, e dahi fez sua derrota perá cidade de Dadem da qual ouve vista quinta feira da somana sancta, e a festa das indulgencias ao meo dia lançou ancora no

porto com assaz trabalho por o mar andar de levadio, mas depois da tormenta abrandar o governador, e capitam da cidade que se chamava Miramirjam mandou per hum mouro de Cananor visitar Afonso Dalbuquerque, e perguntarlhe o que queria, Afonso Dalbuquerque lhe respondeo, que hia buscar ao mar de Arabia huma armada de Rumes que tinha per nova certa estar prestes para partir perá India, e que polos tirar daquelle trabalho os vinha buscar, e que quanto a cidade de Adem, que queria com ella paz, com tanto que se fezessem vassalos, e trebutarios a el Rei dom Emanuel seu senhor o que fazendolhes daria todalas liberdades, e privilegios que fossem honestos. Miramirjam com ha reposta deste recado, mandou a Afonso Dalbuquerque hum bom presente de carneiros, gallinhas, e fructas da terra, dizendolhe que a cidade estava a obediencia del Rei de Portugal, e que os Portugueses podiam entrar, e sair nella a comprar, e vender e folgar tantas quantas vezes lhes aprouvesse, que serião tratados como os mesmos naturaes da terra. Avida esta reposta de Miramirjam, Afonso Dalbuquerque mandou dizer aos patroens, capitães, e mercadores de trinta naos que estavam no porto, e se recolherão perá cidade com medo da nossa armada, que se tornassem parellas, e que para isso lhes dava seguro, ao que responderão, que mal os asseguraria elle da desordem que viram na sua gente, que sem os terem offendidos, a primeira cousa que fezeram, fora entrarem nas suas naos, e roubarlhes tudo o que poderão levar, pela qual causa se nam queriam tornar as naos, por se terem por mais seguros na cidade. Deste recado entendeo bem Afonso Dalbuquerque que Miramirjam tinha o pensamento mui desviado do que lhe mandara dizer, o que se logo confirmou per huma carta que

elle escreveo a Afonso Dalbuquerque, espantandosse muito do recado que de sua parte derão aos mercadores estrangeiros, que os taes recados se acostumavão de mandar aos Governadores, e capitaens das cidades, pera elles ordenarem o que lhes sobrisso parecesse, mas que mandar secretamente convidar aos taes homens pera se sairem fora daquella cidade, e enfraquecella, parecia mais sinal de guerra que de paz. Nestes recados se passou todo aquelle dia no qual o Xeque meteo gente do sertam na cidade, e a fortaleceo o milhor que pode, do que Afonso Dalbuquerque foi avisado per hum Abexi Christam que estava captivo na cidade, que de noite fugio, e anado veo ter a frota. O que sabido ao outro dia, que era sabado vespora de Pascoa da Resurreição ante manhã depois de terem conselho sobelo modo que aviam de ter no combate sembarcaram nos bateis, e paraos, fazendo rosto perá cidade cada hum na ordem em que estava assentado que seste negocio avia de fazer, no qual ouve tanta desordem que as escadas que poseram ao muro quebraram per tres lugares com o peso da gente que por ellas sobia, ficando sobello muro os que primeiro sobiram que foram dom Ioam de Lima, George da Sylveira, Diogo Fernandez de Beja, que segundo se diz forão dos homens nobres os primeiros que sobirão, os outros desta calidade que tambem ficaram sobelo muro foram dom Ioam Deça, Aires da Sylva, Vicente Dalbuquerque, Gaspar Cão, Rui Palha, Antonio Ferreira Fogaça, Emanuel da Costa feitor das presas, Ioam Gonçalvez de castelbranco, dom Alvaro de Castro, Emanuel de Lacerda, Ioão de Meira, Ioam Gomes cheira dinheiro, Ioão Dataide, Rui Palha de Santarem, George Dorta, e outros que seriam per todos cento, e cincoenta, mas vendo Garcia de Sousa a quem tambem quebrara a

sua escada, e ficara dependurado em huma ameia do muro que os que cairam das escadas nam queriam cometer outra vez a sobilas se foi delongo do muro pera hum cubelo que tinha huma bombardeira em pouca altura do cham, per onde entrou com sessenta homens que hião em sua companhia e se apossou do cubelo, o que sabendo Afonso Dalbuquerque se foi logo lá, e mandou abrir outra bombardeira que estava junto do cubelo, pela qual o primeiro que entrou foi hum homem que trazia o guiam de Emanuel de Lacerda, com espada, e adarga, deixando o guião de fora, e apos elle hum clerigo per nome Diogo Mergulham, que levava um Crucifixo nas mãos, vestido com huma sobrepeliz, e traz elle Ioam de Meira, Alvaro da Sylva, Antonio Raposo, Duarte de Mello, Christovão Çarnache, Balthasar Monteiro do Porto, Henrique Figueira, e Ioam de Caminha, que depois foi veador da Infante dona Isabel molher do Infante dom Duarte, e outros ate quarenta, e pela banda da serra mandou a Ião fidalgo que entrasse com a gente de sua ordenança pera se vir ajuntar com os que ficarão sobelo muro, e entravam pelas bombardeiras, o que elle nam pode fazer, por a terra ser muito aspera, e lho os mouros defenderem, como bons cavalleiros. Andando este negocio assim travado acudio Miramirjam com alguma gente de cavallo, e outra de pe, aquella parte per onde a nossa gente entrava pelas bombardeiras e passando de longo do muro, hum mouro lançou mão da lança de George da Sylveira, e lha levou, do que afrontado, se lançou do muro abaixo, que seria altura de hum homem, e com a spada nua na mão remeteo aos mouros, os quais a poucos golpes o matarão, por lhe ninguem poder acudir. Miramirjam deu com tanto impeto nos Portugueses, que os fez recolher todos pera junto do

cubelo, onde estava Garcia de Sousa, que poucos a poucos se escoaram pela bombardeira que estava junto delle, com ficarem alguns mortos, e sairem muitos feridos o que feito, os mouros se chegarão de tão perto ao cubelo, que as lançadas se ferião huns aos outros, no qual instante elle preguntou a Afonso Dalbuquerque que estava junto do cubelo da banda da praia, que era ho que lhe mandava que fezesse, ao que lhe nam rsspondeo, ou dagastado, ou de nam entender o que lhe dizia, e assi voltou de longo da praia, dizendo a dom Garcia que fezesse dar cordas aos do cubelo pera se decerem por ellas, as quaes lhe deram atadas em duas lanças, que tão alto era pela banda de fora. Neste tempo Garcia de Sousa com os que com elle estava que nam quiserão decer pelas cordas polo terem por afronta, se defendiam com muito esforço, sem nenhum dos mouros ousar de subir ao cubelo, no qual debate deram huma pedrada nos narizes a Diogo Estaço tio de Diogo Estaço, que com o guião de dom Ioam de Lima na mam matarão sobelo muro, o qual Diogo Estaço, com a dor da pedrada (porque quasi lhe quebrou os narizes) ouvera de cair atordoado, e a Gaspar Cão ferirão muito mal em hum hombro, e a Garcia de Sousa deram huma frechada na testa, per baixo do capacete, que lhe passou ate os miolos de que logo cahio morto. Andando este negocio tão travado, dom Ioão Deça, e outros que sobirão pelas escadas, e decerão do muro pera dentro da cidade, vendo o pouco, que podião fazer, se tornarão a recolher parelle, e se salvarão per huma escada que lhes mandou poer Emanuel de Lacerda, per onde deceram. Os do cubelo vendo morto Garcia de Sousa, se começarão a callar pelas cordas que lhe dera dom Garcia, e outras que lhe tambem deu dom Ioão Deça, depois que decco do mu-

ro. E sendo ja todos fora apareceo Gaspar Cão, com hum bombardeiro que o ajudara a defender a escada do cubelo, depois que matarão Garcia de Sousa, sem os mouros os poderem entrar, os quaes vendosse sos, encaminharão pera as ameas do cubelo, cuidando de achar alli as cordas, per onde se os outros lançarão, mas errarão o posto, porque não estavão naquella parte, e parecendoihes que as tirariam tras si, nam curaram de as ir buscar onde ainda estavam postas, pelo que Gaspar Cam fazendo o sinal da Cruz se lançou do cubello abaixo, e do salto quebrou huma perna, de que depois morreo na ilha de Camaram. O bombardeiro se lançou da mesma maneira com huma besta debaixo do braço, e cahio sem perigar. Acabado este negocio com tanta afronta dos nossos Afonso Dalbuquerque se recolheo as naos, com a mais gente. E porque de hum baluarte que esta no molde, que vai da ilha de Cira perá cidade, tiravam com artelharia as naos, teve conselho se o mandaria combater, e estando nesta pratica, Alvaro Marreiro mestre da nao de Emanuel de Lacerda que recebia mais damno desta artelharia, que as outras sahio no seu batel com amarinhagem, e alguma gente darmas com que entrou no baluarte, e fez fugir os que nelle estavam, e tomou vinte, e sete peças dartelharia de ferro, grossa, e meuda. De maneira que antes de Afonso Dalbuquerque ter acabado o conselho, Alvaro Marreiro tinha ganhado o baluarte, com que se a gente começou dalvoroçar, dizendo que combatessem a cidade, pois aquelle baluarte era tomado, que era a principal força della, ao que Afonso Dalbuquerque não quiz dar orelhas por muitos respeitos, mas antes mandou que logo se alasse a frota pera fora do porto, e que saqueassem as naos que ahi estavam, e lhes posessem o fogo no que sepassaram dous dias sem

da cidade lhe sair ninguem, o que feito se fez a vella pera ho estreito que he trinta legoas Dadem, pera onde partio na segunda octava de Pascoa. A qual cidade de Adem he fermosa de vista, e de bons edeficios, posta ao pe de huma serra que se vem meter no mar, na ponta da qual esta situada, e tão cercada de agoa que fica quasi em ilha, a serra he tão seca, que nam nasce nella erva, nem arvore por ser toda de rocha viva, e nam chover nesta terra se não de dous em tres annos. A agoa lhe vem de huma aldea a que chamam Rubaca, per canos, de que cae em hum grande tanque que esta huma legoa da cidade, onde a vem buscar, nem tem outra agoa, nem mantimentos senão os que lhe vem de carreto per mar, e per terra, que sam tantos que sempre a delles muita abastança, assi de trigo, arroz, carnes, caças, como de fructas. A hi muitos mercadores que tratão perá India, e pera o Abexi, e mar de Arabia, e outras partes, he povoada de Mouros, entre os quaes habitam alguns Iudeus, a gente he alva, bem disposta, e bem ataviada, assi homens como molheres, os homens nobres sam mui bons cavalleiros, e exercitão a guerra, andão a cavallo, de que na terra a muitos, e mui bons, o Rei tem outros muitos lugares pelo sertam, e alguns nos portos do mar delles grandes, e bem povoados, a mor renda que tem he do que lhe pagam da Ruiva de tintores, que crece na terra, a qual alli vem buscar da India, Persia, Arabia, e do Abexi, e outras partes por ser muito boa. Pera hum feito de guerra podera ajuntar dous mil homens de cavallo, seus sugeitos, vassallos e criados, tem sempre em Adem hum governador, homem de confiança, por ser esta huma das milhores cidades de todo seu senhorio. Este era naquelle tempo Miramirjam Abexi, que em sendo moço captivaram, e fezerão Mouro,

muito bom cavalleiro, de quem Afonso Dalbuquerque foi recebido com menos gasalhado do que cuidava, por lhe terem dito que sem nenhuma dificuldade se lhe entregaria a cidade, mas o negocio lhe aconteceo bem ao contrario do que lho derão a entender.

CAPITULO XLIV

Do que Afonso Dalbuquerque passou no caminho, que fez para o mar de Arabia, ate tornar outra vez a Adem e dahi a India, e doutras particularidades.

Como fica dito no capitulo atras Afonso Dalbuquerque se partio de Adem pera o mar de Arabia a que muitos erradamente chamão Roxo, porque o mar Roxo, segundo os antigos scriptores Gregos, e Latinos he o que jaz deste da Arabia ate o mar da Persia, e India. Fazendo assi sua viagem, chegou as portas do estreito deste mar da Arabia, sesta feira da somana de Pascoa donde se foi a ilha de Camaram, e com receo que os da ilha a despejassem, como fezerão, acolhendosse para a terra firme mandou depois de ser junto da ilha dom Garcia de Noronha com alguns capitães em bateis, pera tomarem os portos, e assegurarem os moradores, os quaes tomaram no caminho algumas gelvas, em que captivaram homens, e molheres, e huma nao do Soldão de Babilonia, e outra de mercadores, que estavão surtas, em que acharão muita riqueza. Na ilha nam ouve quem lhes resistisse, porque toda a gente se passou a terra firme da Arabia, que he dalli

tanto como de Lisboa a Almada, o que devide hum canal per onde passam todalas naos que entram, e saem pelo estreito. Na ilha, posto que tenha alguns areaes, a muita agoa, e he viçosa, e de muita criaçam de gado, fazensse nella muitas naos, e pelos grandes edeficios antigos que ainda ahi ha, se ve que foi ja muito habitada, e que devia ser de grande trato. Alli esteve Afonso Dalbuquerque sete dias fazendo carnagem, e augoada. O que feito se fez a vela perá cidade de Iudá, e sendo quasi trinta legoas della com ventos contrairos arribou a mesma ilha de Camaram, onde invernou, e fez dar pendor as naos, e quisera fazer huma fortaleza, mas pelos muitos inconvenientes, que a isso achou dasistio do negocio. Passado o inverno se fez a vella perá India, com tenção de outra vez dar em Adem, em cujo porto achou algumas naos, e gelvas, varadas em terra, junto com o muro das quaes tiravão a frota mui a meude, com bombardas, e o mesmo faziam da ilha de Cira, e do alto da serra com hum trabuco. No qual porto Afonso Dalbuquerque esteve quinze dias por lhe o tempo não servir, em que nam fez mais que receber tiros de bombardas dos da cidade, e elles da nossa armada, sem poder queimar as naos de mouros que estavam no porto, ao que mandou Ioão Teixeira com obra de cem marinheiros, e homens darmas, por os capitães, e fidalgos o não quererem fazer, polo perigo que nisso avia, no que Ioão Teixeira nam fez nada. Com tudo o baluarte do molde foi tomado, e mortos alguns mouros dos que o guardavam do qual esses dias que Afonso Dalbuquerque depois esteve no porto, se fez com a artelharia muito damno a cidade, donde se partio aos quatro dias do mes Dagosto, sem passar cousa que de contar seja ate chegar a Dio, onde depois de surto, o mandou visitar Miliquiaz ca-

pitão, e governador da cidade por el Rei de Cambaia, offerecendosse a fazer tudo o que lhe delle comprisse: entre os quaes ouve muitos recados de cortesia, e offerecimentos, cheos denganos, porque atençam de Afonso Dalbuquerque era tomar a cidade ou pelo menos prender Miliquiaz, e a de Miliquiaz era de lhe fazer o damno que podesse, se pera isso vira tempo. Entre estes recados, o em que Afonso Dalbuquerque mais insistio foi, que desejava de se ver com elle no mar, do que se elle excusou com boas palavras, pelo que Afonso Dalbuquerque sem mais sperar, avendo ja seis dias que alli chegara, se fez avella caminho da India, a quem logo Miliquiaz seguio com mais de oitenta navios de remo bem esquipados, e artilhados, mandando diante hum bargantim fazerlhe saber que o hia visitar, ao que Afonso Dalbuquerque respondeo, que sua vista seria para elle de muito gosto, e contentamento, que o podia fazer sem nenhum receo, com a qual segurança Miliquiaz chegou a bordo da capitania, em huma fusta pequena, que elle mesmo governava, donde Afonso Dalbuquerque da nao, e elle da fusta se fallaram, e fezeram grandes offerecimentos mandando Afonso Dalbuquerque em presente a Miliquiaz, no batel da nao, quatro mouros, que trazia captivos, de que elle mostrou levar muito contentamento, por serem pessoas calificadas. Isto acabado Miliquiaz se tornou pera Dio, e Afonso Dalbuquerque fez sua derrota pera Chaul onde foi mui bem recebido de Nizamaluco, que alem de lhe mandar refrescos pera toda a frota, pagou sem nenhuma deficuldade as pareas que devia, no qual lugar achou Tristão de Ga, com reposta dos negocios que o mandara el Rei de Cambaia, e cartas de Miliquigupi, pessoa principal naquelle regno, e muito valido com el Rei, e amigo dos Portugueses, a

reposta del Rei era, que dava licença a Afonso Dalbuquerque pera mandar fazer huma fortaleza em Dio, pera mor segurança do que mandou com o mesmo Tristam de Ga hum seu embaixador com cartas de crença. De Chaul foi Afonso Dalbuquerque ter a Danda, que he de Nizamuluco, onde tomou huma nao de Mouros do Cairo, que hia pera Iudá, em que achou tres mil quintaes de pimenta, e gengivre do qual lugar de Danda foi ter a Dabul, e dahi a Goa, sem de toda esta viajem tirar outro fruto que o de seis naos que tomou, que hiam carregadas despeciarias pera Iudá, das quaes deu duas a el Rei de Calecut, que lhas mandou pedir, dizendo que eram de seus vassallos, no que consentio por conservar com elle as pazes, que deixara assentadas, e se fazer a fortaleza que per dilações do mesmo Rei, e conselho de alguns Portuguezes que queriam mal a Afonso Dalbuquerque ainda não era começada, como ficara ordenado quando se elle partio para o mar de Arabia. Estando em Goa veo ter com elle Fernão Perez Dandrade, de quem soube o que passara em Malaca, e do desbarato de Pateonuz. Vieram tambem alli de Cochim Ioão de Sousa de Lima, que este anno de mil, e quinhentos, e treze partira de Portugal perá India com tres naos, de que era capitão, e os outros dous capitaens erão Henrrique Nunez de Leam, e Francisco Correa, que se perdeo nas ilhas de S. Lazaro, e se afogou depois em hum batel no porto de Melinde, o qual Ioão de Sousa, e Henrrique Nunez que com elle viera a Goa despachou logo pera Cochim a fazer sua carga, com outras naos que aquelle ano mandou pera o regno. Estando ainda Afonso Dalbuquerque em Goa lhe veo hum embaixador del Rei de Narsinga, da qual embaixada o principal ponto era sobre os cavallos que vinhão a Goa, que lhos

desse todos per preço honesto, e que ao Çabaim dalcão não desse nenhuns, o que fazendo seria sempre muito amigo del Rei dom Emanuel, e favoreceria todas suas cousas assi na paz como na guerra, mas nisto senão tomou assento, pelo que Afonso Dalbuquerque despedio o embaixador com alguns presentes pera el Rei de Narsinga em lugar doutros que lhe por elle mandara. Estando ainda em Goa soube que era fallecido o Çamorij Rei de Calecut, e que succedera no regno o principepe Naubeadarim, que era grande amigo dos Portugueses, do que Afonso Dalbuquerque foi mui ledo, esperando que nam averia duvida no fazer da fortaleza, e que ha paz seria certa com Naubeadarim, pois em sendo Principe a desejara sempre. Pelo que logo assentou com elle as pazes, antes de se partir de Goa, e se começou a fortaleza em Calecut, e sobrisso, e confirmação das pazes, mandou o mesmo Rei de Calecut dous embaixadores a el Rei dom Emanuel. Os pontos principaes da qual paz foram, que elle consentia no fazer da Fortaleza, assi como se assentara vivendo el Rei seu tio e que daria cadanno dez mil bahares de pimenta pelos preços de Cochim a troco de todas as mercadorias, dos quais bahares de pimenta tem cada hum tres quintaes, tres arrobas, e dezoito arratens, e de qualquer outra mercadoria quatro quintaes, e que por pareas, e tributo daria cadanno a el Rei dom Emanuel a ametade da renda dos seguros das naos, pagures, e paraos, que era hum grande tributo, porque tal nao avia que pagava dous, e tres mil favoens douro dos quaes favoens douro dezoito valem hum pardao douro o qual pardao douro val da nossa moeda trezentos, e sessenta reaes, e que alem de tudo isto era contente de restituir a fazenda que se tomara del Rei, quando matarão Aires Correa. O que assim con-

cluido Afonso Dalbuquerque se foi de Goa a Cananor, onde se deteve alguns dias pera poer ordem em desmanchos que achara feitos, alli veo ter com elle Gaspar Pereira secretario das cousas da India, que lhe não tinha boa vontade, e lhe apresentou huns capitulos que el Rai mandara, assim a requerimento do mesmo Gaspar Pereira, como doutras pessoas que desejavam ver Afonso Dalbuquerque fora do governo da India, dos quaes o mais substancial era sobre negocios de Goa, se seria bem sostela, ou deixala no qu' ouve muitos debates, e varios pareceres, mas os mais foram que se sostivesse, como se ategora fez, com muito louvor, e honra destes regnos, e exalçamento de nossa sancta Fe. De Cananor se foi Afonso Dalbuquerque a Cochim, onde achou el Rei agravado delle por respeito das pazes que fezera com o de Calecut, mas Afonso Dalbuquerque lhe deu taes razoens de que ficou satisfeito, e porque por parecer de todolos capitães, e fidalgos, e officiaes que estavam em Cochim, foi assentado que cumpria a serviço del Rei, ir Afonso Dalbuquerque invernar a Goa, o fez, deixando em Cochim dom Garcia de Noronha seu sobrinho pera tambem prover nas cousas necessarias, e despachar as naos que este anno aviam de tornar pera o regno, que foram seis, de que eram capitães Ioam de Sousa de Lima, dom Ioam de Lima, Antonio Dabreu, Emanuel de Lacerda, Henrrique Nunez de Leão, e Balthasar da Sylva.

CAPITULO XLV

Da vinda de dom Ioam de Lancastre filho do mestre de Santiago a corte.

Pois na primeira parte desta Chronica dixe da vinda dos filhos do Duque dom Fernando de Bragança a estes regnos, bem he que diga da vinda de dom Ioam de Lancastre filho do Mestre de Sanctiago, filho del Rei dom Ioão segundo a corte, pois estas casas ambas procedem do real sangue dos Reis destes regnos, e porque esta do mestre dom George de Lancastre descende do costado do Infante dom Pedro, filho del Rei dom Ioão primeiro do nome, a quem por suas grandes proezas chamamos de boa memoria, antes que venha ao sobre que fundei este capitulo, tratarei alguma cousa do dito senhor Infante, e da honrrada, e nobre progenia que do seu real sangue ate agora permanece. Este inclito Principe foi Duque de Coimbra, senhor de Monte mor o velho, e Daveiro, e regente destes regnos, em quanto el Rei dom Afonso quinto, seu sobrinho, filho del Rei dom Duarte, seu irmão, não teve idade para os governar. Foi casado com dona Isabel filha de dom Iaimes, conde Vrgel, grande senhor, da casa, e real sangue dos reis Daragão, da qual senhora ouve dom Pedro, filho mais velho, que foi rei Daragam, e dom Iaimes que foi Cardeal, e jaz sepultado em Florença, e dom Ioam que foi Rei de Chypre, casado com dona Carlota filha erdeira del Rei dom Ioão Rei do dito regno, e dona Isabel que foi rainha de Portugal molher do sobredito Rei dom Afonso, e dona Beatriz que casou em Flandes com Adolpho senhor de Ra-

bastein, irmã de dom Ioão Duque de Cleves, e dona Phelippa, que não casou, e fez sua vida no mosteiro de Odivellas. Deste casamento del Rei dom Afonso com a Rainha dona Isabel nascerão o Principe dom Ioão, que foi casado com a Rainha dona Leanor filha do Infante dom Fernando, irmã do dito Rei dom Afonso, e a Infante dona Ioanna que acabou em habito de freira no mosteiro de Iesu Daveiro, da ordem de São Domingos. O qual Principe dom Ioão, que foi Rei destes regnos, segundo do nome, neto do Infante dom Pedro sendo Principe, e casado com a Princeza donna Leanor, ouve hum filho de dona Anna de Mendonça, dama que andava em casa da Rainha, dona Ioanna de Castella, e de Leam, esposa del Rei dom Afonso, pai do dito principe, a qual desempossada de seus regnos pelos Reis, dom Fernando, e Rainha dona Isabel vivia em Portugal com titulo de Excellente senhora. A este filho do Principe dom Ioão chamarão dom George, que foi nestes regnos mestre das ordens da cavalleria de Sanctiago, e de Avis, Duque de Coimbra, e senhor de Montemor o velho como tenho dito na Chronica do mesmo Principe dom Ioam. O qual dom George foi casado com dona Beatriz de Vilhena, filha de dom Alvaro, irmão de dom Fernando Duque de Bragança, e de dona Phelipa, filha de dom Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, como fica apontado no capitulo quarenta, e cinco da primeira parte desta Chronica. Este dom Alvaro foi homem pacifico, e de muita substancia, e mui fora de rebuliços, pelo qual respeito o Duque dom Fernando seu irmão, nem os que entrarão na conjuraçam feita contra el Rei dom Ioam, lhe não ousarão descobrir o erro em que os o demonio trazia cegos, do que el Rei sendo bem informado o não mandou prender, estando elle no paço a noite que

el Rei mandou prender o Duque seu irmam, mas o mandou na mesma noite para sua casa, e molher que então estava na cidade Devora onde este caso aconteceo, o qual esteve depois alguns dias no regno, donde se ausentaram seus irmãos por este caso. E porque elle sentio muito este negocio por se lhe passar a dor, paixão, e vergonha que disso com razão tinha (dizem que dezia elle que pera se descorrer, com andar algum tempo fora do regno) pedio licença a el Rei pera ir a Hierusalem em romaria, o qual requerimento lhe el Rei dilatou o mais que pode, mas vendo que insistia nelle lho concedeo, com condição, que não entrasse na corte de Castella, nem na de Roma, nem se detivesse em Veneza. Partido dom Alvaro fez seu caminho de vagar per Castella, de maneira que pareceo a el Rei manha, e logo lhe screveo que elle via quão de vagar caminhava, que soubesse que se entrava na corte de Castella, como lhe tinha mandado que não fezesse, que lhe mandaria confiscar todos seus bens, que elle tinha em Portugal, ao que dom Alvaro respondeo, que em quanto sua Alteza lhe não posera outra pena senão so mandando, elle o não passara por cousa nenhuma do mundo, mas que pois lhe mudava a pena na fazenda, que fezesse sua Alteza nisso o de que fosse servido, que dos bens fazia pouca conta, e que elle se ia ver com a Rainha donna Isabel, porque ella lhe tinha rogado per suas cartas que não se fosse de seus regnos sem a ver, e lhe fallar, o que elle nunca quisera fazer, mas que pois assim era, sua Alteza lhe mandasse sua molher, e filhos. E a Rainha, cujo primo com irmam dom Alvaro era, e el Rei dom Fernando seu marido folgarão muito com sua vinda, e lhe fezerão muita honrra, e se servirão delle em negocios de muita calidade, e o trataram como pessoa tam conjunta a seu sangue co-

mo elle era, e quando lhe el Rei deu licença que se fosse sua molher, e filhos, mandou primeiro dizer ao Conde de Olivença, que pois seu genrro levava sua molher, e filhos fora destes regnos, que elle desejava que ficasse nelles a quem lhe galardoasse seus serviços, que lhe rogava que fezesse com sua filha que lhe deixasse alguma sua filha em sua casa, a que elle daria, e avia por dada toda sua casa, e fazenda que tinha da coroa, fello o Conde assim. E esta sua neta, filha de dom Alvaro que ficou nestes regnos em casa de seu avo, foi donna Beatriz de Vilhena, a qual per morte do Conde, el Rei mandou trazer pera casa da Rainha donna Leanor sua mulher, como no capitulo ja apontado fica dito, e depois do falecimento del Rei dom loão, el Rei dom Emannel, e a Rainha donna Leanor sua irmã a casarão com dom George mestre de Santiago, e de Avis, e lhe derão as mais das terras que forão do Infante dom Pedro, a que chamam terras do Infantado de Coimbra, como lhe el Rei seu pai deixou em seu testamento, que ate então nam teve outro titulo senam o só nome de dom George, e por a casarem tão honradamente e com tal pessoa, ouveram por bem que ella renunciasse a merce que lhe tinha feita a el Rei dom Ioam da casa do Conde de Olivença seu avô, em dom Rodrigo de Mello seu irmam, que depois foi Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira, e Alcaide mor de Olivença, como se no contrato do casamento per extenso contem. Desta donna Beatriz ouve o mestre dom George filhos, e filhas como tenho dito no derradeiro capitulo da Chronica do mesmo Principe dom Ioam seu pai, e o primeiro filho foi dom Ioam Duque Daveiro, e senhor de Montemor o velho, e o segundo dom Afonso, e dom Luiz, e dom Iaimes Bispo de Septa. Guardei este negocio de dom Alvaro para este capitulo, pera se

ajuntar a estas cousas, por me parecer logar mais conveniente que nenhum outro, para dar testimunho do que verdadeiramente toca a sua honrra, e limpeza, e das nobres casas que delle, assi em Portugal como Castella descendem, que em Potugal he por baram o dito Marques de Ferreira, cujo filho he dom Francisco de Mello Conde de Tentugal, e neto dom Alvaro de Mello, filho do primeiro filho do dito Marques, que morreo em vida do pai que tambem avia nome dom Alvaro de Mello, e por filhas, vem a casa do Duque Daveiro, e seus irmãos, e a do Conde do Vimioso, e dos seus, e a do Conde de Portalegre, e a do Conde do de Mira, e em Castella tambem por filha, a do Duque de Bejar, e do Marques de Ayamonte seu irmam, e do Duque de Medinacidonia, e dum filho segundo do dito dom Alvaro, a que chamam dom George a casa dos Condes de Jelves junto de Sevilha. E tornando a nosso proposito, dom George Duque de Coimbra, e senhor de Monte mor o velho, mestre de Sanctiago, e de Avis, era bisneto do Infante dom Pedro, e neto da Rainha donna Isabel sua filha, e filho bastardo del Rei dom Ioam o segundo, e delle descenderão os que temos dito, o qual no anno do Senhor de M. D. xiii, veo a corte a cidade de Lisboa, e trouxe consigo dom Ioam seu filho primeiro, por os cutros seus filhos nam serem de idade pera virem a ella, e foi o dito dom Ioam com el Rei a Syntra mui bem acompanhado, no tempo que o Duque dom Iaimes de Bragança era em Africa a tomar Azamor, como se no capitulo seguinte dira, e esta so memoria fica em Portugal ate hoje do Infante dom Pedro, e del Rei dom Ioão o segundo seu neto.

CAPITULO XLVI

De como el Rei mandou dom Iaimes Duque de Bragança sobela cidade Dazamor, e do que se nisso passou ate la chegar.

MUITO antes da tomada de Çafim por el Rei dom Emanuel continuar nas pazes, e amizade que el Rei dom Ioam segundo seu primo assentara com os mouros Dazamor, teve sempre naquella cidade criados seus, homens nobres de que confiava, dos quaes foi hum Rui Gil Magro, que la mandou no anno de M. D. iii, os outros foram Ioam Lopes, e Diogo Dalcaçova, que continuram ate o anno de M. D. xii, todos tres cavalleiros de sua casa por meo dos quaes, e de hum Rabi mor dos judeus, per nome Rabi abraham, os da cidade, per suas cartas, e contratos feitos, com consentimento de Molei zeyam de quem ja tratei nesta Chronica, se sobmeterão a obediencia del Rei, polos defender, como seus vassallos, e lhe deixarão fazer humas casas fortes, em humas que o mesmo Molei zeyam deu suas, pera se nellas recolherem os Portugueses que naquelle tempo tinham grande trato na cidade, alem disso se obrigaram, por contrato feito no anno de M. D. x. a lhe pagarem cadanno de tributo dez mil saveis escalados, e que os Portugueses que fossem a essa cidade nam pagassem ancoragem de seus navios, nem outro nenhum direiio das mercadorias que levassem no que o dito Molei zeyam consentio, por se assegurar dos mesmos cidadões, de que a mor parte lhe tinham odio, pelas tyrannias que com elles usava, depois que o receberam por senhor, desdo tempo que dom Ioam

de Meneses foi sobre esta cicade, e pera fazer milhor seu caso, e se sanear com el Rei do erro, que cometera em lhe fazer a despeza desta armada, prometendo de lhe dar a cidade, e depois de la ser, se concertar com os governadores della, mandou a Portugal hum seu secretario per nome Azmedebem alleu com huns capitulos de pazes a el Rei pera que as confirmasse, de que a substancia era, que fossem amigos de amigos, e imigos de imigos, e que el Rei tivesse os de Azamor seguros de nenhum Christam lhes ir sobre sua cidade, nem lhes fazer mal, e que estas pazes, e amizades fossem juradas por spaço de vinte annos. Mas porque depois o mesmo Molei zeyam as quebrantou, contra vontade da mor parte dos moradores, e principaes da cidade, per cujo respeito os Portugueses se sairão della determinou el Rei no anno de M. D. xiii. mandala tomar, pera ho qual negocio, elegeo dom Iaimes seu sobrinho Duque de Bragança, pela muita confiança que delle tinha, e experiencia da sua prudencia, e saber, ordenandolhe pera isso huma grossa armada, que se fez em Lisboa, em que averia entre naos, navios, caravellas, taforeas, e barcaças, mais de quatrocentas velas, e afora a gente do mar dezoito mil homens de pe, de que os quinze mil hiam a soldo del Rei, e os tres eram do Duque de Bragança que fez vir de suas terras, onde antes que viessem lhes mandou ensinar o modo da ordenança, per Gaspar Vaz, Pero de Moraes, e Ioam Rodriguez que hia por capitam da guarda do mesmo Duque, e depois destes serem em Lisboa tomou ho Duque a custa del Rei de gente que andava solta mil homens, de que deu a capitania a Christovam Leitam, e os fez todos quatro coroneis de mil homens cada hum, aos quaes todos o Duque mandou dar a sua custa calças, giboens, e gorras de panno branco, com cru-

zes vermelhas nos peitos, e nas costas, e aos coroneis, alferez, cabos descoadra, sargentos do campo, deu vestidos de seda, os quaes capitaens vinham per gyros, cada dia com os seus mil homens, dar mostra a el Rei, no terreiro dos paços da ribeira, onde faziam seus caracoes, cunhas, quadras, e coroas, em tam boa ordem como se o usaram per todo o discurso de suas vidas. Levou mais ho Duque quinhentos, e cincoenta de cavallo seus criados, e vassallos, em que entravam cem acubertados. A outra gente nobre que el Rei mandou nesta armada dos moradores de sua casa, passavam de dous mil de cavallo, e duzentos acubertados, afora a pionage que cada um destes levava. Os senhores, e pessoas principaes que hião nesta armada, debaixo da capitania do Duque, de que aqui ponho os nomes, sem na ordem delies poder guardar a cada hum o grao, e precedencia de suas nobrezas, foram, dom Ioam de Meneses, o mesmo que ja fora sobela mesma cidade, como fica dito, o qual se o Duque fallecera nesta viajem hia nomeado por capitam geral da armada, e avia de ficar por capitam do campo Rui Barreto, Alcaide mor de Faram, veador da fazenda do regno do Algarve, que hia provido de capitam, e governador da cidade dom Rodrigo de Mello Conde de Tentugal, dom Fernando de Faram, ambos primos com irmãos do Duque, dom Afonso filho herdeiro de dom Sancho conde do de Mira, dom Vasco Coutinho conde de Borba capitam Darzilla, e dom Bernardo seu filho, dom Frãcisco filho de dom Afonso Bispo Devora, que depois foi Conde do Vimioso, e veador da fazenda, homem em que ouve muitas partes, e calidades dignas de muito louvor, dom Luis de Meneses, filho de dom Ioam de Meneses conde de Tarouca, Priol do Crato, e mordomo mor del Rei, dom Henrique de Meneses, filho mais moço

do mesmo conde, Ioam da Sylva filho herdeiro Daires da Sylva, Regedor da casa da Supplicaçam, dom Aleixo de Meneses, filho do conde de Gantanhede, e sobrinho do mesmo dom Ioam de Meneses, que depois foi mordomo mor da Rainha donna Catherina, molher del Rei dom Ioam terceiro, e agora he ayo del Rei dom Sebastiam seu neto, que Deos prospere, Aires Telez filho herdeiro de Rui Telez de Meneses, mordomo mor da Rainha dona Maria, Diogo Lopez de Lima, alcaide mor de Guimarens, dom Bernardo Emanuel camareiro mor del Rei, Luis da Sylveira que depois foi conde de Sortelha, e guarda mor del Rei dom Ioam terceiro, do nome, Ioam Rodriguez de Sa de Meneses alcaide mor da cidade do Porto, Rui de Mello Devora, dom Ioam Mascarenhas, capitam dos Ginetes, dom Emanuel Mascarenhas seu irmam, Henrrique de Betancourt, Francisco Dabreu, Antonio Dabreu seu irmão, Ioam Dornelas, Luis Datouguia, Ioam Esmeraldo, e Christovam Esmeraldo seu irmão todos da ilha da madeira, dom Alvaro de Noronha que depois foi capitam, e governador da mesma cidade, dom Ioam Deça, Ioam Gonçalvez da camara filho herdeiro de Simam Gonçalvez da Camara, capitam, e governador da ilha da Madeira, que nesta viajem foi com vinte navios, e seiscentos homens de pe, e duzentos de cavallo, de que os oitenta eram seus criados, encavalgados a sua custa, e os demais seus parentes, e achegados, que todos hião debaixo de seu guiam, e lhes dava de comer, assi a estes, como a todolos fidalgos cavalleiros, e escudeiros, que queriam ir a sua mesa, dom João Lobo filho herdeiro de dom Diogo Lobo baram Dalvito, veador da fazenda, Pero Correa, que hia com cargo de veador da fazenda, pera prover em tudo o que cumprisse as despesas, e concerto desta armada, Martim Vaz Mascare-

nhas, Alvaro de Brito, Antonio da Cunha, George Barreto, irmão de Rui Barreto, dom Rodrigo Deça, Alcaide mor de Moura, Ioam Soarez, que depois foi capitam, e governador da mesma cidade, dom George Henrriquez que foi reposteiro mor del Rei dom Ioam terceiro, e depois seu caçador mor, Alvaro Carvalho senhor de Canas, senhorim e Carvalho, que depois foi capitam, e governador Dalcacer Seguer, dom Ioam de Castelbranco, alcaide mor, e comendador de Castelbranco, Diogo de Mendonça, alcaide mor de Mourão, Pero de Mendonça seu filho, Ioam Pereira senhor de Castrodairo, alcaide mor Darraiolos, e seu irmão Henrrique Pereira, Cristovão de Mello, Simam de Sousa do Sem, Ioam Brandam provedor das capellas, Lionel Dabreu senhor de Regalados, e Duarte Dabreu seu irmão, Gonçalo Pinto senhor da terra dé ferreiros, e tandães, alcaide mor de Chaves, Rui Vaz Pinto seu filho alcaide mor de Monforte, Garcia de Mello anadel mor, e capilão dos besteiros da faldrilha, Martim Teixeira de Villa Real, alcaide mor de Villa pouca, Ianafonso de Beja que foi veador da casa do Infante dom Luis, Fernam de Mesquita de Guimaraens, Francisco de Pedrosa adail mor, Francisco Coelho anadel mor dos espingardeiros, Pedrafonso Daguiar, a quem hiam encomendadas as cousas do mar, pela muita experiencia que dellas tinha, Rui Diaz Pão, Martim Calado de Setuval, Lopo Vaz Vogado Dalanquer, Aires Coelho de Tanger, Antonio Dalmada, Ioam Patalim, Rui Palha, que hia por capitam dos besteiros do monte de cavallo do Duque, Sebastiam de Sousa, e Pero de Castro capitaens da guarda do Duque, Henrrique Pinheiro, Sebastiam Rodriguez Berrio, Pero Berrio, e Ioam Martinz Dalpoem seus sobrinhos. Os capitães da ordenança, como fica dito foram Gaspar Vaz, Pero de Moraes, Ioam Rodriguez,

Christovam Leitam, todos quatro mui esforçados cavalleiros, e bons soldados, de que deram manifestos sinaes em Italia onde muito tempo exercitarão a guerra, e teveram nella cargos, e officios honrados. A toda esta armada deu despacho dom Martinho de Castelbranco conde de villa nova de Portimam, e veador da fazenda, em espaço de quatro meses, e meo. Ordenadas todalas cousas qne eram necessarias pera esta armada poder partir, el Rei foi ouvir Missa a Se, onde o Duque veo depois de el Rei la estar vestido de branco como os de sua libre, trazendo o seu alferez, a bandeira Real dobrada, a qual dom Martinho da Costa Arcebispo da mesma cidade benzeo sobelo altar de sam Vicente, e a entregou ao Duque, e o Duque a levou a el Rei, e el Rei lha tornou a entregar, com palavras de muito amor encommendandolhe que mui inteiramente fezesse, e cumprisse as cousas de Deos, guardando a todos justiça, com muito tento, e resguardo do que a hum tamanho negocio, como aquelle de que o encarregara cumpria. O que dito o Duque tornou a entregar a bandeira ao alferez, e naquelle dia depois de vespora veo com os capitaens da armada despedirse del Rei, e da Rainha, e do Principe, e Infantes, e se foi logo embarcar, mas por intervirem alguns negocios que o detiveram, esteve quatro dias diante da cidade, dormindo sempre na nao, e por caso destes negocios vinha as vezes a terra a falar a el Rei. O que tudo feito se partio, e foi lançar ancora em restelo, e ao outro dia em Bethelem, onde o el Rei veo ver a tarde a sua nao, e em el Rei se saindo desfirirão as velas, e por o vento ser escasso nam poderam passar de Sancta Catherina, donde ao outro dia, que eram xvij, dias do mes Dagosto, destanno de M. D. xiii. seguindo o Duque sua viajem foi lançar ancora na baia do

Faram, no regno do Algarve, onde se deteve ate os xxii dias do mesmo mes, em que acabou de recolher alguns navios com gente do mesmo regno, que o ali estavam esperando, e outros que o seguião, os quaes todos juntos, partio ao outro dia, que era segunda feira, vespora do Apostolo Sam Bartholomeu xxiij Dagosto, e ao sabbado seguinte, dia do Bemaventurado sancto Aurelio Augustinho, natural daquella provincia da Africa, foi surgir na barra do rio Dazamor. E por e tempo lhe ser contrario pera entrar pelo rio, foi desembarcar a Mazagam, que he duas legoas da barra per mar, e outro tanto por terra ate Azamor, onde desembarcou sem nenhum perigo, nem resistencia. Ali esteve tres dias concertando, e poendo em as cousas que cumprião pera per terra ir poer cerco a cidade, nos quaes tres dias vinham mouros aventureiros dos questavão em Azamor, de noite dar nas faldras do nosso campo, de que levarão cavallos, e feriram, e mataram alguns Christãos que acharão desmandados, sem nunca ousarem de chegar ao forte, posto que por huma vez viessem de dia alguns dos cheques, e capitaens principaes, com cinco mil de cavallo, e sete mil de pe, com tenção de darem batalha, mas vendo o arraial, e boa ordem que o Duque tinha nelle, se tornaram perá cidade, onde deram taes novas, que logo se começou de despejar das pessoas que nam eram pera a poderem defender.

CAPITULO XLVII

Do sitio Dazamor, em que se trata dos barbaros, e Arabes que habitam na quella provincia, e de como o Duque entrou na cidade pacificamente, e do que mais fez ate se tornar para o regno.

Pois tenho dito da grande preparaçam que el Rei fez pera mandar sobresta nobre cidade, parece razam que trate alguma cousa do sitio, e antiguidade della, a qual, segundo dizem os escriptores Arabios, foi edificada pelos Africanos, na quella parte, e Provincia que se chama Aduecala, na costa do mar Oceano Athalantico, apar da boca de hum rio navegavel, a que os mouros chamam Ommirabih. Era no tempo que a o Duque tomou de grande cerca, quadrada, de muito trato, habitada de muita gente nobre, mercadores, e outra popular, em que averia mais de cinco mil fogos, sem os dos Iudeus, que serião quatrocentos. A gente era polida, e bem ataviada, assi homens, como molheres, e mui dados a viços. Residião nella muitos mercadores Portugueses de que tomaram a policia do edificar, e modo de viver, a comarca he mui fertil de pam, e criações. Tinha esta cidade cadanno de renda somente das pescarias dos saveis, caçoens, e outros peixes, a que chamam Tazartes, que em levante tem a mesma valia dos atuns, sete, e oito mll cruzados. Era divisa em duas cabeceiras, com tudo governavasse sem divisoens, nem desconcertos, o que se poucas vezes acostuma em lugares pequenos, quanto mais em tamanhas cidades, e tam ricas como esta era. Desta provincia de Aduecala, os principaes lugares sam,

Çafim, Tite, Almedina, e Azamor, que todos com os mais estiveram a obediencia del Rei dom Emanuel, os habitadores dos lugares cercados, sam mouros de nação, naturaes da terra, a que chamão Barbaros o qual nome tomam da provincia de Africa, chamada Barbaria que he esta em que estes tambem vivem, com outras muitas. Os outros que sempre andam no campo se chamam Arabes, e dizem que estes vieram de Arabia, e se fezeram senhores da terra, os quaes sam mais guerreiros, e poderosos que os que vivem nos lugares cercados. Destes Arabes a na Aduecala tres linhagens, a que chamam Xerquia, Abida, e Garabia das quaes ha da Xerquia se parte em seis tribus, a que chamam Cabildas, sc. Vleidambram lithali, que he a principal, em que entam avia mil e quinhentos de cavallo, e trinta mil de pe, e cento, e cincoenta aduares, e o aduar se chama a povoaçam de numero de cincoenta, e sessenta ate cem tendas, e todos estes aduares juntos se chamam alheilá.

A segunda se chama Oledambrão discani, em que avia mil de cavallo, e vinte mil de pe, em cem aduares.

A terceira cabilda se chama Vleidaquo, em que avia oitocentos de cavallo, e quinze mil de pe, em oitenta aduares.

A quarta Zubetos em que avia seis centos de cavallo, e dez mil de pe, em sessenta aduares.

A quinta Vleidebuazis em que avia setecentos de cavallo, e quinze mil de pe, em setenta aduares.

A sexta Vledefarax em que havia quatrocentos de cavallo, e cinco mil de pe, em trinta aduares.

Nas outras duas linhagens de Abida, e Garabia avia então quatro mil de cavallo, e quarenta mil de pe, em duzentos aduares, os quaes sendo dantes inferiores aos de Xerquia se fezeram mais poderosos

que elles depois da tomada de Çafim por serem vassalos, e favorecidos del Rei dom Emanuel. Do rio Daguz contra o Sul, e meo dia esta aterra de Xiatima, em que a muitos Arabes, e do rio Dazamor ate o de Çale se chama a terra Iemecena, ou Enxovia, os quaes se chamam todos Arabes, que assi huns como os outros diferem alguma cousa da lingoagem dos Barbaros. Mas tornando ao que toca a guerra, tanto que as novas da ida do Duque forão divulgadas, os Dazamor se fortalecerão o milhor que poderão, assi de muniçoens, como de gente, de modo que quando a nossa armada chegou diante do porto avia na cidade, e fora della muita gente de guerra, de que os capitães, e pessoas principaes, erão Moleizeyão senhor da cidade, que andava no campo com huma grossa companhia de gente de pe, e de cavallo com dous seus filhos homens a tençam de dar batalha ao Duque. Da cidade era capitam cide Mançor, a quem Moleizeyam dera disso o cargo, homem em que os mouros tinham mui grande fe por ser mui arriscado cavalleiro, e com elle hum seu irmão, e assi estava na cidade, Alesemão senhor da villa de Targa, e outros capitães, e gente nobre vieram ao socorro: contra a qual cidade, estando nesta ordem o Duque abalou de Mazagão ao primeiro dia do mes de Septembro, deste anno de mil, e quinhentos, e treze, com todo seu exercito ordenado, como convinha, tendo ja mandado Pedrafonso Daguiar com a armada ao rio Dazamor, pera que com os navios pequenos entrassem por elle arriba, aos quaes fez passar a mor parte da artelharia, e munições de guerra necessarias pera o combate, em cuja companhia mandou Garcia de Mello Anadel mor e capitão dos besteiros da faldrilha, pera irem queimar algumas jangadas, e caniçadas de palha, breu, e alcatram que os Mouros ti-

nham feitas pera lançarem pelo rio abaixo, o que assi fezeram antes de o Duque chegar a cidade, passando com os navios per diante della, posto que lhe lançassem muitos tiros de fogo, e pilouros de bombardas. Seguindo o Duque seu caminho alguns mouros de cavallo vieram cometer o Adail Francisco de Pedrosa, que hia diante descobrindo o campo, e a escaramuça se travou de maneira, que foi necessario acudir a isso dom Ioam de Meneses, com alguma gente de cavallo, da que levava na vanguarda que lhe o Duque deu a cargo. Mas os Mouros recrecerão tanto, que foi necessario mandar o Duque o Conde de Borba, cunhado do mesmo dom Ioam, com mais gente, aos quaes porque os mouros carregavam sobrelles, o Duque em pessoa acudio, com alguns poucos de cavallo, levando diante um esquadrão de gente de pe, de que era capitão Gaspar Vaz, que se meteo entre os Christãos, e os Mouros, e posto que o esquadrão fosse delles cometido com muito esforço o não poderão entrar, no que estiverão ate ser noite, em que se departiram todos, sem aver da nossa parte outra perda, que de seis cavallos, e sair da pelleja ferido em hum de dom Bernardo Coutinho, filho do Conde de Borba, e Rui Diaz Pao no rosto, dos mouros ficarão mortos no campo dez, entre os quaes morreo hum mui bom cavalleiro, per nome Cide Aço, que em outro tempo fora grande servidor del Rei dom Emanuel. Mas com quanto esta escaramuça nam cessava, nem por isso o exercito deixava de fazer seu caminho na ordem, em que partira de Mazagam, ate chegar a Azamor, onde se aquella noite lojou de longo do rio, defronte donde os nossos navios estavam ancorados. Ao outro dia pela manhãa mandou o Duque tirar em terra alguma artelharia grossa, e outros petrechos pera dar combate, no que se traba

lhando, sendo ja horas de meo dia, tres esquadroens de muita gente de cavallo dos Mouros se vieram poer a tiro de bombarda do arraial, dando mostra de quererem pelejar: o que vendo o Conde de Borba pedio licença ao Duque pera lhes sair, mas per respeitos que aisso teve lho nam quis consentir, porque seu intento era mais em tomar a cidade, que nam em cometer cousa, que lho podesse estorvar, pelo que os Mouros se foram sem ousarem de chegar mais perto do arraial do que estavam. Tirada a artelharia em terra, e as mais cousas que cumprião pera o combate, o mandou o Duque dar, per conselho de dom Ioam de Meneses, posto que fosse contrariado dalgumas pessoas, pera o que elegeo dom Luis de Meneses, e George Barreto com a gente do Algarve que era de suas capitanias, e a Ioam da Sylva com a gente do Bispo do Algarve dom Fernando Coutinho seu tio, e por capitão delles todos dom Ioam de Meneses que dava ordem a tudo o que compria, e mandava fazer a cada hum o que era necessario, no qual combate, posto que as mantas estivessem postas ao muro, e lho os nossos ja começassem de picar per baixo dellas, os mouros se defendiam como mui esforçados cavalleiros, ferindo alguns dos nossos com tiros darremesso, e panellas de breu, alcatram e outros materiaes que lançavão de cima do muro. Durando assi o combate, ja sobela tarde andando Cide Mançor, capitam da cidade, que alli tinha Moleizeyam, como seu soldado, animando os seus sobelo muro lhe derão do nosso campo com hum tiro de bombarda pelos peitos, de que cahio morto, cuja morte foi causa de os de dentro darem logo huma grande grita de choro, e pranto, que os nossos ouviram, pelo que naquella noite despejarão a cidade, sem quererem esperar o segundo combate, e foi tanta a pressa ao

sair, que nas portas morreram abafados mais de oitenta pessoas. Despejada assi a cidade, sendo ainda noite, hum Iudeu de naçam Portugues, per nome Iacob Adibe, dos que se foram deste regno, que ahi era morador, chamou derriba do muro Diogo Berrio, de quem atras fiz mençam, que estava na frota, e lhe pedio seguro pera ir fallar ao Duque, ho qual Iudeu em chegando se pos em geolhos, pedindolhe seguro de sua vida, e fazenda, e assi tambem de todolos Iudeus que viviam em Azamor, por alvisaras das novas que lhe trazia de ser a cidade despejada. O Duque fez alevantar o Iudeu, e postos os geolhos no chão, e as mãos, e os olhos alevantados pera o ceo, deu graças a nosso Senhor Iesu Christo, pela grande merce que lhe fezera de ganhar huma tal, e tão nobre cidade, sem perda dos que com elle hião, e ao Iudeu consedeo o que lhe pedio, e em amanhecendo mandou a Ioam Soarez, Rui de Faram, e Sebastião Pequeno seu criado, que entrassem na cidade, e com elle o corregedor, pera defender os Iudeus que os nam roubassem, e lhes dixe que fezessem logo poer pellas ameas do muro, e torres da cidade bandeiras das armas, e insignias do regno, em sinal de victoria, e que repartissem os apousentos, e na mezquita mor mandasse consertar hum altar para se nelle dizer naquelle dia Missa, a qual com ajuda de Deos elle seria presente. O que assi feito o Duque entrou na cidade com a companhia que pera isso ordenou, e fez logo consagrar a mezquita, a que pos nome de advocação do Spiritu sancto, donde ouvida a Missa, se foi apousentar, nas principaes casas que avia na cidade, e assim o fezeram tambem os outros que com elle entrarão o milhor que cada hum pode, na qual o mais do despojo que se achou, forão algumas bombardas que os Mouros nam poderam levar, e muito

trigo posto em cousas, e muitos saveis escalados. Do qual despojo, o mais honroso foram dous sinos de obra de dous palmos em alto, que se acharam na mesma mesquita, que ficaram naquella cidade do tempo que fora de Christãos. Sabida pelos moradores das cidades de Tite, e Almedina a tomada Dazamor as despejarão de todo, do que certificado o Duque, mandou tomar posse da de Tite, e Nuno Fernandez Dataide capitam, e governador de Çafim a foi tomar de Almedina, posto que naquelle tempo pagava pareas a el Rei dom Emanuel, onde achou grande somma de trigo, e cevada, e deu della acapitania a Cide Iheabentafuf, de que lhe tomou a menajem em nome del Rei, e deu salvo conduto a todolos que della sairam, pera se tornarem, pagando seu tributo, como dantes, e para mor segurança de nam rebelarem, mandou derribar dous lanços de muro, hum da banda Dazamor, e outro da parte de Çafim, e a cidade se tornou a povoar, e a ser mais prospera do que o dantes era. As novas de todas estas cousas recebeo el Rei per cartas do Duque de Bragança, estando em Syntra, elle, e a Rainha donna Maria sua mulher, com as quaes se fezerão na corte, e per todo o regno grandes festas, e procissoens, dando graças ao senhor Deos pelo prospero successo desta viagem, do que logo el Rei escreveo as novas ao Papa Leão decimo, per cujo respeito mandou fazer dentro em a cidade de Roma huma solemne procissam, e dixe Missa em Pontifical na qual ouve pregação, em que se dixeram muitos louvores del Rei dom Emanuel, e dos Portugueses, por quam continos eram na guerra, por exalçamento de nossa sancta fe catholica. Depois do Duque ter assossegadas, e assentadas as cousas que cumpriam a cidade, e recebidos alguns Mouros a obediencia del Rei dom Emanuel, e assi

dos de pazes que tambem andavão alevantados, como doutros que lha vieram pedir, determinou de fazer huma entrada nas terras da Enxovia, e tudo isto por vingança das principaes cabildas lhe virem pedir paz em nome de toda a provincia, e de Alebemmume senhor delles, e depois de assentadas as nam quererem guardar, pera o que sahio Dazamor aos xxvi dias do mes Doutubro e correo toda a terra da Enxovia sem achar mais que hum Aduar muito pobre de ate duzentas almas, o qual depois de tomado tornou asoltar, o que lhe foi muito louvado. Feita esta entrada, e ganhada a grande honrra e fama que o Duque alcançou nesta tambem afortunada viajem, constrangido da dor e empacho que lhe dava huma apostema que lhe nasceo entre as coxas, que o impedia poder andar a cavallo, se tornou pera o regno, deixando quasi todos seus na cidade, e toda a sua casa encommendada a dom Francisco seu primo que depois foi Conde do Vimioso, filho de dom Afonso Bispo Devora, na mesma ordem como se elle em pessoa fora presente, o que assentado se foi a Mazagam, donde partio pera o regno, aos vinte, e hum dias de Novembro, sem trazer mais que dous navios, com que chegou a Tavira no regno do Algarve, e dahi a Almeirim, onde el Rei dom Emanuel estava com a Rainha, dos quaes, e de toda a corte foi mui bem recebido.

CAPITULO XLVIII

De huma entrada que dom Ioam de Meneses, e Rui Barreto fezeram em terra de mouros sobre duas aldeas que tomaram.

Partido o Duque de Bragança Dazamor pera o regno entre dom Ioam de Meneses que ficava por capitam do campo, e Rui Barreto que era capitam da cidade, ouve algumas diferenças sobre a parte que a cada hum tocava, acerca de seu cargo, do que separadamente davam conta per suas cartas a el Rei, das quaes entendia bem que cada hum delles, e assi Nuno Fernandez Dataide, querião antes perder a honrra de serem juntamente vencedores, que dar parte de qualquer victoria que lhes Deos desse a nenhum dos outros. Com tudo, assi Nuno Fernandez como dom Ioão, e em sua companhia Rui Barreto faziam entradas per terra de Mouros, de que traziam prezas mas porque as atras depois da tomada de Azamor ate esta de que agora farei mençam forão de pouca sustancia, tratarei della particularmente. Assi que sabendo dom Ioão de Meneses per suas espias, que os moradores das aldeas de Benacafiz, e Tafuf, situadas na terra da Xerquia, a quinze legoas Dazamor, de longo do rio estavam muito descuidados de os nossos os irem buscar, partio da cidade no mes de Fevereiro, de mil, e quinhentos e catorze, hum sabado a boca da noite, com mil, e duzentas lanças, e mil homens de pe besteiros, e espingardeiros donde foram amanhecer sete legoas, e alli estiverão em folga, ate o meo dia. Deste lugar

foram ter em se poendo o Sol a serra verde, que começa do rio Dazamor ate acabar nos coles de Hafara, no qual monte habitão muitos Ermitãos mouros que fazem estreita vida, e separada de toda conversaçam, comendo somente hervas, e fructas que da aquella serra, que he toda cuberta, e cercada de arvoredo, e muito fresca per caso de muitas fontes, e lagos que nella ha. Dalli partirão na vela dalva, pera darem naldea de Benacafiz, que esta duas legoas mais adiante onde chegaram em amanhecendo, a qual he assentada sobre hum monte redondo, e posto que os moradores se defendessem assaz bem a tomaram sem perigar nenhum dos nossos, e captivarão cento, e oitenta almas, porque as mais se salvaram lançandosse pelas barrocas, que hião da villa ter ao rio, no qual se afogarão muitos, e outros se salvarão a nado. Ganhada esta aldea, e tirado o despojo, que se nella achou, lhe mandaram poer o fogo de que ardeo toda. E quanto a outra aldea de Tafuf, dom Ioão mandou do caminho, antes de chegar a Benaçafiz dom Bernardo Emanuel, camareiro mor del Rei, e Ioam da Sylva sobrella, por estar mais abaixo, e se lhe não acolherem os moradores, entretanto que desse na outra, e porque ha terra he muito aspera, foram dom Bernardo, e Ioão da Sylva sempre a fio, pelo que nam poderam chegar tão asinha a esta aldea de Tafuf que a não achassem ja despejada, o que vendo correram per hum barrocal abaixo ate virem dar no rio, onde acharão muitos mouros, mouras, e meninos, que huns se lançavam a agoa, e outros andavam ja nadando pera se salvarem da outra banda do rio. Com tudo avia na borda delle hum magote, de quasi trezentos villãos adargados, que todos juntos fezerão rosto aos nossos, os quaes dom Bernardo

commetteo com a sua gente, porque Ioam da Sylva passara huma ponta de rochedo, que entra no rio, pera dar em outra companhia de Mouros, que por aquella banda se salvaram a nado. Nestes adargados deu dom Bernardo, indo em sua companhia Afonso Teles seu primo, Ioam Dornellas, Rui de Miranda, George Rodriguez Pinto, Antam Tellez, e Duarte do Quintal, os quaes posto que nelles achassem assaz de resistencia, desbaratarão, sem captivarem mais que dous, porque os outros se lançaram a agoa onde Afonso Tellez matou hum darremesso e Rui de Miranda outro, e Duarte do Quintal dous. O que feito dom Bernardo se foi pera a aldea, em que achou muito trigo, cevada, galinhas, e outros mantimentos, onde repousando chegou Rui Barreto da aldea que ja tinha tomada dom Ioam, que per seu mandado hia recolhendo a gente que andava espalhada pelo campo, e de longo do rio, e dixe a dom Bernardo, que da parte del Rei se recolhesse pera onde dom Ioam estava, ao que lhe respondeo que o faria como fosse tempo, e repousasse do trabalho passado, que quanto a gente que com elle viera, elle mesmo a recolheria, convidandoo pera o jantar de que estava bem provido, mas Rui Barreto passou adiante a fazer o a que hia. O que sabido per dom Ioam de Meneses, mandou a Lopo Cabreira, que fosse tomar a fe a dom Bernardo da sua parte, e lhe dixesse que se recolhesse logo pera onde elle estava, a qual nam quis dar. Com tudo depois de comer, e repousarem dom Bernardo mandou tocar as trombetas e com toda sua gente recolhida, e oitenta almas que captivara, e muito gado grosso, e meudo se foi para dom Ioão, que o recebeo com muita alegria, lançandolhe os braços no pescoço, e a benção, por

quão bem o tinha feito. Dalli tomando dom Ioão seu caminho para Azamor, com toda a cavalgada, que seria de duzentas almas, e muito gado, vacum, meudo, camelos, cavallos, e outras alimarias veo dormir a Mercultam, que he quatro legoas destas duas aldeas, donde no romper dalva partio, e a terça feira vieram ter a huns aduares de Oledambram, levando dom Bernardo a dianteira, no qual dia entrarão antes do Sol posto em Azamor.

CAPITULO XLIX

Do sitio da cidade de Tednest, situada na provincia de Hea, e de como Cide Iheabentafuf desbaratou o Serife, e alguns recados que ouve entre dom Ioam de Meneses, e Nuno Fernandez Dataide, pera irem sobela cidade de Marrocos que não ouveram effeito.

ENTRE as cidades da provincia de Hea, a de Tednest he huma das mais antigas, e situada em huma fermosa varzea de terra muito chã, era cercada de muro feito com madeira, e mato abotumado com jesso de modo que de pedra e cal não fora mais forte. Avia nella mais de mil, e quinhentos fogos, alem dos Iudeos, que passavam de cento, e huma mezquita de grão romagem, em que per este respeito avia muitos sacerdotes. De longo do muro passa um rio que corre todo aquelle campo, de que se ajudam pera regar seus pumares, e ortas, em que a muitas, e boas fruitas, ortaliça, e ervas de cheiro Nesta cidade tinha o Serife huns paços com muitos jardins, e tanques de agoa, sobela qual determinou Nuno Fernandez Dataide ir com quatrocentas lanças, levando em sua companhia Cide Iheabentafuf com dous mil de cavallo, e setecentos de pe, das cabildas Dabida, e Garabia, que o estavão esperando no rio Daguz do que Nuno Fernandez avisou dom Ioão de Meneses, dizendolhe que o esperava em Almedina, o qual nam podendo logo abalar mandou diante dom Bernardo Emanuel com cento, e vinte lanças, e elle se veo depois com seiscentas, e mil homens de pe, deixando a Barreto trezentas lanças, e alguns bestei-

ros, espingardeiros, e gente de pe. Mas Nuno Fernandez como mandou este recado a dom Ioão, sem mais esperar reposta, tendosse por satisfeito do comprimento, que com elie fezera, com cobiça de ser toda a honrra sua, partio logo de Çafim com sua gente bem ordenada, e de caminho foi ter com Cide Iheabentafuf, aos quaes caminhando pera a cidade de Tednest, veo o Serife ao encontro com quatro mil de cavallo em hum campo raso, dezoito legoas de Çafim com quem Cide Iheabentafuf com os seus travou a batalha. Estando Nuno Fernandez quedo sem mover sua gente, na qual batalha, que se começou quasi ao Sol posto, o Serife foi desbaratado dos mesmos mouros da capitania de Cide Iheabentafuf, ao alcance dos quais Nuno Fernandez saio, seguindo ambos a victoria, tanto quanto o dia deu lugar, em que forão mortos, e presos muitos dos imigos, e alguns dos da companhia de Cide Iheabentafuf mortos. O despojo desta victoria, se diz que foi de mais de duzentas mil cabeças de gado grosso, e meudo, e mais de tres mil camellos, cavallos, e outras alimarias. Desbaratado o Serife, Nuno Fernandez entrou pacifico na cidade de Tednest, o que tudo passou no anno de novecentos, e dezoito, da conta do milessimo de Mafamed, a qual os mouros chamam lehegira, da qual victoria os escriptores mouros fazem menção. Nuno Fernandez avisou do que passava a dom Ioão de Meneses por suas cartas, que o acharam ja em Almedina, aos xxviij dias de Fevereiro deste anno de M. D. xiii porque como fica dito, tanto que recebeo em Azamor a carta de Nuno Fernandez, mandou logo dom Bernardo Emanuel com cento, e vinte lanças com que chegou a Tednest, que he quasi quarenta legoas Dazamor, huma segunda feira que foi hum dia depois de Nuno Fernandez ter entrado no

lugar, e dom Ioam seguindo seu caminho para Almedina passou pelas villas de Guelez, e Terter, que eram dos mouros de pazes, de quem foi bem recebido, e em Almedina muito milhor de Cide Alemeimão capitam da cidade. Daqui foi dom Ioão ter a Chiquer, com tençam de chegar a Marrocos sem Nuno Fernandez, no qual lugar de Chiquer averia entam obra de vinte casas, em que moravão sacerdotes, que servião em hum alcoram que alli esta mui nomeado entre os mouros, onde vem muitos, e de remotas provincias em romaria, por terem que Mafamede o mandou fazer. Deste lugar a Marrocos não a mais de nove legoas, onde dom Ioão recebeo cartas de Nuno Fernandez em reposta doutras que lhe mandara, per que lhe fazia saber, que sua tenção era ir ver esta cidade, que pois estava senhor do campo, e de Tednest, que o seguisse que elle o iria speraudo, a reposta de Nuno Fernandez a dom Ioão, era pedirlhe que desistisse do caminho que queria farer, e quisesse ir a Tednest, onde elle estava assentando pazes com os Mouros, e concertos sobelos tributos que aviam de pagar, pera nisso o favorecer, e dar seu conselho, porque em quanto isto não fezesse, se não atrevia partir dalli. O que vendo dom Ioão, posto que entendesse as manhas que com elle usava Nuno Fernandez, fez volta pera Tednest, tornando atras do caminho que tinha feito doze legoas, alli acordarão per parecer de Nuno Fernandez, que com toda a gente que tinha, e oitocentas lanças de Mouros Dalmedina, com que viera dom Afonso de Farão, genrro de Nuno Fernandez, se fossem ajnntar com Cide Iheabentafuf, que estava dalli a duas legoas, para irem dar em hum lugar forte que esta na serra tres legoas de Tednest, e por não serem sentidos tomarão o caminho desviado, per huma serra aspera, que pas-

sarão com muito trabalho: mas nem assi se pode fazer com tanto resguardo que os moradores do lugar o não soubessem, e se saissem com suas molheres, filhos, e o melhor de suas fazendas, com tudo Nuno Fernandez que levava a dianteira, captivou cincoenta almas, e dalli se tornarão aos aduares de Cide Iheabentafuf, com tençam de irem todos a Marrocos: mas Nuno Fernandez que tinha pouca vontade de chegar la, em companhia de dom Ioam de Meneses, se excusou outra vez de o fazer, ate não ter assentadas pazes com os moradores de toda aquella comarca, e a deixar assossegada, o que vendo dom João se despedio delle assaz desgostoso, e o mesmo fezeram todolos Christãos, e Mouros por lhes fazer perder huma tão honrrada empreza. Dalli veo dom Ioam dormir a Aberamboer que era de pazes, onde achou novas que Molei Mafamede Rei de Fez, e Moleinacer Rei de Maquinez, vinhão cercar Azamor, com grão poder de gente, pelo que dom João tomou o caminho mais apressado do que cuidava, e por o rio de Aguz ir cheo se deteve trez dias em o passar, onde recebeo cartas de Rui Barreto, e da mulher de Nuno Fernandez que estava em Çafim, e de Cide Alimeimam alcaide de Almedina, perque lhe afirmarão tersse por certo esta nova. O que sabido dom João com a mor pressa que pode se partio logo, e passando pela serra de Benimagre recebeo outras cartas de Rui Barreto, affirmandolhe ser verdade o que se dezia da vinda destes dous Reis, e que arreceava que no caminho o encontrassem dous mil de cavallo, que tinham mandado diante. Pelo que logo screveo a dom Bernardo Emanuel, que ficara com Nuno Fernandez, e a outros fidalgos que se viessem ajuntar com elle em Cernu lugar de Cide Iheabentafuf, situado entre Azamor, e Almedina, e a Nuno Fernandez

que lhe mandasse biscouto, polvora, pilouros, lanças, e setas pera se de tudo ajudar se achasse esta gente de cavallo no caminho, do que nam abastou lhe nam mandar nada, mas ainda se foi pera Çafim com toda a gente, dando por excusa, que deixara pouca na cidade, que avia medo que viessem alguns mouros sobrela. Da serra de Benimagre foi ter dom Ioam a Almedina, onde foi bem festejado de Cide Alemeimam, avisandoo que fosse a bom recado, porque arreceava que antes que chegasse a Tite se encontrassem com elle os Alcaides del Rei de Fez, que traziam oitocentos de cavallo, e seis mil homens de pe, e que assi o sabia de certo, per escuitas que trazia no campo. Dalli passando per Tite, e Agulez que eram villas de pazes, veo repousar a huns paços que estam sete legoas Dazamor, donde dom Ioam tendo suspeita de o virem commeter estes alcaides, caminhou com suas azes ordenadas, levando adianteira Ioão da Sylva, e a reçaga Alvaro Carvalho, e Ioão Soarez na qual ordem chegou a Azamor huma quarta feira xxij dias do mes de Março, e xxv depois que della partira.

CAPITULO L

De como dom Ioão de Meneses, e Nuno Fernandez Dataide foram buscar os alcaides del Rei de Fez, e Mequinez, ao pe da serra verde, em terra da Duecalla onde se deram batalha, e do que se nisso passou.

DEPOIS de dom Ioam ser em Azamor, teve recado certo, per mouros de pazes, de como os alcaides Latar, e Lutete que el Rei de Fez mandava em soccorro aos da Duecala, e Xerquia esperavam por el Rei de Mequinez, que estava na cidade Nafe, com muita gente de pe, e de cavallo, pera com toda esta companhia vir poer o cerco a Azamor. E porque estes Alcaides estavão em huma villa, forte que se chama Balvam, determinou de ir pellejar com elles, e destroir a villa, de que logo per suas cartas avisou Nuno Fernandez Dataide, pedindolhe que por serviço de Deos, e del Rei se quisesse achar neste feito, pera o que se logo apercebeo, e mandou recado a dom Ioam, que Cide Iheabentafuf se lhe offerecera pera esta jornada com toda sua gente, que elle se despachasse, porque nos aduares do dito Cide Iheabentafuf, que eram junto Dalmedina, o irião esperar pera onde dom Ioão mandou logo Ioão Soarez, com cento de cavallo, e alguns besteiros, e espingardeiros, per quem mandou dizer a Nuno Fernandez que nos Aduares o não esperasse, senão em Saez, que sam oito legoas Dazamor, ou em Gilez, que sam quinze, o que fez mais por entender das mostras que Nuno Fernandez dava neste negocio, que sua tenção era querer ser elle a pessoa principal, e ficar nessa re-

putação entre os mouros. Partido Ioão Soarez, abalou dom Ioão Dazamor a huma quarta feira, que era de trevas, doze dias do mes Dabril deste anno de M. D. xiiii. com oitocentas lanças, e mil homens de pe, besteiros, espingardeiros, e de ordenança de que eram coroneis, Pero de Moraes, e Ioam Rodriguez. No qual dia depois de ser ja fora da cidade lhe chegou recado de Nuno Fernandez que elle com Cide Iheabentafuf, que trazia mil, e quinhentas lanças de Garabia em que entravão trezentas Dabida, erão ja em caminho pera se virem ajuntar com elle nam em Saez, nem Guilez, se não em Sea, que he seis legoas de Balvão, porque a nova dos alcaides estarem determinados de pellejar com elles se tinha por mui certa. Fazendo dom Ioão seu caminho, entrou no campo da Duecalla ao outro dia pela manhã, que era quinta feira de lava pes, e se foi lojar no redor de humas alagoas em campo raso, quatro legoas do arraial dos Alcaides, onde vieram ter com elle, Nuno Fernandez Dataide, e Cide Iheabentafuf, e logo alli acordaram, que no quarto da prima partissem, para no dalva darem de subito sobre os Alcaides. Caminhando assi todos a fio antes de romper de todo a alva, em sesta feira das indulgencias, se ajuntaram, e ordenaram sua batalha em cinco azes, das quaes tres eram da gente de dom Ioão, elle em huma, e Rui Barreto em outra, e Ioão Gonçalvez da Camara filho de Simão Gonçalvez capitam da ilha da madeira, com Alvaro de Carvalho, e Ioam da Sylva na terceira, e Nuno Fernandez com dom Afonso de Faram seu genrro na quarta, e Cide Iheabentafuf com toda a sua gente na quinta. Detras destas cinco azes hião, Pero de Moraes, e Ioão Rodriguez coroneis com a gente dordenança, em dous esquadroens, e no meo delles a fardagem, e carriagem, e algumas carretas

com bombardas, e munições de guerra que levavão diante dos esquadroens, por guarda dos quaes deixou dom Ioão alguns de cavallo, com o seu guião. O que tudo posto em ordem correndo todolas azes, animava cada hum com sua acostumada prudencia, e grande esforço, dizendolhes o que avião de fazer mandando logo abalar o exercito, com que chegou a vista dos Alcaides, depois do Sol saido, os quaes estavão em hum campo raso. E porque dom Ioam vio que alguns dos mouros encaminhavão pera huma serra que esta junto deste campo, a qual se se acolhessem, os nam poderia cometer a sua vontade, mandou logo tocar as trombetas, encaminhando pera elles, e porque a gente de pe, e ordenança nam podia seguir a de cavallo, mandou aos coroneis que com acarriagem toda junta caminhassem o mais depressa que podessem pera o lugar onde cuidava de dar a batalha. Os mouros que era per todos mais de quatro mil de cavallo, e grão numero de pe vendo a determinaçam dos nossos, e que senão podião ja recolher a serra, senam com muito perigo, porque forçadamente avião de passar hum canal de hum rio denxurrada que então estava seco, fezeram rosto, ordenado de quatro batalhas, que erão de gente de cavallo, tres, e pera mor sua aventagem trazião diante os espingardeiros, e besteiros, que por começarem de tirar de longe, fezeram pouco dano as nossas batalhas, contra as quaes, antes que se movessem aballou dom Ioão com os seus tres esquadroens de gente de cavallo, com tanto esforço que lhes rompeo as tres batalhas, e os fez voltar todos pera serra, no alcance dos quaes foi ate chegar ao rio seco, o qual nam quis passar por saber o perigo que nisso avia. Nuno Fernandez a quem era ordenado que desse em huma das batalhas dos mouros de

cavallo o não fez, porque se desviaram do posto em que os avia de cometer, e andavão travados com dom Ioam, com tudo deu com a sua gente nos mouros de pe de que matou muitos, e os que escaparão se acolherão a serra. Neste alcance nam pode tanto a obediencia devida a dom Ioam como capitão geral, que muitos dos nossos se não desmandassem, seguindo os mouros ate entrar com elles pela serra dentro, pelo mandou logo dom Garcia de Meneses seu sobrinho, pera que os fezesse recolher, e assi o fez, tomando a dianteira, e andando assi recolhendo a gente, achou Aires Tellez que lhe dixe, a senhor que não he tempo de ter, senão de enSecar estes mouros ate Fez, com as quaes palavras, os que dom Garcia trazia recolhidos, começarão de se desmandar de novo, e seguir a Aires Tellez, o que vendo dom Garcia lhe dixe senhor assi quereis vos, hora seja ate alem de Fez, o que dito se foi de mestura com elles, os mouros vendo quam poucos estes erão, voltaram sobrelles. O que vendo dom Ioão, e como estes que entrarão pela serra, fora o seu alferez com a bandeira determinou a passar a ribeira, postoque visse o grande perigo que nisso avia, onde se pos em corpo pera recolher esses que da serra ja via vir desbaratados, e pera mor segurança, mandou passar hum esquadrão da gente de pe alem da ribeira, que foi causa de o não desbaratarem de todo. Nuno Fernandez Dataide, vendo a desordem da gente de dom Ioão se pos com toda a sua a quem da ribeira, a qual se passara, pode ser que não fora a perda tamanha. Cide Iheabentafuf não acudio a este desconcerto, porque do lugar onde se ordenou que estivesse, vendo a sua gente como os Mouros forão desbaratados do primeiro encontro, se lhe desmandaram a roubar o campo, sem elle nisso poder poer ordem. Assi que estando dom Ioão alem

da ribeira, e Nuno Fernandez a quem desviado na parajem, onde dom Ioão tinha a sua gente, os que se vinhão recolhendo da serra se salvavão na companhia de cada hum daquelles a que se achavam mais vezinhos. Mas os mouros que se acolheram a serra voltaram com tanto impeto, que sem nenhum receo cometeram dom Ioam de Meneses, e lhe fezeram forçadamente tornar a passar este canal na ribeira seca, posto que em sua companhia estivessem Rui Barreto, Ioam Soares, Alvaro de Carvalho, Ioam Gonçalvez da Camara, Ioam da Sylva, e outros fidalgos com toda sua gente, em que dambalas partes ouve mortos, e feridos. O qual canal desta ribeira seca passado se ajuntou com Nuno Fernandez Dataide, e juntas suas batalhas se começaram de recolher de seu vagar, sendo ja dez horas do dia, avendo tres que se a batalha começara, em que morrerão mais de cincoenta de cavallo os mais delles homens nobres, de que porei os nomes daquelles que soube. Dom Garcia de Meneses, filho do Conde de Cantanhede, dom Fernando de Meneses, filho de dom Rodrigo de Meneses, sobrinhos de dom Ioam de Meneses, Aires Tellez de Meneses, filho de Rui Tellez, dom Francisco Deça filho de dom Ioam Deça Destremoz, Fernão Coutinho de Santarem, Diogo de Sousa, Antonio de Sampaio, Martim Calado de Setuval, George Barbudo, Aires Brandão, Ioão Gonçalves de Lemos, e Pero Homem de Figueiredo. Da gente de pe morreo pouca, os feridos passariam de cento, entre os quaes foi hum dom Rodrigo de Castro, e outro Martim Teixeira em huma mão, de huma setada. Acharansse neste feito, alem dos nomeados, Diogo Lopes de Lima, e Ioão Brandão provedor das capellas, e outros fidalgos, e cavalleiros de que nam pude saber os nomes. Os guioens Dalvaro de Carvalho, e Ioão da Sylva se perderão, e Ioão Gon-

çalves da Camara foi ferido de huma seta no braço esquerdo, que trouxe pegada nelle ate que se a batalha acabou. Dos mouros (segundo se depois soube, e o Nuno Fernandez per suas cartas afirmou a el Rei) morrerão mais de dous mil, e seiscentos, entre os quaes foi hum dos alcaides del Rei de Fez, e outro foi derribado, que se salvou deixando a lança, adarga, e cavallo, morreram sete Xeques da Xerquia, e seiscentos e cincoenta besteiros, espingardeiros, e foram feridos mais de quatro mil. Os captivos passarão de duzentas, e oitenta almas, em que entraram todalas molheres, e filhos dos Xeques que se acharão na batalha, os quaes captivos ficarão a parte os Christãos, e o despojo do ouro, e prata, gado, e outras alimarias, que foi de muito preço, ficou com os Mouros de Cide Iheabentafuf. Neste mesmo dia veo dom Ioam dormir com toda gente, assi Christãos como Mouros, aos aduares de Cide Iheabentafuf, que estão tres legoas, donde se deu a batalha: ao outro dia se despedio dom Ioam de Nuno Fernandez, e de Cide Iheabentafuf, e ao outro que era de Pascoa entrou pola manhã em Azamor. Nuno Fernandez, depois de ser em Almedina deixou alli Cide Iheabentafuf, e tomando seu caminho pera Çafim, chegou a cidade terça feira em se poendo o Sol, onde foi recebido com muita alegria, e o mesmo se fez a dom Ioão em Azamor, porque as novas que se logo espalharam antes de chegarem forão, que eram os mais delles mortos, e captivos.

CAPITULO LI

De como Moleinacer Rei de Mequinez veo com todo seu poder pera cercar a cidade Dazamor, e do danno que fez nas terras de Xerquia e da Duecalla, e do que mais passou ate se tornar pera seu regno desbaratado, e do falecimento de dom Ioão de Meneses, e de como el Rei mandou depois delle ser fallecido por capitam Dazamor dom Pedro de Sousa.

Entre os Reis de Fez, e de Mequinez foi assentado, que o de Mequinez com a sua gente, e com os alcaides del Rei de Fez viesse cercar Azamor, pera o que o de Mequinez ajuntou toda a gente que pode, assi dos seus como dos Arabes, e Enxouvios, ao sabado pela manhã vespora de Pascoa, sem saber do recontro dentre os seus, e os Portugueses, chegou ao rio Dazamor, e por caso da muita gente que trazia, esteve sete dias em o passar, entre Alquimez, e Baluam, no que trabalhando, lhe veo a nova certa do que se passara na batalha. Sabendo dom Ioão o proposito com que vinha Moleinacer Rei de Mequinez, e que a mor parte da sua gente era ja passada avisou el Rei dom Emanuel per suas cartas, pedindolhe soccorro, que lhe logo mandou, mas delle não ouve necessidade, por Moleinacer se nam atrever a vir poer o cerco, pera o qual se dom Ioão apercebeo o milhor que pode, repartindo suas estancias pelas pessoas que pera isso lhe parecião idoneas, provendo em todalas cousas ne-

cessarias pera se poder defender de tanta multidam de gente, em que entrava o mor poder destes dous Reis de Fez, e de Mequinez, mas o de Mequinez depois de ter passado o rio, per conselho dos seus, e principalmente dos Alcaides que se acharam na batalha, que ja eram juntos com elle desistio do proposito com que vinha, e tomou outro de se ir sobre a comarca de Almedina, e destruir de todo a cidade, e Cide Iheabentafuf. A gente que Moleinacer Rei de Mequinez trazia de pe, e de cavallo era tanta que per onde quer que passava, ficava tudo gastado, e destruido sem achar quem lho estorvasse. Chegado a cidade de Almedina a tomou com pouca resistencia, e mandou cortar as cabeças a tres dos principaes della, que alli quiseram ficar, contra parecer de Alemeimam, que sabendo o poder com que el Rei vinha, se acolheo com hum seu filho, molheres, e casa a Çafim. Cide Iheabentafuf como soube da vinda de Moleinacer, mandou pedir gente a Nuno Fernandez, ao que logo mandou dom Rodrigo de Noronha com sos vinte de cavallo, nem lhe quis mandar mais, por se temer do cerco. Mas vendo Iheabentafuf o pouco socorro que lhe mandava Nuno Fernandez, se foi de huma sua villa, per nome Cernu, de que lhe el Rei dom Emanuel fezera merce, pera Çafim, com toda sua casa, e gente de guerra bem ordenada, deixando todolos poços do termo, a duas, e tres legoas entupidos, e outros cheos de trigo, bestas mortas, e outras çugidades, no que se deteve tanto, que el Rei de Mequinez o alcançou no caminho, onde ouve entrelles huma aspera batalha, em que matarão alguns de cavallo dos de Cide Iheabentafuf, entre os quaes foi o Xeque Benamira, dos principaes da cabilda de Garabia muito bom cavalleiro, e assi lhe tomaram mil camellos descarregados. Da parte del Rei

morreram mais de cincoenta de cavallo, entre os quaes foi hum Xeque de Molei Mafamede Rei de Fez, geral de toda a sua gente, que então andava com o de Mequinez, a qual peleja acabada, em que Cide Iheabentafuf fez feitos de tão estremado cavalleiro, que pos espanto a todolos que o virão, elle seguio seu caminho pera Çafim, onde per consentimento de Nuno Fernandez, assentou suas tendas, e arraial pegado com os muros da cidade. Moleinacer Rei de Mequinez se tornou do lugar donde foi este recontro pera Cernu, que esta tres legoas de Çafim, onde esteve alguns dias com muito trabalho, por achar os poços dannados, e senão poder servir, senam da agoa dos que mandava abrir de novo, o que sabendo Iheabentafuf, e conhecendo como cavalleiro a fraqueza del Rei, lhe foi de noite dar no arraial, levando consigo alguns Christãos homens nobres, desejosos de ganhar honrra, que se lhe convidaram pera este negocio, mas por el Rei ser avisado per suas espias, alevantou na mesma noite o arraial de Cernu, e se foi pera Tudella. O que vendo os Mouros da Xerquia, e o pouco que ganhara em todo seu caminho, e que alem de tudo lhes nam mantivera nenhuma cousa das que lhe prometera, que eram cercar Azamor, e Çafim, e tornar a cobrar estas duas cidades, do que induzidos quebrantar as pazes que tinham com el Rei dom Emanuel, mas aconselhados do que lhes mais cumpria sendo ja el Rei de Mequinez junto da villa de Tazarote, lhe deram no arraial, onde o desbarataram, e lhe captivaram mais de mil homens, e tomaram oitocentos cavallos, e muito gado, com outro grande despojo, e elle por salvar sua pessoa se acolheo com alguns dos seus a serra, e dahi com muita perda, e deshonrra se tornou pera seu regno. Passadas estas cousas em Çafim, e Aza-

mor, veo dom Ioão de Meneses a doecer, no qual procedendo esta ma disposiçam, lhe chegaram cartas del Rei, de muitos agradecimentos, pelos serviços que lhe em Azamor tinha feitos, rogandolhe que por seu amor quisesse ainda alli ficar dous meses, mas dom Ioão por ja sentir em si serlhe mais necessario ter conta com as cousas que cumpriam a sua consciencia, que com dar reposta ao que lhe el Rei escrevia, recebeo os Sacramentos da Egreja, estando em todo seu siso, e entendimento, e depois das cousas que cumpriam a salvaçam de sua alma, a qual deu a Deos cuja era huma segunda feira quinze dias de maio, deste anno de M. D. xiiii, seu corpo foi enterrado na Se da mesma cidade de Azamor, com todalas solemnidades, e honrras requeridas a huma tal pessoa, com muita dor, e tristeza de todolos que se então alli acharão. E porque das proezas, discrição, e saber deste valeroso cavalleiro averia muito que tratar o nam faço, por nam parecer suspeito, em dizer na verdade as virtudes, e boas partes que nelle ouve, per cujo falecimento mandou el Rei por capitam Dazamor, assi do campo como da cidade, dom Pedro de Sousa, que depois foi conde do Prado, de quem, e das cousas que la fez se tratara ao diante, onde for necessario, e a Rui Barreto screveo que se viesse pera o regno, no que el Rei proveo, deste modo por evitar outros taes desconcertos, como os que ouvera em o mesmo Rui Barreto, e dom Ioam por hum ser capitam do campo, e outro da cidade.

(Fim do setimo volume)

DP
604
G6
1909a
v.4-7

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 07 05 07 015 2